





le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montagne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



"Paulistas": 12-28-32-

desenho "54.

S. de Góes, Platas + Aristóteles: 105.



O Biblioteca da
"Marta"

f. Ucker, or say
Rio 24 7 913

COMPENDIO NARRATIVO

DO

PEREGRINO DA AMÉRICA

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira, decisão unânime de 25 de junho de 1931)

BIBLIOTECA DE CULTURA NACIONAL

I — LITERATURA

- PROSOPOPEIA, de Bento Teixeira, 1923.
PRIMEIRAS LETRAS (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.
MÚSICA DO PARNASC. — A ILHA DE MARÉ — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.
OBRAS, de Gregório de Matos: I — *Sacra*, 1929; II — *Lírica*, 1923; III — *Graciosa*, 1930; IV e V — *Satírica*, 2 vols., 1930; VI — *Última*, 1933.
DISCURSOS POLÍTICO-MORAIS, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, (prefácio de Alberto de Oliveira), 1930.
O PEREGRINO DA AMÉRICA, de Nuno Marques Pereira (introdução e notas de A. P., Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos), 2 tomos.

II — HISTÓRIA

- TRATADO DA TERRA DO BRASIL. — HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.
HANS STADEN — VIAGEM AO BRASIL (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.
DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
CARTAS DO BRASIL, de Manuel da Nóbrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
CARTAS AVULSAS DE JESUÍTAS (1550-1568), (notas de Afrânio Peixoto), 1931.
CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTÓRICOS E SERMÕES, de Joseph de Anchieta (1554-1591) (notas de A. de Alcântara Machado), 1933.
JESUITAS DO BRASIL E DA ÍNDIA — do Padre José Caeiro — texto latino e português — 1 vol., 1936.

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

- CASTRO ALVES, por Afrânio Peixoto, 1931.
EUCLIDES DA CUNHA, por F. Venâncio Filho, 1931.
ALVARES DE AZEVEDO, por Homero Pires, 1931.
JUNQUEIRA FREIRE, por Homero Pires, 1932.
LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, por Iracema Guimarães Vilela, 1934.
LÚCIO DE MENDONÇA, por Edgar e Carlos Sússekind de Mendonça, 1934.
ARTUR DE OLIVEIRA, por L. F. Vieira Souto, 1935.
ARTUR AZEVEDO, por Roberto Seidl, 1937.
MANUEL DE ABAUJO PORTO-ALEGRE, por Hélio Lobo, 1938.

IV — INÉDITA

- PEDRO LUIS, Dispersos, 1934, por Afrânio Peixoto.
ARTUR DE OLIVEIRA, Dispersos, por L. F. Vieira Souto, 1936.

V — DISCURSOS

- DISCURSOS ACADÊMICOS, 10 vols. (1897-1938).

Pedidos a GETÚLIO M. COSTA

EDITORA A. B. C.

Rua Teófilo Otoni, 42 (sob.) — Caixa postal 1829 — Rio de Janeiro

NUNO MARQUES PEREIRA

COMPÊNDIO NARRATIVO

DO

PEREGRINO
DA AMÉRICA

6.^a EDIÇÃO

completada com a 2.^a Parte, até agora inédita,
acompanhada de notas e estudos de

VARNHAGEN, LEITE DE VASCONCELOS, AFRÂNIO PEIXOTO,
RODOLFO GARCIA e PEDRO CALMON,

em dois volumes

VOLUME I



RIO DE JANEIRO
PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
1939

NOTA PRELIMINAR

O "*Peregrino da América*", que teve no século XVIII tantas edições, retoma seu caminho neste, agora completado da parte inédita e com um aparato crítico de notas elucidativas, que lhe aumentam o valor.

Seu autor, Nuno Marques Pereira, nascido em 1652 e falecido em Lisboa, depois de 1733, viveu no Brasil. Disse Varnhagen que também aqui nascera, em Cairú, na Baía. Rodolfo Garcia, aqui mesmo, discorda do mestre e fá-lo reinol. Não importa: naquela era éramos todos Portugueses e não deixamos ainda inteiramente de sê-lo. Demais, autores portugueses omitem-no frequentemente, o que nos dobra a obrigação de lembrá-lo. Aqui mesmo vai, entretanto, compensação do esquecimento da história literaria, no estudo do mestre Dr. Leite de Vasconcelos que, ao "*Peregrino*", considera obra valiosa de informação etnográfica.

O nosso Capistrano de Abreu considerou a Nuno Marques Pereira o "*Casimiro de Abreu do século XVIII*" A comparação não importava poesia, senão que o sábio queria dizer — o autor, do século XVIII, que mais edições teria no Brasil, como o poeta, no século imediato. Houve engano; a comparação não é certa: o autor brasileiro de mais edições foi Castro Alves. Contee-as e publiquei a bibliografia, mais de cincoenta, que por prova, estão na Biblioteca Nacional. Contudo, Casimiro de Abreu viria logo após, quero crer, tão popular foi e é. Nuno Marques Pereira teve, pois, muitas edições. Capistrano não apurou quantas, mas teve a intuição da pluralidade. Os bibliógrafos discordam, sobre o número.

Inocência admitiu uma primeira edição, em 1718, e, com êle, Joaquim Manuel de Macedo e Sacramento Blake, que supõe talvez,

NOTA PRELIMINAR

COMPENDIO NARRATIVO

DO

PEREGRINO DA AMERICA

EM QUE SE TRATAM VARIOS DISCURSOS
Espirituaes, e moraes, com muitas advertencias, e do-
cumentos contra os abusos, que se achão intro-
duzidos pela malicia diabolica no Estado
do Brasil.

Dedicado à Virgem da

VITORIA,

EMPERATRIS DO CEO, RAINHA DO MUNDO,
e Senhora da Piedade, Mãe de Deos.

A U T O R

NUNO MARQUES PEREIRA.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

Anno de M. DCC. XXVIII.

Com todas as Licenças necessarias.

Fac-simile reduzido do rosto da 1ª edição, de 1728.

NOTA PRELIMINAR

uma, 2.^a, em 1724. A edição de 1728 seria, em todo o caso, para êles, a 2.^a do livro. Artur Mota, comentando, estatue: “se foram publicadas as edições de 1718 e 1724, passa a ser a 3.^a a de 1731” Com segurança Alcides Bezerra, como Artur Mota, puderam declarar ser, a 2.^a, essa de 1731, pois dela adquiriram exemplares: fica rebatido o êrro de Varnhagen e de José Carlos Rodrigues, que houveram, por essa 2.^a, a edição de 1760.

Ora, tudo isto se deslindaria, facilmente, com um passeio á nossa Biblioteca Nacional, que os bibliófilos e bibliógrafos desdenham, e é, entretanto, manancial riquíssimo de livros nacionais. Ela possui 9 exemplares, das 5 edições da obra de Nuno Marques Pereira. A saber, como pude demonstrá-lo, em publicação anterior. (Cf. “Nuno Marques Pereira. As edições do “Peregrino da América”, n’O Bibliógrafo”, maio de 1931, p. 3, etc.:

A I.^a edição é mesmo, como disseram Varnhagen e Veríssimo, a de 1728. A data do prefácio — 1725 — não deixa dúvida: a Joaquim Norberto, aliás, não escapou.

A II.^a é a de 1731, como afirmaram Mota e Bezerra.

A III.^a edição é de 1752.

A IV.^a edição é a de 1760, de que Varnhagen e José Carlos Rodrigues tinham exemplares; a Academia possui outro, pelo qual se faz a presente edição.

A V.^a edição, finalmente, é a de 1765.

As reproduções fac-similares, do rosto dessas edições, farão fé, e deporão, não só da riqueza da Nacional, como da divulgação de Nuno Marques Pereira, o autor da primeira novela brasileira, livro de costumes e de edificação, delongado deleite de nossos avós, o “Peregrino da América”

Com efeito, de tal livro, densíssimo de páginas e conteúdo, tantas edições, só no século XVIII, e entre nós, é grande êxito. Nenhum dos nossos tivera, ou teve, no tempo, até mesmo um século depois, tantas edições. Só “Marília de Dirceu”, entre dois séculos, poesia, auréola de martírio para o cantor, o amor infeliz dos amantes daria maior número. Só no fim do século XIX, poetas e romancistas venceriam o “Peregrino” Silva Alvarenga, numa sátira, falando de livros correntes, não o esquece:

NOTA PRELIMINAR

COMPENDIO
NARRATIVO
DO
PEREGRINO
DA AMERICA,
EM QUE SE TRATAO VARIOS DISCURSOS
espirituaes, e moraes, com muitas advertencias, e
documentos contra os abusos, que se achão
introduzidos pela malicia diabolica no
Estado do Brasil.

DEDICADO A' VIRGEM DA
VITORIA,
EMPERATRIZ DO CEO, RAINHA
do Mundo, Senhora da Piedade, e
MAY DE DEOS.

AUTHOR
**NUNO MARQUES
PEREIRA.**
PRIMEIRA PARTE.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. XXXI.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Fac-simile reduzido do rosto da 2ª edição, de 1731.

NOTA PRELIMINAR

Por cima o "Lavatório da Consciência",
"Peregrino da América", os "Segredos
Da Natureza", "Fenix renascida"...

O livro de Nuno Marques Pereira trai o cultismo, ainda do seu tempo. Começada no século anterior, a influência de Gôngora e Quevedo em Portugal, a que não escaparam os mesmos Vieira e Gregório de Matos, estender-se-ia ao comêço do século XVIII. Com efeito, em 1725, diz ainda o nosso autor: — "Pois que livro se ha de ler? Gôngora, Quevedo.. " Comtudo, aí mesmo, êle fala das "palavras ociosas, a que chamam cultura, equívocos, fábulas, comédias." Cultura, donde culterano... Só no fim do século XVIII chegaria ao Brasil a moda do arcadismo.

O mérito da obra, hoje, será relativo. Erudição, etnografia, curiosidade histórica e literária ajudarão: sem isso, não vai... Varnhagen, com o exagêro dos reivindicadores — talvez o nativismo, muito seu, uma vez que o fez brasileiro. — comparou Nuno Marques Pereira com o Padre Antonio Vieira. "Vieira não nos legou uma só produção tão acabada e filha de tanto estudo e meditação, como o "Peregrino da America" " Não é o custo de um livro o que o encarece. A qualidade da meditação, o acabamento de artista, sim. Não ha isto, entretanto, no "Peregrino", para tal comparação. Qualquer dos bons "Sermões" de Vieira é obra de arte, de linguagem, de conceito, a distanciar o nosso livro. O reivindicador, como os descobridores de novas terras, acha sempre o paraíso... Camilo Castelo Branco achava superior o nosso Alexandre de Gusmão a Vieira ou Francisco Manoel, para quem não aprecia apenas "perluxidades linguísticas" .. Entretanto, se a gloria politica de Gusmão, é singular, como escritor não é possível compará-lo a tais modêlos, ainda desfavorecidos... Assim Matias Aires, logo emparelhado a La Rochefoucauld, e outros e outros.. Patriotismo não pode ser néscio; não deve. Porque será ridículo e redundará em desfavor da Pátria, pela parcialidade ou inépcia do juiz. Nuno Marques Pereira, português, já Vieira estaria em paz...

A edição presente cumpria se fizesse, tão difícil e custoso era haver um exemplar das outras. Depois, jazia entre os manuscritos

NOTA PRELIMINAR

COMPENDIO
NARRATIVO
DO
PEREGRINO
DA AMERICA,

EM QUE SE TRATÃO VARIOS DISCURSOS
espírituaes, e moraes, com muitas advertencias, e
documentos contra os abusos, que se achão
introduzidos pela malicia diabolica no
Estado do Brazil.

DEDICADO A' VIRGEM DA

VICTORIA,
EMPERATRIZ DO CEO, RAINHA
do mundo, Senhora da Piedade, e
MÃI DE DEOS.

AUTHOR

NUNO MARQUES
PEREIRA.



LISBOA,

Na Officinã de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Fac-simile reduzido do rosto da 3ª edição, de 1752.

NOTA PRELIMINAR

da Biblioteca Nacional de Lisboa o apógrafo da segunda parte, inédita, que será o II tomo desta edição. João Lúcio de Azevedo, o sábio historiador, luso-brasileiro, como Nuno Marques Pereira, fez diligência, a meu pedido, para obter cópia fidedigna. Quando chegou, disputaram-no os anotadores... mas não cumpriram comsigo. Por fim, Pedro Calmon se ofereceu para a empresa, as preciosas notas que vão ao fim dos capítulos, com abnegação: ninguém conhece melhor a sua terra da Baía e o tempo do "Peregrino", para esclarecê-lo. Rodolfo Garcia nos dá nota biográfica sobre o autor: ninguém mais autorizadamente pode opor-se, ainda a Varnhagen, em historia do Brasil. Alcides Bezerra, para nós, tinha feito copiar o artigo de Varnhagen, publicado aqui, e no Recife, confrontando ambos. Finalmente, Leite de Vasconcelos fizera sábio estudo etnográfico da Baía do tempo, através do "Peregrino": para louvor dêste, não podia ser omitido. Precedem êstes dois ensaios o II tomo, desta edição. A questão bibliográfica fica derimida.

Portanto, esta VI.^a edição, completada, anotada, esclarecida, honra por igual um grande livro, de grande autor colonial, como honra a Academia Brasileira, cujas publicações são serviços beneméritos, que vai prestando a si mesma, e ás nossas letras. Temos razão de ufania, dêste volume...

A. P

NOTA PRELIMINAR

COMPENDIO
NARRATIVO
DO
PEREGRINO

DA AMERICA,
EM QUE SE TRATAM VARIOS DISCURSOS
espirituaes, e moraes, com muitas au-
ertencias, e documentos contra os abusos,
que se achão introduzidos pela malicia
diabolica no Estado do Brasil.

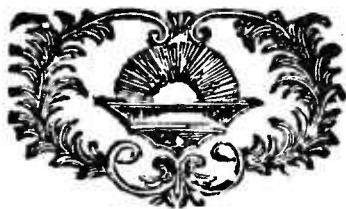
OFFERECIDO A NOSSA SENHORA

DA VICTORIA,

IMPERATRIZ DO CEU, RAINHA
do Mundo, e Senhora da Piedade, Mãe de Deos.

AUTHOR

NUNO MARQUEZ PEREIRA.



L I S B O A :

Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.

ANNO MDCCLX.

Com todas as licenças necessarias

Fac-simile reduzido do rosto da 4ª edição, de 1760.

NOTA BIOGRÁFICA

DIOGO Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, ps. 505, foi quem primeiro escreveu que Nuno Marques Pereira era “natural da Villa de Cairú, distante quatorze leguas da Cidade da Bahia de Todos os Santos, Capital da America Portugueza” Seria informação de primeira mão, porque não a colheu em seu antecessor D. Antonio de Leon Pinelo, *Epítome de la Bibliotheca Oriental y Occidental, Nautica y Geografica*, tomo II, fls. 919, v., que citou em sua notícia. Outros bibliógrafos dão o ano de seu nascimento, 1652, e data e lugar de sua morte, 9 de Dezembro de 1718, Lisboa, — como vem em Manuel Joaquim de Macedo, *Anno Biographico Brasileiro*, III, ps. 521, seguido por Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, VI, ps. 319.

Mas nenhum dêsses dados se funda em qualquer documento conhecido. Sôbre sua naturalidade dir-se-á depois; sôbre o ano de seu nascimento, Varnhagen, no *Juizo crítico* agora republicado, não mostra absoluta certeza; sôbre o ano em que faleceu, deve haver êrro grave, porque a carta escrita ao Mestre de Campo Manuel Nunes Viana, aqui transcrita, datada da Cidade da Baía, em 28 de Junho de 1725, lhe concede mais um setênio de existência, e mais ainda havia de ter vivido, até 1733, data da parte inédita do *Peregrino da América*, agora divulgada; quanto ao local, Varnhagen expressa dúvida: “Morreria em Lisboa? Deus o sabe.”

Sua naturalidade cairuense certifica-a Barbosa Machado, como se viu, sem que, segundo seu costume, se reportasse á fonte de onde houve a notícia; os outros, inclusive o próprio Varnhagen, juraram à sua fé, e sem exame nem discussão a versão ganhou foros de verdade incontestável. Entretanto, nenhuma prova documental a abo-

NOTA PRELIMINAR

COMPENDIO
NARRATIVO
D O
PEREGRINO
DA AMERICA,

EM QUE SE TRATAM VARIOS DISCURSOS
espirituaes, e moraes, com muitas advertencias,
e documentos contra os abusos, que se achão
introduzidos, pela malicia diabolica,
no Estado do Brasil.

OFFERECIDO A NOSSA SENHORA

DA VICTORIA,

IMPERATRIZ DO CEO, RAINHA
do Mundo, e Senhora da Piedade, Mãe de Deos.

A U T H O R

NUNO MARQUEZ PEREIRA.



L I S B O A :

Na Ofic. de FRANCISCO TORRES DE SOUSA.
ANNO DE MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias

Fac-simile reduzido do rosto da 5ª edição, de 1765.

NOTA BIOGRAFICA

na; do seu escrito nada transparece que a justifique. É certo que o Padre Manuel da Consciência, da Congregação de São Felipe Neri, censor do *Compêndio Narrativo*, admitiu que o autor podia ser nacional do Brasil: "Suposto que o Author nos não declare a Provincia que tem por Patria, ou lhe serve de residencia; e ainda que não a insinuárão muito as reflexoens que faz na presente obra, a sua grande erudição só bastava para o reputarmos por nacional do Brasil: porque só em terra, officina propria de engenhos, se podia fabricar obra com tanto, e aonde se achão as prerogativas do mayor"

Mas essa supposição não basta, porque a erudição das cousas do Brasil tão própria podia ser de brasileiro nato, como, evidentemente, de alienígena que tivesse diuturna assistência no país (como era o caso de Nuno Marques Pereira), e dêsse quiçá com mais razão, se houvesse trazido da pátria de origem os ensinamentos básicos de seu saber, que no rústico Brasil-colônia difficilmente podiam adquirir os naturais da terra. Se Nuno Marques se não declara brasileiro nem baiano em nenhuma parte de seu livro, ao contrário, em certo passo deixa entender sua condição de estrangeiro, melhor de português, e é quando escreve no capítulo primeiro: "Não merece pouca estimação o que despresando os mimos, e regalos de sua Patria, busca as alheias, para nellas se qualificar com mais largas experiencias: por cuja razão he o sair da Patria, o que faz aos homens mais capazes e idoneos para múy grandes empresas, e sufficientes para tudo; como o tem feito a tantos Varões Illustres".

Depois, o mesmo designativo de *Peregrino da América* não inculcaria sua qualidade de estrangeiro, de não americano?

Manuel Joaquim de Macedo, Pereira da Silva e ultimamente Artur Mota, afirmam que Nuno Marques tomou o estado eclesiástico e foi presbítero secular; nenhum dêles reparou que foi o próprio interessado quem, como por antecipação, se encarregou de opôr-lhes embargos à fantasia: "Bem he verdade, que me dirão muitos, que escrever, e ainda em materias espirituaes, só incumbe a seus professores, e que eu o não sou..."

Estudara Direito, mas não completara o curso e não se graduara, — é êle mesmo quem o diz. Teria frequentado Coimbra, —

NOTA BIOGRÁFICA

propende a êste conceito Varnhagen, supondo-o brasileiro, para attribuir a tal circunstância o ser êle “bastante conhecedor das cousas de Portugal”

Com respeito à cronologia, o que se deduz do texto de seu livro é que conheceu na Baía o Arcebispo D. Fr. Manuel da Ressurreição, pouco antes de 16 de Janeiro de 1691, quando faleceu o prelado, no Seminário de Belém dos Jesuitas, estando em visitação às vilas do Sul da Capitania; teria então o autor, se nasceu em 1652, como querem os biógrafos, 37 anos de idade. Em 1704 assistia na Vila de Camamú, e daí se ausentara por certos delitos que cometera: é o que dá a conhecer uma carta do Governador geral D. Rodrigo da Costa, em resposta a outra do Juiz comissário da mesma Vila, Belchior Gonçalves Barbosa: “Em carta de 7 de Outubro passado, me dá V. Mcê. conta de se ausentarem dessa Villa para esta Cidade Nuno Marques Pereira, o Tabellião Antonio Duarte Nunes e Antonio Alvares, por várias culpas que haviam cometido; e que se vinhão valer do meo auxilio, e poderião com alguma informação menos verdadeira occultar suas maldades. Nenhum desses sujeitos me veyo fallar até o presente, e quando isto fação, indeferirei com aquella justiça que costume fazer; supposto que elles se hão de livrar das taes culpas pelos meyos ordinarios, visto V. Mcê. haver feito autos delles, que precisamente hade remeter a esta Relaçam, donde se hade ver e sentenciar, conforme o merecimento dos mesmos autos. — Deus guarde a V. Mcê. — Bahia, e Novembro 9 de 1704. — *D. Rodrigo da Costa.*” (*Cartas expedidas pelo Governador Geral D. Rodrigo, etc.*, fls. 38, Secção de Ms. da Biblioteca Nacional). Quais fôssem as culpas que pesavam sôbre Nuno Marques e companheiros, nada foi possível apurar; do mesmo modo nenhuma notícia esclarece se foram os incriminados absolvidos de suas culpas, ou por elas condenados pela Relação.

Arquitetando hipóteses, pôde-se admitir Nuno Marques como incurso no rol incontável dos aventureiros que a *auri sacra fames* atraía aos distritos das minas. Seria Emboaba, partidário de Manuel Nunes Viana, a quem dirigiu a súplica de 28 de Junho de 1725, para que mandasse dar ao prelo seu livro, e o amparasse com o seu patrocínio, a qual, como se sabe, foi felizmente atendida.

NOTA BIOGRÁFICA

Por êsse tempo andava o chefe dos Emboabas em luta acesa com o Vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes. Prêso afinal por essa autoridade, obtinha por menagem a cidade da Baía, e logo depois conseguia licença para ir ao Reino meter umas filhas em convento, por ordem régia de 11 de Julho do mesmo ano, — (*Livro das Cartas e Provisões de S. M. e do Secretário de Estado, a que respondeu o Vice-rei do Brasil, 1725, códice n. 1.065, fls. 211/212, no Instituto Histórico*).

Nunes Viana havia de ter seguido para a metrópole na frota dêsse ano; devia ter levado consigo o manuscrito do *Compêndio Narrativo*, que em menos de três anos foi dado a lume, — meritório serviço que lhe devem as letras luso-brasileiros.

Mecenas metido na pele de um Emboaba...

R. G.

SENHORA:

DE muitos *Escritores* sei eu, que *pertendendo dar seus livros á estampa, tiveram grande trabalho e desvelo, para com acerto acharem Mecenas, que debaixo de seu patrocínio pudessem sahir á luz com elles. Deste trabalho me livrastes Vós, Senhora, por ser divida que ha muito tempo vos estava obrigado a contribuir, por paga remuneratoria do muito, que vos devo. Tomára com acerto, que vos satisfizera; pois bem sabeis as limitadas posses do meu cabedal: porque ainda nesta humilde offerta, que vos faço, vos dou aquillo mesmo, que por vossa intercessão alcancei do vosso sagrado Filho.*

E' todo vosso este livro, Senhora, por muitas razões. A primeira é, porque á sombra da vossa Igreja foi ideado, ou delineado este breve Compendio: por cuja causa bem pudera agora repetir aquelle antigo adagio: que quem a bôa arvore se chega, bôa sombra o cobre.

A segunda razão é pelo titulo, que tem de Peregrino; porque tambem o fostes, Senhora, quando de Belém, em companhia de vosso dignissimo Esposo S. José, levastes ao Menino JESUS vosso amado Filho, e nosso Bem, a livrá-lo das tyrannias de Herodes, para o Egypto, por jornadas tão longas, feitos todos tres Peregrinos.

E' a terceira razão, porque ainda agora de presente vos estais mostrando Peregrina, no vosso grande poder e valimento, como bem o experimentamos em todo o mundo. Chamam-vos na Asia, lá lhes assistis; valem-se de Vós na Africa, lá os consolais; imploram-vos na Europa, lá os remediais; valemo-nos de Vós na

America, cá nos amparais; gritam por Vós no mar, lá os soccorreis; chamamos por Vós em terra, ahí nos acudis com vosso amparo e patrocínio, andando sempre feita uma Peregrina por mar e terra, em nos acudir, e remediar Logo com muita razão pertence a Vós, Senhora, este livro pelo titulo de Peregrino da America.

A quarta razão, porque tambem vos pertence este livro, é pela posse, e dominio, que tendes neste Estado do Brasil; por ser o primeiro templo, que nesta terra se vos edificou pelos Portuguezes, com o Titulo de Senhora da Victoria (1): ou fosse permissão divina, por reconhecerem a victoria, que haviéis de alcançar contra o Principe das trevas, quando com vosso grande poder e auxilio convertestes, e estais convertendo a tão innumeravel multidão de Almas, faltas da luz da nossa Santa Fé ha tantos tempos: ou tambem, porque fostes a que vencestes a Serpente figurada na Soberba, como neste Compendio mostramos. Com que por todos estes titulos sois condigna, e merecedora deste livro, que vos offereço.

Resta-me agora, Soberana Senhora, mostrar as muitas, e grandes excellencias, e prerogativas, de que vos adornou Deus: o que a muitos Panegyristas sei eu lhes tem custado, para descobrirem os Progenitores, e feitos heroicos dos seus Mecenas. Não usarei de hyperboles, e encarecimentos; porque pertendo mostrar pelos Santos Evangelhos (no que não póde haver duvida, por ser a mesma verdade) que sois a mais bem nascida, e da melhor ascendencia, que houve, nem póde haver.

E basta que o diga S. Matheus cap. I, Liber generationis: Jesu Christi, filii David, filii Abraham &c. E assim vai continuando a Serie dos mais Progenitores de vossa sagrada Genealogia de Santos, Profetas, e Reis; até que acaba dizendo: Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.

Este Evangelho se vê cantar no dia de vosso santo nascimento: e parece, como é certo, que não póde haver maior elogio em vosso santo louvor E quando isto só não bastára para credito

O PEBEGRINO DA AMERICA

vosso, além dos mais Evangelhos, e ditos dos Santos Padres; ouçamos as vozes daquella santa mulher Marcella, certificadas, e referidas por S. Lucas, cap. II: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti. Bemaventurado o ventre, que trouxe dentro em si tal Filho, e bemaventurados os peitos, a que foi criado.

Corroboram-se mais os vossos santos louvores, quando tantas vezes ouvimos repetir aquella Antifona: Ab initio, & ante sæcula creata sum, & usque ad futurum sæculum non desinam, & in habitatione sancta coram ipso ministravi. (Ecclis. 24. 14.) Na qual se nos dá a entender, que desde o principio, e antes dos seculos fostes creada no decreto, e predefinição divina, e tambem não deixareis de ser até o futuro seculo, e diante de Deus ministrareis em a casa santa, que é o Reino dos Céus.

E para credito do mais, que se pôde dizer em vosso santo louvor, se verifica nas palavras proferidas pelo Anjo S. Gabriel, quando vos annunciou a Incarnação do divino Verbo, referidas, e publicados por S. Lucas (cap. I. 35.) Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi. Nas quaes palavras vos assegurou o Anjo, que o Espirito Santo vos havia de assistir, ó Soberana Senhora, na Incarnação do Verbo divino. E por isso sois: Tota pulchra, & sine macula: toda formosa, e sem macula.

E quem logra estes tão sobrelevantes encomios, no que não pode haver a minima duvida, nem discrepancia, por serem todas estas verdades de fé, e tão solidas: bem posso agora dizer, que se calem os mais Chronistas á vista de tão preclaros louvores: e que só Vós, Soberana Senhora, e não outra alguma creatura, deveis ser buscada, e solicitada para o amparo, e Mecenas, não desta humilde Obra, porém sim de outras de maior entidade.

Mas como sei que vos pagais de um affecto cordial, de quem, rendido a vossos sagrados pés, vos busca para seu amparo; por isso vos offereço este meu Peregrino, para que como a pobre e muito humilde, o ampareis com vosso patrocínio: pois só em Vós confio, como tão grande intercessora e medianeira para com vosso Filho, o meu Senhor Jesu Christo, que sendo para seu santo

NUNO MARQUES PEREIRA

*serviço, e bem das almas, o deize correr, e andar peregrinando na
estampa como cousa vossa, que vos dedico, e offereço.*

De quem se digna muito de vosso humilde escravo

NUNO MARQUES PEREIRA.

NOTAS

(1) O Padre Antonio Vieira refere-se á mesma igreja no sermão de Santo Antonio, de 1638, *Sermoens*, 6ª parte, ed. de 1683: "E para que nos não falte a assistencia da soberana Pallas da Cristandade, a quem o primeiro templo que levantou Portugal na Bahia foi com o nome da Vitoria..."

Mas não foi o primeiro.

Antes havia a igrejinha da Graça construida igualmente pelo Caramurú e sua mulher Catarina Paraguassú, como diz frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 3ª ed., p. 151.

O engano provém duma inscrição tumular na Vitoria: "Aqui jaz Afonso Rodrigues, natural de Obidos, o primeiro homem que casou nesta igreja no ano de 1534 com Madalena Alvares, filha de Diogo Alvares Correia, primeiro povoador desta capitania. Faleceu o dito Afonso Rodrigues em 1531".

Deve lêr-se: "o primeiro homem que casou nesta terra..." (Pedro Calmon, *História do Brasil*, I, 150, S. Paulo, 1939).

AO LEITOR

DISCRETO, e pio Leitor, comvosco fallo: que emprender persuadir a essas altivas Aguias, que em seus remontados vôos sobem a registrar com o sublime de seus entendimentos os vibrantes resplandores dos raios do mesmo Sol, fora aniquilar mais o meu talento, expondo-me ás notas de pouco advertido, e ás censuras de descuidado: e mais ainda em tempo que estas Aguias, de que fallo, são tão presumidas, e perspicazes, que quando chegam a fazer preza na terra, é nesse monte Libano, bebendo das crystalinas aguas da fonte Caballina; e outras, na corrente desse grande Rio Nilo, já desprezando as humildes fontes, e os pobres rios.

E por isso parece, que exercitando Christo Bem nosso todos os actos de maior exemplo, e perfeição, em nos dar os melhores documentos com sua grande doutrina; não consta da Sagrada Escritura, que escrevesse elle livro algum (assim o diz S. Agostinho em o seu livro de *Constat. Evang.* cap. 7 e o mesmo diz o P. Vieira na sua I. p. *Serm.* II, § 4), nem menos escrita, excepto naquella occasião, quando, á instancia dos Escribas e Fariseus, lhe levaram a Adultera para a sentenciar. E reparo, que podendo Christo Bem nosso escrever a sentença em papel, ou pergaminho (que nada lhe havia de faltar), a escreveu sobre a terra, com o dedo: quiçá, para que depois de lida não existisse, e logo se apagasse (pensamento meu), por se não expôr aquelle divino Mestre ás notas, e censuras daquelles leitores, por serem homens de mui louca presumpção, e mui presumidos de sabios e letrados daquelle tempo: porque eram os que interpretavam as Leis, e os ditos dos Profetas, e por isso mesmo haviam de fazer reparo na oração, e se lhe faltava ponto, ou virgula, interrogação, admira-

ção, dois pontos, ponto e virgula, parentheses, e toda a mais ordem, e regra da melhor orthographia. Não porque Christo Senhor nosso a não soubesse bem entender, e em todas as linguas e idiomas melhor escrever, e ensinar, como ensinou; porém sim (parece) o fez Christo, por lhes não dar occasião a que murmurassem: porque sabia que haviam de ler, e notar, e se não haviam de aproveitar.

Bem é verdade, que me dirão muitos, que escrever, e ainda em materias espirituaes, só incumbe a seus professores; e que eu o não sou. A isso respondo com um exemplo bem vulgar. Que se diria de um homem, que estando em parte donde visse atear um incendio em uma casa, ou Cidade, se logo a vozes não gritasse que lhe acudissem com agua, ou instrumentos, para se evitar o damno? Sem duvida se diria que, sobre ser impio, era digno de todo o castigo. E por isto notou S. Pedro Chrysologo, que não é atrevido em falar, quem o faz por zelo de Deus, e do proximo. Demais, que tambem do ocioso silencio se ha de dar conta a Deus, como das ociosas palavras: assim o advertiu Santo Ambrosio.

Tal me considero eu no presente caso, levado do zelo, e amor de Deus, e da caridade do proximo; por ver, e ouvir contar o como está introduzida esta quasi geral ruina de feitiçarias, e calundús nos escravos e gente vagabunda, neste Estado do Brasil; além de outros muitos, e grandes peccados, e superstições de abusos tão dissimulados dos que têm obrigação de castigar: motivo, porque o Demonio, mestre da mentira, e sciencia magica, se tem introduzido, com perda de tantas almas remidas pelo precioso Sangue de Nosso Senhor Jesu Christo.

Tenho mais outra razão, que por Direito me favorece, segundo a Lei. (*Ord. lib. V, tit. 117, § 1º*). Porque, como homem do Povo, posso avisar, e denunciar, para que se ponha cobro, e se castiguem semelhantes vicios, e peccados; porque é certo, que dissimulá-los é querer que se não emendem.

E se me disseres, que neste Compendio nada digo de novo, e que trago nelle muitas cousas, que dispersamente já estão ditas por mui doutos entendimentos: não será a vez primeira, que se diga: *Mutasti ordinem, fecisti librum*: Mudaste a ordem, fizeste

O PEREGRINO DA AMERICA

o livro. Demais, que a isso vos satisfarei com duas razões. A primeira dará por mim aquelle Oraculo da Sabedoria, Salomão, quando disse: *Nihil sub sole novum* (Eccles., I, 10). Não ha cousa nova debaixo do Sol. Donde se póde bem entender, que nada se póde dizer de novo, que já não esteja dito.

A segunda será com a presente comparação. Vistes já uma igreja bem armada, e paramentada de fino ouro, rica prata, luzidos espelhos, perfeitos quadros, custosas sedas, crespos volantes, vistosos frizos, branca cera, flammantes luzes, e emfim, fragran-tes aromas; e ser tudo isso, ou parte deste adorno emprestado? Não, porque a Igreja, para ser digna de todo o culto, e veneração, lhe seja necessario este custoso apparatus: porém sim, permite-se este asseio, e alinhó, para lisonja do gosto, agrado da vista, recreio da vontade. O mesmo se ha de considerar no presente caso; pois tambem é Templo de Deus o livro, se é espiritual; porque, se é profano, é mesquita, ou synagoga.

E se me notares a via recta de enfiar, ou enxerir os dez Mandamentos por modo de extremos, como se vão seguindo, sem os interpolar; de sorte, que mais parece supposta, que verdadeira a Historia: sabeí que tenho estado em muitas partes, e com mui diferentes genios de pessoas tratado, e conversado; e nellas achei a maior parte dos casos, que vos refiro neste Compendio; e de outros, de quem tenho ouvido contar. E porque me pareceu de-feito nomeá-las, nem ainda todos os lugares onde succederam; por isso usei do presente meio, ainda que vos deixe nessa supposição: e juntamente por levar seguida e atada a composição desta dou-trina.

Demais que o fundamento e substancia da vida Christã é o cumprimento da Lei de Deus, e observancia de seus Mandamen-tos, por serem as pedras fundamentaes destes nossos espirituaes edi-ficios; e para melhor dizer, o cumprimento perfeito da vontade de Deus. Finalmente é a Lei de Deus porta, por onde só se póde en-trar á Bemaventurança: *Hac porta Domini, justí intrabunt in eam*: (Psalm. 117. 20.) por cuja razão fundo esta Obra nestes tão so-lidos fundamentos.

Tambem não cito muitas autoridades em Latim, por saber que

NUNO MARQUES PEREIRA

por vulgares, os doutos as sabem; e para os mais é embaraço, porque nem todos o entendem: as quaes se apontam em varios livros, que muitos os não têm para as buscarem.

E se reparares no estylo, por ser em parte parabolico, tenho exemplo de muitos Autores espirituaes, que usaram desta phrase, e genero de escrever: e o mesmo Christo Senhor nosso tratando solida doutrina com os homens, para melhor os persuadir, o praticou, e ainda hoje, com maior razão nos tempos presentes, para convencer ao gosto dos tediosos de lerem, e ouvirem ler os livros espirituaes, são necessarios todos estes acepipes, e viandas. E se não, vêde o que se estyla, e pratica nos banquetes de agora, offerecendo-se nas mesas aos convidados no primeiro prato varias saladas, para mais agrado e gosto do paladar. Isto, que succede nos banquetes do corpo, vos quiz praticar neste banquete da alma.

E porque não pareça paradoxo este meu dizer, sabeí que tambem os livros se comem: assim o mandou Deus pelo Anjo dizer a S. João: *Accipe librum, & devora illum.* (Apoc. 10. 9) Tambem ao Profeta Ezequiel lhe appareceu um braço, e na mão um livro, e ouviu uma voz, que lhe disse: *Comede volumen istud.* (Ezech. 3.1). Come este livro.

Porém está hoje o mundo e os homens em tal estado, por enfermos, flatulentos, e tediosos de ouvirem a palavra de Deus, que só gostam de ouvir as palavras ociosas, a que chamam cultura, equivocos, fabulas, e comedias. Com grande razão nos ha Deus de pedir conta das palavras ociosas, por serem causa de tantas almas se perderem. E por isso discretamente disse um contemplativo, que o que lê livros espirituaes paga o dizimo a Deus; e o que lê os profanos, paga o terço ao Diabo.

Confesso-vos ingenuamente, amigo Leitor, que pasmo, e me admiro de ver os homens, como se precipitam por seguirem a opinião vulgar, desprezando a santa doutrina do Sagrado Evangelho, levados mais da vaidade Gentilica, que da doutrina de Christo, ao que estamos obrigados procurar como Catholicos Christãos.

A este proposito me lembra, que estando eu em casa de um amigo lendo o *Baculo Pastoral*, entrou um destes loucos Peripateuticos, desvanecido com presumpções de discreto; e sabendo do titulo

O PEREGRINO DA AMERICA

do livro, me disse, que nenhum homem de juizo se occupava em ler livro tão vulgar. E ouvindo eu, se não blasfemia, proposição tão mal soante, lhe perguntei: Pois que livro se ha de ler? E logo me respondeu mui ufano: Gongora, Quevedo, Criticon: *Para todos*, de Montalvan, *Retiro de cuidados*, *Florinda*, *Crystaes da alma*: Novellas, e Comedias, porque estes livros ensinam a fallar. Pois eu entendo, Senhor, (lhe disse) que esses livros, e outros semelhantes ensinam a fallar, para peccar; e este, e outros espirituaes ensinam a obrar, para salvar.

Não é para este, a quem offereço o meu *Peregrino da America*, senão para vós, querido e amado Leitor: e vos peço, quando nelle acheis alguma cousa que vos agrade, louveis a Deus, que por mão de uma humilde creatura vos quiz dar prato de que gostasseis; para que em reciproca união vamos a gozar da Bemaventurança em presença de Deus. Vale.

SUPPLICA AO SENHOR MESTRE DE CAMPO MANOEL NUNES VIANNA

POR grande acerto tenho fazer a V. Senhoria esta Supplica, pois tendo dedicado este livro intitulado: *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, á Santissima Virgem da Victoria, e considerando-me tão falto de poder, como de cabedaes para o mandar imprimir, fazendo juizo de que pessoa valer-me pudesse para debaixo de seu amparo e protecção poder sahir á luz com elle, foi sem duvida inspiração da mesma Senhora, de quem V. Senhoria é tão devoto, que me valesse de V. Senhoria; aonde poderia achar o valimento para poder conseguir o que pertendo.

A razão, porque tambem me persuado, é o remontado echo, com que a fama tem divulgado a generosa pessoa de V. Senhoria, tanto nesta Cidade da Bahia, como nas mais partes, aonde se tem achado, nascendo-lhe tudo do grande zelo da honra de Deus, e amor do proximo, havendo-se V. Senhoria com grande largueza com os necessitados, caridade, e reverencia com os Religiosos, verdade sem engano, lizura discreta, mui summa bondade, valor extremado, propensão á guerra, e aos bons exercicios Militares, prudencia conhecida, juizo delicado, applicação aos livros, e Artes liberaes, tão necessarias a um perfeito Heróe; finalmente o que todos reconhecemos de V. Senhoria é, que não sabe faltar com liberalidade aos nobres, e com piedade aos pobres.

E para credito destas solidas verdades permitta-me V. Senhoria dizer o que mais sinto de seu generoso, e destemido animo, usando da presente comparação; porque se já houve um famoso Portuquez chamado Lourenço Alvarez, (1) logo no principio do descobri-

mento do Brasil, filho da nobilissima Villa de Vianna, que teve a fortuna no seu mesmo naufragio, quando se pudera considerar perdido no fatal destroço de ter dado á costa a Náo, em que vinha embarcado, ao qual por piedade, e commiseração do Gentio Barbaro lhe foi concedida a vida, (se é que não foi permissão divina) do qual procedeu a maior nobreza das melhores Familias desta terra (2).

Com muito mais duplicadas razões, e singulares prerogativas, as considero eu agora na nobilissima pessoa de V Senhoria; porque sahindo da mesma Villa de Vianna, para esta dilatada Região da America, e chegando a este Novo Mundo, não por piedade, ou commiseração dos naturaes, mas sim por seu esforçado e destemido valor fez sujeitar, e ceder toda a rebeldia dos valentes Paulistas do Sertão do Brasil, a que reconhecessem a obediencia e sujeição, que devem ter ao nosso Grande Monarcha Rei de Portugal, quando nas Minas do Ouro de S. Paulo houve aquelle notavel motim, ou levante contra os filhos de Portugal, (3) havendo-se V. Senhoria com tão destemido valor, e prudencia, que a todos os rebeldes venceu, e convenceu a fogo e a ferro, até que os fez sujeitar por força ao jugo e obediencia, que devem ter á Real Coroa de Portugal: devendo-se todo este bom successo ao grande valor e prudencia de V Senhoria, acção por certo dignissima de todo o louvor, e de ser premiada com mui remunerantes cargos honrosos.

E no que mais realçou a grandeza e generosidade de V Senhoria foi quando vendo-se todo aquelle Povo tão obrigado, como livre do odio e traição daquelles naturaes da terra, em agradecimento deste tão grande beneficio, que de V Senhoria tinham recebido, com vivas aclamações o quizeram fazer seu Governador pelos haver livrado do poder dos seus contrarios, e pelos conservar, e estabelecer na paz, e posse de seus bens. (4)

Foi V Senhoria tão prudente, como fiel vassallo a seu Rei; porque todas estas honras e aclamações populares demittiu, e rejeitou, e só se conservou no cargo de Regente e Defensor daquelle povo até dar parte a Sua Magestade do que havia obrado no seu Real serviço, e conservação de seus povos, como tão zeloso da honra de Deus, e leal vassallo de seu Rei, e grande caridade, que obrou, e está obrando com os proximos, seus naturaes.

O PEREGRINO DA AMERICA

Esta é a razão, Senhor, que me deu a sorte para tomar a confiança de fazer a V Senhoria esta Supplica, e a minha impossibilidade para adquirir o direito, como pobre, para lhe pedir se digne ler este Compendio; e quando V Senhoria conheça que desta escrita possa resultar alguma gloria a Deus, exemplo ao mundo, supplico a V Senhoria, como tão devoto da Mãe de Deus, a quem tenho dedicado este livro, se digne mandá-lo dar ao prélo, e ampará-lo com o seu Patrocínio, para que a mesma Senhora lhe alcance de seu Divino Filho mui prospera vida com muitos augmentos da sua divina graça, como este seu criado lhe deseja. Cidade da Bahia, 28 de Junho de 1725.

De quem se digna muito de criado de V Senhoria

NUNO MARQUES PEREIRA.

NOTAS

(1) Diogo Alvares, o Caramurú. Homem de Viana, sobrevivente dum naufragio em 1509 ou 10, salvou-se nos recifes do Rio Vermelho e teve artes de agradar aos tupinambás, de quem foi longos anos um guia ou chefe espiritual. Catarina Paraguassú, filha do principal Taparica, deu-lhe prole honrada e ilustre. A este casal de patriarcas da colonização da Bahia ficaria a dever el-rei muitos serviços. Francisco Pereira Coutinho e Tomé de Souza acharam na terra as primeiras facilidades graças á piedosa Catarina e ao leal Caramurú. Na capela da Graça, que construíram entre 1531 e 1534, os frades da esquadra de Martim Afonso de Souza que ia para a India fizeram os primeiros casamentos na Bahia. Faleceu Diogo Alvares em 5 de Outubro de 1557 (Fr. Jabotão, *Novo Orbe Seráfico*, I, 22, Lisboa, 1761). Legou alguns bens ao Colégio dos jesuitas. P. Serafim Leite, *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, I, 80. Catarina desapareceu em 26 de Janeiro de 1583, um ano depois de ter doado ao mosteiro de S. Bento grossos haveres, e os chãos que hoje representam bôa parte da cidade.

(2) Na satirica de Gregorio de Matos ha frase equivalente:

.....

Não sei onde acabou, nem em que guerra:
Só sei que deste Adão de massapé
Procedem os fidalgos desta terra".

(Obras, edição da Academia Brasileira, IV, 48.)

(3) Em Dezembro de 1707 (Diogo de Vasconcellos, *História Antiga de Minas Gerais*, p. 218, Belo Horizonte, 1904) foi Manuel Nunes Vianna acla-

NUNO MARQUES PEREIRA

mado Governador das Minas pelos portugueses de Sabará, Rio das Velhas, Caeté. Afirmou a sua autoridade dispersando os paulistas no arraial de Sabará e expulsando-os de Cachoeira, onde foi ferido. Essas façanhas tiveram um sinistro complemento: a chacina do arraial da Ponta do Morro, justamente chamado Capão da Traição, pela cilada em que aí os paulistas caíram, vítimas da crueldade de Bento do Amaral Coutinho.

(4) A defesa de Nunes Vianna no reino insistiu na alegação de ter sido providencial e desinteressada a sua intervenção na "guerra dos emboabas". (*Revista do Instituto Historico e Geogr. Bras.*, XV, 320). Ao contrário, o Padre Manuel da Fonseca, *Vida do Ven. P. Belchior de Pontes*, edição de Afonso Taunay, p. 207, dá Nunes Vianna por protagonista do primeiro conflito quando, no adro da igreja de Caeté, tomou as dôres dum reinol a quem dous paulistas queriam arrebatam a clavina: "julgando (os do Reino) a ofensa de Manuel Nunes Vianna, a quem tinham por protetor, como injuria comum, e supondo que com a sua vida perigava a de todos, caminharam a socorrê-lo armados..." O mesmo Padre diz que, o "elegeram por Governador de todas as Minas, enquanto Sua Majestade não mandava sujeito, que exercesse aquele cargo. Aceitou ele o posto, e não tardaram enviados das Minas Gerais, Ouro Preto e Rio das Mortes, os quais saudando-o com o mesmo apelido de Governador, lhe pediram socôrro..."

Positivo é que, á notícia da viagem de D. Fernando Martins Mascarenhas de Alencastro, Governador do Rio de Janeiro, Nunes Vianna movimentou o seu "exercito", e de tal sorte o acolheu em Congonhas do Campo que o alto funcionário teve de voltar, desenganado e agravado.

O "ditador" mudou de atitude quando veiu — para substituir D. Fernando naquele governo — Antonio de Albuquerque Coelho, aliás natural do Maranhão, homem sereno, hábil e generoso. Desarmou-se a tempo: e se retirou para "as suas fazendas do Rio de S. Francisco", rico e de cabeça erguida.

Antonio de Albuquerque soube organizar a vida municipal, a ordem judiciaria, principalmente a paz, nas montanhas mineiras.

Manuel Nunes Vianna afinal foi bem recompensado pelo governo português, que lhe deu — após a sua justificação no Reino para onde seguiu com os originaes do "Peregrino da America" — um dos logares mais rendosos do Brasil de então: escrivão de Sabará, *Codice Galvêas*, 1735, ms. na Bibl. Nac.

Voltou, pois, honrado e premiado, o "régulo" do S. Francisco...

EM LOUVOR DO AUCTOR

Por um seu amigo

SONETO

NESTE vosso Compendio, meu Pereira,
De sorte vos contemplo discursivo,
Que me atrevo a dizer, que por ativo,
Ensinar podeis já mui de cadeira.

Pois sabeis escrever de tal maneira,
Por estylo tão claro, e attractivo,
Que tudo o que applicais é defensivo
Nesta vossa lição mui verdadeira.

Mas que muito se sois tão peregrino,
E grave no saber, por tão fecundo,
Que de todo o louvor vos fazeis digno?

E por isso agora, sem segundo,
Vos considero já, e imagino,
Dando gloria a Deus, e pasmo ao mundo.

EM LOUVOR DO AUCTOR

DECIMAS

PEREIRA, é tão singular
Este vosso Peregrino,
Que de louvor se faz digno,
Por discreto no ensinar:
Vossas grandezas calar,
E' seguir vossa doutrina;
Pois vossa escrita me ensina
Occultar vossos louvores.
Mas que digo! Se estas flores
Publicam lição divina.

Agora poderá ser,
Que se reforme o Brasil
De abuzos, e de erros mil,
Em que se está vendo arder;
Pois lhe dais a conhecer
Com tanta satisfação,
Que causais admiração
No zelo com que fallais,
Quando regra a todos dais
Para bem da salvação.

De Pedro Ferreira Ferrette.

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO

Póde-se imprimir o livro de que se faz menção, e depois voltará conferido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, no primeiro de Setembro de 1758.

Silva. Trigoso. Silveiro-Lobo.

DO ORDINARIO

Póde-se reimprimir o livro que se apresenta, e depois de reimpresso, e conferido torne. Lisboa, 13 de Setembro de 1758.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO

Que se possa reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença para que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 20 de Setembro de 1758.

Carvalho. D. Velho. Castello.

DO SANTO OFFICIO

Póde correr. Lisboa, no Paço de Palhavã, 15 de Abril de 1760.

Silva. Trigoso. Silveiro-Lobo. Carvalho. Mello.

O PEREGRINO DA AMERICA

DO ORDINARIO

Póde correr. Lisboa, vinte e um de Abril de 1760.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO

Que possa correr, e taxam em 500 réis. Lisboa, 19 de Abril de 1760.

Com quatro Rubricas.

COMPENDIO NARRATIVO
DO
PEREGRINO DA AMERICA

CAPITULO I

Dá o Peregrino principio á sua narração: e trata da conversação, que teve com o Ancião acerca de que todos somos Peregrinos neste mundo: e do que devemos obrar com acerto, para chegarmos á nossa patria, que é o Céu.

EM treze grãos da Linha Equinocial para o Sul, na costa da America, onde se dividiu a terra, e se recolheu o mar, fazendo uma formosa Abra, das mais espaçosas que reconhece o Orbe, em suas ribeiras: em cujo golfo, como em praça, passeiam navegando as embarcações sem mais roteiro, que a aprazível vista dos altos montes, cobertos de verdes plantas, das quaes por arte de engenhos se faz o claro açúcar. Nesta bella concha se vê uma rica perola, engastada em fino ouro, aquella nobre, e sempre leal Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, Metropole do Estado do Brasil: a qual teve seu principio pelos insignes Portuguezes naquella novo Emporio do mundo, como largamente tratam varios Auctores. Logo na entrada da Barra, em um vistoso outeiro, está edificada uma igreja da Mãe de Deus com o titulo da Senhora da Victoria.

Neste famoso sitio, e devoto Templo me achava eu uma tarde de Verão, por gozar da sua agradavel vista, tanto do largo mar Oceano, como da muita parte de reconcavo, por ser dilatado em dispersos rios, e muitas Ilhas: quando avistei um veneravel Ancião, que dirigia seus passos para o mesmo lugar, onde eu estava. Vinha elle vestido á cortezã; barba crescida, e muito branca; ca-

NUNO MARQUES PEREIRA

bellos propios até os hombros; com um baculo na mão; e no alto delle um relógio do Sol, e outro de horas, que em um cordel o prendia, e lhe servia de prumo, quando delle usava. E como o vi perto, me levantei; e depois de me saudar, e eu a elle, com o costumado cortejo e urbanidade, nos assentamos, e rompeu nestas palavras:

Como, Senhor, tão solitario em um lugar tão aprazível? Ao que lhe respondi: Já ouvireis dizer aquelle rifão Castelhana: *Una ave sola, ni canta, ni llora*. E porque ordinariamente succede, de algumas companhias resultarem muitas offensas a Deus, principalmente no murmurar das vidas alheias, como o vemos por experiencia, e escrevem varios Auctores: por evitar este, e outros inconvenientes, depois de ter feito oração á Santissima Virgem da Victoria, me assentei aqui, onde me achastes: mas agora me poderei dar o parabem de gozar de vossa presença, e companhia. Ao que me respondeu o Ancião: Não devo pouco á minha dita, por vos encontrar, e participar de vossa discreta conversação. Mas fallando do sitio, posso affirmar, que assistindo algumas vezes nesta Cidade, não achei territorio mais agradável: porém distando menos de uma legua, e com tão bom caminho, o vejo tão pouco frequentado dos moradores della. Senhor, (lhe disse eu) o trafego dos negocios não só faz aos homens esquecerem-se do recreio do corpo, mas tambem do espirito (1). Oxalá não fôra isso tão certo, (me respondeu o Ancião.)

Porém passando de um extremo a outro: quizera que me dissesseis, que estado tendes, e de que tratais? Eu, Senhor, (lhe respondi) sou Peregrino, e trato de minha salvação. Muito me tendes dito, (me disse o Ancião) porque vos posso affirmar, que me dais motivo para fazer de vós maior conceito, do que se me dissesseis ser uma grande personagem. Quizera, Senhor, (lhe disse eu) que me derais a definição de vosso encarcimento, por vos não ter por lisonjeiro; o que de vós se não póde presumir. Nunca Deus permitta (me respondeu o Ancião) que em mim tal vicio se ache; por ser de sua natureza tão pessimo, que, se não fora por vos molestar, vos referira varios successos, que por este vicio e peccado tem succedido no mundo. Mas, já que pertendeis que vos diga a razão do meu encarcimento:

O PEREGRINO DA AMERICA

Sabei que é este mundo estrada de Peregrinos, e não lugar, nem habitação de moradores; porque a verdadeira Patria é o Céu, como assim o advertiu S. Gregorio Papa: que por isso em quanto andam os homens neste mundo, lhes chamam caminhanes. E diz S. João Chrysostomo, que neste mundo não ha mais que uma virtude, da qual se compõem as outras: e é o ter-se por Peregrino nesta vida, e por Cidadão da Gloria.

E quem assim conhecer a sua Patria, com razão poderá dizer com David: Ai de mim, porque é prolongada a minha peregrinação! O qual fallando com Deus, diz: Não caleis, Senhor: porque eu sou adventicio, estrangeiro, e peregrino diante de vós, como foram os meus antepassados. Como quem queria dizer: Senhor, pois eu não faço caso das injurias dos homens, nem das propriedades da terra, e nella me trato, como quem vai de caminho; não tapeis vossos ouvidos a meus clamores.

Por esta causa premiou Deus a Abraham, por se fazer Peregrino, com o fazer Pai de todas as gentes; por ver o zelo, com que o amava, desprezando todo o socego do mundo pelo servir. Este foi tambem o modo de vida, que Deus deu, e ensinou a Isaac, quando o mandou para a terra de Chanaan, que devia morar, e juntamente ser Peregrino. E diz S. Paulo, fallando com os homens, que são todos Peregrinos, e que não têm aqui Cidade permanente, e propria: e que vão caminhando, e buscando-a, que é sem duvida a Gloria. Do Abba Olympio se conta, que perguntando-se-lhe de que modo se viveria no mundo, deu em resposta: Trata-te, e estima-te como Peregrino. Finalmente, Christo Senhor nosso tambem se chamou Peregrino: e os Apostolos tambem o foram, em quanto viveram neste mundo.

E por isso com grande razão disse David, que toda a vida do homem neste mundo não é mais que um quasi entrar nelle, e sahir logo. E em outro lugar: (*Psalms*. 136. v. 4.) Como podemos alegrar-nos em terra alheia? E Job, com viver duzentos quarenta e tantos annos, disse que a sua vida era uma trasladação sómente de um sepulcro para outro: do ventre para a sepultura.

E assim permittiu Deus que a vida do homem fosse breve, para que elle nem com as prosperidades se ensoberbecesse, vendo

o pouco tempo que as havia de gozar; nem com as adversidades perdesse o animo, vendo que em breve haviam de acabar: e para que se resolvesse a se mortificar, e viver conforme aos preceitos Divinos, e conselhos de Christo; tendo por grande ventura o comprar, com trabalhos de uma breve vida na terra, os gostos eternos na Gloria, onde deve sempre ter o seu pensamento e o coração, tendo-se neste mundo por Peregrino, e desterrado, fugindo de empregar o seu coração na terra; porque, como aconselha Santo Agostinho, onde estão fixos e permanentes os nossos corações, ahi estão os nossos gostos.

E deste discurso se segue, que se devem tratar e haver os homens como Peregrinos. Porque, se bem repararmos que cousa é a vida de um homem neste mundo, acharemos que não é mais que uma mera peregrinação: que vão caminhando com toda a pressa para a eternidade, desde o inferior ao superior, tanto que chegam a ter uso de razão: já andando, já navegando, já appetecendo glorias até possuí-las, e na mesma posse temendo perdê-las. O desvalido, queixando-se de não as poder alcançar, e possuir. O enfermo, desejando a saude, para a estragar. O navegante, buscando o porto, e talvez para se perder: e quando já nelle se acha, appetecendo voltar; e se não é com o corpo, com a vontade. E assim não ha no homem firmeza, nem estabilidade, que por muito tempo dure; por andar sempre em uma perpetua mudança. E só pára este bulicio, quando chega a um dos dous termos, aonde ha de ir parar: ou ao Céu, para onde foi creado; ou ao Inferno, o que Deus não permitta por sua Divina clemencia, e misericordia. Tenho-vos fallado espiritualmente: agora vos quero advertir moralmente o como se deve observar o Peregrino politico, e Christão.

Não merece pouca estimação, o que, desprezando os mimos e regalos de sua Patria, busca as alheias, para nellas se qualificar com mais largas experiencias: por cuja razão é o sahir da Patria, o que faz aos homens mais capazes, e idoneos para mui grandes empresas, e sufficientes para tudo; como o tem feito a tantos Varões illustres. Porém ha de ser com tenção de não mudar só de lugar, senão tambem de costumes; porque é certo, que quem peregrina acompanhado de seus vicios, mais valera não haver sahido; pois

O PEREGRINO DA AMERICA

tornará mais perdido, que aproveitado: porque as enfermidades da alma não se curam com a mudança do lugar. O Peregrino vai por onde ha de achar cada dia novos costumes, e os deve seguir, e approvar; e não reprehendê-los: pois é mais razão accomodar-se ao uso da terra, que pertender, e querer trazer aos mais ao costume da sua Patria. Ha de considerar que vai obedecer ás leis, que achar estabelecidas; e não a dar regra aos mais: e que vai aprender, e não a ensinar. E peregrinando assim, se qualificará em um perfeito Heróe.

Faça muito por adquirir seis virtudes, que são: Piedade de Religião, Estimação de Justiça, Prudencia, Fortaleza, Magnanimidade, e Temperança. Observe tambem quatro meios de virtudes moraes, e mui necessarias, para ter estimação, e sabedoria. O primeiro, apartar de si todo o máu exemplo de opiniões, e leituras, que não forem dirigidas a Deus. O segundo, fugir de ruins companhias, procurando imitar aos virtuosos e sabios. O terceiro, ser tão bom no interior, como deseja apparecer no exterior. O quarto, e ultimo, empregar o entendimento em conhecer, e a vontade em eleger o que é verdadeiramente bom. Porque são os meios de grande aproveitamento para com Deus e os homens. E quem assim se occupar em sua vida, e peregrinação, mediante a graça de Deus, alcançará o premio do fructo, que deseja, que é o Reino do Céu.

Senhor, (lhe disse eu) mui pago e satisfeito estou do que me tendes dito, e aconselhado. Porém, pergunto: Como se ha de um homem constituir em tão solidos e perfeitos documentos, sem ter sciencia, ou Mestre, que o ensine?

Respondo: (me disse o Ancião) Para ser um homem politico, bom Christão, deve ser obediente aos preceitos da Santa Madre Igreja, procurando, as mais vezes que puder, o Sacramento da Penitencia: tomando os avisos e documentos do seu Padre espiritual, e os conselhos dos bons: e entendendo que ninguem póde fazer obra meritoria, sem a graça de Deus; e que não podem estar juntos em um sujeito, o peccado e a virtude: que Deus creou ao homem, para que o amasse, e merecesse: que se não nega a nenhum, que o quer. E isto basta para entender, e seguir estas verdades; e não é necessario, para entender estas maximas, ser Philosopho, nem Theologo.

Supposto que todo o homem, dotado de bom entendimento, é Philosopho natural; e na Philosophia, assim natural, como physica, e moral, ha tres partes: a primeira é definição, que declara o que é a cousa: a segunda, porque razão se chama assim: a terceira, porque tal razão se chama demonstração. E logo se segue o saber o que é Definição, Entimema, Consequencia, Verdade, Falsidade, e outras muitas cousas, que são pertencentes á Dialectica, para a Philosophia natural; porém totalmente inuteis para a moral, em que convem mais obra, que palavra, e simples conhecimento dos argumentos: e só pertence ao Theologo dizer as razões, em que se fundam; porque as subtilizas dialecticas mais servem de embaraço, do que clareza para o nosso intento.

Tão laconica, e ingenuamente, Senhor, (lhe disse eu) tendes mostrado os termos da Philosophia natural e physica, que me tendes admirado; pois sabendo que são necessarios tres annos (2), e ás vezes muitos mais, para declarar seus termos, e preceitos tão universais, os tendes explicado tão brevemente, com tão solidos fundamentos, por meios tão perceptíveis, que me tendes satisfeito. Mas o que pertendo saber de vós, é que me digais o como se poderá melhor entender essa terceira parte da Philosophia Moral, que de tanta utilidade é ao homem para viver bem virtuosamente, fundada na melhor razão: por não ficar indifferente, sem me saber determinar.

Respondo: (me disse o Ancião) Philosophia Moral val o mesmo que affeição, e conhecimento das virtudes, e regimento prudente da vida espiritual; que é, como vos disse: Prudencia, Justiça, Fortaleza, Temperança. Estes se aprendem com os dictames moraes, e pelos bons exemplos, e livros espirituaes: que tambem os muitos livros são distração do entendimento; como se tem visto em muitos, que cuidaram que sabiam dar documentos, por doutos, e versados em ler e escrever, e se acharam tão faltos de sciencia, como cheios de peccados no Inferno: dos quaes vos fizera mais expressa e individual menção, se não fora prolongar este discurso, que como tão sabido de todos, e escrito nos livros, me escuso agora de vo-lo repetir. Porque é vereda perigosa a sciencia, se a Fé e a Humildade não guiam seus passos.

O PEREGRINO DA AMERICA

Mas tornando ao nosso intento, venho a dizer, que mais se aprende obrando, que lendo. Exemplo. Melhor é ser caritativo, do que ler que é bom sê-lo: e melhor é obrar hoje uma virtude, do que propor de fazer duas amanhã; porque lá disse um experimentado, que pelo caminho de amanhã se vai á casa de nunca. E por isso se diz: que o inferno está cheio de bons desejos, e o Céu de boas obras; por ser a primeira virtude luz e guia para encaminhar as mais; e quanto se tem escrito e inculcado para as virtudes, não ensina tanto, como a execução da obra, e exercicios dellas. Para obrar bem, é necessario pôr por obra o que se propõe na vontade: e melhor é obrar alguma cousa com virtude do que ler e fallar muito, e não fazer nada: e daqui vem, que muitos se mostraram mui praticos na virtude de palavras, e pelo contrario obrando. E assim para o acerto da vida, como para a segurança da Gloria, não ha de ser só a memoria, e o desejo de obrar bem; porém, sim pondo-o em execução. Não seja o amor especulativo, ha de passar ao pratico; porque nisso está todo o bem, em que nos devemos occupar, considerando os grandes poderes da virtude; pois ella faz não só dos bons melhores, mas dos maus bons, e de peccadores justos: e tudo o mais sem virtude, é nada. Porque tambem deixar o vicio por medo, e não por aborrecimento, mais se pôde chamar a este timido, que justo: porque a nenhuma maldade pôde favorecer o secreto. Bem pôde um occultar o seu peccado; mas não poderá deixar de o temer, ainda que cego do amor proprio, que é a causa, que o homem menos conhece, e sempre o engana: por ser o peccado morte da alma, verdadeiro mal, inimigo de Deus, occasião de desgraça, incendio voraz da consciencia, condemnação eterna.

Pôde o homem ser pela virtude amigo de Deus, bemquisto com os homens, lograr saude, ter descanso, seguir a luz da fé, e os dictames da razão; escapar do Inferno, seguindo a Christo, abraçando a virtude, aborrecendo o peccado, que é a causa de todo o nosso mal, e ultimamente meio de nos privar de gozar da Gloria. Finalmente o peccado lançou a Lusbel do Céu, e deu com elle, e com todos os seus sequazes no Inferno: e a Adão desterrou do paraizo, e a todos os seus descendentes os pôz em um valle de lagrimas. E desta sorte me parece que vos tenho em parte satisfeito do muito, que se

NUNO MARQUES PEREIRA

póde dizer deste particular: porque o achareis escrito em livros espirituaes, e praticado nos pulpitos por Prégadores Evangelicos, e Missionarios Apostolicos. Resta agora que me deis noticia de vossa peregrinação.

Tão obrigado, e satisfeito (lhe disse) me considero, que por divida tenho não faltar ao que me pedis: e mais ainda, quando vos vejo tão douto, como ensinado do tempo, e com tão largas experiencias, que estas se não pódem adquirir, senão depois de muitos annos. Por cuja razão levo seguro abonador á minha narração, ainda que me reconheço pouco verboso; e menos elegante no estylo. Mas como sempre ouvi dizer, que se ha de fallar a quem deseja ouvir: affouto, e confiado, me animo a vos obedecer. Não me começarei a inculcar pelo solar de meu nascimento, ou alabanças da minha Patria; por aquelle ser muito humilde, e esta ter pouco nome: supposto que para nascer, qualquer lugar basta; o que parece necessario, é só fazer eleição da terra para viver. Não me eximindo porém, quando no fio da historia passar por ella, de publicar suas excellencias, que algumas inclue em si, como notoriamente se sabe. E assim, só tratarei agora do que faz ao nosso intento.

NOTAS AO CAPITULO I

(1) Na Bahia tornou-se proverbial o costume de não subirem os moradores da cidade baixa para os bairros altos. É, certo, a esse desprezo dos arrabaldes pitorescos que o A. se refere. Conta-nos Silva Lima, nas "*Reminiscencias*", que "os lojistas habitavam em geral os andares superiores das casas em que tinham os seus negocios... Quando algum mudava a sua residencia para a cidade alta, era arguido de querer figurar de fidalgo ou aristocrata." "Barra, Itapagipe e Rio Vermelho ainda se resentiam do antigo aspecto de praias de pescadores..." *A Bahia de ha 66 anos*, ps. 10 e 17, Victoria, 1939.

"Na Bahia, as casas altas, de cinco e seis andares, que enchem a parte baixa da capital, têm a loja no rez-do-chão, a familia do lojista no primeiro pavimento, e os empregados distribuidos pelas demais instalações, servindo as escadas do predio de separação hierarquica, entre as categorias deles. Mercadores havia ali, que meio seculo fizeram o seu negocio, vendendo no armazem e dormindo no sotão, sem jamais terem saído do seu bairro para conhecer sequer a "cidade alta". (Pedro Calmon, *Historia Social do Brasil*, II, 121.)

(2) O Curso de Artes (ou Ciências Naturais, "como então se denominava o curso de Filosofia, e abrangia a Logica, a Fisica, a Metafisica, a Ética e a Matematica"), abrangia tres anos, "ao modo do Colégio Romano" (P. Se-

O PEREGRINO DA AMERICA

rafim Leite, *Hist. da Comp.*, I, 76). Iniciou-se na Bahia em 1572, com o Padre Gonçalo Leite.

O primeiro periodo daquele curso consagrava-se a Aristoteles e São Tomaz; o segundo, á fisica e ciências; e o ultimo, á fisica especial ou aplicada. "As outras disciplinas são ensinadas como preparação para a teologia", segundo Santo Inácio de Loyola. (Vd. P. Madureira, *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, Congr. Intern. de Hist., VI, 397).

Já Gabriel Soares notára: o Colégio da Bahia ensinava "latim, artes, teologia e casos de consciencia", *Roteiro do Brasil*, p. 121.

A altura dessa instrução não desmerecia o paráelo com a Universidade de Evora. Em 1671 requereu a Camara que os estudantes da Bahia tivessem as mesmas regalias dos de Evora. "Pela provisão de 16 de Julho de 1675 o governo português permitiu então que aos estudantes de filosofia e retórica que tivessem cursado as aulas dos jesuitas da Bahia se levasse em conta na Universidade de Coimbra e de Evora um ano de Artes (o que correspondia hoje ao curso de bacharelado em ciencias e letras), conforme se praticava com os alunos dos colégios de Lisboa e Braga" (Pedro Calmon, *Hist. Social do Brasil*, I, 124; Inácio Acioli, *Memorias Historicas e Políticas da Provincia da Bahia*, I, 223; Egas Moniz, *Problemas de Educação Nacional e de Instrução Pública*, p. 184, Bahia, 1924).

CAPITULO II

Continua o Peregrino a sua narração, declarando que não foram os interesses dos cabedaes, que o fizeram ir ás Minas do Ouro. E com varios exemplos mostra o grande mal, que nos resulta da ambição e soberba.

DEPOIS de ter concorrido, e navegado muitas partes deste Estado do Brasil, e assim Cidades, como Villas, e Lugares; chegando a esta da Bahia, a tempo que se contavam tantas alabanças, e grandezas dessas Minas do Ouro de S. Paulo: mais levado de um desejo de ver esse portento da fama, novo mundo descoberto, ha tantos annos incognito, que dos lucros do interesse, me deliberei ir a vê-las (1). Senhor, (me disse o Ancião) necessariamente vos hei de atalhar os fios da vossa narração; pois vos ouço dizer cousa tão estranha de me persuadir a crer: e vem a ser, que houvesse pessoa, que intentasse conseguir uma jornada tão longe, e por caminhos tão asperos, sem que o levassem os interesses, que todos nesta vida appetecem. Pois sabei, Senhor, (lhe disse eu) que por reconhecer os grandes males, que desse vicio resultam a quem nelle se entrega, fugi e fugirei, como quem de uma fera peçonhenta procura escapar. E vêde se tenho razão.

E' a Ambição irmã da Soberba, e ambas produzidas da Inveja: por ser esta semelhante ao Inferno. Aonde entra este vicio, impera a Soberba, cresce a Avareza, reina a Luxuria, accende-se a Ira, existe a Gula, governa a Inveja, acha-se a Preguiça. E como será possível livrar-se uma creatura racional do Inferno, achando-se nella todos estes sete peccados; sendo que todos estes vicios, ou peccados, os favorecem as riquezas, é consequentemente a Sober-

O PEREGRINO DA AMERICA

ba! E o peor é, que sem embargo de serem tão grandes males, andam tão introduzidos no mundo, e em todos os estados: e não sei se diga que ainda naquelles, que tinham obrigação de os reprehender, e castigar.

Fundo esta minha razão nas palavras de Christo Senhor nosso por S. Lucas (*cap.* 18. *v.* 25.) quando disse, que mais facil é passar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no Reino do Céu. E é muito para reparar, que não disse Christo um ladrão, ou malfeitor, senão um rico. Porque parece nos quiz mostrar que basta que um seja rico, para cahir em todos os peccados: por serem as riquezas, em poder de quem as estima, a materia, em que se ateiam e ardem os mais vicios.

E não cuidem os Reis, e Monarchas do mundo, que se podem livrar desta summa verdade, por se verem estimados de todos; se não seguirem a doutrina do mesmo Christo, que para todos nos deu remedio, como quem veiu ao mundo para nos salvar. Porque nos mostra a experiencia, pelo que temos ouvido, lido, e visto de muitos Imperadores, Reis, e grandes Personagens, que por ambiciosos e soberbos, se vieram a perder: por serem a ambição e a soberba inimigas da Lei Divina, e por isso causa da nossa perdição. E se não, vêde.

Do Imperador Commodo, que succedeu no Governo de Roma, por fallecimento de seu pai Marco Aurelio, no anno de 180, se refere, que nelle se descobriram os vicios de Caligula e Nero, escurecendo todas as virtudes moraes de seu pai; e admittindo todas as maldades, e torpezas, que pôde accumular para seu depravado gosto e appetite. Por se ver rico e poderoso, se fez o mais cruel e soberbo Imperador daquelle tempo. Esta peste durou treze annos, até que Narcizo Lavrador o matou na Praça. Porque não tarda o castigo a quem o merece: por serem os gostos e deleites desta vida vesperas de tragedias lamentaveis, a quem as provoca por seus peccados.

Não falta quem diga, que Dario foi o primeiro Rei, que cunhou dinheiro: tão poderoso e rico se fez, que nenhum teve maior thesouro, nem poder, como elle. E que vos parece que lhe succedeu com todo este poder e riquezas? Vir Alexandre Magno pôr-lhe

guerra, vencê-lo, destruí-lo: e não desbaratá-lo dos bens que idolatrava, como também tirar-lhe o Ceptro, e Reino, despojá-lo da mesma mulher e filhos; e prendê-lo, tendo-o maniatado com correntes: e tudo isto, porque foi tão soberbo, e ambicioso. O qual talvez não experimentára, se fora mais humilde, e desinteressado: porque se sujeitára a partido, pagando feudo e tributo, como muitos Principes, que por não quererem experimentar os rigores de quem, parece, dominava a fortuna, como Alexandre, se renderam á sua vassallagem, e assim ficaram livres de maiores trabalhos. Isto, que a Dario succedeu, mostra a experiencia: porque muitos, fiados nas suas riquezas e soberba, vêm a ser ludíbrio do escarmento, e espectaculos de compaixão.

Carlos VIII se fez Rei de França: e por se ver lisonjeado de muitos, se perdeu, porque se quiz fazer Senhor de muitas Provincias, e dominar muitos Reinos. Por ambicioso, e soberbo, veio este a morrer de repente, depois de ter tomado posse do Ceptro e Coroa no anno de 1495, e acabou dalli a tres annos, não achando um sepulcro no seu Reino, entre os seus Vassallos, em que seu corpo fosse sepultado: que a tanto, como a isto, chega a demasiada ambição e soberba, por não seguirem a Lei Divina e os dictames da razão.

São as riquezas, e as soberbas, as que nesta vida impedem, e tiram o socego, e ainda o mesmo credito e honra, como se tem visto dos muitos exemplos. Veja-se o que succedeu em França, no anno de 1602, ao Mariscal de Viron. Este, todo o seu valor, e esclarecidas façanhas, que obrou pelo seu Reñ, as desfez com o delicto, que fez contra si mesmo. Por soberbo, e ambicioso, menosprezando os favores do seu Principe, depois de ter livrado a vida de tantos perigos, a veiu entregar ás mãos de um verdugo; porque se não soube vencer guardando as Leis Divinas, em que nos devemos fundar.

Quem ama as riquezas, e se deixa levar da soberba, vem a experimentar a sua pouca firmeza, e estabilidade; porque ainda, no maior auge da fortuna, se não livra do precipicio, e desamparo. Assim succedeu a Roberto, Conde de Sex, de Inglaterra. Este, havendo obrado feitos heroicos com o seu grande valor e esforço, de-

O PEREGRINO DA AMERICA

pois de ter ganhado aquella memoravel batalha dos rebeldes Irlandezes, cahiu em tal baixa em um instante da privança da sua Rainha Izabella, por soberbo e ambicioso das glorias e riquezas do mundo, que veiu a acabar a vida em um cadafalso, não lhe valendo os clamores do povo: porque o sentimento não impede a justiça.

Diz Seneca, que as riquezas fazem aos homens altivos, soberbos e invejosos: e que poucos são os Ricos e Grandes do mundo, que não tenham estes effeitos comsigo. Ao Duque de Ossuna, que em Napoles tinha grangeado o nome de Bom Soldado, mandou prender El-Rei Philippe III por haver incorrido em odio da nobreza, por soberbo, altivo e ambicioso: todavia ficou suspeitosa a prisão. Porém o certo é, que a ambição domina a razão.

Finalmente, é a ambição a que mais brevemente nos tira a paz, e socego, e abrevia a vida. De Alexandre Magno se conta, que sendo tão esforçado na guerra, como favorecido das venturas, e riquezas do mundo, acabou a vida no breve curso de seus annos, não chegando ao fim da idade, pela grande appetencia de mais mundos vencer. E talvez vivera mais, se não fôra tão soberbo, e ambicioso de glorias vaidosas. Porque é certo que quem se não contenta com o que tem, vem a perder o que mais deseja.

Não assim succedeu áquelle grande Imperador Segismundo, por ser tão desinteressado, como ajustado ás Leis Divinas. Do qual se conta, que trazendo-se-lhe quarenta mil escudos de ouro de uma Provincia de Ungria: pensativo, como cuidadoso, em que os havia de empregar, passou toda uma noite sem dormir. E assim como amanheceu, chamou a todos os Cabos do seu Exercito, e abrindo o cofre, onde estavam os dobrões, lhes disse: Vêdes aqui os meus inimigos, que me não deixaram dormir, nem ter socego. Tomai-os, e reparti-os entre vós outros, e assim me livrarei desta molestia passada. E sahindo tão contentes, como aproveitados os circumstantes, tornou o Imperador a chamá-los, e repetiu dizendo-lhes: Foram-se já esses verdugos, que me atormentaram esta noite passada? E respondendo-lhe, disseram os Cabos: que já os tinham repartido. Disse o Imperador: Graças a Deus, que já estou livre deste tormento.

NUNO MARQUES PEREIRA

Com grande razão disse Santo Agostinho, que é o ouro principio de todos os trabalhos. Porque, bem considerado, não ha genero de molestia, que o amor das riquezas não traga comsigo: aos corpos priva de todo o descanso, e ás almas despe de todas as virtudes. Donde se vê bem claramente o pouco socego, e paz, que têm os taes comsigo; pois todos os desvelos e cuidados entregam ás temporalidades, as quaes os fazem viver esquecidos de Deus, e da Gloria, na consideração de que não ha outra felicidade maior, que as riquezas, e bens deste mundo. E se não, vêde o que diz Christo Senhor nosso por S. João. (*cap. 5 v. 44.*) Como podeis ter fé, se em tudo buscaes as horas do mundo? E assim é sem dúvida: porque tanto se paga um rico dos bens que possui, que entende lhe não é necessario mais, para ser bemaventurado na terra. E por isso tanto anhelam, e appetecem as adorações mundanas, que são os cargos e postos do mundo; sendo estas um signal certo de prescitos: motivo, por que chamou S. Paulo ás riquezas e grandezas deste mundo, laços do demonio.

E daqui procede, que muitos querem antes tormenta para subirem, que bonança e paz para viverem. Quem jamais viu ambicioso e soberbo que não acabasse nas mãos do sentimento? Pois é certo, que esses cegos do engano atropellam as leis contra si mesmos; e dão armas á crueldade, para serem executados. E nunca haveria pena, que os molestasse, se não houvesse nelles gosto, em que se embelezassem. E o peor é, que podendo tomar o exemplo dos passados, não se querem desenganar, senão em si mesmos. Sendo que são muito limitados todos os cabedaes dos olhos mundanos e ambiciosos; porque nunca chegam a comprar o que seu desejo appetee: e muitas vezes lhes não bastam para pagarem os juro do que a sua esperança tem feito de dívida.

E porque não fique este Estado do Brasil sem algum exemplo dos muitos, em que a soberba e as riquezas têm feito estragos, reparai, e notai com attenção. Ide a Pernambuco, passai ao Rio de Janeiro, subi a S. Paulo, entrai nesta cidade, correi essas Villas, e seus Reconcavos: vereis em quantos tem a soberba e os interesses feito notaveis destroços. A uns, arrimar bastões: a outros, largar ginetas: a muitos, encostar vengalas: a alguns, deixar

alabardas, e fugirem muitos Soldados: despejar Engenhos, desamparar fazendas (2). E se perguntares a essas ruínas, quem lhes causou tão lastimosos estragos, vos responderão em echos essas aruinadas paredes, e medonhas fornalhas dos Engenhos: que tudo lhes procedeu da soberba, e demasiada ambição.

Oh, se estes taes, a quem isto succedeu, soubessem persuadir-se que tudo era uma chimera, e presumpção vaidosa, como excusariam de experimentar aquelles lamentaveis golpes! Viriam a conhecer, que todas as soberbas e riquezas se hão de tornar em pó e cinza: e que a maior valentia consiste em pelejar contra os nossos inimigos, que são: Mundo, Demonio, e Carne; e não contra os nossos proximos, que são creaturas feitas á imagem e semelhança de Deus; e pelo que tem de serem de barro, são fracas por natureza; e triumphar de um fraco, não é valor, senão cobardia: porque só sabe ser valente, quem a si se sabe vencer. Mas desenganem-se todos, que se não fizerem estes discursos tão fundados nos dictames da razão e Lei Divina, serão castigados por Deus rigorosamente nesta vida, e na outra: porque é do mesmo Evangelho, que Deos contrafaz á soberba.

São tantos os males, que trazem comsigo a Soberba e a Avariza, que se os homens bem advertidamente o considerassem, as haviam de aborrecer, pelos damnos e precipicios, em que os põem de sua salvação. Admiravelmente S. Paulo a este intento, quando disse, que difficulosamente se achará um rico, que não seja soberbo. E eu digo, que não só contamina este vicio, ou mal ao senhor da casa, mas tambem á mulher, aos filhos, e aos mesmos escravos; por ser a morada desta peste infernal em casa dos ricos, e muitas vezes sobe aos Palacios. E o peor é, que tambem entra nas Clausuras mais reformadas: e se não é pela pompa das galas, accomette pela presumpção do nascimento, e fidalguia: e quando vê que nem por um, nem por outro modo se pôde introduzir, entra pela presumpção do Saber, e por este meio tem destruido grandes talentos. E vejam lá os Scientes, se acham de que se reprehenderem.

E considerai agora, se pôde haver maior enfermidade, que o peccado da Soberba. Basta que até no Céu entrasse por sua má

qualidade, por ser conceituosa; como succedeu a Lusbel e a seus sequazes. E que fará no mundo fomentada pelas riquezas! Verdadeiramente, a maior parte dos que vão ao Inferno é por este peccado; porque é opposto á Humildade, a qual Deus preza em supremo gráu por suas grandes excellencias.

Muito bem devia de saber o quanto importa para a salvação esta virtude aquelle Grão Duque de Gandia, S. Francisco de Borja, quando largou o seu Ducado, para se recolher á sagrada Religião da Companhia, e nella exercitar todos os actos da maior humildade. E basta, que quando escrevia ao seu Geral se puzesse de joelhos, para mostrar o quanto observava esta santa virtude.

E por isso, o que pretende salvar-se, não deve fazer tanto apreço das vanglorias do mundo: porque é certo, que quem ama ao perigo, periga nelle. Querer ser rico, é querer ser dos muitos, que se perdem. Os ricos e soberbos do mundo não crêm estas verdades, como cegos da ambição; contentam-se com adorar as riquezas, succeda o que succeder: fazendo-se cada vez mais altivos, e desprezando aos humildes pobres.

Porque verdadeiramente, bem considerado o como trata um rico a um pobre, parece que o não tem por proximo, pois tanto o despreza: porque ainda do cortejo e urbanidade, que lhe faz, se offende; por suppôr o rico, que o fim daquella cortezia assenta sobre lhe pedir alguma cousa da sua fazenda, e que perderá as adorações, que solicita entre os mais ricos: e assim se fazem tão inchados, que nem junto de si querem ver a um pobre.

São estes taes, como uma casta de peixes, que ha neste Brasil, e lhes chamam Baiacús, entre os quaes ha uns, que têm espinhos. São estes peixes peçonhentissimos, por terem no fel o mais refinado veneno, que ha no mundo: e que ainda que algumas pessoas os comem, é com muita cautela. Mas vamos á comparação. Costumam estes peixes, assim como os pescam, e tiram da agua, começarem a inchar, e fazem-se como umas bolas. Os de espinhos, não ha quem pegue nelles, pelo risco das agudas pontas: incham de sorte, que assim morrem ás vezes dando um grande estouro. Occupam-se estes peixes em mariscar pelas margens dos rios, e mangaes; e só quando se vêem em terra, é que incham.

O PEREGRINO DA AMERICA

Assim são os Baiacús humanos, ou deshumanos: tanto que se vêem nas praias e terras do Brasil, logo começam a inchar: e se lhes dão algum officio, ou posto, fazem-se Baiacús de espinhos, não ha quem se chegue junto delles. E se dizem a um destes: Basta, Baiacú, porque podes rebentar; ou se lhe tocam, cada vez incha mais. Bem sei que este exemplo, ou moralidade é mui humilde; porém como é tão vulgar, cada qual o tome no sentido mais accommodativo.

Oh desgraça da natureza humana! Oh cegueira dos racionaes! Quem te pudera desenganar, antes de chegares ao precipicio de tua vaidade e perdição! E para prova de tudo o que tenho dito, responda o Rico Avarento, de que lhe serviram as riquezas que tinha, os comeres exquisitos, a presumpção vaidosa, a saúde perfeita, as galas custosas, a cama branda, as adorações mundanas, os despresos a Lazaro? Dirá, sem dúvida, que lhe não serviram de mais, que para estar ardendo para sempre no Inferno. E por contraposição: Que gosto, que alegria, que gloria estará gozando para sempre Lazaro na Bemaventurança, por ter sido pobre, chagado, roto, faminto, e desprezado!

Agora conheço, que com muita razão disse S. Bernardo, vendo o tropel das culpas, que corriam neste mundo: que a moeda corrente entre os homens, não era mais que o amor desordenado dos bens temporaes, por cuja razão não havia fé segura entre os homens, porque tudo tinham contaminado a Soberba, a Avareza, a Cobiça, e a Luxuria: e que por causa destes vicios faltava a observancia nos Religiosos, a modestia nos Sacerdotes, a justiça nos Ministros, a madureza nos velhos, a sujeição nos moços, o amor natural nos parentes, a fidelidade no povo, a reverencia nos subditos, o exemplo nos Prelados, o amor da castidade nas virgens, a pudicicia nos casados. Tudo isto disse o Santo, ha mais de quinhentos e tantos annos. E que terá succedido desde então até agora, em tempos tão perversos, e cheios de tantos vicios, como estamos vendo, e experimentando! Por isso David com espirito profetico pedia a Deus que lhe tirasse o véu dos olhos, para que pudesse conhecer as maravilhas dos seus mysterios. (*Psal.* 118, 18.) Isto é, a cegueira da Soberba, da Ambição, da Concupiscen-

NUNO MARQUES PEREIRA

cia, e de todos os mais vícios e peccados, que nos privam e cegam, para não podermos ver os infinitos beneficios, que actualmente nos está Deus fazendo, e pela nevoa da culpa não podemos ver, nem enxergar.

Bem sei, que me dirão muitos ricos, sabendo do que agora aqui vos digo: O que não pôdes haver, dá-o pelo amor de Deus. Porém a isso lhes responderei: (porque não fiquem sem resposta) Que me aproveitaria ser senhor de todo o mundo, se houver de perder a minha alma? Porque é certo, que com perda da salvação não pôde haver ganancia.

NOTAS AO CAPITULO II

(1) Foi isto em 1704. "Em carta de 7 de Outubro passado, me dá V. Mcê. conta de se ausentarem dessa vila para esta cidade *Nuno Marques Pereira*, o tabelião Antonio Duarte Nunes e Antonio Alvares, por varias culpas que haviam cometido; e que se vinham valer do meu auxilio, e poderiam com alguma informação menos verdadeira ocultar suas maldades. Nenhum desses sujeitos me veio falar até o presente, e quanto isto façam, indeferirei com aquela justiça que costume fazer; suposto que eles se hão de livrar das tais culpas pelos meios ordinarios, visto V. Mcê. haver feito autos deles, que precisamente ha de remeter a esta Relação, donde se ha de ver e sentenciar, conforme o merecimento dos mesmos autos. Deus guarde a V. Mcê. Bahia, e Novembro 9 de 1704. D. Rodrigo da Costa. Para o juiz commissario da vila de Camamú, Belchior Gonçalves Barbosa." (*Documentos Historicos*, da Bibl. Nacional, XL, 220).

(2) Confirma Antonil: Cada ano vem nas frotas quantidade de portu-
guêses, e de estrangeiros para passarem ás minas. Das cidades, vilas, recou-
cavos e sertões do Brasil vão brancos, pardos e pretos, e muitos indios de que
os paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e
mulheres; moços e velhos; pobres e ricos; nobres e plebeus; seculares, clérigos
e religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil nem
casa". (*Cultura e Opulencia do Brasil*, etc., edição de Afonso de E. Taunay,
p. 213.)

Repercutiu rudemente na economia do litoral esse exodo. Não houve af
escravos e gado que bastassem. (Vd. J. Lucio d'Azevedo, *Epocas de Portu-
gal Economico*, p. 334, Lisbôa, 1929). "Em 1706 o governador do Brasil, D. Ro-
drigo da Costa, de retôrno á Europa, representava caminhar o Estado para a
ruina total, por faltarem os escravos, todos vendidos para as minas, mal che-
gavam aos portos."

CAPITULO III

Mostra o Peregrino com varios exemplos, que bem pôde um homem ser muito rico, e grande Personagem em qualquer estado, e por suas boas obras de virtude vir a salvar-se.

SENHOR, (me disse o Ancião) supponho (pelo que me tendes acabado de dizer) que não haverá rico, nem grande personagem, que não vá ao Inferno. Respondo: (lhe disse eu) É falsa essa vossa supposição. Porque além de negares um attributo a Deus, de seu infinito e absoluto Poder, (e seria uma formal heresia, considerar-se que não pôde obrar Deus independente, em qualquer creatura, e em tudo o mais com mui superior imperio) temos mui grandes exemplos de que tem havido muitos Santos Imperadores, Reis, e Fidalgos mui poderosos, que, sem largarem seus Reinos e Estados, viveram e acabaram com grande virtude.

Porque é mui proprio em Deus não querer que a virtude impida a administração do officio. Pois não seria justo a um Rei, que vivesse como um Anacoreta, como vos mostrarei nos exemplos seguintes.

De certo Ermitão de boa vida se conta, que querendo saber de Deus, quem naquelle tempo o igualava na virtude, lhe foi revelado, que o Imperador Theodosio, posto que estava na maior grandeza do mundo no seu Imperio: porque com toda a Sua Magestade lhe não era inferior nas boas obras. E indo o Ermitão ao Reino do Imperador, e fallando com elle, depois de lhe dizer o motivo, que o persuadira a fazer aquelle exame, lhe disse o Imperador a observancia de sua vida: de que ficou admirado o Ermitão, por ver a uma Magestade tão superior com uma vida tão ajustada.

E não é menos para admirar e louvar a grandeza de Deus, em fazer que houvesse um S. Luiz, Rei de França, que pelas relevantes virtudes, tão vistas e manifestas, chegou a ser Canonizado: nascendo, vivendo, e reinando no seu mesmo Reino, e governando a seus Vassallos, onde acabou a vida sem renunciar o seu Estado.

No nosso primeiro Rei de Portugal D. Affonso Henriques se pôde ver o muito que obrou em toda a sua vida, com tão grandes exemplos de virtude, que chegou a ter o merecimento de lhe apparecer Christo Senhor nosso visivelmente: e por isso tão feliz, como victorioso contra a nação Ottomana, vencendo-os, e destruindo-os, pelo grande valor, com que Deus sempre o favoreceu. Deu este famoso Rei principio ás glorias da nossa dilatada Monarchia, vivendo, e reinando no seu mesmo Reino, onde acabou com grande opinião de conhecida virtude. O que se comprova pelos muitos milagres, que tem feito depois de morto: e basta que ainda hoje se conservem as prendas de seu valor no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra em grande veneração, como são a espada e escudo com que pelejava pela Fé contra os Mouros e a sobrepelliz com que rezava no Coro em companhia dos mais Religiosos. Grande credito, e assombro de todos os Principes, e Monarchas do mundo!

E deixando por agora outras muitas e evidentes provas da sua grande virtude, referirei sómente o caso, que succedeu na noite seguinte ao dia, em que El-Rei D. João I ganhou a Cidade de Ceuta aos Mouros. Appareceu armado o nosso Rei D. Affonso Henriques no Côro daquelle Convento, em que está sepultado aos Religiosos; havendo passado duzentos e trinta annos depois da sua morte: e lhes disse que, por Divina disposição de Deus, elle e seu filho o Rei D. Sancho haviam soccorrido a seus vassallos naquelle conflicto. Vejam agora os Senhores Reis de Portugal e seus vassallos, se pôdem ter receio de conseguirem suas victorias tendo tão grande Defensor, e fazendo elles da sua parte o que devem por agradar a Deus.

E não será para menor gloria da Nação Portugueza, a preclara virtude da nossa Rainha Santa Isabel, a qual como luzent tocha, nas sombras da noite de tantos trabalhos, em que se vi

O PEREGRINO DA AMERICA

Portugal, resplandeceu com tanta luz que, rebatendo os impetos do Inferno, alhanou, e pôs em paz todas as discordias, que havia entre seu marido e filho, com as quaes o inimigo pretendia perturbar aquella Monarchia, tão invejada de todas as Nações do mundo. E finalmente mereceu ser canonizada por Santa, como todos o sabem.

Affonso I, Rei de Leão, chamado o Catholico, pelas suas grandes obras, e virtudes, succedeu a Favila seu cunhado, estendendo o Reino dos Christãos pelas Asturias, Castella a Velha, e Biscaya: e acabou com plausivel gloria, assim em armas, como em virtudes. Foi coroado o seu sepulcro com as vozes dos Anjos, chamando-lhe Justo: e com razão, por haver sido o Defensor da patria, perseguindo, e extirpando ao Arrianismo.

Não foi menor o zelo, com que procedeu em grandes virtudes El-Rei Henrique III de Castella, chamado o Enfermo: o qual, por suas esclarecidas virtudes, teve a gloria de acabar com grande opinião de santidade. Costumava dizer este Monarcha, que mais temia as maldições do povo, que as armas dos inimigos.

A Imperatriz Dona Maria, filha, nora, mulher e mãe de cinco Imperadores (gloria, que até agora se não sabe que outra mulher haja conseguido) obrou tão relevantes actos de virtude, que pudera servir de exemplo ás mais Imperatrizes e Rainhas; e ainda a todas as Matronas do mundo. E para coroar seu ditoso fim, se mandou sepultar no Convento das Descalças, que ella havia fundado em Madrid; deixando a todas uma grande opinião de virtudes, pelas que havia exercitado em sua vida.

E verdadeiramente me parece, que não ha cousa, de que Deus mais se agrade, e os Catholicos se edificuem, que de verem aos Principes devotos, e bem inclinados á veneração, que devem a Deus.

De Philippe IV, Rei de Castella, que de idade de dezeseis annos entrou no Governo do seu Reino, se refere um caso digno de memoria: e é, que a primeira vez que sahiu fóra depois de coroado, encontrando com o Santissimo Sacramento, que levavam a um enfermo, deixou a carroça, e reverenciando a Deus, o foi acompanhando com summa devoção, até o tornar á igreja, (1) dei-

xando soccorrido ao enfermo, por ser necessitado. Acção verdadeiramente digna de ser louvada em um Principe Catholico.

E que direi eu dos Principes e Reis do nosso Reino de Portugal, e do seu grande zelo, e heroicas obras de virtude, que fizeram, e estão obrando; por serem Christianissimos, fervorosos, e diligentes, augmentadores do culto Divino, defensores da Igreja de Roma, e por isso sempre favorecidos dos Summos Pontifices com singulares graças, e indulgencias; e não menos por haverem sempre estendido a Fé de Christo, ainda pelas mais remotas partes do mundo: e com mui inteira observancia da Religião Catholica, sem a minima nota, nem discrepancia da Fé.

Basta para credito dos nossos Serenissimos Reis de Portugal, o que disse o Summo Pontifice. No tempo do Senhor Rei D. João IV, de gloriosa memoria, succedendo haver guerras entre Portugal e Castella, e por isso achando-se o nosso Reino tão falto de Bispos, pelos Summos Pontifices lhes não quererem conceder as Bullas, (2) na consideração de que não tinha sido justa a liberdade de Portugal, como depois por evidente verdade se comprovou; houve quem por acção pia disse ao Papa, que então governava a Igreja de Deus: Que olhasse não se offendesse Portugal de tanto aperto. Respondeu o Papa: Eu bem sei porque cordel puxo. Porque estava bem no cabal conhecimento de que nos Principes e Reis de Portugal nunca houvera rebeldia contra o Pastor dado por Deus. Porque o de que fazem maior apreço e alarde de sua Excelsa Magestade os Reis de Portugal, é o timbre de serem obedientissimos ao Vigario de Christo na terra.

Porém não é muito que assim sejam, quando foi tão esclarecido seu principio, procedendo do Senhor Conde D. Henrique: daquelle Principe, digo, adornado de tantas prendas, e descendente dos maiores Monarchas do mundo; como se póde ver na sua Chronica, e estão ainda hoje publicando suas obras, e grande esforço, e valor. Este não só destruiu aos Mouros na sua Provincia, ou Condado, então, e agora dilatado Reino de Portugal; mas tambem se foi offerecer a maiores riscos e perigos na Conquista da Terra Santa, onde obrou com ardente zelo do amor de Deus esclarecidas façanhas. E depois de effectuado o seu intento, indo-se

O PEREGRINO DA AMERICA

despedir o nosso valoroso Conde do Rei Godofredo de Jerusalém, vendo o Rei que lhe não quiz acceitar nada dos despojos da guerra, do que lhe offerecia, em remuneração do muito que tinha obrado, lhe fez offerta das maiores prendas do mundo, que se haviam restaurado naquella Conquista, e foram as Reliquias santas: as quaes o nosso Conde acceitou, e prezou mais que muitos milhões; por serem o ferro da lança, com que se abriu o lado de Christo Senhor nosso; parte da Corôa de espinhos; um pedaço do Santo Lenho da Vera Cruz; uma sapatinha da Virgem Nossa Senhora; e uma touca de Santa Maria Magdalena: admiraveis e estupendas prendas, para serem prezadas dos corações dos Principes Portuguezes. E com estes tão illustres despojos, se retirou bem pago do seu triumpho; tendo por venturoso acerto todos os desvelos que padeceu, a troco da gloria que alcançou, para braço, e timbre dos Estandartes de seus Exercitos. E por isso prevaleceu a sua Real descendencia, até o tempo que por nossos peccados fomos sujeitos aos Reis de Castella.

Porém Deus, acudindo com sua palavra, nos deu a Restauração do nosso Rei D. João IV, de gloriosa memoria, descendente do mesmo tronco: no qual se viram todas as partes, que se podiam desejar, e achar em um Principe Politico, e Christão; por ter um animo valoroso, e concorrerem nelle, além das mais virtudes, a Verdade, a Justiça, e a Liberalidade, attributos, que fazem a um Monarcha excelso, e soberano. E para nos mostrar Deus com mais evidencia a sua santa vontade, e que se pagava de que aquelle Reino tornasse á sua liberdade por aquelle Monarcha, despregou o braço direito da Cruz, para o abençoar, no dia que lhe foi render as graças da sua aclamação (3). E em outra occasião o livrou de seus inimigos, como se viu, indo na Procissão de Corpus Christi (4); além de outros muitos prodigios, e assombrosos milagres, que em seu favor fez. E por isso foi tão alluminado este grande Rei pela Divina Sabedoria, que soube ensinar a doutos, reprehender a sabios, e castigar a soberbos. Foi um segundo David: porque entre tantos perigos, e continuas guerras, nunca deixou de louvar a Deus, compondo hymnos ao Divino em solfa, por ser mui insigne musico, (5) e por isso mui inclinado ao culto Divino. Reinou poderoso,

viveu Christão, acabou triunfando de seus inimigos: deixando o seu Reino com forças mui duplicadas, para se poder defender e com tão soberanos Principes, como filhos de um Rei tão ajustado ás leis Divinas.

Até que viemos a gozar a gloria de sermos governados por aquelle invicto Monarcha D. Pedro II no nome, e primeiro nas virtudes; tão pio, como Pai de seus Vassallos, e sempre saudado dos Lusitanos: por ser conservador da paz, e guerreiro acerrimo contra o dragão infernal. Porque verdadeiramente nenhum dos Reis passados fez mais amplificar e estender a Fé Catholica por todas as partes do mundo, que aquelle nosso Monarcha.

Digam-no os habitadores da India: publiquem-no os moradores do Brasil: contem-no os assistentes de Angola: manifestem-no os residentes das Ilhas: confessem-no os doentes de Cabo Verde agradeçam-no os enfermos de S. Thomé. E enfim, todos os naturaes do nosso Reino de Portugal, com repetidas demonstrações de agradecimento, estão dizendo que nunca foram mais cordialmente tratados com repetidos favores, e graças espirituaes, quando em vida deste grande Monarcha: já com assistencias de Missionarios: já com Operarios do Santo Evangelho; como tambem procurando-lhes os meios do bem espiritual, a troco do grand dispendio da sua Real fazenda, para sustento das Casas, e Hospicios, que por varias partes do mundo mandou edificar. Foi tão amigo da Virtude, que o ponto estava em saber que houvesse algum bem inclinado, para logo ser da sua liberal mão favorecido. Porque nunca soube dizer: Não, ao que se lhe pedia em favor da necessidade; nem negar cousa de piedade, em serviço de Deus. Motivo, porque dizendo-se-lhe em certa occasião, que muitos pobres com capa de virtude faziam seu negocio, respondeu: que antequeria ser enganado por um hypocrita, que lisongeadado por um perverso.

E como Deus sempre pôs os olhos de sua Divina misericordia nesta Monarchia, deu por Esposa a este Rei tão pio a nossa sempre memoravel Rainha D. Maria Sofia, aquelle claro espelho de virtudes, (6) e do solar tão condigno de estimações; de cujo tronco se transplantou aquelle fecundo ramo para o nosso Reino de Por

tugal, que de Reaes fructos sazoados nos deixou satisfeitos nas posses das esperanças de não mendigarmos Successores para a nossa Monarchia. E com muita razão o podemos assim esperar, fiados naquella palavra de Deus dada a El-Rei D. Affonso Henriques, quando lhe prometteu que nelle e na sua descendencia estabeleceriam o seu Imperio. (7)

Foi esta Preclara Rainha em suas excellentes virtudes um prototypo de todas as perfeições, pelo que então se viu, e ainda hoje está publicando a fama por todo o mundo, aonde chegou o remontado echo de suas relevantes acções. Digam os Templos e Hospitaes de Lisbôa o quanto os enriqueceu com paramentos, e custosas rendas, e assistencias de suas Reaes visitas: respondam os pobres o quanto foram favorecidos e remediados com suas esmolas: publiquem enfim as viuvras e orphãos o quanto a todos amparou: sendo um vivo retrato de todas as virtudes espirituaes e moraes; dando exemplo a seus Vassallos, e educação a seus Reaes filhos. Lembra-me que ouvi contar, que certo Religioso de muita virtude e autoridade lhe disse em uma occasião: porque tanto opprimia aos nossos Principes em tão tenra idade? Respondeu: Crio-os com esta doutrina, para castigar Hereges, e governar Christãos. Dito, e documento, que em laminas de ouro se devia escrever nas portas de todos os Palacios dos Principes, e Monarchas Catholicos do mundo. Mas para que me canso em pretender publicar os innumeraveis prodigios, e obras de virtude, que fez esta nossa Rainha, sempre digna de memoria; quando só o silencio os póde explicar, e nunca encarecer.

E porque me não é possível individualmente fazer digressão especial dos feitos heroicos de todos os Principes e Fidalgos deste Reino, e das grandes obras de virtudes, com que têm procedido, contento-me com vos dizer, que houve Principe, que antes quiz dar a vida pela Fé de Christo, que consentir que se entregassem as Praças, que lhe haviam custado o seu sangue, e de seus Vassallos; e por não chegarem a ser profanados os Sagrados Templos pelos inimigos de nossa Santa Fé: como succedeu ao Senhor Infante D. Fernando.

Fidalgo houve, que chegou a tal extremo o seu valor, que

não só desprezou a vida nas mãos de seus inimigos pela fidelidade do seu Rei; senão ainda no maior risco, e conflicto, mandou a seu filho, que ainda que alli o visse fazer pedaços, (como logo se deu á execução) não desistisse da defesa do Castello, em que estava. Isto se viu em D. Nuno Gonçalves, Capitão do Castello de Faria.

E não foi menos para se louvar o zelo de D. João de Castro na India, que chegou a empenhar os cabellos de sua propria barba, por não perigar a Fé de Christo, nem serem ultrajados com menosprezo os Templos sagrados, que se tinham edificado nas Praças, que havia ganhado á custa de seu grande valor para o seu Rei.

Não deixarei de publicar o invencível esforço daquelle Heróe Portuguez D. Nuno Alvarés Pereira, Condestavel do Reino de Portugal, debaixo de cujas bandeiras se alistava o triumpho, e militava a fortuna.

Este, ainda na guerra, não perdia tempo de se mostrar verdadeiro Soldado da milicia de Christo: insinuando-nos, que assim como a cautela importa á vida, assim tambem a virtude conduz á salvação, sendo no mesmo tempo Hercules nas forças, e Elias na Oração. Foi tão pio, que chegou a barrer os Templos de Deus, pelos achar sujos dos cavallos dos inimigos na occasião da guerra: motivo, porque todos os seus Soldados, vendo tão grande exemplo, o imitavam; e na confiança de seu valor desestimavam os perigos, e appeteciam o trabalho da guerra. E por isso não havia empreza, que para elle fosse difficultosa; nem para os inimigos lugar seguro, por interior e apartado que estivesse em suas fronteiras. Acabou este famoso Heróe a vida Religioso de nossa Senhora do Monte do Carmo no seu grande Convento de Lisboa, (8) com opinião de grande virtude, como notoriamente se sabe.

Demais que, para prova do que vos digo, ricos são os Eminentissimos Cardeaes, e os Illustrissimos Arcebispos e Bispos: os quaes nem por andarem vestidos de purpura, e com autorizado apparatus de Pontifices, deixaram de fazer grandes obras de virtude, pelas quaes conhecidamente chegaram muitos a ser Santos. E assim, bem póde um ser rico, e grande Fidalgo, e andar bem vestido no exterior, (porém sem nota do desvanecimento) e sei

no interior um Santo. Porque Deus não se paga das apparencias; porém sim das realidades.

Muito folguei de vos ter ouvido (me disse o Ancião) a relação, que tendes feito como tão antigos e modernos exemplos, por virem tanto a proposito de vosso intento. Porém pergunto: Se o ouro é tão prejudicial aos homens, como permite Deus que seja manifesto ás creaturas?

Haveis de saber (lhe disse eu) que o ouro per si é um metal mui nobre, e perfeito, e por isso de muita estimação e valor, por ser gerado dos Astros e do calor do Sol; e por essa razão, tão alegre á vista, como agradável ao coração. Este, posto na mão e poder de um homem Christão, pio, virtuoso, e esmoler, fica realçando mais; porque se vê resplandecer nas igrejas, luzir nos Altares, vestindo aos nús, sustentando aos pobres, e prestando aos necessitados. Porém, se dá em mão e poder de um máo Christão, ambicioso, avarento e vicioso, é o mesmo que uma espada nas mãos de um louco furioso. E para que melhor me entendais, vos quero mostrar os effeitos do ouro por um exemplo, e talvez que com novidade, segundo o que me parece.

É a Philosophia uma das Sciencias, de que se faz maior estimação e apreço, por ser porta de todas as faculdades. Esta sabida por um Gentio, ficará grande Philosopho; porém grande Idolatra. Aprendida por um Cismatico, ficará grande Mestre em Artes; porém grande Apostata. Ensinada a um Calvinista, ou Lutherano, ficarão grandes Bachareis; porém grandes Hereges. Estudada e praticada por um Catholico Christão, ficará perfeito Licenciado, e com licença para poder fallar, realçando com maior lustre de saber, aproveitando-se a si, e a todos: porque com ella colhe o verdadeiro fructo das Escrituras, com que se aproveita; e os reparte pelos mais com liberal graça do Espirito Santo, enchendo-os dos bens espirituaes. E reparai, que sendo a Sciencia uma só, e talvez aprendida de um só Mestre, toma os effeitos, segundo os sujeitos, em que se acha.

Assim tambem o ouro, e os cabedaes: nas mãos, e poder de um avarento, será rico sim; porém mais miseravel: nas mãos de um vicioso, será bem visto de alguns; porém aborrecido de mui-

tos: em poder do insolente com presumpções de soberbo, será flameante, e luzente; porém abrasará como fogo. Mas se o ouro e as riquezas se acharem nas mãos e poder de um bom Christão, serão para todos de proveito, tanto para quem as possui, como para os mais, com quem as repartir. E reparai, que sendo só de uma mesma especie este metal, toma os effeitos das pessoas, em cujo poder se acha.

Finalmente, se alguns destes ricos dão em serem miseraveis, e avarentos, succede-lhes o mesmo que ao animal immundo, ao qual engenhosamente os comparou um discreto. E se não, vêde se ha cousa mais propria, e semelhante. O Cevado, em quanto vivo, para nenhuma cousa serve; e só trata de comer, e engordar: o que se não acha nos outros animaes, como largamente tratam varios Autores, e com especialidade Jeronymo Cortez no seu Tratado dos Animaes, assim domesticos, como sylvestres, e ainda volateis. Porque vemos, que o Boi trabalha, o Cavallo carrega, o Carneiro dá lã, a Cabra dá leite, o Cão caça, o Gato alimpa a casa: e finalmente não ha animal, que não tenha seu ministerio. Porém o Cevado, só depois de morto se aproveitam delle: come-se-lhe a carne, guarda-se-lhe a banha, apanha-se-lhe o sangue, não se lhe perdem os miúdos, e finalmente tudo se lhe aproveita. Assim tambem o rico avarento: em quanto vivo, para nada vale; tanto que morre, para todos serve. Aparece o dinheiro, que tinha escondido, e talvez pelo ter furtado: come o parente, aproveita-se o testamenteiro, pagam-se os Clerigos, remedeam-se os pobres, satisfaz-se aos que trabalharam no Funeral: e emfim todos se aproveitam, porque em sua vida a ninguem prestou.

Podiam estes cegos e ambiciosos das riquezas tirar grandes lucros, e conveniencias de se poderem aproveitar, fazendo-se desprezeiros de Deus, socorrendo aos pobres, desprezando o superfluo, e abraçando a virtude. Porque diz Seneca, que grande é aquelle, que com a riqueza se faz pobre. E só assim se poderão possuir os bens do mundo, tendo dominio nelles, não se deixando vencer de sua vangloria, que tanto anhelam os cegos deste vicio; e por fim muitas vezes entregam tudo aos ausentes, ficando de presente a sua alma sem uma Missa.

O PEREGRINO DA AMERICA

Finalmente, de tudo o que tenho dito se colhe o quanto se deve fugir do vicio da avareza, pelos grandes males, que traz consigo tanto para o corpo, como para a alma; e o pouco caso, que devemos fazer dos bens temporaes; pois tanto nos impedem para gozarmos os bens do Céu. E assim havemos de considerar, que todos somos nesta vida peregrinos, e que não convém carregar muito; antes devemos repartir do que tivermos pelos companheiros, para ficarmos mais livres, e desembaraçados para caminharmos para o Céu, onde só poderemos descansar, como em Patria, para onde fomos creados. E agora conhecereis se tive razão para vos dizer, que não foram os interesses do ouro o motivo, que me persuadia a conseguir aquella tão longa jornada.

NOTAS AO CAPITULO III

(1) O pio costume espanhol de acompanhar a principal autoridade o Santissimo Sacramento inclúe-se tambem nas tradições portuguezas. Passou ao Brasil. Em Recife foi deposto o governador Jerónimo de Mendonça Furtado, o "Xumbergas" — na noite de 30 para 31 de Agosto de 1666 — mediante um plano engenhoso. Simularam os conjurados que um doente necessitava do Viatico Eucaristico, que era de praxe o governador acompanhar, "segundo o costume dos portuguezes, da mais alta qualidade, escreveu Souchu de Rennefort"; e após a precissão em horas mortas detiveram o potentado... (Rodolfo Garcia, art. in *Revista do Brasil*, n. 1, p. 29, Julho de 1938). De Olinda, escreveu D. Diogo de Menezes em 12 de Julho de 1608: "...Um dia destes sendo necessario levar o Sacramento a um doente e ir sem palio, vendo o capitão môr e o ouvidor geral o desacerto mandaram buscar o palio da Camara e em ele acompanharam o Santo Sacramento" (*Anais da Biblioteca Nacional*, LVII, 36, Rio, 1939.)

(2) Segundo Fortunato de Almeida, ao recusar Urbano VIII confirmar os bispos apresentados por D. João IV "em toda a India havia um só prelado. que era o arcebispo de Gôa; igualmente se encontravam sem bispos a diocese de Angra e oito dioceses de Portugal". (*Hist. da Igreja em Portugal*, III, parte 2ª, p. 72). A Santa Sé reconheceu a Restauração portuguesa depois da Espanha: sómente em 1670, no pontificado de Clemente X. Baldaram-se os esforços de varios diplomatas (como D. Francisco Manuel de Melo e Francisco de Souza Coutinho) para obter do Papa a suspirada aprovação. (Vd. Eduardo Brazão, *A Restauração, Relações Diplomaticas de Portugal de 1640 1668*, p. 278 e segs., Lisboa, 1939). O ultimo bispo do Brasil sagrado no regime castelhano foi D. Pedro da Silva (1634-1649). E o primeiro da nova epoca: D. Estevão dos Santos, confirmado pela bula de 11 de Maio de 1670 (Rodolfo Garcia, nota á *Historia Geral do Brasil*, de Porto Seguro, V, 377).

(3) A Restauração de Portugal foi desde o inicio reputada milagrosa, a conferir com as profecias, numa realização pontual das "prometidas esperan-

NUNO MARQUES PEREIRA

ças", que durante os sessenta anos de domínio espanhol alimentaram o "sebastianismo" patriótico. Os padres no pulpito, os doutores nos livros, os místicos por toda parte, anunciaram fartamente a coincidência da aclamação do duque de Bragança com as visões, os preconcios, os "sinais de predestinação", as "santas certezas", que o impeliram para a libertação do reino. O nosso Antonio Vieira deixou esclarecido no sermão do Ano Novo de 1642 em Lisbõa que o Encoberto e D. João IV eram a mesma pessoa. O jesuíta P. João de Vasconcellos com o pseudônimo de D. Gregorio de Almeida nos deu um tratado: "*Restauração de Portugal Prodígiosa*" (nova estampa por Damião Peres, Barcelos, 1939). Gonçalo Annes de Bandarra, sapateiro de Trancoso, cujas trovas proféticas tinham grande autoridade (foram impressas em Nantes em 1644), entrava nos debates ao lado de Esdras, S. Bernardo e S. Frei Gil de Santarém...

Entre os fatos memoráveis de 1 de Dezembro de 1640 capitularam os contemporâneos o do préstito do arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, quando, de cruz alçada, se dirigiu da Sé para a casa da Camara a apoiar os restauradores. Viu o povo, comovido, que um dos braços de Jesus se desprendera — e aos gritos proclamou, que era a benção do Senhor a Portugal independente. Entre os azulejos do paço de Almada (edifício que a colonia portuguesa do Brasil acaba de adquirir para oferecê-lo ao Estado, em homenagem ao 4º centenário do advento de D. João IV) um dos mais belos comemora esse acontecimento (Vd. Damião Peres, *História de Portugal*, VI, 17, Barcelos, 1934).

(4) O atentado frustrou-se em 20 de Junho de 1647. Domingos Leite, escrivão da correição do civil, peitado pelo inimigo postou-se numa casa da rua dos Forneiros á espera da procissão de "Corpus Christi": comprometera-se a descarregar uma espingarda sobre D. João IV. Acobardou-se, porém, e não deu ao gatilho, mas novamente instado pelos espanhóis se preparava para repetir a emboscada quando foi preso na Póvoa de S. Martinho. Acabou na forca.

(5) A familia de Bragança notabiliza-se pelo gosto da música. D. João IV, sempre teve por principal distração "ajustar a consonância da solfa", como diz o conde de Ericcira. Num "Memorial" irritado, de 1642, D. João da Costa aludia a esse pendôr que prejudicava devêres mais prementes: "ouço que sentem todos não se inclinar Vossa Majestade muito ao exercicio militar..." Indiferente a tais reparos o Rei compoz boas musicas e habituou a côrte a ouvi-las — tradição seguida por todos os seus sucessores, especialmente D. João V, D. Maria I, D. João VI e, no Brasil, D. Pedro I.

De D. João IV existem numerosas composições, algumas delas excelentes. Ainda ultimamente foram gravados diversos discos com composições sacras do primeiro rei bragantino, entre outras uma melodia *Cruz fidelis*, realmente repleta de inspiração elevada. (Informação de Afonso de Taunay).

(6) A primeira mulher do rei D. Pedro II foi D. Maria Francisca Isabel de Saboia, casada antes com Afonso VI, e cujo divorcio, para aliar-se ao cunhado (que tomou ao irmão mulher e corôa) impressionou profundamente a Europa. As exequias da Rainha tiveram na Bahia um esplendor magnifico: falou, por obediencia ao marquez das Minas, o Padre Antonio Vieira, apesar da "falta de dentes e de voz e todos os outros achaques da velhice..." (Carta de 5 de Agosto de 1684, ao marquez de Gouveia). Sentiu muito o rei a morte da esposa, que o deixára sem herdeiro varão, e arriscado o reino a cair em mãos estrangeiras. O jeito foi casar-se novamente (8 de Dezembro de 1686) e com D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo, filha do Eleitor Palatino

O PEREGRINO DA AMERICA

Felipe Guilherme de Neuburgo. Deu-lhe — em 22 de Outubro de 1689 — o sucessor desejado: D. João V; e mais os infantes D. Francisco (1691-1742), D. Antonio (1695-1757), D. Tereza (1696-1704) e D. Manuel (1697-1736).

(7) Vd. Gregorio de Almeida, *Restauração de Portugal Prodigiosa*, cap. “Da visão que teve El-Rei D. Afonso Enriques e das promessas que o Senhor lhe fez acerca de Portugal”. A visão do fundador da monarquia — comunicada por ele ás Cortes em Coimbra, em 1152 — está celebrada no “ex-voto” junto da vila de Casevel — de que se occupam Frei Bernardo de Brito, Duarte Galvão, e outros cronistas.

(8) As pedras comemorando a doação do Condestabre aos frades do Carmo estão no museu creado nas ruinas da grande igreja conventual de Lisbõa, a meio derrocada pelo terremoto de 1755. (Vd. J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições portuguezas do Museu do Carmo*, p. 115, Lisbõa, 1936).

CAPITULO IV

Trata o Peregrino das grandes excellencias da Pobreza: reprehende aos pobres calaceiros: e declara o muito, que a todos aproveita o fazer esmolas aos Pobres necessitados pelo amor de Deus.

NA verdade vos digo (me disse o Ancião) que se eu fôra senhor de muitos cabedaes, todos desprezaria por seguir vossos dictames. Mas offerece-se-me uma dúvida acerca do vosso pio discurso, que tomara me dereis solução a ella, para ficar mais satisfeito; e vem a ser: Se a Pobreza é tão louvada, e de todos acreditada por virtude, como fogem muitos della?

Respondo: e permitta Deus que acerte, para vos deixar satisfeito. É a Pobreza semelhante á Virtude e Justiça: a Virtude, todos a appetecem, e nella tocam; porém poucos a querem abraçar: e do mesmo modo a Justiça, todos a louvam; ninguém a quer em casa. E a razão disto é, porque a Virtude tocada por fóra, parece aspera; e abraçada, é macia, e regala: a Justiça, vista de perto, offende; porém assentando-se no tribunal da razão, quem a quizer ver, reconhecerá suas excellencias. A Pobreza, vista como parece, mette horror: é o mesmo lutar com ella, que com uma fera: por suppor quem a vê desta sorte, que o priva de todo o socego, expondo-o a todo o trabalho, enchendo-o de toda a miseria.

Porém ouvi entre muitos a um S. Francisco de Assis, perfeito e sonoro clarim da gloria, em louvor desta virtude: o qual não só foi seu imitador venerando-a, mas tambem a vozes sempre invocando-a por Senhora Santa Pobreza. Além de outros muitos

O PEREGRINO DA AMERICA

Santos, que deixando os bens do mundo, só abraçaram esta santa virtude, como se pôde ver das suas vidas.

Mas fallando acerca do modo, com que se pôde haver um homem com esta santa virtude: haveis de saber que a Pobreza é um habito da vontade allumiada do entendimento; e se contenta um homem com só aquillo, que lhe é necessario, e lhe basta, desprezando o superfluo, e desnecessario. Esta é a que professaram, e louvaram os antigos, como virtude moral, que franqueia a porta, por onde se entra ao repouso do espirito. Esta mesma professam todos os estados de pessoas, que fazem particular voto della, como virtude, que abre o caminho para a entrada do repouso eterno. E desta participam tambem todos os ricos, que repartem com Deus, e com seus pobres do que lhes sobra do sustento necessario de seus estados, e dignidades.

Offerece-se aqui outro genero de Pobreza, que per si nem é virtuosa, nem viciosa; porém é occasião de exercicio de virtudes, da constancia, da fortaleza, da paciencia e soffrimento della. Esta se chama casual, ou fortuita: e como não pende do arbitrio dos homens, nem procede de sua negligencia ou frouxidão, não os faz ser culpaveis, antes dignos de comiserção. Nasce do rigor da guerra, do incendio, do naufragio, do roubo, ou de outro qualquer incidente. E desta não ha homem, nem estado seguro.

A pobreza ociosa, e mãe de todos os vicios, é a que procede aos frouxos, timidos, desalentados, vagabundos e mendigos, sem urgente necessidade. Porque tambem importa muito fazer diligencia em procurar por meios licitos o provimento para poder passar a vida. E ainda que muitos remissos, vagabundos, e preguiçosos o atribuem á Fortuna, e os Antigos fabularam com este nome de Fortuna, e lhe levantaram estatuas e templos; com tudo é abuso dizer que ha má, ou boa fortuna; e só devemos considerar que Deus dá a uns por sua divina providencia, e tira aos outros por seus justos decretos.

As sortes, diz Salomão, não dependem da mão do homem, que as tira; senão da vontade de Deus, que as governa. E melhor está a qualquer Christão conformar-se com sua santa vontade; fazendo porém da sua parte acções prudentes por trabalhar: porque tam-

bem é peccado o ser negligente, principalmente nas cousas espirituaes. Porque diz Santo Thomaz, que é virtude ser diligente; e que esta se requer em todas as virtudes. E quando não succeda nos bens temporaes o que queremos e pedimos, entendamos que é para nosso bem, por vias que não alcançamos: porque Deus não só faz mercê, quando dá; senão tambem quando nega. O melhor despacho na vontade dos homens, é: Como pede: no tribunal de Deus muitas vezes é melhor, quando não ha que deferir. Porque Deus tambem concede muitas vezes por peccados, e nega por merecimentos.

Isto se vê em muitos lugares da Sagrada Escriptura, e ainda por experiencia o estamos vendo: e neste caso, e em todos os mais, nos devemos sempre resignar muito na vontade de Deus. Donde aquelle celebre Lavrador, perguntando-se-lhe porque razão seus campos e lavouras davam sempre mais abundantes fructos que os dos seus vizinhos? respondeu: Eu nunca quero outro tempo, senão o que Deus quer; como quero o que Deus quer, dá-me Deus os fructos, como eu quero.

E desta sorte costuma esta santa virtude da Pobreza servir de medianeira para com Deus, vendo que nos accomodamos com a sua santa vontade: e assim nos dá Deus paz e saude neste mundo, com os bens que vê nos são necessarios: e depois vendo a nossa paciencia e resignação, nos dá os bens da gloria. E tambem nos castiga, por ver a pobreza preguiçosa, calaceira, e vagabunda, por não querermos trabalhar. Porque diz S. Paulo: Quem não trabalha, não come. (2. *ad Thes.* cap. 3. v. 10.) Por esta razão se ordenou em Castella, no tempo de El-Rei Philippe II, baixasse um Decreto ou Pragmatica em Madrid em dezeseis de Janeiro de 1597, no qual se constituiu a fórma de como se havia de permittir aos pobres mendigos pedir pelas Villas e Cidades; para excluir a muitos, que viciosamente se occupam neste exercicio de tirar a razão e esmola aos que por doentes a merecem, e por recolhidos padecem, por não poderem andar pedindo pelas portas.

Por esta causa se tem observado em muitos Reinos e Provincias do mundo, para se evitarem muitos, que se fazem mendigos, e folgazões afim de não trabalharem, obrigá-los a estar em varias occupações, por bem da Republica: e aquelles, a quem incumbe o car-

O PEREGRINO DA AMERICA

go de Juizes Ecclesiasticos, e Seculares, por serviço de Deus, e bem commum, acodem a fazer exame, para que nenhum ande ocioso, tendo saude, e forças para trabalhar, nem viva com máo exemplo, e escandalo, roubando com enganos e vicios a esmola dos verdadeiros pobres. Funda-se esta razão na geral queixa, que frequentemente se ouve em varias partes, dos muitos, que pelo costume e calaçaria de pedir, deixam de trabalhar podendo. Porque lá diz aquella sentença :

Atalhar a que não peça
Quem mendiga com malicia,
É administrar justiça.

Declaro porém, e digo, que não é meu intento neste discurso encontrar, nem dissuadir que se dêem esmolas aos verdadeiros pobres; porque não seria acerto intrometter-se alguém (excepto aquelles, a quem incumbe) em examinar aos pobres, que lhe pedirem esmolas: mas antes cada um entenda, que é justo dá-la a quem a pedir pelo amor de Deus. Porque se soubessem os homens o quanto obram pelo bem, que fazem de dar esmolas, não só as dariam aos que lh'as pedem em suas casas; mas tambem andariam buscando pelas ruas a quem as dar, para terem este grande merecimento.

Diz S. Basilio em uma Homilia: Se tiveres dous pães, e chegar um pobre á tua porta, toma um, e dá-lh'o pelo amor de Deus; e levanta as mãos para o Céu, e dize estas palavras: Senhor, este pão dou por vosso amor, com perigo meu: mas eu estimo em mais vosso mandamento, que meu proveito; e deste pouco que tenho, dou um pão ao que o ha mister.

Varios, e infinitos são os bens, que resultam aos que costumam fazer esmolas, e obras de misericordia: como tambem muitas são as promessas, com que Deus se obriga a remunerar a quem faz obras de caridade aos pobres. Porque, sendo seus attributos iguaes, faz alarde de sua misericordia. Elle mesmo diz por S. Lucas: Sêde misericordiosos, assim como vosso Pai é misericordioso. (*Luc. cap. 6. v. 36.*) E tambem promete por S. Matheus: Bemaventurados os misericordiosos: porque elles alcançarão misericordia. (*Matth.*

NUNO MARQUES PEREIRA

cap. 5. v. 7) E á vista de tão grandes favores, e promessas, não haverá quem confiadamente não dê um, para cobrar um cento: porque este mesmo Senhor promette dar cento por um.

Estes são os verdadeiros bens, que póde cada um levar comsigo; porque passam com a alma á outra vida, onde ainda os Monarchas e Principes do mundo se acham sós, e desamparados de toda a companhia; e só se acham com as suas obras boas. Aos quaes aconselharia eu, que dessem parte das suas fazendas á sua alma, e não toda ao seu corpo, e a seus filhos, que logo os deixarão, e se não lembrarão delles jamais: e que se houvessem de gastar cada dia comsigo vinte, gastem quatro com as suas almas. Porque, se o guardarem na terra, poderá ter descaminho: e se o repartirem com os pobres, o enthesourarão no Céu, onde o terão bem guardado. Loucura é mui grande (diz S. João Chrysostomo) deixar teus bens em lugar, donde has de sahir; podendo levá-los para onde sempre has de viver. Faze esmolas aos pobres, que te passarão a tua fazenda para as Indias dos Céus. Não me lembro (diz S. Jeronymo escrevendo a Neoposiano) haver lido que morresse de má morte o que de boa vontade se exercitava em obras de misericordia: porque tem estes taes muitos, que intercedam, e roguem a Deus por elles; nem é possível que não sejam ouvidos. Por esta razão devem os ricos ser mui caritativos, e compassivos para com os pobres; e quando lhes não dêem esmolas, ao menos lhes não devem dar más respostas, com que os façam ir desconsolados; para não offenderem a Deus, que tanto se paga das obras de caridade feitas aos pobres.

A este respeito vos quero contar o que me succedeu com um pobre mendigo, que se estava queixando de uma desabrida resposta, que lhe dera um rico por lhe pedir uma esmola; e por esta causa estava mui triste, e affligido. Vendo-o naquelle estado, lhe disse: Pedi confiadamente, Irmão pobre, e não vos envergonheis de pedir aquillo, que se vos deve: porque maior razão tem o rico para se envergonhar de vos negar a esmola, do que vós em lh'a pedir; pois vos nega aquillo que Deus lhe deu ou emprestou para repartir comvosco. E se elle vos disser que lhe tem custado muito a ganhar, e adquirir o que possui, dizei-lhe que muito mais custou a Christo nosso Senhor o remir-nos, para nos dar o Céu de graça. E se vos

O PEREGRINO DA AMERICA

parece encarecimento este meu dizer, reparai, quando vos responde um rico á vossa petição, dizer-vos que lhe perdoeis pelo amor de Deus: e desta resposta tirai a inferencia, e vereis que quem pede perdão mostra-se em parte devedor a seu credor, e de alguma sorte se considera obrigado. Tudo isto lhe disse eu, porque o vi triste, e desconsolado, da má resposta, que lhe havia dado aquelle rico avarento. Porque havemos de suppor, que o pobre representa a Pessoa de Christo Senhor nosso; como se tem visto, e consta de varios prodigios, em que nos quiz mostrar Deus o quanto se paga de nos ver esmoleres para com os pobres.

E é tanto divida o dar esmola ao necessitado, que ainda no estado Ecclesiastico, quem come renda da Igreja, está obrigado a socorrer aos pobres. A isto me disse o Ancião: Bem aviados estão alguns Parochos, que eu conheço, que nem ao pensamento lhes vêm o darem esmolos aos pobres, na consideração de que muito fazem em lhes darem o pasto espiritual. Nesse particular, Senhor, (lhe disse eu) me não metto a aconselhar; porque no dia do Juizo se verá o premio, que a todos ha de dar o rectissimo Juiz conforme seu merecimento: elles têm Livros, e são doutos, saberão a razão dessa razão. (Se é que ha algum, que deixe de o fazer: porque ainda assim eu me não persuado que deixem de observar a obrigação do seu estado.)

Já que estamos em materia de caridade, tomára saber (me disse o Ancião) se o emprestar a quem tem necessidade, é tambem obra de caridade, e meritoria? Respondo: (lhe disse eu) E com uma circumstancia, que pode ser o emprestimo em tal occasião, e a pessoa que esteja em tanta necessidade, que tenha o mesmo merecimento (se não for maior) que a propria esmola. E se não, vêde. A esmola, já sabeis que se faz pelo amor de Deus ao proximo, e que podeis dar o que quizeres. Porém, quando fazeis o emprestimo, dais, e emprestais pelo amor do proximo mais do que quereis. Porque aqui se entende o preceito da Lei de Deus, quando nos obriga a amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos. Este, quando vos pede emprestado, o faz com grande necessidade: e quem acode ao seu proximo em grande necessidade, tambem ama a Deus, e obra caritativamente; e de tal sorte,

que não só dá o que quer, senão muito mais; porque dá o que se lhe pede. E se á esmola repugna a natureza dar voluntariamente do que tem, esta obra do emprestimo faz maior força, por dar, ou emprestar mais do que quer. E assim, que tanto tem de maior repugnancia, quanto cresce mais o merecimento. Porque verdadeiramente, tomado em rigor, quem pede emprestado, é porque não tem valor para pedir, sem tornar a restituir a importancia do que pediu; e muitas vezes com maior necessidade que o pobre mendigo. E por isso diz Santo Agostinho, no seu Tratado da Misericordia de Deus, que bom é dar esmola a quem a pede; mas dá-la a quem a não pede, é melhor: porque não é perfeita a caridade, que a poder de rogos se alcança. E nestas palavras nos está insinuando o Santo, que quem pede emprestado, não pede esmola; porém sim tem grande necessidade. E como o bem e fructo da esmola assenta no soccorro da necessidade: logo dando-se a quem pede emprestado com necessidade, tambem se faz grande obra de caridade, constando ser precisa, e necessaria.

Tendes definido o vosso discurso, (me disse o Ancião) e provado o vosso conceito com autoridade de Santo Agostinho, que se não pôde duvidar. E assim podeis continuar o mais, que vos resta acerca do vosso intento.

O maior encarecimento (lhe disse eu) das obras de misericordia, e do singular merecimento diante de Deus, para os que dão esmola aos pobres, é que no dia do Juizo, calando-se todas as mais virtudes, só pelas obras de misericordia seremos sentenciados: os que as observaram, com o premio da gloria; e castigados os miseros com a pena eterna do inferno. Finalmente, só por não ouvirmos contra nós aquella formidavel e horrenda sentença, que ha de dar no dia do Juizo aquelle rectissimo Juiz Jesus Christo Senhor nosso, tão irrevogavel, como merecida, dizendo: Ide malditos e desaventurados ao fogo eterno; porque tive fome, e não me destes de comer: tive sêde, e não me destes de beber; deviamos ser caritativos. E desta sorte me parece que tenho satisfeito á pergunta, que me fizestes acerca de ser a Pobreza de todos louvada, e de muitos aborrecida. Perdoai-me, se não tenho dado a solução á vossa proposição, tão coherente, como desejaveis.

O PEREGRINO DA AMERICA

Senhor, (me disse o Ancião) nunca me enganei comvosco, desde que vos ouvi referir os progressos da vossa peregrinação. De tal sorte me tendes satisfeito, que permitta Deus que sirvam, a todos os que vos ouvirem, de regra e norma, para poderem observar vossos documentos; por estes serem fundados em tão solidas verdades, que não poderá haver nellas dúvida, nem a minima discrepancia. O que vos peço agora, é que continueis a narração de vossa historia: porém assentemos que vos não haveis de offender, se vos perguntar alguma cousa, ainda que seja cortando os fios de vossa narração. Supposto, Senhor, (lhe disse eu) que seja a pergunta filha da ignorancia, nunca poderei suppor esta em vós, além do muito que vou colhendo de vossos reparos, e discreta conversação.

CAPITULO V

Dá principio o Peregrino á Relação da sua jornada para as Minas do Ouro: trata das excellencias da Missa: e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manoel da Ressurreição, por estar sepultado na igreja de Belém, onde o Peregrino então se achava.

COM effeito me embarquei, e chegando ao porto da Villa da Cachoeira, (1) já quando as sombras da noite embargavam a luz do dia; por não ter conhecimento em terra, me deixei ficar na embarcação. E antes que de todo o Sol com seus rutilantes raios usurpasse o verdor das plantas, e adustasse a terra com seu calor, me puz a caminho, seguindo minha derrota, sem mais comboi, que um cajado, alforjes, e uma cabaca de agua. E depois de ter passado a Villa, sem que seus habitadores me dessem os alegres dias, comecei a ir descobrindo copados arvoredos, fragrantés flores, espaçoso prado, todo coberto de fino argento, em fórma de perolas, com que a rica Aurora sem dispendio o enriquecia, para lhe communicar a vida no fresco orvalho, em que se convertia. E logo começaram os passarinhos a festejar a alegre manhã, com tão sonora harmonia, e canto de suas vozes, que podiam competir com o melhor contraponto que a arte pôde inventar.

ROMANCE

LÁ cantava o Sabiá,
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que ás mais aves despertou.

O PEREGRINO DA AMERICA

A este tempo se ouvia
Num raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua côr,
Deu taes passos de garganta,
Que a todos os admirou.

Ao encontro lhe sahiu,
Passarinho bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sahir o Sol.

De picado o Sanhassú,
Tão alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foi por numeros da Solfa,
Com mil requebros na voz.

A linda Guarinhatã,
Chochorriando, compôs
Um solo bem afinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz,
Pelos seus metros canoros
Cantava ut, ré, mi, fá, sol.

NUNO MARQUES PEREIRA

A Carricinha cantando,
Tanto seu tiple afinou,
Que nas clausulas da Solfa
Se não viu cousa melhor.

E logo por esses ares
Remontado o Beija-flor,
Tocando ia nas azas
Com donaire um bello som.

O valente Picapáu,
De um páu fez o tambor,
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo Sol.

Despertando o Pitauã
Com impulsos de rigor,
Disse logo: Bem te vi,
Deste lugar em que estou.

O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Curuginha cantando,
Parecia um Rouxinol;
E sempre tão entoado,
Que nunca desafinou.

As Andorinhas no ar,
Com donaire, e com primor,
Fizeram um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O PEREGRINO DA AMERICA

O lindo Cucurutado,
Com bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do Real Côro do Sol.

O pintado Pintasilgo
Da Solfa Compositor,
Endechas fez, e um Romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuãs,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavam
Cada qual com bello som.

Sahiu de ponto a dançar
A Lavandeira, e mostrou
Era tão destra na dança,
Que pés na terra não pôs.

A formosa Juruty
No bico trouxe uma flôr,
E com tão custosa gala,
Que as tenções arrebatou.

Sahiu de branco a Araponga
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.

Vieram em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Papagaios,
Tocanos, e mais Paôs.

NUNO MARQUES PEREIRA

Nesta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Não fallo aqui das mais aves,
Nem dos Sauins, e Guigós,
Que com bailes de alegria
Festejam ao Creador.

A este tempo, que já seriam sete horas da manhã, avistei aquelle propiciatorio Templo do Seminario de Belém, tão condigno de veneração: (2) e pelo grande desejo que levava de fazer nelle oração, e ouvir Missa, por reconhecer os grandes fructos, que resultam a quem a ouve, apressei os passos.

Detende agora os de vossa narração: (me disse o Ancião) e ainda que pareça cortar o fio da vossa historia, como seja a materia espiritual, e tão necessaria, vos peço que me digais os bens, que resultam de ouvir Missa. E não vos faltará tempo para proseguir vossa narração, nem a mim para vos ouvir.

Senhor, (lhe disse eu) se bem soubera um Christão o que lucra em assistir e ouvir Missa todos os dias, deixaria os maiores negocios do mundo, por não faltar a tão grande bem espiritual. Primeiramente, a Missa é a melhor cousa, e a mais sagrada, que Deus deixou na sua Igreja, por ser uma representação da Paixão, e morte de nosso Senhor Jesus Christo; para que, lembrando-nos do que por nós padeceu, nos seja esta repetida memoria um despertador grande para amar a Deus, e servi-lo. É a cousa mais agradável, e acceita a este Senhor, que quantas podemos fazer, e obrar. e os Anjos. e Santos, pelo que ouvireis.

Em quanto se está á Missa, e se offerece, é o tempo mais opportuno que ha para a oração, e para se negociar com Deus, e pedir-lhe mercês em companhia de milhares de Anjos, que lhe assistem, ajudando-os; por ser a oração um dos maiores remedios, que ha para destruir os vicios, chegarmo-nos a Deus, e grangear virtudes.

Faz abater a soberba, deixar a avareza, refrear a luxuria, applançar a ira, esquecer da gula, diminuir a inveja: e finalmente de tibios, e preguiçosos, nos faz diligentes no serviço de Deus.

Mas tornando ao nosso intento: é tambem a Missa a melhor obra, e de mais proveito, que podemos offerecer pelas almas do Purgatorio: e não ha palavra, nem signal, nem cerimonia nella, que não tenha grandes significações, e misterios. Diz S. Lourenço Justiniano, que agrada mais a Deus uma Missa, que os merecimentos dos Anjos, e Santos da terra. E S. Bernardo diz, que em uma Missa offerecemos muito mais a Deus que se deramos tudo quanto temos aos pobres, e ainda que fomos senhores do universo, e deramos de esmola todo o mundo, e suas rendas. E a razão é: porque neste Sacrificio offerecemos a Deus seu Filho; e este, e seus merecimentos excedem infinitamente a todos os bens da fortuna, e da graça: e nelle apresentamos ao Padre Eterno o mais e o melhor que lhe podemos dar, e Sua Divina Magestade nos póde pedir.

Desde que sahimos de casa para ouvir Missa, (conforme o que diz Santo Agostinho) logo o nosso Anjo da guarda começa a contar os nossos passos, e a escrevê-los no livro das bôas obras. E além das muitas, e grandes Indulgencias, que pelos Summos Pontifices se tem concedido e applicado aos que ouvem Missa, os Papas Urbano IV, Martinho V, Xisto IV, e Eugenio IV concederam duzentos annos de indulgencias a quem devotamente ouve uma Missa, ou a diz, ou dá esmola para ella; como de suas Bullas consta.

Vêde agora o que perde um Christão por um breve tempo; que ainda este, segundo diz o rifão, assim como o dar esmola não empobrece, o ouvir Missa não gasta tempo. E basta por todo o referido, o que diz Christo Senhor nosso por *S. Matheus* 6. 33: Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus, e em consequencia vos virão todas as cousas.

Finalmente neste sagrado Sacrificio da Missa se acha para os afflictos allivio, para os tristes consolação, para os attribulados remedio, para os combatidos soccorro, para os deseconsolados esperança: e toda a mais paciencia, fortaleza, graça, por meio deste divino Sacrificio se alcança; porque é fonte, luz, e mar de infi-

NUNO MARQUES PEREIRA

nitãs graças, e indulgências para os vivos, e também para as almas do Purgatorio.

E desta sorte me parece, Senhor, que tenho satisfeito em parte ao que me pedistes; deixando o muito, que se pôde dizer deste alto Sacrificio: do qual supposto que graves Autores tenham bem fallado, nunca cabalmente explicam, nem declaram suas grandes excellências. E como é misterio de fé, que a olhos fechados se deve crer. também cegos e surdos delle participam, e podem gozar de seu fructo: e só quem o fez, e instituiu, o entende, e pôde perfeitamente declarar.

Posso com verdade certificar, (me disse o Ancião) que não sei qual será o Christão, que, conhecendo essas verdades tão certas. deixe de ser devoto de ouvir Missa todos os dias, podendo. Agora vos peço continueis a vossa narração: porque também estou com desejos de que me digais as excellências e prodigios dessa igreja do Seminario de Belém.

Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que cheguei a tempo, que se estava dando principio a uma Missa, a qual ouvi. E depois de fazer oração ao Santissimo Sacramento, me cheguei ao reclinatório, onde vi o Menino Jesus, Maria Santissima, e S. José: (3) e com os olhos arrazados em lagrimas de puro gozo de ver aquelle Meu cá na terra, fallando com o Divino Infante, lhe disse:

COMO, meu bello Menino,
Nesse presepio deitado!
Sendo vós uma flor bella,
Como vindes buscar cravos?

Tiritando estais de frio
Em um incendio abrazado,
Unindo esses dous extremos
De ser divino, e humano.

Bem tomára, meu Amante,
Neste peito reclinar-vos;

O PEREGRINO DA AMERICA

Mas receio que por frio
Vos não dê bom agazalho.

Porém agora conheço,
Meu Divino Soberano,
Que do vosso amor foi traça,
Por me livrar do peccado.

Por isso agora, meu Deus,
Diante de vós prostrado
Vos venho pedir perdão,
Nas valias confiado.

Peço-vos, por vossa Mãi;
Pois conheço ser de agrado
A vossos santos ouvidos
O mimo de seus affagos:

E tambem por S. José,
Aquelle bemdito Santo,
Que logrou o privilegio
De vos assistir por Aio:

Que me perdoeis, Senhor,
Para que deste lethargo
Me possa livrar da culpa,
Em que me vejo engolfado.

E olhando para a Senhora, lhe disse:

E Vós, Sagrada Senhora,
Amparo de peccadores,
Attendei a meus clamores,
Com que vos invoco agora.

NUNO MARQUES PEREIRA

Ajuda peço, e soccorro,
Para me poder livrar
Do pelago deste mar,
Onde já me affogo, e morro.

Pois sois rutilante Sol
Para os tristes navegantes,
Sendo eu um dos errantes,
Sêde vós o meu pharol.

E porque estais em lugar,
Que tendes a Deus presente,
Sendo vós Mãi tão clemente,
Perdão espero alcançar.

E como sei de certeza,
Que vós sois o nosso amparo,
Soccorro peço e reparo
À minha grande tibieza.

Para que com clara luz
Possa melhor acertar,
E dos meus erros livrar
Para sempre. Amen Jesus.

E olhando para S. José, lhe disse:

PARANYMPHO sagrado,
Meu São Joseph,
Applicai os ouvidos
A quem vos quer.

Não olheis meus peccados;
Pois bem se vê,

O PEREGRINO DA AMERICA

Que por isso o Infante
Veiu a nascer.

Alcançai-me o perdão;
Pois póde ser
Que vos ouça quem póde
Tudo fazer.

Para que possa ir
Ao Ceu a ver,
Como vejo na terra,
A todos tres.

E depois de ter feito estes breves soliloquios ao Menino Jesus, á Senhora, e a S. Joseph, pedi ao Sacristão (que logo alli appareceu) que me mostrasse o lugar, onde estava sepultado aquelle Veneravel Prelado Arcebispo D. Fr. Manoel da Resurreição. (4) Senhor, (me disse o Sacristão) que motivo vos persuade para querer ver o sepulcro deste Veneravel Prelado? (5) Sabei (lhe disse eu) que a causa procede de o ter ainda hoje mui presente na lembrança, desde o tempo que o vi em sua vida, e dos grandes fructos espirituaes, que obrou com sua santa doutrina, e bom exemplo, tanto na Cidade da Bahia, como quando foi de visita áquellas Villas do Sul (6); mostrando ser bom Pastor, no zelo de bom Prelado, sem embargo de estar occupado em os mais honorificos cargos, e occupações de Arcebispo no espiritual, e Governador no temporal por fallecimento do General Mathias da Cunha: (7) tendo-se havido em todos elles sempre com grande prudencia no decidir, e resolução no executar, inteireza no advertir, madureza no reprehender, piedade no castigar: mostrando em tudo um espirito adornado de virtudes, e grande generosidade de valor.

E ainda nestas occupações, como se informasse, e soubesse que havia passado muitos annos sem terem ido Prelados áquellas Villas, se resolveu a ir visitá-las, reconhecendo quanto serviço faria a Deus em acudir ao bem das almas, por serem suas ovelhas, como tão cuidadoso Pastor, porque summamente desejava dar cumpri-

mento a suas obrigações. E não reparando nos longes, e inconvenientes de viagens por mar; nem no trabalho dos caminhos por terra, tão fragosos, como asperos, por desertos; todas estas difficuldades venceu. E quando se lhe representavam por algumas pessoas, dizia: Com estes encargos tomei esta occupação de Prelado; e não é bem os deixe agora por temor: porque hei de dar conta a Deus do que se me encarregou.

Com effeito partiu por mar, e chegou á Villa dos Ilhéus. (8) E depois de a ter visitado com aquelle fervoroso espirito, se pôs a caminho: e chegando ao Rio das Contas, (9) que são mais de vinte leguas, por longas praias e altas serranias, fez tambem sua costumada doutrina ao povo, e fructo a Deus. E dahi se partiu para a Villa do Camamú, (10) que lhe ficava mais de quatorze leguas distante, por asperos campos e rios caudalosos: aonde esteve mais dias, pelo maior concurso da gente, e ter mais que fazer na sua visita, e Missão; porque nunca perdeu tempo, em que se não visse visitar, chrismar, prégar, e ainda confessar: sendo em tudo incansavel na Vinha do Senhor, como tão grande Operario, pela obrigação de seu dignissimo cargo de Arcebispo. Dalli passou á Villa de Boipéba, (11) que dista doze leguas, embarcando parte da jornada por mar em canôas, e parte por terra; fazendo o mesmo fructo naquella Villa. Della se embarcou para a do Cayrú (12) por um dilatado rio, que tem mais de quatro leguas; na qual foi recebido com mui aprazivel gosto. Despediu-se della para a Força do Morro; (13) e dahi se passou, por uma grande praia, que tem mais de nove leguas, á Villa de Jaguaripe. (14) E correndo muita parte das Fregezas, e igrejas deste Reconcavo, caminhou tão apressado, como desejoso de chegar a este Seminario; porque parece que corria, para chegar ao fim, que tanto appetecia. Isto posso eu certificar, por lhe ter ouvido dizer, que ia descansar a Belém. Como se por espirito profetico estivesse vaticinando o lugar, onde havia de ter o seu felicissimo transito.

E não será bem que eu passe agora em silencio, ou deixe de publicar o muito, que lhe fizeram os habitadores daquellas Villas, e Lugares, em demonstrações do agradecimento pelo que haviam recebido, e experimentado daquelle Prelado tão pio, como liberal;

O PEREGRINO DA AMERICA

pois nunca lhes quiz acceitar dadivas, nem offertas pelos chrisma prégar, e administrar todos os mais Sacramentos. Por esta razão todos aqueles moradores, com discreta emulação, e agradável coitejo, se lhe iam offerecer para o acompanharem: do que o Prelado se mostrou mui agradecido; e lhe custava muito dissuadi-los, porque não tivessem aquella molestia: sendo em muitos frustrada essa diligencia; porque nem por isso deixavam de o seguir, acompanhando-o nos desertos, pelo perigo do Genticio barbaro, Onças ferzes, e varios animaes peçonhentos, como alguns o têm experimentado naquelles caminhos por solitarios. Mandou-se-lhe fazer casas em alguns Lugares mais desabridos, providas de todo o necessario e com regalos; para em parte lhe suavizarem a molestia de seir longes, para que pudesse descansar, porque não experimentas aquelle Serafim humano a menor falta naquelles corações abrazados de amor: e supposto que em alguns faltassem os cabedades, visse que lhes sobrava a vontade de muito mais obrarem pelo servir.

Quando se partia este Prelado daquellas Villas e Lugares não se ouvia outra cousa, senão lagrimas, suspiros, e ais, pelas portas e janellas daquellas devotas e saudosas mulheres, dizendo Já se vai o nosso Pai, que de tão longe nos veio ver, e chrisma. Os escravos, não havia quem os acalentasse, com saudosas lagrimas e alaridos em som de amor, pelo muito que este zeloso Prelado tinha advertido a seus senhores o como os deviam de tratar. Os meninos diziam pelas ruas: Já se vai o Arcebispo Santo; pelas grandes demonstrações, que viam de sua conhecida virtude. Deixei de vos referir os mais prodigios, e relevantes obras deste Venavel Prelado, tanto de reforma de vidas, como de emenda de maus costumes, que fez naquelles povos em serviço de Deus: como vos de caminho, me não posso dilatar.

Muito me tendes edificado, me disse o Sacristão, na relação que me fizestes deste Prelado: e agora vejo, que com grande razão me pedis que vos mostre onde está sepultado. E logo foi commigão á Capella mór, e nella me mostrou uma sepultura com uma campada de pedra, na qual me certificou estar o corpo deste Prelado ainda incorrupto. Porque nos quer Deus mostrar, que não tem a terra

NUNO MARQUES PEREIRA

jurisdição para o desfazer; pois tanto se mortificou em o servir.
E para desaffogo da minha saudade, lhe repeti este

SONETO

OH Principe, que fostes um Atlante
Em o vosso Governo Arcebispal;
Pois com zelo devido tão fatal
Vos mostrastes de Deos mui fino amante!

E assim não perdestes um instante
Na observancia do bem espirital;
E mostrando um affecto cordial,
Sempre fostes na Fé muito constante.

Foi o fim, que tivestes, mui ditoso,
Por buscares jazigo em tal lugar;
Pois morrendo vivestes glorioso.

Beneficio tão grande e singular,
Que por seres de Deus já tão mimoso,
Tantas glorias viestes alcançar.

Senhor, me disse o Sacristão, muito folguei de vos ouvir recitar o Soneto em louvor deste Veneravel Prelado. E porque me pareceis ser homem de larga noticia desta terra, vos peço que me digais, quantos Bispos e Arcebispos tem havido neste Arcebis-pado, depois que se descobriu o Brasil. Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que segundo um caderno manuscrito, que achei em casa de um homem digno de todo o credito, e mui curioso de fazer lembrança de algumas antiguidades, estava nelle o assento seguinte.

O PEREGRINO DA AMERICA

NOTAS AO CAPITULO V

(1) Cachoeira foi freguezia em 1688 e vila em Janeiro de 1699, no governo de D. João de Lencastro (cf. *Ordem-régia* de 27 de Dezembro de 1693), juntamente com Jaguaripe e Vila de S. Francisco, as tres primeiras do Recôncavo da Bahia. Originou-se do engenho e casas nobres dos Adornos: “e antes de chegarem á cachoeira, á vista dela...” (Gabriel Soares, *Roteiro do Brasil*, od. Varnhagen, p. 142). Após o descobrimento das Minas Gerais o porto da Cachoeira se tornou a verdadeira “entrada dos sertões”, adquirindo a importancia economica, a animação e o requinte social que o predestinaram a desempenhar papel relevante na história do país, em 1822. Aí se fixou o governo provisório, Setembro-Julho de 1823, na campanha da Independencia. Admiráveis edificios coloniais atestam a riqueza e a cultura acumuladas nessa velha cidade — durante todo o seculo XVIII.

(2) O Seminario de Belem foi fundado pelo jesuita P. Alexandre de Gusmão (nascido em Lisboa em 14 de Agosto de 1629, falecido nesse seu Colégio em 13 de Março de 1724). O milesimo que ainda se lê na frontaria da bela igreja de Belem antecede de um ano a data da construção do Seminario: 1686. Deste, a primeira pedra foi posta em 13 de Abril de 1687 (Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, 2ª ed., I, 94), antes da licença pedida ao Padre Geral, em 4 de Junho do mesmo ano (P. Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões*; e J. M. Madureira, *Anais do 1º Congr. Intern. de Hist. da America*, II, 401).

O P. Gusmão teve um grande amigo em Santos, o cirurgião-mór Francisco Lourenço, a quem batisou um dos filhos, Alexandre de Gusmão, o estadista, e oducou um outro, no Seminario de Belem, Bartolomeu Lourenço, o “Padre Voador”. (Vd. Afonso de E. Taunay, *Anais do Museu Paulista*, IX, 522).

A obra literaria e teologica do P. Gusmão assegura-lhe um lugar distinto na história intelectual luso-brasileira. Aliás, vindo muito joven para a colonia, aqui formou o espirito, como outros jesuitas notaveis do seu seculo, Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos. Publicou: *Escola de Belem, Jesus nascido no Presepio* (em que afirma especial devoção por Nossa Senhora de Belem a quem dedicou a sua igreja), 1678; *Historia do predestinado peregrino e seu irmão Precito*, 1682; *Arte de criar bem os filhos*, 1685; *Sermão na Catedral da Bahia*, 1686; *Meditações para todos os dias da semana pelos exercicios das potencias da alma*, 1689; *Menino Cristão*, 1695; *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, 1715; *Eleição entre o bem e o mal eterno*, 1720; e, póstumos, *O Corvo e a Pomba na Arca de Noé*, 1734, e *A Arvore da vida de Jesus Crucificado*, na mesma data.

Descreveu na “Rosa de Nazareth” o regimen interno do seu instituto. Residiam aí setenta a oitenta estudantes quando foram expulsos os padres, em 1759. O P. José Caieiro diz-nos que o desembargador Francisco Figueiredo Vaz, incumbido da diligencia, “poz guardas em volta da casa e com modos muito des-humanos e grosseiros atirou para a rua os seminaristas” (*Jesuitas do Brasil e da India*, trad. do P. Gonzaga Cabral, ed. da Academia Brasileira, p. 99).

Desocupado desde então o vasto edificio, arruinou-se lentamente, e de tal sorte que hoje mal lhe distinguimos os alicerces num campo de destroços ao lado do velho templo.

NUNO MARQUES PEREIRA

(3) Visitando em Março de 1937 a igreja de Belem ainda ali vimos, na sacristia, entre velhas imagens, o grupo da Sagrada Família a que o A. alude. São admiráveis obras d'arte, e assim o Senhor Morto, Santo Inácio e S. Francisco Xavier, que ocupavam outros tantos altares destruídos.

(4) Diante do altar-mór dessa igreja ha tres grandes lápides, que a devastação desses pios logares não logrou danificar: á direita, a da sepultura de Antonio de Aragão de Menezes, no centro, sem inscrição alguma, e á esquerda do Padre Alexandre de Gusmão.

Na primeira lêmos:

"Sepultura do coronel da cavalaria Antonio de Aragão de Menezes moço fidalgo da Casa de Sua Majestade e de sua mulher D. Maria de Menezes fundadores deste Seminario de Belém" E aí as armas de família: chefe com quatro estrelas e cinco faixas.

E na lousa do verdadeiro fundador da casa:

"Hic jacet venerabilis P. Alexander de Gusmão hujus seminarii institutor obiit 13 Martii Anni 1724"

O arcebispo D. fr. Manuel da Ressurreição na sua grande humildade teria exigido que não lhe escrevessem o nome sobre a pedra do sepulcro. Mas a situação de honra em que ella está, no meio da nave central, comemora do mesmo modo a sua morte virtuosa.

Aquele Aragão de Menezes, filho do coronel Pedro Camello de Aragão Pereira, um dos principais sujeitos da Bahia entre 1650 e 1687 (*Documentos Historicos*, XII, 274; XVIII, 344; XXI, 275), faleceu em 27 de Maio de 1740 (Fr. Jaboatão, *Catalogo Genealogico*, Rev. do Inst. Hist., LII, 99).

Os importantes auxilios desses fidalgos para a edificação do Seminario têm outro documento epigráfico na igreja de Belem: é a grande lápide de um estudante. Diz: *"Jaz sepultado o seminarista José Garcia de Aragão, filho de Joseph Garcia de Aragão e de D. Isabel de Aragão de Menezes, bemfeitores insignes deste Seminario. Falleceu em Fevereiro de 1722"* Era sobrinho e cunhado do coronel, por ser irmão de D. Maria de Menezes (Jaboatão, tit. *Garcias de Mello*): morreu aos 23 anos em 12 de Fevereiro de 1722.

Vimos ainda uma campa na mesma igreja: *"Sepultura de João Peres Ribeiro e sua mulher Luzia Pereira de Lima e seus herdeiros na qual se não enterrão mais ninguém"*

(5) D. Fr. Manuel da Resurreição chegou á sua arquidiocese em 13 de Maio de 1688 e faleceu em Belém em 16 de Janeiro de 1691. Foi o 3º arcebispo da Bahia.

(6) Em carta a Diogo Marchão Temudo, de 29 de Junho de 1691, escreveu Vieira: "Até agora fugiu a pena de dar a V. Mcê. a nova da maior perda que teve e podia succeder a este Estado, que foi a morte do nosso arcebispo. Chamou-o Deus ao premio de seus gloriosos merecimentos, audando em visita das suas ovelhas com exemplo e trabalho igual a seu zelo pela aspereza e incomodidades do tempo e dos logares, vindo já mortalmente enfermo a acabar em um deserto, onde a Companhia tem seminario, nos braços do Padre Alexandre de Gusmão, de quem ia tomar os exercicios de Santo Inácio. Descansam seus ossos naquela igreja por nome Belem, que dali por diante tem sido frequentada pelo deposito de suas reliquias." (Vd. *Cartas* anot. por J. Lucio d'Azevedo, III, 64; Garcia, nota á *Hist. Ger.*, III, 323 (e Varnhagen, que cita Nuno Marques Pereira). O prelado era parente de D. Matias de Figueiredo e Mello, 2º bispo de Pernambuco (1688-94), como diz ainda o P. Vieira:

O PEREGRINO DA AMERICA

“Deseja-se ainda que lhe suceda o bispo de Pernambuco, parente no sangue na imitação das virtudes...”

(7) Faleceu Matias da Cunha em 24 de Outubro de 1688. Foram dramáticos os últimos momentos do governador. Adoecêra, logo em perigo de vida num ataque da “bicha” — nome que desde 1686 se dava á epidemia de febre amarela em Pernambuco e na Bahia (“novo genero de peste, nunca visto nem entendido dos medicos”, escreveu Antonio Vieira, carta a Castanheira, 1 de Julho de 86). Convidou então a Camara e as pessoas principais para se reunirem em Palacio e eleger-lhe sucessôr: a escolha recaiu no arcebispo e, para as cousas da justiça, no chanceler da Relação Manuel Carneiro de Sá. Queixavam-se os soldados, porém, de um atraso de nove mezes nos seus soldos, e tanto que souberam da enfermidade de Matias da Cunha se revoltaram, tomando a casa da polvora, no Campo deste nome, e prometendo pôr a cidade a saque e não fossem pagos em vinte e quatro horas. Os vereadores arranjaram o dinheiro e os amotinados só depuzeram as armas mediante um perdão subscrito por D. Manuel da Resurreição e pelo governador agonizante. (Miralles, *Hist. M. do Bras.*, p. 155). O cabeça do levante foi João de Magalhães, deportado para Angola em 1692. Braz do Amaral, nota a Accioli, *Mem. Hist. e Pol. do Prov. da Bahia*, II, 247.

O arcebispo governou até 8 de Outubro de 1690, quando se empossou 31º governador geral Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho.

(8) Vd. sobre Ilhéos P. Serafim Leite, *Hist. da Comp. de Jesus no Brasil*, I, 189-196.

(9) A vila de Barra do Rio de Contas data de 27 de Janeiro de 1732. As explorações auríferas entre 1720 e 1750 deram notoriedade a essa região incluída na capitania dos Ilhéos.

(10) A vila resultou da aldeia de índios, com a capela de Nossa Senhora da Assunção de Camamú, que os jesuitas instalaram á margem esquerda do rio Acaraá em 1560. Os missionários opuzeram-se em 1644 á categoria municipal que se atribuiu á sua povoação. Cf. Baltazar da Silva Lisboa, na *Memoria da Comarca de Ilhéos*.

(11) A ilha de Boipeba, ao sul de Tinharé (ou do morro de S. Paulo) foi das primeiras terras do litoral povoadas, a despeito dos aimorés que devastaram as capitâneas de Porto Seguro e Ilhéos. Os jesuitas tiveram residências na Ilha (P. Serafim Leite, op. cit., I, 195), que Gabriel Soares indica ter servido de refugio aos colonos acossados do gentio (*Roteiro do Brasil*, p. 54).

(12) A ilha de Cairú teve a mesma importancia de Boipeba e Tinharé para a colonização do sul da Bahia. A freguezia aí é de 1606 e a vila de 1610. Engrandeceu-se em 1650 com um convento de franciscanos doado por Bent Salvador e sua mulher Isabel Gomes (Vd. F. Borges de Barros, *Diccion. Hist. e Geogr. da Bahia*, p. 210, Bahia, 1923).

(13) A fortaleza do Morro de S. Paulo é de 1631. O governador Diogo Luiz de Oliveira erigiu-a para melhor defesa da costa contra os holandeses. Vd. *Documentos Historicos*, XV, 468. Em 1634 aí havia uma companhia de infantaria, *Doc. Hist.*, XVI, 206.

(14) A freguezia é de 1613 e a vila, de Dezembro de 1697, em obediência á Ord. Reg. do 27 de Dezembro de 93: “a mais velha vila do Reconcavo...”

CAPITULO VI

Do Catalogo dos Bispos e Arcebispos da Cidade da Bahia, desde o principio de sua fundação. E se mostram algumas excellencias do Muito Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, Religioso da Sagrada Companhia de Jesus, Fundador do Seminario de Belém.

BISPOS

1. **D**OM Pedro Fernandez Sardinha, Clerigo: ao qual matou o Genticio barbaro, indo por terra para Pernambuco, em o Rio de S. Miguel; depois de ter dado á costa nos Baixos de D. Rodrigo, navegando da Bahia para Lisboa, em companhia de Antonio Cardoso de Barros, primeiro Provedor deste Estado: no anno de 1556. (1)
2. D. Pedro Leitão, Clerigo: o qual foi sepultado na Santa Sé; e passados alguns annos, se trasladaram os ossos para Portugal. O anno, e dia de sua morte é incerto. (2)
3. D. Antonio Barreiros, Clerigo: que falleceu no anno de 1600. Está enterrado na igreja Velha do Collegio de Jesus, na Capella mór. (3)
4. D. Constantino Barradas, Clerigo: que falleceu no anno de 1618. Está sepultado na Capella mór de S. Francisco desta Cidade. (4)
5. D. Marcos Teixeira, Clerigo: Falleceu em seis de Outubro de 1624, no Arraial, no tempo em que estava a Cidade tomada pelos Holandezes. Está sepultado na Capella de Nossa

O PEREGRINO DA AMERICA

Senhora da Conceição, do Engenho da Cidade, em Itapagipe de cima. (5)

6. D. Miguel Pereira, Clerigo: que falleceu no anno de 1630, em Lisbôa, estando para se embarcar para este seu Bispado. (6)
7. D. Pedro da Silva de S. Paio, Clerigo: que falleceu no (7) anno de 1649, e foi sepultado na Sé, na Capella mór. Seus ossos foram levados para Lisboa no Galeão Santa Margarida, ao qual comeu o mar nas alturas das Ilhas, sem se salvar pessoa alguma (8); indo na companhia da Armada Real, de que era General o Conde de Villapouca Antonio Telles de Menezes. (9)
8. D. Alvaro Soares de Castro, Clerigo: que falleceu em Lisbôa antes de ter as Bullas, por Suas Santidades as não quererem conceder em vida do Senhor Rei D. João IV em quanto duraram as guerras, que teve com Castella. (10)
9. D. Estevão dos Santos, Religioso de S. Vicente de Fóra, dos Conegos Regrantés. Falleceu no anno de 1672. Está sepultado na Sé da Cidade da Bahia.
10. D. Constantino de S. Paio, Religioso de S. Bernardo. Falleceu em Lisboa, antes de lhe chegarem as Bullas de Roma.

ARCEBISPOS

1. **D**om Gaspar Barata de Mendonça, Clerigo. Falleceu em Lisbôa, depois de sagrado, e ter mandado tomar posse deste Arcebispado, que foi governado por seu mandado alguns annos. Renunciou o Arcebispado, por se não achar com forças para passar o mar, por causa de achaques. (11)
2. D. Fr. João da Madre de Deos, Religioso de S. Francisco da Cidade de Lisbôa. Falleceu neste seu Arcebispado, no anno de 1686 e foi sepultado na Sé. (12)
3. D. Fr. Manoel da Resurreição, Religioso de S. Francisco do Convento de Varatojo. Falleceu no anno de 1691. Está

NUNO MARQUES PEREIRA

sepultado na Capella Mór da igreja do Seminario de Belém, dos Religiosos da Companhia de JESUS da Cachoeira, onde falleceu vindo de visita das Villas do Sul.

4. D. João Francisco de Oliveira, Clerigo. Chegou a esta Cidade no anno de 1692. Governou este Arcebispado sete para oito annos; e foi para Portugal a ser Bispo de Miranda, (13) no de 1700.
5. D. Sebastião Monteiro de Vide, Clerigo. Chegou a este seu Arcebispado em vinte e nove de Maio de 1702, vindo de ser Vigario Geral do Arcebispado de Lisbôa. Falleceu no anno (14) de 1724, adornado de virtudes, e merecimentos.
6. D. Luiz Alvares de Figueiredo, Clerigo, Provisor, Vigario Geral do Arcebispado de Braga, onde foi Bispo Coadjutor do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. Foi feito Arcebispo desta Cidade no anno de 1725, aonde chegou no mesmo anno: o qual ainda vive, e existe; e lhe prospere Deus a vida para lhe fazer muitos serviços. (15)

Senhor, (me disse o Sacristão) grande gosto me destes com a relação, que fizestes tão individualmente desses Prelados, que tem havido neste Estado: e é sem dúvida, que se não houvera algum curioso, que os tivesse escrito, ficariam no lethargo do esquecimento. E despedindo-se de mim o Sacristão, fiquei vendo e observando o primor, e arte, com que está feito aquelle sagrado Templo, traçado e fabricado por seu Fundador o Veneravel Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de JESUS: tanto pelas medições e regras da Geometria, como pelas correspondencias do bem arrimado dos Altares, e Pulpitos: os quaes são feitos de luzida, e burnida tartaruga com frisos brancos de marfim, (16) que bem pudera apostar vantagens com o mais perfeito embutido da Europa, e do mais luzido jaspe de Genova, e pórfido de Italia. E está em tal proporção toda a igreja, que em nada se lhe pôde pôr tacha; mas antes tem muito que se engrandecer, e louvar. Entrei na Sacristia, e vi o grande asseio e alinhô, que tudo me pareceu uma

copa bem arrumada: devendo-se isto ao Veneravel Padre Alexandre de Gusmão.

E seja-me agora permittido, Senhor, (disse eu ao Ancião) fazer uma breve digressão em louvor deste insigne Varão; porque reconheço nelle as prendas, de que o tem Deus ornado. Muita mercê me fareis: (me disse o Ancião) porque nisto me dareis grande gosto, pelo muito que tenho ouvido publicar de suas esclarecidas obras.

Pois sabei (lhe disse eu) que só o não saberá estimar, quem não conhecer suas virtudes. Porque é para todos liberal, verdadeiro, cortez, affavel, desinteressado, magnanimo, prudente, attento ás acções, no animo constante, sempre no semblante igual: sendo um epilogo de todas as virtudes espirituaes e moraes; como publica o remontado écho, clarim sonoro de suas relevantes prendas, por todo mundo: já pela grande fama de insigne Orador, já por Mestre jubilado, e Escriitor doutissimo: unindo-se a nobreza de seu preclaro nascimento com o perfeito estado de melhor Religioso.

E para maior assombro, e pasmo do muito que tem feito e obrado este perfeito Heróe no serviço de Deus, se considere que consta da sagrada Escritura, que desejando David fazer um Templo a Deus, para lhe dar culto e veneração, o não pôde conseguir em sua vida, sendo Rei tão mimoso de Deus: a qual obra recomendou por sua morte a seu filho Salomão, que lhe deu principio, e o acabou; e por isso teve tão altos favores de Deus neste mundo, como se sabe. E que mais vos parece que obrou Salomão no Templo? Collocou a Arca do Testamento, figura de Maria Santissima, e dentro recolheu o Manná, que representava o Santissimo Sacramento. Porém este perfeito Heróe ainda fez mais: porque fez um Templo para Deos, e nelle collocou a verdadeira Arca do Testamento Maria Santissima, e o Divinissimo Sacramento, não em figura, como fez Salomão, porém sim, em realidade, como o cremos por fé. Porque, segundo o que diz Santo Agostinho, era aquelle Templo de Salomão uma sombra á vista do que havíamos de ver agora: e por isso este mais glorioso que o de Salomão. Fez mais um Seminário, para ensinar aos párvulos a palavra de Deus, e nelle recolheu Sacerdotes, figuras, e representação de Anjos.

Porém entra agora o meu reparo. Que fizesse um Templo um Rei tão poderoso, como Salomão, não me admiro; mas que um pobre Religioso, ao mesmo tempo que o intentou fazer, o puzesse logo em execução, e o acabasse com tal perfeição, e primor da arte! Isto só se póde crer que o pudesse fazer, quem é tão favorecido de Deus, como o nosso Veneravel Heróe. E se não, vêde se tenho razão, e se provo o meu pensamento com a presente comparação.

De Alexandre Magno, o mais esforçado Rei que houve no mundo, escreve o seu Chronista tão relevantes grandezas, que pasma o entendimento de quem as ouve repetir. E fazendo comparação com o presente Alexandre, se póde dizer com maior razão, que o primeiro foi sombra á vista deste Gusmão. Porque se Alexandre Magno foi Rei em Macedonia, Alexandre de Gusmão foi Rei, ou Reitor da sagrada Religião da Companhia de JESUS. Se Alexandre Magno teve corôa, foi momentanea, e temporal: e Alexandre de Gusmão tem corôa impressa na alma, e espera gozar outra na gloria para sempre. Se Alexandre Magno deu culto aos Idolos, e destruiu Cidades com soberba, Alexandre de Gusmão fez Templos consagrados a Deus, reformou Cidades, augmentou Provincias, com doutrina, e humildade. Se Alexandre Magno conquistou o mundo com homens soldados guerreiros, symbolo da soberba, Alexandre de Gusmão venceu o Céu com Sacerdotes, e meninos, que representam Anjos pelo estado da innocencia. E finalmente, se Alexandre Magno conquistou o mundo com soberba, e poder, Alexandre de Gusmão reformou o mundo com humildade, e saber.

Veja-se agora o quanto vai de um Alexandre a outro: um appetecendo glorias do mundo, como Pagão; e outro solicitando as glorias do Céu, como Christão. E gozar, e lograr estes, e outros privilegios, todos desprezou, e renunciou, para habitar em um Seminario pobre, sendo Mestre de meninos, imitando a um Imperador Carlos V, que deixou um Imperio pela Religião, e um S. Francisco de Borja largando um Ducado por um Cubiculo.

Finalmente, contento-me com dizer, que não cabe na limitada esfera de meu talento publicar os grandes louvores, que se devem a este Barrete; pois vejo que a Mitra de maior supposição se di-

O PEREGRINO DA AMERICA

gnou muito ficar depositada no archivo do seu Recolhimento, por reconhecer as suas grandes virtudes.

Senhor, (me disse o Ancião) verdadeiramente por este Varão se póde dizer, que morrendo ha de viver na memoria de todos aquelles que lerem seus doutos livros, e souberem de seus feitos heroicos. Podeis continuar a vossa narração: porque basta que vos diga que estou mui satisfeito do que vos tenho ouvido deste insigne Varão.

E depois de sahir da igreja, (disse eu ao Ancião) pedi agasalho a um morador daquelle territorio, que mo deu com mui grande vontade; e com effeito passei alli o resto do dia, e a noite, por dar descanso ao corpo, e treguas aos cuidados do desvélo, que tinha tido: e para acordar com tempo, despertei quando apenas do vigilante embaixador do Sol vaticinava, que o dia se esperava a poucas horas. E assim me despedi do dono da casa, representando-lhe os justos agradecimentos, com que partia obrigado de seu tão gratulatorio agasalho.

NOTAS AO CAPITULO VI

(1) D. Pero Fernandes Sardinha foi humanista insigne. Nascêra em Evora, talvez em 1495 (era sexagenario em 1555); e foi discipulo do Dr. Diogo de Gouvêa em Paris. Segundo Jorge Cardoso, no "*Agiologio Lusitano*", "estudára em Paris aonde foi Lente de Teologia, e assim mesmo em Salamanca e Coimbra muitos anos". Sanderó diz que estava em Paris em 1528, e "seu irmão Alvaro Gomes escreveu em favor do casamento de Catarina rainha de Inglaterra..." O registo de Francisco Leitão Ferreira (*Alfabeto dos Lentes da Insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante*), p. 339, Coimbra, 1937) ratifica tais noticias. Conhecera no Colégio de Santa Bárbara Inácio de Loiola. Talvez visse Francisco Rabelais. Deixou a cátedra para ser na Índia vigario geral em tempo de D. João de Castro: e chegou á Bahia, primeiro bispo do Brasil, a 23 de Junho de 1552 (Rodolfo Garcia, nota á *Historia Geral do Brasil*, de Varnhagen, I, 333). O triste fim do prelado aconteceu em 15 de Junho de 1556, cf. apostila in *Documentos Historicos* (da Bibl. Nac.), XXXV, 330. Reparou o padre Manuel da Nobrega que D. Pedro Fernandes achava os indios "incapazes de toda doutrina" (*Cartas do Brasil*, edição da Acad. Bras., p. 193); e nossa *Historia do Brasil*, I, 258-9, S. Paulo, 1939.)

(2) D. Pedro Leitão empossou-se na sua diocese em 23 de Março de 1558 e aí faleceu em Outubro de 1573 (Rodolpho Garcia, nota a Varnhagen, V, 377).

NUNO MARQUES PEREIRA

(3) D. Antonio Barreiros chegou á Bahia em 31 de Maio de 1576. Foi um dos triumviros em sucessão do governador geral Manuel Telles Barreto (1587, frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, 3ª ed., p. 329).

(4) D. Constantino Barradas foi confirmado por bula de 23 de Setembro de 1602 (Garcia, nota a Varnhagen, V, 377). Faleceu em 1 de Novembro de 1616.

(5) D. Marcos Teixeira é uma grande figura colonial. Ensinou na Universidade de Coimbra (Francisco Leitão Ferreira, *Alfabeto dos Lentos*, p. 306) — de 1608 a 1611. Licenciára-se em canones, e já em 1578 era inquisidor em Evora. Deputado do Santo Officio em 1592, conego em 1611, tambem em Evora, veiu pela primeira vez ao Brasil como visitador do Santo Officio (1618-19). Em Novembro de 1622 passou-se de novo á Bahia, nomeado bispo no ano anterior; e depois de sérias desavenças com o governador Diogo de Mendonça Furtado teve de fugir da cidade investida pelos holandeses. Chefiou a reacção contra o invasor, e morreu de fadiga, em 8 de Outubro de 1624. O engenho da Conceição, em cuja capela foi sepultado, estava no mesmo sitio da Penitenciaria da Bahia — em caminho de Itapagipe.

(6) D. Miguel Pereira, que não veiu ao Brasil, tomou posse por procuração em 19 de Junho de 1628 e faleceu em Lisboa em 16 de Agosto de 1630.

(7) D. Pedro da Silva chegou á Bahia em 19 de Maio de 1634 e morreu em 15 de Abril de 1649. Garcia, nota cit.

(8) O naufragio do galeão Santa Margarida foi “na costa de Boarcos, de um temporal que soffreu desde as ilhas”: aí morreu Antonio Telles da Silva, que acabava de deixar o governo do Brasil (26 de Agosto de 1642-22 de Dezembro de 1647), onde foi notavel a sua duplicidade, a estimular a insurreição dos pernambucanos contra os holandêses e dissimulando quanto poudes a sua participação nela. Por ultimo o insucesso de suas armas, ao pretenderem os cabos da Bahia retomar Itaparica a Segismundo von Schkoppe, o desacreditou em Lisboa. O padre Vieira indicou numa carta (20 de Janeiro de 48): “Sobre este successo deve decair o enfadamento que Lanier escreve tem S. M. com Antonio Telles: se o houvera tirado escusaram-se estes e outros inconvenientes”. (*Cartas*, ed. de 1886, I, 40). A morte no mar poupou-o do cruel “enfadamento” de D. João IV.

(9) O conde de Villa-Pouca foi o 20º governador geral do Brasil (1647-7 de Março de 1650). A armada que trouxe assustou de tal modo os flamengos — na expectativa d’uma grande reacção que vingasse as proezas de Itaparica — que preferiram concentrar-se em Recife, abandonando aquela ilha. Foi aos aprestos dessa frota que se referiu Antonio Vieira, ao rememorar a sua intervenção junto de dous negociantes cristãos-novos para arranjar 300 mil cruzados: “Ora, eu com esta roupeta remendada espero em Deus que hoje hei de dar a V. M. esta quantia” (Carta a Ericeira, *Cartas*, II, 229).

(10) Confirmado pela bula de 11 de Maio de 1670, D. Estevão dos Santos chegou á Bahia em 15 de Abril e morreu em 6 de Julho do mesmo ano de 1672, Garcia, *op. cit.*, V, 377. A sua pedra tumular na capela mór da Sé (desgraçadamente demolida em 1933) era um julgamento:

“Sepultura de D. Estevam dos Santos, do Conselho de Sua Magestade e Bispo deste Estado do Brasil falecido em 6 de Julho de 672 com circunstancias

O PEREGRINO DA AMERICA

tão miraculosas em sua morte que qualificaram a grande opinião das muitas virtudes que teve em sua vida”.

(11) Confirmado por bula de 16 de Novembro de 1676, tomou posse por procuração em 3 de Julho de 79 e faleceu em Sardeal em 11 de Dezembro de 1686. Prior da igreja de Santa Engracia e desembargador da Relação Eclesiastica, como um dos juizes nomeados pelo cabido, em 1668, para anular o casamento de Afonso VI e D. Maria Francisca Izabel de Saboia, figurou com isto nos sucessos que precederam á interdição del-rei, vd. Camillo Castello Branco, *Vida del-rei D. Afonso VI*, p. 103, 1ª ed. Foi D. Gaspar Barata quem nomeou Gregorio de Matos para a Relação Eclesiastica da Bahia com honras de conego. Vd. *Obras de Gregorio de Matos*, ed. da Acad. Bras., VI, 71.

(12) Chegou á Bahia em 20 de Maio de 1683 e faleceu em 13 de Junho de 1686, vitima da epidemia da “bicha”. Noticiou Vieira, carta de 14 de Julho de 86: “De cá o seguiu (ao marquez de Gouveia) seu grande favorecido frei João da Madre Deus, nosso arcebispo, e ficam as ovelhas sem pastor, que elas amavam muito, como ele a elas. A mim até agora ainda me perdoou esta mortandade geral, que tantos matou em Lisbôa como na Bahia...” (*Cartas*, II, 281). Teve sepultura na Sé, sob lapide que em 1889 desapareceu coberta pela pavimentação nova (Manuel Mesquita dos Santos, *A Sé Primacial do Brasil*, p. 45, Bahia, 1933).

(13) Confirmado pela bula de 9 de Janeiro de 1692, chegou a 5 de Dezembro desse ano e governou até 28 de Agosto de 1700. Do motivo de sua retirada nos diz Gregorio de Matos, *Satirica*, IV, vol. 2º, p. 123: “Retira-se o Arcebispo da Bahia para fóra da cidade, a divertir o sentimento pela desasturada morte de seu sobrinho, cuja pena o acompanhou até que se retirou para Lisbôa.” O refúgio foi no Seminario de Belem:

Por se ir do mal afastando,
Em Belem busca o retiro,
Onde um e outro suspiro
A pena estão aumentando...
.....
Por culpa de um traidor vil,
Aquele Adonis gentil
A cadaver reduzido.

(14) Foi um dos grandes da Igreja portuguesa. Confirmado pela bula de 8 de Agosto de 1701, exerceu vinte anos a sua prelatura. Construiu o paço arquiiepiscopal que ostenta, sobre o dintel da porta, as suas armas, que tambem estavam na grande lápide da Sé:

“Brasiliae leges: templis augmenta paravit, venturis magnam praesulibusque domum. Obdormiuit, in Domino, VII Septembris. Anno MDCCXXII.”

Empossára-se em 22 de Maio de 1702.

E’ de sua autoria um mimoso livro sobre a vida beata de Soror Victória da Encarnação (1724).

(15) Confirmado pela bula de 22 de Fevereiro de 1725, tomou posse em 22 de Fevereiro de 1725. Lia-se na sua pedra sepulcral na Sé: *“Aqui jaz o Exm. Revm. Sr. D. Luis Alvares de Figueiredo do Conselho de Sua Magestade bispo titular de Uranopolis e arcebispo da Bahia primaz d’America. Faleceu nesta cidade em 28 d’Agosto de 1735, tendo de prelado 10 anos e de idade 65.”*

NUNO MARQUES PEREIRA

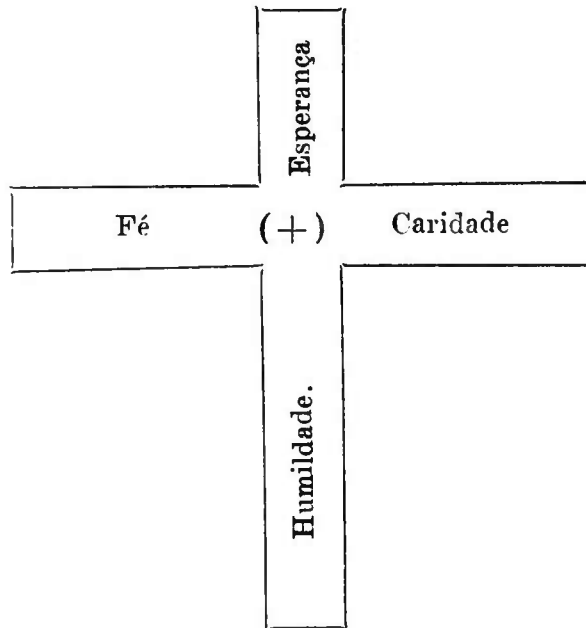
(16) Da riqueza artística descrita quasi nada resta em Belem. A capela mór conserva no tecto uma pintura excelente: mas os altares desapareceram... As portas lavradas lembram a graça e a perfeição do conjunto. Duas colunas de madeira supórtam o côro balaustrado de jacarandá. Despidas dos seus azulêjos as parêdes interiores não guardam um traço sequer de sua decoração barôca. Na sacristia encontramos — surpêsa reservada ao viajante amargurado pelo cenário de profanação e ruina — um ornato mural de evidente inspiração chinesa cujo velho esplendor ainda nos deslumbra. Dir-se-ia que o pintor copiava assuntos florais da porcelana de Macau, possuido do mesmo gosto orientalista que vamos achar em Sabará, em Mariana... (Nota escrita em Belem de Cachoeira, 6 de Março de 1937).

CAPITULO VII

Chega o Peregrino a casa do primeiro morador: e trata dos louvores da Santa Cruz, com muitos exemplos, e milagres, que no mundo se tem visto, comprovados com toda a verdade.

E logo me puz de marcha: e caminhando parte daquelle dia, fui encontrando com varias pessoas, de quem tomava os roteiros vocaes, para seguir com acerto a jornada que levava. A este tempo, porque o Sol já me negava toda a frescura para poder andar, me vali de uma bem copada arvore, que em um alto estava, para me poder defender de seus vibrantes raios: e deste lugar estava descobrindo o eminente dos montes, o baixo dos valles, e muita parte do espaçoso dos campos. Já os escravos se retiravam do trabalho, pelo intenso do calor. Alli jantei: e porque me não temia dos ladrões, me deixei roubar do somno. E despertando vi que as arvores se estavam acenando umas ás outras, dando senhas de alegria, por verem que já a fresca viração chegava a defendê-las do ardente calor, com que o Sol as opprimia, sem se poderem mover do lugar em que estavam. E porque seriam passadas duas horas depois do meio dia, me puz outra vez de caminho. E tendo andado largo espaço, antes que fosse mais tarde, tratei de buscar pousada: e reparando vi uma Fazenda, e nella uma alta Cruz. Cheguei, bradei, respondeu-me o dono da casa: e depois de nos saudarmos, me foi encaminhando para uma varanda, que lhe servia de albergue de receber os hospedes. Porém eu que vi o primor com que estava collocada a Santa Cruz em um bem florido Calvario, com assentos altos de grossos madeiros; e nos quatro cantos, frescos lirios, fragrantes jasmims, alegres cravos, cheirosas

rosas, e enfim enlaçados arcos por maravilhas, rompi nestas palavras:



BEMDITO, e louvado seja Deus; pois vos vejo, e adoro, estandarte da gloria, instrumento da nossa Redempção, symbolo da Fé, chave do paraizo, divino arco Iris da paz entre Deus, e os homens, terror do Inferno, espanto dos Demonios, timbre dos Catholicos, esforço dos fracos, escudo dos fortes justificados na graça de Deus: Cruz bemdita, sempre estimada, e de Deus prezada desde o principio do mundo: no fim do qual haveis de apparecer como estandarte Real nas mãos do verdadeiro Deus, por insignia da justiça, para castigar os máus, e triumpho da gloria dos Bemaventurados, servindo-lhes de guia, para irem gozar da eterna Bemaventurança.

Muito me tendes edificado, Senhor, (me disse o morador) com os louvores que tendes dito da Santa Cruz: peço-vos me digais

O PEREGRINO DA AMERICA

algumas das suas excellencias; porque nella, me dizem, se encerram muitas. São tantos, e tão innumeraveis, Senhor, (lhe disse eu) os prodigios, que neste santo Lenho da Cruz se comprehendem, que fôra querer esgottar o mar, pretender numerar, e repetir seus louvores: porém direi os que puder no breve deste discurso, só por vos satisfazer.

Primeiramente haveis de saber, que todos os Reinos, Imperios, e Monarchias Christãs se restauraram, fundaram, dilataram, e conservam mediante o visivel favor, e auxilio da Santa Cruz. Prova-se isto com diversos apparecimentos, em que os Christãos com tão singulares favores venceram tantas, e tão innumeraveis batalhas, e conseguiram novas Regiões, destruindo tantas Idolatrias, e Heresias por todo o mundo, em defesa de nossa Religião Catholica.

Seja o primeiro milagre o exemplo de quando appareceu a Santa Cruz, e nella Christo Senhor nosso crucificado, ao nosso primeiro Rei D. Affonso Henriques, naquella milagrosa batalha no Campo de Ourique contra os Mouros; que, por cousa tão sabida, e authenticada, me escuso de referir.

A El-Rei D. Pelayo em Castella, nas Asturias, estando para dar batalha contra os Mouros em um alto monte, e pelejando o Infante só com mil homens contra os Mouros, que traziam duzentos mil Barbaros, lhe foi necessario fortificar-se com os Christãos em Santa Gruta de Cova Donga: e achando-se ahi em o ultimo risco de suas vidas, lhes appareceu a divina Cruz, na qual tiveram ajuda, e favor de Deus, e venceram a seus inimigos; como largamente refere o Autor do Livro intitulado: *Hespanha Restaurada pela Cruz*.

Ao Imperador Constantino e a sua Mãi Santa Helena coube a felicissima sorte de acharem o mesmo Santo Lenho, em que padecceu nosso Redemptor. E a este mesmo Imperador appareceu uma Cruz no Céu, indo em batalha contra Maxencio: e foi signal da grande victoria, que Deus lhes havia de dar.

No anno de 800, fazendo guerra Hugo Rei Christianissimo dos Inglezes, que naquelle tempo eram Christãos, e valendo-se este do Apostolo Santo André, a quem pediu que o favorecesse para com Deus, appareceu-lhe o Santo, e lhe prometteu victoria, confir-

NUNO MARQUES PEREIRA

mando-o nesta promessa com uma Cruz, que lhe mostrou sobre o campo dos inimigos.

No tempo do nosso Rei D. João II, que descobriu o grande Reino de Congo, succedeu que havendo dous Irmãos naquelle Reino, filhos do Rei do Congo, um se bautizou, abraçando a nossa lei, e se chamou D. Affonso, e começou a prégar a Fé de Christo; e o outro lhe fez guerra. (1) Vendo o Catholico o grande poder do contrario, retirou-se a um Castello, ou Fortaleza, com vinte Portuguezes. Pôs-lhe cerco o contrario, com vinte mil Pretos: e vendo-se apertado no cerco o Christão, lhe sahiu com os vinte Portuguezes, com tão destemido valor, como quem ia a morrer martyr pela Fé de Christo. Porém foi tal o favor, e ajuda de Deus, que os vinte venceram, e cativaram aos vinte mil contrarios. Depois da victoria, perguntou o vencido ao Irmão vencedor, onde estava a gente, com que o havia vencido? E mostrando-lhe este com o dedo os vinte, então lhe disse o vencido, que de outra mão havia sido a victoria: affirmando-lhe, que contra o seu exercito viera outro com adornos resplandecentes, guiados de um Cavalleiro, que levava uma Cruz branca.

Tambem appareceu no Céu uma formosa Cruz vermelha, semelhante á de Calatrava, naquella famosa batalha das Navas de Tolosa, no anno de 1212. Motivo, porque a tomou por timbre de suas Armas a familia dos Pereiras, como se vê no escudo e armas de D. Nuno Alvares Pereira, e outras muitas familias, que tambem na batalha se acharam; como se póde ver no livro intitulado *Nobiliarchia Portugueza* a fol. 314.

Conta Niceforo, que no anno quarto do Imperador Constantino, passando os Turcos os montes Caspios, entraram na Armenia, onde havia de muitos dias tão grande peste, que não escapava pessoa alguma: e persuadidos de alguns Christãos os Turcos se tosquiaram á maneira da Cruz, e cessou tão grande mal.

Com a Santa Cruz profetizou o Apostolo S. Thomé na India, na Cidade de Meliapôr, que naquelles remotos climas se havia de venerar este sagrado instrumento de nossa Redempção. Porque depois de ter arvorado uma Cruz, ao pé della mandou pôr um letreiro, que dizia: Que quando o mar alli chegasse, chegariam tam-

bem de partes remotissimas do Occidente outros homens da sua côr, que prégariam da mesma Cruz, da mesma Fé, e do mesmo Christo, que elle prégava. E sendo distante do mar doze leguas o lugar, em que levantou a Cruz, tudo depois se viu cumprido.

O Eminentissimo Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendonça, Prelado dos maiores, e mais Illustres, que teve a Igreja de Toledo, e em vida e morte deixou admirado ao mundo, foi tão devoto da Soberana Cruz, que em honra, e veneração della, fez obras excellentes, e cousas admiraveis. Fez em Toledo o Hospital da Santa Cruz, dos Meninos expostos: em Valhadolid o Collegio Maior, com a invocação da Santa Cruz: em Roma reparou a igreja da Santa Cruz: e em Jerusalém fez o mesmo. Pagou-lhe Deus esta devoção: porque no dia de sua morte (que foi em uma sexta-feira dedicada á Cruz, e Paixão de Christo) se viu no ar sobre o seu Palacio Archiepiscopal em Guadalaxara uma Cruz branca, até quarenta covados de largo. E contando-se este prodigio ao Santo Prelado, já em o ultimo transito de sua vida, mandou que logo sem mais demora se celebrasse diante delle a Missa da Santa Cruz: acabando de a ouvir, deu a alma ao Creador. Traz este caso D. Christovam Louçano no seu Livro intitulado, *Los Reyes nuevos de Toledo*, pagina 52.

Não deixarei de repetir aquelle estupendo caso, que succedeu no Reino de Castella, na Villa chamada da Caravaca. Tendo um Rei Mouro tomado posse da Villa por força das armas, e dominado aos seus habitadores; por burla, e mofa dos Christãos, disse a um Sacerdote, que logo celebrasse Missa, porque queria ver as suas ceremonias. E depois de se lhe darem todas as vestimentas, para poder celebrar, disse o Sacerdote ao Rei Mouro, que lhe faltava uma Cruz, sem a qual não podia celebrar. Instou o Rei, dizendo-lhe que celebrasse sem embargo de não ter Cruz. E logo pondo o Sacerdote os olhos no Céu, immediatamente desceu uma Cruz, que vulgarmente chamam de Caravaca, por ter succedido o milagre naquella Villa assim chamada.

Estranho caso é o que succede no Reino de Galliza em um porto chamado Mogia, e se vê visivelmente nas vazas das marés. Aparecem muitas Cruzes nas pedras, e tão perfeitas como se fos-

NUNO MARQUES PEREIRA

sem nellas lavradas, de varias fórmas, umas grandes, e outras pequenas, como escreve Francisco de Molina em verso por estas palavras:

Notad una cosa bien nueva, y estraña,
Que en piedra muy dura la fuerça del agua
Ballestas y Cruzes nos pinta, y nos fragua;
Que quien no le viere, dirá que es patraña:
Y allá en otras partes las pinta otro dia.
No siento, quien sienta tal cosa en España.

E o mesmo Escriitor louva isto em prosa, dizendo assim: Este caso é dos que digo não serem cridos; porque pareceria fabuloso, se pela vista cada dia o não vissemos. E D. João de la Parrilla Duque diz o seguinte: Em um porto, que se chama Mogia, em o qual quando cresce a maré, em umas pedras, em um areal que alli ha, ficam esculpidas em as mesmas pedras umas Cruzes tão perfeitas, como se á mão se lavrassem: e tambem umas béstas com suas chaves tão bem lavradas, como de tal Mestre, que alli as fez. As quaes béstas, e Cruzes, logo que a agua vasa pela minguante, se vêm alli visivelmente por todos: e depois no outro dia, tornando a vir a corrente as desfaz, e apparecem em outra parte daquelle porto, da maneira que havemos dito. É cousa tão admiravel, que se não fôra tão certa, e tão vista dos olhos, não o escrevera aqui. São palavras do mesmo Autor.

Não é menos de admirar o prodigio, que todos os annos está succedendo no nosso Reino de Portugal, na Villa de Barcellos, no dia da Invenção da Santa Cruz, no terreiro ou campo junto da igreja, quando apparecem milagrosamente aquellas Cruzes em fórma visível sobre a terra: o qual, por tão sabido, me escuso de mais autorizar.

No livro da Vida de D. João de Castro se conta aquelle apparecimento da Cruz, a qual se traz pintada na pag. 58, onde se pôde ver com toda a certeza, com que o escreve o Author do mesmo livro.

Admiraveis e prodigiosos são os grandes signaes, com que nos

tem mostrado Deus a veneração, que se deve ter á Santa Cruz, para que os Fieis Catholicos a venerem como remedio, e instrumento de nossa salvação. E assim não houve Imperador, nem Rei Christão que não usasse da Santa Cruz, para conseguir as suas maiores emprezas. E ainda agora se tem visto o quanto as Armas Imperiaes venceram ao Turco, como se pode ver, e ler nas gazetas daquelle invicto Principe Eugenio: (2) o qual, não só esculpida nos estandartes, mas tambem em seu esforçado e devoto peito, traz uma Cruz, e nella a Imagem de nosso divino Redemptor: e por isso sem duvida com tanto vencimento contra os inimigos da nossa Santa Fé Catholica.

Nestas dividas, e mercês, estão tambem os nossos Reis de Portugal e seus Vassallos a nosso Senhor Jesu Christo, que tantas vezes os tem soccorrido com o soberano sinal da Santa Cruz, com cujo patrocinio venceram, e desbarataram a seus inimigos, approvando e exaltando a nossa Santa Fé.

A Vasco da Gama, que foi o primeiro que descobriu a India, succedeu o grande Affonso de Albuquerque no anno de 1500. E indo este pelo mar da Persia a dar principio ao descobrimento daquellas incultas Provincias, lhe appareceu no Ceu uma Cruz resplandecente, e gloriosa, antes que os Lusitanos passassem adiante, a tempo que elles se viam em grande aperto, e quasi perdidos: cujo sagrado resplendor adoraram todos de joelhos, derramando muitas lagrimas, de puro gozo, e devoção.

Este apparecimento da Cruz no mar Persiano confirmam muitos, e mui publicos e authenticos testemunhos, divulgando-se então por attenção dos devotos Portuguezes, que affirmaram haver visto com seus olhos aquella celestial apparição; como escreve Affonso de Albuquerque, filho menor do primeiro, de que acima fallamos: segundo o que lemos nos Commentarios Lusitanos, de que fazem menção mui celebres Escriptores, como Mafedo, Cocio, Freitas, e Ordoño de Zavallos.

Porém muito mais claramente ao nosso intento Pedro Gregorio Tolosano, affirmando que os Reinos do Oriente e Meio dia descobertos pelos Lusitanos, se attribuem visivelmente ao patente auxilio da Cruz. A felicissima expedição, (diz elle) que fizeram os Portuguezes em as Provincias da Ethiopia, á Cruz se deve: pois lhes ap-

pareceu uma manhã, achando-se faltos de todo o consolo, e soccorro humano, determinados já de tornarem-se á suas casas, sem poderem conseguir o seu intento.

Não foi menos para venerada a Santa Cruz nesta Provincia do Brasil, quando pelo Capitão Pedro Alvares Cabral foi descoberto este Estado do anno de 1500. E assim, acompanhado de muitos Portuguezes saltaram em terra (á qual chamaram Porto Seguro, por reconhecer alli o abrigo de seus maiores trabalhos, depois da grande derrota, e tempestades do mar) aos tres dias do mez de Maio, (3) como affirmam alguns: e logo arvorando o estandarte da sagrada Cruz em demonstração de grande alegria, se celebrou Missa, e houve Prégação, não faltando salvas de artilheria da Armada; e puzeram por nome a terra tão formosa, Provincia da Santa Cruz: titulo, que depois converteu a cobiça, e os interesses do mundo em Provincia do Brasil, como vulgarmente hoje se chama. (4) Este, e outros muitos prodigios são os deste Veneravel e Santo Lenho, a quem se deve todo culto e veneração. E basta que todos os Santos da Igreja deste santo signal se ajudaram, e delle se valem, para lançarem fóra os Demonios, e fazerem outros milagres, como foram: S. Bento, Santo Antonio, e outros innumeraveis Santos, que se não pódem repetir no breve deste discurso.

Finalmente, são tantos, e tão grandes os bens, que resultam da veneração devida á Santa Cruz, que a Missa, sendo tão excellente Sacrificio, que Deus fez, (como já tenho dito) se não póde celebrar sem assistencia da Cruz. E os homens Catholicos, que de mais honrados e esforçados se prezam, o maior brazão e timbre, que pódem ter, em remuneração dos seus serviços, é acceitarem por paga a Cruz de Christo nos peitos. Deixo o mais, que pudera repetir: porque, como são immensos os prodigios da Santa Cruz, não se pódem dizer todos neste limitado discurso.

Admirado, e satisfeito estou, Senhor, (me disse o morador) de vos ouvir publicar as grandes excellencias da Santa Cruz. Porém só resta que me digais o como foi estimada por Deus desde o principio do mundo, como preferistes na vossa saudação, que lhe fizestes. Porque me parecia que antes que Christo nosso Redemptor padecesse a sua sagrada Paixão, e Morte, não tinha venera-

ção a Cruz, por servir de patibulo, ou instrumento de castigar aos culpados, e condemnados á morte, como hoje serve a forca: e que só depois que serviu de instrumento para nossa Redempção, tivera o culto e veneração, que lhe dão os Catholicos Christãos.

Assim parece: (lhe disse eu) porém sabei que a Cruz, logo desde o principio do mundo, foi feita, e estimada de Deus no Céu, e venerada na terra. Porque tanto que Deus creou o Céu, logo lhe pôs uma Cruz, que vulgarmente chamam o Cruzeiro, feita e composta de luzentes Estrellas, como visivelmente apparece; da Linha Equinoccial para o Sul, da parte do Oriente.

Foi tambem venerada a Cruz no mundo em todos os tempos: tanto na Lei da natureza, como na Lei escrita, e agora na Lei da graça pelos Christãos. Foi estimada, e venerada na Lei da natureza pelos Santos Patriarchas, quando com ella abençoavam a seus filhos, e faziam alguma cousa de maior estimação no serviço de Deus. Assim se viu figurado no cajado, com que Jacob perseguido passou as aguas do Jordão. Tambem se representou nas mãos do mesmo Jacob trocadas sobre Efraim e Manassés: onde escolhendo ao mais moço, retractou o Espirito Santo a nova eleição, que em virtude da Cruz de Christo se havia de fazer da Genti- lidade. Foi tambem representada a Cruz no páu, com que o Pro- feta Elyseu tirou do Jordão o ferro do machado, que nelle tinha cahido. Outra figura da Cruz foi o sacrificio de Isaac, pelo que depois se viu em Christo nosso Senhor no monte Calvario.

Na Lei Escrita foi venerada a Cruz na figura da Vara de Moysés, como o entendem, e dizem os Santos Padres. E o mesmo Moysés não escaparia de ser afogado no rio Nilo, quando nelle o lançaram seus pais, pelo livrarem de Pharaó, e de seus edictos, se não fôra dentro daquella cestinha de juncos, tecida e feita de muitas cruces. Além de outras muitas figuras da Cruz, que nesse tempo se viram.

Na Lei da Graça, teve e terá a Cruz estimação até o fim do mundo; por ser o instrumento da nossa Redempção, e pelas es- tupendas maravilhas, com que obrou Christo no seu amor para conosco, consummando tudo quanto os Prophetas tinham escripto, e dito dos seus milagres. O que tudo fez para remedio de nossa

salvação, tomando a Cruz por instrumento de sua sagrada Paixão; pois della, como de cadeira, deu ao mundo tanta doutrina: della, como de altar, sacrificou sua sagrada Pessôa em satisfação das nossas culpas: della, como de baluarte fortissimo, pelejou contra os inimigos mortaes apoderados do mundo pelo peccado: e della finalmente aperfeiçoou tudo o que convinha para o nosso remedio. E daqui lhe veiu ao mesmo Christo aquelle nome, que (como diz o Apostolo) é sobre todos os nomes, e a elle se prostram, e ajoelham os Anjos, os homens e os demonios. (*Ad Philip. 2. 10.*)

Estas glorias, estas ditas logram sim os Fieis Christãos, de verem exaltada, e venerada a Cruz de Christo. Porém para os pertinazes Judeus, e os mais inimigos de nossa Santa Fé, em vez de gloria, lhes causa maior pena verem, e ouvirem fallar na Cruz; e lhes ha de servir nas mãos de Deus de seu castigo.

E para os Demonios, e todo o Inferno, não pôde haver maior terror, que ver a Cruz de Christo. Assim o publicam elles, e por larga experiencia o sabemos todos os Christãos. E isto se comprova com aquelle caso, que succedeu a um Judeu, o qual, anoitecendo-lhe longe do povoado, se recolheu a um templo derrubado de Idolos: aonde juntos os Demonios, como a fazer audiencia, ou resenha de seus successos, viram estar o Judeu, que com grande medo tinha feito o sinal da Cruz, benzendo-se. Mandou o maioral aos outros, que vissem o que era aquillo. O Demonio, que chegou a reconhecê-lo, disse a grandes brados: Ai, ai, que este vaso está vasio; mas está bem sellado! Motivo, porque o deixaram; e dalli se converteu o Judeu, pelo que experimentou de ser livre pela Cruz. E que pouca devoção têm muitos Christãos á Santa Cruz, á qual deviam de prezar tanto, como arma, com que nos livra Deus de todos os perigos!

E para maior intelligencia deste mysterio da Cruz, e suas excellencias, haveis de saber que tres foram as benções, que Deus fez, e obrou em fórma de Cruz no principio do mundo. A primeira, foi a da natureza: a segunda, a da graça: e a terceira, ha de ser no fim do mundo, quando em corpo e alma formos gozar da Bemaventurança. Todas tres nos mostrou Deus por figura, e realidade, na criação do primeiro homem Adão, quando o fez em

fórma de Cruz; depois quando lhe infundiu a alma com os dotes da graça, e ultimamente quando em companhia de Eva os abençoou em figura de resurreição, em que haviam de resuscitar.

Estas benções se vêm tambem lançar os Papas, Cardeaes, Bispos, e todas as mais pessoas constituidas em Dignidades Ecclesiasticas, no fim da Missa, e nas mais ceremonias da Igreja, quando abençoam ao povo Christão, invocando nella as Tres Pessoas da Santissima Trindade, que as formou, e dirigiu para bem nosso. Na Vara, ou Insignia do Summo Pontifice se vêm expressamente estas tres Cruzes symbolo do Summo poder daquelle supremo Ministro de Deus.

Esta insignia, ou estandarte da Cruz, se vê levarem todos os Arcebispos e Bispos diante de si nos seus Bispados: e os Primazes por todo o Reino onde o são. E ainda muitas Religiões em acto de Communidade, quando administram os Officios Divinos, a levam alçada, para nos mostrarem que com aquelle estandarte nos remio Christo Senhor nosso do cativoiro de nosso peccado. E por isso quem não ama a sagrada Cruz, praticamente nega a Fé.

Tem a Cruz quatro partes, em que se divide: e estas se mostram na fórma em que a vistes pintada e escrita no principio deste discurso. A primeira é a Fé, a segunda Esperança, a terceira Caridade, e a quarta Humildade. E para poder estar levantada, é necessario que fique a Humildade fixa em parte solida; porque se não poderá ver bem este estandarte, ou triunfo, se não se estribar nas bases da Humildade: e assim é certo, que ninguem póde acertar com o caminho do Céu, sem levar por guia a Cruz. Esta foi a razão, porque disse Christo Bem nosso: Se alguém quer vir após mim, tome a sua Cruz, e siga-me. (*Matth.* 16. 24.) Porque a Cruz é o principio, meio, e fim efficaz da nossa salvação; por ter sido o principio de toda a formação do genero humano principiado em Adão.

Isso é o que eu tomara saber (me disse o morador) com mais distincção. Pois ouvi, (lhe disse eu) que é necessaria muita attenção: e começarei pelo principio do mundo, e creação do primeiro homem.

NUNO MARQUES PEREIRA

NOTAS AO CAPITULO VII

(1) Vd. João de Barros, *Asia*, Década 1ª, t. III, cap. IX e X. “Entretanto, se o venerando Mani-Sonho morreu provavelmente morte de justo, o D. João, feito rei cristão talvez com demasiada pressa, também depressa começou a deitar de fora os recolhidos colmilhos do seu velho paganismo e a mentir contra os missionários... e por fim a perseguir o filho e sucessor, D. Afonso, que tomou um pouco mais a sério a recebida transformação do Batismo”. (J. Alves Correia, *A Dilatação da fé no Imperio português*, p. 19, Lisboa, 1936).

(2) Príncipe Eugenio de Saboia-Carignan (1663-1736), o grande inimigo de Luiz XIV, companheiro de Marlborough em Oudenarde e Malplaquet, herói da campanha contra os turcos a que se associou, com a esquadra do comando do conde do Rio Grande, D. João V. Às ordens do príncipe Eugenio em Peterwaradin (5 de Agosto de 1716) bateram-se o infante D. Manuel, irmão do rei de Portugal, e Manuel Telles da Silva, filho do conde de Tarouca. (Vd. Eduardo Brazão, *D. João V e a Santa Sé*, 139, Coimbra, 1937). As “gazetas” de que trata o A., são a “Gazeta de Lisboa”, que em 1717 noticiou os episódios da armada que gloriosamente pelejou no cabo de Matapan.

(3) Antes da descoberta da carta de Pero Vaz de Caminha, que Aires de Casal por primeiro publicou na *Corografia Brasílica*, em 1817, vingára a opinião de que o nome da terra fôra uma homenagem á Santa Cruz no dia de sua Invenção, da Cruz e do Brasil por Pedr’Alvares Cabral, 3 de Maio. Assim Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, I, 152, nosso frei Vicente do Salvador, *Hist. do Bras.*, p. 15, e os cronistas seguintes, razão porque a inauguração da Constituinte do Imperio, em 1823, foi fixada para 3 de Maio, efemeride oficial, desde então, em prejuizo da data verdadeira do advento dos portugueses, 22 de Abril de 1500.

(4) Vd. Fr. Vicente do Salvador, *ibid.*, p. 15.

CAPITULO VIII

Conta o Peregrino ao morador, o como Adão e Eva foram feitos por Deus: e o que lhes succedeu no Paraizo, até que foram desterrados delle por causa do peccado.

CREOU Deus o Céu e a Terra, como consta da sagrada Escripura: e desta criação não trato aqui, por não estender este discurso; mas só tratarei da criação do primeiro homem, que foi Adão, o qual foi formado fóra do Paraizo no campo Damasceno pelas mãos de Deus. E querendo Deus dar-lhe principio, disse toda a Santissima Trindade: Façamos o homem á nossa imagem e semelhança. E logo tomou daquella terra limosa, que estava na superficie: e daquelle embryão em fórma de Cruz (reparai, que aqui teve principio a Cruz) começou a delinear aquelle supremo Artifice ao nosso primeiro Pai, havendo-se então Deus como um Estatuario quando dá principio a uma estatua com os braços abertos: e depois de o aperfeçoar, e consumir, ficou uma formosissima creatura. E assim feito Adão, logo Deus o compôs de quatro humores, da composição dos quatro Elementos, de que necessita a creatura vivente, para se conservar, que foram: Terra, Agua, Ar, e Fogo; dando a Terra a materia de que foi creado; a Agua, para a composição da massa; o Ar, o refrigerio para respirar; o Fogo, para o calor natural.

Consumado assim finalmente o corpo de Adão, lhe inspirou Deus a alma racional. Viu-se Adão feito homem com tão relevantes dotes da natureza, como foram: sciencia infusa, livre alvedrio, memoria, entendimento, vontade, e outras differentes graças, de que estava adornado, e composto pelas mãos de Deus: e com uma

rectidão natural, que chamam justiça original, com que naturalmente a alma racional obedecesse a Deus, e senhoreasse aos sentidos, e membros corporaes, e a todos os animaes. Aqui se pôs de joelhos Adão, reconhecendo a seu Creador o beneficio de sua criação, e das mais graças, de que o havia adornado. Deste acto se seguiu lançar-lhe Deus a benção em fórmula de Cruz. E esta foi a segunda vez, que se viu a Cruz feita pelas mãos de Deus: uma, quando formou a Adão; e outra, quando lhe infundiu a graça.

Seja-me agora concedido fazer aqui um reparo, ou exclamação. Desta sorte sahiu Adão feito das mãos de Deus: a mais bella e perfeita creatura, que se viu. E como sahiu Christo das mãos dos homens, quando o puzeram na Cruz? (Antes que o prosiga, deixai-me enxugar as lagrimas, para poder referir este lastimoso caso) Foi um retrato da morte: ferido, e tão maltratado, como o vemos na Cruz. Vêde agora o quanto vai das obras dos homens ás obras de Deus. Os homens afeando a mais perfeita belleza; pois nunca se viu, nem se ha de ver nascido no mundo outro homem com tantas perfeições, como foi JESUS Christo. E Deus, de uma vil materia, como foi limo e barro, fez a Adão tão perfeita creatura. Vejam lá os homens o como fazem as suas obras, á vista das obras de Deus.

Formado assim o homem no campo Damasceno, perto de Hebron, logo o passou o Senhor ao Paraizo de deleites, que era um horto amenissimo, situado da parte do Oriente em o mais alto da terra, em cujo meio estava a arvore da Vida, a da Sciencia do bem e do mal, e outras varias arvores fructiferas, ervas, e flores cheirosas: e neste meio nascia uma fonte, de que procediam quatro rios, Ganges, Nilo, Tigre, e Euphrates; os quaes regavam o mesmo Paraizo, e depois escondendo-se debaixo da terra, e tornando a sahir em outras partes, fertilizavam todo o mundo.

Estando Adão neste tão delicioso Paraizo, pôs em lingua Hebraica seus proprios nomes a todos os animaes, que foram trazidos á sua presença por mandado de Deus. E depois, para que não estivesse sem companhia, lhe deu Deus um somno, ou extase, e tirando-lhe uma costella do seu lado, estando dormindo, della formou uma mulher, que foi Eva; e a deu a Adão por companhia em

Matrimonio, deitando-lhes a ambos a sua benção (e esta foi a terceira Cruz, que fez Deus na criação de Adão e Eva, como vos tenho dito, e promettido mostrar) para que crescessem em successão e multiplicação, e enchessem a terra, e dominassem e governassem a todos os animaes, e se sustentassem a seu gosto, e vontade dos fructos della.

E só lhes mandou que se abstivessem de comer da arvore da Sciencia do bem e do mal: com pena de morrerem, se comessem della. Porque não comendo daquella arvore, viveriam no Paraizo com toda a felicidade em perpetuo e continuo contentamento de seus entendimentos, e saúde de seus corpos; parte em virtude, e forças da rectidão original; e parte em sustento dos fructos das mais arvores, para alimento da vida: e no fim, sem morrerem, seriam trasladados vivos com toda a successão, e mudados ao Céu, onde para sempre em eterna Bemaventurança gozassem de Deus em companhia dos Anjos.

Porém Adão, constituido em todas estas honras, não guardou o preceito de Deus: porque comeu do fructo prohibido, que lhe deu Eva; á qual tinha dito o demonio, transformado em serpente, que, comendo-o elles, seriam como deuses. Comeram finalmente ambos do fructo da arvore vedada, primeiro Eva, e depois Adão: e deste modo se fizeram a si e a todos os seus descendentes sujeitos não só ao peccado, que é a morte da alma, mas tambem a varias calamidades, e enfermidades do corpo, e á morte corporal, e condemnação eterna: e por esta razão se chama este peccado de nossos primeiros Pais peccado original. Do qual nasceu, que viciada a rectidão original, sentindo-se e conhecendo-se a mesma carne rebelde ao espirito, e tendo já Adão e Eva pejo de se verem nús, cobriram-se com folhas de figueira: e ouvindo a voz do Senhor, que passeava ao fresco do ar no Paraizo depois do meio dia, envergonhados temeram, e se esconderam da face do Senhor. Porém chamando-os Deus, vieram á sua Divina presença, (porque a Deus não ha quem se lhe esconda) e lhes deu o Senhor a sentença a cada um, conforme a pena do seu peccado, ouvindo-os primeiro; e tambem a Serpente não ficou sem castigo. Á Serpente amaldiçoou, que andaria sempre arrastada, e se sustentaria da terra.

NUNO MARQUES PEREIRA

A Eva, que teria dores no parto, e estaria sujeita ao varão. E a Adão, que comeria o pão com o suor de seu rosto, cultivando a terra. E finalmente, á hora nona, isto é, ás tres depois do meio dia) vestindo Deus a Adão e Eva com tunicas de pelles de animaes, os desterrou daquelle lugar, e os levou a Judéa junto a Hebron, cerrando-lhes as portas do Paraizo, e pondo diante delle um Querubim com uma espada de fogo, para guardar o caminho da arvore da Vida.

CAPITULO IX

Relata o Ancião ao Peregrino o principio de nossa Redempção: e mostra como a Santissima Virgem MARIA foi preservada da culpa original, por especial favor, e graça de Deus.

MELHOR não podieis dizer (me disse o Ancião) da criação do homem, nem explicar o seu principio. Porém agora vos quero declarar um mysterio, que talvez ainda não tereis ouvido, por ser mui digno de ponderação, e de grande edificação para todo o Fiel Christão. Muita mercê me fareis, Senhor, (lhe disse eu) em mo dizer. Pois ouvi, (me disse o Ancião)

Sabei que ficando ainda então Deus no Paraizo, se não arrependido de haver feito a Adão, (pois em Deos não se dá arrependimento, porque tudo tem presente) parece que considerando a pouca estabilidade e grande fraqueza da natureza humana, appareceu alli a Soberba (por ser esta a raiz de todo o peccado, ⁽¹⁾ e inimiga do homem) pomposamente vestida de escarlata, com uma capa roçagante, e um escudo, e nelle escrita uma letra que dizia:

Sou a Soberba invejosa,
Semelhante ao Inferno:
E por isso meus sequazes
Padecem um mal eterno.

E fazendo uma grande genuflexão a Deus, rompeu nestas palavras: Senhor, venho da parte de Lucifer fazer-vos um requerimento, como a tão recto Juiz, contra Adão, e sua descen-

(1) Initium omnis peccati est superbia. Eccl. 10. 15.

dencia. Aqui accudiu o Verbo Divino, ⁽²⁾ dizendo ao Eterno Padre: Senhor, bem sabeis que temos determinado que haja lei entre os mortaes, por onde elles se governem: e que na ordem do Juizo são necessarias tres pessôas: Juiz, que julgue, Autor, que accuse, e Réu, que se defenda. ⁽³⁾ Adão está ausente, vai indefeso: ⁽⁴⁾ e por esta razão deve haver quem defenda a sua causa. E logo accudio o Espirito Santo dizendo: Venha a Piedade, que pôde assistir em sua defesa. ⁽⁵⁾ E assim o mandou o Eterno Padre por seu Divino decreto, e grande misericordia. ⁽⁶⁾ Veio logo uma formosa Donzella ⁽⁷⁾ vestida de azul celeste com manto de gloria, de tão excellente fórma, que a todos satisfez sua presença, e formosura, por ser feita, e creada pela Omnipotencia de Deus, ⁽⁸⁾ e prostrada de joelhos mui humildemente se pôs abaixo do Throno da Santissima Trindade. ⁽⁹⁾ Disse então o Eterno Padre ao Divino Verbo, que se assentasse á sua mão direita, em quanto castigava a seus inimigos: ⁽¹⁰⁾ e á Soberba permittiu que fizesse seu requerimento.

E continuando a Soberba, disse: Senhor, peccou Lusbel, e pelo peccado foi condenado elle, e todos os seus sequazes ao Inferno, por vosso Divino Decreto, onde padece, e padecerá terriveis tormentos por toda a eternidade. ⁽¹¹⁾ Agora vejo que peccou Adão contra Vossa Divina Magestade, e que foi condenado a desterro ⁽¹²⁾ com pena de morte; ⁽¹³⁾ o qual ainda vive, e com esperanças de merecer perdão de sua culpa; ⁽¹⁴⁾ quando parece que não tem lu-

⁽²⁾ Si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum. I. Joan. 2. 1.

⁽³⁾ Ord. lib. 3. tit. 20.

⁽⁴⁾ Contra regulam text. in cap. I de caus. possess. & propriet.

⁽⁵⁾ In charitate perpetua dilexi te. Jerem. 31. 3.

⁽⁶⁾ Per viscera misericordiae Dei nostri. Luc. c. 7. 8.

⁽⁷⁾ Ab initio, & ante faecula creata sum. Eccls. 24. 14.

⁽⁸⁾ Ante omnem creatura. Eccls. 24. 1.

⁽⁹⁾ Et humilia respicit in caelo, & in terra. Ps. 112. 6.

⁽¹⁰⁾ Dixit Dominus Domino meo: sede à dextris meis & Ps. 109. 1.

⁽¹¹⁾ In Inferno nulla est redemptio.

⁽¹²⁾ Emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis. Gen. 3. 23.

⁽¹³⁾ In pulverem reverteris. Gen. 3. 19.

⁽¹⁴⁾ Convertimini ad me, & convertar ad vos. Zach. 1. 3.

O PEREGRINO DA AMERICA

gar. por sua grande desobediencia, e ingratição, que commetteu contra Vossa Divina Magestade.

E olhando o Eterno Padre para a formosa Donzella, ⁽¹⁵⁾ lhe disse: E que respondeis por parte de Adão em sua desculpa? Senhor, ⁽¹⁶⁾ bem conheço, (disse a Piedade) que vos tem desobede-cido Adão, e por essa causa, com justa razão, mereceu o castigo e desterro, que lhe déstes a elle, e a toda a sua descendencia. Porém, Senhor, Adão é de mui fragil metal: peccou por fraqueza, e não por soberba, ou malicia. E sendo assim, parece que não é o seu peccado da qualidade e graveza do de Lucifer: porque sendo este de natureza Angelica, e com tão claro entendimento, arrojado da soberba e da inveja, vos quiz negar a adoração, sendo Vós o que o creastes, e lhe destes o ser, e os mais dotes da graça, de que se viu adornado.

Accudiu logo a Soberba mui arrogante, e presumida, ⁽¹⁷⁾ di-zendo: Não livra essa razão a Adão, e a todos seus descendentes de ficarem sujeitos á pena eterna. Porque sendo Adão de natureza inferior, ⁽¹⁸⁾ por isso mesmo tinha razão de se mostrar mais agra-decido a quem o fez, e adornou de tão relevantes dotes da graça, e da natureza, de que se viu enriquecido. Demais, Senhor, que Vós o fizestes á vossa imagem e semelhança, ⁽¹⁹⁾ beneficio tão grande, e singular; e lhe déstes mais a sciencia infusa, com a recti-dão natural, e a promessa da gloria. E sendo assim, parece que mais obrigado estava Adão a observar os vossos preceitos: e quando não fosse mais, em igual paralelo com Lucifer. E se nenhuma destas razões basta para ser castigado Adão: elle peccou, e pelo peccado ficou semelhante aos brutos, ⁽²⁰⁾ e servo do mesmo pec-cado: ⁽²¹⁾ e, como humilde creatura, não póde merecer perdão, nem satisfazer a culpa, que commetteu contra Vossa Divina Ma-

⁽¹⁵⁾ Oculi Dei in diligentes se. Eccle. 34. 15.

⁽¹⁶⁾ Adjuvabit eam Deus manè diluculo. Ps. 45. 6.

⁽¹⁷⁾ Superbia ejus, & arrogantia ejus, plusquam fortitudo ejus. Isai. 16. 6.

⁽¹⁸⁾ Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terræ. Gen. 2. 7.

⁽¹⁹⁾ Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram. Gen. 1. 26.

⁽²⁰⁾ Comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis. Psal. 48. 13.

⁽²¹⁾ Qui facit peccatum, servus est peccati. Joan. 8. 34.

gestade, a qual por ser incomprehensivel, não a pôde comprehender o entendimento creado, e pela desigualdade que vai da creatura ao Creador, fica Adão inhabil para o merecimento, e satisfação. Pela qual razão é digno de todo o castigo, e morte. ⁽²²⁾ E olhando para a Piedade, lhe disse: E assim, que não podeis deixar de conceder a minha conclusão.

Aqui se lhe arrazaram os olhos em lagrimas á formosa Donzella, derramando liquidos crystaes por entre encarnadas rosas, e olhando para o Divino Verbo. ⁽²³⁾ A este tão enternecido acto accudiu o Verbo Divino, dizendo: Senhor, eu me offereço ⁽²⁴⁾ pelo genero humano a satisfazer a culpa, que commetteu Adão contra Vossa Divina Magestade. E acceitando o Eterno Padre a offerta, tambem a approvou o Espirito Santo, e se confirmou por toda a Santissima Trindade. ⁽²⁵⁾

Foi então lançada da presença de Deus a maldita Soberba. ⁽²⁶⁾ E achando-se ella tão abatida, e envergonhada, por ver que se lhe não deferiu como intentava, nem poder entender o mysterio da Incarnação do Divino Verbo para nossa Redempção; enchendo-se de maior raiva e inveja se precipitou arrojando-se; e desfazendo-se em golpes, com horrendos alaridos, ⁽²⁷⁾ se foi á presença de Lucifer. E esta foi a primeira vez, que se viram e ouviram no mundo relampagos e trovões, vomitados daquelles ferozes lobos do Inferno, ameaçando, e desejando devorar ao genero humano. ⁽²⁸⁾

E logo se viu em alegres accentos e côros subir da terra para os Céus toda a Santissima Trindade com repetida musica de Anjos, que cantavam:

⁽²²⁾ Per peccatum mors. Rom. 5. 12.

⁽²³⁾ Emitte manum tuam de alto, eripe me, & libera me de aquis multis. Ps. 143. 7.

⁽²⁴⁾ Oblatus est, quia ipse voluit. Isai. 53. 7.

⁽²⁵⁾ Deliciæ meæ, esse cum filiis hominum. Prov. 8. 31.

⁽²⁶⁾ Fecit potentiam in brachio suo, dispersit superbos mente cordis sui. Luc. 1. 51.

⁽²⁷⁾ Tanquam leo rugiens. I. Pet. 5. 8.

⁽²⁸⁾ Et ecce bestia alia similis urso in parte stetit. Dan. 7. 5.

O PEREGRINO DA AMERICA

VICTORIA, Victoria,
Cantem os Céus;
Pois MARIA Sagrada
Á Soberba venceu.

Victoria, Victoria;
Pois o Verbo nos deu
Palavra de cobrar
O que Adão perdeu.

Victoria, victoria,
Que Adão não morreu
Pelo horrendo bocado,
Que a mulher lhe deu.

Victoria, victoria,
Mortaes; pois venceu
MARIA o triumpho,
Que Eva perdeu. (29)

E agora ficará mais claro, como a Virgem MARIA Senhora Nossa foi livre, e preservada de toda a culpa e risco do peccado original, desde o primeiro instante de seu ser, por ter sido medianeira dos homens para com Deus desde o principio do mundo, depois que Eva e Adão peccaram.

Senhor, (disse eu ao Ancião) não tenho a minima dúvida de que a Senhora fosse, e seja livre de toda a culpa desde o primeiro instante de seu ser: porém só reparo nesse vosso dizer, que tambem foi livre de risco do peccado original. Respondo: (me disse o Ancião) e para que fiqueis no cabal conhecimento desta verdade, dai-me attenção.

Peccou aquelle Povo de Israel no deserto, cahindo em atrozes e abominaveis culpas, quando, esquecidos do verdadeiro Deus, lhe

(29) Ipsa conteret caput tuum. Gen. 3. 15.

negaram a devida adoração: e vendo-se Deus tão offendido de um Povo, a quem tinha feito tantos beneficios, tratou logo de o castigar. E conhecendo Moysés a grande razão que Deus tinha, lhe supplicou uma e muitas vezes, que perdoasse ao Povo, já com jejuns, já com muitas penitencias entre noite e dia. E como Deus lhe não deferisse a esta supplica, lhe chegou a dizer Moysés: Senhor, ou haveis de perdoar ao Povo, ou me haveis de riscar do vosso Livro. E vendo-se Deus (ao nosso modo de dizer) posto em extremos, acabou com sua Divina justiça a usar de sua misericordia, perdoadando antes ao Povo, que borrar, ou riscar a Moysés do seu Livro.

Que este Livro seja figura de MARIA Santissima, assim o entendem os Santos Padres. Livro, (parece que disse Deus) em que se ha de escrever a minha Palavra: *Verbum caro factum est*: Livro da geração de meu amado Filho: Livro finalmente da vida eterna: borrarão, ou risco nelle? Isso não: perdoe-se a esse povo ingrato; que eu sou quem sou. E aqui tendes (concluiu o Ancião) a prova real, por onde se mostra que não houve a menor mancha, ou risco na pureza de MARIA Santissima.

A muito, parece, se atreveu Moysés com Deus (disse eu ao Ancião) Ao que elle me respondeu: Moysés, tinha-lhe Deus revelado todos os mysterios da Incarnação, Paixão, Morte, e Resurreição de seu Unigenito Filho: e sabia o como por meio de MARIA Santissima havia de vir todo o bem da Redempção ao genero humano: e fiado nesta tão grande valia, por isso com um respeito amoroso, em tom de submissão, e reverencia de servo, tomou este atrevimento.

Tenho entendido, e fico mui satisfeito (disse eu ao Ancião) com a prova que déstes tão genuina, com tanta clareza, e primor do vosso discurso, tão discreto, como douto. Porém só me fica uma dúvida; e solta esta, não terei mais que duvidar. E vem a ser, que fallando Christo Senhor nosso de S. João Bautista, disse, que entre todos os nascidos nenhum nasceu maior que S. João Bautista, sendo certo, que tambem a Virgem Senhora nossa nasceu, e o mesmo Christo. Logo, se a Senhora nasceu, e o mesmo Christo, como entenderemos este texto?

Ora reparai nos termos com que fallou Christo, (me disse o Ancião) e entenderéis o sentido do texto. Disse Christo: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne Baptista.* (Matth. 11. 11.) Aquelle verbo *surrexit* quer dizer: levantou-se. O Bautista antes de ser santificado por Christo no ventre de Santa Isabel, estava cahido na culpa original; e só depois se levantou. MARIA Santissima, e Christo Senhor nosso, nunca estiveram cahidos na culpa: e por esta razão não era necessario levantaram-se. E aqui tendes solta a dúvida.

E assim podemos todos confessar, que MARIA Santissima, entre todos os filhos de Adão, foi isenta da culpa, e livre do risco do peccado, desde o primeiro instante de seu ser, sendo a excepção da natureza, o mimo da ventura, a fonte da graça, o remedio dos homens; porque a creou Deus, desde o primeiro instante de seu ser, destinada e predestinada para ser Mãi sua. E por isso com muita razão disse, ou cantou aquelle discreto Poeta Porutguez:

SONETO

No Decreto maior, que do eminente
Sacro Solio alcançou o Amor constante
A favor do Universo naufragante,
Que agonizava lastimosamente:

O Padre pôs a mão omnipotente,
A penna concedeu a Pomba amante,
Foi o Verbo a Palavra relevante,
E MARIA o papel foi mais decente.

Como, pois, sendo taes neste traslado
A mão, a penna, e a Palavra, havia
O papel deste assumpto ser manchado?

Oh pura sempre, oh singular MARIA!
Mal o borrão teria do peccado
O papel, em que o Verbo se escrevia.

NUNO MARQUES PEREIRA

Tão admirado, como satisfeito estou, Senhor, (disse eu ao Ancião) de vos ter ouvido relação tão prodigiosa; porque além das muitas lagrimas de gozo, que tenho derramado, me ficará por um grande despertador, ter mais que agradecer a meu Senhor JESUS Christo tão grande beneficio.

Bem é que conheçais, e todo o genero humano, (me disse o Ancião) o muito que se deve a Deus nosso Senhor pelo seu grande amor, e infinita piedade; com que se dignou vir ao mundo a tomar carne humana, para poder padecer pela culpa que commetteu Adão, sendo seu Redemptor, e Salvador, e de todo o genero humano: o que tudo tem satisfeito, e completado na sua Sacratissima Paixão, Morte, e admiravel Resurreição. Podeis agora continuar o mais que passastes com o morador. Isso farei, Senhor, (lhe disse eu) por vos dar gosto; pois tanto vos estou obrigado: e agora com mais duplicada razão, pelo que me acabastes de explicar do principio de nossa Redempção.

CAPITULO X

Manifesta o Peregrino ao morador, como somos creados á imagem e semelhança de Deus: como devemos fazer uma bôa confissão: e quanto nos importa ter oração: com varios exemplos.

DEPOIS de me ter ouvido com grande attenção o morador, continuei eu dizendo-lhe: Sabei, Senhor, que tenho trazido todo este passo, e relação, para vos mostrar em como a Cruz logo desde o principio do mundo foi feita, e ordenada por Deus: e que ella servia, serve, e ha de servir de instrumento de todas as obras de seu maior agrado: e já desde então por vaticinio de como havia de ser o meio e remedio de nossa Redempção.

Tenho entendido, Senhor, (me disse o morador) que melhor me não podieis explicar o que vos tenho perguntado. E como seja tarde, fazei-me favor de que nos recolhamos do sereno da noite, e descansareis do trabalho do caminho. Agradecido me mostrei: e obedecendo, logo nos recolhemos a uma varanda, na qual achamos a mesa posta. E depois de cearmos, como o morador fosse de bom entendimento, e fizesse de mim bom conceito, me tornou a metter em conversa, dizendo-me: Senhor, perdoai-me, se eu for importuno; porque o desejo de saber me faz tomar esta confiança. Como se me offerece uma dúbida, tomára que ma explicasseis. E vem a ser, que tenho ouvido que Deus, em quanto Deus, não tem fórma humana: logo, que imagem, e semelhança é esta, que Deus deu ao homem, como dissestes, na formação de Adão? Respondo, (lhe disse eu) posto que a materia não seja da minha profissão. Porém como seja tão necessaria a explicação della; pelo que tenho ouvido, e lido,

sujeitando-me á Fé, e aos preceitos da Santa Madre Igreja, com a devida reverencia, e submissão a Deus:

Digo, que supposta a grande desigualdade que ha entre o Creador e a creatura, podemos considerar, que a semelhança, que tem o homem com Deus, é nas operações da alma. Porque assim como Deus está em todo o mundo, e o enche com a grandeza de sua Essencia: assim a nossa alma está em todo o corpo, e o enche com o ser natural, que Deus lhe deu. Assim como Deus não póde ser inficionado, nem offendido com alguma cousa deste mundo: assim a nossa alma não póde ser cortada, nem quebrada com as cousas corporaes. Assim como Deus vê todas as cousas, e não é visto com os olhos corporaes nesta vida: assim a nossa alma vê todas as cousas exteriores, e não póde ser vista dellas. Assim como Deus é vida verdadeira, e dá vida a todo o vivente: assim a nossa alma é vida do corpo, e dá vida a cada parte delle. Assim como o ser infinito de Deus, ainda crescendo, ou decrescendo as creaturas, não é acrescentado, nem diminuido: assim a nossa alma, nem nos pequenos membros do corpo, nem nos maiores se faz maior, nem menor. Assim como em Deus ha uma Essencia, e tres Pessôas: assim na nossa alma ha uma substancia, e tres potencias. Assim como o Eterno Padre é Deus, o Filho é Deus, e o Espirito Santo é Deus: assim o Entendimento é alma, a Vontade é alma, e a Memoria é alma. Assim como Deus é um só, e em todo o lugar, e todas as cousas vivifica, e governa: assim a nossa alma em todo o corpo, e toda em qualquer parte delle, está vivificando, movendo, e governando todas as partes do mesmo corpo. Assim como Deus é simplicissimo, e não composto de materia, nem fórma: assim a nossa alma é simplicissima, e não composta de cousa corruptivel. Finalmente, nenhuma honra ha tão grande para o homem, com ser a sua alma creada á imagem e semelhança de Deus, e ser ornada com os quatro dotes da gloria.

Senhor, (me disse o morador) antes que deis fim ao vosso discurso, tomara que me explicasseis quaes são esses dotes da gloria. Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que o primeiro é Claridade, o segundo Subtileza, o terceiro Impassibilidade, e o quarto Agilidade. Emquanto ao primeiro: bastante mostra nos deu Christo nosso Senhor deste dote, quando se transfigurou no monte Tabor; posto que os

Discipulos lhe não viram mais que o rosto glorioso, e as vestiduras alvas como a neve, da luz que participaram de seu corpo, que todo estava banhado della. Esta cegava em Moysés os olhos daquelle povo, a qual por ser tão grande, o não podiam ver. Esta viu Santo Estevão nos Céus abertos, nas horas de seu martyrio. Esta viu sem dúvida a Santissima Virgem em seu Filho resuscitado. Esta viu S. Paulo, quando Christo lhe appareceu no caminho: e foram tão grandes os raios de sua luz, que cahiu do cavallo, perdendo a vista. E muitas vezes nos ha mostrado Deus, ainda nos corpos defuntos, a quem ha concedido este gráu tão superior. De Santa Margarida, filha de El-Rei de Hungria, sahiram resplandores como do mesmo Céu. Aquelle menino, a quem os Judeus tiraram a vida em odio de nosso Senhor JESUS Christo, foi descoberto o lugar onde o haviam escondido, com tantas luzes, que por isso foi visto, e achado. E assim succedeu tambem a S. Pedro Bispo de Capadocia com os Quarenta Martyres, que os inimigos de nossa Santa Fé haviam lançado no rio, para que não fossem achados dos Christãos como foram vistos por Duarte, Rei de Inglaterra. Sobre o corpo de El-Rei Osualdo se viu uma columna milagrosa de claro resplandor, que chegava até ao Céu.

O segundo dote, que chamam de Subtileza, ficarão com elle os corpos e as almas tão subtis, que não haverá parede ou corpo, (por grosso, ou denso que seja) que o não passem, ou traspassem, sem impedimento. E isto mesmo se viu em Christo, quando entrou no Cenaculo depois de resuscitado, sem que fosse necessario abrirem-lhe as portas os Discipulos, para entrar.

O terceiro dote, que é o da Impassibilidade, faz aos homens incapazes de padecer mudanças do tempo, nem enfermidades, nem outra alguma molestia: de tal maneira, que nem o fogo os poderá queimar, nem o frio offendê-los, nem ferí-los o cutello, nem fazer-lhes offensa cousa alguma.

O quarto dote, que é Agilidade, constitue aos homens tão ageis para o uso de todos os seus membros, que em um instante passarão da terra ao Céu, sem que haja peso, que retarde sua ligeireza.

Isso tomara eu saber (me disse o morador) por alguns exemplos. Porque, sendo tão longe da terra ao Céu, como é possivel em

um instante subir uma alma a gozar da gloria, tendo merecimento para lá ir; e descer em um instante ao Inferno uma alma em peccado mortal, estando o Inferno no centro da terra, e sendo esta tão grossa, de qualquer parte em que esteja, para ir a esse abysmo? Por uma evidente comparação (lhe respondi eu) vos hei de mostrar isso, que vos parece tão difficultoso.

Haveis de saber que (segundo o que dizem os Mathematicos) dista o Sol da terra um conto duzentas e treze mil e trezentas e trinta e tres leguas: cujo corpo tem um milhão e mais setenta e cinco mil seiscentas e oitenta leguas de grosso. E supposta esta distancia, ponde ao Sol, quando estiver reverberando o seu calor, um vidro crystalino, e debaixo uma migalha de lã, ou outra semelhante cousa; e vereis, que em um instante o calor do Sol passa, e traspassa o vidro, e queima a lã, ou materia, que debaixo d'elle está. Assim tambem: como o amor é fogo, e sendo este divino, é mais activo e vehemente; o mesmo é sahir uma alma de seu corpo, (que é a nuvem, que se interpõe ao Sol Divino) que ir logo em um instante buscar ao seu centro, que é Deus, a participar dessa visão beatifica.

E por contraposição: a alma, que ama as cousas terrenas, e está em peccado mortal, é como uma espingarda, ou peça de artilheria, que quando se ouve o estrondo, que é o sentimento da morte, já a bala, que é a alma, tem feito o emprego no centro do Inferno, para onde tinha feito o seu ponto nesta vida. Assim succedeu a Lusbel: rompeu o relampago da inveja, deu o trovão da soberba, cahiu a pedra do seu peccado no centro do Inferno, onde ficou, e estará para uma eternidade.

Basta, Senhor, (me disse o morador) porque já tenho entendido cabalmente toda a verdade, e me déstes a conhecer o que eu ignorava. Mas já que Deus vos trouxe a esta casa, tomara que me explicasseis mais algumas cousas do bem do espirito, que é o que devemos procurar: porque as mais conversações me parecem ser palavras ociosas, das quaes, dizem, nos ha Deus de pedir conta. Assim é, (lhe disse eu) porém conversações póde haver entre os homens, que, como não sejam dirigidas a máu fim, tambem serão admittidas na ordem do bom viver, e governo do homem. Assim

supponho: (me disse o morador) porém, pelo que hoje se pratica no mundo, poucas são as conversações, que não assentem em offensa de Deus, e do proximo. A isto lhe disse eu: Mui escrupuloso me parece Vossa mercê. Oxalá que assim fôra (me disse o morador) porque não seria tão grande peccador (que por tal me reconheço). Porque passam ás vezes muitos mezes, sem me confessar; e muitos Domingos, e dias Santos, sem ouvir Missa. Tudo pôde succeder sem ser peccado, (lhe disse eu) havendo urgente causa. Com isso me não posso eu escusar (me disse o morador), porque bem sabeis que daqui a Belém não é tão longe, e que o podia eu fazer mui facilmente: porém sobre ser preceito, tenho mais o peccado da preguiça. Agora vos não desculparei (lhe disse eu) porque não sei que possa haver desculpa nesse peccado. Perto da igreja, deixar de ouvir Missa, é sinal de prescito, e não de predestinado.

Senhor, ainda que eu pareça demasiado (me disse o morador) em vos molestar, o desejo de saber me faz ser importuno. Como entenderei os sinaes, que tem um homem de ser predestinado, ou prescito? Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que nunca me podereis molestar, entendendo que o fim da vossa pergunta assenta no proveito espiritual, e bem da alma. São muitos os sinaes de predestinado, que apontam os Mestres de espirito: porém os mais provaveis, por onde se pôde conhecer o que é predestinado, são ouvir um homem a palavra de Deus, e obrar bem nas tres Virtudes Theologaes, que são Fé, Esperança, e Caridade. E por prescito teremos todo aquelle que obrar o contrario, e se deixar estar na culpa, sem o moverem os golpes da doutrina, nem os remorsos da consciencia: além de outras muitas razões, que se acham escritas por graves Autores.

Mas tornando ao nosso proposito: o mais celebre dito, que tenho ouvido, de Principe Christão, e digno de se trazer sempre na memoria, e muitas vezes na conversação, foi o de El-Rei Felippe o Prudente, de Castella, quando disse: que não sabia qual era o Christão, que podia dormir em peccado mortal. Dito, e documento merecedor de ser escrito com letras de ouro nas portas publicas das Cidades e Villas.

Senhor, (me disse o morador) isso dizia esse Monarcha, porque tinha um Capellão á sua ordem, e todas as noites se confessava; e quando este, por um incidente, estava impedido, mandava chamar a outro. Mas eu, e outros semelhantes, que vivemos em um deserto sem copia de Confessor, e mal nos podemos confessar de anno a anno (e muita mercê nos faz Deus, quando nos confessamos de mezes a mezes) como nos poderemos livrar de dormirmos, não em um peccado, senão em muitos? Respondo: (lhe disse eu) Deus é de muita misericordia; e como sabe melhor as nossas impossibilidades, e inconveniencias, do que nós as entendemos e sabemos conhecer, para tudo nos deixou remedio: e por esta razão não temos desculpas que lhe dar. Lêde os Livros espirituaes, consultai aos Confessores, que são os nossos directores: e vereis que vos hão de aconselhar, que á noite, antes ou depois de vos deitar a dormir, façais exame de consciencia, trazendo á memoria todos os peccados, que commettestes naquella dia: e que façais então um acto de contrição com dôr e arrependimento de ter offendido a Deus, por ser quem é, e porque o amais sobre todas as cousas, pedindo-lhe perdão de vossas culpas, propondo de as confessar, e de não tornar a peccar. E deste modo vos poreis em graça de Deus: e se morreres naquella noite sem confissão, por não ter Confessor, não ireis ao Inferno. E pelo contrario, milhares de homens se têm condemnado, por não fazerem esta breve diligencia.

Senhor, (me disse o morador) isso tenho lido, e me têm aconselhado os Confessores; porém nunca fiz reflexão nesta materia, como devo, e sou obrigado. Mas agora prometto, mediante a graça, e favor Divino, pôr por obra daqui por diante o que me dizeis: porque não é bem que, por uma cousa tão breve, perca eu o muito em que vou interessado, que é o premio da eterna gloria. Mas, já que tocamos nessa materia de Confissão, tomára que me desseis algum modo, ou interrogatorio breve de como melhor me possa confessar, e que eleição farei de Confessor.

Senhor, (lhe disse eu) muitos são os Livros, que desse particular tratam, e dão a fórma de como nos havemos de confessar. Porém, como me vejo obrigado a satisfazer ao que me pedis, vos

digo, que tres cousas deve fazer o Christão, para bem se confessar; além de outras muitas, que se aconselham. Senhor, (me disse o morador) ainda que seja em breve, tomára que mas repetisseis.

Para se fazer uma bôa Confissão

PRIMEIRAMENTE, (lhe disse eu) haveis de saber que a Confissão, para ser bôa, ha de ter dezeseis partes, a saber: simples, humilde, pura, fiel, frequente, clara, discreta, voluntaria, vergonhosa, inteira, secreta, chorosa, apressada, forte, propria, e obediente. E suppostas estas dezeseis partes, que vos digo em breve, por não dilatar o nosso intento, deveis de saber, que ao menos se deve o Christão conformar com tres pontos, exame, dôr, e proposito: examinando todas as culpas, e peccados, que tem commetido contra Deus: tendo dôr de haver offendido a Deus, por ser quem é, e porque o ama sobre todas as cousas. E fazendo proposito firme de não tornar a cahir naquellas, nem em outras culpas.

Para que façais bem o exame, haveis de considerar vossos peccados, alguns dias antes que vades aos pés do Confessor, trazendo á memoria todos os pensamentos, palavras, e obras, com que tendes offendido a Deus depois da outra Confissão que fizestes, e se cumpristes a penitencia. E para que melhor isto se faça, buscareis lugar opportuno, e parte socegada, fazendo lembrança dos tratos, que tivestes depois da ultima confissão; dos lugares em que estivestes; e das pessoas com quem conversastes. E depois de bem examinados vossos peccados, proponde de os dizer e declarar todos ao Confessor, sem encobrir algum. E fazendo isto, cumprireis com o que estais obrigado: e pelo contrario, se o não fizeres, podendo, não será bem feita a vossa confissão. E tambem, para vos livrares de algum escrupulo, vos digo: que se depois de feito este exame com esta diligencia, vos esquecerem alguns peccados, não sendo por malicia, tambem vô-los perdoará Deus, como os demais que vocalmente disseres ao Confessor. E feita esta memoria, com dôr e arrependimento, e um proposito firme de nunca mais peccar, vos podeis confessar, discorrendo pelos Mandamentos da Lei de Deus,

e da Santa Madre Igreja; valendo-vos do patrocínio de nosso Senhor JESUS Christo, e da Santissima Virgem MARIA sua Mãe, por ser tão grande medianeira para alcançarmos a graça de podermos receber o Santissimo Sacramento com limpeza da alma.

E de caminho vos quero mais advertir: que se depois de feita esta memoria, e exame, entre a vossa lavoura, que é o bem ganhado, achares sizia, ou monda alheia, que é o mal levado, arrancai-a depressa, e não esperéis de dia em dia para o restituir: porque não sabeis se vos dará Deus lugar de o fazer: nem também será acerto, cuidar que vossos filhos, ou herdeiros, encommendando-lhes vós isso em vosso testamento, cumprirão o que vós não tivestes zelo de o fazer em vida por vossa alma. E se não, vêde o que succede no mundo acerca dos testamentos, e herdeiros: quantas demandas se movem, e quantos tempos duram; e as almas padecendo. Este aviso vos faço de passagem: e peço-vos, que o considereis muito de vagar.

E assim, se tiveres alguma cousa que restituir, especialmente de honra, fama, ou fazenda mal ganhada, ou havida illicitamente, o melhor conselho é, que antes que vades aos pés do Confessor, o tenhais satisfeito. E se não tiveres possibilidade para o fazer então, propõe firmemente de o satisfazer com toda a brevidade possível: compondo-vos com as pessoas a quem deveis, para vos darem tempo para lhes pagar. E se houveres injuriado a alguém, e tendes inimistades, reconciliai-vos com elles, antes que vades receber aquella Hostia immaculada; para que vos não succeda o que succedeu a Judas. Porque fazendo-o assim, mediante a graça de Deus, alcançareis o fructo deste Sacramento da Penitencia, que é livrar da culpa, communicando-vos a graça, e fazendo-vos capaz de gozar dos bens eternos.

Senhor, antes que acabeis o vosso discurso, (me disse o Lector) quero que me digais, que eleição farei de Confessor, como vos perguntei. Tendes razão, (lhe disse eu) que por umas cousas esquecem outras. A eleição, que haveis de fazer de Confessor (pouco) deve ser de um só, a quem tenhais por vosso director: e esse seja douto, prudente, e virtuoso, que saiba distinguir, discernir, e conhecer a enfermidade da vossa alma. Porque, se para os acha-

ques do corpo buscamos o melhor Medico; e para fazer um vestido, o melhor official: com maior razão, para a enfermidade da alma devemos de buscar o melhor Medico; e para o vestido, com que havemos de apparecer na Côrte celestial, o melhor official, para o fazer com acerto. Porque succede muitas vezes haver tanta ignorancia da parte dos Penitentes, que de pequenos peccados supõem não poderem ser absoltos, sem irem a Roma a buscar a absolvição: e de outros de grande peso, e circumstancias, fazem tão pouco caso, que não chegam a confessá-los. E por esta razão é necessario haver Confessor douto, prudente, e virtuoso, para os saber examinar, e aconselhar.

Dessa sorte, Senhor, (me disse o morador) parece-me que a confissão, para ser bem feita, tanto depende do Penitente, como do Confessor. Assim succede muitas vezes: (lhe disse eu) porque por falta de bons conselhos, vão muitos Confessores ao Inferno, levando a muitos Penitentes consigo. Tomára que me contasseis algum exemplo acerca disso (me disse o morador) Pois ouvi (lhe disse eu).

Conta o Padre Christovão da Veiga, (1) Religioso da Companhia de JESUS, no seu Livro *Casos raros da Confissão*, cap. 14, o caso seguinte. Houve certo Fidalgo, que tinha um Confessor de molde para o seu gosto, porque em tudo lho dava: as penitencias eram suaves, as palavras brandas, as reprehensões nenhuma; de tal modo, que vivia muito á sua vontade, sem emenda alguma de vida, engolphado em deleites, e vicios, fazendo Confissões sem o proposito firme que para a Confissão se requer. Apressou-lhe Deus os annos da vida (castigo merecido do máu procedimento que tinha em suas Confissões) com uma morte não esperada, e repentina, no melhor de sua idade: ordenando tambem que o Confessor o seguisse morrendo dentro de pouco tempo. Succedeu, pois, que estando a mulher deste Fidalgo em um seu Oratorio encommendando-se a Deus, lhe appareceu de repente a figura de um homem mui espantosa, ardendo em vivas chammas de fogo, a qual trazia a seus hombros outra pessoa rodeada das mesmas chammas. Ficou a mulher grandemente atemorizada com esta visão. Porém aquelle, que vinha aos hombros, lhe disse: Não temas, que eu sou teu ma-

rido. Este, que me traz aos hombros, é o meu Confessor: o qual assim como em vida me soffria minhas culpas, sem me reprehender dellas, e sem me dar penitencias medicinaes, para apartar-me de meus vicios, antes condescendendo com meus peccados, com que por meus passos contados me trouxe ao Inferno; agora na morte justamente mandou Deus que elle seja participante das penas, que me atormentam: e assim padece as mesmas, que eu padeço. E ditas estas palavras, desapareceram ambos, ficando a mulher affligidissima, pela condemnação de seu marido. Advirta, pois, todo o Penitente, que não ha de fiar sua alma do Confessor, que com affagos, e lizonjas o trata na Confissão; para não experimentar o que estes dous miseraveis estão padecendo por toda uma eternidade no Inferno.

E porque não fiquem os bons Confessores sem ouvirem o premio, que Deus costuma dar aos que com zelo usam bem do seu officio: ouvi o caso seguinte. Conta-se nas Chronicas de S. Francisco, *p. 2. lib. 2. cap. 48*, que houve em França, na Provincia de Aquitania, dous Ecclesiasticos ricos, e grandes amigos, um dos quaes era Abbade, e o outro Arcediago em uma igreja Cathedral daquelles Reinos. Gastavam estes a sua Fazenda em regalos, e entretenimentos, cuidando no descanso de sua carne, e em dar gosto a seus corpos, e descuidando-se totalmente das suas almas: e andavam, como andorinhas, buscando para o Inverno as terras quentes, e para o Verão as frescas e temperadas.

Passando ambos em uma occasião por tempo de Verão ao lugar que costumavam, os colheu e noite em um campo despovoado, onde havia uma deserta igreja, algum tanto apartada do caminho: recolheram-se allí, para descansarem aquella noite; cearam, e accommodaram-se para dormir, como melhor puderam. O Arcediago ainda que tinha alguns vicios, tinha tambem algumas obras boas, pretendendo caminhar pelos dous caminhos, largo, e estreito, e gozar de ambas as glorias desta vida, e da outra. Confessava-se a meúdo, e tinha por Padre espiritual para a sua alma a um Religioso de S. Francisco, grave, douto, e exemplar: o qual tinha muito cuidado da salvação do penitente, dando-lhe bons conselhos, reprehendendo-lhe seus descuidos, avisando-o de seu perigo, e encom-

mendando-se continuamente a Deus nosso Senhor (que são os officios de um verdadeiro Padre espiritual) E na verdade lhe aproveitaram muito ao penitente as orações de seu Confessor; pois por ellas conseguiu a emenda de sua vida, e com ella sua salvação, como se verá no successo desta noite. Estava o Arceediago dormindo na igreja que tenho dito: e na mesma occasião estava seu Confessor orando por elle. Viu o Arceediago entre sonhos, que ao lugar onde elles estavam dormindo, vinha Christo a julgar aos homens com grande Magestade, e apparatus: e que se juntava uma multidão de gente, uns á mão direita, e outros á esquerda. Viu tambem, que elle mesmo, seu companheiro o Abbade, e todos os seus criados, que os acompanhavam, ficaram á mão esquerda: e que os Demonios os accusavam de todos os seus peccados, culpando seus passatemplos, e regalos, em que gastavam as rendas Eeclesiasticas, as quaes deviam gastar em sustento dos pobres, e em fazer bem por suas almas. Viu mais, que havendo ouvido o Juiz todas as accusações, deu sentença de condemnação contra elles: e que logo accudiram com grande impeto os Demonios, e levaram ao Abbade, e a seus criados ao Inferno. Tudo isto via com grande temor, e tremor, suando de ancia, e pena: e se lhe dobrou o temor, quando viu que os Demonios o vinham buscar, e a seus criados, assim como tinham feito ao Abbade, e aos de sua familia: e que estendendo os Demonios os garfos, um delles lhe pegou pelo ventre, puxando delle para o levar com igual furia, e dôr: chegou o seu Confessor nesta occasião, e o deteve, e tambem forcejava para defendê-lo. E estando nesta agonia, batalhando o Demonio por levá-lo, e o Confessor por defendê-lo, despertou com um mortal suor, palpitando-lhe o coração, e tão quebrantado, como se se achasse em um exercito de inimigos batalhando. Esteve duvidoso do que faria: mas crendo que havia sido só sonho, e cansaço do caminho; quiz descansar da pena que tivera, e não despertar aos mais: e assim tornou a dormir, encommendando-se a Deus nosso Senhor.

Mas apenas havia cerrado os olhos, quando tornou Deus a mostrar-lhe a mesma vizão, que antes, do Juizo, e condemnação do Abbade seu amigo, e dos seus. E chegando a este passo, despertou segunda vez, frio, e pasmado, e com maiores dores que a pri-

NUNO MARQUES PEREIRA

meira vez; com que recebeu grandissimo temor, e começou com vozes a chamar por seus criados. Despertaram aos gritos; e ordenou que se vestissem, para no mesmo ponto partir, e proseguir sua viagem. Foram despertar ao Abbade, e a seus criados, e a todos acharam mortos.

Então conheceu o Arcediago que o sonho havia sido verdadeiro, e que pelas orações de seu bom Confessor, elle e seus criados não estavam no Inferno. Pôs-se de joelhos, dando graças a Deus nosso Senhor pela mercê, que lhe havia feito, e porque lhe concedia tempo para chorar suas culpas, e fazer dellas penitencia. Propôs firmissimamente de se emendar dalli por diante, e de tomar outro genero de vida. Tratou de dar sepultura aos defuntos: e tornando á sua terra, avisou a seus criados do perigo em que estava a sua salvação, e da visão que tivera, exhortando-os á penitencia: e que na mudança da vida o seguissem, já que na vida larga e deliciosa o haviam seguido. Pagou compridamente os salarios e dividas, que devia: e dando o restante de sua fazenda aos pobres, tomou o habito de S. Francisco, e perseverou em rigorosa observancia até o fim de sua vida. Avisou a muitas pessoas conhecidas, como as havia visto á mão esquerda do Juiz, e em particular a dous criados: uns e outros fizeram pouco caso de seus avisos, e se viram delles infelizes successos. Mas elle teve felicissimo fim, passando desta vida carregado de merecimentos ao Céu. Daqui se vê a importancia grande de ter um bom Confessor; pois toda a salvação deste Arcediago consistiu em ter um Confessor bom, douto, e santo. O Confessor ha de ser como o Medico, Cirurgião, e Sangrador: não ha de olhar para o melindre, ou grandeza do enfermo; senão para o risco em que está da saúde da alma.

Andando á caça Philippe II, Rei de Castella, foi-lhe necessario sangrar-se logo, e chamaram o Sangrador daquella Aldeia em que então se achava, porque não havia outro. Perguntou-lhe o Rei: se sabia a quem havia de sangrar? Respondeu: Sim: a um homem. Estimou grandemente El-Rei ao Sangrador, e serviu-se d'elle dalli em diante. Assim hão de ser os Confessores, e todos os que costumam fallar desinteressados: não hão de olhar para respeito de Principes, nem de Dignidades Ecclesiasticas.

Nunca succederia aquelle tão lastimoso caso a certo Ecclesiastico desta America, ha bem pouco tempo, se este fosse advertido de seus Confessores, e Prelados. Muita mercê me fareis, Senhor, (me disse o morador) se mo contares; porque não tive noticia deste successo (2). Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que segundo uma Carta, que ouvi ler, feita no anno de 1715, foi o caso na fórma seguinte. (1)

Um sacerdote desta America estava publicamente concubinado com uma mulher, havia muitos annos, com grande escandalo de um povo inteiro: mas todos lhe dissumulavam este peccado, ainda aquelles que o podiam emendar, e reprehender. Succedeu pois, que em uma noite estando elle com a concubina em uma sacada das casas em que morava, para ver certo festejo, que na rua se fazia, pegou o fogo em uns barris de polvora, que estavam nas lojas das mesmas casas, e fez o incendio voar o edificio; e do ar veio uma trave, que caiu sobre ambos, e os matou; ficando todos os mais, que junto delles estavam, livres do perigo. Notavel caso, Senhor, (me disse o morador) para exemplo de todos: e mui especialmente para os Ecclesiasticos, que sabendo o quanto devem ser espelhos da virtude, estão dando escandalo com o seu máu viver aos Seculares.

Mas já, Senhor, que tão bem me tendes instruido (continuou o morador) no modo com que se ha de confessar um Christão, e das partes que ha de ter um bom Confessor, com tão claros exemplos, tomara que me ensinasseis o como poderei agradar mais a Deus com algumas orações; e em que fórma poderei estar orando: se de joelhos, ou em pé, ou tambem assentado? Haveis de saber, (lhe disse eu) que ha muitos livros espirituaes, que nos inculcam por varios modos como devemos orar, vocal e mentalmente: e por esta razão me pudera eu escusar de satisfazer ao que me pedis. Porém com exemplos vô-lo direi, o mais breve que puder.

Primeiramente haveis de entender, que Deus não se paga de muitas palavras; porém sim de um coração contrito e humilhado. Isto supposto, a Oração ou Meditação é a nossa riqueza espiritual, por ser o negocio, em que a náu da nossa alma se carrega

(1) Este caso succedeu em Pernambuco na Cidade de Olinda.

nas Indias das Virtudes, das cargas dos merecimentos, para fazer viagem para o Reino do Céu; servindo-lhe de pharol o entendimento, o qual se accende no lume celestial do Sol divino; enchendo-se as vélas do prospero vento dos santos affectos do amor de Deus. E posta uma alma neste mar de graças, basta que reze as suas contas com muita attenção. Porque assim como todas as embarcações, para se poderem segurar das correntes do tempestuoso mar, necessitam de se amarrarem com boas amarras, e firmes ancoras, assim tambem os Christãos, para se poderem segurar das tempestades do mar deste mundo, hão de trazer as amarras nas mãos, e as ancoras no coração: isto é, as contas nas mãos, e as palavras do Padre nosso e Ave Maria no coração; para se poderem livrar de irem á Costa desamarrados; e perderem-se nos penedos, e baixos do peccado. E então a Virgem nossa Senhora, vendo esta firmeza, intercederá por todos a Deus, para que não periguem no mar das culpas, e vão seguros ao porto da salvação; porque não ha Oração mais agradavel a Deus, que o Padre nosso, pela fazer o mesmo Christo nosso Senhor: e a Ave Maria, por ser feita em louvor de sua Mãi Santissima. E estas Orações ditas, e meditadas, como se devem dizer, e rezar, bastam para nos garantirem a graça de Deus.

Assim rezava aquelle Santo Lavrador, que sempre se levantava á meia noite, e estava em oração até amanhecer. Começava a considerar: Padre nosso, que estás nos Céus. E mettendo-se para dentro da grandeza, e santidade de tal Pai, e vendo a sua baixeza, e vileza, chorava amargamente, por ser filho tão indigno deste soberano Pai: e nestas considerações ficava arrebatado até amanhecer, dizendo mil males de si, e que era tão grande peccador, que nunca podia acabar um Padre nosso. Isto é ser Santo. Senhor. (me disse o morador) tomara saber donde vem esta palavra, ou nome de Santo. Ser Santo, (lhe disse eu) vale o mesmo, que ser homem são de peccado, desapegado da terra, e com merecimentos para gozar de Deus na Bemaventurança.

Isto supposto; dizia um, que não sabia ler: Eu estou occupado em ler o meu livro, que tem tres folhas. Pela manhã até o jantar, leio a primeira folha, que é preta: na qual leio os meus peccados,

e as penas do Inferno que mereço; e me desfaço em lagrimas de contrição. Depois até Vesperas, leio a segunda folha, que é vermelha: e nella leio a Paixão do Senhor; e espero perdão, e me animo a levar a minha Cruz, e seguir a meu Senhor. De Vesperas por diante, leio a terceira folha, que é de ouro: e leio nella a gloria do Céu, e com quantas fadigas e penas a alcançaram os Santos; e me animo a obrar bem pelo caminho delles. E para confirmação do que vos digo, ouvi o seguinte caso.

Era S. Isidro lavrador: e entrando uma vez em uma igreja, e vendo nella a Christo Senhor nosso, foi tal o affecto de seu amor, que não podendo por outros termos melhor explicar-se, e fazer a sua Oração, rompeu nestas palavras dizendo: Señor, si vos tuvierades ganado, yò os lo guardára. E por isso teve tantos merecimentos para com Deus, que chegou a ser tão grande Santo. Isto só é ser bom Estudante, e Grammatico espiritual; que soube fazer bem a sua Oração. Mas que importa que muitos sejam grandes Latinos, e ainda Philosophos, e Theologos, e darem-lhe as partes da Oração, se as não sabem concordar em genero, numero, e caso, que são as tres Virtudes Theologaes, Fé, Esperança e Caridade; nem conformarem-se com as oito partes da Oração, que são as Bemaventuranças.

E assim vos digo que todos podem ter Oração, e Meditação, ainda os que não saber ler, nem escrever; meditando na Paixão de Christo Bem nosso, e nos quatro Novissimos do homem, que são: Morte, Juizo, Inferno, e Paraizo: sabendo os Mandamentos, e guardando-os mui inteiramente; crendo firmemente no que contém o Credo, e os Artigos da Fé, por serem Mysterios de nossa salvação; e sendo mui devotos da Virgem nossa Senhora, para alcançarem o seu patrocínio para com Deus.

Em quanto ao como devemos estar quando oramos, as nossas forças nos ensinam; porém pelo grande respeito que se deve a Deus, estando com saúde, sempre é acerto estar de joelhos. Mas no caso que o não possais fazer, tambem se póde orar em pé, ou assentado, e ainda deitado: porque Santa Maria Magdalena orava muitas vezes (por enferma e fraca) deitada, e nem por isso deixava de agradar a Deus a sua Oração. Porém nunca será acerto

NUNO MARQUES PEREIRA

estar fallando no tempo de Orar. E feito isto com desejo de maior perfeição, não poderá faltar a graça, e auxilio de Deus, para nos salvar.

Verdadeiramente vos posso affirmar (me disse o morador) que estou tão satisfeito do que vos tenho ouvido, que tenho por venturoso acerto o chegares a esta casa, pelo bem espiritual que tenho recebido de vossa discreta conversação: porém como seja tarde, tendes naquelle aposento cama, podeis ir descansar. E logo me recolhi a uma camera, que ficava na mesma varanda, onde passei a noite.

NOTAS AO CAPITULO X

(1) P. Cristovão de Vega, espanhol (1595-1672) é autor de varios livros, entre os quais "Casos raros de la confesión", Méjico, 1660, logo com numerosas edições. (Carlos Sommervogel, *Bibliothèque de la Comp. de Jesus*, VIII, 522, Bruxelles, 1898).

(2) O incêndio em Recife (não em Olinda) ocorreu na véspera de Santa Catarina, 24 de Novembro de 1715. (Rodolfo Garcia, nota á *Hist. Ger.*, III, 407). Diz Varnhagen: "Cumpre acrescentar que a recente vila do Recife não se estreou com muita felicidade. Ao deitarem-se foguetes em certa festividade, entrou um em uma casa, e foi abrasar um barril de pólvora, fazendo-a saltar aos ares, com morte de quatorze pessoas, o que levou o govêrno a, por uma provisão, dispôr acêrea da armazenagem da pólvora destinada para negócio" O alvará é de 7 de Agosto de 1716.

CAPITULO XI

Falla o Peregrino do primeiro Mandamento da Lei de Deus, com muita doutrina espiritual, e moral: e reprehende o grande abuso dos Calundús, e feitiçarias, que se acham introduzidas no Estado do Brasil.

Não era ainda de todo dia, quando ouvi tropel de calçado na varanda: e considerando andar nella o dono da casa, me puz a pé; e sahindo da camera, o achei na varanda, e lhe dei os bons dias, e elle tambem a mim. Perguntou-me como havia eu passado a noite? Ao que lhe respondi: Bem de agazalho, porém desvelado; porque não pude dormir toda a noite. Aqui acudiu elle logo, perguntando-me, que causa tivera? Respondi-lhe, que fôra procedido do estrondo dos tabaques, (1) pandeiros, canzás, (2) botijas, e castanhetas; com tão horrendos alaridos, que se me representou a confusão do Inferno. (3) E para mim, me disse o morador, não ha cousa mais sonora, para dormir com socego. A isto lhe disse eu: Com razão dizem os naturaes que vivem junto do rio Nilo, que não sentem o estrondoso sussurro de suas correntes; e pelo contrario os que vão de fóra se não podem entender, ainda quando mais alto gritam. Senhor, (me disse o morador) se eu soubera que havieis de ter este desvelo, mandaria que esta noite não tocassem os pretos seus Calundús. (4)

Agora entra o meu reparo (lhe disse eu) Pois, Senhor, que cousa é Calundús? São uns folguedos, ou adivinhações, (me disse o morador) que dizem estes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos, tambem usam delles cá, para saberem varias cousas; como as doenças de que procedem; e para

adivinharem algumas cousas perdidas; e tambem para terem ventura em suas caçadas, e lavouras; e para outras muitas cousas.

Verdadeiramente, Senhor, (lhe disse eu) que me dais motivo para não fazer de vós o conceito, que até agora fazia; pois vos ouço dizer que consentis na vossa fazenda, e nos vossos escravos cousa tão supersticiosa, que não estais menos que excommungado, e os vossos escravos; além de seres transgressor do primeiro Mandamento da Lei de Deus. Accudio o morador dizendo: Como assim, Senhor? Tornai-me a explicar esse ponto; que me tendes mettido em grande confusão. Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que, além de teres peccado mortalmente no primeiro Mandamento da Lei de Deus, estais excommungado, e todos os vossos escravos, por convires, e consentires em semelhantes superstições contra o mesmo Mandamento.

Porque haveis de saber que este preceito de amar a Deus é (como diz S. Matheus, *cap. 22, vers. 38*) o primeiro, e o maior Mandamento. Por este preceito se prohibe e condena todo o culto dos Idolos, e superstições, e uso de arte magica; e se manda guardar tudo o que pertence á verdadeira Religião, a qual sómente dá culto, honra, e adoração justa, e devida a um só Deus verdadeiro, Eterno, Immenso, e Omnipotente, Trino em Pessôas, e Uno na Essencia. Este preceito de amar a Deus, consta claramente de toda a Sagrada Escritura. Por elle temos obrigação, tanto que chegamos a ter uso de razão, de saber de memoria os Mandamentos da Lei de Deus sob pena de peccado mortal, e a explicação delles: em tal fórma, que se ignorantemente peccarmos, tambem ignorantemente havemos de ir ao Inferno: porque é culpa grande, ignorar aquillo, que temos obrigação de sabermos.

E não basta que um diga: Sou Christão, ou: Vivo em terra de Christãos; senão tambem é necessario ir ouvir e aprender a palavra de Deus para si, e para a ensinar á sua familia, se a tiver. Porque para os que vivem nas trevas da Gentilidade, costuma a Divina Providencia usar de sua misericordia com elles, mandando-os allumiar com a luz da Fé pelos Operarios do Santo Evangelho, aos quaes chamou Christo Luz do mundo: (*Matth., c. 5. v. 14.*) e por outras palavras, candeia accesa (*ibid. v. 15.*) Estas luzes foram

então os sagrados Apostolos, e Santos Doutores: e são agora os Prégadores da Igreja, que nos prégam o Santo Evangelho. E tambem permite sua divina Misericordia, que muitos destes Gentios sejam trazidos ás terras dos Catholicos, para os ensinarem e doutrinarem, e lhes tirarem os ritos Gentilicos, que lá tinham apprendido com seus pais.

E se não, dizei-me: É sem dúvida, que estes Calundús, que vós chamais, e consentis que usem delles os vossos escravos, e na vossa fazenda; é rito, que costumam fazer, e trazer estes Gentios de suas terras. Tambem é certo, que por Direito especial de uma Bulla do Summo Pontifice (5) se permittiu que elles fossem captivos, com o pretexto de serem trazidos á nossa Santa Fé Catholica, tirando-se-lhes todos os ritos, e superstições Gentilicas, e ensinando-se-lhes a doutrina Christã: o que se não poderia fazer, se sobre esses não tivessemos dominio.

Logo, como se lhes póde permittir agora, que usem de semelhantes ritos, e abusos tão indecentes, e com taes estrondos, que parece que nos quer o Demonio mandar tocar triumpho ao som destes infernaes instrumentos, para nos mostrar como tem alcançado victoria nas terras, em que o verdadeiro Deus tem arvorado a sua Cruz á custa de tantos Operarios, quantos têm introduzido neste novo mundo a verdadeira Fé do Santo Evangelho? Não vos parece que tenho razão para vos estranhar, e a todos os que isto consentem, e dissimulam em terras de Catholicos Cristãos?

Dizei-me: Atrever-se-ha algum Christão ir fazer os ritos, e ceremonias de nossa Santa Madre Igreja á terra de Infieis, sem que lho prohibam elles com rigorosos castigos? É sem dúvida que não. Logo parece que tacitamente (ou para melhor dizer, expressamente) se está este peccado da idolatria e feitiçaria permittindo nestes povos e Christandade, pois não ha castigo. Oh (deixai-me dizer) por isso experimentamos, e havemos de experimentar muitos castigos, se não houver cobro em cousa tão importante. Lá dizia o Propheta Isaias: Ai de mim, porque calei (*cap. 6. v. 5.*) Como se dissera: Ai de mim, Senhor de Israel, quantos peccados hei consentido, e quantas maldades hei dissimulado, e calado: as quaes, se

eu as reprehendera, se emendariam; e se eu as descobrira, se castigariam!

Senhor, (me disse o morador) já que tão bem me tendes explicado o que eu tanto ignorava, e de que não fazia caso, permiti-me mandar chamar estes escravos á vossa presença: que o demais, com o favor de Deus, em quem confio, e adoro, eu o evitarei. E logo despachou um famulo a chamar os mais escravos: os quaes, ainda que de vagar, foram chegando; e por mais diligencia que o dono da casa fazia, para que chegasse o Mestre dos Calundús, não era possível, sendo que o dia era Domingo, e não havia occupação. E chegando enfim elle, e todos os mais á minha presença, perguntei ao Mestre dos Calundús: Dizei-me, filho, (que melhor fôra chamar-vos pai da maldade) que cousa é Calundús? O qual com grande repugnancia, e vergonha me disse: que era uso de suas terras, com que faziam suas festas, folguedos, e adivinhações. Não sabeis, (lhe disse eu) esta palavra de Calundús o que quer dizer em Portuguez? Disse-me o preto que não. Pois eu vos quero explicar, (lhe disse eu) pela etimologia do nome, que significa. Explicado em Portuguez, e Latim, é o seguinte: que se calam os dois: *Calo duo*. Sabeis quem são estes dous que se calam? Sois vós, e o diabo. Cala o diabo, e calais vós o grande peccado que fazeis, pelo pacto que tendes feito com o diabo; e o estais ensinando aos mais fazendo-os peccar, para os levar ao Inferno quando morrerem, pelo que cá obraram junto comvoseo. Aqui tendes a explicação desse horrendo peccado: o qual por sua natureza e malicia é tão pessimo, que se vós soubesseis a qualidade dessa culpa, e os mais, fugirieis della, como do mesmo Inferno.

Mas dizei-me: Sabeis vós as Orações? Disse-me o preto que sim. Pois dizei-me o Credo (lhe disse eu) E querendo o preto dar-lhe principio, nunca o pôde proferir, nem acertar. Aqui se começou a atemorizar o dono da casa, e os escravos a encher-se de temor, e horror. Ao que acudi eu, dizendo que não temessem ao inimigo posto que o tivessem á vista: porque com ajuda de Deus, em quem eu tanto confiava, havia elle de sahir destruido; pois nada pôde sem Deus lho permittir. E logo lhes disse, que todos dissesem comigo a Oração seguinte: Eis a Cruz de Christo aqui: *Espirito*:

máus, fugi, que da Tribu de Judá, o Leão foi vencedor da geração de David: Alleluia, alleluia, alleluia. E repetindo eu todo o Credo, e os Mandamentos da Lei de Deus, perguntei ao preto, se cria em Deus Padre todo poderoso? Ao que me respondeu, que sim cria verdadeiramente. Pois se credes, (lhe disse eu) e sabeis os Mandamentos da Lei de Deus, nos quaes se nos manda que o honremos, e amemos sobre todas as cousas, que razão tendes para crer no diabo, e fazer que estas pobres miseraveis creaturas, remidas com o precioso sangue de meu Senhor JESUS Christo, cream e idolatrem em superstições e feitiçarias do diabo? Aqui se calou o preto.

Então lhe disse eu: Pois sabeis, (e a vós todos vos digo o mesmo) que por este nosso bom Deus deveis deixar todos os bens e haveres do mundo, e ainda ao mesmo pai, e mãe, mulher, e filhos: e se necessario fôr, entregá-los ao sacrificio, como de bôa vontade o fez Abrahão a Isaac. Era seu unico filho Isaac: e mandando-lhe Deus que o sacrificasse, por obedecer a Deus, cujo amor excedia ao do filho, o pôs em execução: ao que Deus accudiu suspendendo-lhe o golpe, por ter conhecido a sua Fé, e amor, e nos dar exemplo. E a razão é: porque mais devemos a Deus, que a todo o mundo. E se não, vêde. Este Senhor nos tem dado vida, e o mesmo ser, e nos promete salvar, dando-nos os bens da gloria: o que nenhum dos nossos parentes, nem o poder de todo o mundo nos pôde fazer; porque tudo está dependendo deste immenso Deus.

E reparai com attenção as muitas, e grandes obrigações que deveis a Deus, por vos ter dado conhecimento de si; e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivieis como Gentios; e vos ter trazido a esta, onde instruidos na Fé viveis como Christãos, e vos salvais. Fez Deus tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo, que mil annos antes de vir ao mundo, o mandou escrever, e profetizar nos seus Livros, que são as Escrituras Sagradas. Virá tempo, diz David, em que os Ethiopes, (que sois vós) deixada a Gentilidade e Idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus. E que fariam assim ajoelhados? O mesmo Propheta: Farão Oração levantando as mãos ao mesmo Deus. E quando se cumpriram estas duas promessas, uma do Psalmo setenta e um, e outra do Psalmo sessenta e sete? Cumpriram-se principalmente depois que

os Portuguezes conquistaram a Ethiopia Occidental: e estão-se cumprindo hoje, mais e melhor que em nenhuma outra parte do mundo, nesta America; aonde trazidos os mesmos Ethiopes em innumera-vel numero, (6) todos com os joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao Céu, crêm, confessam, e adoram todos os mysterios da Incarnação, Morte e Resurreição do Creador, e Redemptor do mundo, verdadeiro Filho de Deus e da Virgem MARIA; e emfim todos os mais Mysterios da Santissima Trindade.

Vêde se pôde haver maior beneficio, que escolher-vos Deus entre tantos Idolatras, e differentes nações, trazendo-vos ao gremio da Igreja, para que lá com vossos pais vos não perdesseis, e cá como filhos seus vos salvasseis? Pôde haver maior beneficio? E vós pagando-lhe tanto pelo contrario com vossos abusos, querendo desprezar este beneficio por uma cega promessa diabolica, e tão vil entretenimento. Logo, se assim é, no que não pôde haver dúvida, se o crêdes e o confessais, como estais obrando o contrario, sem temer o castigo deste Senhor, fiados em que é Pai, quando tambem é de justiça, e tão recto, que nos ha de pedir conta de tudo o que obrarmos contra os seus Mandamentos?

Aqui começou o dono da casa, posto de joelhos diante de uma Imagem de Christo Senhor nosso, que estava em um Oratorio da mesma varanda, a dizer em altas vozes: Senhor Deus, misericordia. E logo todos repetimos o mesmo em vozes altas, com muitas lagrimas; e demos principio a rezar todas as Orações, e Ladainhas. Acabado este grande acto, disse eu ao dono da casa: que mandasse vir todos os instrumentos, com que se obravam aquelles diabolicos folguedos. O que se pôs logo em execução, e se mandaram vir para o terreiro (7); e no meio d'elle se fez uma grande fogueira, e nella se lançaram todos. Alli foi o meu maior reparo, por ver o horrendo fedor, e grandes estouros, que davam os tabaques, botijas, (8) canzás, castanhetas, e pés de cabras; com um fumo tão negro, que não havia quem o supportasse: e estando até então o dia claro, se fechou logo com uma lebrina tão escura, que parecia se avizinava a noite. Porém eu, que fiava tudo da Divina Magestade, lhe rezei o Credo; e immediatamente com uma fresca viração tudo se des-

fez. Alli os fui confortando, e exhortando; de sorte, que mettidos em confiança do poder e amor de Deus, ficaram muito contentes.

Então lhes disse eu: Para que venhais no conhecimento do que são os erros, e abusos, com que o diabo tem introduzido em tão varios povos e nações esta sciencia e peste infernal de feitiçarias, e adivinhações: sabei que varias foram as superstições antigas entre a Gentilidade, as quaes ainda hoje as observam os Mouros. Porque pronosticavam por canto das aves, e a estes chamam Aruspices: e vaticinavam por voz e movimento dos animaes, e pelas entranhas das victimas. A estas superstições se ajuntavam outras, nma das quaes é a Geomancia, que depende de certas figuras, circulos, e pontos formados em terra: e esta ainda hoje se vê entre vós outros observada. A Pyromancia se funda em algumas observações ridiculas de côres e movimentos de fogo. A Hydro-mancia consiste em barro em caldeirões de agua, deitando dentro algumas cousas com diversas ceremonias supersticiosas. A Chiro-mancia, é a que hoje professam os Ciganos, de mentir e enganar pelas raias das mãos: e com ser manifesto engano, ha nos homens appetencia de saber o futuro. Outra Sciencia ha, a que chamam Astrologia judiciaria, a qual póde ser certa em quanto á observação do movimento dos Astros: porém Deus sobre tudo. E o mais douto e acertado fundamento de todo este discurso é, que todos nascemos para morrer: e que trabalhemos muito para seguirmos os conselhos de Christo, para nos salvarmos. Esta é a mais certa doutrina, que eu vos posso inculcar, e a todos os mortaes: e que deixeis de consultar a estes falsos Oraculos mentirosos, que não sabem mais que enganar-vos, e levar-vos ao Inferno.

Alli passei todo aquelle dia, a rogo e persuasão do morador, em varias conversações, todas dirigidas a bom fim, e a proposito deste primeiro Mandamento; dizendo-lhe o quanto lhe importava occupar aos seus escravos e familia em os exercitar na Doutrina Christã, e livrá-los de ruins companhias: porque destas têm resultado muitos damnos, e offensas de Deus.

Contou-me então o morador a este proposito o seguinte caso. Sendo eu Estudante (disse elle) na Cidade da Bahia, me mani-

festou uma mulher parda, como em certa occasião outras quatro, duas pardas, uma branca, e outra crioula, a induziram com persuasões dizendo-lhe, que se ella quizesse ter ventura com os homens com quem tivesse amizade illicita, havia de usar do que ellas faziam: porque de outra sorte se não havia de augmentar, nem ter nada de seu. E levada destas persuasões, as acompanhou uma noite de escuro a certo lugar desviado da Cidade: e depois de feitas as ceremonias, chegando a uma paragem consignada, lhes appareceu visivelmente o diabo em fórma de um grande Cão mui negro; e depois de lhes fazer mui grandes festas, e affagos, tratou de ter concubito com ellas. E chegando a esta parda com o mesmo intento, lhe disse ella que não convinha em tal peccado: e logo lhe deu um desmaio tão grande, que não tornou em si, senão no dia seguinte, achando-se em casa de uma das camaradas (ou, para melhor dizer, das inimigas) E perguntando-lhe eu, quem eram as da consulta, nunca mo quiz descobrir. Esta parda, que me referiu este caso, falleceu dalli a poucos tempos, e com demonstrações de mui bôa Christã, segundo o que me pareceu: tambem me havia certificado, que depois de se confessar deste successo, não tivera amizades deshonestas como homem algum: e que havia feito voto a Deus de guardar castidade. E depois, confessando-me eu do que tinha ouvido, me disse o Confessor, que eu fizera mal em não denunciar da parda: porém como fosse ignorancia, e não malicia, e por ser já fallecida, me absolveu. Até aqui o morador.

Ahi tendes o exemplo (lhe disse eu) do que sejam estes adjuntos e festas dos Calundús. E ainda mal, que tanto póde o inimigo com semelhante gente: e não sei se diga, que muitos não têm razão para se deixarem enganar. Tem este infernal inimigo seus correctores, que induzem, e o inculcam para este fim: mette-lhes de permeio as conveniencias de ganharem, para depois se perderem; e apanhando-os dentro, faz de uma creatura o que quer: porque como lhe falta a Fé, e o temor de Deus, joga com ella, como lá dizem, a péla. Porque o peccador, tanto que chega ao profundo de suas maldades, tudo despreza. (*Prov. 18.3.*) Por esta razão disse o Propheta Rei: *Abysus abyssum invocat.* (*Psalm. 41.8.*) E succede tambem, que pelos caminhos, que um peccador pecca, por ahi

é atormentado. E vêde que consequencias se seguem desse horrendo peccado.

Sahe uma mulher desse atroz acto immunda e inficionada: chega um homem a sollicitá-la; alli o contamina, e o inficiona de tão máu humor, que o deixa incapaz de viver. Começa a queixar-se, e não ha Medico nem Cirurgião que lhe acerte com o mal, por ser de especie diversa da natureza, apanhado em um vaso do Inferno: já queixando-se de flatos melancolicos, já de dôres insupportaveis; e emfim não ha cura que lhe acerte, nem remedio que o cure. Aqui chega um corretor do diabo, e lhe diz, que se quizer ter saúde. procure um preto curador (ou, para melhor dizer, feiticeiro); este lhe come o dinheiro, e talvez dá com elle no Inferno.

Assim succedeu a El-Rei Ocozias, de quem diz a Escritura que estando enfermo mandou consultar sobre sua saúde ao demonio Beelzebub; e Deus lhe mandou intinar pelo Propheta Elias, que por deixar a Deus, a quem podia consultar sobre o estado de sua vida, se não levantaria da cama, em que estava, e morreria. (*Lib. 4. Reg. cap. 1.*) Bem entendeu esta verdade o Paralytico, que só creu que Christo lhe podia dar saúde, e fazer o milagre de o sarar; como fez quando lhe disse, que tomasse o seu leito, e se fosse em paz: (*Matth. 9.6.*)

A este respeito vos contarei o que succedeu a um feiticeiro, que enganou ao Demonio (porque tambem a este se engana, por não saber o futuro contingente, nem o que tem uma creatura no seu entendimento) E foi o caso, que consultando um feiticeiro ao diabo acerca da saúde de um enfermo, lhe respondeu que já não tinha remedio o enfermo, por ser o mal mui velho: e que não havia medicina, que lhe pudesse dar saúde. Replicou o feiticeiro: que visse se lhe podia dar algum remedio, pelo grande lucro, que lhe havia promettido o doente. Disse-lhe o diabo: que não tinha remedio por ordem natural; mas só querendo Deus milagrosamente, como Autor da natureza. Calou-se o feiticeiro, e fez um discurso consigo acertado. Logo Deus é o que tudo póde fazer: e se eu fizer penitencia, posso salvar-me: e tu, diabo, nada podes, sem Deus o permittir. E com esta resolução, tratou de buscar a um Confessor douto, e bom Christão, e com elle se confessou da sua culpa, e fez

penitencia, e acabou com opinião de grande arrependimento; ficando o diabo burlado do feiticeiro, por lhe ter descoberto a verdade sem o querer fazer.

Tambem se conta na vida de Santo André Apostolo, que consultando uma mulher com o demonio o remedio, que teria, para se livrar de um parto perigoso, lhe disse o demonio que se valesse do Santo. E indo ella pedi-lo ao Apostolo, lhe respondeu: Com justa causa padeces esse trabalho, porque casaste mal, consultando ao demonio: mas com tudo faze penitencia, crê em JESUS Christo, e lança o menino. E crendo ella, logo moveu, e cessaram as dôres.

E ainda as creaturas racionaes, tão cegas, como enganadas, se deixam levar destes enganadores, entregando as suas almas ao demonio, por não terem fé em Deus! Só em Deus devemos crer, e resignarmo-nos muito na sua santa vontade; fugindo deste torpe vicio, e de mulheres inficionadas de semelhantes torpezas, e tão desamparadas, que por um interesse vil se entregam a culpas tão horrendas, que não são dignas de se proferirem entre Catholicos. Vêde agora as consequencias deste infernal peccado.

Com razão disse S. Paulo na Epistola primeira aos Corinthios (*cap. 6. v. 15.*) que o homem, sendo membro de Christo, pela fornicção se faz membro de meretriz: que, segundo entendo, vale o mesmo, que do diabo. Porque não é para proferir entre Catholicos, o que nesse infernal vicio se usa, tão fóra dos termos da natureza, que mais parece uma formal heresia, que acto simples de fornicção, ensinado pelo Mestre do peccado, que é o mesmo diabo o que por pejo e modestia vos não posso relatar; e lá o sabem estas, e estes ministros de Satanaz. E não me estranhem os Moralistas tocar neste primeiro Mandamento o que pertence ao sexto. Porque além da razão de se encerrarem neste todos os dez, tambem cabe pela razão da Idolatria, com que as creaturas racionaes se idolatram umas ás outras, esquecendo-se do mesmo Creador. E com mais circumstancias os Christãos, que os proprios Gentios: pois este ignoram o verdadeiro Deus; e nós, crendo no mesmo Deus, e confessando-o, somos taes, que o deixamos pelas creaturas. Ah, meu Deus! Grande é a vossa misericordia; pois tanto nos soffreis, esperando a nossa emenda, para nos perdoar os grandes peccados

O PEREGRINO DA AMERICA

em que temos cahido! E nós sem nos querermos arrepender, nem emendar. Por falta deste arrependimento, e emenda, tem no mundo succedido tantos castigos em Reinos, Provincias, Cidades, povos e gerações, como consta da lição dos Livros, e Escritura sagrada.

Na verdade vos digo, Senhor, (me disse o morador) que assim é: porque vejo hoje tão dissimulado este peccado no mundo e principalmente no Brasil, que não ha quem não saiba delle. ainda aquelles a quem incumbe o reprehendê-lo, sem castigo. Senhor, (lhe disse eu) assim succede; e está succedendo: e talvez que por essa causa experimentemos tantos castigos de Deus; por que são taes os homens, que, por se conservarem com os seus escravos, estão dissimulando este peccado. E o que mais temo, é não sei se de escravos tenha passado a libertos, e ainda a brancos; por falta de castigo: donde se poderá bem dizer, que quem dissimula vicios, quer que vão em augmento.

Assim parece (me disse o morador) Mas já que tendes tocado em tão grandes materias, e tão necessarias, quero-vos perguntar uma cousa, em que tenho feito reparo. E vem a ser: Porque causa o diabo para com algumas pessoas se ha tão franco em obedecer que assim como o invocam, logo apparece; a outros me consta pelos ouvir contar, que ainda chamado muitas vezes, não que apparecer? Respondo: (lhe disse eu) O diabo, além de ser sciente e Astrologo, é grande judiciario; e pelos effeitos, conferencias aspectos, e mais signaes, conhece uma creatura: e sobre tudo mui opinativo (quicá que por essas suas presumpções esteja no Inferno penando para sempre) Como sabe que essas pessoas que o chamam, ou seja com desesperação de raiva, ou com interesse de alguma cousa, se lhes apparece visivelmente, o desprezarão (como lhe fez essa parda, cujo caso me contastes); por se não ver desprezado, não se quer communicar; e só o faz áquelles, de quem tem cabal certeza que o hão de receber.

Assim me persuado (me disse o morador) Porém offerece se-me outra dúvida, e vem a ser: De que procede nesta Gentildade, que vem de Angola e Costa da Mina, haver entre elles aquell abuso das Quijillas, (9) o qual guardam alguns tão pontualmente como se fôra um Mandamento da Lei de Deus, e antes morrerão, qu

NUNO MARQUES PEREIRA

deixar de observá-lo: e este consiste em não comerem caça, ou peixe, marisco, e outras muitas cousas. Pergunto, se isto é peccado? Respondo: (lhes disse eu) é sem dúvida peccado. Porque a creatura racional nasce livre de guardar algum preceito Divino ou humano sob pena de peccado, antes de ter uso de razão: e só nascemos com o encargo da culpa original, por ser contrahida nos nossos primeiros Pais; da qual ficamos livres pelo Sacramento do Bautismo. E os que morreram antes da instituição deste Sacramento, e tinham feito boas obras, suppriu-lhes o preciosissimo Sangue de Christo, quando na sua sagrada Paixão o derramou por nosso resgate, pelo terem merecido, para delle se aproveitarem.

Isto supposto: Quigilla é um pacto explicito, que fazem estes Gentios com o diabo, sobre o qual assenta alguma conveniencia corporal da parte do que o faz: como de terem bom successo na guerra, fortuna na caçada, na lavoura etc. Procedem estes pactos, e Quigillas, de ter o diabo grande inveja da creatura racional, e querer por varios meios induzila a peccar, fazendo-a guardar seus preceitos, e mandamentos, para a precipitar no Inferno. Esta Quigilla, ou pacto, passa por tradição a filhos, netos, e mais descendentes; porém como estes não foram os motores do pacto, fica sendo nelles implicito: e como ignoram a causa, não tem a culpa tanta graveza, como a de seus pais, e ascendentes, que o fizeram expressamente. Por isso eu disse no principio do discurso deste Mandamento, que peccam todos aquelles que o não guardam; salvo por ignorancia, ou pela pouquidade da materia se puderem livrar de serem transgressores deste preceito. Porém depois de advertidos, e exhortados, estão obrigados a renunciar todos os pactos, e Quigillas. Eu tenho visto a muitos pretos, depois de bautizados e confessados (por se lhes ter feito carga desta culpa) usarem de comer do que lhes era prohibido por Quigilla nas suas terras, e ficarem livres de lhes fazer mal o que comeram.

Tenho entendido (me disse o morador) o que me explicastes. E porque é já noite, e hora de nos recolhermos, podeis ir descansar; e amanhã seguireis a vossa derrota: que eu pelas quatro horas me resolvo partir para Belém com os meus escravos, a tratar do bem da minha alma, vistas as advertencias, que me tendes feito: e não

O PEREGRINO DA AMERICA

sei com que palavras me poderei mostrar agradecido ao muito que vos devo. Só vos peço queirais acceitar uma limitada matalotagem, que será para passares o dia de amanhã. Eu me mostrei mui agradecido; e logo nos recolhemos. E no dia seguinte se partiu o morador; e eu fui continuando a minha jornada.

NOTAS AO CAPITULO XI

(1) Do persa *tablak*, a palavra se generalizou no Brasil, trazida pelos africanos: tambôr, que varia de nome conforme as proporções. Os melhores chamam-se caxambús, e em Angola guingoma.

(2) Canzá, cf. Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, 2ª ed., p. 240 e Renato Mendonça, *A Influencia Africana no Português do Brasil*, p. 96, Rio, 1933: instrumento musical "feito de cana com as extremidades fechadas pelos gomos da mesma cana e com orifícios"

(3) Já D. Francisco Manuel de Mello, a quem o A. chama de Seneca português, detestára esses ruidos africanos. Quando do seu exilio na Bahia, 1655-58, escreveu um soneto, "Varia idéa estando na America e perturbado no estudo por bailes de barbaros":

Que desta negra gente em festa rude,
Endoidece o lascivo movimento...

Vd. Edgar Prestage, *D. Francisco Manuel*, Coimbra, 1914.

(4) Calundú tinha acepção mais larga do que "baile africano": era Divindade (Porto Seguro, *Híst. Ger. do Bras.*, I, 282, João Ribeiro, *A Língua Nacional*, p. 120), dança religiosa, rito orgiaco. Cf. Gregorio de Matos, *Satírica*, I, 186:

.....
Nos quais se ensina de noite
Os calundús e feitiços.

Rodolfo Garcia dá outros significados: mão humor, zanga... *Dicionário de Brasileirismos*, p. 54. Assim B. Caetano, B. Rohau, Teschauer.

Prevaleceu, para designar as festas da senzala, o termo "batuque", que Elias Alexandre da Silva Correia define: "Dança indecente, que finaliza em umbigadas" (*Historia de Angola*, I, 89, Lisboa, 1937).

(5) Bula de Pio II, 5 de Outubro de 1462. Aliás a de Paulo III, 1534, proibia a escravidão, mesmo do gentio infiel.

(6) Quantos negros vieram para o Brasil nos tres seculos do trafico? Roberto Simonsen calcula em 3.300.000 essa importação, *Historia Economica do Brasil*, I, 205. No seculo XIX a media das entradas anuais alcançou 55 mil, Calogeras, *Híst. da Formação do Brasil*, p. 54, Rio, 1931. E' certo que, no

NUNO MARQUES PEREIRA

seculo XVII, de Loanda e Benguela saíam por ano 10 mil escravos. Havia mil no Congo; Moçambique, a Africa do Norte (Marquez de Lavradio, *A Abolição da escravatura e a ocupação do Ambriz*, p. 39, Lisboa, 1938). Só a Bahia em 1817 recebia 12 mil, Martius, *Viagem á Bahia*, trad. de Pirajá da Silva, 2ª ed. p. 86. Tambem Pedro Calmon, *Hist. Social do Brasil*, I, 172.

(7) *Terreiros*, ainda assim se chamam os “centros” místico-orgiacos de varios cultos africanos, Nina Rodrigues, *op. cit.*, p. 345.

(8) “*Xaque-xaque*”, instrumento nagô e gêge, *aguê-e* em lingua nag formado de grandes cabaças vazias, cobertas de uma rêde de fios”, ou chocalho, Nina Rodrigues, *op. cit.*, p. 240. As “castanhetas” seriam “rucumbos”, um arco de madeira para fazer vibrar com os dedos. Cf. o mesmo autor.

O A. descreve um “candomblé”, ou “botucagé”.

(9) Quizila: “antipatia supersticiosa que os africanos nutrem por certos alimentos e determinadas ações” (Manuel Quirino). Do quimbundo kigila, conhecido, João Ribeiro, *A Lingua Nacional*, p. 122; Renato Mendonça, *op. cit.* p. 132; C. Teschauer, *Novo Dicionário Nacional*, s/t.

CAPITULO XII

Trata o Peregrino do segundo Mandamento, com muitos avisos, e documentos, para se evitarem tantos juramentos falsos em Juizo.

Todo aquelle dia fui só: e porque as nuvens me serviam de reparo ao calor do Sol, caminhei larga jornada. E como se chegava a noite, tratei de buscar pousada: quando ouvi em altas vozes a um homem apaixonado jurar pela Hostia consagrada, dizendo: que se encontrasse alli aos que lhe tinham feito aquelle damno, os havia de matar. Fui-me chegando, como quem não tinha de que se recear, fiado na minha innocencia (posto que nem sempre esta vale, nem está livre de perigos), quando vi a um homem, que com quatro escravos estava atando uma cerca. Dei-lhe as boas tardes, para que me desse a bôa noite. Correspondeu-me primoroso, (que não sei que tem isto de ter um homem bom entendimento, que, ainda quando mais apaixonado, não sabe faltar á cortezia) e logo me perguntou se buscava agasalho? Ao que lhe respondi que sim. E como já estava quasi acabada a tarefa, disse elle aos escravos, que como findassem a obra, se recolhessem.

Levou-me em sua companhia, até que chegamos á casa, e logo me deu assento. E assentado elle tambem, me disse: Bem conheço, Senhor, me estranharieis ouvir-me com repetidas vozes apaixonado invocar varias jurás. Ao que lhe respondi: Senhor, é a nossa natureza de uma composição, que nem sempre pôde estar em um ser: motivo (além dos mais) porque chamam ao homem mundo abreviado. Porque assim como succede estar o mundo em umas occasiões com serenidade, em outras tempestuoso, já ventando, já chovendo, e emfim noutras com relampagos e trovões, assim tambem

o homem em uma occasião se acha alegre, em outras triste, já gritando, já chorando, e maldizendo-se. Porém nunca será acerto jurar, nem praguejar: porque no deixar de o fazer se mostra o homem Christão, racional, e prudente; além da offensa de Deus, que é o que mais devemos evitar.

Assim é, (me disse o morador) e convenio no que me dizeis. Porém a causa que tive para a minha queixa, e juras que me ouvistes proferir, procedeu de uns visinhos, que de proposito solicitam occasiões de me molestar, como agora fizeram; porque achei aquella cerca derrubada, e nella tirados alguns páus: e com esta paixão disse as palavras, que me ouvistes. Senhor, (lhe disse eu) bastante causa tivestes para a vossa queixa: porém não queirais, sobre o detrimento que vos dão, offender a Deus com semelhantes juras; que é o que se nos prohibe no segundo Mandamento, quando se nos manda não jurar o santo Nome de Deus em vão. Senhor, (me disse o morador) já que tocastes nesse Mandamento, tomára que me explicasseis o como se entende; porque muitas vezes reparo nisso, e lhe não sei dar a definição: pudera-o ter perguntado; mas como me envergonho, o não tenho feito. Pois, Senhor, (lhe disse eu) se de alguma cousa não devemos ter vergonha, é de perguntarmos tudo aquillo, que devemos saber para bem de nossa salvação.

Dizei-me: Que vituperio é a um Catholico, procurar saber a Doutrina Christã? Tem-se por cousa de grande honra o vestir-se um da libré de um Principe; e ter-se-ha vergonha de se vestir da de Christo? Os artifices mais vis no mundo se prezam de suas artes: e os Christãos será bem envergonharem-se de aprenderem, e saberm a doutrina Christã, para se poderem salvar? Pois advirtam que o Filho de Deus tem dito, que se ha de envergonhar diante de seu Eterno Padre dos que se envergonharem de segui-lo, e imitá-lo diante dos homens. (*Luc. 9. 26.*) Por isso, sabendo o Apostolo que Deus se offende do animo, e não da natureza, mandava a Timotheo, não só que se não envergonhasse de servir a Deus; mas que não quizesse envergonhar-se. (*2. ad Timoth. 1. 8.*) Porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor: pôr no impedimento a vontade, que havia de pôr na resolução, era maior culpa. que não resolver-se por ignorancia, ou frouxidão. Animos

envergonhados, não se acham senão em corações fracos. Perguntara eu aos homens, se a algum lhe pesa de que o tenham por entendido? É certo que não. Pois que mais entendimento, e credito pôde haver, que saber-se que não ignora um homem aquillo que tem de obrigação entender, e saber?

A este proposito vos quero contar o que succedeu em minha presença a um sujeito presumido de entendido. Estava este repetindo-me yarios versos, e a outros mais circumstantes. Assim que acabou, chegou-se um rapaz a elle: e pelo ver tão perito nas relações, parecendo-lhe que estava dizendo Orações, lhe pediu que lhe ensinasse os Artigos da Fé. Defendeu-se elle uma e outra vez com frivolas desculpas: até que lhe disseram os que estavam presentes, que satisfizesse ao que lhe pedia o rapaz; e vendo-se envergonhado, e corrido, chegou a dizer que os não sabia de cór. Vêde agora, quando isto succede a um presumido em decorar versos, que fará quem os não sabe dizer lidos? Isto é bem que se diga, para confusão de alguns Christãos presumidos de mui entendidos, ignorando a doutrina Christã, que todos estamos obrigados saber sob pena de peccado mortal. Porque têm muitos para si, que lhes basta que os tenham por homens praticos, bem fallantes, e versados em ditos selectos. Sendo que pouco importa que um saiba bem fazer uma decima, ou um soneto; se não souber a doutrina Christã, que é porque Deus nos ha de perguntar, e do que nos havemos de aproveitar para a nossa salvação. Porém isto supposto:

Para maior luz, e intelligencia deste segundo Mandamento, havemos de advertir, que nelle se não prohibe absolutamente os juramentos permittidos em Direito Divino e humano, quando a razão e justiça os pedem, com verdade, e necessidade, e em Juizo. Estes juramentos se devem entender em tres fórmas, que são: assertorio, comminatorio, e execratorio. Todos são de uma mesma especie; porque todos se ordenam a um mesmo fim, que é confirmar, e manifestar a verdade. E só o que se prohibe neste Mandamento, é jurar falso, trazendo a Deus por testemunha: e tambem ser um homem tão pouco advertido, e menos Christão, que por quasi nada tenha por uso invocar a Deus, e a seus Santos, sem urgente necessidade: isto é, trazer, e jurar o santo Nome de Deus

em vão, sem causa, ou necessidade urgente. Tenho entendido, Senhor, (me disse o morador) e fico de accôrdo, para perguntar daqui por diante o que não souber acerca da doutrina Christã. Mas já que fallamos em juramentos, tomara que me explicasses, se além destes, que me acabastes de dizer, ha mais fórmãs, ou nomies delles, porque vejo que se trata nos Auditorios do judicial de outros nomes de juramentos: e tomara saber, qual delles é mais arriscado, quando se vão dar, e por justiça se obriga a que se jure.

Respondo: (lhe disse eu) Supposto os muitos nomes, que lhe dá o Direito Civil, e se tratam nos Auditorios (porque só um Autor, chamado Rocafuli, quer que haja dezeseis fórmãs de juramentos (*tom. 2, tract. 2, lib. 1, Sect. 2, n. 52, e seg.*) reduzi-los-ei a tres fórmãs, que mais vulgarmente se praticam nos Auditorios, que são os seguintes: juramento de calumnia, suppletorio, e decisorio.

Juramento de calumnia costuma pedir o Réu, e dar o Autor, quando se põe em algum libello, ou artigos, ou se dá alguma querêla. E neste juramento declara o Autor, se bem e verdadeiramente põe aquella causa, e a pretende provar, sem dolo, ou malicia.

Juramento suppletorio se permite, quando nas causas entre partes se não acha plena e concludente prova, pela qual os Ministros possam determinar as sentenças: e costuma mandar que os Autores jurem suppletoriamente em supprimento de prova, para declararem as circumstancias e factos da causa. Porque suppõem o Direito e os Ministros, que não haverá pessoa que jure falso.

Juramento decisorio, é no caso que um Autor manda citar o Réu, e vindo este a Juizo, se lhe permite que jure se deve o que lhe pede o Autor em sua acção: e por este juramento, se confessa, fica condemnado o Réu; e absolto, se jura que não deve. Chama-se vulgarmente juramento da alma.

Nesta fóрма de juramento tem introduzido a malicia grandes abusos: e a maior parte desta culpa têm os Advogados (e não sei se diga, que os ambiciosos Solicitadores) Porque succede mandar um homem citar a outro: e vendo-se o Réu citado, cego de raiva, (e talvez falto de dinheiro) busca a um Lettrado, e muitas vezes a um Requerente; e diz-lhe, que para aquella audiencia o

mandaram citar. Pergunta-lhe o Advogado, ou o Requerente: Pois deveis, ou não? Responde-lhe o miseravel apaixonado, que não deve cousa alguma. A isto lhe diz quem o aconselha: Pois ide á audiencia, que lá averiguaremos isso. E quando lhe diz que é verdade que deve, porém que não está em tempo de lhe pagar, costumam responder-lhe aconselhando-o: Tendes o remedio na mão: dizei que é verdade que deveis; porém para pagar para tal tempo. Vai um destes mui contente, e dá um juramento falso: e o peor é, que disto se não confessa; porque diz (como a alguns tenho ouvido dizer) que o Letrado ou Requerente o aconselhara assim, porque o entende mui bem.

Póde haver maior desgraça? Que por uma tão limitada paga queira um homem dar tal conselho, para ir, e levar ao outro consigo ao Inferno! Podendo-lhe dizer: Senhor, quem deve, paga, ou roga, ou vai á cadeia. Confessai a divida puramente; e depois fazei por vos compôr com a parte: porque não ha homem tão tyranno, que vendo ao seu devedor confessar a verdade, lhe não dê uma espera, para lhe poder pagar. E quando por isso tenhais alguma molestia na execução, considerai que, por teres sido moroso na paga retendo o alheio, padeceis essa execução, e molestia: e que melhor é padecer neste mundo qualquer detrimento, que ir pagar ao Inferno.

Um caso vos quero contar, que succedeu em certa Villa, diante de um Juiz de vara vermelha, e podia servir de aresto para alguns de vara branca (1). E foi, que mandando citar um homem a outro para sua alma, por certa quantia, que lhe devia, vieram o Autor e Réu a Juizo: fazendo o Ministro ao Réu as perguntas judiciaes, reparou que elle se perturbava. E naquelle breve intervallo accudiu o Juiz dizendo ao Réu: Eu entendo o que pretendeis: é sem dúvida que deveis, e quereis que o Autor vos dê uma espera para lhe pagar. Disse o Réu: Assim é, Senhor. Pois jurai a verdade, lhe disse o Juiz, que todo o bem se fará. Confessou o Réu a divida. E depois de se ter feito o termo, disse o Juiz a ambas as partes, que lhe fariam muita mercê, acharem-se em sua casa a taes horas: o que assim lhe prometteram ambos. Era eu mui amigo do Ministro, e solicitei achar-me tambem presente naquella occasião como com

effeito me achei: e chegando aquelle termo, não faltaram. Perguntou então o Juiz ao Réu: Qual fôra a razão, porque logo não confessara dever ao Autor o que lhe pedia na sua acção? Respondeu: Que a razão fôra, porque lhe tinha aconselhado um Requerente daquelle Auditorio (nomeando-o). que jurasse não dever cousa alguma: ou que, se confessasse a divida, podia tomar o tempo de espera, que lhe parecesse: e que estava considerando naquelle tempo o que faria. E tendo o Juiz ouvido o que relatara o Réu, mandou chamar ao Requerente: e chegando este, lhe perguntou o Juiz: Em que livro, ou Ordenação achara aquelle ponto? Ao que lhe respondeu o Requerente: Que ouvira dizer, que se praticavam aquelles juramentos em muitos Auditorios. E logo lhe disse o Juiz: Pois para que não observeis, nem aconselheis semelhante pratica, vae aqui por suspenso: e mando que vades preso por oito dias, para que neste tempo façais exame de consciencia, para melhor vos poderdes confessar, depois de solto, do que costumais aconselhar á partes. E tomou o Juiz do seu dinheiro, e pagou ao Autor, dizendo ao Réu, que esperava de sua pontualidade que para tal tempo lhe não faltasse. No seguinte dia fui eu pedir pelo Requerente ao Juiz, dizendo-lhe que já tinha feito exame, e estava arrependido: a cuja petição foi solto.

Desta sorte fez aquelle Ministro com que um não perdesse a alma, e ao outro se lhe não dilatasse o seu pagamento; por entender que estava obrigado o Réu a resarcir o damno ao Autor, pela morte quando não jurasse absolutamente, que lhe não devia cousa alguma que ainda mal, que costumam muitos assim fazer.

Porém (fallando com todo o respeito, que se deve aos Senhores Ministros) parece-me, que se devia mandar em semelhantes acções ler o narratorio da petição: ou perguntar ao Autor, de que procedesse aquella divida; e depois ao Réu, em que a pagou: por se não responder tão brevemente nas duas perguntas, se deve, ou não deve. Fundo esta minha razão nas palavras da Ordenação *lib. 3, tit. 2* onde se manda na fôrma seguinte: Ao Juiz pertence mandar fazer os actos necessarios para a ordem do Juizo, assim como: libello ou petição por escripto, ou por palavra, contestação, juramento de calumnia, artigos, contrariedade, replica, etc. E no mesmo titul

§ 1.º, diz assim: No começo da demanda, dirá o Juiz a ambas as partes, que antes que façam despezas, e sigam entre elles os odios, e dissensões, se devem concordar, e não gastar suas fazendas por seguirem suas vontades: porque o vencimento da causa sempre é duvidoso. (2) E isto, que dizemos de reduzirem as partes a concordia, não é de necessidade, mas sómente de honestidade, nos casos em que bem o puderem fazer.

Bem sei que me dirão os professores desta faculdade, que a lei, posto que falla nos presentes termos, tem outra intelligencia, e varias interpretações: e não falla expressamente na acção de juramento da alma, que tratamos. Porém eu (com licença dos Senhores Juristas) digo, que se deve entender genericamente, e *lato modo*: que tambem se pôde tomar no presente sentido, por se evitarem tantos juramentos falsos em Juizo, uns por malicia, outros por equivocação, e muitos por se ignorarem as circumstancias da acção: se já não é falta de exame dos Ministros, com tanto prejuizo das partes; do que resulta perderem uns a alma, e outros a fazenda.

Ahi me parece que ouço dizer aos Ministros, (me disse o morador) que a causa porque não pôdem estar com essas perguntas, e respostas, (além de parecer prolixidade) é por não tomarem o tempo ás partes no breve de uma audiencia. A isso lhe disse eu, (não ensinando, porém advertindo) que me parecia poder-se remediar tudo, com serem os Ministros mais zelosos, e cuidadosos em vir mais cedo a fazer as audiencias; e os Advogados mais promptos em lhes assistir, pela obrigação das suas partes: (porque os Escrivães têm a pena imposta pela lei, que os obriga conforme seu Regimento) e logo haverá tempo e lugar para tudo. Porque, assim como ha tempo para a visita, e para outros divertimentos, com maior razão não deve faltar para aquillo, que lhes é tanto de obrigação; por não incorrerem no peccado de omissão, nem experimentarem o rigor, com que Deus promette julgar as justiças: *Cùm accepero tempus, ego justitias judicabo.* (Psal. 74. 3.) Eu tomarei tempo, diz Deus, para julgar as justiças. Se Deus, para julgar as consciencias dos que governam, diz que ha de tomar tempo: como se poderão escusar os homens de tomar tempo, para com acerto obrarem aquillo, que Deus e El-Rei lhes têm encarregado

por obrigação de seus officios e cargos, em que lhes não vai menos que a sua salvação, ou condenação eterna?

Porém o que mais estranho, e tomara que se emendasse, é o que hoje vejo tão praticado no mundo, e vem a ser: uns certos oradores com capa de virtude, os quaes procuram muitas vezes tirar a justiça a quem a tem, para a darem ao que a não tem. Como assim, Senhor? (me disse o morador) Costumam certos homens, (lhe disse eu) com presumpções de honrados, ir a casa de um Ministro a persuadí-lo que dê uma sentença ou despacho contra este, em favor daquele. Acção digna de um grande castigo, e reprehensão, tanto pela offensa de Deus e do proximo, como pela injuria, que fazem aos Ministros. Porque além de serem os Ministros doutos, e terem livros, e saberem emendar o Direito, mostram estes taes oradores, que ou os querem ensinar, ou sobornar: motivo, por que se não ouvem muitas vezes os clamores da razão, pelo estrondo dos respeitos. Porém o que mais é para reparar, e sentir, é ver um Sacerdote (se já não é Religioso) ter valor para pedir a um Ministro que dê uma sentença injusta; e talvez, por lhe ficar em casa ou na cella a remuneração do pedido.

Bôa doutrina nos deixou neste particular o nosso Rei Dom João II, porque não queria que lhe pedissem mercê por terceira pessoa: e desta sorte ficavam os Vassallos em divida ao seu Rei; porque os premiava segundo seu merecimento, e escusava de agradecer a outro a mercê, que resultava de sua mesma justiça. Porém está hoje este negocio em taes termos, que não manda o Escrivão os autos á conclusão, sem o dar a saber á parte, para ir, ou mandar pedir a sentença em seu favor. Oh horror, e lastima, para ser chorada na Religião Christã! Não digo o mais que sinto, pela modestia, e respeito, que se deve a tão alto estado.

Porém estes Ministros, quando se lhes forem pedir estas sem razões, respondam como lá respondeu o Papa Benedicto XII, o qual, pedindo-se-lhe da parte de um Rei certa injustiça, respondeu: Dizei a esse Principe que se eu tivera duas almas, poderia dar por elle uma; porém, que não tenho mais que uma, e não quero perdê-la. Verdadeiramente, que melhor não podia responder.

Na verdade vos digo, (me disse o morador) que muito ha mi-

ter de Santo, quem houver de desprezar respeitos humanos, pelo que estamos vendo hoje no mundo. Dir-vos-hei: (lhe disse eu) todo o homem, que teme a Deus, e sabe a conta, que lhe ha de dar, faz muito por acertar em qualquer cargo, ou poder, em que se vê constituído.

Conta-se do Papa Innocencio, que mandou retratar-se em uma lamina, com uma véla accessa na mão, dando os ultimos arrancos. Este quadro tinha posto sempre diante dos olhos em um bofete: e quando havia de sentenciar, ou definir alguma cousa, primeiro punha os olhos na pintura, e meditava na morte e conta, que havia de dar a Deus do seu officio: e assim se escreve que foi muito ajustado em seu governo.

Porém como se ha de ajustar á lei Divina, e ainda ás humanas, o que só põe os olhos no interesse, e o cuidado nos respeitos? Além do que, ha outras muitas razões, que fazem aos Ministros atropelar a lei Divina, e negar o sentido das leis humanas: sendo que foram e são fundadas em muita razão, e justiça, como póde ver quem as ler com attenção. Honrosa cousa é o officio de Ministro: porém ha de entender quem o procura, que se não assenta na cadeira para descansar, senão para trabalhar: e que, sendo um só, deve negociar o bem de todos. E grande ignominia será para um Ministro, que manda a todos, ser escravo dos vicios.

Temerosas são as sentenças, que os Santos deram nesta materia. Seja a primeira, a de S. João Chrysostomo fallando dos que governam em qualquer estado. Muito duvido (diz o Santo) se salve algum. E exclamando S. Bernardo, diz: Que a ambição de mandar, é doce fiscal da vida humana. E qualifica este pensamento S. Gregorio, dizendo: Que tem por apostata todo o que se goza com superioridades, e mandos do mundo. E dá a razão: Porque o tal pretende antepor-se ao mesmo Deus. Santo Agostinho dizia: Que em nenhuma cousa sentia a Deus tão irado contra si, como quando se considerava Prelado: entendendo que muitos, para seu mal, exercitam o officio de emendar. Confessou de si S. Pio V que, quando Religioso, tinha esperanças de se salvar; quando Cardeal, temia muito; quando Papa quasi desconfiava. E a razão de tudo dá S. Gregorio dizendo: Que se não podem contar os vicios,

que nascem da ambição, com que o appetite de dominar a outros se acha nos que governam.

Isto supposto: não quero dizer-vos que não haja Prelados, nem Ministros, para governar as Religiões, e as Republicas; porque é muito necessario, e assim o mandou Deus: porém, o que se deve procurar, é que se observem as Leis Divinas e humanas com toda a inteireza, porque todas são fundadas em muita razão e Direito. Porém, os homens levados dos interesses, e respeitos humanos, são os que as pervertem: motivo, porque se vêm tantas liberdades, e abusos contrarios á virtude, como o experimentamos. Isto nos quiz Christo mostrar naquella Parabola do Evangelho, quando disse: Que houve um homem, que semeou bom trigo em seu campo; porém, dormiram os que haviam de vigiar sobre elle, e, entretanto, veio o demonio e semeou sizania. Assim succede, quando os Prelados e Ministros dormem e não vigiam sobre a observancia das Leis e Estatutos, para governarem aos seus subditos.

O primeiro Juiz, que houve no mundo de vara vermelha, foi Moysés: porque nos quiz Deus mostrar, que assim como deu a Lei que são os dez Mandamentos, era necessario que houvesse Ministro, que a fizesse guardar e observar seus Preceitos. E que fosse Moysés Juiz de vara vermelha, e por isso mais rigoroso, não se pôde duvidar, porque foi grande executor da Lei, pelos castigos que fez a Pharaó, e ainda ao seu mesmo povo, como consta da Sagrada Escriptura: e por isso a Deus chamavam então Deus das vinganças. Não faltava Moysés ás obrigações de seu cargo, porque se não deixava levar dos respeitos humanos, trabalhando muito para julgar com acerto, subindo ao monte a tratar com Deus, já descendo ao valle a castigar e reprehender ao povo. E que titulo vos parece lhe deram? Não foi menos que de Vice-Deus: que a tanto como isto chegam os homens pela bôa justiça, que fazem.

Outro Juiz, e o primeiro de vara branca, que houve no mundo, foi Christo Nosso Senhor, o qual veio do Céu a embarcar-se na Náu de Santa Maria, e desembarcou no porto, ou Portal de Belém, e logo mandou apregoar pelos Anjos paz aos homens (*Luc., capítulo 2, n. 24*), porque os vinha governar de bôa vontade, despachado da Mesa do Paço da Santissima Trindade, trazendo o po-

der, o saber e o amor. Foi assistido de Anjos, adorado dos Reis e visitado dos homens, os quaes lhe tributaram e offereceram muitas offertas e regalos: e nem por isso deixou de ser muito humilde, desprezando a soberba, e recto em fazer justiça. Veio pobre, viveu independente, morreu despido e partiu-se para a sua patria com muitas enchentes de graça, pelos merecimentos que fez na terra em todo o tempo de seu bom governo, levando o titulo de Rei, (*Math., cap. 27, n. 37*) o qual gozará para toda uma eternidade (*Psalms., 23, n. 7*)

Quem me dera imprimir esta verdade no coração de todos os Ministros, por nossa, e sua conveniencia! Pela nossa, todos o sabemos, e digam-no os pleiteantes. Pelo que respeita á dos Ministros, não ha cousa de que mais se temam, que de uma má residencia, sendo que nós, e elles, a devemos temer muito, quando nô-la tirar aquelle Rectissimo Juiz JESU Christo.

Muito nos detivemos acerca dos Ministros, (me disse o morador) sem me dizeres que partes hão de ter, para serem bons e fazerem sua obrigação. Pois sabei (lhe disse eu) que tudo é necessario, e muito mais: porque de um bom Ministro depende o bem de uma Republica. Não consiste o ser bom Ministro em ser temido de todos, senão em ser a Deus muito obediente: e desta maxima depende a bondade do Julgador, porque assim como dos olhos nasce o ver, tambem do bom exemplo procede o aprender. Se o Ministro teme a Deus, logo faz bôa justiça, e todos o temem, e faz venerar a Deus e guardar as Leis.

Entremos agora no juramento entre partes: que como tambem se comprehende nesta fórma de juramento decisorio, de que tratamos, necessariamente delle havemos de fallar. E para melhor intelligencia, ponho um exemplo: Quer Pedro pôr uma demanda a João, e a primeira cousa que faz é buscar testemunhas; se a causa não é da natureza daquellas, que se provam com documentos ou Direito. Busca Pedro a testemunha e diz-lhe: Senhor, eu tenho intentado esta acção contra João: pretendo provar este, ou aquelle artigo etc., quero que me façais mercê jurar aquillo que souberes. Até aqui vai bem. Porém, diz-lhe a testemunha: Eu desse caso não sei cousa alguma, porque não presenciei esse negocio: demais

que sou amigo, ou inimigo, de João; e não quero que se diga que juro apaixonado. Aqui entram agora as boas palavras, os carinhos e affagos, as offertas e promessas, ou, para melhor dizer, a calúnia de que pedia David a Deus que o livrasse. (*Psalm.* 118. 134)

Diz-lhe a testemunha: Tudo farei por vos servir. Chega o tempo da dilação, vai a testemunha a casa do Escrivão, pergunta-lhe o Inquiridor pelo articulado: e desde que começa a jurar, até que acaba, sempre está mentindo. Porque, se diz a verdade, mente ao Autor: se jura pelo que prometeu, condemna-se a si, porque jura falso. E assim diz David (*Psalm.*, 26. 12.) que a maldade se mentiu a si mesma.

Tende mão, Senhor, (me disse o morador) dessa sorte nunca se pôde jurar sem encarregar a consciencia: logo melhor é não ir jurar. Respondo, (lhe disse eu) por vos livrar desse escrupulo: e reparai nos termos em que vos fallo. Basta que diga o Autor á testemunha, que quer que lhe jure na sua causa o que souber na verdade, porém, não persuadindo, nem affagando com dadivas e promessas, que isto é comprar a testemunha. E por isso o Direito approva sempre as de maior excepção, na consideração de que não foram subornadas das partes.

Juramento entre partes ha de ser livre, jurando a testemunha a verdade: e se necessario fôr, e souber o contrario do articulado, deve jurar *contra producentem*, porque desta sorte salva e livra a sua consciencia. E nenhum se engane, cuidando que basta dizer que foi jurar por fazer bem a este, ou áquelle; e menos por suborno de promessa ou amizade. Porque daqui succede perder João a sua causa, e a testemunha cahir no peccado de consequencia, e restituição, além do juramento falso.

Tambem é peccado mortal deixar de dar o juramento, sabendo a verdade, por remisso ou malicia. Razão porque se permite em Direito que se possa obrigar á testemunha por justiça a dar seu juramento, para se saber a verdade das partes e a decisão dos pleitos. Porém, eu agora dera um conselho, que ainda que velho, por isso mui verdadeiro: e vem a ser, que mais vale um ruim concerto, que uma boa demanda, por não vir a experi-

O PEREGRINO DA AMERICA

mentar semelhantes controversias e ditos de testemunhas com tantas incertezas no vencimento das demandas.

E por isso admiravelmente o nosso Seneca de Portugal D. Francisco Manoel, quando disse, que sempre desejára a seus inimigos tres males: pedir, ainda que lhes dessem; jogar, ainda que ganhassem, e pleitear, ainda que vencessem. E desta sorte, me parece vos tenho dito o que basta a respeito do que me perguntastes.

Senhor, (me disse o morador) estou mui satisfeito do que tendes dito e explicado acerca deste segundo Mandamento, pois me declarastes muitas cousas que eu ignorava: pague-vos Deus tão grande favor. São horas de ceiar: fazei-me mercê de acceitar esta bôa vontade. O que lhe agradei, por ser favor gratulatorio, feito a pessoa de que se não podia esperar remuneração, como a de um Peregrino. E depois deu-me pousada, onde passei a noite. E porque me accommodava acordar cedo, por gozar do fresco da manhã, antes de amanhecer me puz a pé e me despedi do morador com mostras de agradecimento e cortezia, por ser paga que custa pouco e vale muito.

NOTAS AO CAPITULO XII

(1) *Ordenações*, liv. 1.º, tit. LXV, 1: E os Juizes ordinarios trarão varas vermelhas e os Juizes de fóra brancas continuadamente, quando pela Vila andarem, sob pena de quinhentos réis por cada vez que sem ela forem achados. — Os primeiros eram eleitos anualmente pelos Póvos e Camaras; os de Fóra, magistrados, letrados, ou togados, impostos pelo Rei ás várias comarcas, vd. Candido Mendes de Almeida, *Código Filipino*, p. 134, Rio, 1870. Alv. de 30 de Junho de 1652 mandava que os juizes levassem alçada a vara quando a cavallo, de modo a ficar bem patente a sua autoridade. No Brasil o uso das varas se circunscreveu aos cortêjos em que comparecia a vereação.

(2) *Ord.*, liv. 3.º, tit. XX, 1. — Comenta Candido Mendes, *Cod. Fil.*, p. 587: “Eis a conciliação de que trata a Constituição no art. 161, e D. de 17 de Novembro de 1824; Prov. de 24 de Maio de 1826, a Disposição Provisoria, art. 1 e segs. e outras leis nossas. Se se tivesse aproveitado esta disposição de modo conveniente, poupar-se-ia a inutil criação de Juizes de Paz, que se fez por servil imitação das instituições inglesas.”

CAPITULO XIII

Do terceiro Mandamento. Aconselha o Peregrino o como devem os senhores tratar a seus escravos, e familias, fazendo-os guardar os Domingos e festas, com varios exemplos de doutrina.

COMECEI a seguir a minha jornada por entre amenos campos e copados arvoredos, que com o brando terral faziam agitação ás flores, que exhalando fragrantes aromas me suavizavam o sentido do olfacto; e para recreação da vista, me lisonjeavam o sentido do ver tantas arvores floridas, sem mais cultura que a fabrica da natureza, que as havia aperfeiçoado: e muitas com vistosos pomos, de que participei, e outras com elles ainda em agração, promettendo feliz abundancia para convidar aos caminhantes, que delles quizessem participar. Porque neste particular são mui liberaes as arvores de fructos da America, as quaes, como não devem o trabalho aos agricultores, liberalmente entregam os fructos aos que delles se quizerem aproveitar.

Tendo caminhado naquelle dia até quasi ás quatro da tarde, ouvi perto da estrada, por onde se descia a um valle, a musica pastoril de pretos, que parecia se estavam suavizando do jugo do trabalho; porém, como era dia Santo, suppuz que não estariam em tal occupação. Encaminhei para aquella parte os passos, para tomar informação onde me ficaria mais perto a casa, em que passasse a noite: e dahi a pouco avistei doze escravos, entre machos e femeas, todos trabalhando em uma lavoura, na occupação de cavar. Cheguei, saudei-os e lhes perguntei se era dia Santo? Ao que me responderam, que bem sabiam que não era dia de trabalho (1); porém, que seu senhor os mandára para aquelle serviço e lhes dizia

que se comiam naquelles dias tambem haviam de trabalhar, e se algum o repugnava fazer, o castigava: e porque eram captivos, não queriam experimentar maior rigor, por serem pretos, pobres, humildes e desamparados por sua grande miseria.

Filhos, (lhes disse eu) bem conheço que não está da vossa parte a culpa de quebrar o Preceito deste terceiro Mandamento; porém, de dous males devemos eleger o menor. Dizeis que, se não obedeceres a vosso senhor, além de vos castigar, vos não dará o sustento. Soffrei-o com paciencia, e levai este trabalho com cruz. Servi com humildade, que vos será menos penoso: e o que é peccado, sendo voluntario e por gosto, quebrar este Preceito, sendo obrigado e violento, será merecimento. E vale mais trabalhar e obedecer a vosso senhor do que fugir, porque disso resultam muitos inconvenientes e peccados: como é, o furtar para vos sustentardes; encher de ira a vosso Senhor, para que vos castigue. Deus nunca falta a quem nelle confia: ha de acudir-vos, como costuma, nos maiores trabalhos. Tambem os brancos vão ser captivos a terras de Mouros e servem dobradamente, e se lhes não dá Domingo, nem dia Santo. Lá virá tempo, que vosso senhor se vá confessar, ou tambem algum bom homem o advirta desse erro em que vive. E não vos pareça que vossos senhores, por serem brancos e forros, deixam de ser castigados por Deus, por não guardarem seus Mandamentos. Porque, posto que todos querem ser glorificados com Christo para gozarem da sua Gloria, hão de padecer e procurar ter parte na sua Cruz: pois é consequencia infallivel, que quem não padecer por Christo não terá o premio da Gloria que nos prometteu.

Nem vos metta desconfiança a vossa côr preta e seres humildes e desprezados no mundo por pobres, porque este é o meio por onde se alcança o Reino do Céu. Christo Senhor nosso, que é o nosso verdadeiro exemplar, na sua sagrada Paixão, foi preso, agoutado, despido, passou dias e noites com desvelo, padeceu fomes e frios e foi todo maltratado e affrontado dos homens, até que o puzeram em uma Cruz, onde padeceu morte affrontosa para nosso resgate; e quando neste lugar se viu, então deu a Gloria ao Bom Ladrão, porque tambem o viu pobre, nú e crucificado; porém, em todo este trabalho e desprezo em que se viu o Bom Ladrão, sem-

pre esteve firme e constante na Fé. Assim vos peço que vos não desconsoléis, quando vos vires mais pobres, rotos e castigados por vossos senhores: então cresça mais a vossa confiança em Deus, que vos dará por premio do vosso trabalho (sendo constantes na Fé) a Bemaventurança, como a tem dado a S. Benedicto, a Santo Antonio de Calatagirona e a outros muitos Santos pretos. Porque supposto ainda não estejam Canonizados, ha noticia de muitos pretos que morreram com opinião de Santos por viverem ajustados na Lei de Deus.

Eu conheci um preto casado, por nome Manoel, em certa villa, o qual, sendo captivo, tinha sua casa na fazenda de seu senhor, mui limpa e asseada; e na varanda tinha um nicho feito, e nelle um altar, onde estava collocada uma imagem de Christo e outra da Senhora do Rosario, com outros Santos. E todos os dias cantava o Terço de Nossa Senhora com sua mulher e filhos; e depois se assentava em um assento, e exhortava aos demais que vivessem bem e que soffressem o trabalho temporal, porque maiores eram as penas da outra vida: para que os que já que serviam todo o dia a um homem, ao menos de noite não deixassem de louvar uma hora a Deus, que os havia de salvar. Com estas e outras razões os capacitava e evitava de muitos vicios e peccados. Era mui bem visto de todos os brancos: e nas eleições de suas Confrarias e Irmandades tinha o primeiro voto, pelo zelo com que servia a Deus e á Senhora do Rosario na sua Matriz (2). Teve mui bôa morte e acabou com muito bôa opinião.

O que agora vos peço, (disse eu aos escravos) é que me encaminhéis para a casa de vosso senhor: e depois que eu lá estiver, fazei muito porque vos veja ir do trabalho. Assim o prometteram elles fazer, ficando muito agradecidos do que eu lhes havia relatado para allivio de seu trabalho.

Cheguei, pois, á casa do morador: e elle sahiu logo a receber-me com demonstrações de grande cortezia, dizendo-me que não sabia com que palavras me significasse o grande contentamento que tinha, de me ver chegar á sua casa. Fiquei eu admirado e confuso, por ser homem, a quem eu nunca tinha visto. E parecendo-me que se enganava commigo, depois de me ter dado as-

sento, lhe disse: Senhor, agradeço-vos muito a grande demonstração, que me tendes feito neste agasalho. Porém, como ignoro a causa de tanto favor, pergunto-vos o que vos persuade a festejar a minha vinda? Senhor, (me disse o morador) a esta hora chego de casa de um meu compadre, onde passei hoje o dia: e na conversação, que tivemos, me disse que soubera de um homem, que estivera em casa de um seu visinho, haverá tres dias, o qual ia de marcha em traje de Peregrino: e que da sua breve assistencia resultaram muitos serviços a Deus, por ser causa de evitar um grande abuso, que achou introduzido em casa daquelle morador, acerca de usarem de calundús e feitiçarias os seus escravos. E por isso, assim como vos vi, me persuadi que sois vós o mesmo, de quem tenho ouvido publicar o que vos relato: e prezo muito agora a vossa presença, para tambem de vós colher algum bom conselho e doutrina.

Respondo, Senhor (lhe disse eu) Assim succedeu: porém, entendi que não reconheço em mim parte, por onde possa ser louvado. E se alguma cousa fiz, e obrei neste particular, foi tudo obra de Deus: porque muitas vezes se serve este Senhor de um humilde instrumento para obras de mui grande perfeição. Porque é tal o poder de Deus, que tem feito que o mesmo diabo, sendo pai da mentira e maldade, descubra e diga cousas, que sirvam de bem para muitas almas, do que tereis lido e ouvido contar varios exemplos: e fôra erro e louca presumpção minha o ter para mim que posso obrar obra bôa, sem que concorra a Divina Misericordia de Deus. E de não haver este certo conhecimento, estão os Livros cheios de varios exemplos. E o mesmo Evangelho por S. Matheus (*capitulo 7, v. 15*) nos certifica, que ha homens, que no exterior são ovelhas, e no interior lobos; mostram humildade no exterior, e no interior são a mesma soberba; mostram honestidade publicamente e no secreto são a mesma luxuria; mostram ser casa e aposento de toda a virtude e são morada de todos os vicios. Estes taes enganam aos homens e têm confusos aos demonios: em algum tempo lhes succedem cousas, por onde, sendo conhecidos, são dos demonios mofa e dos homens escarneo. E se não, vêde o que succedeu aos mesmos Discipulos de Christo Senhor nosso: Vinham elles muito

contentes por terem feito milagres e deitado diabos fóra: disse-lhes o Senhor: Eu vi a Satanaz cahir do Céu, como um relampago. (*Luc.* 10, 18) E foi dar-lhes a entender que, com a luz do Céu, cheio de soberba cahiu nos infernos. E assim que nenhum se pôde desvanecer, nem presumir que pôde obrar cousa alguma sem a graça de Deus: e de outra sorte, será soberba e não humildade.

De Origenes se conta, que foi de tão alto entendimento e de engenho tão feliz, que em pouco tempo aproveitou a muitos em as Divinas Letras e santidade; e de entre muitos que consta da sua Lenda, se diz que foi Mestre de Santa Barbara. E era tal o seu zelo de converter almas, que andando de uma parte para outra, prégando e exhortando a Fé de Christo, chegou a compor e escrever seis mil Livros. E de sua grande doutrina o affirmam varios Santos e Doutores da Igreja, Dionysio Alexandrino, Santo Athanasio, Severo Sulpicio, Vicencio Lirinense, dizendo que nenhum homem mortal escreveu tanto, como Origenes, cujas Obras ninguem as pôde ajuntar todas. E por fim, veio a perder toda esta opinião, por lhe faltar Fé e temor de Deus e entrar em grande presumpção, parecendo-lhe que bastava ter uma virtude, para ser confirmado em todas.

O mesmo se conta daquelle grande Bispo de Cordova em Hespanha, chamado Ozio, o qual foi o homem mais nomeado e famoso que houve no seu tempo, de letras e virtudes; e basta que se achasse em muitos Concilios e sempre foi admittido o seu voto e parecer. E o fim que teve se pôde ver na sua Lenda, porque, segundo o que d'elle se escreve, acabou com mui má opinião de Catholico, por se desvanecer na presumpção de sabio e por se querer introduzir com um Principe hereje: que não pôde haver maior desgraça, que morrer um Christão feito hereje.

Salomão, de quem affirma a sagrada Escriptura que era mais sabio que todos os homens, com sciencia infusa e muito mimoso de Deus, está em duvida a sua salvação.

E por ultima conclusão deste discurso, haveis de entender, que todo o cuidado e exercicio da vida Christã se ha de fundar e reduzir a tres cousas; convém a saber: boas obras, evitar culpas e soffrer penas. Estas tres cousas são necessarias para se salvar

uma alma, e não basta uma dellas, nem duas, sem a outra. Porque é certo, que não basta que uma pessoa faça uma obra de virtude, se não evitar as culpas em outras materias; e sobre ambas estas cousas, é necessario que as penas e trabalhos, que Deus nos enviar, as levemos com paciencia e humildade. E como, para o podermos fazer, não bastam as forças humanas sem a graça e ajuda de Deus, devemos solicitá-las por meio de o servir e amar.

A este tempo, que eu tinha acabado o discurso da minha conversa, chegaram os escravos do serviço, dando-nos as bôas noites; e o morador, sem se saber determinar, e quasi sentido, por ver que me achava presente, disse aos escravos que fossem guardar as enxadas e que depois lhes fallaria. Porém, eu que estava á mira, esperando occasião, lhe perguntei logo: Se eram seus aquelles escravos? (fazendo-me desentendido do que com elles tinha passado na lavoura, para melhor dispor o que intentava) Ao que me respondeu o morador: que sim eram seus.

Pois Senhor: (lhe disse eu) Como, sendo hoje dia Santo, os consentis trabalhar e deixais de os mandar ouvir Missa, quebrando dous Preceitos, um Divino e outro Ecclesiastico? Respondo: (me disse o morador) Duas são as causas: A primeira, porque são de tal condição estes escravos, que se os mando ouvir Missa, vão metter-se por outras fazendas, com folguedos semelhantes a esses que ouvistes em casa desse morador, onde estivestes e o reprehendestes desses calundús e feitçarias (3). A segunda causa é, porque quando os mando á Missa, tomam-se de bebidas e fazem varias brigas, desaguizados e travessuras, e poucas vezes vêm para casa sem que lhes succeda alguma cousa destas. Em cujos termos, resolvo que maior acerto é, visto dar-lhes eu o sustento e o vestido, occupá-los, porque tambem é certo, que o escravo ocioso ordinariamente cria vicios; e destes resultam maiores offensas de Deus.

Pergunto: (lhe disse eu) tendes consultado esse vosso parecer com os vossos Confessores? Respondeu-me que não, porque tudo se tirava da bôa razão; e como aquella lhe parecia tão ajustada, entendia que acertava no seu parecer. Pois viveis mui enganado, (lhe disse eu) porque nenhum, por douto que seja, se deve governar por seu parecer, tanto pela razão do amor proprio, como por

se não compadecer com a conveniencia alheia. E por esta causa, ainda nas cousas temporaes o estamos vendo observar: como é, que por grande Medico que um seja, sempre tem obrigação de consultar a sua enfermidade com outro Medico. O Letrado, tambem por Direito, não póde advogar nas suas causas. Os maiores talentos de virtudes sempre procuram Mestres de espirito, para consultarem as suas dúvidas, para serem directores das suas almas.

Vêde agora com quanta maior razão estais obrigado a confessar-vos desse vosso parecer, sendo em materia de tanta importancia, como é um mandamento do Direito Divino e positivo e outro Ecclesiastico, ambos pertencentes á honra de Deus: quando vemos, que ainda em uma Lei mental, como é a de um, que faz o seu testamento e deixa este ou aquelle legado em uma verba; esta se não póde derogar sem grande causa e por quem tenha poder por Direito para o fazer. E se isto assim é, como é possivel que vós resolvais e determineis por vosso parecer a Lei Divina e Ecclesiastica? Demais que essa razão, que vos parece racional, é apparente: porque por isso vos fez Deus pai de familias, o que vos não pareça cousa de tão pouca entidade, que se não prezasse Christo muito de o ser, como consta do Sagrado Evangelho.

Quereis evitar esses inconvenientes aos vossos escravos? Dai-lhes bom exemplo, ide á Missa, levai-os em vossa companhia, (excepto os que são necessarios para o provimento do sustento da casa, que esses irão em outra occasião) e vêde se assistem aos Officios Divinos com aquella decencia, que são obrigados, e trazei-os outra vez em vossa companhia. E do meio dia para a noite, deixai-os occupar em alguma cousa, que nunca lhes faltará em que se entretendam. Dai-lhes algumas férias no anno, em que totalmente cesse o trabalho, comam, folguem e se alegrem, para que cobrem alento e desejo de continuarem no serviço; e trazei-os sempre diante dos olhos, que o premio e o castigo são dous eixos em que se move o acertado governo. E desta sorte lhes evitareis as ociosidades e obrando de caridade.

E não queirais ser como muitos senhores de escravos, os quaes não só lhes permitem que vão por onde quizerem, senão que vivem em liberdade de consciencia, contanto que lhes paguem por

dia, ou semana, ou mez, um tanto (4). Isto succede principalmente nas Villas e Cidades do Brasil. Vão estes taes escravos, alugam uma casa ou casebre e nelle fazem muitas offensas a Deus, como é sabido de todos, excepto seus senhores, porque como lhes não procuram mais que pela paga, do mais lhes não importa saber. Sem conhecerem que as culpas dos servos desdouram muitas vezes aos senhores, além dos peccados em que estão encarregados por lhes darem estas licenças e liberdades. E sabeis de que lhes servem estes receptaculos? De alcouce para offender a Deus no sexto Mandamento, de muitas feitiçarias, de covas de ladrões e, finalmente, de centro e covil de toda a maldade.

Porém, pergunto eu agora, (me disse o morador) se nisso, que obram estes escravos, terão tambem culpa os que os consentem morar nessas casas e lhas alugam, sabendo que se fazem nellas semelhantes insultos? Isso deixo a seus Confessores, para que lhes respondam (lhe disse eu), se é que disso se confessam, porque os Confessores não costumam adivinhar e é prohibido em Direito por Lei Divina e humana. Porém, só direi, a bem da Republica, que se eu tivera voto em Capitulo, havia de mandar, que todas as vezes que se achasse casa alugada a escravo, a perdesse seu dono para a Corôa, ou para aquillo que se applicasse para mais serviço de Deus. Porque só assim se poderia pôr cobro em cousa tão prejudicial á Republica e bem commum.

Outra cousa vejo observar nesta terra contra a justiça, razão e caridade, e vem a ser: que se serve um senhor de seu escravo emquanto são; porém, se este cahiu em doença importuna e dilatada, pelo não curar, nem dar-lhe o sustento, lança-o fóra de casa, que vá pedir esmolas. A isto havia de accudir a Republica, pondo pena ao que tal fizesse, e, além de arbitrada, que fosse obrigado o senhor a sustentá-lo até a morte, pois se serviu d'elle emquanto teve saúde e força para o servir.

Queixam-se muitos senhores, que lhes fogem os escravos e lhes morrem, sendo que muitos escravos com maior razão se podiam queixar de seus senhores, pelos terem em suas casas, tratando-os tão mal. Como assim? (me disse o morador) Dir-vos-hei: (lhe disse eu) A fome e o frio mettem a lebre a caminho. Como é pos-

sivel viver um escravo em um lugar, onde o matam á fome e o deixam perecer ao frio e sobre isso o fazem trabalhar?

Os Lavradores em Portugal, ainda aos bois, com que trabalham, lhes dão o sustento necessario e os recolhem do frio, porque se assim o não fizessem trabalhariam um anno; porém, para o outro haviam de ficar sem bois, que os ajudassem. E eu vejo que muitos Lavradores no Brasil tratam tão mal a seus escravos, que não só os fazem trabalhar de dia, senão ainda de noite, rotos, nus e sem sustento. Pois com que razão se queixa um homem destes, que assim obra, de que lhe fujam os escravos e lhe morram, faltando lhes elle com o necessario para alimento da vida?

Se nas devassas, que manda a lei todos os annos aos Ministros que se perguntem por varios capitulos por bem da Republica, se pudesse acrescentar mais um artigo, pelo qual se perguntasse se havia senhor, que tratasse tão mal a seu escravo, que por isso fosse causa de que morresse, eu vos prometto, que talvez haveria maior caridade, não por amor, porém sim por temor.

Ver a vida e a lida de muitos Lavradores do Brasil com os seus escravos faz pasmar; e parecem mais homens faltos do uso da razão, que racionaes e Christãos. E se não, vêde. Amanhece o dia e antes que o Sol saia, sae este homem da cama e, talvez, sem se lembrar que nasceu para morrer, levando-lhe as primicias de suas acções as occupações da lavoura e as ganancias do interesse e começa a gritar, quando devia começar a rezar e encomendar-se a Deus. E por quem vos parece que começa a gritar? Pelo inimigo máu; e depois por um Congo, por um Benguela e por um Mina. Senhor, lhe perguntara eu, esses escravos tão bautizados! E' sem dúvida, que me diriam que sim. Pois como os não chamam pelos nomes que lhes puzeram quando os bautizaram? Porque estes escravos, respondem alguns senhores, têm os nomes de Christãos, porém, obram peor que o demonio. Pois, Senhor, quem os pôz nesse estado? Aqui se calam, e com razão, porque semelhante pergunta não tem resposta, pois é certo que o senhor faz ao escravo e não o escravo ao senhor.

Ah! Estado do Brasil, como te temo e receio um grande castigo pelo máu governo que têm muitos dos teus habitadores com seus

O PEREGRINO DA AMERICA

escravos e familias! A este proposito vos contarei o que me succedeu em certa occasião, vindo de caminho para a casa de um morador. Foi o caso, que não podendo eu com dia chegar á sua casa da venda, fiquei em uma, que elle tinha na sua roça e lhe servia de officina da lavoura, porém, solitaria, e antes que amanhecesse, ouvi grandes gritos. E porque havia risco de Genticio naquelle sitio, quiz pôr-me em cobro e cautela; porém, disse-me um preto, que estava em minha companhia, que não temesse, porque aquella bulha era de branco com pretos. E logo vi com evidencia, que se não enganara o escravo, porque brevemente chegou o morador acompanhado de escravos, aos quaes levava para o trabalho. Perguntei ao morador, que causa tivera para tão grande grita? Respondeu-me, que partira de casa pelas quatro horas da manhã e que era tão grande a repugnancia dos escravos, por não quererem ir para o trabalho, que estivera indignado a matá-los.

E perguntando eu aos escravos, que motivo tinham, para fazerem tão grande repugnancia, me responderam (quicá por me terem presente ou talvez por desesperados) Senhor, como havemos vir contentes a um serviço, quando vimos trabalhar todo um dia, sem mais sustento que uma limitada tamina de farinha, sem nos concederem tempo de podermos buscar o conducto, para passarmos esta miseravel vida? Mais diriam os escravos, se o senhor os não mandasse calar.

Porém, eu lhe disse então: Senhor, assim como é certo, que é necessario, para ter amigos, buscá-los com prudencia e cultivá-los com beneficios, tambem para um senhor ter bons escravos, é necessario tapar-lhes a boca com o sustento e cobrí-los do frio, para terem vontade de trabalhar, dando-lhes a bôa doutrina para se salvarem. Porque tratá-los de outra sorte, é tê-los por inimigos e no tempo mais necessário vêm a faltar. E com razão se diz, que o homem que procura ter muitos escravos, vem a ser escravo delles.

Vêde agora, como poderia ser aquelle homem bem servido de escravos, quando os tratava tão mal, que nem o sustento necessario lhes dava! Ainda mal, Senhor, (me disse o morador) que fallais com larga experiencia e praticamente pelo que estamos experimen-

tando. E em quanto aos escravos, fico de accôrdo daqui por diante observar vossos dictames e conselhos com a ajuda de Deus.

Porém, que remedio me dais para as escravas? Porque estas, me diz a dona da casa que não hão de ir, senão em sua companhia, á Missa; e que chegando a irem, ha de ser com todo o preparo e roupas, como as mais escravas de suas visinhas. E como para isto se carece de grande dispendio, pela maior parte nunca vão á Missa, excepto de anno a anno ou no dia de alguma festa principal.

Antes que responda e vos dê o remedio, vos quero perguntar uma cousa, e vem a ser: se sois filho do Brasil ou de Portugal? A isto me respondeu o morador, que era natural do Reino de Portugal. Pois não sabeis como lá se observam as mulheres com as suas criadas? Senhor, (me disse o morador) as filhas do Brasil não querem observar essa doutrina. Pois, Senhor, (lhe disse eu) dahi procedem essas desordens. A mulher está obrigada a obedecer a seu marido por preceito Divino e principalmente nas cousas que forem dirigidas ao serviço de Deus: e ainda no Direito Civil se acha escrito, que nem os cabellos da cabeça pôde cortar a mulher sem licença e autoridade de seu marido. Dizei-me: Que quer dizer, que ha de ter poder uma mulher para quebrantar a lei Divina, e que um homem não ha de ter forças para a poder defender e fazer observar? Ora cuidai nisto de vagar e com muita attenção.

As escravas, se não podem vestir seda, vistam lãs: porque quem as vir assim, dirá que aquellas roupas custaram dinheiro de seus Senhores e não presumirá que lhas deu outrem (5). E quando com isto se não contentem, que é sem dúvida que se accommodarão, para isso serve então o castigo e a reprehensão, que chamam fraterna, porque de não haver esta advertencia e castigo, procedem muitos descreditos e offensas a Deus, que é o que mais se deve sentir. Porque ha mulheres neste Estado do Brasil, que não só dissimulam a suas escravas as offensas que fazem a Deus; mas ainda as obrigam que ganhem pelo peccado para se vestirem; além do mais, que deixo de publicar, porque não é para proferir entre gentes que presumem seguir o estado dos honrados. Porém, isto supposto, lá virá tempo e hora, que saberão estes e estas o quanto melhor lhes seria não haverem tido escravo algum, por não virem

a ser captivos do demonio por toda uma eternidade, vendo-se arder a si e a seus escravos, sem terem mais que um grande arrependimento do que cá lhes parecia acerto e estimação.

Meu Senhor, acabai de entender que Deus muito nos encarregou a guarda dos seus preceitos e Mandamentos com toda a exactidão: e que não os havemos de desprezar com qualquer capa de necessidade, se não temê-los e amá-los. Reparai no que nos diz por David: *Tu mandasti, mandata tua custodiri nimis* (Psal. 118.). E em outro lugar (Psal. 93. 20) o mesmo Rei David, como se dissera e fallára para o caso presente, diz elle: E' possivel, que a tanto chega a tua maldade, (fallando com qualquer peccador) que finges difficuldade na observancia da lei e preceitos divinos, quando estes só se devem temer e guardar a troco de todos os incommodos temporaes pelo grande perigo da salvação! O Pai de familias não ha de ser só bom para si, mas tambem o deve ser para os mais: ha de considerar que é cabeça daquelle corpo e que por ella se hão de governar todos os mais membros. E para isto vos quero trazer um exemplo vulgar.

De muitos grandes Santos reza a Igreja e nos consta estarem gozando da Bemaventurança por seus grandes merecimentos, que particularmente fizeram de virtude, como foram os Martyres, Virgens, Confessores e Anachoretas, e bastou-lhes a estes tratarem de si particularmente para se salvarem. Porém, os que quizeram ser Patriarchas, que vale o mesmo, que ser Pais de familias, não só trataram de si, mas tambem dos mais, dando-lhes Regra, sustento, vestidos e guardas, que são os Porteiros, e cercando-os com muros, dando-lhes o castigo e as fraternas, quando é necessario. S. Bento e Santo Elias com mais grandezas de roupas. S. Francisco, cobrindo-os de burel. Santo Ignacio, fazendo-os viver do commum, dando-lhes o provimento por esmola, mandando-os pedir emquanto Noviços, com pretexto de que, se não procedessem bem, os lançariam fóra da Companhia, não olhando para respeitos, nem razões de parentesco. O Padre Diogo Laines, segundo Geral da Companhia, deitou a um seu Irmão fóra, pelo julgar não ser digno para nella estar, sem dúvida, por conhecer o damno, que faz um membro podre em um corpo. E por isso bem julgou Seneca, quando disse

que perdoar aos máus é fazer mal aos bons: porque, com o máu exemplo daquelles, os bons affrouxam na virtude.

Ainda Santa Thereza, sendo mulher, pôz Regra a seus subditos tão ajustada, como se vê de seu bom regimen e governo, fazendo-os andar descalços; porque se não considerasse que estavam livres desta obrigação as mulheres, que têm a seu cargo serem senhoras de suas casas e Mães de familias.

E nisto imitaram todos a Christo Senhor nosso, que se prezou muito de ser Pai de familias, e não só ensinou a seus Discipulos, dando-lhes regra e fórma de como se haviam de haver, que são os dez Mandamentos e os Santos Evangelhos, mas tambem a todos nós. E por isso nos havemos prezar muito de sermos filhos de tão bom Pai, obrando bem em seu santo serviço.

E assim o Pai de familias tenha entendido, que não basta que seja pio e devoto; ha de ser Argos na guarda da sua casa, dando regra, preceito e castigo a seus filhos e mais familia. Porque não importa que se metta em uma camera e se ponha a fazer oração mental, se deixa a porta aberta, tanto a da rua como a do quintal, para que saia o filho e o escravo a offender a Deus: e que, sendo um Franciscano na pobreza, queira vestir a seus filhos com uma cugula ou capa branca como um S. Bento ou Santo Elias. Porque d'aqui procedem tantas desordens e gastos em muitas casas: e de não haver uma resolução como a de Santo Ignacio para lançar fóra os mal procedidos. Digo isto, porque costumam dizer alguns Senhores ou Pais de familias: eu não hei de vender um escravo ou escrava, nem lançar fóra de casa a um filho, por terem este ou aquelle vicio, porque são os meus pés e as minhas mãos e os olhòs da minha cara.

Mas ouvi o que diz Christo Senhor nosso por S. Matheus (*no Cap. 18, v. 8 e 9*): Se a tua mão ou o teu pé te escandaliza, corta-o, lança-o fóra de ti: melhor te é entrares para a vida sem uma mão ou sem um pé, do que seres mandado para o Inferno, tendo dous pés e duas mãos. E se o teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o fóra de ti: melhor te é entrares para a vida com um só olho, do que seres mandado para o Inferno, tendo dous olhos. Isto é, explicam os Expositores: se as tuas mãos ou os teus

O PEREGRINO DA AMERICA

pés, ou os teus olhos te levarem á occasião da culpa, evita-os e tira-os daquelle perigo e occasião. Vêde agora com quanta razão devem estes taes Senhores e Pais de familias cortar pela sua conveniencia, vendendo o escravo vicioso e lançando fóra de sua casa ao filho mal procedido.

Sei eu, que consta da Sagrada Escritura (*Genes.*, cap. 21, vers. 14) que Abrahão lançou fóra da sua casa a Ismael, seu filho e de sua criada Agar, por este querer introduzir certos máus costumes a seu irmão Isaac, e por lho dizer e advertir Sara. E porque fez isto Abrahão? Porque era homem justo, e muito temente a Deus. Porém, muitos Senhores e Pais de familias não só não querem vender os escravos mal procedidos, nem lançar fóra de casa os filhos viciosos, mas antes lhes estão dissimulando os vicios e peccados por certas conveniencias. Mas fiquem entendendo estes taes, que se não cortarem por todos os inconvenientes, para observarem a Lei divina, hão de ir e levar aos mais comsigo ao Inferno.

Senhor, (me disse o morador) por venturoso acerto tenho a vossa vinda a esta casa, porque me abristes os olhos, que eu até agora trazia fechados e por isso seguia o tropel dos erros dos mais. E daqui em diante, com a ajuda de Deus, prometto emendar estas desordens, que as considero muito em risco de minha salvação. E porque são horas de ceia, acceitai esta bôa vontade, que vos ofereço de cear em minha companhia; pois bem é que eu vos administre a comida temporal, já que vós me fartastes com o pasto espiritual. E logo depois da ceia nos fomos agasalhar.

NOTAS AO CAPITULO XIII

(1) Nas Antilhas se chamava "sistema do Brasil" (levado pelos holandeses quando abandonaram Recife, em 1654) o de dedicarem os senhores um dia da semana para os escravos lavrarem as suas roças e grangearem o proprio alimento (Maurice Satineau, *Histoire de la Guadeloupe*, p. 263, Paris, 1928). Noutros logares denominou-se "direito do sabado": assim na fazenda de Santa Cruz, "os escravos não trocam o direito do sabado pela vantagem de receber da Fazenda comida e vestuário", Parecer, 1837, *Anais do Arquivo Nacional*, XVII, 133. O "sistema" foi de grande importancia para a educação rural do negro, habituado a trabalhar um dia por sua conta, a dispor de uma propriedade pessoal (o fruto desse trabalho) e a prover ás suas necessidades aprestando-se para a vida livre.

NUNO MARQUES PEREIRA

(2) A senhora do Rosario teve a predileção dos afro-brasileiros. Na Bahia, a irmandade de N. S. do Rosario em sua igreja da Baixa dos Sapateiros era toda de Angolas (Nina Rodrigues, *op. cit.*, p. 59). Assim em Olinda e Iguarassú (onde, já em 1706, se instituía o "rei do Congo", tipo simbólico, anualmente eleito, em torno de cuja autoridade se congregavam os pretos "bantus" nas suas "congadas"); no Rio de Janeiro, em Ouro Preto — consagrada pelas ruidosas festas de escravos ligados á confraria do Rosario (Diogo de Vasconcellos, *História da Civilização Mineira*, p. 44, Belo Horizonte, 1935).. Esse costume, de se filiarem os africanos a uma devoção, emprestando-lhe um fulgôr excessivo, foi geral no velho Brasil. Corre mundo a lenda de Ouro Preto: negras que polvilhavam d'oiro as cabeças e, contrictamente, iam lavá-las na pia de pedra á porta da igreja do Rosario, para ajudar a construção do templo... Outra história, colhida na mesma cidade, poetiza ns origens de Santa Efigênia, igreja barôca feita por Chico Rei e seus companheiros de escravidão, apostados em levantar tal monumento á Fé que lhes inspiroou uma vida virtuosa, cheia de dignidade... Os senhores, aliás, contribuíam com pingues recursos para os festejos de seus cativos. Numerosas cartne-regias, pastorais e decretos visaram á repressão do luxo escandaloso das pretas, e ao abuso de sêdas e joias a que se habituavam.

(3) Notou em 1813 Santos Marrocos: "Têm os negros a bôa circumstancia de não se unirem nas suas senzalas e ranchos se não os filhos da sua mesma terra, e não acompanham nem contraem amizade com outros; e como é imensa a variedade de nações deles, não se unindo elas, vêm a ser os ranchos de cada uma pouco numerosos..." (*Anais da Bibliotheca Nacional*, LVI, 191). Os portugueses exploraram habilmente essa incompatibilidade religiosa e rática dos africanos. A Carta régia de 18 de Junho de 1725 alude á desunião entre os varios grupos negros, motivo do malôgro d'uma insurreição geral das Minas, *Anais do Arquivo Nacional*, XV, 76.

(4) Chamavam-se "negros de ganho", ou simplesmente *ganhadores*, os que viviam fóra da casa senhorial, como livres, obrigados apenas a um aluguel, que pagavam em dia certo, com uma pontualidade exemplar. "Não deixa de ser digno de reparo — testemunhou Luiz dos Santos Vilhena — que das casas mais opulentas desta cidade... sâem oito, dez e mais negros a vender pelas ruas, a pregão, as cousas mais insignificantes e vis: como sejam iguarias de diversas qualidades..." (*Cartas Soteropolitanas*, edição de Braz do Amaral, I, 131).

(5) "O luxo e a corrupção nasceram entre nós antes da civilização e da industria; e qual será a causa principal de um fenomeno tão espantoso! A escravidão..." (José Bonifacio, *Representação*, Paris, 1825). Sobre os diversos das escravas que vestiam sêdas e carregavam colares d'oiro, La Barbinnaís, Dampier, Luiz dos Santos Vilhena (Pedro Calmon, *Hist. Soc. do Bras.*, I, 166-7). Martius registou, na Bahia:

Uma mulata bonita
Não carece de rezar...

(*Viagem pelo Brasil*, edição do Inst. Hist. e Geogr. Bras., II, 257, Rio, 1938).

Temos um exemplo de providencia repressiva dos excessos citados no alvará de 23 de Setembro de 1709, *Anais da Bibl. Nac.*, XXVIII, 251: "Havendo visto a representação, que me fizeram os Officiaes da Camara da Cidade da Bahia sobre a soltura, com que as Escravas e Escravos costumam viver e tra-

O PEREGRINO DA AMERICA

jar-se nas minhas Conquistas Ultramarinas andando de noite e incitando com os seus trajés lascivos os homens. Me pareceu ordenar-vos façais com que se guarde a Ordenação pelo que toca aos que andam de noite, e como a experiencia tenha mostrado, que dos trajés, que usam as Escravas se seguem muitas ofensas contra Nosso Senhor. Vos ordeno não consintais que as Escravas usem de nenhuma maneira de sêdas, nem de télas, nem de oiro, para que assim lhes tire a ocasião de poderem incitar para os pecados que os adornos custosos de que se vestem; esta minha Lei fareis registrar e executar em todas as Capitánias da vossa Jurisdição, mandando-o para este efeito publicar e registrar nos Livros da Secretaria e mais partes necessarias. Escrita em Lisboa, a 23 de Setembro de 1709. Rey." Para Sebastião de Castro e Caldas, capitão general de Pernambuco.

CAPITULO XIV

Do quarto Mandamento. Dá o Peregrino muitos documentos aos Pais de familias de como devem tratar a seus filhos; e aos filhos de como hão de obedecer a seus Pais.

No dia seguinte me levantei a tempo, que tambem os escravos partiam para o serviço; e depois de me despedir do dono da casa e elle de mim, significando-me o grande gosto, que tivera naquelle breve tempo pelas muito importantes advertencias que lhe fiz acerca do bem espirital, me puz a caminho. E dalli a poucos passos me topei com os mesmos escravos, que tambem se me mostraram muito agradecidos do que eu tinha dito a seu Senhor em favor delles, aos quaes exhortei e consolei o melhor que pude e delles me despedi seguindo a minha viagem.

Caminhei aquella manhã, até quasi as onze horas, por uma estrada desabrida de sombras, motivo porque o Sol com seu reverberante calor me atropellava a jornada, e pela agitação do exercicio de andar se multiplicava a calma, por cuja razão me resolvi baixar a um valle, onde descobri frondosas arvores, que de verde primavera se vestiam fazendo pomposas galas. E chegando a registrar o sitio, achei uma crystalina fonte, que por solitaria não murmurava, porém tão prodiga como liberal de suas aguas e não menos alegre, por se ver livre de pagar tributo á corrente de caudalosos rios, aonde se precipitam, ou já por se considerar isenta da prisão de uma arca, em que as prendem debaixo de chaves e outras em perpetuos calabouços de opprimidos chafarizes, fazendo-as derramar continuas lagrimas, por se verem represadas em uma rigorosa clausura. Alli passei até ás tres horas da tarde, gozando daquelle ameno

O PEREGRINO DA AMERICA

sítio; quando ouvi tropel de gado vaccum, que descendo do monte buscava a fresca fonte, para beber de suas aguas, levantei-me e puz-me a caminho; e antes de sahir fóra da espessura ao descampado, ouvi uma afinada voz debaixo de um arvoredó repetir uma letra ao humano, tão saudosa como amante.

E vendo eu que tinha posto fim ao passacalhe, sahi ao campo e vi um rapaz pardo, que representava quatorze annos de idade. Saudei-o; respondeu-me cortezmente. Perguntei-lhe quem lhe havia ensinado aquelle tono? Disse-me que o ouvira cantar a sua Senhora moça, quando aprendia a solfa com um mancebo, que a ensinava. Perguntei-lhe mais: Se ainda aprendia? A esta pergunta se calou o rapaz. E eu instando lhe tornei a perguntar, porque me não respondia? Tenho receio (me disse o rapaz) que meu Senhor saiba que eu revelo as tragedias, que têm succedido em sua casa. Aqui me cresceu mais o desejo de as saber, porque já estava presagiando o successo, e assim lhe prometti que guardaria segredo, se me descobrisse o que havia succedido.

Sabei, Senhor, (me disse o rapaz) que á Fazenda de meu Senhor (que fica daqui mui perto) chegou um mancebo de mui galharda gentileza e bello talhe, dizendo que sabia varias artes liberaes, quaes eram Latim, solfa e muitos instrumentos musicos. E como meu Senhor é homem rico e tem um filho e uma filha, desejoso de recolher a filha para a fazer Religiosa e ao filho Sacerdote, (1) pediu ao mancebo que lhos ensinasse a solfa, por ambos já saberem ler e escrever. Não foi necessario muito para persuadir a quem ãesejava e appetecia aquelle encontro: tratou logo de lhe metter a Arte da solfa nas mãos e a de amante no entendimento, e lhe foi mui facil decorar a segunda, por ter o objecto sempre á vista. Não eram passados ainda bem seis mezes, quando (haverá vinte dias) se ausentou com ella, levando muitas peças de ouro e prata em sua companhia. E pondo meu Senhor todo o cuidado para os poder apanhar, lhe não tem valido a sua grande diligencia e menos o seu cabedal, para o poder conseguir: e só a maior noticia, que teve, é que se partiram para a Cidade da Bahia. E neste meio tempo, ha menos de tres dias, se ausentou tambem o filho com uma mulher casada em sua companhia. E estes

desgostos fizeram a meu Senhor cahir enfermo em uma cama, onde actualmente está. Perguntei-lhe mais: se era casado, ou solteiro seu Senhor? Respondeu-me o rapaz, que haveria oito annos que lhe fallecera a mulher, porém, que tinha em casa outra, que lhe fazia assistencia na falta da primeira.

Admirado fiquei de ver a promptidão e confiança de um rapaz escravo, criado entre montes, seguir tão acertada narração. Porém, vim a conhecer, que o entendimento é como a pedra preciosa, a qual ainda nascida no monte sempre brilha e mostra seu valor. E disse logo ao rapaz que, por não motivar alguma suspeita de ir em sua companhia, me encaminhasse para a fazenda de seu Senhor. O que o rapaz promptamente fez.

E chegando á casa do Lavrador, me sahiu uma escrava, e me disse que estava enfermo seu Senhor e que visse eu o que lhe queria mandar dizer. Disse-lhe eu: Filha, dizei a vosso Senhor que tem em sua casa um Peregrino e que tambem estimo achar-me nella agora, para lhe applicar algum remedio á sua enfermidade. Não tardou muito o dono da casa, porque logo sahiu encostado a uma muleta: e eu lhe disse o quanto sentia vê-lo tão molestado. Tudo considero, Senhor, (me disse o Lavrador) que procede de meus peccados. Assim o devemos considerar, (lhe disse eu) porque estando a consciencia livre da culpa, não ha cousa, que nos perturbe, nem moleste; e é grande o damno, que o peccado nos faz, assim na alma como no corpo.

E se não, vêde o que affirma o Doutor Angelico Santo Thomas, quando diz que o peccado é quasi infinito, pois é feito contra uma Magestade infinita. Augmenta-se sua graveza pela vileza da pessoa, que o commette, por ser um vil bicho da terra e um pouco de lodo contra seu Bemfeitor, Creador e Redemptor.

Os damnos, que disso resultam a quem pecca, não ha razões que os possam explicar por serem innumeraveis. Perde todo o direito que tinha á adopção e filiação de Deus: á protecção, que tem de seus servos e amigos; á paz e serenidade, que acompanha a uma bôa consciencia; á participação das bôas obras de todos os justos. Faz tambem ao peccador cahir em outros muitos peccados, se não é diligente em se levantar delles. Põe-se o peccador em

O PEREGRINO DA AMERICA

estado de não poder fazer penitencia; e fica finalmente em tal perigo pela culpa, que entre o peccador e o inferno se não mette mais que uma respiração.

Pelo peccado vêm aos homens horrendos castigos e desgraças, como são: doenças, mortes repentinas, deshonras, descritos e infinitas penalidades que os affligem, e por isso se diz: *Supplicium est pœna peccati*. Donde S. Jeronymo tirou por consequencia, que dos peccados ordinariamente procedem as enfermidades.

Finalmente, é o peccado cousa para tanto se temer, como por larga experiencia temos visto e no-lo ensinam e mostram os livros divinos e humanos, pela grande ingratição com que as creaturas se hão para com Deus, esquecendo-se dos grandes beneficios que delle têm recebido. Se não, vêde. Quem lançou aos Anjos do Céu e ao Homem do Paraizo? Quem alagou o mundo todo com o diluvio? Quem abrazou aquellas cinco Cidades com fogo? Quem provocou as pragas do Egypto? Quem no deserto foi causa do castigo daquelle povo? Quem fez tragar a Dathan e a seus sequazes? Quem subverteu a Ninive? Quem assolou a Jerusalém? Quem cativou e entregou a Hespanha aos Mouros? Tudo isto fez a malicia do peccado, além de outros muitos e grandes castigos geraes e particulares que houve e temos visto e a cada passo estão succedendo. Vêde agora, se não é para temer e tremer cahir em peccado mortal. E para tão mortifera enfermidade não ha melhor remedio, que usar do Sacramento da Penitencia.

Mas, tornando ao proposito das enfermidades do corpo: havemos de suppor que muitas vezes os achaques corporaes são mezinhas para a nossa alma. Porque diz o Padre João Eusebio no seu Livro *Dictames*, (Decada 7, § 69) que mais gloria e agrado se dá a Deus em nos ter na cama inuteis para obrar, do que lhe dão todos os Anjos e Santos do Céu e da terra. Louvai a Deus, tende paciencia, e as penas que padeceis vos servirão de alegria. E pelo contrario, será duplicada pena a enfermidade, não havendo paciencia. Além de que, muitas vezes succede sermos nós mesmos flagello da nossa saúde; como por larga experiencia estamos vendo e experimentando e de varios exemplos consta.

Pois como assim pôde ser (me disse o morador) uma pessoa

flagello de si proprio, quando de todos é tão appetecida a saúde? Não só da saúde, (lhe respondi eu) mas tambem da mesma vida, pelo intenso pezar ou demasiada alegria.

Primeiramente, haveis de saber que as causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios. A dor faz gritar, mas se é grande, faz emmudecer; a luz faz ver, mas se é excessiva, cega; a alegria alenta, mas se é estupenda, mata; o amor pôde ser tão extremoso, que faça loucuras; o odio poderá ser tão extraordinario, que commetta absurdos; as especies se fazem venenos e matam, tanto que passam dos quatro gráus de quente a frio. Esta é a razão porque mata o grande pezar ou a demasiada alegria.

Mas fallando agora dos effeitos do pezar: Sabei que o homem tem alma racional, que os outros animaes não têm. Della resultam a Reminiscencia, Memoria, Entendimento, Razão e Vontade, situadas na cabeça, membro mais nobre do corpo, sitio e morada da alma racional. Pelo entendimento entende e sente os males e danos presentes; pela memoria os males passados; pela razão espera e teme os males futuros, e pela vontade aborrece; estes tres generos de males presentes, passados e futuros, ama, deseja, teme e aborrece. Por cuja causa lhe vêm tantos generos de enfermidade e tantas mortes repentinas, quando o pezar é tão grande, que basta para que de repente a vida se acabe. E quando é menor, vai pondo fraco e attenuando pouco a pouco, segundo a qualidade do pezar que se concebe da parte de quem o padece, até que todo acaba a vida, se se não atalha este damno com os remedios, que logo direi: por ser o descontentamento filho menor, que pare e produz o grande pezar ou ira, por alguma grande perda ou damno passado, de que procedem grandes fluxos, que violentamente cahem do cerebro, e arrojando-se a algum membro, como depois fica em casa a discordia, (isto é, entre a alma e o corpo) que põe aquellas especies de aborrecimento tão inimigas da saúde, faz que esteja successivamente distillando o succo, pouco a pouco, gotta a gotta, como um lambique ou hyssopo, até que seccam e mirram os corpos, e se lhes tira o calor natural com esta tristeza e descachimento. E ainda eu dissera mais, (com licença dos professores da faculdade da Medicina) que destas causas procede a maior parte de todas as en-

fermidades que vêm aos corpos: o que não exponho aqui, por não me dilatar e não ser concernente acerca do que pretendo mostrar. Só direi, que Platão lhe chamou discordia da alma contra o corpo. Esta faz a vida triste e infeliz; como pelo contrario a alegria, porque a faz aprazível e suave. Assim o disse o mesmo Philosopho Platão: A cousa mais doce é passar a vida sem tristeza. E daqui resulta virem aos corpos varias enfermidades por causa da demasiada tristeza, como é: tysica, lepra, apostemas, sarnas, magreza e infinitos males.

E para remedio destas tristezas, tomai estes avisos: Quando a esperança de vosso bem faltar, buscai outra cousa, por onde vos esqueça a dor presente, que vos penalizar: Fazei por divertí-la com discreta e alegre conversação, suaves cheiros, alegres campos, correntes rios, espaçoso mar, afinados instrumentos e sonora musica. Aqui deu um grande suspiro o morador, e logo entendi que era, sem dúvida, por ter sido a musica o motivo da sua molestia; porém, como todo o meu designio era divertí-lo, lhe fui buscando o golpe de mais longe.

E assim continuei, dizendo: Tambem aproveita saber estes damnos, que a tristeza obra na saúde humana, para della se defendorem as mulheres, porque lhes resultam muitas vezes, por se julgarem mal casadas e se verem aborrecidas de seus maridos imprudentes; o que elles, como discretos e Christãos, devem remediar, emendando seus máus costumes, prezando a suas mulheres como são obrigados. Porém, fallando do como se póde morrer de repente e de uma má nova ou successo inopinado, vos quero mostrar esta verdade pelos exemplos seguintes.

Conta-se, que estando o Grande Pompeio assistindo a umas festas, nas quaes se estava representando uma tragedia, como hoje se costumam fazer as comedias, acaso lhe cahiram de um homem ferido umas pingas de sangue em as roupas, e logo mandou a um pagem levá-las a sua mulher Julia e que lhe trouxesse outras. E antes que o pagem dissesse ao que ia, assim como Julia viu as gottas de sangue, cahiu esmorecida e acabou a vida. Não deixou de ser ligeira essa mulher (me disse o morador) em conceber a nova, sem primeiro examinar causa. Foi tão vehemente (lhe disse eu) a dor,

que lhe não deu lugar, nem tempo para que os espiritos a não suffocassem.

Semelhante caso succedeu em tempo de Carlos V. Em as guerras de Hungria, em o cerco de Buda, era Capitão Rayssicao, Suevo, o qual tinha um filho de alentado valor; e sem dar parte a seu pai, fez um desafio com um Mouro contrario e vieram a batalha á vista do campo dos Exercitos. E estando os maiores do Exercito com o Capitão vendo aos dous, fazia maravilhas o da parte de Castella, sem saberem quem era; porém, foi vencido e morto pelo contrario. Querendo saber o Capitão, e os mais, quem era tão bom Cavalleiro, o desarmaram, e tirando-lhe a viseira, soube o Capitão que era seu filho, e no mesmo instante cahiu morto, e ambos foram sepultados.

De El-Rei Filippe o Prudente se conta, que estando ouvindo Missa, dous criados seus mui validos, que estavam atraz delle, se puzeram a fallar, e o Rei, acabada a Missa, lhes disse olhando para elles: Nem vós, nem vós me falleis mais. Um, indo para sua casa, em breves dias morreu de pena; o outro ausentou-se da sua patria e não appareceu mais diante do Rei. Por certo, bem merecida reprehensão, por faltarem á reverencia, que se deve a tão alto Sacrificio.

Conta o Bispo Barbastranse (*Hom.* 43) que, mandando El-Rei Filippe II tomar residencia a um dos Ministros Reaes, entre os que o accusavam, foi um, de quem aquelle Ministro se fiava e tinha por amigo particular, o que sabendo o Ministro, foi tanto seu sentimento, que de repente lhe deu uma febre, com que brevemente acabou a vida.

Genebra, mulher de João Ventiolo, morreu de repente, porque soube que seus filhos haviam sido vencidos em uma batalha. De outra mulher se conta, que vendo a um filho seu cahir em uma lagôa, considerando que se affogava, cahiu morta, e o filho sahiu depois salvo. Além de outros muitos casos, que têm succedido por força da imaginação, como foi o daquelle, que sem lhe faltar uma gotta de sangue no corpo, só por imaginar que o tinham esgottado por uma sangria, cahiu morto de repente. Tambem conheci a um homem, que por lhe fugir uma filha com um mancebo, com quem andava de amores, cahiu em uma cama e della foi levado para a

sepultura. E finalmente são tantos os casos succedidos a este proposito, que seria um processo quasi infinito a relação delles.

Pois sabeí, Senhor, (me disse o morador) que me tendes muito aliviado com vossa discreta conversação; e fico agora entendendo, que a causa da minha enfermidade procede de uma pena, que me acompanha, e vem a ser, que uma filha minha, a quem eu amava com extremos, se ausentou desta casa em companhia de um mancebo, que a ensinava a Solfa. E logo me repetiu tudo o que me tinha relatado o rapaz. Porém, a maior pena, que padeço, (me disse o morador) é não saber a qualidade deste mancebo, que a levou furtada. Pois, Senhor, (lhe disse eu) se não tendes outra cousa, supponde que não ha maior geração, que o bom procedimento. Além de que, tem havido muitos pais, que por verem a grande vontade de tomarem estado suas filhas, ainda com homens de inferior qualidade, lhos deram por maridos.

Carlos Magno Rei de França vendo a sua filha tão affeiçoada a Egenardo seu Secretario, a casou com elle, e nem por isso ficou em menos estimação o Rei, mas antes mui louvado, pela prudencia com que se houve, quando viu a sua filha carregar ao Secretario em seus braços, pela neve, por não ser sentido, podendo-os castigar; porém, tudo remediou com os casar.

E por isso Santo Ambrosio deu de conselho a um Pai de familias, chamado Sisinio, dizendo-lhe que casasse a seu filho com a mulher, a quem se tinha affeiçoado, porque, casando-os, os faria melhores, e, negando-lhes a sua graça, seriam peiores. (*Lib. 8. Epistola 64.*)

E vêde que lá se conta, que perguntando um pai a Themistocles, se casaria sua filha com um pobre de grandes partes ou com um rico sem ellas, respondeu, que mais queria homem que necessitasse de dinheiro do que dinheiro que necessitasse de homem.

E assim vos digo: Esse mancebo, pelo que me acabastes de dizer, tendo tão galhardas partes, não nasceu (como lá dizem) em casa de palha. Deixai isso ao tempo, que elle mostrará que não se enganou vossa filha, nem elle em a solicitar por esposa; que esse deve ser o fim, sem dúvida, que o levou a fazer esse excesso, porque, se em semelhante caso se houvesse de dar desculpa a um homem, só nesse

particular a devia ter. Ponha-se cada qual em seu lugar, e nessa idade, e veja se tem desculpa á vista de tão franca entrada que lhe déstes, por ser o melhor uso o da occasião; o nescio a não conhece senão pelas costas, o discreto a adivinha antes de chegar.

A esse mancebo mettestes-lhe a occasião nas mãos: quiz-se aproveitar. O ponto é tratares de os socorrer, para que gozem do estado em paz.

Porém, isto supposto, pergunto: Que idade tinha vossa filha? Vinte e cinco annos, me respondeu o morador. Pois sabeí, Senhor, (lhe disse eu) que não ha cousa que mais vivamente seja combatida do que a mulher: e assim devem os pais sobre maneira doutrinar as filhas e dar-lhes estado a seu tempo. Porque assim como quando amadurece a vinha, se lhe deve pôr cabana e feitor; assim tambem chegando a idade á mulher, tem necessidade de guarda, casa e marido. Havia uma lei entre os Godos, que dizia assim: Mandamos que o pai por casar dez filhos não trabalhe um dia, mas por casar uma filha virtuosa trabalhe dez annos.

E por se não ajustarem muitos pais com esta doutrina, succede-lhes casarem-se as filhas contra suas vontades, e nem por isso estão livres os pais de lhes prestar alimentos: porque dispõe o Direito Civil, que a filha possa pedir alimentos ou seu dote, quando o pai foi moroso em a casar ou dar estado. E é sentença commum dos Doutores, que ainda que casem com pessoas indignas, as devem seus pais alimentar, tendo com que o possam fazer: e só se poderão escusar deste encargo se ellas se casarem com pessoas ricas.

Porém, tambem os filhos são obrigados a casar a contento de seus pais, para com acerto contrahirem aquelle estado, como diz Sanches (*De Matrim.*, lib. 6, disp. 33, n. 10). E os que se casam contra a vontade de seus pais com pessoas desiguaes peccam gravemente: Fagundez (*Decalog.*, lib. 4, capitulo 4, n. 3). Porém, tendo tomado conselho e sendo pessoa digna, ainda que seus pais lho contradigam, podem contrahir matrimonio. (Sanch., *loc. cit.* e outros muitos). E ao filho obediente a seus pais, nunca lhe pôde succeder mal. E pelo contrario, sabemos que muitos filhos, por não serem bem ensinados a seus pais, vêm depois a experimentar o mesmo quando têm filhos. Como se conta daquelle pai, a quem o

O PEREGRINO DA AMERICA

filho trouxe pelos cabellos a empuxões pela escada abaixo, e, chegando a certo lugar, lhe disse o pai: Basta, filho, que até aqui trouxe eu tambem deste modo a teu avô em outra occasião. Filho és e pai serás: assim como fizeres, assim te succederá.

Finalmente, não ha maior gloria para um pai do que ver a seu filho obediente: nem maior felicidade para um filho do que ser obediente e honrar a seu pai. Por esta certeza recommendou Salomão aos filhos a observancia dos preceitos paternos. (*Prov.* 6. 20.) São reciprocas as glorias entre o pai e os filhos: e tambem as injurias. O filho sabio alegra a seu pai; o pai estimado é bem-aventurança do filho. (*Prov.* 10. 1.) Mais glorioso foi para Enéas o nome de piedoso, salvando nos hombros a seu pai, que o de valoroso, tendo a seus pés a seus inimigos. Ditosos chamou Euripides aos pais, que têm filhos obedientes. E pelo contrario se podem intitular desgraçados os que têm filhos descomedidos aos conselhos e preceitos justos de seus pais. Por isso, como diz Quintiliano, são os filhos as esperanças dos pais, quando obram bem e virtuosamente.

Porém, falando agora da obrigação, que temos de guardar este quarto Mandamento de honrar ao pai e á mãe: não só se deve entender dos filhos para com os pais, mas tambem do cuidado que hão de ter os pais para com os filhos na boa educação, dando-lhes a bôa doutrina, ou sejam legitimos ou naturaes: mandando-os aprender a Doutrina Christã e as bôas partes, conforme as posses de cada um; e se não puderem mandá-lo fazer por pobres, estão obrigados a ensiná-los.

Senhor: (me disse o morador) e se o pai fôr tão inutil, que nem para si saiba a Doutrina, que ha de fazer? Respondo: (lhe disse eu) Por isso dispõe a Santa Igreja, com muito acerto, que os contrahentes, antes de casar, saibam a doutrina Christã: e que os Parochos tenham cuidado de lha perguntar. Se isso se observasse, (me disse o morador) creio que muitos deixariam de se casar por se não quererem examinar.

Bem poderia ser que assim succedesse (lhe disse eu); porém, supponho que não haverá algum, que tome este estado sem saber

a Doutrina Christã. E os pais, por se livrarem desse encargo, devem procurar dar-lhes Mestres que os ensinem. E quando não tenham posses para isso, devem ir e levá-los consigo á sua Matriz para aprenderem, ao tempo em que o seu Vigario ou Cura costumam fazer Doutrina a seus freguezes.

E quantos Vigarios e Curas nesta terra (me disse o morador) o deixam de fazer! Pois sabei, Senhor, (lhe disse eu) que são obrigados sob pena de peccado os Curas e Vigarios a ensinar aos seus freguezes em os Domingos e dias Santos toda a Doutrina Christã e rudimentos de nossa Santa Fé Catholica, explicando-lhes a obediencia que devem ter a Deus e a seus pais, por assim lhe ordenar o Sagrado Concilio Tridentino e uma Constituição de S. Pio V tão apertada, que é opinião dos Doutores, que o Vigario ou Cura que isto não fizer, pecca mortalmente: além das mais Constituições de todos os Bispados e Arcebispos.

E se bem soubera um Christão de quanto proveito lhe é o ensinar a Doutrina Christã aos que della necessitam, além das grandes indulgencias que têm concedido os Summos Pontifices a quem a ensina e ouve, andariam muitos pelo mundo occupados neste santo exercicio: assim pela grande gloria que nisso dão a Deus, como pelo seu proveito, e pelo que respeita de bem a quem a aprende.

Por isso muitos Santos e Varões doutos, á imitação de Christo Senhor nosso, que foi o primeiro Mestre da Doutrina Christã, se occuparam neste santo exercicio. Santo Ignacio de Loyola em toda a sua vida o exercitou e deixou recommendado por Regra a seus Religiosos, que mui pontualmente o estão observando: porque conheceu muito bem o santo Patriarcha, que não podia haver maior serviço para Deus, proveito para as almas e terror para o inferno do que ensinar a santa Doutrina Christã.

Ainda nas mulheres foi esta santa occupação mui louvada como consta da vida de muitas Santas. E veja-se o que obrava Santa Maria Magdalena de Pazzi, ainda sendo menina, occupando-se nesta santa virtude naquella Aldeia, onde seus nobres pais tinham as suas fazendas, como se refere na sua vida.

O PEREGRINO DA AMERICA

Assim conheço que é, Senhor: (me disse o morador) porém, muitos o temem fazer porque os não tenham por hypocritas. Isso procede, (lhe disse eu) porque cada um condena o que não tem, por não confessar o que lhe falta: demais, que não ha obra tão bôa a que se não atrevam máus olhos e peiores juizos, como lá disse uma douta penna. O ponto está em que seja com recta intenção de servir e agradar a Deus.

Mas tornando a fallar do ensino e partes que hão de ter os Mestres, se deve advertir, que muitos pais cahem neste erro levados de uma affeição, por não conhecerem o quanto se requer para se fazer eleição de um bom Mestre para seus filhos. O Mestre ha de ser Christão, ancião, prudente e sciente na Arte que ensinar: e os que não tiverem estas partes lhes não devem os pais entregar seus filhos para lhes ensinarem a doutrina Christã e com muito maior razão se lhes não devem encarregar as filhas para o mesmo effeito, por serem as mulheres de mui differente sexo e se requerer muita prudencia e virtude para as tratar. Por isso lá disse uma prudente Matrona, que antes queria a suas filhas menos scientes e mais recolhidas: dando esta razão a quem lhe tinha dito, que nunca as havia de ensinar bem em casa, se lhes não dêsse Mestre de fóra.

Devem tambem os Pais de familias cuidar muito na bôa educação de seus filhos e escravos, dando-lhes o sustento e o necessario para se vestirem, além da bôa doutrina, e obrando o contrario, peccam mortalmente neste preceito. E sobretudo, devem ter grande cuidado e zelo na guarda de suas familias, como joias de valor precioso, que Deus lhes tem encarregado e de que lhes ha de pedir mui estreita conta, se as deixarem perder. Bom exemplo nos deu Christo naquelle bom Pastor e Pai de familias, que por uma ovelha perdida deixou noventa e nove, porque conhecia, como tão zeloso do bem das almas, o quanto lhe ia em levar o Lobo infernal aquella desgarrada do rebanho. E de muitos Pais de familias sabemos que as estão deixando levar a pares e a montões para o inferno por falta de vigilancia, consentindo sahir a seus filhos e escravos a todo o tempo, sem lhes preguntarem para onde vão, nem especularem em que se occupam. Por isso Job, fallando des

peccadores, disse que os ha Deus de castigar, fazendo que vejam os pais com seus olhos padecer seus filhos e morrer a sua vista. (21, *Inter.*, l. 16.)

Tambem costumam muitos pais amar tanto a seus filhos, e alguns senhores a seus escravos, que idolatram nelles, e por este amor desordenado permite Deus que vejam máu fim destas taes creaturas para sua maior confusão. E a muitos tem acontecido acabarem as vidas nas mãos dos mesmos escravos, que com tanto mimo criaram, porque mais prezaram o amor das creaturas que o do Creador: como consta de varios exemplos, que têm sucedido no mundo e principalmente neste Estado do Brasil. Já nos filhos temos visto, que o muito mimo com que os tratam os pais, tem sido a causa de os deitarem a perder e verem delles lastimosos successos acontecidos por não os reprehenderem nem lhes darem bôa doutrina emquanto pequenos: como se conta daquelle, que cortou os narizes com os dentes á mãi ao pé da forca, pelo deixar emquanto pequeno furtar e obrar mal, sem reprehensão, nem castigo. O pai, que quizer criar bem a seu filho, deve-lhe ir cada hora á mão e não o deixar sahir com seus appetites: porque a mocidade é muito tenra para resistir aos vicios e mui capaz para receber conselhos.

E que direi eu de muitos pais, senhores e superiores, que sabendo dos vicios e peccados de seus filhos, escravos e subditos, os não reprehendem e talvez os estejam dissimulando, principalmente no peccado do concubinato! Pois agora vos quero advertir uma cousa, que não sei se a tereis já ouvido. Sabei que não ha de haver filho-familia, tendo pai e estando debaixo do seu patrio dominio, nem escravo tendo senhor, nem subdito tendo superior, amancebados: porque estes tais pais, senhores e superiores têm obrigação de os evitar e castigar deste peccado, conforme o poder que Deus lhes tem dado. E quando se não queiram emendar com a palavra, executem-no com o castigo e, por isso, terão de Deus o premio e serão dos homens louvados.

E se não, dizei-me: Que mais fará ou deixará de fazer um homem a seu inimigo do que um pai destes á sua familia? O muito a que póde chegar o odio do inimigo é tirar-lhe a vida: porém.

O PEREGRINO DA AMERICA

um pai destes, além de expor os seus filhos a risco de lhes tirarem a vida, os faz perder a alma. Não cuide algum, que por orar, jejuar e fazer outras obras de virtude, fica livre de ser castigado de Deus, faltando á obrigação do seu estado.

São os filhos destes taes, semelhantes aos filhos das tartarugas, as quaes costumam lançar os ovos nas praias: porque depois de se gerarem e terem forças para romperem a areia dos vicios, se vão metter no golfo do mar dos peccados, onde, encontrando-se com os vorazes tubarões, estes os comem, por não terem pais que os livrem do perigo, que é o peccado, nem das garras do Demonio, e, assim, os levam aos abysmos do inferno a padecer eternamente. Podiam, porém, ser como os filhos das Aguias, as quaes os criam no ninho até que tenham azas, que é a bôa doutrina, e depois de os ensaiarem a tomar os primeiros vôos, os levam consigo a esse remontado ar a registrar a luz do Sol, que é o conhecimento da fé de Deus: e assim não ha gavião, nem ave de rapina, que se lhes atrevam, por terem pais Aguias, que os defendam e com elles sobem no fim da vida a descansar nesse monte Olympo da Bemaventurança, que é o Céu.

Diz S. Paulo, que o que não tem cuidado dos seus, e especialmente domesticos, negou a fé, e com effeito é peor que o que a não tem. Porque, como declara Theofilacto, não ha Infiel tão alheio da razão, nem Barbaro tão deshumano, que não cuide dos que vivem debaixo do seu amparo e se dê por obrigado a defendê-los.

O Pai de familias ha de ser Argos de dia e de noite: ha de saber, contar, vigiar e pezar os passos dos seus filhos e escravos. Ha de ser homem de conta, pezo e medida, porque lhe vai muito nisto, pois se perdem muitas casas, por não haver este cuidado. E se não, vêde. Perde-se o mercador por não contar: perde-se o navegante piloto, por não vigiar os tempos, nem observar os astros: perde-se o Lavrador, por não pezar, nem medir, como é razão: e, finalmente, até na Solfa se devem contar as pausas, medir os compassos, por não fazer dissonancia na musica.

Costumava Labão mandar pastorar o seu gado por suas filhas Raquel e Lia: e por se recolherem um dia mais cedo que nos mais, lhes tirou residencia, perguntando-lhes a causa de virem mais cedo;

porque lhes contava os passos. E muitos pais sei eu, que não só não contam os passos ás suas filhas, mas antes as deixam caminhar para onde não deviam ir. Corro-me de o dizer, porém, como me obriga o zelo de publicar a verdade, hei de manifestá-lo: e queira Deus que aproveite. Póde haver maior descuido, que deixar um pai e uma mãe sahir uma filha só em companhia de uma escrava deshonesta, por caminhos de fontes, rios e roças, sem disto fazerem caso? Sendo que só isto se devia evitar com grande zelo, para a conservação da honra e serviço de Deus, pelo que tenho ouvido contar e visto succeder acerca deste particular.

Não sei eu que maior martyrio se póde dar a uma donzella honesta e virtuosa. do que levá-la a casa de uma mulher publica. Sei, porém, pelo que tenho lido, que este foi um genero de tormento com que aquelle Tyranno quiz atormentar a Santa Luzia, para ver se a podia divertir do santo amor de Deus, para que deixasse de ser Martyr, e completar o seu santo desejo: ao que Deus accudiu como tão piedoso em a livrar, para que conseguisse o seu glorioso martyrio.

E que mais tem (perguntára eu) uma publica meretriz do que uma escrava deshonesta? E se me disserem que as deixam ir, por serem ainda de pouca idade, saibam que eu tenho visto raparigas de nove e dez annos já perdidas: e quando logo se não percam, irão aprendendo para se deitarem a perder. E menos convém (aconselhára eu) o deixá-las ter estreita amizade com estas taes, por não aprenderem na escola da maldade. E daqui nasceu dizer um Autor, que as meninas se devem trazer nas meninas dos olhos.

Por isso os Persas faziam eleição de escravos de virtude e bem inclinados, para lhes entregarem seus filhos. E saibam os pais que de não haver esta cautela procedem tão grandes desordens, e ainda muitos descreditos em casas honradas. E muitas vezes é mais necessaria a cautela com os de casa, que a guarda com os de fóra, pelo muito, que estamos vendo e experimentando: que se não fóra por offender a modestia, vos repetira casos horrendos e espantosos de se ouvirem contar.

Alerta, alerta, Pais de familias, que vô-lo diz quem não tem menos que o desejo de augmentar a gloria de Deus e o zelo do vomo

O PEREGRINO DA AMERICA

credito. E tomem exemplo as senhoras Matronas da Mãe de São Luiz, Rei de França, que o recebia nos braços, sendo menino, e lhe dizia, que antes o queria ver morto, que vê-lo offender a Deus: causa e motivo, porque foi Deus servido que viesse a ser Santo. Porque a virtuosa doutrina nos primeiros annos é o mais seguro alicerce da fabrica da natureza humana.

De Socrates refere Plutarcho, que entre os documentos que deu para o bom governo da Republica, foi um, e não menos importante: que não permittissem aos moços ouvir palavras indecentes, nem musicas lascivas, nem comedias ou farças profanas, porque se prendiam de sorte na mocidade, que se convertiam em vicios na idade maior. E por isso exhortava que os ensinassem a ouvir cousas sérias e graves, e que os apartassem dos vicios, e industriassem em virtudes.

Com muita razão e cabal experiencia tendes fallado (me disse o morador) acerca deste particular: e ainda mal, que assim succede. E oxalá que mais cedo vos tivera eu ouvido esses exemplos: porque poderia ser que não chegasse a experimentar semelhantes golpes e descreditos na minha casa.

Porém, ouvi: (continuou o morador) porque ainda se me duplica mais esta pena com outro acontecimento que me sobreveiu. Haverá tres dias, que desta casa se me foi um filho de idade de dezoito annos, levando em sua companhia uma mulher casada: e fez tambem que o acompanhasse um escravo meu, que andava amancebado com uma escrava da mesma mulher. E o que mais temo é que o marido, por se ver offendido de semelhante descredito, se partiu atraz delles; e supponho que a cada instante se encontram, do que sem dúvida resultará alguma desgraça. Vêde se tenho razão para padecer penas e molestias á vista de tão grandes causas.

Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que de duas cousas, pela maior parte, succedem nos filhos semelhantes desordens: a primeira é o máu exemplo, a segunda a má inclinação. E eu dissera (me disse o morador) que tudo provém da má inclinação. Respondo: (lhe disse eu) algum imperio tem na creatura a má inclinação, porém, pela maior parte semelhantes vicios procedem do máu exemplo e falta de doutrina. Varios são os exemplos que acerca desse par-

tiular se contam e se tem visto. E basta para confirmação de tudo o que diz Christo Senhor nosso, julgando por menos mal a qualquer homem ser lançado com uma pedra ao pescoço no mar do que dar máu exemplo a outros de peccado; porque a maior gloria e honra que se póde dar a Deus é o bom exemplo e ensinar aos ignorantes. Não é dito meu, mas de todos os maiores Santos da Igreja. Christo Senhor nosso venceu e convenceu aos peccadores com bom exemplo. Porque é certo, que o que trata com bons, bom fica, e o que lida com perversos, perverso fica e distrahido.

E senão, dizei-me: Que ha de fazer o filho ou escravo, vendo que seu pai ou senhor caminha para o peccado? Necessariamente ha de seguí-lo: e por isso convém que os maiores na idade dêem bom exemplo. Porque ver o moço que se não reforma o velho; ver que o velho, que lhe havia de dar bom exemplo, lhe dá escandalo, que outra cousa é senão ter autoridade para peccar sem freio? O pai de familias ha de ser um espelho limpo e sem mancha, para que sua familia se veja nelle e emende seus defeitos. E vêde agora como poderá reprehender quem se acha comprehendido, e talvez na mesma culpa.

A este proposito vos contarei dous exemplos, um succedido e outro moralizado. Conta-se, que indo um homem por uma estrada com dois filhos rapazes em sua companhia, achou a outro homem dormindo, e na consideração de que teria algum dinheiro, o matou. E depois, chegando os dois rapazes a casa, disse um ao outro: Fazamos como fez nosso pai ao homem: e logo fez que dormia um, e o outro lhe tirou a vida. Vendo a mãe aquelle lastimoso caso, levada da paixão, matou ao filho, que tinha morto ao irmão. Chegou o pai neste conflicto, e vendo aquelle desastrado successo, matou a mulher. E sabendo a justiça destes casos, prendeu ao homem, e foi logo justificado pelos crimes que tinha feito. Vêde como succederam estas desgraças de um máu exemplo.

Vai o caso moralizado. No tempo em que dizem que fallavam os brutos, se conta que estando um animal immundo em um lameiro, lhe chegou um filho á sua presença, e vendo o pai ao filho tão sujo, lhe disse: Vem cá, por que não andas limpo e aseado, como andam os filhos dos outros animaes? Olha como anda limpo

O PEREGRINO DA AMERICA

o Cordeiro, o Cabrito, o Bezerra e ainda o Cão e o Gato, tão nédios e sacudidos do pó da terra, e só tu andas tão sujo e enlameado. A isto lhe respondeu o filho, dizendo: Meu pai, se eu ando desta sorte, é porque vos vejo nesse lameiro. A este dizer do filho se virou o pai para outra parte, dando-lhe as costas.

Esta moralidade assenta sobre muitos pais, que estão cheios de vícios e querem reprehender a seus filhos e domesticos da mesma culpa. E assim tambem se deve entender para todos aquelles que têm obrigação de emendar e reprehender aos mais, e não tratam de se correger primeiro a si mesmos.

E para acabar este discurso, vos quero repetir uns versos pelas letras do A, b, c, que dizem se acharam escritos no testamento, com que falleceu um homem no Reino de Portugal, nos quaes deixou um extracto com que se haviam de governar seus filhos: e supponho que em vida se não devia ter descuidado delles, quem depois de morto lhes deixou avisos e documentos, para melhor se saberem governar.

A, B, C, de exemplos

A

Amor de Deus seja estudo
Da vossa melhor lição,
Propondo no coração
Amar a Deus sobre tudo.

B

Bom homem será razão
Vos faça o procedimento,
Sendo o principal intento
Fazer por ser bom Christão.

C

Cortez sêde; que é defeito
Faltar este aviso humano:

NUNO MARQUES PEREIRA

Por um chapéu mais cada anno
Comprai agrado e respeito.

D

Dai, que attributo é de nobre,
Quanto no avaro baixeza,
Dai ao maior por grandeza:
Dai por caridade ao pobre.

E

Espelho seja o conselho
Nos claros a vós attento,
Compôr o procedimento
Pelo lume deste espelho.

F

Fiel a Deus, e ao Rei dado;
Que Deus assim o ordenou:
A Deus, porque vos creou;
Ao Rei, de quem sois criado.

G

Graças e equivoccos, sós
O que natural cahir:
Que é máu o fazer rir,
Podendo-se rir de vós.

H

Honra, é joia que mais val,
A tudo o mais preferida:
Pela honra se arrisca a vida,
Que a honra é vida immortal.

O PEREGRINO DA AMERICA

I

Ira, fique-vos de aviso,
Não vos domine a razão;
Que onde governa a paixão,
Não obra livre o juizo.

L

Livros não fechados, lidos,
São só para o que se tem;
Que livros, que se não lêem,
São thesouros escondidos.

M

Mentir na realidade
Leva dos vicios ao cabo:
Pai da mentira é o Diabo;
E Deus é summa verdade.

N

Namorar, só deve ser
Quando hajais de namorar
A mulher para casar,
E nunca para a offender.

O

Olhai, em tudo o que obrais,
O incerto fim, que tereis;
Que logo atraz tornareis,
Se adiante não olhais.

P

Peccar, é grave delicto:
Mas se peccas, filho, quando

NUNO MARQUES PEREIRA

A Pedro imitas peccando,
Imita a Pedro contrito.

Q

Quem sois, é simples vaidade,
Que trazeis no pensamento;
Que o melhor procedimento
E' só melhor qualidade.

R

Razão em toda a occasião
Vos asseguro de ultraje;
Que armas levais de vantaje,
Se vos armais de razão.

S

Soldado sêde, e servi,
Pois nisso vos occupais:
Aos perigos não fujais,
E á ociosidade fugi.

T

Terra melhor é a Côrte:
Tudo o melhor se acha nella:
Mas vivei nesta, ou naquella,
Que tudo é patria de sorte.

V

Vivendo sempre ajustado,
Conforme a renda, ou despeza,
Gastar menos, é baixeza;
Gastar mais, será peccado.

O PEREGRINO DA AMERICA

X

Xadrez, e os mais jogos, arte
São de engenho: mas o officio
De jogar sempre é máu vicio;
Sabê-los jogar, é parte.

Z

Zelo vos advertirei
Da Fé: é bem que se dê
Vossa vida pela Fé,
Vossa honra pela Lei.

Não me podieis dizer cousa de tanto agrado, (me disse o morador) como nos versos, que acabastes de repetir, os quaes prometto trasladar, para me servirem de regra e documentos, que ainda nesta idade me poderão aproveitar. E no mais, que me tendes aconselhado, melhor mo não podieis dizer, nem reprehender pelo que logo vereis.

E chamando por uma escrava, mandou que viesse perante nós a mulher que até aquelle tempo tivera em sua casa. A qual, chegando a nossa presença e saudando-nos, lhe disse elle: Sabei, Senhora, que até o presente estava eu cego; foi Deus servido que chegasse a esta casa o senhor Peregrino, para que me abrisse os olhos e tirasse a cegueira em que vivia. Tendes duzentos mil réis e uma escrava para vos servir. E logo á minha vista contou o dinheiro e lho deu, entregando-lhe tambem a escrava: e a fez metter em uma rêde aos hombros de dois escravos e ir para a casa de uma parenta della mesma.

Muito vos louvo, Senhor, (lhe disse eu) ver-vos com tão grande resolução de tratar do bem da vossa salvação. Primeiramente ninguém se póde salvar sem padecer com Christo e levar a sua Cruz, nem se póde ir ao Céu ás mãos lavadas, com gostos e alegrias: antes é certo, que quem nesta vida tiver glorias, na outra ha de ter tormentos: e por isso Christo Senhor nosso nos aconselha que

NUNO MARQUES PEREIRA

tomemos a nossa Cruz e o sigamos. E assim, fundado no mesmo conselho de Christo, vos digo que trateis logo de repartir a vossa fazenda com vossos filhos: e do que vos ficar, ponde em parte segura a razão de juro quanto baste, para que de seus ganhos vos vades mantendo, e possais passar a vida, e do mais reparti com Deus e com os pobres.

E para que tenhais melhor conveniencia de vos dar a Deus, buscai um lugar perto de alguma igreja, aonde possais todos os dias ir ouvir Missa, e nas festas confessar-vos, fazendo aquella penitencia, que vos der vosso Confessor e vossas forças vos ajudarem. E no mais tempo tratai de ouvir os Sermões e principalmente os de doutrina: lêde tambem livros espirituaes e vidas de Santos; conversai com homens virtuosos, que tudo são meios por onde melhor se vem ao conhecimento da summa verdade. E vendo Deus que vós fazeis de vossa parte por alcançar a sua graça, não vos ha de faltar com os seus divinos auxilios.

E já que Deus foi servido inspirar-vos tão grande resolução, vos quero agora advertir (para que estejais tambem de accôrdo) do que vos póde succeder com o Demonio e com os mesmos homens seus corretores. Haveis de ter mui grandes tentações. O Demonio vos ha de metter na imaginação: Para que és louco? Assim largas a tua fazenda, que tanto te custou a ganhar e conservar, para irs experimentar desconmodos, e vires a cahir em tal pobreza, que pereças á necessidade? Se Deus te quizer salvar, tambem aqui o póde fazer. E com estas e outras considerações, ha de ver se vos póde tirar desse bom intento. O melhor acerto é não lhe tornar resposta, e dizer-lhe como lhe disse Christo, quando lhe prometteu os haveres do mundo: Vai-te de junto de mim, Satanaz. E vêde, que se Eva se não detivera em razões com a Serpente, talvez que a não faria peccar.

Os homens vos hão de dizer: Não sejais tão levado do primeiro parecer. Esse homem, que vos aconselhou, póde errar: porque como é pobre, e não tem experimentado o descanso, que Deus vos tem dado nos bens que possuis, suppõe que, assim como elle vive da divina providencia, tambem vós podereis viver. Engana-se e engana-vos, porque muitos cahiram em grandes desesperações por se

verem em summa pobreza: todos não têm valor e espirito para serem pobres. Parece cousa mui dura ver mendigar a um que já teve. Demais, que não consiste a virtude só na pobreza: porque muitos pobres conhecemos nós bem cheios de vicios e peccados. Vós não sois tão velho, que ainda não possais viver vinte e trinta annos: e neste tempo se não tiveres fazenda, ninguem vos ha de soccorrer; mas, antes, aquelles mesmos, que hoje vos buscam, fugirão de vós.

A tudo isto podeis responder, porque não vão estes corretores do Diabo sem resposta e fiquem confundidos. Primeiramente dei-lhes: Onde me póde este homem enganar, que não vá dar eu em acerto? Promette-me que por padecer por Christo serei premiado: assim o diz o Evangelho: (*Matth.* 16, n. 24) que o que quizer gozar da gloria, ha de ter parte na Cruz de Christo: isto é, ter trabalhos e padecer neste mundo por alcançar a gloria. E se não, vêde o que disse Christo Bem nosso áquelle Principe, que lhe foi pedir o conselho para se salvar. Vai, lhe disse o Senhor, vende o que tens, reparte-o com os pobres, e segue-me. (*Matth.* 19. 21.) E se eu vier a ser pobre: é tal a sua divina providencia, que sustenta aos bichos da terra, quanto mais ás suas creaturas racionaes.

Emquanto ao deixar o descanso: bem tenho eu experimentado que o dinheiro me não valeu, para que deixasse de padecer tantos trabalhos e desvelos nos desgostos que me affligiram. Demais, dei-me: Quanto posso viver? Vinte annos. Dais-me a certeza de que possa viver esse tempo? É certo que não. Pois que mal faço eu em me querer assegurar nesta incerteza? E dado que possa viver esse tempo: de que me serve mais larga vida, tendo passado tantos annos sem me aproveitar em nada do bem espirital, ao que estava obrigado como Christão? Logo bem é que me saiba agora aproveitar neste restante da vida, se Deus me der tempo para poder fazer boas obras: porque estas são as luzes, que nos hão de allumiar na outra vida, como diz o sagrado Evangelho. (*Mattheus*, 5. 16.)

E pouco importa que fujam de mim aquelles que me buscavam por dependencia: porque é sem duvida que a causa porque fogem todos de um pobre, é pelo considerarem com pouco pres-

timo, como um edificio arruinado ou arvore que está para cahir. Sendo que, como estes homens medem as cousas pelo que lhes parecem, e se lhes representam pela cegueira da culpa, enganam-se. Porque nunca mais seguro está um Christão, que quando se vê fóra dos impedimentos do mundo, que são as riquezas, para estar mais firme na graça de Deus: porque é certo que as riquezas são estradas para o inferno, e a pobreza, com paciencia, caminho para o Céu.

Tudo isto lhes podeis dizer, porque é certo e infallivel, que nada nos dá mais pena na hora da morte do que os gostos, regalos e riquezas, que gozamos nesta vida. Desenganai-vos, Senhor, e tende por cousa infallivel, que é muito necessario padecer por Deus, para merecer a sua gloria. Este exemplo nos deu Christo, sem ter necessidade de o fazer, e depois o imitaram todos os Santos, que estão gozando da Bemaventurança. Porque é cousa impossivel e incompativel ter glorias, regalos e descansos neste mundo, e ao depois tê-los tambem na outra vida. E disto estão os livros cheios de varios exemplos e a experiencia nô-lo mostra: porque é certo e indubitavel, que qual tiver sido a nossa vida, tal será a nossa morte.

Emquanto á razão de ser ainda cedo para tomar essa resolução, sabei, que os que determinam passar para a nossa Patria, que é o Céu, necessitam de muita presteza e devem começar logo a aviar. E se não, vêde o que se conta, que succedeu a um dos nossos Reis de Portugal com um grande Piloto da India. Perguntou-lhe o Rei: Quando seria acerto partirem as Náos para a India? Respondeu o Piloto: que a melhor monção era em vinte e cinco de Março. Tornou a perguntar o Rei: De manhã ou de tarde? Disse-lhe o Piloto: De manhã, Senhor, que de tarde, já é tarde.

Oh que grande documento para os navegantes do mundo, que pretendem fazer viagem para as Indias do Céu, esperando para o tempo em que chega a noite da velhice, a escuridão dos trabalhos e o somno da morte, não havendo então lugar de fazer penitencia, nem tempo de arrependimento dos peccados! Porque diz

Santo Agostinho que a penitencia na enfermidade é enferma, e na hora da morte é morta.

De El-Rei Filippe o Prudente se conta, que estando para morrer exclamou, dizendo: Oh quem nunca fôra Rei! E se isto disse um Monarcha tão ajustado na sua vida, que dirá um peccador mettido na culpa e embarçado nos negocios! E assim vos peço, Senhor, que não deixeis para a hora da morte um negocio de tanta importancia, como é o da vossa salvação: porque os Demônios nos tentam, os homens nos perseguem e a mesma consciencia nos accusa.

Finalmente, dizem os Ricos mundanos que o homem, que larga a sua fazenda e a deixa de augmentar, é louco, e fazem este argumento: Quem troca as riquezas pela pobreza, o povoado pelo deserto, as casas pelas covas, a conversação pelo silencio, os manjares pelos jejuns, o regalo pela aspereza e a estimação pelo desprezo, é falto de juizo. E por que vos parece julgam isto assim estes taes homens? Por falta de consideração. Porque estes são verdadeiramente os loucos e cegos: e como taes não podem julgar de cores, nem avaliar o precioso, porque estão lesos e cegos do engano do mundo, e assim não podem ver a realidade desta verdade.

Se elles estivessem com os olhos livres desta cegueira, conheceriam que tudo o que aplaudem por bom, é vaidade de vaidades, como lhe chamou o Sabio. (*Eccles.* 1. 2.) E veriam então que o verdadeiro bem consiste em largar as riquezas, fugir dos homens e dos povoados, buscar o solitario: e enfim desprezar tudo o que o mundo ama, por buscar a Christo para alcançarmos o que elles nos promete no seu Evangelho. (*Matth.* 19. 29.) E então seriamos do numero dos predestinados e comprariamos, com o que deixassemos, a bemaventurança, pois são pouco ou nada todos os bens do mundo a respeito dos bens da gloria, por serem estes de tão inestimavel valor, que não ha quem possa declarar sua grandeza.

S. Paulo, com chegar ao terceiro Céu e ser tão grande Doutor, quando melhor quiz explicar estes bens, sómente disse que Deus tem o Céu preparado para os que o amam. (1. *ad Corinth.* 2. 9.) Porque tudo é gloria e riquezas em a casa de Deus, sem

NUNO MARQUES PEREIRA

que alli se padeça necessidade alguma: tudo é um bem accumulado de todos os bens, sem receio de jámais perdê-lo: não ha lá noite, nem calor, nem frio, nem mudanças do ar, senão um perfeito dia, alegre, claro, sereno, cheio de toda a seguridade para sempre.

Vêde agora o que vai dos bens momentaneos e caducos dos ricos e grandes da terra, para os permanentes e eternos do Céu, que esperam possuir esses a quem elles desprezam e chamam loucos: e sabei que estes bens, e não aquelles, são os que Deus tem preparados para os que o amam, como nos diz S. Paulo, e promete Christo Senhor Nosso no Evangelho. (*Matth.* 19. 29.)

E logo senti no morador uma interior alegria, tão grande, que até no exterior se divulgava o contentamento da alma, que estava bem com Deus: motivo, porque me persuadi ser a sua resolução firme e que seria permanente, prometendo-me observar os meus conselhos. Alli passei aquella noite, e no dia seguinte me despedi do morador, ficando elle tão saudoso como contente dos conselhos que lhe tinha dado.

NOTA AO CAPITULO XIV

(1) Era comum então mandarem os homens ricos filhas e filhos para o convento, subtraíndo-os aos problemas da vida numa sociedade acanhada e heterogenea. "Que nada era neste mundo quem não tinha um filho religioso da Companhia", "motivo porque ainda hoje se acham restos de familias com quatro e cinco irmãos religiosos e religiosas..." (Vilhena, *Cartas*, I, 282). O desembargador Rodrigues de Brito acusou: "tudo afim de acumular a riqueza paterna num unico filho e lisonjear assim a vaidade da familia com o lustre de um luxo corruptor nutrido com as lagrimas de seus irmãos" (*Cartas Economico-Políticas*, 2ª ed., p. 59). Mrs. Kindersley observou em 1874, na Bahia: "São belos os conventos... Moram neles os padres, gozando de conforto e comodidade de vida..." "os antipodas dos de Tenerife, pobres, humildes e mal alimentados" (*Anais do Museu Paulista*, I, 20.)

Na Bahia houve sete conventos para mulheres (Desterro, 1669; Lapa, 1744; Soledade, 1753; Mercês, 1745; Perdões, 1769; S. Raimundo, 1755; Be colhimento de Santa Casa, 1715) e onze de frades.

CAPITULO XV

Do quinto Mandamento. Mostra o Peregrino que não devemos matar, nem offender a nosso proximo: e aconselha a um criminoso o meio de se livrar da culpa em que estava; e de como permittiu Deus que tudo succedesse bem.

COM effeito, pois, me puz a caminho: e raparei que o Sol me occultava suas luzes, porque as nuvens lhe impediam o poder brilhar com ellas, e cada vez mais se iam condensando: até que chegando á estação mais ardente do zenith, rasgou um volante pardo, e cintillando um relampago retumbou logo um trovão, mostrando que, como Monarcha das luzes, sentia as opposições, que lhe faziam a seu grande luzimento, e o menos decoro á sua pomposa magestade. Motivo porque presaguei que com o lobrego da noite daria execução a seu mal soffrido desacato: porque vi o ar entre nuvens, a terra com sombras e tudo revolto. Tratei pois de apressar os passos, por me lembrar aquelle adagio: Quem adiante não olha, atrás se fica.

Eis que neste tempo descobri uma gruta de matto, que, por não ter experimentado os golpes do duro ferro, se conservava ainda virgem. E proseguindo por entre ella, cada vez mais soprava lá desse Antartico Polo ou Arctico Signo uma rija tempestade: e correndo apressado por lhe escapar a seu rigor, avistei um caminhante, que com semelhantes passos se encontrou commigo. Reparei vir descalço, com uma clavina ao hombro e um traçado á cinta. E perguntando-me para onde caminhava, lhe respondi que a buscar agasalho, por me livrar da tormenta que estava ameaçando. O qual me disse, que distante me ficava o primeiro morador: e que,

se eu fosse servido passar em sua companhia aquella noite, o seguisse. Aceitei o offerecimento: e fazendo retrógrada a jornada, a poucos passos entrou o caminhante em uma trilha; e em menos distancia de um tiro de arcabuz, demos com uma barraca: e porque ainda não era de todo noite, nos assentamos junto della.

E rompendo nestas palavras, me disse o caminhante: Bem sei, Senhor, que algum reparo tereis feito de me considerar neste bosque habitando, mais em traje de foragido que de penitente. Como no mundo são varios os successos e incidentes, que succedem aos homens, (lhe disse eu) supponho que algum motivo urgente haverá para elegeres este retiro tão solitario por asylo a vosso socego. Sabei pois, Senhor, (me disse o caminhante) que agora vos quero dizer a razão que tenho de me haver retirado para tão solitario bosque, e reconhecei que sois a primeira pessoa a quem revelo este caso: e permita o Céu que me sirva de remedio á minha pena tão irremediavel. Assim o queira Deus, (lhe disse eu) e que succeda tudo para sua maior gloria.

E proseguindo o caminhante a sua pratica, me disse: Sabei, Senhor, que sou natural de uma Ilha, que no mar Oceano, da Linha Equinocial para o Norte, vive sujeita entre as mais ao dominio do nosso grande Monarcha Rei de Portugal: da qual não faço individual menção por não deslustrar a seus habitadores, pois não é bem (já que fui, por desgraça, tão indomita fera) queira offender aos mais que nella nasceram. Nasci filho segundo de pais pobres, porém, sem nota de máu procedimento. E chegando á idade de vinte annos, vendo que não tinham cabedaes meus pais para me poderem remediar, me resolvi, com sua autoridade, passar á Côte de Lisbôa, aonde cheguei a tempo que se estava aprestando uma Armada para o Brasil, dirigida ao Rio de Janeiro, na qual ia por General della Gaspar da Costa o Maquinez. (1) Assentei praça de soldado na Capitânia; seguimos a derrota, chegamos ao porto da Cidade, fomos bem recebidos dos moradores: os quaes se davam os parabens com mui aprazivel gosto uns aos outros, por terem em sua defensa um Cabo de tão grande supposição e esforço, como o divulgava a fama de seu valor. (Se é, que as cousas que estão.

á dependencia da vontade de Deus, ha forças que as defendam ou mãos que as reparem.)

A este tempo chegou a Armada Franceza (2) com tão inopinado excesso, como arrebatado furor, afim de se vingar do menosprezo, que no anno antecedente lhe haviam feito aquelles moradores na mesma Cidade (se já não foi por ambição). E desprezando os perigos, entrou tão velozmente pela barra dentro, que lhe não puderam os Portuguezes deter o passo, por estarem no lethargo do esquecimento: pois só por descuido lhe póde succeder mal a esta invencivel nação, quiçá que por tanto se fiarem de seu esforço. Porque de outra sorte, não lhes entra no entendimento aos Francezes, nem ás outras nações, que poderão ter victoria contra os valorosos Portuguezes, ainda apezar de alguma emulação. E basta para credito de seu valor, o que lá disse um douto Panegyrista em seu abono: que chegaram os Portuguezes com a espada, aonde não chegou Santo Agostinho com a penna; se já não foi por seguir o Santo a opinião de Platão e Aristoteles, os quaes suppunham que estava a America debaixo da Zona torrida, e por isso era incapaz de se poder habitar.

Porém, sendo os Portuguezes tão valorosos, tivemos logo por presagio triste mandar o nosso General Maquinez pôr fogo á nossa Armada. Para se executar este mandato, saltamos em terra todos os que na Armada estavamos e ficamos sem quartel em que tivessemos abrigo, e sem provimento para o sustento corporal: vendo aquelle povo a seu inimigo presente e mui poderoso, porque, como se havia feito senhor de uma Ilha chamada a das Cobras (3), vomitava Vesuvios de fogo por bombas tão artificiosas, que chegava o seu veneno a offender aos moradores da Cidade, por estar a Ilha mui vizinha della.

E para maior confusão, começou a Cidade a experimentar o ardor do incendio em umas casas, em que se ateou o fogo tão vorazmente, que a todos causou espanto (4). As balas faziam grande destroço nos edificios: e parece que se encaminhava a maior parte dellas ao Convento e Igreja dos Monges de S. Bento (5), por lhes ficar servindo de alvo a seu depravado odio, sem guardarem respeito á immundade que se deve aos sagrados Templos: por cuja

causa, aos Religiosos lhes foi forçoso largarem a clausura, vendo-se em tão evidente perigo.

Como os habitantes da Cidade vissem que o impulso do inimigo se lhe não rebatia, não havia traição que não imputassem aos nossos Cabos, segundo o odio, que contra elles já tinham concebido. E assim rompiam em queixas e alaridos deformes: já não havia injurias que se não publicassem contra todos os Soldados: motivo, porque em nada nos queriam prestar, nem socorrer. Tudo eram estrondos no mar, gritos em terra, lagrimas e suspiros nas mulheres e meninos.

Não se achava ordem no governo politico, nem de guerra (6). E desta grande desordem e confusão, vim eu a conhecer que, sendo a nação Portugueza de tão grande valor e acertado conselho, foram nesta occasião, em semelhante conflicto, indeterminaveis; de que procedeu a maior parte dos ruins successos militares: porque o conselho e a presteza na guerra são as virtudes mais necessarias para o bom vencimento.

E como se tomasse por ultima resolução, que se retirassem todos da Cidade, para que o inimigo pudesse entrar sem controversia ou receio, obedeceram os moradores com todo o risco e perda, (pois sempre os Portuguezes foram mui obedientes aos preceitos de seus maiores) não deixando, porém, de conhecer a grande imprudencia e desordens dos Cabos.

Nesta agua envolta pesquei fazenda, com que me retirei, e, partindo depois para as Minas, a vendi por duzentas oitavas de ouro (7): e quando me vi senhor dellas, repeti aquelle proloquio, que por mim se podia dizer: Que ha males que vêm por bem. Alli travei amizade com um homem casado, que tinha obrigação de mulher e filhos na Cidade da Bahia. E como elle já tinha feito o seu negocio e se achava com uma arroba de ouro, estava-se aprestando para se recolher á sua casa. Pedi-lhe que me trouxesse em sua companhia: e foi-me facil alcançar esta graça, pela amizade que com elle tinha travado.

E pondo-nos de marcha, trazia em sua companhia o Mineiro um escravo, com um Indio da terra, que o acompanhavam fielmente:

O PEREGRINO DA AMERICA

e só eu era o que vinha mal encaminhado, porque, cego do interesse, desejava fazer-me senhor da arroba de ouro do Mineiro, solicitando para este effeito occasião opportuna. Depois de muitos dias de jornada, chegamos a um lugar ermo e longe do povoado, onde fizemos rancho: e sendo já quatro horas da tarde dispuz os escravos, um a caçar e outro a buscar agua, posto que nunca me poderiam faltar a fome, nem saciar a sêde de uma traição tão ambiciosa. Entretanto, deitou-se o Mineiro em uma rêde a descansar, sem considerar que trazia inimigos comsigo, que era o seu mesmo cabedal.

E logo, sem mais reparo, peguei em uma catana (8), e do primeiro golpe o fiz perder os sentidos, e repetindo outro o fiz largar a alma, servindo-lhe de cama a mesma rêde, e o sangue de cobertor. E depois de ter feito esta execução, me considerei, qual outro tigre, mais faminto e sanguinolento: e tornando em mim, concebi um tão grande arrependimento, que antes quizera de bom partido ficar sem nada do que ter commettido tão atroz caso. A este tempo chegaram um e outro escravo, e a ambos dei uma satisfação apparente, dizendo-lhes que houvera entre nós umas razões tão pesadas, que por querer o morto offender-me, lhe tirára a vida.

Dei-lhe sepultura, sem mais pompa que as queixas das aves e o espanto das arvores. Fiz-me senhor do alheio, mais por necessidade, que por vontade, por ter concebido um temor tão intrinseco, que vô-lo não sei relatar. Prometti ao escravo alforria e ao Indio um bom premio; porém, nem estas promessas foram bastantes, para algum delles mais de mim se fiar: porque a traição até dos rusticos é aborrecida. Anositeceu: e sem embargo de eu fazer uma desvelada sentinella, me não valeu este cuidado, porque quando amanheceu o dia me achei só.

Tratei pois de me acautelar, porque temia o perigo, mais carregado dos sobroços (9), que do mesmo peso do ouro. E porque tivesse menos carga, busquei parte conveniente, onde deixei o ouro enterrado: e levando commigo o que me bastasse para descobrir campo á minha maldade, me parti para uma das Villas deste Reconcavo, na qual pedindo agasalho a um morador, mui pesadamente mo deu, depois de lhe offerecer quatro oitavas de ouro.

NUNO MARQUES PEREIRA

E quando suppuz que descansava aquella noite, me vi cercado da justiça e entregue pelo mesmo dono da casa, (acção vil por certo!) segundo a noticia que depois tive. Havia no quarto em que me deram o agasalho, uma janella para o quintal: e sentindo eu para aquella parte rumor de gente, abri a janella, e vi que estavam de guarda a ella um meirinho e um escrivão. Fiquei bastantemente assustado com esta vista. Mas, lembrando-me que esta casta de gente (como disse um discreto) tem entranhas de rodas, pois, tanto que se vêem untados, não gritam: foi-me facil o sahir, porque lhes deixei as mãos bem occupadas.

Dalli busquei traças para passar á Cidade: e por mais que quiz encobrir o meu delicto, foi por demais, porque experimentava o que sempre ouvi dizer: Que a mesma consciencia accusa. Não tive outro remedio, que tornar-me a valer do occulto das brenhas, qual outro Caim depois de ter morto a Abel, pois tão atemorizado me vejo pelo risco em que me considero, por ter sido já duas vezes accommettido pela justiça e Capitães de assaltos. De uma me livraram duas cobras: porque subindo a uma arvore, onde estava um grande caravatal, saltaram ellas de cima, e encontrando-se com os que me perseguiam, correram atraz delles, e me deram tempo de me pôr em segurança. E da outra vez, fazendo-se-me emboscada junto de uma barraca: estando eu fóra della nessa occasião e, sentindo-os, não tiveram tempo de me prenderem.

Vivo neste territorio, de todos aborrecido, por me considerarem ter perdido o temor de Deus e o respeito á justiça, segundo os atrozes e horrendos crimes que tenho commettido. E a tanto chegaram os meus insultos, que despi a um Religioso Franciscano, e tomando-lhe o habito, cordão e capello o deixei ir em menores. E assim, não ha quem de mim se não tema e me deseje ver destruido: e por esta causa me tenho retirado da communicacão dos homens, vivendo neste bosque tão solitario.

Senhor, (lhe disse eu) bastantes causas têm esses que vos aborrecem, pelos atrozes crimes que tendes commettido. Porém, pergunto-vos: No decurso de todo esse tempo fizestes alguma obra de caridade ou tendes alguma devoção com Deus ou com sua Mãe Santissima, por onde vos tenhais livrado de tantos perigos? Senhor,

O PEREGRINO DA AMERICA

(me disse o caminhante) só o que me lembra ter feito, é que, encontrando-me com uma mulher viuva, que levava uma filha sua donzella a pedir esmolas para se amparar, a deixei ir sem a offender, e lhe dei algumas oitavas de ouro, do que ficou mui agradecida. E não tenho mais devoção, que rezar todos os dias um Terço á Virgem nossa Senhora, com a attenção que posso. Pois sabei, Senhor, (lhe disse eu) que a causa de teres livrado de tantos perigos é a obra bôa que fizestes a essa viuva e a sua filha: e mui especialmente a devoção que tendes á Virgem nossa Senhora.

E como fosse já tarde e estivesse descarregando a tempestade. me pediu o caminhante que nos recolhessemos. E com effeito entramos para dentro da barraca, onde achei uma rêde armada e uma cama de varas com umas estopas por cima, e na cabeceira o habito de S. Francisco: e logo me disse o caminhante, que daquelles dous lugares escolhesse eu o que fosse mais de meu agrado e que ceassemos primeiro. Aceitei a cama de varas: e accendendo elle um rolo de cera da terra, e pondo-me a mesa, me deu de cear. Disse-lhe eu: Na verdade vos digo, Senhor, que por venturoso acerto tenho o haver-vos encontrado: porque a todos os vossos males se ha de pôr remedio com o favor de Deus. Senhor, (me disse o caminhante) difficullosa cousa será achar remedio a minhas culpas e maldades: porque, ainda que a misericordia de Deus seja muito grande, é para os que fazem diligencia para a buscarem. Porém, eu, pelos meus grandes peccados, estou impedido de a poder achar, e só me considero a cada instante topar com alguma desgraça pela ter tanto merecido. E por estas causas me têm vindo já impulsos e tentações de tomar a morte por minhas mãos, pela desesperação em que me vejo, pois sou tão aborrecido e perseguido de todos. E assim tenho assentado commigo, que antes me hei de matar, que deixar-me prender.

Não digais isso, Senhor: (lhe disse eu) que não é bém que tal chegue a proferir um Christão, quanto mais executá-lo. Não queirais seguir os passos de Nero para o inferno: o qual, como Gentio, falto de fé e cego da razão, por não morrer com maior ignominia, se tirou a vida a si mesmo: como se fôra mais honesto morrer de seu delicto que por mãos alheias. Além que, haveis de

saber que ainda estais em via de merecer perdão de vossas culpas: porque supposto que os attributos de Deus sejam iguaes, mais se preza de misericordioso que de justiceiro. E se não, ouvi.

Muitos são os exemplos que têm succedido no mundo, por onde se deve ter grande esperança na misericordia de Deus: ainda que se ha de advertir, que neste particular ha dous extremos, porque uns desesperam e outros confiam demasiadamente. O confiar demasiado os faz peccar sem temor: e o desconfiar com demasia faz que desesperem, como desesperaram Caim e Judas; e é um peccado gravissimo, chamado final Impenitencia contra o Espirito Santo. Sempre ha de haver no peccador temor e esperança, porque vãmente espera na misericordia de Deus, se não teme a sua justiça: e sem proveito é temer a sua justiça, se não confia em sua misericordia. David no Psalmó 36, v. 3, usou desta maneira de nos ensinar, quando disse: Espera em o Senhor, e obra bem. Por isso, bem é que, por graves peccados que um haja commettido, não desespere de que Deus lhe perdôe: mas ha de ser, fazendo penitencia. Espera (diz o mesmo David) em o Senhor, mas com a disciplina nas mãos: isto é, dando execução á penitencia, e proposito da emenda. O que peccou, necessariamente, se se quizer salvar, ha de fazer penitencia: e se a faz, por graves que sejam seus peccados, pôde confiar na misericordia de Deus, que lhos perdoará.

Palavra tem dado Deus por Ezequiel (*cap. 33. v. 11.*) dizendo: Não quero a morte do peccador, senão que se converta a mim e que viva. E diz logo: o peccado não damará ao peccador em o dia que se converter e deixar de me offender. (*Ibid. v. 12.*) E por Isaias (*cap. 49. v. 15 e 16*) diz: Será possivel que a mãe se esqueça e não tenha misericordia do filho, que nasceu de suas entranhas? Pois quando ella se esquecer, eu me não esquecerei de ti, ó homem, porque te tenho escrito em as minhas mãos.

David diz: Misericordioso e suave é o Senhor, e suas misericordias são sobre todas as suas obras: isto é, que se preza grandemente de misericordioso. O mesmo Christo disse por S. Lucas: Eu vim chamar os peccadores á penitencia. (*Luc. 5. 32.*) E por S. João: (*cap. 10. v. 11*) O bom pastor põe a vida por suas ovelhas. E assim a deu o Bom JESUS por nós outros. E quem deu sua

vida não nos negará sua graça, perdoando nossos peccados por grandes que sejam, tanto que nos arrependermos delles. Grave foi o peccado de David, pois commetteu adulterio com a mulher de Urias, fiel vassallo seu: e não só lhe fez o adulterio, mas tambem lhe tirou a vida. Mandou Deus reprehendê-lo pelo Profeta Nathan: arrependeu-se David e disse mui de coração: Pequei: e em pronunciando esta palavra, lhe disse o Profeta da parte Deus, que tambem o Senhor lhe perdoava o seu peccado e concedia a vida, que bem merecia haver perdido.

Manassés, que tambem se chamou Her (*Luc.* 3. 28), filho de Ezequias, decimo setimo Rei de Judá, reinou cincoenta e cinco annos. Adorou e reverenciou por deuses ao Sol, Lua, Estrellas e Planetas do Céu; edificou altares e idolos em o templo do Senhor; levantou aras ao idolo Baalim; reparou os postos onde se sacrificava; plantou bosques; queimou e offereceu em sacrificio a um seu filho no valle Benennom ao idolo Moloch; multiplicou e encheu a terra de todo o genero de feiticeiros, encantadores e adivinhadores; induziu e enganou a seus vassallos, para que fizessem muito maiores peccados e offensas a Deus, que os Gentios; mandou matar aos Profetas enviados por Deus, que o reprehendiam da sua má vida e ameaçavam com castigo; fez serrar pelo meio, perto da fonte Siloe, ao Profeta Isaias, o qual dizem alguns que era seu sogro e outros tio, irmão de sua mãe; e não contente com o referido, derramou muito sangue de gente innocente, fazendo quanto mal pôde.

Em castigo de tão grandes e enormes peccados, enviou Deus contra elle uns Principes e Capitães do Rei dos Assyrios, que o cativaram e levaram preso e atado em grilhões e cadeias para Babilonia: onde arrependido e convertido a sua Divina Magestade, fez em a prisão mui grande penitencia e oração, e alcançou de Deus perdão de seus peccados. E tornando dalli a dez annos a Jerusaleém, e restituído ao seu Reino, tirou e desfez todos os Idolos e seus altares, e reedificou o de Deus á sua primeira adoração, offerecendo-lhe muitos sacrificios e o serviu dalli por diante de todo o coração, mandando a todos os do seu Reino que fizessem o mesmo.

Os da Cidade de Ninive peccaram gravemente: alcançaram

perdão de Deus, porque de coração se arrependeram e fizeram penitencia, ameaçados do castigo pelo Profeta Jonas.

O Bom Ladrão, pelos latrocínios que havia commettido, foi crucificado: pediu ao Salvador lhe acudisse e soccorresse quando chegasse ao seu Reino; e pela grande dôr e fé, que então teve, foi perdoado, e no mesmo dia salvo.

S. Matheus, por accumular riquezas, estava feito um onzeneiro com tractos e distractos e com ruim nome entre os do seu tempo: largou tudo, mudou de vida, foi um Evangelista e Discipulo de Christo. Zaqueu, da mesma sorte: arrependeu-se e foi perdoado.

Os Apostolos todos fugiram: S. Thomé esteve incredulo; São Pedro negativo: e todos se arrependeram, foram perdoados e elevados a estado de grande perfeição. S. Paulo, antes de bautizado, era perseguidor de Christo e de seus fieis; depois do seu arrependimento foi o Apostolo e Prégador das Gentes.

Um famoso salteador e capitão de ladrões, chamado David, depois foi Monge, e fez tão grande penitencia, que, passado algum tempo, lhe revelou um Anjo que seus peccados lhe eram perdoados; e porque o não creu, ficou mudo e só falava quando rezava as Horas Canonicas.

Nicolau chegou a grande idade, sendo cheio de vicios deshonestos; e ainda que algumas vezes desejava apartar-se delles, era mais tentado: até que por intercessão de Santo André se livrou e ficou livre até a hora da morte.

Nem ainda que uma creatura racional se tenha entregue ao Diabo, desconfie da graça e misericordia de Deus. Certo homem, afim de casar com uma filha de seu amo, deu a sua alma ao Demonio: mas pelas orações de S. Basilio, e com sua penitencia, alcançou de Deus o perdão, e o Diabo lhe tornou o escrito, que lhe havia passado. O mesmo succedeu a Theophilo em certa Cidade de Sicilia, por se lhe tirar uma Dignidade de Arcediago: e por intercessão da Virgem Senhora nossa foi perdoado e pela muita penitencia que fez.

E porque as mulheres tambem fiquem com grande esperanza, houve muitas, que pela grande dôr e penitencia, que de seus peccados fizeram, foram perdoadas. A Magdalena cheia de vicios con-

tra a castidade, e com nome de peccadora publica, teve dôr de seus peccados, foi perdoada e tão grande Santa. A mulher adultera, que foi apresentada a Christo, disse-lhe o Senhor: Não te condenarei: vai, e não queiras mais peccar. Santa Maria Egypciaca tambem foi perdoada pela penitencia que fez no Deserto. Além de outras muitas peccadoras, de cujos exemplos de penitencia estão os Livros cheios.

Senhor, (me disse o caminhante) melhor me não podieis animar, para me livrares da tentação e má vida, que até agora tive: e assim fico entendendo que a misericordia divina é infinita para aquelles, que a sabem merecer cooperando da sua parte. O meio, para eu a poder alcançar, e livrar-me deste precipicio, é o que espero que me aconselheis.

Já naquella hora estava descarregando a tempestade: gemiam as arvores com o peso da agua; estalavam os ramos com os bramidos do vento; cahiam as folhas com o abalo da agitação do movimento: tudo eram relampagos e trovões, e vendo-me em terra, me considerava em maior risco, que se no mar estivera, por temor que algum madeiro cahisse em cima da barraca e servisse de instrumento de castigo das nossas culpas. Disse eu então ao caminhante: Senhor, por agora vos peço que me deixeis rezar umas orações a Deus, para que applaque esta tempestade. E pondo-me de joelhos e o caminhante tambem, rezamos as Ladainhas e algumas orações, até que foi cessando a tempestade.

Dêitamo-nos a dormir, por ser já tarde: e vim então a experimentar que não ha cama dura, havendo somno pesado. Dahi a poucas horas despertei com sobroço, por me acordar o caminhante, dizendo-me que era chegada a hora do seu precipicio, porque estava cercado da justiça: e que me puzesse eu em salvo, se pudesse, que elle corria risco a escapar. Levantei-me com esta nova mui assustado: e chegando á porta da barraca, (seriam quatro horas para as cinco da manhã) olhei e conheci tropel de porcos montezes, que, como viram a barraca, fizeram maior estrondo: e soltando eu o susto ao caminhante, dizendo-lhe o que era, teve elle valor para atirar a um, que nos serviu de matalotagem para o caminho naquelle dia. Amanheceu de todo, e mostrou-se o caminhante cheio

de alegria, assim por se ver já livre do grande susto, que havia concebido, como por me ter em sua companhia: e logo tratou de preparar e aproveitar a caçada. E depois de estar tudo feito e beneficiado, e termos jantado, lhe fiz a exhortação seguinte.

Já, Senhor, que tanto vos sujeitais ao meu voto e parecer: para que conheçais o crime que fizestes, sem embargo dos remorsos e sustos que tendes, por haveres commettido esse homicídio. No quinto Mandamento da Lei de Deus se nos prohibe o matar: convém a saber, contra a razão, caridade e justiça, com odio, inveja ou paixão. Donde se collige, que é licito sentenciarem os Ministros da justiça aos criminosos á morte por seus delictos, por serem inimigos da Republica, mas sem odio, nem vingança. Porque ainda que o matador tenha autoridade para o fazer, não guardando, porém, o modo que deve guardar, pecca mortalmente contra este Mandamento de Deus.

Em cujos termos, visto o grande crime que tendes commettido, tratai logo de resarcir o damno ás partes offendidas, que são a mulher e filhos desse morto, pois estais obrigado por preceito de caridade, quando não fôra divida, que vos obriga a restituir, segundo a opinião de muitos Autores, além da razão natural. Assim o diz Salon (22. q. 62. ar. 2), Faust. *in Speculo* (p. 1. disp. 5. q. 18. n. 455). E por isto a Justiça costuma condenar aos culpados em pena pecuniaria para as partes que os accusam, além da pena corporal, e juntamente em as despezas da mesma Justiça, que os pune. E mais ainda quando a morte foi tão tyranna como me tendes relatado.

E assim, tratai de vos vestir nesse habito de S. Francisco, ide á Cidade da Bahia, buscai o Guardião do Convento (10) do mesmo Santo e fazei-lhe presente este caso debaixo de sigillo de Confissão, para que entregue esse ouro e mais papeis á mulher desse morto: e pedi-lhe que vos encaminhe e mostre o melhor meio de vossa salvação; e elle, como Religioso tão pio e douto, vos guiará de sorte, que vos salveis e alcanceis a Bemaventurança.

Com os olhos arrazados em agua entrou o caminhante para dentro da barraca: e sahindo com uma imagem de Christo, de metal, em uma Cruz ao pescoço e o habito nas mãos, e em cima uma

tesoura, nú da cintura para cima, me disse: Senhor, já que tendes sido meu director, sêde tambem meu Prelado. Lançai-me este habito, que supponho não foi furtado, porém sim muito de proposito dado por Deus para delle me aproveitar e servir de instrumento de me livrar de tão grande precipicio. Cortai-me estes cabellos e ponde-me tonsurado tambem no exterior, já que me tendes espiritualmente dissipado os meus vicios e más inclinações com os vossos pios documentos e avisos. E pegando eu na tesoura lhe cortei os cabellos e lhe lancei o habito, cingindo-lhe o cordão e pondo-lhe o capello, sem mais ceremonias que de um affecto cordial e animo Christão.

E depois de feito este acto, tomou o caminhante a imagem de Christo Senhor nosso nas mãos, e posto de joelhos, qual um penitente arrependido, com muitas lagrimas, rompeu em este acto de contrição.

Acto de Contrição

AQUI tendes, Senhor, o homem mais ingrato, que cobre o Céu e sustenta a terra: o maior peccador, que soffre a vossa Bondade infinita; aquelle, que pôs em competencia as offensas, que contra Vós commetteu, com os favores que de vossa mão tem recebido; aquelle, que, desprezando as vossas divinas inspirações, só abraçava as vossas offensas. Não sei com que palavras signifique agora a minha dôr, nem com que obras satisfaça as minhas culpas, se Vós me não ajudares com a vossa graça e me não acudires com vossa misericordia. E por isso agora, Senhor, aqui venho a pedir-vos, qual outro filho prodigo, que me perdoeis as minhas culpas, como meu Pai amoroso.

Bem sei que não mereço chamar-vos Pai, nem ter-me por filho vosso. Porém, Senhor, como tenho palavra vossa em meu favor, dita por um vosso Propheta, na qual prometteis, que se um peccador chorar seus peccados, não vos lembrareis mais delles, e que o livrareis da morte, e das suas culpas, e lhe dareis a vida da vossa graça: por isso confiado, afim de lograr tanto bem, venho, como

a Magdalena a vossos pés, arrependido das minhas culpas e contrito dos meus peccados, chorando-os amargamente como S. Pedro, ferindo a golpes o meu peito, como o Publicano no templo, ainda que neste ermo, porque sei, por mo ensinar a fé, que Vós em toda a parte estais. E confessando minhas culpas e lamentando meus erros, como tão grande peccador, vos digo, Senhor, que vos offendi gravemente, sendo Vós o meu amantissimo Pai e soberano Deus. E por seres Vós quem sois, e porque vos amo, e estimo sobre todas as cousas, me pesa muito de todo o meu coração de vos ter offendido. Proponho firmemente de nunca mais peccar, e de me apartar de todas as occasiões de offender-vos: e perder antes todos os bens temporaes e padecer quantos trabalhos ha no mundo e ainda as mesmas penas do inferno do que tornar a offender-vos, meu Deus e meu Senhor. Oh bondade infinita, oh Deus amoroso, quem sempre vos houvera amado e nunca vos houvera offendido! A dôr da Magdalena, as lagrimas de S. Pedro e o arrependimento do Publicano quizera eu ter, Senhor, na vida e na morte, para alcançar de Vós o perdão de meus peccados.

Oh formosura eterna, que tarde vos conheci e que tarde me conheço! Vós, Senhor, tão bom para mim, buscando-me para me salvar, e eu fugindo de Vós, e perdendo-me com perder-vos o respeito. Vós me daveis a vida para que eu vos servisse, e eu a gastava em offender-vos. Vós me fazieis tanto bem, e eu me fazia tanto mal, aggravando-vos, meu summo Bem. A vida destes, Senhor, por me livrares da morte: em uma Cruz vos puzestes, para que me puzesse eu no Céu; cravado com agudos ferros, por me soltares dos meus peccados; coroado de espinhos, para me coroaes de gloria; derramando rios de sangue, por lavares tanto á vossa custa as minhas maldades; cheio de tantas chagas, por me sarares de meus delictos; abrindo esse lado, para que eu o visse e me mettesse nessas piedosas entranhas; inclinando essa sacra cabeça, fazendo-me sinal para que eu chegasse, como o Bom Ladrão, a vos pedir perdão de meus enormes peccados e alcançar o favor de vossa graça. Esta busco com lagrimas de grande sentimento, amantissimo Redemptor meu. Confesso que são gravissimas minhas culpas, e sem conto minhas ingratições. Conheço que sou o maior dos peccadores: mais perdido

O PEREGRINO DA AMERICA

que o Prodigio, mais escandaloso que o Publicano, mais aleivoso que Judas, e al fim fugitivo, como a ovelha perdida; e peor e mais máu que todos: e assim necessito de mais auxilios de vossa graça, para me poder livrar de tão grandes tropeços da culpa, em que me vejo submergido. Não permittais, Senhor, que eu me aparte mais de vós.

Quem tivera sido, Senhor, em vosso santo serviço e amor, tão diligente e amante, como esses Espiritos Angelicos, que vos servem e amam! Quem vos servira e obedecera, como todos os Santos juntos! Quem sempre vos houvera temido e amado e nunca offendido! Se eu agora, fazendo-me pedaços, pudera desfazer minhas culpas e vossas offensas, o fizera uma e muitas vezes. Porém, daqui por diante, meu Deus, com vossa ajuda e favor, prometto que antes me exporei a padecer todos os trabalhos desta vida e ainda a mesma morte, que tornar a offender-vos. Se até agora fui cego, louco e sem sentidos, desde hoje prometto emendar-me. Se até agora perdi os meus dias e annos tão cegamente, com vossa luz protesto encaminhar meus passos em vos buscar, minha vida em vos servir e meu amor em vos querer.

Anjo da minha guarda, Cortezãos do Céu, Santos da minha devoção, Vigario de Christo S. Pedro, gloriosa Magdalena: alcançai-me de Deus que os meus olhos se façam fontes de lagrimas e o meu coração se desfça em dôr e penitencia. Soberano Deus Espirito Santo, que consumis as tibiezas e abrazais com vosso divino amor os corações enregelados: abrazai a este coração frio, para que, ainda que até agora fui rebelde a vossas inspirações, daqui por diante as abrace com intimo amor.

Virgem Santissima, Mãi de Deus e Advogada de peccadores, compadecei-vos de mim: e já que sois Mãi de piedade e de misericordia, alcançai-me de vosso beditissimo Filho efficaz auxilio de sua graça, para merecer o perdão de meus peccados, e que o não torne mais a offender, antes lhe diga sempre de todo o coração: Pequei, Senhor, havei misericordia de mim. Amen.

E depois de ter o caminhante feito este grande acto de contrição com mui copiosas lagrimas, entrou para dentro da barraca,

e trazendo uma moxilla, a lançou aos hombros, e me disse: Aqui estou, Senhor, á vossa ordem e obediencia. E pondo-nos a caminho, chegamos á estrada, e dalli a breve espaço encontramos com uma esquadra de vinte homens, entre brancos e pretos: e tanto que nos avistaram, fizeram alto, e os dous, que vinham adiante, nos metteram duas armas de fogo á cara. E olhando eu para o meu companheiro, lhe disse: Não temais perigo algum, que nem estes homens vos conhecem, nem vos hão de fazer mal. Eram estes dous, Capitães do matto, a que chamam dos assaltos: e depois de nos saudarmos, nos disse um delles: Não estranhe Vossa Reverencia, nem Vossa Mercê esta cautela, porque andamos por aqui a fazer uma empresa por ordem do nosso Coronel (11), ao qual manda o Governador, e Capitão Geral da Cidade da Bahia (12), que com todo o empenho façamos a diligencia possivel para prendermos a um Ladrão facinoroso, que anda nesta estrada tão escandaloso, que todos os vizinhos e moradores se temem e receam delle, pelos grandes insultos e insolencias que tem feito. E basta que despisse a um Religioso do habito de Vossa Reverencia, e lhe tomasse a esmola, além de outros roubos e desaforos que tem commettido, matando a um seu camarada Mineiro e roubando-o. E tendo feito tão atroz delictos, ainda vai continuando em maiores maleficios. Já me escapou duas vezes: uma, pelo não achar na occasião em que o busquei na barraca, e outra, porque subindo a uma arvore, sahiam duas cobras, que chamam Surucucús, e nos fizeram correr e fugir, por dellas nos livrarmos, e por este meio teve este ladrão occasião de poder escapar. Porém, agora levamos ordem, para que, não se querendo dar a prisão, o matemos, por livrar a este povo de tão grande flagello.

Queira Deus (disse eu ao Capitão do matto) dar-lhe tempo, para que conheça os seus erros e se arrependa de seus peccados. Muito duvido: (me disse o Capitão) porque semelhantes culpas poucas vezes succede terem arrependimento dellas os que as commettem, antes de serem castigados pela Justiça. E olhando o Capitão para o caminhante, lhe disse: E Vossa Reverencia veja se quer que o mande acompanhar até se pôr em parte segura. Agradeço o favor e caridade: (lhe disse o caminhante) porém, como tenho pouco que

O PEREGRINO DA AMERICA

perder, contanto que me deixe a vida, tudo lhe darei. Tornará a despi-lo, (lhe disse o Capitão) como já fez a outro Religioso. Permitta Deus (lhe disse o caminhante) que lhe sirva esse habito de mortalha, arrependido de seus peccados. Amen (lhe dissemos todos) E despedindo-se de nós os Capitães e mais companhia, fomos seguindo a nossa jornada.

Disse eu então ao companheiro: Que vos pareceu o encontro? Que me ha de parecer, Senhor? (me disse elle) Que já me não conheceram os mesmos, que me buscavam para prender-me. Agora vereis (lhe disse eu) o que faz a mudança da vida e o arrependimento da culpa: porquẽ em tão breve tempo, e á vista dos que vos buscavam, fostes desconhecido. Podeis tomar muito animo e confiança de que Deus vos perdoará as vossas culpas, fazendo vós penitencia: e que o inimigo infernal vos não conhecerá para vos accusar no tribunal divino. Porque já succedeu, e por muitas historias consta, que o Demonio não conheceu alguns, que já andavam delle assinalados, por terem feito penitencia e confessado os seus peccados: o que achareis escrito em muitos Livros. E chegando nós a uma encruzilhada, me disse o companheiro: Senhor, aqui é o termo, onde nos havemos de apartar, ainda que bem contra minha vontade, pelo muito que desejo a vossa companhia: porém, como por esta parte se segue a minha jornada e por essa estrada a vossa derrota, ide com Deus. E despedindo-se de mim com mui saudosas lagrimas de sentimento, se partiu.

NOTAS AO CAPITULO XV

(1) Gaspar da Costa de Athayde, o Maquinez, trouxera da Europa cinco batalhões e material belico para o Rio de Janeiro em seguida á investida de Duclerc. A sua frota constava de quatro nãos (de 56 a 74 peças) e tres fragatas de 40 (Varnhagen, *op. cit.*, III, 365). Não se confirma tenha enlouquecido ao entrar Duguay Trouin na baía de Guanabara. Queimou os seus navios para que não caíssem em mãos do francês. Retirou-se mais tarde para a Bahia, e foi julgado culpado, com perda dos bens e prisão, Alberto Lamego, doc. in *Jornal do Comércio*, 31 de Dezembro de 1933.

(2) A poderosa esquadra de Duguay-Trouin apresentou-se no Rio de Janeiro em 12 de Setembro de 1711. Compunha-se de 17 navios, que montavam 740 canhões e conduziam 5.764 homens. (Vd. Jean Lanore, *Le Vainqueur de Rio, Duguay Trouin*, p. 138 e segs., Paris, 1935.)

NUNO MARQUES PEREIRA

(3) Na ilha das Cobras — cuja propriedade os monges de S. Bento não se cansavam de afirmar — havia então uma bateria, com poucos soldados. O governador Vahia Monteiro, aproveitando a lição de 1711, fortificou-a devidamente, executando os planos de José da Silva Paes — o brigadeiro que pouco depois fundou o primeiro forte do Rio Grande do Sul (Vd. Vieira Fazenda, *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, vol. 142, p. 134). Aliás D. João V, em carta de 23 de Julho de 1728, fez constar ao governador do Rio de Janeiro que a ilha era dos frades, e que lhes tomasse apenas o necessario “para que a mesma ilha se reduza á perfeita defesa”

(4) Vd. *Memorias de Duguay Trouin (Rev. do Inst. Hist. Bras.*, v. 47, parte 1ª, ps. 61-85; Jean Lanore, *op. cit.*, p. 141).

(5) O bombardeio francês danificou os muros do mosteiro na face voltada para o fundo da baía, razão por que um gigantesco botaréu aí se encontra, Vieira Fazenda, *Rev. do Inst. cit.*, v. 142, p. 90. Esses estragos foram avaliados em 18:790\$. “Quanto aos prejuizos de outra ordem podemos citar a destruição do cartório, a perda do primeiro livro do tomo e o roubo da bibliotéca, quando, rendida a cidade, os chefes da esquadra inimiga se aboletaram em S. Bento” A igreja abacial completára-se em 1694, no primor de talhas doiradas que ainda hoje a sitúa entre as mais belas do continente. Segunda calamidade se abateu sobre o mosteiro: em 23 de Março de 1732, um grande incendio, que destruiu importantes dependencias.

(6) O governador Francisco de Castro Moraes, que respondera a Duguay Trouin com heroica arrogancia, prometendo-lhe combater “até a ultima gota de sangue”, não soube resistir ao terror panico que se espalhou pela cidade castigada pelos canhões assestados na fronteira ilha das Cobras. Na mesma noite — em que desabou tremenda tempestade — abandonou o seu posto, e dispersando os demais cabos da guarnição cuidou de recolher-se ao Engenho dos Padres, para uma reorganização posterior de suas forças. Então os prisioneiros se safaram das casas onde os tinham metido e chamaram os da armada, que sem mais trabalho invadiram a praça, roubaram-lhe os edificios e entrouxaram ricas prêsas. Castro Moraes, no seu plano primitivo de não arrear pé das fortalezas, proibira os moradores de fugirem com os seus haveres (Vd. Varnhagen, *Hist. Ger.*, III, 372): foi como se dêsse ao invasor todo o recheio do Rio de Janeiro! Que a pilhagem orçou em quantias espantosas não temos duvida. O almirante levou os navios tão carregados que não se preocupou em reembarrar peças de artilharia, aliás exemplares admiraveis, com que se firmára em terra. O *Museu Histórico Nacional* guarda um canhão francês, com a effigie de Luiz XIV, soberbo tipo talvez sem igual nas coleções dos museus de França, que deve provir desse abandono. A contribuição para o resgate da cidade elevou-se a 246:500\$464, ou 610 mil cruzados. Pagou-o afinal o proprio Rio de Janeiro, mediante um imposto de 6 % sobre o valor dos predios, 4 % sobre o maneiio de cada pessoa e 3 % sobre os engenhos, Garcia, nota á *Hist. Ger.*, III, 385.

(7) O ouro em pó em Minas Gerais correu até 1735, Severino Sombra, *História Monetaria do Brasil Colonial*, p. 188, Rio, 1938. Foi a criação de casas de quintação e fundição do ouro que ali provocou a revolta, ao tempo do conde de Assumar, dirigida, entre outros, por Felipe dos Santos. O alvará de 22 de Março de 1720 mandou que a Casa da Moeda de Lisboa fornecesse á de Minas o material necessario para a fabricação de peças de 24\$ e 12\$, *op. cit.*, p. 147. A carta-régia de 7 de Maio de 1703 fixára o preço de 1\$200

O PEREGRINO DA AMERICA

para a compra de cada oitava de ouro na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, S. Sombra, *ibid.*, p. 117

(8) *Catana* é palavra japonesa — espada de lâmina sólida e larga — e lembra as primeiras relações entre os portugueses e os nipões, no século XVI. Muitos vocabulos portugueses se conservam na lingua do Japão (Vd. o resumo dessas influencias pelo sr. Keisa Aida, *Reminiscencias do Japão*, p. 57 e segs., Rio, 1939). Compensam outras tantas vezes nipônicas que assimilamos. É um populismo no Brasil: “meter a catana” (Gustavo Barroso, *As Colunas do Templo*, p. 128, S. Paulo, 1932).

(9) O arcaísmo “sobrôço” ficou no vocabulário sertanejo. Assim, no Ceará:

— Com licença do doutô
Póde comer sem sobrôço.

(Gustavo Barroso, *Terra do Sol*, p. 83, 3ª ed.).

A palavra foi recolhida em Pernambuco, no *Dicionário de Brasileirismos*, de Rodolfo Garcia, Rio 1914, s/v.

(10) O convento de S. Francisco na Bahia foi primeiramente fundado em 1587: mas os grandiosos edificios de que hoje se compõe datam do primeiro quartel do século XVIII. Na frontaria da igreja lê-se o milésimo de sua conclusão: 1720. Era guardião em 1721-23 (possivelmente o designado no texto) frei Faustino da Paixão. (Fr. Pedro Sinzig, *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, vol. 165, p. 33).

(11) Pode referir-se á expedição policial narrada na carta de 11 de Outubro de 1720, dos governadores da Bahia para o Juiz Ordinário da Vila de Cachoeira: “Ficamos entendendo a conta que V. Mcê nos deu em carta de 30 de Setembro proximo passado: e atendendo ao que nos representa, mandamos passar as ordens inclusas ao Coronel Miguel Calmon, e aos Capitães-môres, e mais officiais de freguezias dos distritos do seu Regimento, pertencentes ao termo dessa Vila, na mesma forma das que já remetemos a V. Mcê, as quais V. Mcê lhe mandará entregar. Pelo que toca ao sujeito que V. Mcê aponta para Capitão das Entradas, dirá V. Mcê venha requerer o dito posto a este Governo Geral”. (*Documentos Históricas*, XLIII, 360). Esse Coronel estudára canones na Universidade de Coimbra (Fr. Jaboatão, *Cat. Geneal.*, p. 350). Era filho de João Calmon, primeiro desta familia que se passou ao Brasil em 1655, na mesma frota em que veio D. Francisco Manuel, como se vê da *Relação da Viagem* por Francisco de Brito Freire. Achamos na *Torre do Tombo* o seu processo de Familiar do Santo Officio, ms. 7, 130. Foi nomeado coronel de infantaria de Maragogipe por patente de 19 de Março de 1711. Faleceu em 21 de Maio de 1735 e jaz sepultado na capela do engenho de Santo Antonio dos Calmons, propriedade que herdou do sôgro, alferes Felipe Rebelo de Andrade (natural de Bastos, comarca de Braga) e onde nasceu, em 1794, seu bisneto, e homônimo, depois marquês de Abrantes. Esse engenho continúa na propriedade dos seus descendentes.

(12) Governava a Bahia (1720-1735) Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 4º vice-rei, elevado a conde de Sabugosa em Agosto de 1729. Foi um dos maiores administradores do Brasil colonial. O seu amôr a esta terra do-

NUNO MARQUES PEREIRA

cumenta-se, no seu palacio de Santo Amaro, em Lisbôa, pelas paredes da sala de jantar onde mandou pintar um diorama da floresta brasileira com as suas aves mais coloridas e típicas. À Exma. Senhora condessa de Sabugosa, viuva do grande homem de letras português, agradecemos a cortezia que nos dispensou, a Afrânio Peixoto e ao autor destas linhas, quando em Dezembro de 1937 fomos admirar a sua vivenda histórica, e as reliquias que do Brasil levou Vasco Cesar.

CAPITULO XVI

Do sexto Mandamento. E do que succedeu ao Peregrino em casa de um homem, que estava concubinado: e como o aconselhou, para o livrar daquelle máu estado.

E PROSEGUINDO eu a minha derrota, dalli a pouca distancia sahi fóra da espessura, e logo vi um dilatado campo, e no meio delle uma casa de vivenda, e perto della uma cajazeira, que parecia estava ostentando a sua bizarria, por se achar coberta de flores, abundante de folhas, farta de ramos, vistosa por alta, e solida por firme. Nella com magnifico applauso os alegres passari-nhos, com mui suave harmonia em alternativo canto, estavam recreando a todos os que a buscavam pela protecção de seus ramos, os quaes, tecidos de verdes folhas e brancas flores, pareciam um rico pallio de primavera, que com sua sombra cobria aos cansados caminhantes, que calmosos e molestados se valiam do seu abrigo. E por isso verdadeiramente symbolo ou jeroglyphico do homem mundano: não, como lhe chamou Platão, arvore ás avessas, senão ás direitas, pelo que nelle estamos experimentando nos tempos presentes, por se lhe não ver mais que pompas, gallas, folhas, flores e nenhum fructo: e por fim, brevemente se vem a murchar com os annos da velhice ou com o golpe da morte.

E porque seriam já cinco horas da tarde, convidado eu do fresco sitio em que estava a cajazeira, me assentei debaixo della, por gozar da sua sombra: quando ouvi em casa do morador afinados instrumentos, sonora musica e trincos de castanhetas, como de quem andava dançando. Foi-se offuscando a tarde e escure-

NUNO MARQUES PEREIRA

cendo o dia, vaticínios de que tornaria a tempestade, como tinha succedido na noite antecedente.

Eis que neste tempo vi sahir da casa do morador tres homens em companhia de tres mulheres e algumas escravas, e chegando á porteira da Fazenda se despediram do dono da casa: o qual ficando com uma mulher, me deram as bôas tardes, e eu lhes respondi com todo o primor. Offereceram-me logo agasalho, o qual acceitei. E levando-me o morador para a casa, e dando-me assento, me perguntou dizendo: Como, Senhor, não chegastes mais cedo, para participardes do regosijo e passatempo, que tivemos esta tarde em companhia daquelles amigos, que de mim se despediram?

Senhor, (lhe disse eu) como o pouco conhecimento me não facilitasse a tomar essa confiança, nem a necessidade me obrigasse a tão depressa pedir-vos agasalho, me assentei a descansar ao pé daquella arvore, onde me achastes: e juntamente, por vos não divertir do vosso recreio, que talvez me poderia ser causa de offender a Deus. Como assim, Senhor? (me perguntou o morador) Por me livrar (lhe disse eu) de cahir em algum pensamento consentido á vista destas danças deshonestas e musicas profanas, que hoje se usam, tão agradaveis para o Demonio, como offensivas contra Deus.

Bem aviado estava eu, (me disse o morador) se eu fôra tão escrupuloso, que de semelhantes pensamentos, vistas e ouvidas fizesse caso e mysterio! Pois haveis de saber (lhe disse eu) que são muito para temer e recear. E emquanto aos pensamentos: o primeiro peccado, que se commetteu contra Deus, foi o de pensamento, e por elle foi tão gravemente castigado Lusbel, que logo cahiu no inferno para sempre. O segundo peccado, que de alguma sorte se póde chamar assim pela occasião que deu á seguinte culpa, foi o de palavras, com que Eva se pôs em conversação com a Serpente: donde veio occasionalmente a originar-se-lhe ser degradada do Paraíso. E o terceiro peccado foi o de obra, quando Adão comeu do pomo vedado: e por essa causa elle e todos nós ficamos sujeitos ao peccado original e a padecer tantas miserias e calamidades. E reparai, que pelo primeiro peccado de pensamentos foi condemnado Lusbel para sempre ao inferno. E o segundo e terceiro, de

O PEREGRINO DA AMERICA

palavras e obras, tiveram perdão pela penitencia que fizeram nos-
sos primeiros Pais e pela grande misericordia de Deus.

Por isso, quando nos persignamos, fazemos uma Cruz na testa, para que nos livre Deus dos máus pensamentos: outra na boca, para que nos livre Deus das más palavras, e outra nos peitos, para que nos livre Deus das más obras, que nascem do coração. E quando proferimos a Confissão geral, dizemos: Pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras. E pelo que têm os pensamentos de prioridade de tempo, por isso parece que têm o primeiro lugar na culpa: tanto por se gerarem no entendimento, tribunal da alma, como pelo que podem ter de entidade.

E para isso vos quero trazer um exemplo. O maior peccado, que ha, é o em que se nega a nossa Santa Fé, por ser herejia formal: e primeiro são os actos do entendimento, com que se não crê, ou nega o mysterio e verdade, que se lhe propõem. Logo este peccado, sendo produzido do entendimento, com muita razão devemos fugir do primeiro, por não cahirmos nos mais das outras especies, como pôde succeder.

Emquanto ás vistas: sabeí que a cegueira tem parte de innocencia: e por isso, quem se não quizer achar affligido de pensamentos deshonestos, tenha os olhos cautos e faça concerto com elles de não olhar o que lhe não é licito desejar. A muitos tem a vista sido causa de adulterios, incestos e latrocinios, além de outros enormes peccados; que por ella se têm introduzido no mundo. E se não, ouvi o que diz aquelle Oraculo da Sabedoria, Salomão: o qual fazendo grande catalogo dos gostos a que se entregou, logo declara, que a causa de todos os seus males e maldades, foram os seus olhos. Tudo quanto desejaram meus olhos, diz Salomão, lhes concedi. (*Eccl.* 2. 10.)

E que vos direi de ouvir musicas profanas? Musicas profanas e palavras deshonestas são a mesma cousa, porque o mesmo é cantar, que contar: e a differença, que ha de uma cousa a outra, é ser uma harmonicamente dita e outra proferida praticando. E por isso lá disse aquelle Poeta Castelhana:

NUNO MARQUES PEREIRA

Si dezir quiero a mi dama
Amores muy requebrados,
No puede dexar de oyrme
Por se los dezir cantando.

Por isso com muita razão prohibe o Direito darem-se musicas de noite pelas ruas das Villas e Cidades. E por certo, que em nenhuma parte deviam ser ellas mais bem evitadas e castigadas com duplicadas penas, que neste Estado do Brasil, pelo profano das modas e mal soante dos conceitos. Eu ouvi proferir cantando, o que agora tremo de dizer: porém, como assenta sobre o proposito do que tratamos, hei de publicá-lo, para confusão dos que usam destas musicas.

E foi o caso: que estando eu uma noite na Cidade da Bahia, ouvi ir cantando pela rua uma voz: e tanto que punha fim á copla, dizia, como por apoio da cantiga: Oh diabo! E fazendo eu reparo em palavra tão indecente de se proferir, me disseram que não havia negra, nem mulata, nem mulher dama, que o não cantasse, por ser moda nova, que se usava (1). Vêde se póde haver maior atrevimento e ousadia entre Catholicos Christãos, que cantar semelhantes musicas, tanto em gosto do inimigo infernal, como se chamasse por JESU Christo, que nos remiu.

Porém, eu me persuado, que a maior parte destas modas lhas ensina o Demonio: porque é elle grande Poeta, contrapontista, musico e tocador de viola e sabe inventar modas profanas, para as ensinar áquelles, que não temem a Deus. Conta o Padre Bento Remigio no seu Livro *Pratica Moral de Curas e Confessores*, (pagina 9) e no outro Livro intitulado *Deus Momo*: que entrando o Demonio em uma mulher rustica, foi um Sacerdote a fazer-lhe os exorcismos dentro de uma igreja, e entrando-lhe a curiosidade, perguntou ao Demonio o que sabia? Respondeu-lhe, que era musico. E logo lhe mandou vir uma viola, e de tal maneira a tocou, e com tanta destreza, que parecia ser tocada por um famoso tocador. E dizendo-lhe o Sacerdote que cantasse, repetiu o Demonio uma letra, que se usava naquelles tempos ao humano, e começava: *Esclavo soi, pero cuyo etc.* E como estava dentro de uma igreja: ou

O PEREGRINO DA AMERICA

porque Deus lho não permittiu, ou porque até o mesmo Demonio se não atreveu a profanar o sagrado, (o que muitos peccadores não reparam fazer) mudou o conceito do verso na fórma seguinte:

Esclavo soi, pero cuyo,
No puedo negarlo yo;
Pues cuyo soy, me mandò
Que dicesse que era suyo,
Pues al infierno me embiò.

Outras muitas musicas deshonestas tenho ouvido cantar; como é uma moda, que se usou, e ainda hoje se canta, e acaba dizendo: *Berra a tua alma*. Parece, que quem tal canta, e folga de ouvir cantar, já estão annunciando o como lhes ha de vir a succeder quando forem ao inferno, chorando e berrando, pelas profanas musicas com que nesta vida peccaram e foram causa de fazerem peccar a muitos. Mas agradeçam-me estes taes a bôa vontade: que se eu fôra Ministro da Justiça, ou tivera poder sobre elles, eu os fizera cantar ou berrar ao som dos golpes de um verdugo pelas ruas publicas, para seu castigo e emenda dos mais, que de taes modas usam. E veriam então se lhes valia o Demonio, por quem chamam.

A tanto, como isto, tem chegado o atrevimento e ousadia do inimigo infernal para com as creaturas racionaes, que delle se deixam levar. Oh lastima digna de ser chorada com lagrimas de sangue! Tomára que disto soubessem os que têm obrigação de o castigar, por zelo de Deus e bem das almas.

Tendes muita razão, Senhor, (me disse o morador) eu me dou por convencido. Porém, tomára que me disseseis como saberei que pecco por pensamentos: porque me parece que não ha pessoa alguma, que não seja accommettida delles.

Haveis de saber, lhe disse eu, que o primeiro moto do pensamento é a suggestão, que nos faz o Demonio; passa ao appetite natural: daqui entra no entendimento; depois na vontade, e, se nesta ha consentimento em materia grave, é peccado mortal.

E muito mais se duplicam e augmentam estes pensamentos, quando temos á vista algum objectivo, v g., da Soberba, da Luxuria, ou de outro qualquer peccado: e por esta razão é acerto fugir de taes vistas. E se algum me disser, que o não leva a ver e ouvir semelhantes divertimentos algum máu fim, a isso lhe responderei: Que tambem a Borboleta vai ver a luz innocentemente, porém, tanto se chega, que abrazada morre.

Finalmente: supposto que ninguem se pôde livrar de máus pensamentos, tambem na nossa mão está fugirmos delles, usando dos remedios, que nos ensinam os livros espirituaes e os Mestres de espirito. E Christo Senhor nosso isto nos deu bem a entender, quando na Oração do Padre nosso nos ensinou que peçamos a Deus que nos não deixe cahir em tentação. E quanto tivermos mais de repugnancia e resistencia a elles, teremos maior merecimento. E assim fica claro, que o pensamento é o primeiro movel, que faz ou deixa de fazer a culpa: e que das vistas e ouvidas se gera no entendimento o peccado, para depois se pôr em execução.

Por isso no peccado do sexto Mandamento se não admite desculpa, assim como se pôde admittir nos outros peccados. E se não, reparaí. Pôde um homem matar em sua fiel defesa, ou por algum outro incidente, que poderá ter desculpa. Pôde furtar em tão extrema necessidade, que não seja peccado, porque no tempo da necessidade extrema todos os bens são communs. Pôde trabalhar em algum Domingo, ou dia Santo, ou deixar de ouvir Missa por tão urgente causa, que não peque. E assim em todos os mais preceitos divinos poderá haver algum genero de desculpa, que faça não incorrer em peccado mortal. O que se não dá no peccado da fornicção: porque este primeiro se vê, se cuida e se forja no entendimento, e depois vai ao coração, para se poder pôr execução. E como haja mora nestes effeitos, por isso se lhe não admite desculpa. E ainda o que expelliu o semen por sonhos, se depois de acordado teve complacencia, peccou: e pelo contrario, se lhe pesou, porque no somno não ha livre alvedrio, e sem livre alvedrio não ha peccado.

Bem tendes provado, Senhor, a vossa conclusão, (me disse o morador) porém, tomára que me explicasseis agora uma dúvida.

em que ha tempos tenho reparado, e vem a ser a seguinte. Se o peccado contra o sexto Mandamento tem essa graveza, e tanto se prohibe no Direito divino, como disse Deus na fabrica do mundo (em presenca de Adão) que todos crescessem e multiplicassem, sem fazer excepção de creatura alguma? Respondo: (lhe disse eu) Por isso diz lá aquelle adagio: Que muitos ouvem cantar o gallo e não sabem onde. Verdade é, que assim disse Deus; porém, quando e por que causa, é o que se deve notar. Dai-me attenção.

Creou Deus o Céu e a terra, e todas as mais creaturas, e ao sexto dia fez a Adão: e depois de o ter feito, o levou para o Paraizo terreal. E porque o viu só sem companhia, lhe deu um somno ou extasi, e tirando-lhe uma costella do lado, estando dormindo, della formou a Eva, a qual junta com elle em estado de matrimonio, lha deu por companheira, deitando-lhes a sua benção, para que crescessem em successão e multiplicassem enchendo a terra, e presidissem e governassem a todos os animaes, e se sustentassem dos fructos da terra a seu gosto, excepto o fructo da Sciencia do bem e do mal. Tudo consta da Sagrada Escriptura. (*Genes. 2.*)

Agora notai, que antes de ter dado Deus o estado do matrimonio a Adão, não lhe disse que crescesse e multiplicasse, por estar sendo solteiro: e só depois que o constituiu no estado de casado lhe concedeu a propagação. E se vos ficar a dúvida, de que fosse casado Adão: entendei que foi o seu matrimonio um dos mais perfeitos que houve, nem póde haver, porque teve todos os requisitos de verdadeiro desposorio. Nelle se contrahiram as vontades entre os dous contrahentes, por não haver mais que desejar, nem appetecer: houve assistencia do mais perfeito Parocho, que foi Deus Padre Eterno; teve testemunhas, que foram os Cortezãos do Céu, Espiritos Angelicos; fizeram-se finalmente todas as outras ceremonias, que se observam hoje na Lei da Graça, porque tambem tiveram as benções, de que a Igreja usa com os desposados. E deste modo foi solememente casado e recebido Adão com Eva, como a essa imitação manda a Santa Madre Igreja de Roma e dispõe o Sagrado Concilio Tridentino.

E sendo assim, licita cousa é que, depois de casado qualquer homem, use da propagação, que é o principal fim, para que tomou

aquelle estado, sem a minima sombra de peccado, usando do matrimonio licita e necessariamente. Porque tambem tratando de outros meios illicitos poderá haver culpa e peccado.

Senhor, na verdade vos digo (me disse o morador) que fallais com grande acerto e me tendes declarado o que eu ignorava. Porém, como todos não podem ser casados, tomára que me desseis algum remedio, com que me possa livrar de cahir nesse peccado. Haveis de saber, (lhe disse eu) que para tudo nos deu Deus remedio, prevenindo a fragilidade da natureza humana: nós somos os que usamos mal dos meios, que Deus nos tem dado para nossa salvação.

Tres são os estados em que se póde conservar o homem em graça de Deus: de Matrimonio, de Religioso e de Celibato. Alguns querem que o quarto seja o de Sacerdote, que vive fóra da clausura: e por isso (não me atrevia a dizê-lo, se o não tivesse lido e ouvido explicar por Varões doutos) o mais arriscado de todos. Emquanto ao primeiro estado: ainda que o Matrimonio foi instituido pelo mesmo Deus, como já vos disse, e nelle se podem salvar os que o tomam, comtudo, é mui penoso o seu estado. Porque a mesma experiencia nos ensina, que, ainda quando um homem trata só do seu bem espirital, são tantos os inconvenientes, que o apartam de Deus, que vive em uma perpetua guerra: e daqui se collige, que muito maiores serão as difficuldades, que achará para se dar a Deus o que ha de governar a sua casa e familia com aquella rectidão e promptidão; que é obrigado, como Deus manda que se viva neste estado.

E assim diz S. João Chrysostomo, que os casados nunca tem descanso, mas sempre estão rodeados de molestias e affligidos com pobreza, porque nunca se dão por satisfeitos com os bens, que Deus lhes dá. E Santo Agostinho diz, que mais atormenta o temor de perderem a fazenda que possuem, do que foi o gosto que tiveram em adquirí-la.

Sendo que este estado só se deve tomar com aquella recta intenção de obrar bem no serviço de Deus, desprezando os superfluos bens temporaes, dando bons exemplos á sua familia e fazendo-os trabalhar, para comerem o pão com o suor do seu rosto, como man-

O PEREGRINO DA AMERICA

dou Deus a Adão. Porque só depois que se viu pobre, obedeceu e conheceu Adão a Deus, como fazem muitos á sua imitação.

Ha outro estado, que é o de Religioso ou Sacerdote, por si o mais nobre de todos os estados: e se nos Anjos coubesse inveja, parece que só a teriam dos Sacerdotes. E se não, vêde. Com cinco palavras fazem descer o mesmo Deus a suas mãos, e com outras cinco abrem as portas do Céu a um peccador, e fazem fechar as do inferno: são as primeiras cinco as da consagração, e as segundas as da absolvição. Vêde se pôde haver maior poder ou imperio em uma creatura. Affirmam muitos Autores, que se juntamente vissem a um Anjo e um Sacerdote, primeiro fariam reverencia ao Sacerdote, em razão da sua dignidade, que ao Anjo. E assim se pôde dizer que, os que vivem como verdadeiros Religiosos, já nesta vida mortal são Bemaventurados, como diz David (*Ps.* 83. 5) Bemaventurados os que moram na Casa de Deus. Por esta causa é muito para sentir o pouco respeito, que muitas vezes se tem aos Sacerdotes e Religiosos.

Devem os que procuram o tal estado não pôr os olhos em adquirir por meio delle honras, riquezas, fastos ou cousas semelhantes: Mas só se devem empregar em servir a Deus, observando os preceitos da lei divina e de sua Religião, sendo espelhos em que se veja o povo, para se comporem á vista do seu bom exemplo: porque a maior honra, que se pôde dar a Deus é o bom exemplo, e este se procura achar no estado sacerdotal, mais que em qualquer dos outros. E os que com mais razão devem temer o juizo divino, são os que têm á sua conta o bem das almas, se não fazem inteiramente sua obrigação, administrando-lhes os Sacramentos e não furtando o corpo ao trabalho, como bons Pastores, até darem a mesma vida por ellas, se for necessario: porque affirma Christo por S. João (*c.* 10. *v.* 11) que o bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas.

O terceiro estado é o de Celibato, o qual tem aquelles, que nem são casados, nem Religiosos. Este estado em parte é mais proprio para um se dar a Deus, que o do Matrimonio. E por isso chama Christo Senhor nosso Bemaventurados os que têm o coração puro e limpo (*Matth.* 5. 8), porque os que vivem castamente

têm em si um certissimo penhor da eterna Bemaventurança. E São Isidoro, explicando a etymologia da palavra latina, *Celebs*, que significa casto e continente, diz que é o mesmo que estar no Céu. E se bem repararmos no homem casto e continente, acharemos que vive livre de todos os mais peccados, ou ao menos com facilidade se emenda delles.

Comtudo, é muito arriscado este estado: porque é necessario que tenha muito de Deus, quem anda sobre o fogo da sensualidade, para não se queimar, nem se lhe pegarem os vicios, cujos exemplos traz sempre diante dos olhos. Por esta razão me parece, que todos aquelles, com quem fallo neste particular, me pedem lhes inculque o remedio, que vós desejais. Mas a isto satisfarei com o que diz o Ecclesiastico (c. 15. v. 1.) dictado pelo Espirito Santo: Quem teme a Deus, sempre obrará bem. E ao mesmo intento S. Paulo (*ad Rom. cap. 8. v. 28*). Aos que amam a Deus tudo lhes succede bem e com prosperidade. Porque com este escudo do temor de Deus não só levarão com paciencia os estimulos da carne e molestias do seu estado, mas tambem farão muitas obras de virtude, como fizeram tantos Varões insignes em santidade: pois os que foram Santos não eram compostos de outra natureza da que Deus nos fez a nós, que estamos em via de merecermos o premio da gloria. E para este effeito nos devemos retirar de todos os perigos de mulheres, ainda que nos chamem fracos, porque tambem na musica as fugas fazem consonancia.

Demais, que é muito certo, que, assim como o fogo com o vento se accende, tambem a carne com o contacto ou vista lasciva se altera. E por isso aconselhára eu a todos aquelles, que se quizerem ver livres de semelhantes culpas, que fujam de mulheres, como lá fugiu José de sua Senhora, mulher de Putifar: o qual, posto que ficou sem capa, por lha largar nas mãos, a cobrou mui avantajadamente no Egypto, conservando a estóla da graça e alcançando o premio da Bemaventurança no Reino do Céu.

E nenhum seja tão ousado, que se atreva a dizer que se livrará de semelhantes encontros, fiado em suas forças, saber e virtudes, se Deus o não livrar, fazendo elle tambem de sua parte por fugir dessas occasiões. E se não, vêde o que succedeu a David.

O PEREGRINO DA AMERICA

aquelle pasmo de forças, assombro de saber, exemplo de virtudes e tão amigo de Deus: bastou só uma vista de olhos, quando se deixou embellezar de Bethsabé, para cahir em tão atrozes culpas. E se não fôra advertido por mandado de Deus por um Propheta, ou não tomára o conselho e reprehensão, como costumam fazer muitos peccadores, vêde o que lhe succederia. Porém, David, como era homem de mui claro entendimento, conheceu o erro e logo se arrependeu e Deus lhe perdoou os seus peccados.

De S. Pedro de Alcantara se conta na sua vida (*liv. 3, pagina 316*) que foi tão acautelado e amante desta santa virtude da Castidade, que, ainda estando no confessionario, não abria os olhos quando confessava mulheres. E se acaso, estando em publico, via algum Religioso moço abrir os olhos para ver alguma mulher, condoendo-se do damno, que lhe podia resultar, lhe mettia os dedos nos olhos, reprehendendo-o de sua inadvertencia, ainda que fosse diante dos Seculares: porque não queria, por respeitos humanos, deixar de remediar o damno que ameaçava a seu Irmão. E costumava dizer, que o que olhava para o rosto de uma mulher era difficiloso e quasi impossivel deixar de receber damno. E assim avisava a seus Religiosos, que nenhum se fiasse de si mesmo, nem dissesse que bastava ter seguro e guardado o seu coração, porque é tão delicado o inimigo Carne, que, por muita virtude que um tenha, tem ella mais ardil para enganar ao que mais presume de espiritual.

Não vos repito outros muitos casos, que têm succedido no mundo acerca deste particular, porque, além de serem tão sabidos e vulgares, ainda hoje estamos vendo a cada passo succeder os mesmos: procedendo tudo de não haver grande cautela de fugirmos de ver e ouvir tudo aquillo que não convém á nossa salvação.

E por isso advertiu engenhosamente um Autor, que o Signo de Virgem está no meio de Leão, animal vigilante, que dorme com os olhos abertos, e que tem na mão uma balança, symbolo da temperança: para que entendessemos que, para conservar a castidade, além da parcimonia, é necessaria a guarda dos sentidos e fugir de toda a occasião de perigo.

Santo Thomás, depois de uma grande victoria que alcançou

NUNO MARQUES PEREIRA

contra o vicio da Carne, fugia quanto podia das vistas e conversações de toda a sorte de mulheres, ainda que fossem de maior idade e parentas suas. E estranhando-lhe em certa occasião uma sua parenta fugir das mulheres, sendo nascido de uma, respondeu sabiamente o Santo: Por isso mesmo temo. Eusinando-nos, que qualquer homem, por santo que seja, não deve dar-se por seguro, emquanto se acha rodeado e vestido desta miseravel carne, occasionada a tantos precipicios. E assim ficai entendendo, que não ha maior virtude, nem cousa mais agradavel a Deus, que uma alma que guarda a virgindade e é continente, por se assemelhar com os Anjos: porque já em corpo mortal tem muito da graça de Deus e lhe é muito facil adquirir as mais virtudes por meio dos Sacramentos.

E fóra destes tres estados, haveis de saber que tudo o mais, que se chama homem e mulher solteiros, são gente mundana, que vivem cheios de vicios, sem temor de Deus, nem receio de perder a alma: e por isso semelhantes aos jumentos, como diz David (*Psal.* 31. 9.) Porque a luxuria é um appetite desordenado de deleites sensuaes: e os que se entregam a elle nunca se fartam, antes cada vez mais se engolfam nelle, peiores que os brutos, e nada tratam do bem da alma, servindo e obedecendo ao Demonio mestre da maldade: o qual, depois de os enlodar em todos os vicios e tropeços, lhes priva as almas e todo o sustento espirital e lhes mata tambem os corpos, e assim os leva ao inferno, aonde vão penar para sempre.

Este vicio da luxuria, diz S. Gregorio (*lib.* 32. *Moral. capitulo* 17) é o que mais guerra faz aos descendentes de Adão, desde que lhes aponta a barba até á sepultura. E ainda que o Demonio lança muitas rêdes no mar deste mundo, para pescar aos homens, nenhuma é tão grande, nem de malhas tão miudas como a deste vicio, que com todos tem entrada: porque mora muito de assento como grande entre os Grandes, e por isso se faz tão soberbo, por ter feito muitos delictos sem o castigarem, mas antes por se ver prezado de muitos, cada vez se faz mais forte.

E por esta razão temo e tremo de ouvir uma autoridade de S. Remigio a este intento. Excepto os meninos, (diz o Santo) pou-

cos são, por amor deste vicio, os que se salvam. E que succederá aos que estão de assento nesta culpa, como se não tiveram alma! Pois advirtam que diz S. Bernardo, que quem se detem um anno em peccar, cem annos ha de penar. Isto se entende dos que vão ao Purgatorio: que para os que vão ao Inferno: *Nulla est redemptio*.

Uma cousa vos quero perguntar, Senhor, (me disse o morador) por nunca a ter lido, nem ouvido praticar, e vem a ser: De que procederá permittir Deus que muitos homens e mulheres, depois de terem sido grandes peccadores, vieram a acabar as vidas com mui conhecida opinião de virtudes; e, pelo contrario, outros, começando bem e com menos culpas, e talvez por um só peccado, foram condemnados para sempre ao inferno?

Respondo-vos, Senhor: (lhe disse eu) Primeiramente havemos de assentar, que os justos juizos de Deus não ha quem os possa comprehender. Porém, isto presuposto: dizem os Theologos (e assim o cremos de Fé) que Deus tudo tem presente, e conhece do preterito, presente e futuro: e como sabe que aquelles peccadores, ainda que tivessem cahido naquellas culpas, haviam de ter emenda e fazer penitencia dellas, por isso lhes esperou e espera a sua conversão, para lhes dar a Bemaventurança. E os outros peccadores, porque conhecia e conhece que, se vivessem eternamente, sempre haviam de perseverar na culpa, por isso são condemnados para sempre.

Corrobora-se esta verdade pelo que disse S. Jeronymo: Que a vida dos Christãos, não olha Deus para os principios della, porém sim para os seus progressos e fins. E por isso convem e importa a todo o Christão que, se se quizer salvar, ponha termo em seus peccados, pedindo muito a Deus que lhe dê forças para abraçar as suas santas inspirações, para se poder tirar da occasião da culpa, pois para isso nos deixou Deus o livre alvedrio nas nossas mãos. Porque é certo que não querer largar a culpa, é sinal de prescito, e deixar-se estar nella é querer ir para o inferno.

Emquanto á razão de serem condemnados eternamente os peccadores, talvez por um só peccado: Diz Santo Agostinho que, como aquelle que pecca offende a um Deus infinito: tambem, se morre

em peccado, para sempre será a sua pena, e infinita. A culpa, que se commette contra Deus, por isso se chama peccado mortal, porque mata a alma: e bem sabeis que tanto mata uma só ferida, sendo mortal, como mil, chegado a morrer della. E daqui proceda, que a creatura, que cahiu em peccado mortal, já é do numero dos prescitos condenados, e não tem, entre a vida e o inferno, mais que uma respiração: por isso Job chamava á sua vida um vento (*Job. cap. 7 v. 7*). E sem embargo destas solidas verdades, vivem os peccadores tão cegos e faltos de discurso e razão que, estando em tão grande perigo, comem, bebem, dormem e descansam, como se tivessem as vidas estribadas em um firme alicerce ou solido padrão: quando deviam temer e recear que os apanhasse a morte na occasião proxima da culpa e fossem a penar para sempre ao inferno.

E agora vos digo que, se eu fôra Prégador Missionario, não seria outro o meu empenho, que persuadir aos Ministros de Justiça que fizessem dar execução á Lei, castigando este peccado de amancebamento publico e escandaloso. Porque é certo que só assim se poderia emendar: e de outra sorte, fazem zombaria os que estão mettidos nesta culpa. E se não, vêde quantas vezes será advertido um peccador destes no Confessionario, quantos avisos terá dos Prégadores Evangelicos, e quantas vezes haverá lido a graveza desta culpa? E que vos parece que lhe resulta de todas estas advertencias, avisos e lições? Zombar de tudo. Porém se elles vissem que se executava o castigo, conforme a culpa merece, eu vos prometto que logo haveria emenda e não viriam a experimentar o castigo divino com tão lamentaveis desgraças, como eu tenho visto succeder e notoriamente se estão vendo acontecer. E para confirmação do que vos tenho dito, ouvi os seguintes casos.

Eu conheci um homem em certa Villa, que estava concubinado com uma mulher havia mais de quinze annos: e porque o Vigario daquella freguezia o reprehendeu e quiz apartar daquella má occasião, se passou de morada com toda a sua casa para outro lugar. E ainda que tambem por alli passavam os Visitadores, quando iam de visita, comtudo, como o castigavam em pena pecuniaria, não deixava de perseverar no seu peccado. E como era rico e por isso

O PEREGRINO DA AMERICA

soberbo, succedeu dar elle com um páu em um mancebo, de que ficou resentido o offendido pela affronta que lhe tinha feito. Era este homem amancebado muito amigo do Padre Capellão daquelle Lugar (e talvez por lhe dissimular o máu estado em que estava), e vindo o Padre visitá-lo um dia, o hospedou com toda a grandeza. Perguntou-lhe o Padre: Como havia passado com o Visitador, que tinha estado de visita naquelle territorio? Disse-lhe o amancebado: Emquanto eu tiver farinha, dinheiro e arroz, não se me dá de Visitador. Fizeram-se horas de se despedir o Capellão, trouxe-o o amancebado até o porto de um Rio, a embarcá-lo em uma canoa: e voltando para a sua casa, lhe fez tiro com uma espingarda o mancebo, em quem elle tinha dado com o páu, e logo alli immediatamente cahiu morto. E tornando o Capellão com toda a pressa para o confessar, já o achou sem vida: e assim morreu sem confissão. Vêde quão desastrado fim teve este miseravel homem: o qual, suppondo que com o dinheiro se livrava do castigo da terra, não se pôde livrar do castigo de Deus, por se não emendar da sua culpa.

Outro homem houve, que de tal sorte se tinha amancebado com uma escrava de um lavrador, que era já escandaloso no seu máu proceder: motivo, porque disse o senhor á escrava, que se elle soubesse que ella tratava com aquelle homem de offender a Deus, a havia de castigar rigorosamente. Succedeu que, indo um dia a escrava a buscar agua, achou ao homem junto da fonte: o qual pela ver dissuadida de lhe fazer a vontade, a começou a persuadir com palavras, affagos e promessas para ver se a podia obrigar. Disse-lhe a escrava: Senhor, eu não quero mais cousa alguma com Vossa Mercê, por não experimentar o rigor de meu senhor. E dando-lhe as costas o deixou. Vendo o homem esta resolução da escrava, puxou de uma faca, que levava, e mettendo-a pelos peitos, alli ficou morto.

Lastimoso caso por certo! (me disse o morador) e não tenho ouvido contar outro semelhante: porque ainda um bruto irracional teme a morte. Esse homem devia ser falto de juizo. Por certo, (lhe disse eu) que das muitas vezes que com elle conversei, sempre o achei de muito proposito: porém, como estava cego do pec-

cado, teve o Demonio occasião de o precipitar a tão horrendo castigo.

Outro caso não menos lamentavel succedeu a um homem presumido de bem fallante e entendido, porém, para as cousas do mundo: porque pouco importa que se achem no homem peregrinas notícias e sublimes idéas, se lhe falta o temor de Deus. Andava este homem concubinado com uma escrava de um vizinho e tão cego neste torpe vicio, que ainda que muitos de seus amigos o tinham dissuadido para que deixasse aquella occasião, nunca a quiz deixar: até que o mesmo dono da escrava lhe chegou a mandar dizer, que se o achasse na sua Fazenda, o havia de matar. Não obstando todos estes avisos, tornou a ir buscar a occasião do peccado: e como já o trazia o dono da Fazenda em vigia, assim como soube que elle estava dentro da casa da mesma escrava, o foi buscar: e sahindo o miseravel de dentro, lhe metteu o senhor da Fazenda uma espada pelos peitos e logo alli o deixou morto, sem fazer acto algum de Christão. E se eu houver de vos contar os infinitos casos, que por este peccado tem succedido no mundo, primeiro me faltará o tempo e a vós a vontade de me ouvir, do que eu cessarei de os referir.

Bem sei, Senhor, (me disse o morador) que nenhuma cousa mais nos castiga, que a mesma culpa, tanto que não nos emendamos e arrependemos a tempo. Com que, á vista desses atrozes casos que me tendes dito, necessariamente vos quero dar parte do máu estado em que me vejo, para que me deis algum remedio: porque me acho com bastantes remorsos da consciencia. Sabei que haverá sete annos que estou amancebado com aquella mulher, que esta tarde vistes vir em minha companhia: e ainda que muitas vezes me tenho confessado, e por isso sou reprehendido dos Confessores, nunca cabalmente me resolvi a largá-la, mas antes cada vez me acho mais enlaçado neste peccado.

Não vos pareça, Senhor, (lhe disse eu) que vos agradeço pouco o manifestar-me a vossa culpa: porque me persuado que estais com animo de vos emendar della. Que por isso se diz, que quem chegou a conhecer o seu erro, com facilidade se emenda. Mas quem não

conhece o seu engano, mui difficultosamente se resolve a tirar-se do mal que faz.

Porém, isto supposto: Dizei-me, Senhor: Como vos absolvem os Confessores dessa culpa? Porque tenho dado, (me disse o morador) em uma traça diabolica: e vem a ser, que tanto que chega a Quaresma, costume mandar esta mulher para a casa de um meu compadre, e quando me vou confessar, digo ao Confessor, que já a tenho deitado fóra da casa, e por isso me absolve. E dessas vezes, (lhe disse eu) que vos confessastes, tivestes alguma dôr de ter offendido a Deus, ou fizestes proposito de largar essa occasião? Nunca me lembra que tivesse esse desejo, nem proposito de me emendar, (me disse o morador) mas antes desejava que se acabasse logo a Quaresma, para tornar a mandar vir a mulher para casa.

Pois sabei, Senhor, (lhe disse eu) que não só vos não tendes confessado, mas fizestes muitas confissões nullas e grandes sacrilegios: e assim entendei, que se nesta occasião morresseis sem vos confessardes com verdadeiro proposito de emenda, ieis ao Inferno: porque não ha cousa de que Deus mais se offenda, que de ver a um peccador confessar a culpa e prometter a emenda, e tornar a cahir no mesmo peccado. E vêde quanto mais tem de circumstancia a vossa culpa: pois a calais na Confissão, enganando-vos a vós mesmo e ao Confessor, em uma especie de peccado tão grande, como o do amancebamento, que Deus mais frequentemente castiga com mortes repentinas, pelo que tenho visto e lido nos Livros, como já vos tenho dito.

E com muita razão se pôde temer aquella sentença, que diz:

Numero determinado
Tem o peccado: e não sabes
Se para ser condemnado
Sómente falta que acabes
De commetter um peccado.

Senhor, (me disse o morador) bem sei que obro mal, porém, tomára que Deus me dera um efficaz auxilio de sua graça, para me livrar desta culpa. Haveis de saber (lhe disse eu) que a nossa salvação não depende só de Deus, nem só de nós, porém sim do

concurso de Deus com seu auxilio, e juntamente de nós, pedindo-lhe e abraçando-o. Porque, ainda que Deus sempre nos quer salvar pelo que tem de bom e misericordioso, comtudo ha de preceder da nossa parte a vontade de o buscarmos, pedindo-lhe e rogando-o, como tão necessitados, para lhe merecermos o seu agrado. Dizia Deus a Moysés: *Extende manus tuam: extendam manum meam* (*Exod.*, cap. 4, v. 4 e cap. 3, v. 20). Estendei a vossa mão, que eu tambem estenderei a minha: mas sabeis que a minha sem a vossa não vos ha de valer para vos salvar. E diz Santo Agostinho: *Qui fecit te sine te, non salvabit te sine te.*

Sabeis porque nos não ouve Deus? Porque nós tapamos os ouvidos, quando elle nos chama: por isso faz muitas vezes que tambem nos não entende, quando o chamamos, como disse pelo Propheta Zacarias (*cap. 7. v. 13*). Se nós cuidassemos das cousas divinas, tambem Deus cuidaria de nós, disse S. João Chrysostomo (*in Genes. homil. 14. in fine.*)

Como esperais que Deus ponha os seus divinos olhos de misericordia em vós, quando assim o estais offendendo, sem lhe pedir perdão dos vossos peccados com um acto de amor e contrição? Ponhamos este caso em questão, e depois o resolveremos com a boa razão. Supponde um homem (não digo herege, senão Christão) dado a todos os vicios e atropellando a Lei Divina com suas culpas, sem fazer exame de consciencia, nem acto algum de amor de Deus ou de compunção de seus peccados. Sendo que devia olhar para o Céu ou para uma Imagem de Christo Senhor Nosso e dizer do coração: Peza-me, Senhor, de vos ter offendido, por serdes vós quem sois: dai-me um auxilio de vossa graça, para me poder emendar das muitas offensas que contra vós tenho feito. Ou fazer tambem um acto de amor divino, dizendo: Meu Deus, meu Pai, meu Senhor, eu vos amo sobre todas as cousas: Livrai-me de vos offender, para que possa merecer a vossa gloria. E da mesma sorte devia valer-se da Virgem MARIA Senhora nossa, como Advogada de peccadores, dizendo-lhe com um affecto cordial: Senhora, bem vêdes as minhas grandes culpas, que tenho commettido contra Deus; accudi-me com vossa intercessão e piedade para alcançar perdão dellas. Para todos estes actos e outros semelhantes, não é necessario

ser letrado: basta que o peccador os faça com grande vontade de que lhe succeda tudo o que pede como necessitado: e de outra sorte, de nada lhe poderão aproveitar, por ser o peccado um grande impedimento para ser de Deus ouvido. Deus não ouve aos peccadores, diz a Sagrada Escriptura: *Peccatores Deus non audit.* (Joan. cap. 9. v. 31.) Isto é: enquanto um peccador se não arrepende, não o ouve Deus. Mas na hora em que de coração lhe pede perdão e se justifica, logo é de Deus ouvido. E assim convém muito, antes que o peccador faça oração, examinar a sua consciencia e fazer actos de contrição. Assim o entendeu David, quando rendeu as graças a Deus de lhe haver perdoado seus peccados, dizendo: Bemdito sejais, Senhor, que não apartastes de mim a minha oração nem a vossa misericordia. E com estas palavras acaba o Psalmo 65. De maneira, que quando pedimos a Deus perdão dos nossos peccados, primeiro lhe havemos dar as graças de nos admittir a seu gremio e dos muitos beneficios que d'elle recebemos.

Por esta razão se o Gentio Idolatra soubesse o que lhe resultava de ser Christão, viria de mui remotos climas buscar este bem, por estar addicto á Igreja e capaz dos Sacramentos, por se pôr em graça de Deus e gozar dos thesouros da Igreja.

E assim entendi, que se a oração não for feita de todo o coração, não terá effeito algum de merecimentos para quem a faz, e será o mesmo que a oração de uns bichinhos que ha no Brasil, que lhes chamam *Louva a Deus* (2), dos quaes dizem os naturaes, que se geram e nascem de uns raminhos seccos de uma arvore. Bem sei que é contra a ordem natural da melhor Philosophia: porém, posso certificar que vi um destes bichinhos ainda meio páusinho e a outra parte já animada. Estes animalejos são como um grillo, porém, mui magros e estiticos: trazem sempre as mãos postas juntas, os joelhos dobrados e os olhos levantados para o Céu, e por esta razão lhes chamam *Louva a Deus*: porém, toda esta oração é de uma alma de páu secco. Assim são os peccadores que rezam e fazem oração sem recta intenção.

São tambem estes taes como os gafanhotos, que andam com o habito Franciscano, cheios de cilicios, e na hora da morte vêm a morrer como brutos, sem lhes valer, nem aproveitar o habito, nem

os cilícios da penitencia, e assim vêm a acabar em um charco ou brejal de culpas, sem merecimento algum. Podiam, porém, ser semelhantes á Borboleta, que abrazada nas chammas da luz (isto é, no amor de Deus) morre como a ave Fenix, para renascerem cantando louvores a Deus pelo que tivessem merecido neste mundo e assim irem as suas almas a gozar da eterna gloria.

Por isso diz S. Basilio, que as almas e corações, aonde Deus ha de entrar, não hão de ser de altos pensamentos, mas de grandes espiritos com boas obras. Porque almas de ferro, corações de chumbo, espiritos de carne, como lhes chamou o Veneravel Padre Frei Antonio das Chagas, não são para servir a Deus.

Vamos agora á boa razão. Como é possível que Deus vos dê um auxilio para vos livrardes dessa culpa e das mais, se vós nunca lho pedis com arrependimento dellas e vontade de vos aproveitar desse auxilio? Porque é sem dúvida, que ainda cá nas cousas do mundo estamos vendo e experimentando, que só quem faz por ellas as tem: e pelo contrario, não lhe vem ás mãos se as não procura. Lá perguntou a Santo Thomás uma sua irmã: Que faria para se salvar? Respondeu-lhe o Santo: Querer. Porque sabia que era necessario haver da nossa parte vontade e diligencia para alcançarmos a graça divina. Cuidai nisto de vagar e vêde se tenho razão.

Mas parece que vos estou ouvindo dizer: que não podeis fazer isto que vos digo, porque vos não dá lugar o peccado. Agora venho eu bem a entender, que os peccadores que se vêem em semelhante estado são como os enfermos de modorra, que nenhum abalo lhes dá quem entra no seu aposento, nem quem sahe delle, porque sempre estão dormindo, como fóra de seu juizo. E assim são os que se vêem no lethargo da culpa: por mais que ouçam ao Confessor e ao Prégador, o aviso do amigo e do parente, a nada dão ouvidos, porque estão mettidos no somno do peccado.

Tambem são estes taes comparados ao touro, que mettido no curro, ainda póde escapar, porém, tanto que o chegam ao mourão, já não póde fugir. Assim são os concubinados: emquanto têm as concubinas fóra de casa, ainda se podem dellas apartar, porém tanto que as mettem de portas a dentro, estão presos ao mourão e delles faz o diabo o que quer, até que os leva ao inferno.

Grande é a cegueira dos homens mundanos, que se deixam levar da vaidosa vida temporal! Porque estando vendo completarem-se os annos, passarem os mezes, correrem as semanas, voarem os dias, contarem-se as horas, em nada disto reparam, e cada vez se mettem mais nos gostos e deleites do mundo: como se tivessem por certo, que, acabada a vida, sem fazerem penitencia, haviam de ir gozar da Bemaventurança.

Porém, sabeis de que procede isto pela maior parte? Do máu exemplo: de verem assim obrar os sabios, que têm obrigação de nos advertir com a sua bôa vida e costumes e não devem fazer o contrario do que entendem, sem se lembrarem estes doutos do que diz Santo Isidoro: Que quanto maior é o conhecimento do delicto, tanto mais cresce a maldade do peccado. Muito pudera eu dizer-vos neste particular: porém, só vos direi, que só vós e nenhum outro por vós, haveis de padecer o castigo das vossas culpas, se dellas antes da morte não fizerdes penitencia, nem vos acautelardes dos laços do Demonio.

Vamos ao remedio, que me pedistes. Haveis de saber, que para sarar do amor e dessa enfermidade é necessario haver ausencia. Muitas doenças se curam só com a mudança do ar: porém, a do amor só se cura com a da terra. É o amor, como a Lua, que em havendo terra entre meio, logo se eclypsa. Isto é emquanto ao remedio temporal.

Porém fallando espiritualmente. O mais efficaz remedio é fazer uma Confissão geral muito bem feita, com proposito firme de antes morrer, que tornar a cahir em tal peccado ou em qualquer outro. E um dos maiores serviços, que um peccador pôde fazer a Deus nosso Senhor é o frequentar este Sacramento da Penitencia: porque em as repetidas confissões virá melhor em conhecimento de sua miseria e fraqueza, e então reconhece melhor a grandeza de Deus, dando louvores a Sua Divina Magestade. E por isso Santo Agostinho: (*super Psal. 94.*) que um peccador penitente e arrependido de sua má vida, ao mesmo Deus engrandece e exalta. E o Propheta Isaias (*cap. 30.*) diz: que a grandeza, que Deus mostra, é quando aos peccadores perdôa.

E assim venho a entender, que esta foi a razão, porque disse Christo Senhor nosso, que maior applauso e maior festa se fará na Côrte do Céu a um peccador penitente arrependido e que confessa bem e verdadeiramente seus peccados, do que se fará a muitos justos, que não necessitam destes remedios (*Luc. cap. 15. v. 7*).

Sabeis em que perigos estais posto? Considerai-vos réu de um atroz crime de Lesa Magestade, mettido em uma torre, na qual está um alçapão falso, e nella vos mandam os executores da Justiça que passeis pela sala em que está o alçapão: e que neste breve instante achais um favo de mel e vos pondeis a lambê-lo, até que cahis no alçapão, onde topareis com rodas de navalhas e ganchos de ferro mui agudos, que logo vos tirarão a vida, que é o inferno, onde ficareis para sempre.

Ou tambem supponde, que vos vêdes em um lugar cercado de muitos negros, que vos vêm matar, que são os Demonios: e da parte, para onde podeis escapar, está um precipicio tão alto e despeñado, que se por elle quizerdes descer, acabareis a vida, que é o inferno, sem armas (que são as bôas obras, que deveis ter feito em serviço de Deus) para vos defender: e que indo correndo (que é o curso da vida) topastes com uma arvore cheia de doces pomos, que são os deleites desta vida: e que delles estais comendo entre tanto risco.

É o peccado, por sua má qualidade, tão venenoso mal, que ninguém o póde declarar, ainda que todas as creaturas se fizessem em linguas, por se não poder medir, nem tomar o peso de sua gravidade, senão depois que se vê executado na alma. E basta que se diga, que se um homem visse o peccado, e da outra parte o inferno, antes quereria metter-se no inferno sem culpa, do que gozar de deleites buscando o peccado. E é certo, que quem não conhece o seu damno não faz diligencia por sahir delle: e quem não sabe da sua doença não trata de lhe buscar a medicina. E que diremos dos que o appetecem? É sem dúvida, que nem fogem delle, nem sollicitam o remedio.

Ainda para conservação da mesma saúde corporal devia o homem fugir de semelhante vicio, pelos horrendos e atrozes casos e successos que têm acontecido no mundo por causa deste peccado.

O PEREGRINO DA AMERICA

E se os que o commettem, lêsem com attenção a anatomia do corpo humano, veriam o risco a que se expõem em semelhantes excessos naquelles actos e em taes tempos. A experiencia tem mostrado, que nenhum animal irracional periga nestes actos tanto como o homem. E se não, vêde. Ainda os animaes faltos de razão são mais regrados nesse vicio, porque lá têm seu tempo de propagação: porém, o homem, chegando a ficar cego, sempre está appetecendo este peccado, sem reparar no prejuizo de sua saúde. E como pelo excesso d'elle fica peor que os brutos, por isso lhe succedem os perigos e mortes repentinas que tantas vezes se têm visto. A razão destes successos dá Moreto no seu Livro intitulado *Luz da Medicina*, no Prologo ao Leitor, comparando o semen do homem ao azeite da candeia, que acabado este, expira.

Que mortes repentinas não têm acontecido nesse mesmo acto! Muitos depois de terem sahido d'elle, por beberem um pucaro de agua fria, cahiram mortos; a outros lhes deu um estupor ou paralysisa; outros vieram a entisicar; e outros se encheram de gallico e ficaram deformes, padecendo mil dôres e incapazes de remedio até a morte.

A tudo isto, e ao mais que me não é possivel explicar, está exposto o homem, que se deixa enlodar em semelhante vicio, sem se querer tirar d'elle a tempo: e quando menos cuidar, se verá sepultado no inferno.

A este tempo que eu fechava este discurso com a palavra inferno, deu um relampago e juntamente um trovão, que cuidei que a todos nos destruia: porque tremeu a terra, abalou-se a casa, e della cahiu tudo o que pelas paredes estava, excepto um oratorio, dentro do qual estavam uma Imagem de Christo Senhor nosso, outra da Virgem MARIA nossa Senhora e outras de outros Santos. E pondo-nos logo de joelhos todos os que na casa estavam, rompeu o morador em um acto de contrição com tantas lagrimas e soluços, que bem mostrava estar arrependido de seus peccados. E depois de o animar e consolar, comecei com todos a rezar as Laidainhas e algumas orações: e foi Deus servido, que logo cessasse a tempestade. E porque era já tarde, me disse o dono da casa que me fosse recostar. Obedeci, e me deitei em uma cama já feita na

NUNO MARQUES PEREIRA

mesma sala, e o dono da casa em um estrado á minha vista: até que pelas luzes das frestas vi que já era dia.

Levantei-me então e juntamente o dono da casa: e ao abrir da porta, vimos um monte de ramas mais alto que uma lança, e conhecemos ser um galho da cajazeira, que com a violencia da tempestade se tinha desganhado. E então viemos no cabal conhecimento do grande favor, que nos tinha Deus feito em nos livrar daquelle perigo, porque se cahisse em cima da casa, sem dúvida ficaríamos mortos e opprimidos debaixo do seu peso, pela violencia com que veio compellido do corisco, que tinha despedaçado a arvore até o tronco.

E depois de ter visto o dono da casa aquelle fatal estrago, mandou logo chamar aos seus escravos, e promptamente chegaram alguns, dez ou doze. Disse-lhes elle então: Mandei-vos chamar, para vos dar a saber que me é necessario seguir uma viagem em companhia do Senhor Peregrino, em que me poderei dilatar oito ou nove dias: e nesse tempo que lá estiver, vos mando, que todos vos conserveis com muita paz e união, tanto na occupação do serviço como fóra d'elle. E fallando com um escravo mais velho, de quem parece fazia maior conceito, lhe disse: E a vós encarrego o cuidado de todos e o zelo da minha fazenda. O que o preto assim lhe prometteu observar.

E depois de despedir aos escravos chamou pela mulher que tinha em sua companhia, á qual disse: É escusado, Senhora, dizer-vos o motivo, que me persuade a apartar-me de vós, á vista do que succedeu: assim pelas grandes advertencias e avisos, que nos tem feito o Senhor Peregrino, como pelo notavel perigo de que Deus nos livrou. Aqui tendes trezentos mil réis: tratai de buscar o melhor meio de vossa salvação, que eu com a ajuda de Deus farei o mesmo. Aceitou a mulher a offerta e logo lhe disse: Dias ha, Senhor, que esse era o meu intento, pelo que me tinham dito os Confessores: e se o não tinha feito, era por vos não molestar. E com esta resolução nos partimos, levando o homem dous escravos em sua companhia, que lhe carregavam o seu fato e matalotagem. E passando pelo tronco da cajazeira, lhe disse esta letra:

O PEREGRINO DA AMERICA

Tronco desnudo de ramas,
Bien te podrè repetir:
Lo que và de ayer a oy,
Aprendan robles de ti.

Logo fomos continuando a nossa viagem por uma mui dilatada estrada e verdes campos, á vista de mui apraziveis arvoredos, porque os da America sempre nelles é primavera.

Disse-me o companheiro: Agora, que tenho esta oportunidade, vos quero dar parte do motivo, que me persuade a acompanhar-vos. Muita mercê me fareis (lhe disse eu) para ter mais que vos dever. Sabei, Senhor (me disse elle) que haverá oito dias que veio á minha casa um meu amigo a fallar-me para casar com uma donzella, filha de um seu compadre: ao qual dei por resposta, que tomaria meu conselho e lhe daria a resolução em menos de quinze dias, quiçá que fosse só afim de me escusar. Certificou-me este amigo, que é a donzella merecedora de toda a estimação, por ser filha unica de nobres pais, mui formosa e honesta: porém, que não tem mais que quatro mil cruzados de dote. Agora vos peço que me aconselheis, se faço bem em tomar este estado com tão pouco cabedal.

Senhor (lhe disse eu), ainda que para se dar conselho neste particular se necessita de mui largas experiencias e informações: contudo, como me dizeis que é vosso amigo esse homem, e segundo o dito do Philosopho Pythagoras, o amigo é outro eu, supponho que vos não inculcará mulher indigna da vossa pessoa. Emquanto a razão de ter poucos cabedaes: muitas vezes se offerecem estes com pessoas tão indignas, que ainda que sejam muitos, não bastam para se comprarem desconfianças. Não pôde haver maior cabedal que a honra. Lá se conta, que perguntando-se a uma pobre donzella, que dote tinha, respondeu, que a sua honestidade. Além de que, nem sempre os cabedaes asseguram o estado dos casados, pelo muito que temos visto succeder no muundo. E por isso, perguntado Marcial, porque não queria casar com uma mulher rica, respondeu:

NUNO MARQUES PEREIRA

Prisco, porque no me caso,
Dezís, con rica muger?
Porque no quiero yo ser
La muger: y esse es el caso.

Porém, isto supposto, vos digo: que tendo essa donzella as partes que vos assegurou esse vosso amigo, sou de parecer, que a acceiteis por esposa, visto o grande perigo e risco de vossa salvação, em que estivestes até agora pelo vosso peccado. E assim podeis acceitar esse estado, que Deus vos offerece, como taboa em um naufragio: para que, vendo-vos em terra, (isto é, livre da culpa) a leveis ao templo, e em sua companhia façais muitos serviços a Deus.

Porque haveis de entender (como já vos disse) que autorizou Deus com sua presença o primeiro estado que houve de casado no mundo: para nos mostrar as grandes excellencias e perfeições que nelle se encerram, e as obrigações, que os casados têm, de viverem conformes aos preceitos divinos, unindo-se ambos em uma só vontade, fundando nella mui diversas e copiosas virtudes, mostrando-se mui agradecidos a um Senhor, que tanto os honrou com sua presença, e tanto os alimenta e favorece com sua providencia e misericordia. Porque é o casamento (como todos sabemos) um contracto de duas vontades ligadas com o amor, que Deus lhes comunica, justificadas com a graça, que lhes deu Christo Senhor nosso, e autorizadas com as ceremonias, que lhe ajuntou a Santa Madre Igreja: que esse é o effeito de um verdadeiro desposorio, unir duas almas em um corpo: *Duo in carne una* (Gen. 2. 24).

Porém, suppostas as obrigações dos preceitos divinos, que se devem guardar em primeiro lugar e muito á risca: todos os casados têm obrigação de viver perfeitamente no seu estado, sem embargo de quaesquer encargos ou desgostos. Em razão dos respeitos humanos são necessarias muitas circumstancias para se guardar este perfeito estado, tanto para o socego da alma como para a segurança da honra e descanso da vida. A primeira é a igualdade das qualidades, sem a qual ha grandes perigos na vida e desgostos irrepa-

O PEREGRINO DA AMERICA

raveis, porque nunca se viram desigualdades sem inquietações: e por isso Plutarcó encommenda aos pais, que não casem seus filhos com pessoas de desigual nobreza, porque aquelles que casam com quem os excede muito na qualidade não ficam maridos senão cativos. E daqui procedem entre os taes casados tantas discordias, que logo se desquitam da paz.

A segunda condição, para que o amor seja mais constante e verdadeiro, é que sejam os casados mui conformes nos seus desejos e inclinações: porque sendo elles estes, ainda em razão de defeitos naturaes se podem amar perfeitamente, pois é bem sabida a regra da Philosophia, que a semelhança é causa de amor, e elle de toda a paz e conformidade, sem a qual não pôde ser perfeito aquelle estado. E era ella tão encommendada entre os Antigos, que nas festas que faziam a Hymeneu, tido por deus dos casamentos, tiravam os féis dos animaes que sacrificavam e os lançavam fóra dos altares: porque, segundo o que diz Pierio Valeriano, o fel é o assento da ira e da colera, e não convinha que fosse sacrificio feito onde fosse colera e ira. E assim vos venho a dizer, que se chegardes a effectuar esse estado de matrimonio, depois de guardar os preceitos divinos, como sois obrigado, em segundo lugar vos conformeis muito com vossa esposa: porque na paz e concordia consiste este estado, para poder viver bem e virtuosamente, tanto no serviço de Deus, como para a conservação da vida.

NOTAS AO CAPITULO XVI

(1) É a "modinha", que Gregorio de Matos fizera popular na sua cidade natal. O "canto brasileiro", ao violão, com as exaltações sentimentais que o caracterizam, ganhou Portugal no fim do seculo XVIII, com Caldas Barbosa, o poéta dos "lundús" maviolos.

Gregorio de Matos nos fala dos trovadôres seus comparsas:

.....
Ia-lhes eu perguntando
Pela viola, ou rabil,
Quando ouvimos bradar Gil,
Que recostado á guitarra
Garganteava á bandarria
Letrinhas de mil em mil.

(Obras, ed. da Acad. Bras., III, 201).

NUNO MARQUES PEREIRA

A resistencia da metropole a estas influencias foi severa... e quasi inútil. As "modas" chamou frei Alexandre da Silva "meiguice do Brasil e em geral a moleza americana", "em seus cantares somente respiram as impudencias e liberdades do amôr, os tonilhos retinidos da moleza americana" (Teófilo Braga, *Os Arcades*, p. 238).

O "fado", na acepção que tem hoje, o deu o visconde de Pedra Branca como desconhecido em Portugal ainda em 1825: mas era já "vulgar modinha" nesta margem do Atlantico. (Vd. João Ribeiro, *A Lingua Nacional*, p. 32).

(2) *Louva-a-Deus*. Ortóptero da fam. Mantidæ (*Mantis precaria*, L.).

CAPITULO XVII

Do setimo Mandamento. E do que succedeu ao Peregrino com um vendeiro, que estava roubando ao povo: e como o dissuadiu daquelle máu trato, com varios exemplos.

E NESTAS e outras conversações, fomos passando o dia, até que (seriam já cinco horas da tarde) chegamos á casa de um taberneiro, o qual estava muito occupado em vender e arrecadar o dinheiro do que vendia. Demos-lhe as bôas tardes: respondeu-nos mui seccamente, sendo que vendia molhado. Retiramos-nos para debaixo de uma copada arvore, que junto da casa estava, e dalli lhe mandamos pedir um pucaro de agua: mandou-nos dizer que a mandassemos buscar á fonte, porque a não tinha em casa. E ouvindo o companheiro razão tão desabrida, como falta de primor, me disse: Na verdade vos digo, que não ha cousa peor no homem, que a falta da cortezia. Por isso se diz (lhe disse eu) que o villão ruim não ha mister chocalho. Porque é certo, que a cortezia necessaria é dívida; affectada, cerimonia; e lisongeada, conveniencia.

Este vendeiro bem poderá ser que tudo ignore por montanhez, se já não é pela occupação em que está, porque como vê que lhe não resulta conveniencia alguma da nossa assistencia, tudo despreza: mas antes deseja não ter testemunhas de vista a sua ambição, e, para melhor dizer, furto. Porque me lembra ter lido no livro dos Sonhos de D. Francisco de Quevedo, na sua pragmatica do tempo, que diz assim: Mandamos, que no se llamen las vendas, vendas, sino hurtos: porque en ellas mas se hurta, que se vende.

Emquanto ao desabrido primor, menos cortezia e falta de caridade com que se tem havido comnosco este vendeiro: elle não sabe, nem tem obrigação de saber o valor e quilates da cortezia. É a cortezia uma virtude moral e mui necessaria aos homens, por ser um agrado aos olhos e um feitiço aos corações. É um esplendor a quem a observa, porque lhe argue uma nobreza e fidalguia. É um toque, que descobre a nobreza do seu sangue, vence ao odio e concilia ao amor. É o fundamento da amizade: esta se perde, ao tempo que aquella falta; vence, quando se deixa vencer; quando rendida, triumphá; ostenta-se ao inferior rendido, ao superior obrigado, e, sobretudo, sahe mais, quando com discrição se avincula a um luzido nascimento. Estas são as qualidades desta virtude moral da cortezia: e vêde o quanto é digna de ser observada e praticada no mundo entre os que a sabem estimar.

Na verdade vos digo, (me disse o companheiro) que muito folguei de vos ouvir publicar as excellencias da cortezia: e por isso, parece, anda esta virtude tão avinculada á fidalguia e ao estado Religioso. Porém, fallando dos effectos da liberalidade, (lhe disse eu) é esta joia de mais estimação, que pôde procurar qualquer animo generoso, que se preza de nobre e honrado, por serem tão sublimados seus quilates, que ainda a muitos humildes tem feito exaltar. E senão, vêde o que succedeu a um famoso Portuguez.

Era este assistente em Napoles, chamado Sebastião Cortiço, homem de grande negocio, porém, de nascimento humilde. E estando em Madrid, no tempo de Felippe IV, Rei de Castella, necessitava a Rainha, mulher do mesmo Rei, de cincoenta mil dobrões; mandou-os pedir sobre as suas joias ao dito Portuguez: tornou-lhas elle com a quantia dobrada, e a Rainha lhe mandou uma lembrança de consignação. Succedeu levá-la elle comsigo um dia de Reis, indo beijar a mão á Rainha, e ella, ou por favor ou por galanteio, lhe pediu Reis: tirou elle da cedula, ou lembrança, e a rompeu primeiro com reverente submissão e lha entregou, que importou da nossa moeda de hoje setecentos e cincoenta mil cruzados.

E que poucos Portuguezes desses, (me disse o companheiro) haverá hoje no mundo! Não digais isso, Senhor, (lhe disse eu) que os animos generosos não se consideram no muito que dão, porém

O PEREGRINO DA AMERICA

sim no primor com que offerecem. Este Cortiço, de quem fallamos, deu esse enxame, porque lhe ficou mais. Porém, eu conheci um mancebo, filho do Brasil, o qual por se lhe gabar um ginete em que viera montado, fez offerta delle a quem lho tinha enca-recido de bom: e sem embargo da repugnancia que lhe fez de o acceitar o que lho tinha gabado, lho deixou o mancebo com todos os arreios, e ficando a pé, nem por isso ficou menos airoso pelo bom termo com que o deu.

Mas fallando acerca dos miseraveis: Sabei que o misero não só nega a seu proximo o que lhe pede, mas tambem a si mesmo o de que necessita, porque em lhe faltando o que tem, não ha quem delle se compadeça. Digo isto pelo que vi acontecer a um homem que navegava em um seu barco das Villas do Sul para a Cidade da Bahia. Costumava este entrar primeiro pela barra de Jaguarippe, quando levava na sua embarcação farinhas para vender na Cidade: e por mais que lhe pedissem os moradores pobres daquelle rio, que lhe vendesse algumas para seu sustento, representando-lhe suas necessidades, nunca lhas queria vender. Succedeu que, vindo em certa occasião entrando pela mesma barra, como esta é arriscada e de perigo, pelos bancos de areia que tem, deu o barco em cima de uma corôa. E como se visse naquelle perigo, começou a bradar: e ainda que os que estavam em terra o ouviram, lhe não quizeram acudir, por saberem que era a embarcação daquelle miseravel, e alli se desfez e perdeu toda a carga que trazia. Não deixou de ser falta de caridade (me disse o companheiro) Assim é, (lhe disse eu) porém, como viviam tão escandalizados de seu máu termo, deixaram-o perder a fazenda, ainda que se salvaram as vidas.

Porém, não deixarei agora de referir um caso que vi succeder a um homem de bem fazer e agradecido. E foi, que se lhe queimou uma casa de palha e ficou na rua com sua mulher e filhos, porém, os vizinhos em menos de vinte dias lhe fizeram outra maior e de telha, dando-se-lhe os mais dos trastes, que se lhe tinham queimado: e chegou a dizer de gozo e agradecido, que havia males que vinham por bens, pelo que tinha experimentado do favor de Deus e dos homens. Não devia esse homem de ser máu Christão, (me disse

o companheiro) pois tanto se conformava com a vontade de Deus. Haveis de saber, (lhe disse eu) que o homem bem inclinado é predestinado e todos o estimam.

Mas tornando ao proposito do que nos succedeu com o vendeiro. Como fosse já tarde e se tivessem ido os que estavam na venda, nos resolvemos a lhe ir pedir agasalho. E chegando, com effeito lhe dissemos que fosse servido deixar-nos passar aquella noite em sua casa. O qual nos respondeu: Que a tinha muito occupada com os trastes da venda, porém que, se nos quizessemos accomodar na varanda, o podiamos fazer. Aceitamos o partido por não ficarmos na rua.

Chegadas as horas de nos agasalharmos, deitou-se o companheiro a dormir, ou por vir cansado do caminho ou pelo desvelo que tivera da noite antecedente, e fiquei eu acordado, rezando em umas contas. Ouvei então perguntar o vendeiro a um seu escravo, quanto tinha feito aquelle dia em dinheiro? Respondeu-lhe o escravo, que quatro mil réis. Pouco fizestes, a respeito dos mais dias (lhe disse o vendeiro) E assim mais lhe perguntou, quanta agua deitára no vinho e nas mais bebidas? Disse-lhe o escravo, que no vinho deitára duas canadas de agua e no vinagre tres: e que tambem caldeara a aguardente do Reino com a da terra. E logo lhe perguntou mais o vendeiro, se calcára com os dedos o fundo da medida de folha de Flandes em que media o azeite? (Porque fazendo cova pela parte de fóra no meio da medida, com o peso do licor se derrama e parece ao que compra que está cheia.) E finalmente lhe perguntou se lançára o vinho de alto na medida, para se derramar e parecer que estava cheia? Tudo fiz, Senhor, como Vossa mercê me tem ensinado (lhe disse o escravo). Pois assim has de fazer (lhe disse o vendeiro) porque nestas casas quem dá o seu a seu dono fica sem cousa alguma. Aqui se calou então o vendeiro e se foi agasalhar: e eu tambem me deixei levar do somno.

Não era de todo ainda dia, quando acordou o companheiro, para fazer a sua viagem: e despertando eu tambem, se despediu de mim com grandes demonstrações de saudosa companhia, e me

prometteu que, em havendo occasião, me avisaria acerca do estado que pretendia tomar, para se livrar da occasião da culpa em que estivera.

Em amanhecendo de todo o dia, sahi o vendeiro para a varanda e me deu os bons dias: ao que eu lhe correspondi cortezmente. Perguntei-lhe, que causa tinha para viver naquelle sitio tão retirado de povoado? Sabei, Senhor, (me respondeu o vendeiro) que haverá quatro annos que me passei da Cidade da Bahia para esta casa, a qual me vendeu um meu patricio, que nella morou seis annos com a mesma occupação de comprar e vender, e se embarcou para Portugal com seis mil cruzados: ainda que (segundo a noticia que tive) malogrados, porque se perdeu no mar em um navio, que do porto da Bahia partiu, o qual se presume que algum temporal o subverteu, pois até agora se não soube que chegasse a porto algum. Este, antes que se embarcasse, tinha sido meu hospede na Cidade, onde eu então residia com uma tenda de sapateiro, por ser este o meu officio: e vendo elle o pouco que eu lucrava, me inculcou este modo de vida. E largando eu a tenda, me resolvi a usar deste negocio, porque sempre ouvi dizer: Que quem compra e vende, não sabe o que dispende. E depois que aqui moro, me não tem ido mal, porque havendo quatro annos que assisto neste trato, já tenho grangeado mais de quatro mil cruzados. Vêde agora, se tenho razão para desprezar o officio e habitar neste lugar em que tão bem me tem ido, livre de almotacés e rendeiros, que me condenem.

Pois sabei, Senhor, (lhe disse eu) que nunca vos terei por menos aproveitado e mais perdido, que na occupação presente. Como assim, Senhor? (me perguntou o vendeiro) Dir-vos-ei. (lhe disse eu) pelo que ha pouco acabastes de dizer: Que quem compra e vende, não sabe o que dispende. Agora vos explicarei, que o que comprais é o Inferno, e o que dispendeis é a vossa alma. Fundo esta minha razão no que vos ouvi tratar e fallar esta noite passada com o vosso escravo, tanto em prejuizo de vossa salvação, pelo engano e malicia, com que vendeis áquelles que vos vêm comprar, porque estais furtando aos vossos proximos, sendo isto um peccado contra a justiça e a razão, pois tomais as cousas alheias

contra a vontade de seus donos, e contra a justiça commutativa, que é dar a cada um o que é seu.

E sabei que todos os peccados mortaes se podem chamar grandes, porque privam ao homem da vida eterna e o levam ao Inferno: porém, o furto, pelo que tem de circumstancias que d'elle resultam, é muito para temê-lo. Judas, pelo uso que tinha de furtar daquillo que se dava para o necessario dos sagrados Apostolos, veio a vender a seu divino Mestre. Os ladrões começam por cousas poucas e vêm depois a pôrem-se nas estradas a roubar e matar, ainda a homens que nunca viram, nem lhes fizeram mal algum, só pelos roubarem.

Pelo que veio a dizer S. João Chrysostomo (*in Epist. 2 ad Corint.*) que os que furtam os bens alheios, são peiores que as feras e que os demonios, e como taes os deviam riscar do catalogo dos homens. Porque as feras, quando accommettem aos outros animaes, em estando satisfeitas os deixam: porém os que furtam de nenhum roubo ficam satisfeitos, porque ficam com fome para fazerem outro: e quanto mais roubam, mais sêde têm de furtar. Os demonios não fazem mal uns aos outros, mas só aos homens, que não communicam com elles: os ladrões a todos furtam e fazem damno aos parentes, amigos e conhecidos. E assim deviam ser alistados no numero das feras e demonios, pois são peiores que elles, e em vez de ajudarem aos proximos em seus trabalhos, lhes causam outros maiores, tirando-lhes a fazenda com que se podiam sustentar e ainda a mesma vida. E se não, vêde.

Pirata houve tão deshumano, que chegou a atar um homem a uma arvore, abri-lo pelos peitos com um alfange, tirar-lhe o coração e dá-lo a comer aos da mesma nação do que tinha feito o maleficio: só por lhe não querer mostrar o caminho, por onde pretendia seguir o seu depravado intento de roubar. Outro houve tão insolente, que fez arder uma Cidade com violento fogo. E não menos se mostrou tyranno outro Pirata, que pôs fôgo a uma Armada. Além de outros atrozes casos e insolencias, que elles fizeram no mar do Sul, como melhor se poderá ver no Livro intitulado: *Dos Piratas da America* (1). E por isso vêm a ser castigados por

O PEREGRINO DA AMERICA

Deus, e ainda no mundo pelas Justiças, como actualmente estamos vendo e ouvindo contar.

É este vicio de furtar o mais aborrecido que ha no mundo: até os Gentios, faltos da luz da Fé e só levados da razão, o abominavam e abominam ainda hoje. Pythagoras, com ser Gentio, dizia que em nada se pareciam os homens com os deuses immortaes, como em não furtarem e tratarem verdade. O Gentio barbaro de Angola castiga rigorosamente, quando acha a um negro comprehendido em algum furto (2) Os Índios do Brasil, ha certa nação delles, que atam aos ladrões em uma arvore, e tres dias os têm naquelle supplicio, sem lhes darem o sustento (3).

Não exponho aqui os horrendos castigos que tinham e têm estes taes ladrões em varias nações do mundo, em pena de seus delictos, por me não dilatar: e só direi, que Republica houve, que lhes mandava cortar os braços; outra, os narizes. E ainda no nosso Reino de Portugal, nos tempos passados, os marcavam na cara, para que fossem de todos conhecidos por ladrões: até que a piedade dos nossos Reis determinou que fossem marcados nas costas (4), porque, se tivessem emenda, não fosse a todos manifesto o seu delicto.

Porém o de que mais me maravilho, é de que vivam estes homens, que têm por uso furtar, como o peixe na agua, sem remorsos da consciencia, nem sobroços do grande risco de sua salvação: os quaes ainda que tenham muita agua em cima de si, e que estejam mettidos no profundo pelago do mar, nada lhes faz peso.

Pois, Senhor, (me disse o vendeiro) se succeder a um homem, para se augmentar em bens, tratar deste ou daquelle negocio com algum encargo, não lhe bastará que na hora da morte faça seu testamento e deixe encommendado a seus testamenteiros, que lhe comprem algumas Bullas de composição, para satisfazer o que tem mal levado? Dizei-me, Senhor, (disse eu ao vendeiro) ouvistes já dizer aquelle rifão: Mouro, o que não pôdes haver, dá-o pela tua alma? Sim, ouvi (me disse elle). Pois sabei, (lhe disse eu) que assim se pôde dizer destas disposições de testamentos. As Bullas de composição são muito bôas para se comporem as partes, quando um não sabe o que tem furtado, nem tampouco esteve com animo deliberado de roubar o alheio.

Porque, diz Santo Thomás, Navarro, Valencia e Solino, que o alheio convém que se restitua logo, quando o que o tomou injustamente tem bens, com que o possa fazer. Finalmente, não fica escuso o que injustamente possui e tem furtado com usuras, tratos e distratos, tendo fazenda, senão quando restitue: por ser o furto peccado mortal de sua natureza, opposto á virtude e contra a justiça. Acham-se nelle dois aggravos: um, que se faz a Deus, quebrantando a sua santa lei, e outro ao proximo, tomando-lhe a sua fazenda. O aggravo, que se faz a Deus em furtar, perdôa-se por meio da Confissão e penitencia: o que se faz ao proximo, só se repara com a restituição. E não basta confessar a culpa, se não se restituir podendo: nem se satisfaz só com restituir, sem confessar o furto.

Não só está obrigado a restituir o que faz o furto, mas também os que cooperaram no damno, como são os que mandam furtar ou aconselham e consentem no furto, tendo obrigação por seu officio evitá-lo. Também está nesta obrigação o que guarda e encobre a cousa furtada, o que acompanha ao ladrão e o que participa daquillo que se furtou.

E não vos pareça que, por furtardes pequenas quantidades, não fazeis um furto grande. Porque dizem os Autores, que escreveram desta materia, que, para um furto ser peccado mortal, não é necessario que se tome quantidade notavel de uma vez, mas basta que se tome muitas vezes, como costumam fazer os criados a seus amos e os vendeiros ao povo. E por isso permite Deus que se vejam evidentes castigos, para confusão destes taes e emenda de todos.

E se não, ouvi o caso, que conta Cesario (*lib. 10, cap. 31.*) de um distillador de aguas, que vendia agua da chuva por distillada. Estando este para morrer mandou chamar um escrivão e testemunhas e ordenou seu testamento nesta fórmula: Deixo todos os meus bens a minha mulher, e o corpo á terra e aos bichos, porém, a alma ao diabo, para que a atormente perpetuamente. Ficaram pasmados os circunstantes e o admoestaram que não fizesse tal testamento; mas elle, obstinado, disse o que Pilatos pronunciou: *Quod scripsi, scripsi.* (*Joan. 19. 22.*) Perguntaram-lhe: porque

dava a sua alma ao demonio? Respondeu: Porque enganei muitas vezes aos meus proximos, vendendo-lhes agua da chuva por distillada, e assim não tenho esperança de remedio. E encomendando-se a Satanaz, expirou. Foi seu corpo sepultado em um lugar immundo, onde o diabo faz taes cousas e tão horrendas, que ninguem se atreve a chegar áquelle lugar.

E para confirmação disto que vos digo, ouvi o lastimoso caso, que aconteceu, ha bem poucos annos, na Cidade da Bahia, na Praia, onde chamam o Cães do Sodré (5). Havia uma mulher, que vendia varias cousas comestiveis e de beber: e tinha por uso misturar aguardente da terra com a do Reino e agua da fonte com o vinho. Uma noite, estando nesta occupação diabolica com uma sua escrava deitando agua na aguardente: chegando com a candeia acceza, para ver pela parte do furo superior se estava cheia a barrica, succedeu cahir-lhe dentro um pingo de azeite: e como ia com o lume da candeia, pegou logo na aguardente e começou a arder. E vendo a mulher e a escrava a labareda que sahia pelo buraco da pipa, tiraram-lhe o torno para a vazarem: e quanto mais vão lhe ficava, mais ardia, até que rebentou a barrica com o demasiado fogo. E como estavam perto a mulher e a escrava, ficaram queimadas, de sorte que a escrava logo morreu e a Senhora dalli a tres dias, com grandes dores e gritos, dizendo que lhe parecia estava já em vida ardendo no inferno. E verdadeiramente que é gravissimo peccado furtar e roubar um Christão ao seu proximo, com semelhantes enganós, faltando á Lei Divina e humana: porque ainda na Lei natural se manda, que o que um não quer para si, o não faça a outro: *Quod tibi non vis, alteri ne feceris*.

Outro caso vos hei de referir acerca do furto e ambição, que succedeu haverá vinte e cinco annos. Havia um barqueiro, que tinha uma sumaca, em que navegava das Villas do Sul para a Cidade da Bahia e carregava farinhas para vender ao povo: e como então havia falta dellas e se lhes tinha posto taxa, que se não vendessem por mais de seiscentos e quarenta réis o cirio (6), entrava elle com a sua embarcação de noite e nesse tempo vendia as farinhas como queria por mui alto preço. Em uma viagem, vendo o barqueiro que tomava a barra com dia e que não poderia fazer o

seu negocio e furto ao povo sem ser visto, fez-se na volta do mar, até que chegou a noite. Entrou um forte temporal, que fez escurecer a terra: e cuidando o barqueiro que entrava pela barra, foi dar em uns arrecifes junto da ponte de Santo Antonio (7), onde se perdeu a sumaca e toda a carga que trazia, que eram mais de quinhentos cirios de farinha, além de outras miudezas, e só escapou um passageiro, que contou do animo com que vinha o barqueiro. E desta sorte tem succedido a muitos, que se não contentam com o ganho licito, e por isso vêm a perder tudo e ainda a mesma alma.

Outro caso vos contarei, succedido ha menos de vinte annos. Navegava um homem da Cidade da Bahia para a Villa do Camamú em uma sumaca sua, na qual costumava levar varias fazendas, assim seccas, como molhadas, e com ellas fazia muitos negocios com aquelles moradores. Succedeu, que estando na barra da dita Villa com a sumaca surta para fazer viagem para a Cidade, chegou um Indio da terra, o qual lhe vendeu uma bola de ambar (8), que teria mais de meia arroba de peso, por trinta mil réis, pelo Indio ignorar o que vendia e a sua estimação: e assim se ficou o barqueiro com o ambar, que depois vendeu por seu valor. E como se visse com bastante cabedal, embarcou-se para Portugal com mais de vinte mil cruzados: mas chegando á barra do Porto, perdeu-se o navio e todo o cabedal que levava, e sahindo em terra nú, sem nada, foi para sua casa, como desesperado. Adoecendo dahi a poucos dias, o foram visitar alguns amigos: e querendo-o divertir da pena, respondia: Eu não tenho sentimento do que perdi, senão de que tendo com que pudera satisfazer o que devia, não restituisse a tempo, como se me mandou. E com esta continua acabou a vida, sem se querer confessar, nem tratar de sua salvação. E por isso se diz, que defender o proprio, é acerto; e querer o alheio, nem é justiça, nem razão: porque como este se possui com má fé, nem se logra com descanso, nem chega a terceiro possuidor, porque tem descaminho.

Senhor, (me disse o vendeiro) em grandes escrupulos me tendes mettido. O que agora vos peço é, que me deis algum remedio, para poder restituir a tão diversas pessoas o que lhes tenho mal levado, depois que vivo deste trato de comprar e vender.

O PEREGRINO DA AMERICA

Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que mui difficultosa cousa me parece dar-vos remedio ao que me pedis: porque ainda os melhores Moralistas lhe acham grande difficultade, para darem solução e inteira restituição a esse damno. E confesso-vos verdadeiramente, que materia é essa, que eu antes quizera ouví-la e aprendê-la, que praticá-la ensinando-a: porque, por mais que se acerte em semelhantes restituições, nunca poderão ficar cabalmente satisfeitas as partes prejudicadas. Costumam muitos mandar aos que se acham com semelhantes encargos, que os satisfaçam com mandarem dizer Missas e repartir esmolos com os pobres e outras semelhantes obras pias. Porém, não desprezando tão prudentes conselhos:

Digo, que se houvera certa sciencia de que essas pessoas eram fallecidas e não tinham deixado herdeiros, em tal caso assentava tudo isso muito bem. Porém, na consideração de que esses sujeitos existem, e vão continuando em mandarem comprar á vossa venda: sou de parecer, que os vades avantajando na medida, e que não useis mais de bebidas e licores falsificados para vender ao povo.

Isto supposto: o melhor conselho, que vos posso dar de caminho, é que logo vos vades confessar com um Confessor douto, prudente e virtuoso, que vos soffra e queira ouvir as grandes offensas, que tendes feito a Deus e a vossos proximos: e tomai o conselho que elle vos der, com proposito de vos aproveitar.

Na verdade, Senhor, (me disse o vendeiro) que não sei com que palavras vos signifique o quanto vos estou obrigado. Agora conheço que estou no inferno pelos grandes peccados que nesse particular tenho commettido, porque não só roubei a este povo com a venda, mas tambem pelo negocio de usuras no dinheiro que dei a alguns homens, que mo pediram por emprestimo, com a condição de vinte e de trinta por cento, e ficando-me penhores em meu poder.

Pois Senhor, (lhe disse eu) quem busca a fonte para se lavar, ou o Medico para se curar, lava todas as immundicias e conta todos os achaques. Tomai o conselho que vos tenho dado e relatai com toda a clareza as vossas culpas ao Confessor, e usai dos seus avisos, que eu vos prometto que Deus vos acudirá como tem socorrido a muitos. Porque tambem Zaqueu foi onzeneiro, mas pediu perdão a Christo Senhor nosso, soube arrepender-se e foi per-

doado, porque tomou o conselho que o mesmo Senhor lhe deu. Porem, ficai certo, que estando vós nesse officio, sem restituir podendo, vos é impossivel a salvação. Porque, se o Bom Ladrão foi perdoado, além da dita de achar uma occasião, que não succederá outra vez jamais no mundo, morreu pobre e crucificado, com muita fé em Deus e com grande humildade: e como não tinha com que restituir e resarcir os damnos, que tinha feito a seus proximos, perdoou-lhe Deus.

Pague-vos Deus (me disse o vendeiro) os saudaveis conselhos que me tendes dado. Eu vos prometto, com o favor divino, de me aproveitar delles, deixando este trato em que estou e tornando ao meu officio, para me sustentar e passar a vida, ainda que não seja com tão grandes lucros, por me livrar dos encargos de consciencia em que me vejo, segundo o que me tendes declarado. E oxalá houvera quem mais cedo me advertisse, para que eu conhecesse o grande perigo em que estava da minha salvação.

Muito folgo, Senhor, (lhe disse eu) de vos ver tão conforme com os avisos, que vos tenho feito: e assim ha de querer Deus conservar-vos em seu santo serviço, para que alcanceis o premio da Bemaventurança.

Alli passei todo aquelle dia, e noite seguinte, em companhia do vendeiro, fazendo-me elle mui bom agasalho. E logo que appareceram as primeiras luzes da aurora, delle me despedi: o qual com demonstrações de cordial affecto me disse, que só lhe ficava a pena de mais tempo me não poder ter em sua companhia. Respondi dizendo-lhe, que melhor era solicitar a de Deus: e que esta estivesse sempre em nossos corações.

NOTAS AO CAPITULO XVII

(1) O livro *Dos Piratas da America*, é tradução de John Esquemeling, *Bucaniers of America*, London, 1634-5.

(2) O roubo entre os angolenses acabava castigado, como os demais crimes na Africa portugüesa, com a pena da escravidão, vendendo-se aos "pombeiros", para o Brasil, os delinquentes... Queixa-se um autor, aliás, da frouxidão dos juizes: "Um pequeno roubo, uma ratonice, qualquer bulha, são punidos os agressores pela inspecção militar, dimanada do Quartel Ge-

O PEREGRINO DA AMERICA

neral, e se lhes perdôa por costume três, quatro e mais vezes" (Elias Alexandre, *História de Angola*, I, 77).

(3) Realmente os índios do litoral brasileiro tinham a propriedade privada, dos objetos usuais, e o seu coletivismo, dos demais bens, se ajustava às necessidades dos pequenos grupos ou tribus (Vd. Estevão Pinto, *Os índios do Nordeste*, II, 335, S. Paulo, 1938).

(4) O ferrêto aplicado ao ladrão figurava entre as "penas vis", *Ordenações*, liv. V, tit. 108, com o nome de "marca nas costas", Pereira e Souza, *Lin. Crim.* nota 521, Candido Mendes, *Cod. Fil.*, p. 1315.

(5) Cães do Sodré pôde ser nome inspirado pelo de Lisboa. Rua do Sodré, porém, na Bahia, vem de Jeronimo Sodré Pereira (Vd. Jaboaão, *Cat. Geneal.*, p. 333), que se casou com D. Maria Ravasco, irmã do padre Vieira, (Vd. carta deste, de 4 de Agosto de 1671) e chegou a mestre de campo do Terço Velho, 28 de Fevereiro de 1698. Faleceu em 9 de Novembro de 1711, Miralles, *op. cit.*, p. 47, data que se lê na sua lápide da igreja de Santa Teresa. Fôra soldado distinto na campanha do Alentejo. (Vieira, *Cartas*, I, 409).

Uma carta régia de 1737 indicava: "intentando o Reitor do Colégio da Companhia dessa cidade fabricar um caes, na testada das casas que o mesmo colégio possui no sitio da marinha, que medeia entre os dous caes, chamados do Lixo e do Sodré..." (Inácio Accioli, *Memorias Hist. e Politicas da Prov. da Bahia*, II, 174-5). O sitio do caes do Colégio ainda hoje se chama "Guindaste dos Padres"

(6) A carestia das farinhas na Bahia suscitou constantes medidas repressivas dos abusos de comércio e acauteladoras da boa distribuição do que era "o pão do pobre". A proibição, em 1701, da criação do gado numa faixa de dez legoas dos terrenos ribeirinhos, e a construção dum armazem para depósito das farinhas vindas das vilas do sul, em 1706 (Accioli, *op. cit.*, II, 151) atenuaram a escassez periodica do alimento. Coube a D. Rodrigo José de Menezes e Castro, 48º governador da Bahia, oferecer a melhor solução ao problema, que foi a criação do Celeiro Publico (9 de Setembro de 1785), aprovado e regulamentado pela Carta-regia de 25 de Agosto de 1807 (Accioli, *op. cit.*, III, 15).

(7) A ponta de Santo Antonio fôra fortificada em 1598 pelo governador geral D. Francisco de Souza, que aí fez levantar um baluarte, mais tarde aprimorado e incluído no sistema defensivo da cidade pelo modelo do forte de São Julião da Barra, em Lisboa, como em 1714 escreveu o vice-rei marquês de Angeja. (Braz do Amaral, *notas* a Accioli, II, 321). Desde as lutas holandesas esse forte teve um farolêto, util á navegação, que é perigosa nas suas proximidades em razão dos baixios, que exigem se afaste muito de terra naquela entrada do golfo — e tambem necessario aos avisos semafóricos instalados nos pontos dominantes da costa, entre Garcia d'Avila, Itapoan, Rio Vermelho, a Barra e a ribeira da cidade. Em 1833 foi essa luz substituída pelo farol monumental, que subsiste. As efemérides de desastres marítimos organizada pelo almirante Dario Paes Leme de Castro indicam os seguintes á altura da ponta de Santo Antonio da Barra: 1876, vapor Germania, mesmo ano, vapor Moskwa, 1910, vapor Cabo Frio... (Vd. Ministério da Marinha, *Subsídios para a História Marítima do Brasil*, p. 331, vol. 1º, Rio 1938).

NUNO MARQUES PEREIRA

(8) “Que muitos homens se fazem ricos neste Brasil com soma de ambar, que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos quantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta copia dele, que a muita quantidade lhe fez duvidar o poder ser o que tinha achado ambar, e o reputou por breu ou pez, e como tal se poz a brear com ele uma barca...” “*Dialogos das Grandezas do Brasil*, ed. da Acad. Bras., p. 148. Anota Rodolfo Garcia: “O ambar é uma concreção intestinal do cachalote (*Physeter macrocephalus*) que, depois de expelida, é encontrada nas praias, ou flutuando sobre as aguas” (*Dialogos cit.*, p. 169).

CAPITULO XVIII

Do oitavo Mandamento. Trata-se muita doutrina e se reprehende o vicio da murmuração. Dissuade o Peregrino com varios exemplos a tres murmuradores, que achou murmurando: e aconselha o como se deve livrar deste vicio.

JÁ a este tempo appareciam no Oriente os primeiros raios de luzes, que como archeiros daquelle Rei dos Planetas, fazendo praça, alimpavam o grande espaço do Céu, sem guardarem respeito das brilhantes estrellas, que por elle andavam espalhadas, na confiança na noite: e finalmente desapareceram todas, sem haver alguma, que por mais luzente quizesse resistir, nem apparecer diante desse Monarcha das luzes.

Tambem me alentavam os cheiros das flores silvestres, as quaes, ainda que lhes faltava o cuidado de serem cultivadas, se estavam animando com o succo da terra, que lhes communicava o rocio da noite, e distillando fragrantés aromas faziam uma excellente ambrosia. E assim fui continuando aquelle caminho.

Seriam já quatro horas da tarde, quando vi em um verde campo uma casa, e, junto della, assentados debaixo de uma arvore, tres homens: e assim como os avistei, os fui buscar, os quaes me receberam com grandes demonstrações do cortejo. E offerecendo-me assento, um delles, que me pareceu ser o dono da casa, me disse: Que lhes concedesse licença, para pôrem fim a uma conversação de gosto: e que tambem a poderia eu ouvir, se fosse servido.

E continuando um dos tres, disse: Este sujeito, de quem fallamos, me certificaram que, depois de ser moço de mulas em Portugal, veiu degradado por Ladrão para estas partes do Brasil: e

achando cá quem lhe dêsse mulher, teve della duas filhas; e assim da mulher como das filhas está sendo consentidor. Tanto não ouvi eu. disse o segundo hospede; porém, o que se me tem affirmado, é que uma das filhas já está livre dos primeiros partos. Por isso talvez que seja elle tão bem affortunado, disse o dono da casa: porque é certo, que quem não tem vergonha, todo o mundo é seu. Repliou o segundo hospede: Eu lhes prometto a Vossas Mercês, que brevemente lhe serei occasião de se lhe pôr uma demanda por uns bens, que rematou em praça por menos de seu valor. A isto respondeu o primeiro hospede: E será muito bem feito, só por lhe dar que sentir.

Bem sei, Senhor, (me disse o dono da casa) que com muita razão tereis feito reparo no que nos ouvistes fallar: porém, como isto toca em historia, lhe quizemos dar fim. Além de que, lá disse um discreto, que a murmuração é o sal da conversação. Mas agora vos peço que me digais o que sentis do que nos tendes ouvido.

Senhor. (lhe disse eu) sempre ouvi dizer, que fallar mal, é baixeza; dizer bem, bondade; manifestar a verdade, nobreza; fallar sem necessidade, ignorancia; calar a seu tempo, prudencia; estar mudo quando se deve fallar, cobardia. Fundado pois nestas sentenças, me atreverei a responder ao que me perguntais acerca do que sinto da vossa conversação.

Primeiramente haveis de saber, Senhores, que é o vicio da murmuração tanto contra Deus e contra o proximo, que, ainda que não fôra prohibido no Decalogo, devia ser abominado de toda a creatura racional pela sua grande vileza e aborrecimento que a todos causa. E até o mesmo Deus se offende e aborrece, como diz o Apostolo S. Paulo, affirmando que os murmuradores são aborrecidos de Deus (*Ad Rom.* 1. 30.)

E emquanto ao que respeita ás creaturas: vêde se pôde haver cousa de que mais se offenda um homem, que de ouvir dizer que delle se falla mal, diminuindo-se-lhe o seu credito e bôa fama e ainda a mesma honra. Por isso disse Santo Agostinho, que mais offenderam a Christo Senhor nosso seus inimigos quando delle murmuraram do que quando o crucificaram. Deu o Santo a razão: Porque seu santissimo corpo padeceu o tormento da Cruz, porém,

a murmuração attendia a deslustrar-lhe sua honra e, por conseguinte, a alma era a que sentia esta pena.

E por esta razão são mui parecidos os murmuradores com os Judeus, e não menos que com os mesmos Demonios: porque não dizem nada, que não seja com mentira e enganoso equívocos, e por fim vêm a ficarem confundidos e envergonhados e todos os que lhes dão ouvidos.

E para prova do que vos digo, vêde o que succedeu com Christo Senhor nosso. Disse o mesmo Senhor, falando do Santissimo Sacramento: Se não comerdes da minha carne e beberdes do meu sangue, não tereis vida eterna. Começaram os Judeus a murmurar de Christo nosso Bem; e diz S. João (*cap. 6. v. 53*) que os Judeus litigavam uns com outros sobre o caso: e era isto uma refinada calúnia e murmuração, que andavam urdindo e maquinando, para depois a pôrem em pleito como puzeram diante de Pilatos. Porque diziam: Como pôde este dar-nos a comer sua carne? Não é possível. E que lhes resultou desta murmuração e calúnia? Digam-no elles mesmos, que bem o têm experimentado.

Sabeis de quem murmuravam estes homens? Não murmuravam menos, que dos milagres de Deus: porque o Autor dos milagres é Deus, como diz David (*Ps. 71. 18. e 135. 4.*) e os sujeitos dos milagres são as creaturas. E ainda se não querem emendar estes homens de serem murmuradores. Lembrem-se do que lhes succedeu quando murmuraram contra Moysés, e dos castigos que lhes vieram: e das mais vezes que murmuraram contra a divina providencia. Porque consta da Sagrada Escritura, que tirou Moysés do Egypto seiscentas mil almas, não contando as mulheres nem os homens de vinte annos para baixo: e de todo este numero, só dous chegaram á terra de promissão, Josué e Caleb. E qual foi a causa? A sua murmuração contra Deus. Não lhes quero citar o texto, porque elles mui bem o sabem: assim o soubessem elles entender e melhor observar, porque sempre entenderam a Escritura ás avessas, por seus peccados.

Diz S. Jeronymo, que se não houvesse quem ouvisse aos murmuradores, não haveria murmuração. E assim parece: porque bem desejara algum ter com quem fallar e murmurar; porém, como o

não querem escutar, cala-se por força. Por isso nos quiz Christo. Bem nosso dar esta doutrina, quando estavam os Judeus murmurando contra sua santa innocencia e dizendo-lhe tantas ignominias. Perguntou-lhe Pilatos: Não vês quantas testemunhas tens contra ti? Como te não defendes? Foi mysterioso o silencio, com que Christo Senhor nosso então se houve: porque, como a culpa daquelles homens era uma murmuração sacrilega, não quiz responder: para que se não dissesse no mundo, que dava ouvidos aos murmuradores. E já em outra occasião os tinha reprehendido o mesmo Senhor, dizendo-lhes: Não sejais murmuradores em minha presença. (*Joan. 6. 43.*)

Sabeis porque se castigam os Judeus pela maior parte? Por murmuradores. Ajuntam-se uns com outros e começam a murmurar. E de quem vos parece que murmuram? De Christo Senhor nosso e de seus Santos e Ministros. E que lhes succede destas murmurações? Castigá-los a Santa Inquisição, serem de todos aborrecidos e vituperados e depois castigados no inferno.

Isto não é murmurar eu delles, nem lançar-lhes em rosto estas culpas com desprezo; porém, sim, advertí-los e avisá-los, para ver se se pôde curar esta terrivel enfermidade: que não pôde haver outra maior no mundo. Porque tambem os Cirurgiões cortam e cauterizam, para livrar aos enfermos de muitos perigos e enfermidades: e sendo esta da alma, com maior razão se lhe deve acudir: e queira Deus que aproveite, conforme o zelo com que o advirto. Porque seria eu peor que o mesmo Demonio, se reprehendendo o peccado e inculcando a virtude, me mettesse na mesma culpa de murmurar e anniquilar ao proximo (se é que se pôde chamar proximo quem deste modo obra). Demais, que eu só fallo dos que obram mal, e não dos que merecem louvores: porque estes taes, pelo seu bom procedimento de Catholicos e bons Christãos, não lhes ha de faltar Deus com a sua divina graça e misericordia, dando-lhes nesta vida muitas estimações entre os homens e na outra o premio da gloria.

São tambem mui parecidos os murmuradores com os Demonios, pelas calumnias e mentiras causadas de inveja, que fabricam em odio dos homens, como experimentaram os nossos primeiros Pais

com a Serpente infernal, logo no principio do mundo. E foi o caso: que sahindo Eva ao vergel do Paraiso, toda trajada de gloria, convidada do sitio, foi estendendo o passeio por entre plantas e flores e mui vistosos pomos, vendo as crystallinas aguas. As arvores lhe faziam verde docel de esmeraldas, as flores lhe alcatifavam o prado, os pomos a convidavam; a fonte, já de admirada, parava pela ver retratada em seus crystaes; os animaes, absortos de verem tanta belleza, lhe rendiam adorações; as aves com sonora melodia a festejavam, por cuidarem que era a Aurora, que por aquelle horizonte vinha subindo; resultando-lhe tudo isto de ser uma creatura tão perfeita e bella, como feita pelas mãos de Deus; competindo nella o assombro com a admiração, a galla com a graça; condigna por certo de toda a veneração; pois era a maravilha unica, que se via naquelle alegre jardim. Mas este prospero estado lhe durou pouco: porque é sabido, que o mal sempre está de assento, e o bem traz azas comsigo.

E vendo o Demonio tantas adorações feitas a uma creatura, cheio de raiva e inveja, começou a murmurar com seus sequazes, e maquinar uma refinada traição e calumnia contra Eva, pela ver com tantas excellencias, entregue a toda a lisonja: e logo suppôz que lhe havia de dar ouvidos, porque tanto folgava de apparecer. E transformando-se em uma Serpente, porém com bôa cara, (que é o que costumam fazer alguns murmuradores, para melhor encobrirem a sua diabolica tentação), mettendo a Eva em conversação, lhe perguntou: Porque não comia do fructo da arvore da Sciencia do Bem e do Mal? Respondeu-lhe Eva: Porque Deus nô-lo tem prohibido. Replicou-lhe a Serpente: Sabeis porque Deus vô-lo prohibiu? Porque, comendo-o vós, e vosso esposo, haveis de ficar semelhantes a Deus. Creu Eva de ligeiro, como mulher, o que a Serpente lhe tinha dito enganosamente, e foi logo com o alvitre a Adão, a persuadí-lo, para que comesse do fructo vedado, comendo-o ella primeiro.

E como Adão tanto amasse a Eva, sem reparar no preceito que lhe havia posto Deus, comeu do pomo, e por essa causa se viu logo despido da graça de que Deus o tinha vestido, e foi lançado do Paraiso, fazendo-nos a todos ficar sujeitos ao peccado original. ex-

postos a padecer tantos trabalhos e infortunos, quantos são os que experimentamos nesta miseravel vida.

Oh quantos homens, cegos de um appetite e induzidos de uma mulher, por lhe fazerem a vontade, desprezam a Lei Divina, vindo por esta causa a experimentar tantos trabalhos e muitas vezes perdendo a vida e a mesma alma, que é o que mais se deve sentir!

E tomem tambem as mulheres exemplo deste lastimoso caso, que succedeu a nossos primeiros Pais. Porque, se Eva estivera em companhia de seu esposo, nem o Demonio teria occasião de a enganar, nem ella seria a causa de fazer peccar a Adão. E assim, as mulheres casadas, que se quizerem conservar em serviço de Deus, e em paz com seus maridos, fujam de semelhantes passeios e conversações de gente de máu procedimento, e vejam que ainda hoje ha no mundo Serpentes com bôas caras. Grande doutrina se me offerecia neste particular: porém, como vou a mostrar-vos as destrezas e astucias do inimigo infernal, não me posso deter. E assim, para que conheçais quem é o Demonio e o que succede a quem delle se fia, ouvi o seguinte caso.

No tempo que pediu pazes Castella a Portugal, depois das guerras, que tinham precedido por causa da felicissima Acclamação do nosso Rei D. João IV (1), ficaram alguns Soldados nas fronteiras de Flandes em defensa do Rei de Castella. Entre elles se achou um muito humilde de geração, porém, com espirito guerreiro, ou, para melhor dizer, interesseiro: o qual invocando ao Demonio para que lhe dêsse bom successo nas armas, appareceu-lhe promptamente o Demonio, por lhe conhecer o animo. Assentaram no pacto: Que havia de ser com condição, que não acceitasse posto somenos daquelle, que estivesse exercitando na guerra. E como tudo isto eram conveniencias do Soldado, conveio no concerto: e tratando do exercicio militar, subiu a tanto sua fortuna diabolica, que em breve tempo chegou a ser Mestre de campo. Houve occasião de pôrem cerco a uma Praça murada: e subindo um Sargento por uma escada, lhe deitaram de cima uma panella de rezina quente, que o fez descer a tombos. Vendo o Mestre de Campo que o Sargento se descia com a dôr da rezina, pegou na alabarda, chamando-lhe fraco: e subindo pela escada, aos primeiro degráus lhe dispa-

raram os contrarios um arcabuz, e cahiu em terra passado de balas. Estando naquelle transe, lhe appareceu o Demonio: e dando uma grande risada, que dos circumstantes foi ouvida, lhe disse o moribundo: Enganaste-me. Respondeu o diabo: Tu és o que te enganaste, porque tomaste o posto inferior do que servias. E com razão: porque desde que delle se fiou, logo ficou enganado. Aqui tendes as destrezas e equivoccos, com que trata o Demonio de enganar aos homens. E assim são tambem todos aquelles, que com ditos equivocados e apparentes razões vivem no mundo, enganando a seus proximos com mentiras e enredos.

Só de Deus se deve fiar tudo, porque nunca falta, por ser a summa verdade. Pergunte-se a S. Pedro: Se não fôra o crer elle uma verdade de Christo Senhor nosso, quando lhe disse que, antes que o gallo cantasse tres vezes, o negaria, o que lhe ia succedendo? Mas como S. Pedro foi sempre homem de muita verdade, por isso lhe succedeu tão bem: porque lá disse a Christo seu Divino Mestre, que verdadeiramente era Filho de Deus (*Matth.* 16. n. 16). E por fallar verdade, mereceu ser Principe da Igreja e estar gozando da Bemaventurança.

Judas, pelo contrario lhe succedeu: porque como sempre foi mentiroso, aleivoso e murmurador sacrilego, por murmurar de Christo nosso Redemptor, e em outra occasião da Magdalena, e dos mais discipulos com os Judeus, veio a morrer enforcado, por se ver fôra do Apostolado e desprezado dos mesmos Judeus: e até a alma, parece, lhe não quiz sahir pela bocca, nem passar pela lingua ou tocar nos dentes, por ser a bocca do murmurador horrenda, a lingua espantosa e os dentes peçonhentos.

Muito é para se temer a bocca de um murmurador, porque ainda depois de morto, e de estar no inferno, não deixa de offender. Conta o Autor do Livro *Espelho de Exemplos*, que houve um Clerigo grande murmurador: o qual, sendo condenado ao inferno por sua depravada lingua, depois de lá estar, vomitava um cheiro tão intoleravel, que atormentava ao Bispo, pelo não ter castigado em vida.

E vejam lá os Sacerdotes e ainda os Religiosos o como se hão em suas conversações: pois tendo obrigação de as dirigir todas a

maior gloria de Deus, costumam muitos dar gosto ao Demonio e ruim exemplo aos Seculares: e por esta causa dizem alguns: Que muito é que nós murmuremos, quando tambem os Padres murmuram! Procede isto muitas vezes da pouca cautela que têm os Ecclesiasticos nas conversações em presença dos Seculares. Porque, se verdadeiramente bem soubessem o estado que têm, andariam continuamente dando milhares de graças a Deus, considerando-se que são Anjos em carne mortal, pois com estes comparou S. João Chrysostomo os Sacerdotes. E sendo assim, não lhes negariam os Seculares aquelle respeito, que a tão alta dignidade se deve.

Infeliz é aquella casa, ou Republica, onde tão lastimosamente reina este vicio, que ninguem se pôde prometter segurança em seu bom procedimento, porque se levanta a calumnia contra o innocente, a vingança contra o proximo, o descredito contra o bem procedido, a deshonra contra a virtude e a traição contra a sinceridade; a verdade se occulta, o credito se mancha, a modestia se vitupera, a prudencia se anniquila e, finalmente, não vale a virtude, nem pôde escapar o mesmo justo.

Que ruinas não têm padecido as familias, que aborrecimentos as gerações, que desgraças os innocentes por causa da murmuração! Que honras, vidas e fazendas não têm destruido as linguas dos murmuradores por um falso testemunho! Se se houvessem de referir, era necessario mui largo tempo. E se estes queixosos pudessem fallar, como encheriam o mundo de justas queixas! Mas lá está Deus, que tudo satisfará castigando a estes maldizentes, premiando áquelles, que com paciencia souberam tolerar e soffrer as injurias sem vingança contra os que os offenderam.

São taes os murmuradores, que até das obras de Deus murmuram: queixam-se dos tempos, da falta das novidades, da pouca saúde e de serem pobres: e talvez, se fossem ricos, mais o offenderiam. E se vêem alguém com algum defeito natural ou moral, já d'elle falam e murmuram. E se diz o murmurado, que é como Deus o fez, respondem os murmuradores: Pois se Deus te fez, eu te quero desfazer e anniquilar. Póde haver maior atrevimento, que chegar um homem a murmurar daquillo que Deus fez? Pois estejam certos que não hão de entrar no Céu.

O PEREGRINO DA AMERICA

Não sei se tendes reparado que dizem os Mathematicos, que se vêem varias fórmãs de corpos de animaes no Céu: porque dizem que vêem o Leão, o Boi, o Carneiro e, finalmente, outros muitos animaes terrestres e volateis, e ainda peixes do mar; porém, não se tem visto o Cão. E a razão disto a meu parecer é porque ladra. Vejam agora lá os murmuradores, symbolo do cão por ladrarem e morderem, se nem ainda pintados apparecem no Céu, como poderão realmente entrar nelle. S. João Chrysostomo diz, que não tem o Demonio instrumento mais a proposito para nos fazer peccar, do que a nossa lingua. (*Homil.* 5.)

São tambem os murmuradores mui parecidos e semelhantes á tesoura, por ter esta o córte ás avessas dos mais instrumentos de gume, que vale o mesmo que fallar mal e ás avessas do que devem fallar. Fechada a tesoura, de nenhuma sorte corta; porém, em abrindo a bocca, tanto corta o panno preto como o branco, o grosso como o fino, a lã como a seda, a prata como o ouro: o ponto está em se ajuntarem as duas pontas ou linguas murmuradoras. Por isso se costuma dizer, quando se ouve murmurar de alguma pessoa: Bem cortaram de vestir a fulano. E só não corta a tesoura, se está fóra do eixo, por se apartarem as pontas: dará um pique, mas não cortará: porém, em se ajuntando ambas, tudo cortam e fazem em pedaços. Oh tesouras cortadeiras, quem vos pudera tirar os eixos ou queixos desses adjuntos, para que não cortasseis tanto pela fama e credito de vossos proximos!

Sei eu, (porque consta da Sagrada Escritura, I. *Reg.* 24. 5.) que em certa occasião cortou David um retalho da capa de Saul, para lhe mostrar que, podendo-o matar, o deixava ir com vida, onde parece que não houve a minima culpa: comtudo, David, como era homem justo, por este golpe deu muitos no seu coração. (*ibid.* v. 6.) Não são assim os murmuradores: porque cortam capas, despedaçam vestidos, retalham mantos, sem disso fazerem escrupulo, nem resarcirem o damno e menos terem arrependimento, até que chega o tremendo golpe da morte, que os faz ir pagar no inferno. **Peço-vos pela Sagrada Paixão e Morte de Christo Senhor nosso, que cuideis nisto devagar, para que vos emendeis.**

Que irreparaveis danos não faz a lingua quando levanta um

falso testemunho na honra, credito ou fama do proximo! E como nos parece cousa leve, não fazemos caso disso! Sendo que, sem se desdizer e satisfazer, não é possível haver perdão, porque, como é em damno de terceiro, emquanto este não está satisfeito, não assenta o perdão ou absolvição, ainda que se confesse com dôr e arrependimento. Porém, o que nós vemos succeder a cada passo, é murmurar e levantar falsos testemunhos, e nunca desdizer em publico, nem em particular: porque dizem estes que são homens honrados e que não querem que os tenham em pouco. Sendo que por isso se diz, que é acção de plebeus e gente vil manifestar defeitos do proximo. E daqui procede, que os nobres e prudentes não dão credito ás faltas alheias, mas humilham-se, tendo para si, que, se Deus os desamparar por seus peccados, cahirão em peiores faltas.

Mas lá irão para o inferno estes maldizentes, onde para sempre se maldirão, porém, sem remedio: porque não falta quem diga, que os peccadores, que vão ao inferno, segundo a causa porque lá vão, são nelle atormentados. E sendo assim: vêde que berros, que blasfemias e que gritos darão naquelle abysmo infernal os murmuradores, que neste mundo levantam falsos testemunhos contra seus proximos. Só de o considerar se me arripiam as carnes. Ó meu Deus, pela vossa divina misericordia me livrai de tal chegar a ver, nem ouvir.

Senhor, (me disse o dono da casa) como me poderei livrar de ouvir ao murmurador, se for embarcado com elle ou estiver em lugar, onde me não possa afastar de o ouvir? Respondo: (lhe disse eu) Se o não puderes evitar: emquanto o ouvires, calai-vos, que nisso o estais reprehendendo. Mas se o ouvires e vos puderes livrar de assistir, fugi: tanto pelo perigo da alma, como do corpo, que succede de semelhantes companhias, porque costumam estes taes murmuradores dizer, por se desculparem, não o que disseram na murmuração, porém, sim o que ouviram responder aos que os escutaram. Por isso costumava dizer um certo velho, que eu conheci, de mui bom procedimento e virtude, quando se começava a murmurar em alguma conversação: Meus senhores, eu não quero murmurar, nem ouvir murmuração, porque já sou morto, e homem morto não falla nem ouve (2). E desta sorte reprehendia aos mur-

muradores e delles se livrava despedindo-se. Por certo, (me disse o dono da casa) que eu farei muito por observar o conselho, porque não deixa de ter sentido maior.

E assim vos digo, Senhor, (lhe disse eu) que são nocivos os murmuradores e mui semelhantes ao Basilisco: do qual dizem os naturaes que se elle vê primeiro a alguém, com a vista o mata, porém, morre, se é visto antes de elle ver. Não ha melhor semelhança dos murmuradores: se vêem alguma pessoa, matam-na com a lingua, e se são vistos, morrem: porque, além de se fallar delles, não têm com quem fallar, e de se verem sós e desprezados de todos, rebentam, como já dissemos de Judas.

Eu conheci um destes, que costumava sahir de sua casa a buscar a conversação ás de seus vizinhos: se os achava descuidados, sem o verem, aceitavam-lhe a visita por força, porém, se o viam antes de elle chegar, fugiam de lhe fallar. Dizia este insolente murmurador: que os moradores do seu bairro eram ignorantes, porque não prezavam a sua conversação, sendo elle prégador das verdades. Até que lhe disse um: Senhor Fulano, está Vossa Mercê enganado: fogem de o ouvir conversar, por ser a sua conversação uma refinada murmuração das vidas alheias e temem ir com Vossa Mercê para o inferno.

São tambem os murmuradores mui parecidos com um animal, que ha na India, e chamam Bison (3): do qual dizem os naturaes que é do tamanho de um boi e tão bravo e horrendo, que muitas pessôas, só de o verem, cahem esmorecidas em terra. Tem este a lingua tão aspera, que despedaça aos mais animaes só com os lambe-ber, porque lhes tira a pelle e a carne. Assim são os murmuradores: aonde lançam um golpe de lingua, tiram (como lá dizem) couro e cabello.

O murmurador com um golpe de lingua faz tres feridas: offende a Deus, offende ao proximo e offende-se a si. Offende a Deus, porque quebra o seu divino preceito. Offende ao proximo, porque falta á caridade, em descobrir a falta alheia, ainda que a tenha, não sendo obrigado por Direito ou bem da Republica. Offende-se a si, porque não póde haver maior infamia para um homem, além do peccado, que terem-no por murmurador, mentiroso

e falsario: assim porque todos fogem d'elle, como tambem por se ver envergonhado diante dos que tem offendido.

Da Coruja se conta, que por caber com o Rei das aves, lhe foi levar um alvitre, dizendo-lhe que a Garça lhe queria tirar o poder e magestade: e que por isso andava pelas praias convocando as mais aves, para lhe pôem guerra. Mandou o Rei examinar e devassar do caso, e achou que andava mariscando a Garça e que era mentira o que havia arguido a Coruja. Quiz o Rei castigá-la pelo falso testemunho, que levantou á Garça: escondeu-se a Coruja e por esta razão não apparece de dia.

Dos quatro Elementos, só a Agua murmura, e por isso padece maiores trabalhos e abatimentos, correndo pelos pés dos montes: a terra a engole, as arvores a chupam, os animaes a bebem, o Sol a secca: prendem-nas nas arcas, fecham-na nos chafarizes, anda por alcatruzes: e por isso poucas vezes apparece em publico. Assim succede aos homens malquistos e murmuradores: de todos se escondem, porque a todos offendem.

Conta-se, que sendo levados dous culpados a um Ministro da Justiça, para os mandar castigar: um, por matar a um homem, e o outro, por levantar um falso testemunho a uma mulher honesta: fez o Ministro examinar os casos: e sabendo que fôra a morte accidental, sentenciou que fosse degradado o homicida: e conhecendo que o outro era costumado a levantar aleives, o mandou enforcar. E perguntado o Ministro por um seu amigo, como assim procedera, respondeu: O primeiro pôde-se emendar, porque foi paixão; o segundo sempre havia de perseverar, porque era vicio.

É tão aborrecido este vicio de fallar mal do proximo, que até a mesma Lei do Reino e todo o Direito commum prohibe que os Julgadores recebam artigos diffamatorios entre as partes litigantes, pelo damno que disso pôde resultar ao terceiro, e pelas consequencias, que dahi se seguem em prejuizo do proximo.

Muitos murmuradores têm a condição do monte Etna, o qual ostenta neve e dissimula fogo. Começam estes com actos de commiserção e disparam em um trovão, vomitando raios e coriscos contra o credito e honra do proximo. Começam dizendo: Fulano é um bom homem, bem procedido, tem estas e aquellas partes: po-

rém, se não fôra filho de fuão ou neto de sicrano, que tem esta ou aquella nota... Ah homem perverso, para que começaste com tão boas palavras de louvores, se havias disparar em esse rigor sem piedade? E isto talvez sem lhes perguntarem, nem vir a proposito, só por anniquilarem a seu proximo. E tambem me parece que disto se não confessam, porque logo esquece e só se lembram para aquellas occasiões.

Finalmente, grande conta se ha mister para se ouvir a quem louva: porém, maior é necessaria para se escutar a quem vitupera. Os ouvidos são as portas segundas da verdade e principaes da mentira. A verdade ordinariamente se vê e extravagantemente se ouve: raras vezes chega seu elemento puro, e menos, quando vem de longe: sempre traz misturas dos affectos, por onde passa; toma as côres, como lhe parece, já odiosa, já favoravel. Por isso se conta, que perguntando um Philosopho, que distancia havia da verdade á mentira, respondeu: A que vai dos olhos aos ouvidos. Quantos padecem grandes calumnias por um falso testemunho, por não ser examinada e vista a verdade!

É necessario haver muita attenção neste ponto, para descobrir a má intenção no terceiro: porque ha tal astucia e subtileza nos maldizentes, que se estão contrafazendo, só por darem a entender a falta dos proximos nos reflexos do luzido, com que os louvam: e a tanto chega a maldade destes falladores, que até os mortos lhes não escapam. E esta será sem dúvida a razão, porque os comparam com as sepulturas, por andarem desenterrando os mortos, para lhes publicarem as faltas, que tiveram em vida.

E assim vos digo, Senhores, que é da Escritura, que o que pretende guardar a sua alma, se applique a guardar a sua lingua. (*Proverb. 16. 17.*) E em outra parte repete a mesma sentença, dizendo: Quem guarda a sua bocca, guarda a sua alma; e quem é inconsiderado no fallar, sentirá males. (*Proverb. 13. 3.*) E em comprovação desta verdade, diz tambem a Escritura: Que o vaso, que não tem tampa ou cobertura, será immundo. (*Num. 19. 15.*)

Ha tambem um peccado chamado Adulação, o qual tem grande connexão com a murmuração, e por sua natureza é vilissimo: porque, além de reconhecer o adulator superioridade no adulado, of-

fende um dos mais nobres sentidos do corpo humano, que é o do ouvir, por serem os ouvidos as portas por onde nos entra a Fé e os melhores documentos para o bem da alma. Destes aduladores conheço eu alguns tão destros e peritos, que não ha quem lhes escape, tanto que lhes dão ouvidos. Por isso, perguntado o sabio Bias, qual era a mais cruel das feras, respondeu: Que das bravas o tyranno e das mansas o adulator. E Diogenes disse: Que das bravas o murmurador e das domesticas o adulator.

Na verdade vos digo, Senhor, (me disse o dono da casa) que, pelo que vos tenho ouvido, me considero o mais perdido homem, que ha no mundo: porque, parecendo-me que a murmuração era um dos mais leves peccados, agora conheço que é mui grave culpa e já me peza de tantas vezes ter cahido nesse peccado, com tão pouco temor de Deus e resguardo de minha alma.

Pois sabei, Senhor, (lhe disse eu) que isto é um breve rascunho, á vista do que se pôde dizer da graveza desta culpa tão bem parecida dos homens. E por isso não houve Escritor espirital, nem Prégador Evangelico, que nella não tenha martellado, para verem se podem extirpar este vicio; e com mui especial clareza Fr. João Bautista Secarde no seu Livro: *Geral ruína contra o vicio da murmuração*, por conhecerem estes Autores a grande facilidade com que os homens commettem este peccado e os gravissimos damnos, que faz.

Senhor, (me disse o primeiro hospede) eu estou tão absorto, como admirado dos estupendos casos, que tendes referido, e assim fico de accôrdo tratar logo de me confessar e acceitar toda a penitencia que me for imposta: e já desde agora me desdigo de tudo o que tenho dito contra as pessôas, das quaes murmurei em seu descredito e deshonna.

Eu o que posso dizer, (disse o segundo hospede) é que supponho haver sido especial favor de Deus a vossa vinda nesta occasião, para que nos declarasseis e explicasseis um erro, em que estavamos mettidos, tão descuidados de sua graveza e malicia: e por esta razão, farei com o favor divino por me refrear e emendar daqui por diante.

O melhor parecer (disse o dono da casa) é confessarmo-nos, não só desta murmuração, mas também das mais que temos feito e de todos nossos peccados, e tratar de nos emendarmos delles e fugir de semelhantes conversações. E com esta resolução se despediram os dous hospedes, mostrando-se agradecidos do que me tinham ouvido dizer contra o vicio da murmuração e desejosos de se emendarem dalli por diante.

E porque era já noite, me fez o dono da casa recolher. E depois de cearmos, me disse: Bem sei, Senhor, que vireis cansado da jornada, porém, porque, segundo os dictames da Medicina, sempre ouvi dizer: Depois de cear, mil passos dar, entendendo-se que prejudica muito á saúde o dormir logo depois da ceia, sem primeiro fazer algum exercicio, como diz o adagio Portuguez: Se queres enfermar, ceia e vai-te deitar: antes que nos agazalhemos, tomára que me desseis alguma regra, para me poder livrar deste vicio da murmuração, porque vos considero homem mui versado nas Historias dos livros sagrados e profanos.

Senhor, (lhe disse eu) não só me vejo obrigado a satisfazer o que me mandais que vos diga, mas também a responder-vos a esse louvor, que me dais, tão fóra do meu genio e desnecessario para quem trata da sua salvação: por ser isso um certo meio de perdição em todo aquelle que lhe entrar no pensamento, que póde obrar cousa alguma bôa sem mui especial graça e favor de Deus, como fonte de toda a sabedoria, que muitas vezes dá a saber os seus segredos aos mais humildes, para que aproveitem no mundo, o que grandes talentos não podem alcançar. Porque é certo que não bastam forças humanas para poderem conhecer seus divinos segredos, como consta de varios livros e lugares da Sagrada Escri-tura: (*Joan. 155.*) *Sine me nihil potestis facere.* Isto supposto: vamos á razão, em que me mandais vos dê algum conselho, para vos livrardes do vicio da murmuração.

Haveis de saber que é conselho de todos os Mestres de espírito, que dão, para nos livrarmos deste vicio, usar da virtude do silencio, evitando as ruins conversações de pessoas ociosas e de máu exemplo. Porque não ha cousa, que mais nos faça distrahir do que semelhantes conversações, desnecessarias para o bem espirital: e

por isso tanto se recommenda nas Religiões o silencio, que não ha nenhuma, que o não observe naquelle tempo determinado e assentado nas Regras das Communidades. E não se póde com palavras encarecer o seu proveito e o quanto é agradável a Deus uma creatura, que se mortifica na virtude do silencio: porque verdadeiramente quem assim se mortifica, tem muitas apparencias e vizes na terra com os Espíritos Angelicos e Bemaventurados que estão no Céu.

Porque, segundo a opinião mais provavel dos Santos Doutores da Igreja, na Bemaventurança não se articulam palavras e tudo se faz por conceitos, e estes tão acertados, como nascidos da luz da sabedoria, que é o mesmo Deus. E por contraposição, no inferno tudo são vozes, gritos, blasfemias e gemidos, tão tristes, como lamentaveis, pelo que consta de muitas revelações, e affirma a Sagrada Escritura; por isso, do silencio se dizem tantos louvores, como publicam muitos Santos; e Santa Thereza aconselha, que entre muitos é acerto fallar pouco.

Diz S. Lourenço Justiniano: Nada menos convém ao homem, que trata de servir a Deus e caminha para a perfeição, do que a lingua desenfreada e solta das ataduras da moderação: porque ella lhe destroe e mata o recolhimento e união do espirito. E S. Bernardo diz: Calando entre os homens, aprendemos a fallar com Deus; e não se agrada Deus de fallar familiarmente com quem falla muito com as creaturas. E diz o Senhor pelo Propheta Oseas: Levarei a alma ao deserto e lhe fallarei ao coração. (*Oseas, c. 2. v. 14.*) Vêde se póde haver mais solidas verdades, para desengano dos falladores murmuradores.

Assentemos por maxima infallivel: Que não ha fallar muito sem peccar. (*Proverb. 10. 19.*) E ainda na Regra e Estatutos da Ordem de S. Thiago, com ser entre Seculares, diz o Capitulo 7: Tenham silencio na igreja emquanto se diz o Officio Divino, e fallem poucas vezes e com necessidade: que parece que não fôra Regra, nem Religião Christã, se não observassem esta virtude do silencio. Por isso se diz, que a bocca fechada faz que tenha o coração paz. Perguntado Aristoteles, como seria um homem bemquisto, respon-

deu: Fazendo boas obras e fallando pouco. E diz Marco Tullio: Que quantas vezes fallamos, tantas se faz juizo do que somos.

E tanto é necessario para a salvação o silencio, que por isso a Justiça e as leis mandam, que, antes que se castigue algum culpado, seja levado á casa do segredo, que vale o mesmo que ao silencio: porque não era bem que se mandasse tirar a vida a um homem, sem haver tido silencio, para ter tempo de tratar da sua salvação. E assim tambem será grande acerto, que nos costumemos a guardar silencio, porque desde que nascemos, logo fomos sentenciados á morte com aquella irrevogavel sentença: *Statutum est hominibus semel mori*: (Ad Hebr. 9. 27.) e nós com maior risco, porque aquelles sabem o dia em que hão de ir ao supplicio e nós não sabemos o anno, nem o mez ou dia e hora em que havemos de morrer.

Estou mui certo e conforme em todo o que me tendes dito, (me disse o dono da casa) porém, só se me offerece uma dúvida, e vem a ser: Se o silencio é o mais efficaz meio para se evitar esse vicio, como é possivel a um Secular, que trata de varios negocios no mundo, observar essa doutrina? Respondo: (lhe disse eu) Haveis de saber, que não consiste só esta virtude do silencio no exercicio da lingua, como se acha nos mudos: porque muitos Santos andaram no meio dos povos, e dentro de palacios, e alli fizeram obras heroicas de grande virtude: e ainda os mesmos Religiosos, que é mais para se notar. S. Francisco Xavier conversava e jogava com os Seculares; S. Felipe Neri tambem conversava com elles, e o mesmo fazia Santo Ignacio; e finalmente todos os Santos, que se deram a Deus nas Cidades e povoações; porém, sempre muito em silencio, para não tratarem, nem fallarem, senão o que era para bem de sua salvação e dos mais, com quem tratavam: e o pensamento em Deus, como norte que nos leva ao porto da salvação.

Por isso S. Basilio disse, que o silencio é a escola, onde se aprende a fallar acertadamente. Sendo que, não é necessario mais exemplo, que o de Christo Senhor nosso: o qual, vivendo trinta e tres annos no mundo entre os homens, tratando em publico com elles, lá foi para o deserto, para se dar ao silencio e á oração: não porque carecesse delle, porém, sim, para nos dar exemplo. Por isso lá disse S. Paulo admoestando aos falladores e curiosos de

NUNO MARQUES PEREIRA

darem novas: Que tratassem de sua vida trabalhando em silencio: (2. *ad Thessal.* 3. 12.) como quem suppôs que, se não fosse em silencio não trabalhariam. Porque é certo, que o fallar pouco costuma andar com o obrar muito. E reparai, que até na musica, para se fazer bôa consonancia, é necessario calar e contar as pausas ás vozes, porque de outra sorte, mais pareceria bulha e grita que consonancia.

Por isso aconselhára eu que, para um homem se poder conservar em paz com todos e agradar a Deus, fuja de ser fallador, e tenha muito cuidado de não ser amigo de dar novas e alvitres: porque muitas vezes resulta disto inimistar-se com muitos e terem-no por novelleiro e mentiroso. E é para notar, que tendo todos tanto cuidado de fechar as suas casas e gavetas, para que lhes não furtem a prata e ouro, são tão poucos os que tratam de fechar as suas bocas e guardar a chave, que é a lingua, por onde o Demonio nos rouba as bôas obras e nos furta a mesma alma para o inferno. E acabarei este meu discurso com o que lá disse um douto Escriitor: Que para grangearmos muito credito para com os homens e merecimento para com Deus, devemos dizer bem de todos e só mal de nós.

Senhor, (me disse o dono da casa) estou tão satisfeito do que me tendes aconselhado, que com palavras me não atrevo a explicar: pague-vos Deus esta caridade, que eu farei, com o seu divino favor, muito por imitar vossos documentos: e tomára que a todos aproveitassem a quem eu puder fazer presente esta vossa doutrina. Porém, como são já horas de nos agasalharmos, não vos quero mais molestar, supposto que nunca me enfadára de vos ouvir: alli tendes aquelle quarto, onde podeis passar a noite. E retirando-se o dono da casa, me fui eu recolher.

NOTAS AO CAPITULO XVIII

(1) As pazes com Espanha foram concluidas em 13 de Fevereiro de 1668. Serviu de mediador o embaixador inglês em Madrid, conde Sandwich Duarte Montegu (Vd. D. Antonio Caetano de Souza, *História Genealogica da Casa Real*, V. 63).

O PEREGRINO DA AMERICA

(2) Isto lembra o padre Antonio Vieira, que em sua carta ao conde de Ericeira, da Bahia, 18 de Agosto de 1688, assim diz: "Tão desobrigados estão os doentes de escrever, como os mortos de falar..." (*Cartas*, II, 294).

(3) O "bisonte" ou bisão das Indias (América) é o selvagem "búfalo", ou "bos americanus". Aquele latinismo (ex.: "Tibi vellosi terga Bisontes...", Seneca) vem dos autores romanos do 1º seculo, Ch. D'Orbigny, *Dict. Univ. d'Histoire Naturelle*, s/v., Paris, 1842.

CAPITULO XIX

Do nono Mandamento. Relata o Peregrino os lastimosos casos, que viu succeder por causa do peccado de adulterio. E dá varios conselhos, para poderem viver os casados em bôa paz.

NUNCA com maior desvelo desejei que amanhecesse. Levantei-me muito cedo: e fazendo observação nesse hemispherio de luzes, vi que iam desmaiando esses Planetas celestes, só de verem tanta pompa, com que Apollo rutilante começava a dominar com seu imperio nos Astros. Foi-se divisando a manhã, derramando granizo: e sendo a Aurora tão velha, chorava como menina. Cobriu-se todo o prado de luzente prata fina, que vale mais que o fino ouro lá para essas campinas. Exhalaram-se as flores em aromas tão fragrantés, que foi quasi um desperdicio. Vi altas torres luzentes e campanarios de sinos; mas tudo se desfez logo, tanto que amanheceu o dia.

A este tempo, sahiu o dono da casa com mui aprazivel presença e me deu os alegres dias, ao qual respondi com mui promptas cortezias de agradecimentos, por serem estas as linguagens da mais discreta Grammatica, que se pratica nas Côrtes, e se não deve desprezar ainda nas Aldeias, pela grande utilidade que resulta a todos os que della usam.

E despedindo-me do dono da casa, me puz logo a caminho: e tendo andado mais de tres leguas, achei um caudaloso rio, tão arrebatado no curso de suas aguas, que me fez suspender os passos, pelo difficultoso de o poder passar, por largo e fundo. E como eu ia cansado, me assentei perto de suas margens, debaixo de um copado arvoredó. Alli me veiu então á memoria aquelle exemplar

O PEBEGRINO DA AMERICA

dito de Heraclito, alludido por Seneca, da grande semelhança que têm os rios com as nossas vidas, pela velocidade com que correm sem parar. (*Lib. 8. Epist. 59.*) e porque tive oportunidade, lhe fiz este Soneto:

SONETO AO RIO

Como te vejo, ó Rio, semelhante
A vida dos mortaes nessa corrente;
Pois nunca tornarás a teu nascente,
Supposto que te vejas tão rodante!

Considera que, ainda que abundante
Vás correndo ao mar tão diligente,
Nelle pagarás mui obediente
A ufania, que levas de brilhante.

Alerta pois, mortaes, tomai exemplo
Do Rio, que vos vai representando:
O que nelle reparo, em vós contemplo.

Não vos fieis do bem, que estais gozando;
Pois no de Libitina horrivel templo
A Parca a vida já vos vai cortando.

E tendo posto fim ao Soneto, ouvi tropel, e reparando, vi um homem montado a cavallo, o qual trazia quatro escravos em sua companhia e todos armados: e assim como me viu, me perguntou se tinha eu visto a um mancebo, dando-me os signaes do que levava vestido. E presagiando eu algum inopinado successo, lhe respondi: Senhor, a esse homem avistei em uma encruzilhada, que dista daqui mais de uma legua e tomou a vereda para a parte do Norte, e supponho, pelos apressados passos que levava, ser esse mesmo, por quem me perguntais. E logo sem dilação metteno o cavalleiro as pernas ao cavallo e disse aos escravos que o seguissem.

NUNO MARQUES PEREIRA

Bradei logo pedindo passagem e promptamente me veiu. **E** estando para me embarcar, me sahiu um mancebo de dentro de uma brenha, descalço, de mui galhardo talhe e bôa presença, o qual me disse: Por venturoso acerto tenho, Senhor, chegares a este lugar, a tempo em que me vejo em tão grande perigo: peço-vos sejais servido levar-me em vossa companhia. Podeis embarcar-vos, **l**he disse eu.

Passamos, pois, o rio e chegamos á casa de um morador, o qual nos recebeu com grande primor e agasalho. E depois de nos ter dado assento, nos disse: Summamente desejo, Senhores, saber deste successo, pelo que desta casa tenho visto. Ao senhor mancebo (**l**he disse eu) incumbe dar a relação e tambem folgarei de o ouvir. Já que me mandais, Senhores, (**l**he disse o mancebo) que renove as minhas dôres, (ao que não deixarei de obedecer, pelo seguro em que me considero) necessariamente vos hei de repetir os progressos da minha vida. Podeis dizer, (**l**he disse o morador) porque, com o favor divino, em minha casa ninguem vos ha de offender. Pague-vos Deus (**l**he disse o mancebo) tanto favor, quando eu vô-lo não saiba merecer.

Sabei, Senhores, continuou o mancebo, que sou natural da Real Côrte e Cidade de Lisbôa, que, por tão notavel, me escuso relatar suas grandezas. Nasci de pais nobres e com bastantes cabedaes. Tiveram elles tres filhos e fui eu o segundo. **E** parecendo-me que me escolhia a sorte o melhor lugar, por ser o do meio, pelo contrario o tenho experimentado, pois está o primeiro de posse do morgado e a terceira Religiosa professa (1). **E** como o cuidado dos pais honrados é procurar os maiores augmentos de seus filhos, me mandaram aprender todas as bôas partes e artes liberaes, até que me formei na Sciencia da Philosophia: e porque só esta me não podia constituir nos solidos fundamentos de seus grandes desejos, me aviaram para ir estudar á Universidade de Coimbra.

E partindo com effeito, cheguei áquella segunda Athenas do mundo e primeira nas excellencias de suas grandezas: as quaes não repito, individualmente, porque (além de serem tão vulgares) como vou de passo, não me posso deter em as relatar. Passei o primeiro anno de novato, e achando-me com dezoito de idade continuei **ma**

O PEREGRINO DA AMERICA

tres de estudo: verdade seja que com pouca applicação, por supôr que, faltando aquella, não cahisse nas mãos desta summa pobreza. Porém, com razão se diz, que toda a supposição é falsa, pelo que agora tenho experimentado.

A este tempo se começou a ouvir em todo o Reino de Portugal os canoros clarins e os estrondosos parches da bellicosa guerra, que Carlos III fazia na opposição do Reino de Castella a Philippe V, em que o nosso grande Monarcha D. Pedro II lhe prestou com a ajuda e favor, pelas forçosas razões de Estado e particulares do parentesco (2): tudo motivos, para não faltar a tão Real empreza. E foi isso bastante, para que logo os generosos Portuguezes se fossem offerecer, como filhos de Marte, por natural sympathia de famosos guerreiros.

Chegou tambem este bellicoso éco áquella famosa Cidade de Coimbra, onde, entre outros muitos, que repudiaram as letras pelas armas, fui eu um delles: e espontaneamente, sem mais conselho, me fui despedir de alguns amigos, e mui especialmente do Reitor da Universidade (3), a quem fiz presentes os meus designios, o qual com mui discretas razões, como pessoa tão douta e nobre, me approvou a eleição e me houve por despedido mui cortezmente.

E partindo para Lisbôa, cheguei á casa de meus pais, os quaes, vendo-me com tão grande resolução, me não quizeram dissuadir, tanto pelo que deviam ao solar de seus esclarecidos nascimentos, como por não cahirem na nota de menos leaes no serviço do seu Rei: e logo me deram toda a ajuda e favor, para poder conseguir o meu intento. Assentei praça de Soldado de cavallo na Companhia de um nobre Capitão. Passeei, antes que partissemos para a fronteira, com grande applauso na Córte, principalmente de toda a Fidalguia e Cabos da Guerra, dando-me todos o parabem, por ter tão generosamente largado as letras pelas armas em uma tão honrosa empreza.

Aprestou-se em fim o nosso Exercito contra o de Castella, em Junho do anno de 1704, e pôs-se em campanha, indo por General delle o Excellentissimo Marquez D. Antonio Luiz de Sousa Tello e Menezes (4), nunca cabalmente louvado por suas galhardas emprezas e grandes felicidades, pela summa discrição, destreza e cuidadosa

diligencia. E assim, começou a manejar as direcções mais importantes entre a perturbação de uma guerra, em que o levavam mais os creditos dos dous Monarchas, que o seu proprio interesse: tudo motivos para o fazerem obrar igualmente o cuidado e applicação em um Heróe Portuguez tão nobre, como experiente no Governo politico e na direcção militar.

Houve varias sortidas e funções, de que as Armas Poruguezas sempre tiveram mui bom successo. Até que chegou o inverno, suspenderam-se as armas e recolheram-se os Exercitos para as suas Praças. Tive occasião de pedir licença aos meus Cabos por tempo de dois mezes, para chegar á casa de meus pais: a qual me foi facil de alcançar, por reconhecerem que eu voluntariamente tinha ido buscar a campanha, largando os estudos.

Cheguei a Lisbôa, e de meus pais fui bem recebido, como filho de quem já esperavam grandes fortunas e creditos para sua casa pelos famosos brios com que me viam ostentar. E como me vi naquelle ocio, licenciei o discurso á monarchia dos gostos e dei em ser idolatra de meus proprios vicios, querendo com o esplendor da nobreza occultar a vileza do peccado: e sem conhecer os erros da fantasia, apostava atropellar toda a razão, não attendendo ás obrigações de meu nascimento e, sobretudo, o mal que obrava para o bem da minha salvação. Até que chegou o termo consignado da licença, e, despedindo-me de meus pais, me tornei a recolher ao quartel da Praça.

No segundo anno da guerra chegaram as duas Magestades, o nosso Rei D. Pedro II e Carlos III, os quaes se foram incorporar com o Exercito na Provincia da Beira (5), que acampou defronte da Praça de Almeida e foi apresentar batalha ao Exercito Castelhano, que se achava acampado nos campos de Ciudad Rodrigo, onde andava a Magestade de Philippe V: e desta acção resultaram muitos creditos para a nação Portugueza, como tão costumada a triumphar de seus inimigos.

Chegamos a entrar na mesma Côte de Madrid (6), onde se viam tremular os Reaes Estandartes das Quinas Portuguezas, com repetidas aclamações populares das nossas Magestades, a quem se davam os vivas com grandes applausos. Mas invejosa a fortuna de

ver tantas glorias accumuladas á nossa nação Lusitana, se voltou mesquinha, negando-nos a victoria de Almança (7), depois de tantas vezes com tão esclarecido valor a termos ganhado: e como nem sempre se podem apostar venturas em as cousas contingentes, permittiu Deus, como Senhor dos Exercitos, que não chegassemos a gozar aquella empreza, por nos não desvanecermos nos triumphos de tantas acclamações, deixando-a para o tempo prefinido, quando o permittir sua divina providencia.

Deste fatal destroço fui prisioneiro a França: e depois de passados alguns tempos, e ter corrido alguns de seus paizes, me permitiram liberdade, e passei a Inglaterra e dahi a Hollanda, donde me embarquei para Lisboa. Achei a meu pai fallecido e a minha mãe com sentidas lagrimas pela falta de uma tão bôa companhia, e com mui poucos cabedaes para me poder remediar, por estar já meu irmão de posse do morgado: o qual me não quiz visitar, tomando por pretexto a razão de ter eu deixado o certo pelo duvidoso, e por esta causa me faltou com todo o necessario, até que me fez tomar por resolução embarcar para a India em uma náu, que seguia aquella derrota.

E para agora vos referir, Senhores, o que experimentei naquella viagem, basta dizer-vos que me embarquei: porque me não é possível, pelo ligeiro passo com que vou, relatar-vos os grandes incommodos que passei. Porém, só vos digo, que me lembra ter lido, que perguntado um Philosopho, porque nunca se quiz embarcar, respondeu: Por me não querer fiar de quatro loucos, quaes são: o navio, o mar, o vento e o marinheiro. E então vim eu a conhecer, que com muita razão disse Santo Agostinho: Olha para o mar e foge delle. E daqui veio a dizer um moderno Escriptor: Que não ha maior recreio na terra do que ver o inquieto das ondas. Porque a experiencia tem mostrado, que são as aguas do mar tumulo e sepultura dos que o navegam e nelle naufragam, e não como o imaginaram os Antigos, quando disseram que era o mar berço e sepultura do Sol.

Cheguei finalmente á India, a tempo que se estava aprestando um navio estrangeiro em Gôa, para fazer viagem ao porto de Cambaia, e nelle me embarquei com quatrocentos mil réis, que em Lis-

bôa havia empregado em bons generos, o qual dinheiro me tinha dado minha mãe á custa de suas proprias joias: que a tanto obriga o imperio do amor maternal, para amparar a um filho, quando o considera desfavorecido da fortuna.

Fui tão bem succedido, que depois de chegar a Cambaia fiz grande negocio, e logo na primeira moção me tornei a voltar para Gôa, aonde cheguei com mais de tres mil cruzados em ricas fazendas: e de Gôa tratei de fazer o meu negocio para Dio e Surrate; e em breves tempos me vi senhor de seis mil cruzados, sem a nota de ambicioso.

A este tempo chegou ao Estado da India aquelle esplendor das glorias da nação Portugueza, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Vice-Rei e Capitão General do mesmo Estado (8): mostrando logo ser pasmo das venturas, assombro da guerra e exemplo da prudencia, por lhe proceder tudo do seu grande valor e esclarecido solar; dotando-o Deus de um vivo engenho, aguda promptidão, clara eloquencia, attenção discreta, direcção sagaz, prevenção sábia, communicação aprazivel, luzimento fastoso, especulação prudente, accôrdo magnanimo, compaixão caritativa, como tudo se viu e experimentou naquelle Estado, no tempo do seu Governo.

Tratou-se logo, com a chegada deste valoroso Cesar, da conquista do Reino de Canará (9), para a qual função me fui offerecer por soldado. Aprestou-se a Armada e partimos do porto de Gôa em quinze de Janeiro do anno de 1713. Chegamos ao rio de Cumuta aos dezoito do mesmo mez. Achamos no rio onze embarcações das naturaes, nas quaes fizemos execução tão violenta, que todas ficaram destruidas e queimadas. Deste porto de Cumuta fomos seguindo derrota com a Armada até Onor, e sempre fazendo grandes sortidas e hostilidades ao inimigo, com tão grande horror, que não houve Fortaleza, nem Praça, que não rendessemos, assolassemos e sujeitassemos: com tão invencivel valor dos Soldados Portuguezes, que a todos pôz espanto.

Finalmente por ordem do Vice-Rei nos recolhemos com a Armada ao porto de Gôa, depois de termos posto a ferro e fogo quasi toda a marinha e Reino de Canará, que se estende por espaço de trinte e seis leguas: onde lhe queimamos oitenta e dous navios,

entre grandes e pequenos, e se considerou o estrago e perda pelos seus proprios do que succedeu no mar e em terra, em cinco milhões, além de seiscentos homens mortos ao nosso ferro, por serem pertinazes na desistencia dos postos. Esta gloriosa empreza nos custou sómente doze soldados mortos no conflicto e pouco mais de trinta feridos, devendo-se todo este bom successo áquelle perfeito Heróe Portuguez, pelas inexplicaveis prendas de seu valor, deixando a India satisfeita, Portugal agradecido e o mundo admirado.

E como me vi com que poder passar á Côrte, para tratar dos meus requerimentos, pedi licença ao Vice-Rei, o qual mui francamente me concedeu, pelas justas causas de ter eu andado nas campanhas da Europa e India, e pela razão de ser ainda minha mãe viva e tão carregada de annos. Com effeito me embarquei em uma náu, que se aprestava para Lisbôa: e como haja um Decreto de El-Rei, que as náus da India entrem na Bahia, para se refazerem do necessario (10), precisamente tomámos este porto.

Saltei em terra, tomei casas e desembarquei o mais precioso, que trazia; fui cortejado de muitos, deixei-me levar da lisonja e entreguei-me de todo ao luxo, onde me considerei em uma confusão de Babel ou Labyrintho de Creta; e podendo ser antipoda do escarmento, me fiz objecto da vaidade, porque me entreguei a todos os passatempos e deleites mundanos; jogava com largueza (11) e repartia prodigamente o que me tinha custado o risco da mesma vida. Tive muitos amigos, os quaes perdi logo, ao tempo que o dinheiro me faltou. E assim aconselhára eu, que melhor é não ter taes amigos de conveniencias: e fundo-me no que diz o Ecclesiastico: (*capitulo 6. v. 8.*) Que o amigo do tempo, no dia da tribulação se converte em inimigo. Porque o verdadeiro amigo só é aquelle, que do mesmo bem e mal participa, segundo o que diz Cicero. O que tudo experimentei: e pelo que me tem succedido, posso dizer que os filhos de Lisbôa nascem na Côrte, criam-se na India e perdem-se no Brasil.

Vendo-me naquelle desamparo, fui ter com um homem, que se estava aprestando para ir para as Minas do Ouro, e depois de lhe manifestar o aperto em que me via, me disse: que se o quizesse acompanhar me levaria no seu comboi. Aceitei a offerta, por

não ter outro remedio: e pondo-nos a caminho, depois de alguns dias de jornada adoeci de umas sezões tão violentas que me puzeram incapaz de seguir a derrota. E chegando á fazenda de um morador, que dista daqui quasi tres leguas, vendo-me naquelle estado, commovido de piedade me disse que ficasse em sua casa, para tratar da minha saúde. Acceitei o favor, e foi Deus servido que eu alcançasse melhoras: e depois de me ver livre do achaque, me offereci ao morador para lhe ensinar a um seu filho, (que tinha da primeira mulher, por haver sido já casado, que poderia ter de idade seis para sete annos) em agradecimento e remuneração do muito, que lhe devia, até que houvesse occasião de tornar a proseguir a minha viagem: o que o morador prezou muito, e assim me ia entretendo; e em algumas occasiões passava o tempo em repetir ao dono da casa os tragicos successos, que me haviam acontecido e elle se mostrava mui satisfeito, em parte compassivo de mos ouvir contar.

Sendo já passados dous mezes, me disse esta manhã o morador, que lhe era necessario chegar a casa de um visinho a tratar sobre certo negocio: e despedindo-se de mim, partiu. Dalli a breve instante, senti que se abria numa janella, e applicando os olhos, vi scintillar dous rutilantes luzeiros em um céu animado, e no breve rasgo de um rubicundo carmesi apparecer candido marfim, burrido e lavrado por arte da natureza. Adornavam este globo duas encarnadas rosas, que lhe davam muita graça. Dividiam estas perfeições dous arcos com igual correspondencia, disparando agudas settas em defensa de um reducto tão bem feito, que por isso já houve quem lhe chamou a linda torre de Faro. Duas ricas madreperolas lhe serviam de pendentés, que como era encantadora, trazia do mar as prendas. Não fallo aqui dos cabellos, porque os trazia enrançados: quiçá porque, vindo soltos, fariam mais traversuras. Sustentava esta belleza uma columna de neve com laços de ouro tecida. Vinha em camisa e anaguas (12), desprezando toda a galla, pela ser da formosura. Era finalmente este compendio e singular maravilha a mesma dona da casa.

Não me condemneis, Senhores, se parecer exaggerativo na digressão de tão repetidos episodios em louvor desta belleza: por-

que não é minha tenção narrar amores, nem inculcar affectos profanos, porém, sim dizer-vos o infeliz successo, que veio a experimentar esta creatura bella tão lastimosamente, como logo vos direi: e por esta razão me é forçoso temperar o instrumento de meu discurso, para vos contar o que me perguntastes e publicar a todos os que se deixam levar do vaidoso entretenimento do amor profano, os lastimosos casos em que vem a parar.

E rompendo a mulher nestas palavras, me disse: Dias ha, Senhor, que vivo tão subornada ao galhardo talhe de vossa gentileza, que por não applacar o fogo em que me vejo arder, busquei este meio de me poder declarar. Bem sei que parecerei temeraria, no atrevimento com que vos fallo: porém, a culpa tiveram meus olhos e a ociosidade de vos ouvir repetir os tragicos successos da vossa vida. E como me parece ser mais culpado meu marido em procurar trazer um hospede, ou aspide, para me tirar a vida, tenha agora a pena de lhe fabricar esta trahição.

Senhora, (lhe disse eu) em mim não reconheço as partes, com que me tendes lisonjeado: nasceram, sem dúvida, do affecto cordial, com que vos quereis mostrar agradecida, por conheceres o grande desejo que tenho de servir a todos desta casa, pelo desvelo com que me solicitaram as melhoras de minha saúde: e por isso tomára inventar novos agrados para os contentar. A satisfação de meu gosto, Senhor, (me disse a mulher) não se paga sem dar cumprimento a meu desejo. Senhora, vêde (lhe disse eu) que entre as maiores estimações, que costumam os homens prezar no mundo, é a sua honra; poderá vosso marido saber vosso designio e tomar vingança com justa causa. Para tudo ha remedio, (me tornou a dizer a mulher) porque assim como se tem descoberto antidotos para a vida, tambem se fabricaram venenos para a morte. E será acerto (lhe disse eu) pagar beneficios com ingratições? Tenho entendido (replicou ella) que não foram os impulsos das armas do inimigo, que vos fizeram fugir da guerra, porém, sim vossa covardia. E com esta resolução, retirando-se da janella, tomou o andar para o interior da casa.

E reparando, notei no seu donairoso talhe, tudo asseio, tudo alinhado, tudo garbo e perfeição. E levantando-me do lugar em que

estava, fui encaminhando os passos para uma camara, que na mesma varanda estava e me servia de recolhimento: e presagiando algum infausto successo, formei logo tenção de me retirar de tão evidente perigo.

Eis que então ouvi tropel, como de muitos, que corriam apressadamente: e reparando, vi entrar o dono da casa com um punhal na mão, dizendo a dous escravos, que me não deixassem sahir da camara, enquanto dava execução a seu aggravo, pois tão claramente o tinha visto. Mas como na camara havia uma jnella, por ella me sahi: e com ir com apressados passos, ouvi tão lastimosos gritos, como de quem entregava a vida ás mãos de um executor verdugo. E tendo-me distanciado da casa mais de um quarto de legua, avistei um maranhoso ramal, dentro do qual me recolhi, de cujo lugar descobria a estrada: e dalli a um quarto de hora passou o dono da fazenda, montado a cavallo, com quatro escravos, todos armados, aos quaes ia reprehendendo, porque me tinham deixado sahir com vida. E vendo-me eu naquelle evidente perigo, fiz um promettimento a Deus, que se me livrasse daquelle aperto, iria bascar uma Religião, onde, fazendo penitencia, acabasse a vida em seu santo serviço. E logo fiz este discurso:

Oh caduca belleza! Oh falsa vaidade! Como te considero tão depressa arruinada! De que te serviu a vida estribada em um engano com alentos de uma respiração, se havias de morrer de um suspiro? Ah infeliz! Quem te dissera, ha menos de uma hora, que toda esta locução se havia de ver em um silencio triste! E que todo este garbo e bizarría tão depressa havia desapparecer como uma exhalção, que corre; uma setta veloz; uma ave, que vôa; um peregrino, que passa; uma náu, que navega; uma ampolla de agua; uma nuvem, que se desfaz; uma flor, que cahe, e um vento, que desapparece!

Isto mesmo considero hoje em ti, ó desgraçada. De que te serviu aquella bem vista formosura e portentosa belleza, quando apenas parecias um assombro de perfeições, para seres agora considerada um estrago da vida e um horror da morte?

Glorias, que hão de ser de tão pouca dura, para que é possuí-las? Felicidades tão momentaneas, para que é estimá-las? For-

O PEREGRINO DA AMERICA

mosura, que tão depressa se affeia, para que é idolatrá-la? Vida, que tão brevemente se acaba, para que é prezá-la? Finalmente: para que é fazer tanto apreço e estimação de uma exalação, que desaparece; de uma setta, que rompe o ar; de uma ave, que vôa; de um peregrino, que não tem jazigo; de uma náu, que vai navegando; de uma nuvem, que se desfaz; de uma ampolla de agua, que se desmancha; de uma flor, que murcha, e de um vento, que não apparece? Por isso com muita razão chamou Job á nossa vida flor: *Quasi flos egredietur, & conteritur*: (cap. 14. v. 2.) e em outro lugar (cap. 7 v. 7.) lhe chamou vento: *Ventus est vita mea*. E assim devemos cuidar sempre, que todo este composto mortal ha de vir a parar e reduzir-se em pó e cinza: *Quia pulvis est, & in pulverem reverteris*. (Gen. 3. 19.)

E depois de ter feito este discurso, vendo que os que me buscavam se tinham já distanciado, os fui seguindo, por ter ouvido dizer, que era bom trazer os inimigos á vista, por não experimentar um golpe descuidado. E vendo que tinham tomado a derrota para a parte do Sul, vim buscar esta paragem, onde topei com o Senhor Peregrino, que foi o meu conductor á vossa presença: e de vós espero todo o amparo e soccorro.

Senhor, (lhe disse o morador) podeis estar socegado, porque vos mandarei pôr com toda a segurança onde fordes servido: e para que deis cumprimento á vossa promessa, que fizestes a Deus, de ser Religioso, podeis dispôr de duzentos mil réis, para vos preparardes do necessario. Com que vos retribuirei, Senhor, (lhe disse o mancebo) o muito, que vos devo? Com me encommendares a Deus (lhe respondeu o morador). Nunca o deixarei de fazer, (lhe disse o mancebo) por não incorrer na nota de ingrato a quem vivo tão obrigado.

E logo fallando commigo o morador, me disse: Que vos parece, Senhor Peregrino, o lastimoso caso daquella infeliz creatura e a discreta narração dos tragicos successos, que tem acontecido ao Senhor Licenciado? E tambem tomára, que me dissesseis agora o que sentis do peccado do adulterio, pelos atrozes casos, que vejo no mundo acontecer.

Primeiramente haveis de saber, Senhor, (lhe disse eu) que por

isso com muita razão chamam ao Amor Cupido, por ser filho de Marte, deus da guerra, e de Venus, deusa da formosura e symbolo do amor profano. E pelo que têm de guerreiros amantes e valentes namorados, todos aquelles e aquellas, que se alistam debaixo de suas bandeiras, a servi-lo nos seus Exercitos, por isso vêm muitos a morrer de settas hervadas do peccado e vão a parar suas almas no inferno.

Emquanto ao elegante estylo e discreta narração, com que nos tem manifestado o Senhor Licenciado os periodos de sua vida: bem claro se verifica o muito que as scientes letras o têm polido, e o exercicio militar adestrado, para fallar com acerto em todas as materias. E no que respeita ao altivo de seus pensamentos, por tanto appetecer e nada recear e correr esses remontados climas do mundo: tudo lhe procede dos generosos brios de seu nobre nascimento, por ser mui propria condição da nobreza buscar honrosas emprezas, para melhor se poder qualificar nas noticias, as quaes se alcançam, quando discorrendo a redondeza da terra se completam, enchendo a largueza de seus grandes corações. Porque é certo, que nada faz aos homens mais capazes, e peritos na discrição, do que o terem corrido o mundo, levando comsigo o cofre das Sciencias, (isto é, as Artes liberaes, que se aprendem, e as Faculdades, que se estudam) para terem que dar e repartir com aquelles de quem recebem beneficios e onde possam recolher as mais preciosas prendas das discretas noticias, que dispersamente acharem nos grandes talentos com que tratarem.

Porque muitos sei eu, que mendigam nestas emprezas, cahindo em muitos tropeços, por se acharem tão faltos de saber, como cheios de ignorancias, por se não terem aproveitado no tempo, em que os obrigavam seus pais e convencidos davam seus Mestres para os ensinarem. E por isso agora vos digo, Senhor Licenciado, que podeis apostar muitas vantagens com os mancebos nobres, que passeiam nas praças recreando-se nos jardins de Flora, galanteando as damas; pelo muito, que tendes visto e experimentado na nossa peregrinação discreta: louvando-vos tambem a eleição de vos quereis retirar ao sagrado de uma Religião, pelos grandes infortunios e perigos, em que vos tendes visto, que estes são pela maior

parte os lucros com que o mundo costuma pagar a quem o serve e se deixa levar de suas enganosas promessas.

Porém, fallando agora do peccado do adulterio. Haveis de saber, Senhor, (disse eu ao morador) que ha homens tão resentidos na opinião de sua honra, que basta verem em suas mulheres o menor recato na estimação de seus recolhimentos, para logo darem á execução seu imaginado aggravado. Por isso com muita attenção e cuidado se deve fugir desta culpa, por ser uma das mais enormes e execrandas que póde haver, pois nella se comprehendem muitos males e circumstancias. E o mesmo preceito divino nô-lo está insinuando, porque diz o Mandamento: Não desejarás a mulher do teu proximo: no que basta haver desejo, para que seja peccado. E que fará executado? E assim com palavras se não póde explicar, nem exprimir a offensa, que faz um adultero a Deus e ao seu proximo, por ser mais que ferimento e outros danos particulares que se podem fazer ao proximo. De sorte que, se a um homem lhe puzessem fogo á sua casa ou lavoura e o enchessem de golpes, lhe não fariam maior offensa do que chegando a sua mulher.

E por isso devem todos fugir deste peccado. Porque, se bem considerasse um homem e uma mulher o damno, que resulta desta culpa, por ser irreparavel, nunca o haviam de commetter, pelos estragos, mortes, desamparo de filhos e restituição ao offendido: e como a este nunca se póde satisfazer, nem pedir perdão, é mui difficiloso de ser perdoado.

A experiencia e os livros nos têm mostrado que houve muitos homens, os quaes antes quizeram perder as proprias vidas do que ver offender a suas mulheres. Vêde que semrazão será offender uma mulher a seu marido! Por isso diz Santo Ambrosio: Ainda que tu, ó adultero, enganaste ao marido, não has de enganar a Deus: e ainda que escapes da vingança do offendido ou das penas da lei, é certo que não escaparás do Juiz do mundo universo. (*Liv. 1. de Abraham, cap. 2.*) E pelo que tenho visto succeder por causa deste peccado, bem comprovada se vê a autoridade deste Santo.

Ouvi o seguinte caso, que succedeu em uma das Villas do Sul, da Capitania dos Ilhéus. Havia um mancebo mui presumido de

valente, (e por isso mui desvanecido de louco) o qual andava amancebado com uma mulher casada, até que a veio a tirar do poder de seu marido. Dando-se este por offendido, como o pedia a razão do seu agravo, tratou de os querer accusar á Justiça: e sabendo o adultero deste intento, foi buscar ao queixoso e disse-lhe: Que se por alguma via intentasse molestá-lo, lhe havia de tirar a vida. Deixou-se o miseravel offendido do que tinha intentado. Passados alguns dias, disse esta má mulher áquelle insolente adultero, que andava pejada e por essa causa desejava comer umas amoras, que lhas fosse buscar. Bastou este dizer, para que logo o mancebo em companhia de um seu irmão se embarcasse em uma canôa e fosse a uma ilha, onde havia estas fructas: e saltando em terra, deu logo com uma arvore cheia dellas. E como são arvores sylvestres, e muito altas, a derrubou. Mas, ficando ella preza em outra mais grossa, resolveu-se o mancebo a subir pela que estava em pé, para desta passar á que estava derrubada, e colher as fructas: e chegando perto da arvore cortada, lhe pegou em um galho, que fazia junto com outro uma forquilha, e puxando pelo mesmo galho, desceu a arvore cortada sobre a que estava em pé, pela qual subia o mancebo, e de improviso lhe prendeu o pescoço entre uma e outra arvore. E para que morresse solememente com algóz e testemunha de vista em tão atroz supplicio, chamou pelo irmão, o qual brevemente lhe accudio, e vendo-o naquelle horrivel estado, sem saber determinar-se, se resolveu a subir pela arvore cortada, levando um machado na mão: e quanto mais subia, mais o apertava, opprimido com o peso do páu, até que chegando junto do padecente, se determinou a cortar um dos galhos que o prendiam: e foi tal o golpe, que, errando o páu, lhe acertou no pescoço e alli o acabou de matar, e assim veio a morrer miseravelmente este soberbo adultero, sendo elle mesmo o motor e executor do seu castigo, por haver offendido a Deus e ao seu proximo. Este caso bem o posso affirmar, porque vi o cadaver, o mais horrendo e espantoso espectáculo que tenho visto. Estupendo caso, Senhor (me disse o morador). Na verdade, que muito devemos temer os justos juizos de Deus e fugir de semelhantes peccados.

Pois ouvi outro caso, (lhe disse eu) que tambem succedeu,

não ha muitos annos, em uma Ilha (a que chamam do Desembargador) do reconcavo da Cidade da Bahia (13). Morava nesta Ilha um homem casado, o qual indo uma vez pescar e voltando para casa já quasi meia noite, bateu á porta, e porque viu que se lhe não abria promptamente, foi buscar a do quintal, e a este tempo viu sahir por ella um homem correndo. E partindo o dono da casa atraz delle, o adultero se precipitou por um despenhadeiro, que ficava no fim da Ilha da parte do Sul, e, além de ser a quéda mui alta, deu com a cabeça em umas pedras e logo alli ficou morto, sem que o offendesse outro algum instrumento, mais que o castigo do seu peccado. Por isso se diz: (me disse o morador) *Supplicium est pœna peccati*. (Cic., in *Pison.*)

E para mais confirmação do que vos digo, (continuei eu) ouvi o caso seguinte: Havia uma mulher casada, que tinha o marido fóra de casa: e na confiança de que não viria tão depressa, recolheu nella a um homem com quem tinha amizade illicita. A este tempo lhe bateu o marido á porta: e parecendo-lhe á mulher, que o marido vinha a tomar vingança da offensa que ella lhe tinha feito, sem mais cautela, nem reparo, se lançou de uma janella: e porque as casas eram de sobrado e altas, cahiu de sorte que logo alli ficou morta. E vendo o marido aquelle arrojado impulso, examinou o caso e veio no conhecimento de que fôra em castigo do peccado da mulher. Melhor não podieis provar a autoridade de Santo Ambrosio, (me disse o morador) nem contar casos mais a proposito dos adulteros, que se castigam por si proprios.

E porque não fiquem os homens casados (lhe disse eu) sem algum exemplo dos adulterios, que fazem a suas mulheres, ouvi o seguinte caso, que não ha muitos annos succedeu na Cidade da Bahia. Havia um Letrado, o qual, sem embargo de ser casado, se amancebou com uma meretriz: e tanto se embelezou no seu depravado amor, que mais assistencia fazia á amiga do que á sua propria mulher: e para mais se dar a este abominavel vicio, tinha posto a manceba em uma fazenda sua no Reconcavo da mesma Cidade. E depois de terem passado alguns quatorze annos, sem querer largar esta mulher, estando elle na Cidade, lhe veio um aviso com muita certeza de como se tinha ido a sua concubina para casa de

outro homem: e foi tão vehemente o ciume e pezar, que concebeu este Letrado, que acabou a vida em menos de doze horas, sem haver remedio que lhe pudesse valer, nem conselho que lhe aproveitasse.

Eu conheci muito bem esse Letrado, (me disse o morador) porque me advogou em uma causa de que alcancei vencimento pela sua grande intelligencia e destreza. E o peor é, Senhor, (lhe disse eu) que tendo tão grande saber para aconselhar aos mais, não se soube vencer, nem aproveitar para si, que essa é a maior desgraça dos cientes, quando não guardam os preceitos de Deus.

E nasce isto muitas vezes, porque lhes parece a muitos homens casados, que não é tão grave a culpa do adulterio que fazem a suas mulheres, como é a das mulheres para com os maridos. Pois saibam que, ainda que as Justiças humanas se hajam com alguma dissimulação, na Lei Divina corre o mesmo paralelo: e não sei se diga que com maiores circumstancias, porque quanto mais se conhece a gravidade da culpa, tanto mais é castigada por Deus.

Ver o como nesta terra costumam os homens casados facilitar esta culpa, e ainda com as suas proprias escravas de portas a dentro, dando tão má vida a suas mulheres, tão grande escandalo á sua familia e tanta ousadia a suas escravas, é para exclamar e condenar com rigorosos castigos a quem tal chega a obrar. Porque mais parecem estes homens viver na lei de Mafoma que na de Christo: e por isso vêm muitos a acabar pobres e miseraveis, e alguns mortos pelas mesmas concubinas com veneno, como a cada passo estamos vendo, e depois vão ao inferno a penar para sempre (14).

E se algum (o que Deus não permitta) se achar em tal peccado, vá buscar logo Confessor, e saiba confessar-se e faça o que elle lhe aconselhar: que eu lhe prometto que, se assim o fizer, lhe não ha Deus de faltar com o perdão, se o buscar a tempo, por ser este peccado atroz, que ha mister muito de Deus um homem para se livrar delle, por ser occasião de portas a dentro, que só lançando-se fóra se pode livrar de offender a Deus.

E se eu houvera de vos repetir os atrozes casos, que têm succedido e estão succedendo por causa deste peccado, de muito tempo necessitaria para os poder dizer: e basta que não houve nação, por

barbara que fosse, que não abominasse esta culpa e não fosse castigada por todas as Republicas do mundo.

Os Egypcios estabeleceram lei contra este peccado, em que mandaram que, se o adulterio se comettesse sem dolo, nem força, o homem levasse mil açoutes e á mulher lhe cortassem os narizes.

Tenedio Rey mandou pôr um Edicto, no qual ordenava que, juntos os adúlteros, os partissem com um machado.

Os Povos da antiga Saxonia usaram de dous modos de pena, ambos horrendos: um era obrigar a adúltera a enforcar-se por suas mãos e debaixo lhe punham fogo, e sobre as cinzas da miseravel enforcavam tambem o adúltero. O outro era levar á adúltera a açoutar pelas ruas, aldeias e lugares circumvizinhos, e os verdugos eram todas as mulheres que se quizessem mostrar honradas e zelosas: as quaes sahindo, umas de uma parte e outras de outra, a iam açoutando com varas e retalhando-lhe os vestidos até a cintura, e assim a maltratavam e deixavam por morta.

Na lei de Moysés se mandava que morresse a adúltera apedrejada (*Levit. 20. 10.*) As Ordenações do nosso Reino permitem e mandam, por bem da Republica, que os offendidos possam accusar aos adúlteros a que morram morte natural. (*Ord. lib. 5. tit. 25.*) Finalmente, quasi todas as nações, ainda as que carecem de politica, têm este delicto por culpa grave, que tão abominavel é.

E assim, aconselhára eu a todas as mulheres, que se quizerem conservar em virtude para com Deus, e em paz com seus maridos, não só fujam de cahir em tão horrenda culpa, mas nem ainda dêem a menor occasião de desconfiança a seus maridos: porque muitas vezes dissimulam com prudencia, o que vêm depois a executar apaixonados com razão.

E tomem exemplo daquella discreta matrona Erena, que chegou a dizer: Antes mil vidas perder, que offender a Deus e a meu marido. E se não, vêde o que aconteceu a Hypo, matrona mui celebrada por sua grande formosura, pois antes quiz perder a vida, que violar a virtude da castidade, que tanto amava.

E por isso fujam de todo o trato de conversações de homens e de lhes apparecer, ainda que sejam parentes: porque lá diz o proloquio Castelhana: La mucha conversacion es causa de menos-

precio: e ha muitos homens, que se não contentam com levar os peccados em alforjes aos pés dos Confessores, mas com carregá-los em cestos para o inferno.

Fujam, quanto puderem, de ter trato ou familiaridade com pessoas Ecclesiasticas: porque, supposto sejam comparadas com os Anjos, tem succedido muitas vezes, pelo caminho da virtude entrarem na estrada da maldade: e basta ter-lhes muito respeito de longe, porque tambem da terra se tem devoção com os Anjos e Santos do Céu. Contentem-se com ouví-los e vê-los nos Altares, nos Pulpitos e nos Confessionarios, que são os lugares em que os Sacerdotes representam a Christo. Vejam, que o demonio é como o ladrão: este furta nas estradas, aquelle na occasião.

Guardem-se, quanto fôr possível, de ter amizade com mulheres deshonestas, porque lá diz o rifão: Dize-me com quem andas, dirte-hei que manhas tens.

Não digam mal de seus maridos em presença de outrem, por não incorrerem na nota de que os não amam como devem e são obrigadas. E se seus maridos lhes derem máu exemplo neste particular, nem por isso lhes venha tal tenção de os offender com outra semelhante injuria, porque, além da offensa que fazem a Deus, põem as suas vidas em perigo de serem castigadas pela Justiça ou mortas por seus maridos. Porque destas desattensões e modos de vingança têm succedido graves males e lamentaveis desgraças.

De nenhum modo acceitem dadivas, sem causa muito urgente de homem algum. Não queiram em suas casas apparatus, mais do que as suas posses alcançarem: porque pela cobiça cahirão no laço do demonio, o qual lhes mostrará que, sendo-lhes necessario dinheiro para este fim, sobre o penhor da sua honra não faltará quem lho empreste. Tambem devem ser muito honestas no vestir: porque as gallas deshonestas estão indicando corpo lascivo. E por isto se diz: Não ha cousa, que menos cheire do que o corpo muito vestido.

E assim as mulheres casadas devem ser fortes, discretas e prudentes: dentro em suas casas, zelosas; fóra dellas, recatadas; e em todas as occasiões, exemplares; e mais prezadas de soffridas, que de agastadas, porque pela maior parte todas as desordens, que

O PEREGRINO DA AMERICA

sucedem entre casados, são por falta de soffrimento e impertinentes ciumes, porque de palavras vão a porfias, de porfias a gritos, de gritos a ameaças, de ameaças a pancadas e de pancadas a mortes.

Não sei se tendes reparado na causa, porque o mar se faz soberbo em uma rocha. Pois sabei que procede da rija resistencia, que lhe faz a pedra da rocha. Assim são os mal casados: encontram-se estas duas naturezas com qualquer vento de raiva, começa o mar do marido a pelear contra a rocha da mulher: e porque se não rende ou desfaz, tudo são estrondos, gritos e bramidos, e assim vivem em uma continua guerra e não ha quem alli possa viver, nem habitar, pelos estrondos que fazem. Porém, se acha este mar do marido embarcação de mulher navegavel, ainda que seja em uma grande tempestade, segue todos os rumos e ventos, sem bulha, nem rumor: porque se deixa levar a embarcação para onde o mar a leva, até abonancar o temporal, e fazem viagem segura ao porto da salvação. E para prova do que vos tenho dito, vos contarei dous casos, além de infinitos, que pudera repetir: um lastimoso e outro jocoso.

É o caso lastimoso o seguinte: Eu conheci a um homem estrangeiro, de nação Genovez, casado com uma Portugueza, a qual era em extremo ciosa e tão mal soffrida, que não ousava o marido sahir fóra de casa, que logo lhe não demandasse zelos, e delles procedia haver razões tão pesadas, que por mais que o marido a queria capacitar, cada vez gritava mais. Succedeu que uma noite, vindo o marido de fóra, começou a mulher com a sua costumada teima. Disse-lhe o marido uma e muitas vezes que se calasse. E como a mulher se não quizesse accomodar, levou o marido de um alfange e a golpes e estocadas a matou.

Verdadeiramente (me disse o lavrador) que peor o não faria um bruto, pela injusta e cruel morte, que executou: porque o marido não deve, nem póde matar a sua mulher por semelhantes cousas. Como cego da colera se precipitou: (respondi eu) e por isso ficou perdido, deixando a sua casa, filhos e cabedal, e depois se contou que se enforcára por suas mãos desesperado.

Succedeu o segundo caso na fórma seguinte: Havia uma mulher, que por qualquer briga ou desavença, que succedia ter com

o marido, dizia que se ia afogar em uma lagôa perto de casa: e assim como sahia com aquelle impulso de raiva, sahiam tambem os filhos atraz della, pegando-lhe e pedindo-lhe que não desse á execução o que intentava fazer. Succedeu uma vez ter uma briga com o marido: e partindo para a lagôa, dizendo que se ia afogar, tirou o marido pela espada e disse aos filhos: Que se algum fosse accudir a sua mãe, o havia de matar. Chegando a mulher junto da lagôa, olhou para traz, e vendo que ninguem ia em seu seguimento, disse: Não me vêm accudir? Disseram-lhe os filhos: Que seu pai lho havia prohibido. Respondeu ella: Pois, já que me não querem accudir, tambem eu me não quero afogar. E logó se tornou para casa, e dalli por diante viveu mui conforme com o marido.

Por certo (me disse o morador) que tomou essa mulher mui bom accôrdo. Porém, fallando acerca dos ciumes, que têm as mulheres casadas de seus maridos: parece-me que seriam licitos, sendo em amor honesto, porque sempre ouvi dizer, que não pôde haver amor sem zelos. E acredita este meu pensamento um Romance, que ouvi cantar, sendo moço, do qual ainda me lembram a primeira e ultima copla, e segundo minha lembrança, dizia a primeira.

ZELOS, amor, confiança
 Han dado guerra a mi pecho:
 Si en un pecho caben juntos
 Confiança, amor, y zelos.

E acabava dizendo a ultima:

Estos son zelos sin duda:
 Y quien no passò por ellos,
 Ni diga que tuvo amor,
 Ni diga que tuvo zelos.

Assim é, Senhor, (lhe disse eu) e mui discretamente compôz o Poeta esse Romance. Porém reparai no ultimo e penultimo verso

da primeira copla, e vereis que bem se lhe póde responder, que em um peito discreto cabem confiança, amor e zelos.

Demais, que eu não reprovo totalmente os zelos no amor honesto, porque bem sei que não ha amar sem zelos. E ainda nas Letras sagradas se nos dá a entender, que aquelle Anjo em corpo mortal (S. José digo) teve zelos santos e castos de Maria Santissima, concebida sem peccado e sempre Virgem Mãi de Deus: porém houve-se o Santo com tal prudencia e virtude, que emquanto lhe não foi revelado pelo Anjo por mandado de Deus o grande mysterio da Incarnação do Verbo Divino, antes se tinha determinado em deixar sua Santissima Esposa, que publicar a nota, que della presumia. (*Matth.* 1. 19.)

Dos livros humanos tambem constam varios successos, que no mundo houve entre casados, por desconfianças zelosas, por cuja causa aconteceram muitas desgraças, e talvez por falta de verdadeiro exame e certeza. Do genro do Rei de Leão em Castella se conta, que andando na guerra contra os Mouros, por lhe chegar á noticia que sua mulher a Princeza usava mal de sua honra, a matou innocentemente, como depois se comprovou.

E não é menos para admirar aquelle lastimoso caso, que succedeu a Alboino, Rei dos Longobardos, por se casar inconsideradamente com uma escrava, o qual depois de a ter levantado a tão alto estado, a tornou a anniquillar de sorte, que veiu o Rei a acabar-lhe nas mãos de uma trahição, por zelosa e mal soffrida.

Finalmente, costumam os demasiados ciumes não só cortar pelo credito, mas ainda pela união da paz e assombros da mesma morte. E se não, vêde o que succedeu a Cornelia, mulher do grande Pompeio, por um zeloso conceito que fez do marido, fazendo-o cahir em uma trahição, onde acabou a vida. Fulvia, mulher de Marco Antonio, pelo divertir dos amores de Cleopatra, quiz antes impaciente cortar pelo bem publico da paz, que soffrer a guerra de seus ciumes.

Não succedeu assim entre os nossos Reis de Portugal, por serem as nossas Rainhas mui pias, discretas e virtuosas, sabendo-se vencer com moderação, no que muitas não puderam dissimular com paixão.

E a esta imitação houve muitas matronas Fidalgas de Portugal, que obraram feitos heroicos e dignos de eterna memoria, para exemplo das casadas. Uma foi certa Fidalga na Côrte de Lisboa, a qual, sabendo que seu marido se divertia com uma mulher, a foi buscar, e venceu o seu aggravo com um grande affago, que lhe fez: motivo, porque, tanto a meretriz, como o discreto marido se apartaram da má occasião, e tratou o Fidalgo dalli em diante de viver com sua esposa, como lho merecia o seu grande amor e prudencia.

Finalmente: occupem-se as mulheres em bons exercicios e não estejam ociosas. Sejam mui devotas da Virgem Senhora nossa, por ser este o melhor meio, que pôde procurar uma creatura, para conservar a castidade e livrar-se de perigos, porque sempre ouvi dizer: Que depois que o mundo é mundo, jámais o devoto da Virgem foi lançado no profundo.

Não deixarei tambem de fazer algumas advertencias aos homens casados e aos que estão para tomar estado, para que o façam com acerto e principalmente em serviço de Deus. Primeiramente sejam mui prudentes em procurar mulheres de sua igualha, (isto é, na geração e idade) por não virem a experimentar os descontos de enganados e queixa dos muitos annos para o fim da propagação.

Fujam de levar á presença de suas mulheres homens moços e de suspeita e menos fidelidade, porque lá diz o adagio: A su casa lleva el hombre, con que llora. A sua mulher trate com muito amor e respeito, para lhe não dar occasião de justa queixa. Não seja amante impertinente, querendo experimentá-la: porque a mulher é como a espada, que tambem tem sua hora. Não permitta que appareça a todos, fazendo della (como lá dizem) panno de mostra.

Tambem será acerto que os maridos neguem a suas mulheres algumas licenças de certas visitas, com prudencia e destreza. Assim o fez na Cidade da Bahia um discreto casado, porque, pedindo-lhe a mulher licença para ir ver umas festas á casa de uma sua conhecida, lhe disse o marido: De muito bôa vontade a concederia eu; mas ouvi dizer, ha bem poucos dias, que estava essa casa com grande ruina para cahir e não quero que hoje com o muito concurso da gente succeda alguma desgraça. E desta sorte, ficou a

O PEREGRINO DA AMERICA

mulher satisfeita e elle desculpado. Isso será muito bom, Senhor, (me disse o morador) para se usar com as que costumam pedir licença: porém, muitas sei eu, que a tomam sem lha darem. Essa culpa, Senhor, (lhe respondi eu) não procede das mulheres, senão dos maridos, que as põem nesse costume.

Na verdade vos digo (tornou o morador) que prezei ter-vos ouvido tão discretos conselhos acerca deste estado: e se não fôra tão velho, (pois já tenho mais de sessenta annos) só procurára este estado, por observar vossos documentos. Está a mesa posta, vamos cear. E logo nos deu uma ceia com grande largueza: e depois nos disse que tambem tinhamos camas feitas, onde podiamos descansar. Recolhemo-nos eu e o mancebo em um aposento, onde achamos duas camas com todo o asseio e alli passamos a noite.

NOTAS AO CAPITULO XIX

(1) Era de praxe no seculo XVII ir o segundo filho para a Universidade ou para a milicia, a obviar-se-lhe a pobreza em consequencia do sistema de morgadio que favorecia o primogenito — e recolher as raparigas ao convento onde estariam a salvo de casamentos inconvenientes. Os doutôres aliás, equiparavam-se á fidalguia, “capazes de entrar nos cargos nobres...” (*Ordenações*, livr. 3, tit. 29). Uma das superioridades da civilização portugêsa foi o grande crédito que desde o seculo XIV ligou aos titulos literários. Os maiores nomes do Reino não se diminuíram passando pelas aulas universitárias. Essa política, de darem os reis, desde D. Diniz, uma attenção respeitosa ao ensino superior, e ás imunidades dele derivadas, se acentuou com o reflorescimento de Coimbra em 1537. É um exemplo de doutor-cavaleiro do seculo XVI Mem de Sá, 3º governador geral do Brasil.

(2) Em face da sucessão de Espanha, adotou D. Pedro II duas atitudes: em 10 de Junho de 1701 aderiu á causa francêsa (reconhecendo rei Felipe V, como queria Luiz XIV) e em 16 de Maio de 1703 se desligou desse compromisso para ficar com a liga anti-francêsa que apoiava o pretendente arquiduque Carlos de Austria (Inglaterra, Holanda e Austria).

O arquiduque chegou a Lisbôa em 7 de Março de 1704 (Alfredo Pimenta, *Elem. de Hist. de Portugal*, p. 372).

Sobre as negociações que precederam á guerra, Damião Peres, *A Diplomacia Portugêsa e a Sucessão de Espanha*, p. 83 e segs., Barcelos 1931.

(3) O Reitor da Universidade de Coimbra era em 1704 D. Nuno Alvares Pereira de Mello (Vd. Teofilo Braga, *História da Univers. de Coimbra*, III, 149, Lisbôa 1898).

(4) D. Antonio Luis de Souza Tello de Menezes, 2º marquês das Minas, foi governador geral do Brasil entre 4 de Junho de 1684 e 4 de Junho de

NUNO MARQUES PEREIRA

1687, sucedendo a Antonio de Souza de Menezes, o "Braço de Prata". Fez na Bahia uma administração sensata e aplaudida. Vieira, Gregorio de Matos, Bernardo Ravasco, dedicaram-lhe elogios exuberantes. À frente do exército que, em 1705, invadiu a fronteira espanhola, apoderou-se de Salvaterra e propoz-se, em seguida, tomar Madrid. Marchou primeiro sobre Ciudad Rodrigo, depois sobre Salamanca e afinal foi acampar nos arredores da capital, onde conseguiu fosse aclamado Carlos III. Êxito fugaz: desvaneceu-o o inucesso de Almanza.

(5) D. Pedro II e o arquiduque em 20 de Setembro de 1704 encontraram-se na Guarda e seguiram para Almeida, onde os esperava o marquês das Minas. Os dous principes desistiram de atacar a fundo as linhas franco-castelhanas.

(6) Em 27 de Junho de 1705 o marquês das Minas chegou aos subúrbios de Madrid. A aclamação ocorreu em 2 de Julho.

(7) A batalha de Almanza feriu-se na tarde de 25 de Abril de 1707. Comandava as forças contrarias o Duque de Berwick, que teve a vitória. Um Regimento português cobriu-se de glória por ter preferido o esmagamento á retirada, A. Pimenta, *op. cit.*, p. 375. Graças a essa batalha Felipe V reinou incontestavelmente em Espanha: começa aí a história dos Bourbons espanhóes. A paz com Portugal consolidou-se através do tratado de Utrecht. O pretendente Carlos III renunciára ás suas ambições na península por ter sido chamado ao trôno do Imperio, em 17 de Abril de 1711. A suspensão de armas foi acordada em 7 de Novembro de 1712; e o Tratado subscrito em 6 de Fevereiro de 1715.

As incursões de Duclerc e Duguay-Trouin no Rio de Janeiro constituem episodios da represalia de Luiz XIV contra o rei de Portugal.

(8) Sobre os feitos militares de Vasco Fernandes Cesar na India, Vd. "*Os Portugueses em Africa, Asia, America e Oceania*", VII, 149, Lisboa 1830.

(9) A expedição contra o Reino de Canará (36 legoas ao sul da cidade de Gôa) originou-se das arrogancias do principe que, em represália ao aprisionamento de um seu navio, se recusou a vender arroz aos portugúes. A armada punitiva foi de onze embarcações capitaneadas por D. Francisco de Alarcão, Antonio Cardim Fróes, Tomé Mesquita de Moraes, Antonio dos Santos, Bernardo Leitão, Gonçalo da Silva Ferrão, Diogo Alvares, João de Macedo, Antonio dos Reis, Antonio Martins e José Barbosa, sob a chefia suprema de José Pereira de Brito. Saíu de Gôa em 15 de Janeiro de 1713. No porto de Camutá, onde entrou em 18 do mesmo mez, o capitão môr fez incendiar onze barcos indigenas. Em seguida desembarcou em Braçalor, que investiu, assolando, com dura guerra, toda a costa, "*Os Portugúes etc.*", VII, 152. A perda do rei de Canará importou em 82 navios e mais de seiscentas pessoas, tendo os agressôes apenas 12 soldados mortos e uns 30 feridos. O Tratado de Paz foi assinado em Gôa, em 19 de Fevereiro de 1714, pagando a parte adversária 30 mil xerafins á conta dos gastos da expedição.

(10) Desde as primeiras armadas da India os portos do Brasil tinham sido considerados bons para o refresco das náos, sempre que não podiam chegar ao Oriente com as monções próprias. A escalada habitual — mais tarde — encheu a Bahia de mercadorias chinêsas e indianas, cuja abundancia no Brasil colonial é uma característica do comércio dirêto com as praças de

O PEREGRINO DA AMERICA

Goa e Macau. As porcelanas, toda sorte de alfaias, os tecidos, os palanquins e os moveis orientais pudéram durante muito tempo afastar os similares artefactos da Europa.

(11) O jogo era proibido, *Ordenações*, livr. V, tit. 82. Os mais antigos informes sobre a vida social na colonia — entretanto — indicam que aí sempre houve tavolagens, rixas resultantes de j6gos de cartas e truques, e outros costumes peculiares a um porto onde se juntavam marinheiros da carreira da India, soldados, libertos e aventureiros. Assim nas *Denunciações do Santo Officio*, Bahia, 1591, (edição de Capistrano de Abreu), p. 207...

(12) O espanholismo "anágua" (saia branca, de sob o vestido de rua) conservou-se na Bahia. Em f6rma de anáguas gomadas, rendadas e farfalhantes, completa o clássico indumento da negra "bahiana".

(13) Parece ser a ilha de Burgos, entre Itaparica e o continente. Deve ter pertencido ao desembargador Cristovão de Burgos (Ouvidor geral em 1657, Vd. José Antonio Caldas, *Noticia, Rev. do Inst. Hist. da Bahia*, n. 57, 100). É ilha "alta e coberta de matos", F. Vicente Vianna, *Mem. sobre o Estado da Bahia*, p. 13. Foi Cristovão de Burgos Contreiras o primeiro brasileiro elevado a uma alta função judicial: desembargador da Relação do Brasil empossado em 22 de Janeiro de 1654 (Rocha Pitta, *Hist. da Amer. Port.*, 2ª ed., p. 459). Participou do triumvirato que governou a Bahia após o falecimento de Afonso Furtado (1675-78). Que era homem de muitos haveres nos diz a Patente de 20 de Janeiro de 1668, *Doc. Hist.*, XXIII, 126: levantara uma companhia de infantaria á sua custa.

(14) Vd. Luiz dos Santos Villhena, *Cartas Soteropolitanas*, I, 138.

CAPITULO XX

Do decimo Mandamento. Mostra o Peregrino com muitos exemplos o damno, que nos faz a ira e consequentemente a inveja. E faz metter em paz a dous homens vizinhos, que andavam em discordia.

A CORDEI no quarto da alva: e levantando-me, ouvi um rio formando queixas com um mui alto sussurro, coberto de arvoredos, que por sombrios lhe causavam grande horror: donde vim a entender que era sem d vida por se ver contrastar com as duras pedras, as quaes depois de o baterem, qual prata fina, em desperdicios de neve o faziam tantas lagrimas derramar. Se já não era tambem por se ver tão opprimido no carcere de suas margens, preso em grilhões de crystal, e assim de corrido e queixoso, por não ter outro allivio, buscava o centro do mar.

A este tempo despertou o dono da casa, e com elle o mancebo: e dando-me um e outro os alegres dias, lhes correspondi mui cor-tezmente. E depois de ter rendido as graças ao morador do bom agasalho, que me tinha feito, delle e do mancebo me despedi: de que se mostraram mui saudosos e sentidos, por verem que tão de-pressa me determinava delles apartar.

E pondo-me a caminho, fui com grande allivio, porque as nu-vens tinham feito interposi o ao Sol, e por essa causa não experi-mentei o seu calor. E seriam já cinco horas da tarde, quando cheguei a uma fazenda, a qual me pareceu um alegre jardim de Italia, pelos verdes arvoredos, vistosos pomos e fragrantas flores de que se compunha: e nella estava uma mui formosa casa de vi-venda, e dentro em uma varanda vi andar passeando um homem.

Saudei-o: respondeu-me pesadamente, porém mandou-me entrar, e logo me deu assento.

A este tempo chegou um escravo, a quem o dono da casa disse: Vai, tem-me prompto um cavallo, porque á manhã pelas quatro horas pretendo fazer viagem á Villa da Cachoeira a tomar conselho com um Lettrado, para que me diga o que hei de obrar contra este máu homem, pois me vejo delle tão precipitado.

Ainda que eu pareça confiado, Senhor, (lhe disse eu) me haveis de dar licença para vos perguntar que motivo vos persuade fazer uma viagem tão distante, só por tomares um conselho: sendo que succede muitas vezes governarem-se alguns Lettrados mais pelos interesses, que esperam das partes, do que pelo direito que acham nas leis da justiça.

Senhor, (me respondeu o morador) nunca vos poderei ter por confiado na pergunta, que me fazeis, pois vos vejo fallar com tanto acerto nesse particular. Porém, como me acho de presente tão irado e apaixonado, faltam-me palavras para vos responder ao que me perguntais: e só vos direi, que emquanto não executar a satisfação de meu aggravo, não hei de ter socego.

Pois sabei, Senhor, (lhe tornei eu) que muitas vezes o mal communicado allivia a quem o padece. Demais que a ira é tão prejudicial á natureza humana, que faz ao homem semelhante a um bruto, pelos effeitos que obra: e de tal sorte priva do juizo, ainda ao mais prudente, que lhe não deixa lugar para distinguir o mal do bem, obrigando-o a fazer desatinos, que dão muito que notar. E se não, vêde.

De El-Rei Xerxes se conta: que sabendo a difficuldade, que havia em tirar pedra do monte Atho, para uma obra, que pretendia fazer, se irou de tal sorte, que lhe escreveu uma carta ameaçando-o: Que, se não fosse facil em deixar tirar a pedra, o mandaria lançar no mar. E do mesmo refere Heródoto (*Lib. 7.*) que se enfureceu tanto contra o mar, por lhe derrubar uma ponte, que lhe mandou dizer: Que, se fosse tão atrevido de lha tornar a derrubar outra vez, o mandaria metter em um carcere e carregar de grilhões. E mandou que lhe dessem muitos golpes e lhe dissessem muitas injurias.

E por isso se costuma dizer, que o homem irado está fóra de si, pelos effeitos que obra. S. Basilio o compara a um rio arrebatado. Alexandre Magno, depois de ter logrado tão grandes applausos, veio a deslustrar a opinião entre os homens, quando levado da ira matou em uma hora a muitos de seus maiores amigos. Por isso disse S. João Chrysostomo, que a soberba e a ira eram as maiores das doudices.

Pelo que vos acabo de ouvir, (me disse o morador) me parece que tendes muita lição dos livros: e sendo assim, poderá ser que me deis algum conselho acerca do que me tem succedido. Alguma cousa tenho lido, (respondi eu) além do estudo, que fiz no Direito Civil: porque sendo moço tambem estudei a Instituta, tive a Ordenação e alguns livros de Direito, principalmente os Reinicolas: e se não alcancei o gráu de Doutor, não me deram nome de ignorante. Podeis dizer o que vos molesta: poderá ser que vos escuse de seguir essa jornada.

Não prezo pouco (me disse o morador) a offerta, que me fazeis, porque então reconhecerei que foi Deus servido trazer-vos a esta casa, quando me deis remedio ao que tanto me penaliza.

Tenho um vizinho, (melhor dissera inimigo) que dista desta fazenda meia legua, e tem tomado por empreza o molestar-me: motivo porque estou resoluto, ou eu, ou elle, despejarmos deste sitio, e quando por justiça o não possa fazer, lhe hei de tirar a vida: porque mais me accomoda matá-lo do que estar padecendo todas as horas molestias.

Não digais isso, Senhor (lhe disse eu), porque parece, e é certo, que mais vizinho está de morrer o que deseja matar a seu proximo. E se bem considerasseis o damno, que disso resulta, não o haviéis de cuidar e muito menos proferir. E se não, vêde a quantos perigos se expõem os vingativos: perdem a fazenda, os amigos, os parentes, os filhos, a reputação e muitas vezes a vida nas mãos de um algoz. Por isso disse David, como tão zeloso da virtude da mansidão: que aos vingativos lhes traspassam os corações suas mesmas espadas. (*Psal.* 36. 15.) Notai: (diz Santo Agostinho) não amaldiçoou David aos vingativos, dizendo que lhes entrasse a espada pelo corpo, senão pelo coração: porque quem quer metter a

espada pelo corpo do proximo, mette-a pela sua alma. E o mesmo Santo em outro lugar, fallando dos vingativos, diz: Senhor, Vós o haveis mandado, e assim é, que o animo desordenado seja verdugo de si mesmo. E que maior damno pôde haver para uma creatura racional, que pretender tirar a vida a seu proximo!

Vêde agora se tive razão para vos dizer que tal não dissesseis, nem intenteis obrar. E supposto que estejais apaixonado, nem por isso haveis de procurar armas contra vós mesmo, tanto em offensa de Deus e do proximo: porque em nada se desassemelha o homem do bruto irracional, senão quando se refreia e guarda os preceitos divinos.

Tenho entendido, Senhor, (me disse o morador) que melhor me não podieis aconselhar neste particular. Porém, tornando á razão de minha queixa. Sabei, que procurando eu um sitio para me accommodar com minha familia, teve este homem noticia da minha necessidade e com mui deliberada vontade me fez offerta deste, vendendo-me por fineza, que supposto pagasse renda delle, antes o queria ter devoluto, do que consentir que para elle lhe viesse algum máu vizinho.

Com effeito vim de morada para este sitio e nelle tenho feito todas as bemfeitorias, que vêdes. E como precisamente me seja necessario trazer algumas cabeças de gado vaccum para o ministerio da minha lavoura, e este (ainda que eu o traga apastorado) não pôde andar sempre tão domado, que não succeda passar á Fazenda deste homem, e por isso fazer-lhe algum damno, do qual me tem avisado algumas vezes, succedeu hoje por descuido do pastor entrar-lhe o gado na Fazenda, de que resultou mandar matar uma rez: e depois de me ter feito este acinte, me mandou dizer que a mandasse buscar, e se não, que me pagaria o seu valor. A este recado lhe respondi: Que eu me pagaria pelo melhor meio, que pudesse.

Agora vos peço que me digais o que devo obrar neste particular, para me vingar deste homem: e se tenho direito para o lançar fóra deste sitio em que está, sem embargo de que seja fobreiro mais antigo. Porque é tal o odio, que lhe tenho, que o tomára

ver destruído, pois me parece, que por ser mais rico, e tanto o favorecer a fortuna, faz menos preço da minha pessoa.

Primeiramente, Senhor: (lhe disse eu) suppostas as razões, que me tendes dito das offensas que vos parece ter feito esse vosso vizinho, nem por isso vos haveis logo de precipitar e encher de ira, mostrando-vos tão apaixonado contra elle, que vos faça quebrar o preceito divino, desejando que lhe succeda mal, quanto mais fazer-lho: porque nos obriga a Lei Divina que amemos a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos. E Christo Senhor nosso aconselha que não tornemos mal por mal, senão bem: e todo aquelle, que se preza de Christão e se quer salvar, deve seguir a doutrina de Christo. E diz S. João: Como poderá dizer que ama a Christo, quem não ama, nem cumpre o seu preceito em que manda amar ao inimigo? Como ha de amar a Deus (diz o mesmo Santo) quem aborrece a seu proximo, a quem deve amar como irmão? E se diz que ama a Deus, e aborrece ao proximo, é mentiroso. Diz Santo Agostinho, que a caridade tem dous pés e duas azas, que são o amor de Deus e do proximo: a quem falta um pé não anda, e a ave sem uma aza não voa: assim tambem o que não ama a seu proximo, não anda pelo caminho direito da salvação, nem pôde voar ao Céu. E o Senhor nos diz por S. João: (1) que tem meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. (*Joan.* 14. 21.) E Santo Agostinho: Tanto amamos a Deus, quanto guardamos os seus mandamentos.

S. Dorótheo (como se refere na *Bibliot. 4. Patrum, tom. 3. dot. 6. in fine*) diz, que quanto mais nos unimos com o proximo por amor e caridade, mais nos unimos com Deus. E no Evangelho (*Matth.* 5. 44.) nos manda Christo que amemos até áquelles, que nos não amam. E S. Paulo (*Ad Rom.* 12. 21.) diz que vençamos ao mal com o bem. E de não obrarmos assim, procedem as iras, os odios e as vinganças contra nossos proximos. E assim vos digo, que todo aquelle que não guardar este preceito de amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a si mesmo, *posso* affirmar que caminha perdido para o inferno, lugar e morada dos prescitos.

Vêde agora a que desatino maior pôde chegar uma creatura,

que, por satisfazer uma paixão, se prive de tanto bem e corte por tantas obrigações, quaes são amar a Deus e cumprir com o preceito do amor do proximo. Só se acha este vicio em gente vil e baixa, porque o animo nobre não falta na observancia da lei, pelo que deve á sua fidalguia. Para o que se deve saber que (conformando-nos com os doutos Jurisconsultos e com os mais que tratam desta materia) ha tres generos de nobreza: a primeira se chama theologal, a segunda, natural e a terceira, civil. A theologal é aquella, que por meio da caridade une a uma pessoa com Deus. Desta diz S. Bernardo, que quem a tem grande, é grande; quem pequena, pequeno, e quem nenhuma, nada: conformando-se com o que de si disse S. Paulo: (1. *ad Corinth.* 13. 2.) *Charitatem autem non habuero, nihil sum.* A natural é a que por virtudes proprias e dotes da natureza se alcança, nas quaes nos igualamos ás plantas, hervas e pedras. A civil é a que por cargos, lugares, dignidades e officios nos vem. Porém, eu digo, que a verdadeira nobreza consiste na justificação e virtude, pela qual se merece para com Deus, fazendo boas obras.

Donde venho a concluir, que se não tendes outra razão de queixa contra vosso vizinho, mais que essa, que me tendes representado, entendei que isso é uma teima odiosa, procedida de uma imaginação apparente, por onde se vos occasiona esse rancor contra vosso proximo, com que o Demonio costuma muitas vezes fazer-nos cahir em um peccado de odio e inveja, que chamam cobiça dos bens alheios, e nos faz conceber tal aborrecimento a nosso proximo, que lhe estamos desejando todo o mal, e não fazendo caso disto nos precipitamos no inferno.

Sendo, que por muitas razões nos corre obrigação de amar ao proximo. Primeira, pela semelhança, que tem de Deus; segunda, pela que temos entre nós; terceira, porque Deus o manda; quarta, porque vivemos no mesmo gremio da Igreja, com a mesma doutrina e Sacramentos etc. Bem se vê logo, quão culpavel é a falta daquelles, que por todas estas obrigações rompe, deixando-se cahir nesta falta de caridade contra seu proximo e quebrando o preceito divino, que nos manda amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos.

Isto presupposto, tambem me não persuado que haverá Letrado, que vos aconselhe com razão e justiça a que ponhais demanda a esse vosso vizinho, excepto algum de animo tão malevolo, que mais preza o seu interesse, que a sua propria alma. Porque é certo, que estando esse homem em posse pacifica e immemorial do seu sitio, ainda que seja de arrendamento, tem grande força, por ser a posse primeira a melhor e mais justa que a segunda, porque a posterior presume o Direito que é injusta, clandestina, violenta e perturbativa: e por isso aquelle, que foi primeiro, deve ser mantenido. (*Juxta Cap. Licet eum, ubi Doctores, de probat. Marant. de Ord. judic. 4. p. dist. 7 n. 19. Menoch de Adipiscend. remed. 6. n. 12. E de Retinend. 3. n. 725. E seqq. Posth. observ. 71. n. 2.*)

Além da razão, que tem este homem, pelos muitos avisos, que já vos fez do damno, que recebeu do vosso gado, segundo o que me tendes dito. E se não, ponde-vos no seu lugar e vêde como poderieis tolerar, se achasseis destruida a vossa lavoura e plantas pelo gado de vossos vizinhos. E assim, por todas as razões me parece mui justo que vos deixeis desse intento de pleitos e demandas, pelo muito detrimento, que causam a quem as procura: e sou de parecer que compreis o vosso socego e quietação, reconciliando-vos com esse vosso vizinho, porque tambem alcançareis a graça de Deus.

Na verdade vos digo, Senhor, (me disse o morador) que muitas graças devo dar a Deus por vos trazer hoje a esta casa, porque me tendes aconselhado tão discreta, como piamente: e de tal sorte estou persuadido das vossas boas palavras, que já tomára que houvesse occasião de poder buscar a este homem, para me reconciliar com elle e ser seu amigo, pedindo-lhe perdão do grande odio, que lhe tive. Porém, como sejam horas já de fazermos uma breve collação, fazei-me o favor de aceitar esta boa vontade. E com effeito nos puzemos á mesa. E depois de termos acabado de cear, veio um recado ao dono da casa, que tinha chegado alli um escravo de seu vizinho e lhe queria fallar, a quem o morador promptamente mandou que entrasse.

E chegando á nossa presença, disse o escravo ao dono da casa: Meu Senhor lhe manda a Vossa Mercê este quarto de uma rez,

que hoje cahiu no valado da sua Fazenda, não se escusando de satisfazer o valor della, quando tiver occasião de se avistar com Vossa Mercê: porque lhe quer merecer o agrado, para que em outra occasião faça a mesma partilha com elle.

Dizei ao Senhor meu vizinho, (respondeu o morador ao escravo) que lhe agradeço o mimo e lhe fico muito obrigado: que amanhã até ás oito horas espere por mim e pelo Senhor Peregrino, que lá havemos de ir gratificar-lhe este primor.

E despedido o escravo, disse eu ao morador: Agora vos digo, Senhor, que quem tem um tão bom vizinho, bem se póde chamar ditoso. E podeis conhecer que em tudo vos quer Deus livrar de trabalhos e encargos da alma: porque appetecendo vós occasião de buscar a este homem, para com elle vos reconciliardes; vô-la deparou por este meio. Assim o reconheço, Senhor: (me disse elle) o que tudo devo ao favor divino e á vossa grande prudencia: porque, se vós não chegasseis a esta casa, não me acharia eu tão bem disposto para receber este recado e presente. São horas de nos recolhermos: podeis ir agasalhar-vos. E encaminhando-me para uma camara, nella achei uma cama onde passei a noite.

Acordei a tempo, que já se via a precursora Aurora, toda vestida de branco, distillando orvalho, que em perolas se convertia lá nas conchas do mar e nos campos em granizo. E levantando-se tambem então o dono da casa me saudou, e disse: É tempo, Senhor, de irmos dar cumprimento a nossas palavras. E pondo-nos a caminho, como era distancia de meia legua, brevemente chegámos á casa do morador vizinho: o qual tanto que nos avistou (porque já esperava por nós) sahiu fóra de casa a um terreiro e rompeu nestas palavras:

Nunca me pareceu, Senhores, que mais se detivera o Sol em fazer o seu gyro lá nesses Antipodas do que nesta noite passada, pelo muito que tardou em amanhecer o dia, se já não foi pelo grande desejo que tinha de ver a Vossas Mercês, depois que me assegurou o meu escravo que me queriam fazer a honra de me visitar hoje nesta humilde casa.

Pois sabei, meu Amigo e Senhor vizinho, (lhe respondeu o primeiro morador) que com mui duplicada vontade e desvelo pas-

sei esta noite, só por vos vir buscar e trazer á vossa presença a pessoa do Senhor Peregrino, para lhe ouvirdes a sua discreta e exemplar conversação.

Meu Senhor, (disse eu ao segundo morador) o que mais prezo é ver-vos com saúde, e que o Senhor vosso vizinho se conserve em paz comvosco; e louvores em mim são escusados: porque assim como já não faço caso dos desprezos, bem é que não faça estimação das honras. Porque haveis de entender que nesta vida o que se quizer salvar, se há de considerar em um naufragio, nadando em cima da taboa da humildade para escapar a vida: e neste perigo, ainda que lhe digam muitas ignominias e affrontas, nem por isso se ha de molestar, nem tomar satisfações, por se não arriscar a perder a taboa, e ir parar no centro do odio: e muito menos se deve pôr a escutar e ouvir louvores, porque o não lancem as ondas da presumpção em algum penhasco soberbo e se faça em pedaços da vangloria.

Fallais com muito acerto, (me disse o segundo morador) pelo que no mundo estamos vendo e experimentando a cada passo succeder pela demasiada presumpção: porém, o que respeita á saúde é o menos que possuo, porque vivo bem molestado. E logo nos foi encaminhando para a varanda da casa, onde nos deu assento, e mandou vir o almoço, que veio promptamente, e, com todo o asseio, em abundancia. E depois de acabarmos de almoçar demos graças a Deus, que só a Deus se devem dar pelos muitos beneficios, que actualmente estamos recebendo de sua divina providencia: porque assim o ensina e encommenda o Apostolo, tratando do comer e beber, por ser cousa tão necessaria á vida humana, que ha de ser em nome do Senhor. (*Ad Rom.* 14.)

E logo disse o primeiro morador ao dono da casa: Senhor vizinho, antes que me esqueça, peço-vos perdão da indignação e pouca paciencia, com que hontem soffri o vosso recado, que me mandastes. Senhor, (lhe disse o dono da casa) em quanto ao remorso da consciencia, louvo-vos muito a vossa acção, e Deus vos perdôe, que eu da minha parte ha muitos annos que me não accuso de que queira mal a pessoa alguma: porque sou Christão e amo a Deus e ao proximo. Dessa sorte (lhe disse eu) não ha mais que desejar:

se amais a Deus e ao proximo, tendes completado os preceitos divinos. E os mais peccados, Senhor? (me disse elle) Supponde (lhe disse eu) que o homem, que verdadeiramente ama a Deus, não pôde offender ao proximo, porque consequentemente o ama.

A razão é clara: porque assim como não ha fructo sem raiz, tambem não pôde haver amor do proximo, sem que proceda do amor de Deus. Isto se entende, fallando espiritualmente e deixando o amor profano, que se têm os cumplices e cooperadores em qualquer offensa de Deus, porque tambem é caridade impura e falsificada aquella, que fazemos ao proximo por conveniencias proprias, violando a obediencia, que racionavelmente manda o preceito divino: e só a vontade de Deus é regra certa de toda a virtude. Este preceito de ser amado, escreveu Deus com o seu mesmo dedo, no principio de toda a sua santa Lei: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* (Deut. 6. 5.)

Muito gostei (me disse o dono da casa) de vos ouvir fallar do amor, que devemos ter ao proximo, fundado no amor de Deus: mas offerece-se-me uma dúvida, que tomára que me resolvesseis. Dissestes, que este preceito de ser amado, Deus o escreveu com seu mesmo dedo: e como eu não tenho lido, nem ouvido dizer que Deus escrevesse livro algum, entra o meu reparo: Onde e em que tempo fez Deus esta escriptura?

Não ha dúvida, Senhor, (lhe respondi eu) que não deixa de ser bem fundado o vosso reparo, por ser em uma materia Theologica especulativa, que não pertence á minha profissão. Mas, como me vejo obrigado a responder-vos, por reconhecer em vós um pio e devoto amor de Deus, me persuado a vos não faltar a dar a razão de vossa pergunta, explicando-me pelos termos seguintes, fundado na Escriptura Sagrada.

Foi o caso, que depois de ter sahido o povo de Israel do **Egypto** do cativeiro de Pharaó e ter passado varias calamidades, vindo Moysés por seu Governador, livrando-os de muitos trabalhos e perigos por especial favor de Deus, chegaram ao pé do monte Sinay, no anno 2.453, depois da creação do mundo, ao terceiro dia do mez de Maio ao amanhecer, que era aos 501, que fazem 16 mezes e 21 dias depois da sahida do **Egypto**, aos 430 annos da promessa

NUNO MARQUES PEREIRA

que Deus tinha feito a Abrahão. Começaram a sentir muitos e varios estrondos, resplandores e raios e tocaram-se trombetas e com grande luz, claridade e fogo: e baixou Deus entre elles em nuvens com todo este terrivel estrepito sobre o alto do monte Sinay, e chamando a Moysés ao cume, e detendo ao povo no pé do monte e fallando dentro no fogo, ordenou e mandou estes dez mandamentos escriptos nas duas tabôas da lei. (*Exod.* 19. e 20. *Deut.* 5.)

O primeiro: Que amassem e reverenciassem a um só Deus verdadeiro, apartando fóra de si os Idolos. O segundo: Que não jurassem o seu santo nome em vão. O terceiro: Que santificassem as festas. O quarto: Que honrassem a seus pais. O quinto: Que não matassem. O sexto: Que não fornicassem. O setimo: Que não furtassem. O oitavo: Que não levantassem falso testemunho. O nono: Que não desejassem a mulher do proximo. O decimo: Que não cobiçassem os bens alheios.

Aqui tendes explicado o que me perguntastes e vos prometti dizer acerca do tempo em que Deus escreveu a Lei com o seu proprio dedo. Muito folgo, Senhor, (me disse o dono da casa) de saber com tão clara explicação o que até agora ignorava: e fico entendendo que fallais com muito acerto, pois tudo tendes apontado e autorizado com a Sagrada Escriptura.

Na verdade vos digo, Senhor, (me disse o primeiro morador) que não ha tempo mais bem empregado do que aquelle que se gasta em fallar das obras de Deus e de seus grandes beneficios, que nos tem feito e está fazendo, pelo bem que disso resulta para nossas almas. Porém, como sejam horas de ir assistir á minha casa e familia, me haveis de dar licença, Senhores, para que não falte a esta obrigação. E como vos deixo, Senhor Peregrino, em casa do senhor meu vizinho, vou descansado: porque delle fio vos fará todo o bom agasalho que mereceis. E com grandes demonstrações de firme amizade com o dono da casa, se despediu de nós e se foi para sua casa.

CAPITULO XXI

Manifesta um morador ao Peregrino o achaque continuo que padece e lhe pede algum remedio para elle: e o Peregrino lhe dá duas receitas, uma corporal e outra espirital, e lhe traz muitos exemplos dos que neste mundo padeceram enfermidades.

DEPOIS de se ter ido o primeiro morador, me disse o segundo: Não prezo pouco, Senhor Peregrino, a vossa chegada a esta casa, pelo que vos tenho ouvido praticar, porque me pareceis homem mui ensinado do tempo e com mui largas experiencias: e por isso vos quero fazer presentes as importunas molestias, que padeço. Agora, mais que em nenhuma outra occasião, Senhor, (lhe disse eu) desejára que em mim houvera um grande talento de sabedoria, para vos satisfazer o muito que vos desejo servir. Podeis dizer o que vos molesta, que com o favor divino direi o que entender.

Sabei Senhor, (continuou o morador) que a causa de minhas molestias vem a ser, que haverá oito annos que padeço uns flatos *hypocondricos* (nome posto pelos Medicos modernos, porque nos tempos passados sempre lhes ouvi chamar ventosidades melancolicas.) Este achaque me tem posto em tal estado, que com palavras vos não posso significar o que sinto: e o que mais me penaliza é ver o pouco que me têm aproveitado os muitos remedios, que se me tem applicado, com tanto dispendio da minha fazenda, passando eu com todo o regalo do sustento: e por esta causa rompo em queixas, impaciente contra mim proprio, e não sei se offendo a Deus com o pouco soffrimento, que tenho: e o que sobre tudo sinto é, que me não dá lugar esta enfermidade para poder fazer penitencia de meus

peccados, pelas grandes ancias com que me accommette ao coração e mais membros do corpo. Agora quizera me dêsseis algum remedio, para me livrar de tão repetidas queixas e molestias, tanto para a saúde corporal, como para o espirital, que é o que mais se deve desejar.

Supposto, Senhor, (lhe disse eu) que não seja profissão minha aconselhar em semelhantes casos: comtudo, fiado no que lá disse um Escriptor moderno, que nenhum, por douto que seja, deve desprezar os conselhos dos velhos: e por ter lido, que antes que houvesse estes Galenos, Hippócrates e Avicenas, já se curavam os homens, mais pela experiencia, que por Sciencias e artes da Medicina, e ainda hoje o estamos vendo observar em muitas partes e lugares do Mundo, e principalmente neste Estado do Brasil, nas partes onde se não acham Medicos, nem Cirurgiões, nem Boticas: e tambem porque me parece que Deus, como Autor da Natureza, nos quiz mostrar que não pôz a virtude dos remedios nas palavras dos homens, mas sim nas pedras, metaes, plantas, aguas etc., por isso me atreverei agora a dizer-vos o que sinto acerca desse vosso achaque. Advertindo-vos, porém, que não é minha intenção dissuadir que se consultem em as enfermidades os professores da Medicina, por conhecer que é uma das grandes Sciencias que ha, pelo que tenho lido e visto obrar, quando o Medico ou Cirurgião é Sciente e obra com aquelle zelo, que deve á profissão de sua Sciencia e Arte.

Fallando pois agora acerca da vossa queixa: tem mostrado a larga experiencia, que muitos em semelhantes enfermidades, por tanto se quererem curar e requintar a saúde, vieram a perder as vidas, e que outros, usando só do bom regimento, viveram largos annos, por observarem a parcimonia, mais comendo para viver do que vivendo para comer, como se costuma dizer.

A este proposito vos contarei o que vi succeder a certo convidado, estando em um banquete: e foi o caso, que depois de ter comido do primeiro prato, disse (por galanteio) ao que servia á mesa: O que mais me ha de caber de quinhão, quero que mo paguem a dinheiro. Perguntou-lhe o servente: E porque causa? Respondeu-lhe o convidado: Porque não quero que os mais man-

jares me deem a perder o que tenho comido e por isso venha a adoecer.

Por certo, Senhor, (me disse o morador) que nunca a esse homem lhe succederia o que vi acontecer a outro, vindo de uma voda: o qual chegando a sua casa muito doente, e indo a visitá-lo alguns amigos, lhe perguntaram: De que se queixava? Respondeu-lhes o enfermo: De ter comido muito. Agora vereis, Senhor, (lhe disse eu) se tenho razão no que vos digo: porque não falta quem afirme, que mais gente tem morto a gula, que as campanhas militares. E daqui provém, que a muitos a sua propria fazenda e riquezas lhes são causa de acabarem mais depressa o curso da vida, pelos muitos e superfluos regalos com que vivem: querendo estes taes imitar ao Rico Avarento, o qual se dava os parabens a si mesmo dos regalos com que passava a vida, e, quando menos o cuidava, se achou de um golpe no inferno. (*Luc. 12. 19. e 20.*)

E por essa razão, sem dúvida, além das mais, se costuma nos refeitórios de todos os Religiosos mandar que se leia á mesa algum livro espiritual ou Vidas de Santos: porque é bem, que assim como se trata do provimento temporal, participe tambem a alma do sustento espiritual: e para que se abstenham os Religiosos de cahir no peccado da gula e usem de temperança, por conhecerem o grande estrago, que faz nos corpos e nas almas o peccado da gula.

O que pelo contrario vejo observar no estado dos Seculares: porque lhes tem o demonio introduzido (para mais augmentarem este peccado) que mandem cantar e tocar varios instrumentos (1), assim musicos, como bellicos, para que, lisonjeado o gosto, mais se entregue aos manjares, quando deviam considerar estes glotões (que tanto estimam e se fartam de manjares exquisitos) naquella horrenda trombeta de que fala S. Jeronymo, que se ha de ouvir no ultimo dia do mundo: Levantai-vos, mortos, vinde a juizo. Oh juizo, quem bem em ti cuidára! Oh dia final, quem bem em ti considerára! para que não houvesse tanto gosto nos demasiados manjares e não cahissem os homens neste peccado da gula, que tantos males tem feito e está fazendo, como a experiencia nô-lo mostra e das historias dos livros consta.

E assim vos aconselho, Senhor, que vos não domine o vicio

da gula, enchendo a vossa mesa de muitos pratos: e principalmente fugi de ceias largas e comeres flatulentos. Porque as muitas iguarias costumam fazer ruim cozimento no estomago, e por isso tem acontecido morrerem muitos de repente, por se lhes suffocarem os espiritos vitaes por falta da nutrição e não poderem digerir o muito que comem.

E como entenderemos, Senhor, (me disse o morador) aquelle conselho de Avicena, que diz: Janta pouco e ceia mais? Respondo (lhe disse eu) Esse Autor da Medicina fallou no sentido diminutivo: e por isso aconselhou, dizendo, que jantassem pouco e ceassem mais, id est, mais pouco. Além de que, tambem devemos considerar, que nem todas as naturezas se hão de regular por um só regimento: porque homens ha, que, se bem jantam, melhor ceiam, e nem por isso lhes succede mal. E assim ficai entendendo, que nem tudo serve para todos, nem todos servem para tudo.

Tambem vos aviso, que fujais do demasiado somno meridional, porque faz engrossar os humores de que procedem muitas enfermidades. Guardai-vos da grande vigia da noite, porque não ha cousa mais prejudicial á saúde, que o demasiado desvelo: e Deus fez a noite para descanso das creaturas. E se não, vêde o que diz Hippócrates: *Somnus atque vigilia, utrumque sine modo excitat malum.*

Porém, isto presuppuesto, vos aviso que comais o menos doce que puderdes: porque tem mostrado a larga experiencia, que tudo o que nos adoça a bocca nos faz amargar o estomago. Mas, se o não puderdes escusar, tomai aquelle conselho Castelhana, que diz:

Si te quieres bolver niño,
Come dulce, e bebe vino;
No lo digas al Doctor.

Comei fructa por fructa, como se costuma dizer, e não a fartar. Porque parece, que assim como nella veiu a nossos primeiros Pais o peccado e a nós a culpa original, tambem nos vêm varias enfermidades do corpo.

Evitai beber demasiada agua: porque supposto que seja um

dos melhores licores que ha para o alimento da vida, pelo que tem de fria e humida, é mui nociva e inimiga da natureza, segundo aquella sentença de Galeno, quando disse: *Frigus inimicum est naturæ*.

E que me direis, Senhor, (me disse o morador) da qualidade do vinho e proveitos que delle resultam aos corpos? Não se podem negar, Senhor, (lhe disse eu) as grandes utilidades do vinho tomado com bôa ordem: porque sustenta e repara as forças perdidas, mais depressa que o comer, como diz aquelle aphorismo de Hippócrates: *Facilius est reficî potu, quam cibo*: Faz bom cosimento para a nutrição e provoca o suor e a urina: é summo remedio para os velhos, conforme o que diz Galeno: *Quod animi mores capit*. Além do que, concilia o somno, aviva os espiritos, favorece o sangue, alegra o coração, causa costumes placidos: excita o calor natural, não só aos velhos, mas aos melancolicos: tempera os humores, desterra as tristezas; é o unico remedio dos pusillanimes, porque os torna mais fortes e até ás mulheres faz fecundas. Estes são em geral os proveitos do uso do vinho, com tanto que seja moderado, como já disse, e a seu tempo: porque se for demasiado e intempestivo causará muitos damnos. Esses tomára eu tambem, Senhor, (me disse o morador) que mos manifestasseis.

Haveis de saber, Senhor, (lhe disse eu) que assim como se acham todas estas excellencias no vinho, como tenho dito, tambem não ha cousa mais perniciosa que o demasiado vinho, tomado desordenadamente sem necessidade: porque é o principio e origem de todas as enfermidades do corpo e da alma racional. Em quanto ao corpo: priva-o tanto dos sentidos, que o torna peor que um bruto, pelos effeitos que lhe faz obrar. E para prova disto, vos pudéra trazer muitos casos, que tem succedido no mundo, (se não foram tão sabidos) não só a homens humildes e plebeus, mas ainda a muitos Grandes e Principes: aos quaes, tirando-os de seus accôrdos, os fez obrar mil baixezas e commetter infinitas enormidades. como consta de varios livros.

Em quanto ao que respeita á alma: fica uma creatura, que Deus fez á sua imagem e semelhança, desamparada do uso da razão, e por isso obrando brutalmente, por ter offuscado o entendi-

mento, vem a cahir em enormes e feios peccados: e basta que tenha succedido por esta causa matarem-se muitos por suas proprias mãos, e outros, desprezando os perigos, se precipitam nelles com a perda de suas almas, que é o que mais se deve temer. Finalemente, venho a concluir, que beber vinho sem necessidade é vicio e não proveito.

Muito satisfeito estou, Senhor, (me disse o morador) do que me tendes dito acerca desse licor: e fico advertido, para me saber haver nesse particular. Podeis continuar o que ieis dizendo, que nisso me dais grande gosto e contentamento.

Direi, Senhor, (lhe disse eu). Para esse vosso achaque são salutifero remedio os cordiaes, por serem os alentos do coração: e se nelle sentires algumas ancias e affrontamentos, ponde-lhe em cima um pedaço de seda vermelha ou cochonilha escarlatada, em que se tenha borrifado agua de flor ou da Rainha da Hungria: e tambem serve o balsamo apopleptico, por ser o coração mui nervoso e rodeado de membranas, e por isso necessita que o ajudem com o calor.

Conservai as fontes, se as abrires: porque, se vos não derem saúde, servir-vos-hão de espeques á vida. Não desprezeis as ajudas, que muitas vezes ajudam a viver. Fugi do sereno da noite, como de verdugo da saúde para os achacosos. Buscai o fresco da manhã pelo Verão, como cordial para a vida. Fazei exercicio moderado: porque, segundo uma regra da Philosophia, o movimento causa calor: *motus est causa caloris*: e deste modo se gastam as superfluidades, ruins humores do corpo e se distribue o calor natural pelos membros, para lhes dar ser e força: porque diz Galeno: (*lib. 6. de Locis a fl.*) *Proprii officii exercitatio robur partis corporis adauget*: quer dizer: Que o exercicio nas partes do corpo lhe accrescenta a força. Bem se mostra esta verdade nos rusticos exercitados no trabalho; e, por contraposição, os ricos mimosos, por falta de exercicio, vêm a cahir em varias enfermidades. Por isso disse um douto Apologista: Que servindo, nos serviamos. Assim que, o exercicio a seu tempo é proveitoso á saúde. Digo, a seu tempo: porque, sendo excessivo, é prejudicial aos corpos e os faz cahir em muitos achaques. E por isso mandava Deus na Lei Ev-

cripta que nos seis annos cultivassem os homens a terra, e no settimo a deixassem descansar, para que tivesse tambem o seu sabado. (*Exod.* 23. 10. e 11.) Terra é o homem, ao qual permite Deus que tenha descanso, para o louvar e bendizer pelos beneficios que lhe faz.

E agora na Lei da Graça nos manda Deus tambem que não trabalhemos nos Domingos e dias Santos, para que vamos ouvir Missa e os mais Officios Divinos e louvá-lo. E nas Leis civis mandam os Reis, que se dêem férias nos Tribunaes, para que os Ministros e Officiaes de Justiça deixem naquelle tempo de laborar e se occupem em bons exercicios.

Finalmente: em todas as cousas, assim no trabalho manual, como no intellectual, se deve procurar o meio, por nelle consistir a virtude. E assim concluo, que os corpos sublunares não devem ser tão excessivos no trabalho, nem tão deixados ao ocio, que por um venham a perder a perfeita saúde e pelo outro a salvação.

Não vos recolhaiis tão tarde, que vos falte o tempo de tratar da vossa alma: e quando vos levantares, fugi de que outro, que não seja Deus, leve as primicias de vossas acções. Mais vos pudera dizer, mas como vou depressa, não me posso dilatar: o que achareis escripto em muitos livros e por doutos entendimentos aconselhado.

Mas fallando agora acerca da impaciencia, com que viveis: haveis de saber, Senhor, que nisso offendeis muito a Deus, por ser a paciencia entre as mais virtudes a oitava maravilha, como assim a moralizou Santo Agostinho fallando das oito Bemaventuranças: e fazei muito por exercitá-la, que por isso tereis muitos allivios nesta vida e o premio da Bemaventurança na outra.

Corroborase mais esta virtude com aquella admiravel lição, que nos deu Job, como tão experimentado nella, quando disse: (*cap.* 14. v. 1.) *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseris*: O homem nascido de mulher, vivendo tempo limitado, está cheio de muitas miserias: para nos dar a entender o como está a nossa natureza sujeita a tantas miserias e trabalhos para termos paciencia. Pelo que ficai advertido, que,

faltando esta, falta o merecimento para com Deus e damos forças ao demonio para mais nos tentar e levar ao precipicio.

Demais que, ao mesmo tempo, que Deus vos está dando o que lhe pedis, vos estais mostrando ingrato e impaciente para com a sua divina providencia. Como assim, Senhor? (me disse o morador) Direi (lhe disse eu). Rezais o Padre nosso? Sim, rezo (me respondeu elle). E quando o rezais, (lhe perguntei) não dizeis: Venha a nós o teu Reino? Sim, digo (me respondeu elle). E que cuidais (lhe disse eu) que pedis a Deus? Que nos dê a sua gloria (me disse elle). Pois sabeis (tornei eu) qual é a gloria de Deus? É a sua Cruz, porque até o mesmo Christo nosso Salvador assim lhe chamou: e para nos dar exemplo a levou ás costas até nella ser crucificado e quiz nella consummar toda a sua Paixão sacratissima, para nos remir, como tinha promettido, e para nos salvar.

Isto supposto, claro fica, que para Deus nos dar o seu Reino, é necessario que o mereçamos levando a nossa Cruz: isto é, fazendo penitencias, jejuando, disciplinando-nos, trazendo cilicios, exercitando todas as boas obras, mortificando-nos e abstrahindo-nos de todos os gostos e deleites do mundo. E quando Deus vê que o não fazemos ou que não é o que basta para nos dar a salvação; por sua Divina misericordia costuma dar-nos trabalhos, pobreza e doenças, para desconto das culpas, e para termos merecimentos; e, finalmente, outros muitos detrimientos e molestias, que chamamos Cruz. E ficai entendendo, que sem passarmos por esta ponte e subirmos por esta escada, não é possivel chegarmos ao Reino do Céu.

E para maior resignação da vossa enfermidade, ouvi as sentenças dos Santos Padres, que vos servirão de receita e lenitivo, para que possais soffrer as penas, que padeceis. Diz S. João Chrysostomo, que o melhor é fazer da necessidade virtude e padecer com merecimento o que se havia de padecer sem elle. S. Gregorio diz nos Moraes: Que todas as cousas, que padecemos, são justas: e assim, que é muito má cousa o murmurar de justa pena e paixão. O mesmo diz: Que o que tem vicios prolongados, deve ser atribulado com prolixa e longa enfermidade.

O Padre Mestre Avila no seu Epistolario diz: Que quem cuida que ha de ir gozar de Deus, sem primeiro passar pelas amarguras

deste mundo, está enganado. E exclamando diz: Oh doudice para chorar, que queiram os homens isentar-se de padecer! Querem pecar e salvar-se: querem offender a Deus e não ser castigados por elle: e toda sua felicidade é não ser bons e gozar de uma liberdade, sem castigo. Pois entenda cada qual, que não merece entrar no Céu, quem não tiver por muito barato tudo o que por elle lhe pedirem. Por isso diz S. Nilo: Choremos ao peccador, que lhe vai bem, porque está perto o seu castigo.

S. Basilio nas suas Regras diz: Que não ponha um enfermo toda a sua confiança no Medico e nas medicinas, attribuindo a isto a causa de sarar ou não, mas que ponha toda a sua confiança em Deus, o qual ás vezes quer dar-lhe saúde nessas medicinas e outras vezes não. Assim tambem quando lhe faltar o Medico, ou as medicinas, não desconfie por isso da saúde, porque quando Deus quer, sem isso sara. E assim quando o Medico errou a cura por não conhecer a enfermidade, ou quando o enfermeiro se descuidou, esse erro, ou descuido, ha-se de tomar por acerto de Deus: porque para com Deus não acontece cousa alguma acaso.

Santo Agostinho (*de Catechizand. rud.*) diz: Não te lembre o que puderas fazer de bem, se tiveras saúde, que isso é incerto: e o certo é, que aquelle ordena e traça melhor suas cousas, que está disposto e preparado para fazer só o que Deus quer que faça, e não aquelle, que tem muita vontade e appetite de fazer o que elle tinha traçado, e cuidado. E assim, se buscas a vontade de Deus puramente: que mais se te dá estar enfermo que são, pois sua vontade é todo o teu bem e mais agradas a Deus, conformando-te com sua vontade, estando doente, que em quanto puderas fazer estando são.

O Incognito diz: Que no Evangelho se aponta, que o Paralytico tinha vinte e oito annos em sua enfermidade e que lhe chamou sua, porque, havendo tantos annos que alli estava, tinha muita paciencia e com ella temperava suas dores e trabalhos: de sorte, que era a enfermidade sua, pois della tirava muitos merecimentos para sua alma, porque aquillo com razão podemos chamar nosso de que nos aproveitamos e donde colhemos fructo. E assim o que estiver doente e não tiver paciencia, nem soffrimento,

antes estiver como desesperado, a enfermidade deste é mais do diabo, que sua, pois o diabo tira o proveito della, sahindo com victoria na tentação da paciencia.

S. Paulo (1. *ad Cor.* 13. 7.) diz: Que a caridade soffre todas as cousas e tudo, não excluindo cousa alguma. E como esta tentação combate contra a caridade, sem a qual ninguem se póde salvar, e a verdadeira caridade é ser paciente e soffrer tudo, devemos fazê-lo assim de bôa vontade, por nos conformarmos com o Santo Apostolo: e toda a enfermidade corporal e as mais penas, que a acompanham, se hão de soffrer sem murmuração, nem repugnancia da vontade. Porque diz S. Bernardo: Se queres ser Santo, não podes ser são; e pelo contrario, se queres ser são, não podes ser Santo. E S. Gregorio nos adverte, dizendo, que os males, que nesta vida nos perseguem, são os meios de buscarmos a Deus.

Dizia o Veneravel Padre Frei Antonio das Chagas (como consta do livro de sua vida, *pag.* 15): Se houvera melhor cousa neste mundo, que o padecer, Deus o dera a seu Filho mais amado: mas como não havia cousa melhor, deu-lhe as cruces por morgado.

Um Doutor moderno diz: Que não se pede ao Christão que seja insensivel nos males, senão resignado nelles: sinta o corpo, e dentro d'elle viva resignada a alma: queixe-se o que padece, alegre-se o que merece. Tenha o sentimento, porém, não o consentimento. Considere que merece mui bem o que padece: e que ou nesta vida ou na outra ha de pagar o que peccou nesta. Crea, que assim como as penas da alma são mais sensiveis que as penas do corpo, são infinitamente mais terriveis as penas da outra vida, que as desta.

Todos os Doutores, que trataram desta materia, signalam tres gráus de Paciencia: e dizem que é bom não parar até alcançar o ultimo. O primeiro é, quando um soffre com tristeza; o segundo, quando já soffre sem tristeza; o terceiro, quando soffre com alegria: porque a virtude não se alcança de repente, mas pouco a pouco. E assim resistindo-se ao principio, e exercitando-se, se alcança o segundo gráu, em que já se não sente pena de tristeza.

Outros espelhos mais manuaes são os Santos, que, sendo de carne e osso, como nós, e muitas donzellas mui delicadas, soffreram

com admiravel paciencia suas dores e afflicções muito maiores que as nossas, por amor de Christo.

S. Francisco de Assis teve tantas enfermidades de varias maneiras, que não ficou no seu corpo membro algum, que não sentisse grande dor e intensa paixão: e por todas dava muitas graças a Deus, pedindo-lhe que cem vezes dobradas lhas dêsse, se isto lhe aprazia, porque cumprir-se sua santa vontade nelle era a sua perfeita consolação.

De S. Francisco Xavier se conta, que quando lhe succedia algum trabalho ou afflicção, dizia a Deus: Mais, mais, Senhor. E quando tinha algum prazer ou lhe succedia algum bem, dizia: Basta, Senhor, basta. Porque sabia o Santo o quanto risco é gozar dos bens do mundo e o muito que se aproveita no padecer para gozar a gloria celestial.

S. Bartholo de S. Geminiano foi outro Job na paciencia, a quem Christo, em figura de pobre leproso, lhe pegou a lepra, da qual se cobriu dos pés até á cabeça com muitas dores e podridão, e lhe cahiram os narizes e a carne, pedaço a pedaço, e cegou de ambos os olhos: e assim esteve vinte annos, dando sempre graças a Deus, com rara paciencia. E por isso disse S. João Chrysostomo: Que os trabalhos não são ira de Deus, senão admoestações e misericordia.

Santa Syncretica tinha as entranhas podres e os ossos carcomidos: e em lugar de cuspinho, cuspia e escarrava pedacinhos de bofes desfeitos e derretidos com os fogos, que a abrazavam, e ninguem a podia soffrer por seu máu cheiro: e ella tudo soffria com alegria e desejava padecer mais por amor de Deus.

Santa Liduvina padeceu trinta e oito annos gravissimas enfermidades com grandes dores, sem poder comer, nem dormir, nem levantar-se, nem ainda virar-se: e era pobre, só e desamparada, e das mesmas entranhas lhe cahiam tantos e tão terriveis bichos, que não se podiam ver sem espanto: e tudo lhe pareciam regalos do Céu. e a paciencia a fez Santa.

De Santa Thereza de Jesus se escreve, que dizia a Deus: Senhor, um de dous favores me haveis de fazer: ou dar-me que padecer ou deixar-me morrer. Notavel resolução, por certo! Quem

jámais fez tal petição a Deus, senão uma Santa Doutora, que soube entender o quanto aproveita o padecer neste mundo, para alcançar o premio do Céu!

A Santa Gertrudes appareceu Christo um dia, trazendo na mão direita a saúde e na esquerda a enfermidade, e lhe disse que escolhesse o que quizesse. E ella respondeu: O que eu, Senhor, desejo de todo o meu coração é que não olheis minha vontade senão que se faça em mim o que fôr maior gloria e contentamento vosso. E por isso diz S. João Chrysostomo, que manda Deus trabalhos aos justos, para que a todo o correr fujam da terra para o Céu e não façam emprego de seu amor nas temporalidades e refrigérios desta vida.

Diz Thomaz de Kempis no seu livro da *Imitação de Christo*: (*Liv. 1. cap. 12.*) Bom nos é, que padeçamos algumas vezes adversidades e contradições: porque muitas vezes fazem recolher o homem dentro de seu coração, para que, conhecendo que vive em desterro, não ponha a sua esperança em cousa alguma do mundo.

Finalmente: diz Seneca, que chamava Demócrito á vida sem tribulação: Mar morto, no qual ha muitas vezes maior perigo, que quando se alteram as ondas.

E quando Deus seja servido, que cheguemos ao fim da vida, estando contritos, confessados e resignados na sua santa vontade, por muitas razões se póde um Christão animar para a morte. Primeira, por ser vontade de Deus. Segunda, porque com a morte se acabam os trabalhos, que traz comsigo esta miseravel vida. Terceira, pela esperança de que, ainda que esteja por alguns tempos no Purgatorio, o levará Deus a gozar da Bemaventurança. Porque diz o Propheta Rei, que a morte dos Santos é preciosa diante de Deus: e o mesmo se ha de dizer dos peccadores verdadeiramente contritos e que morrem na fé e união da Igreja Catholica, como diz S. João no Apocalypse: (*cap. 14. v. 13.*) Bemaventurados são os mortos, que morrem em o Senhor. E por isso diz Salomão: Melhor é o dia da morte, que o do nascimento.

Na verdade vos digo, (me disse o morador) que pelo que me tendes relatado com tão admiraveis exemplos de tão grandes Santos e autoridades da sagrada Escriptura, estou mui satisfeito: e

terei por venturoso acerto padecer muito mais, para alcançar perdão das grandes culpas, que tenho commettido contra Deus. E tambem vos poderei dizer, que até agora rezava o Padre nosso de cór, sem reparar nessa palavra: Venha a nós o teu Reino. E que será nas mais, quando só em uma tendes dito tanto!

Dir-vos-hei: (lhe disse eu) As palavras de Deus são mui mysteriosas, porque todas estão cheias de superabundante doutrina: o ponto está em premeditá-las, meditá-las e observá-las. Porém é tal a natureza humana, que por falta de consideração estamos appetecendo muitas vezes aquillo mesmo que nos offende e recusando o bem espiritual. Porque sendo a vida, a respeito da eternidade, um instante, não ha creatura racional que não deseje viver neste mundo muito tempo com saúde, deleites, gostos, regalos e contentamentos: devendo considerar, que é cousa incompativel ter contentamentos, regalos, gostos e deleites neste mundo e querer salvar-se sem fazer penitencia das culpas commettidas contra Deus. Isto é querer voar sem azas, nadar sem braços e andar sem pés. Pois, Senhor, (me disse o morador) que ha de fazer um Christão para se salvar?

Primeiramente, (lhe disse eu) fazer uma Confissão muito bem feita, discorrendo por todos os dez Mandamentos: e dizendo e perguntando a si proprio: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? E a cada pergunta destas, de-ter-se algum breve tempo em considerar no que tem feito e obrado no progresso de toda a sua vida. Porque é maxima certa, que tudo o que nos dá pena na hora da morte, é o que nesta vida nos deu gosto. E logo diga: É possivel, que tanto temo a morte temporal e tenha tão pouco temor da eterna? E trate então de se dispor para morrer, antes de morrer.

E como ha de ser isso? (me disse o morador) Dir-vos-hei: (lhe disse eu) morrendo para os gostos, deleites, honras e haveres temporaes, porque são os gostos e deleites desta vida a causa de padecermos na outra. Assim, que deve ser todo o nosso cuidado e desvelo em procurarmos aquellas obras de virtude, que nos hão de servir de proveito espiritual na Bemaventurança: soffrendo as molestias com paciencia, em desconto das offensas que temos feito con-

NUNO MARQUES PEREIRA

tra Deus, e procurando muito agradá-lo e servi-lo com as nossas obras boas. Porque lá diz aquella sentença:

Deus, que promette o perdão
Á sincera penitencia,
Não promette remissão
Á pensada negligencia.

Em quanto á razão de me dizeres que vos não dá lugar a vossa enfermidade, para poderes fazer penitencia: Sabei que diz S. Bernardo, que ha dous generos de penitencia: uma corporal e outra espiritual. A corporal castiga e afflige o corpo, como são disciplinas, jejuns, cilícios, dura cama, vestido aspero e outras cousas semelhantes. A espiritual e interior, mais excellente e levantada, consiste em reger e governar os movimentos do nosso appetite, andando um cada dia pelejando contra seus vicios e más inclinações e negando-se sempre á sua propria vontade e seu mesmo juizo, vencendo sua ira, reprimindo sua colera e impaciencia, refreando sua gula e todos seus sentidos e movimentos. Esta podem fazer fortes e fracos, são e doentes, moços e velhos: porque dominar o espirito, desprezar a honra e exercitar outras semelhantes mortificações, vale mais do que fazer grandes penitencias de tomar disciplinas, jejuns, etc.

E assim vos digo, que para exercitar esta segunda penitencia não são necessarias forças corporaes: e por esta razão vos advirto, que ainda nesse estado em que vos achais podeis fazer muitos merecimentos e serviços a Deus. Considerando, finalmente, que somos peregrinos, e que vamos caminhando para a nossa patria, que é o Céu: o qual se não alcança por ventura, porém sim por diligencia e trabalho.

Tão satisfeito estou, Senhor, (me disse o morador) dos conselhos e documentos, que me tendes dado, que vô-lo não sei com palavras explicar. E de hoje por diante terei todos os trabalhos e enfermidades, que padecer, por mimos e regalos dados por Deus.

O PEREGRINO DA AMERICA

NOTA AO CAPITULO XXI

(1) O costume de terem em casa as pessoas ricas chameleiros e músicos dos mais variados instrumentos já fôra notado por François Pyrard de Laval, ao descrever o fausto de que se cercara Baltazar de Aragão, em 1610, *Voyage*, Paris 1615. Em 1817, confirma Von Martius: "Ao terminar o banquete, aparece um grupo de músicos, cujos acordes, por vezes desafinados, convidam afinal a dançar o lundú, que é graciosamente executado pelas moças". (*Através da Bahia*, ed. de Pirajá da Silva, p. 80, Bahia 1928).

CAPITULO XXII

Declara o mesmo morador ao Peregrino a fôrma em que dispõe de seus bens no testamento que tem feito: E o Peregrino lhe aconselha o como deve testar com acerto, para assegurar a sua salvação.

MAS, já que estamos tratando de materias tanto do proveito da alma, (continúa o morador) tomára que me dissesseis e aconselhasseis, se no que tenho deixado e disposto que se faça no meu testamento, obro bem? Podeis dizer, Senhor, (lhe disse eu) a disposição delle. Primeiramente (me disse o morador) vos quero advertir, que como não tenho herdeiros forçados e me acho de presente com mais de cincoenta mil cruzados de cabedal em bens moveis e de raiz, tenho ordenado e feito o meu testamento na fôrma seguinte:

Que meus testamenteiros, depois de pago o meu funeral e cumpridos os meus legados, da mais fazenda, que ficar, se dêem a dez moças orphãs, donzellas, brancas e sem casta de alguma infecta nação, cem mil réis a cada uma para seus dotes, se tomarem o estado de casadas: para o que lhes tirarão as informações necessarias. E de tudo o mais que me restar de meu cabedal se encapelle em propriedades de casas de pedra e cal ou em fazendas, que tenham bons rendimentos, para que de seus lucros meus testamenteiros e administradores façam pela minha alma tudo aquillo, que eu faria pelas suas, se mas deixassem encarregadas. Vêde agora, Senhor, se tenho feito bem na fôrma que tenho disposto do meu cabedal.

Para vos responder, Senhor, (lhe disse eu) ao que me pergun-

O PEREGRINO DA AMERICA

tais, vos hei de trazer um exemplo. Costumam os marítimos navegantes, quando vão buscar algum porto, ou terra, ainda no meio do largo, se vêem em alguma parte o mar encapellado, fugir daquelle lugar: porque lhes tem mostrado a larga experiencia, que, vasando a maré, se vê naquelles lugares pedra ou areia. Supponde que assim são semelhantes deixas e disposições de testadores em bens encapellados nessas propriedades. Emquanto está a maré cheia: isto é, novas as casas e rendosas as fazendas, aproveitam-se os testamenteiros e administradores de seus rendimentos. Porém tanto que lhes vai vasando a maré e começam a necessitar de concertos as casas, e as fazendas de beneficios, e umas e outras ficam na baixa mar da velhice, cahem as casas, despovoam-se as fazendas e não se vê naquelles lugares mais que pedra e areia.

E se quereis ver isto mais claramente, ide a qualquer Villa, Cidade ou Lugar, onde se costumam deixar semelhantes deixas, e reparai nas mais das casas e fazendas que virdes cahidas e despovoadas; perguntai de quem foram aquellas propriedades: e vereis que vos respondem, que foram bens de Capellas (1) por deixas de testadores. Além de outros muitos inconvenientes, que acerca deste particular se offerecem, e deixo á consideração dos doutos e pios Varões, porque pela brevidade com que vos fallo, não posso explicar-vos tudo.

Melhor me não pudéreis convencer e dissuadir, Senhor, (me disse o morador) e mostrar o grande erro, que eu intentava fazer. Porém, agora com duplicado encarecimento, vos peço que me digais o como poderei melhor dispor dos meus bens para segurança da minha salvação.

Supposto, Senhor, (lhe disse eu) que é mui difficultosa cousa o aconselhar nessa materia; e ainda os mais doutos e prudentes se escusam de repartir a fazenda alheia, pelos muitos encargos e consequencias, que disso resultam á consciencia: comtudo, como tanto me obriga o vosso grande primor, direi o que sinto nesse particular, sujeitando-me ao melhor parecer.

Haveis de saber que um dos maiores erros em que costumam cahir os mortaes é fazerem por adquirir muitos cabedaes, com grandes encargos de suas consciencias, para depois os deixarem talvez

a quem os desperdice: podendo em suas vidas restituí-los a quem os tiraram tão mal e indevidamente. Porque pela maior parte semelhantes riquezas não servem neste mundo mais que de levar as almas ao profundo do inferno.

Porém, suppondo que estes vossos cabedaes sejam licitamente ganhados, fazei que se não diga de vós o que se pratica dizer de muitos ricos: porque ordinariamente quando algum destes morre, se costuma perguntar quanto deixou, devendo-se dizer: quanto leva de boas obras. Porque melhor é levar, que deixar: e já ouviréis dizer, que a candeia que vai diante allumia ao que vai atraz. E vêde, quanto melhor acerto será um em sua vida repartir consigo do que mandar depois de morto a outrem que o faça em materia de tanta importancia, como é a da salvação, pela grande mora com que alguns testamenteiros o fazem, além das muitas controversias dos herdeiros e demandas, que disso resultam, como a cada passo o estamos vendo.

E o peor é, que sendo tantos os exemplos e tão repetidas as advertencias, como a cada hora se offerecem, não ha quem se queira enganar: sendo que é grande prudencia em materias de salvação, não se fiar nenhum homem, mais que de si: tratando de se aperceber com obras santas, com que se purifique, para que possa apresentar-se diante de Deus na hora da morte, como sacrificio puro, e digno de sua divina presença. Porque diz o Espirito Santo: Muitos homens são chamados misericordiosos: mas varão fiel, quem o achará? (*Prov. 20. 6.*) O que, commentando Hocala, diz que se entende assim: Homens, que façam bem a vivos, poderá porventura havê-los: porém, homem, que guarde lealdade aos defuntos, é cousa rara no mundo.

Podiam estes ricos ter em suas vidas grande merecimento para com Deus distribuindo em obras pias os seus bens: porque lá disse um Autor, que o ouro e os cabedaes são como um máu humor, que se o não gastam, nos gasta as vidas. E infiel é a Deus, quem do que lhe sobra não reparte com quem lhe falta o necessario, pois lho deu para isso: e muitos por miseros o estão guardando até a hora da morte, e por elles se diz: Ninguem larga sem dôr o que possui com amor. E quando o largam, é porque o não podem le-

var. E vêde o que lá disse um Contemplativo: Que quem neste mundo lhe sobra o cabedal, succede-lhe na outra vida vir a faltar-lhe. E porque cuidais que succede isto nos homens? Pela desordenada ambição.

Oh desgraça dos mortaes! Oh cegueira da ambição, como te vejo irremediavel! Trabalha toda a vida um desses miseraveis, feito um bruto ou cavallo de almanjarra de um Engenho, tangido por um moleque, que é o diabo da ambição, ferido a golpes com os azoragues do interesse, andando em uma bolandeira ou roda vida de mais adquirir riquezas, tanto de noite como de dia, sem mais proveito ou lucro que uns olhos de canas seccas, que lhe dão a comer, e beber uma pouca garapa suja: sendo todos os lucros deste trabalho para o senhor de Engenho, e lavradores de canas, que são os herdeiros, que lhe vêm a possuir as riquezas, que nesta vida com tanto desvelo ganhou: e quando morre um destes miseraveis, o enterram de sorte, que delle não ha mais lembrança, porque já para nada serve. E se lhe perguntam a um destes ambiciosos, porque assim obra daquela sorte, costuma responder com um adagio, que lhe tem ensinado o demonio: Que mais vale deixar a máus, que pedir a bons (como se o pedir pelo amor de Deus fôra peccado) Não quero dizer nisto, que deixem os homens de trabalhar para comerem, porque Deus nos manda que trabalhemos: porém, o que reprovo é serem tão ambiciosos, que venham a perder a alma, por enriquecer.

A este proposito, vos direi o que vi succeder a um rico destes, estando enfermo para morrer. Fez este o seu testamento, mais a persuasões de alguns seus amigos e da mulher com quem era casado, que de sua propria vontade. E depois de deixar cem mil réis para algumas obras pias, fez uma verba, na qual deixou: Que tudo o mais que lhe coubesse á sua meação, por não ter filhos, nem herdeiros forçados, o deixava a sua mulher, para que fizesse pela sua alma o que elle faria pela sua. E desta sorte fechou o seu testamento.

Passados quatro mezes depois de fallecido este homem, casou a mulher com outro, o qual logo tratou de toda a fazenda como sua, pois lha entregaram voluntariamente, a qual importava mais

de trinta mil cruzados em todo o monte. Teve confiança um Compadre desta mulher, para lhe perguntar: Que suffragios tinha mandado fazer pela alma do marido? Respondeu-lhe ella: os que o defunto meu marido havia de fazer pela minha alma, se eu fallecera primeiro que elle: porque como foi em extermo miseravel, de mim se não havia de lembrar. E como assim o considero, não lhe tenho mandado fazer suffragios alguns, nem tenho tenção de os mandar fazer.

Porém, não viveu muitos annos esta mulher, nem seu segundo marido, porque ambos acabaram as vidas brevemente. Aqui tendes o que são semelhantes deixas e disposições de testamentos, por se fiarem os homens dos homens ou ainda de suas proprias mulheres. E por isso diz Deus por bocca de um Propheta: Maldito seja o homem, que de outro homem se fia.

E assim vos digo, Senhor, que suppostas as razões já ponderadas: da mais fazenda com que vos achardes no fim da vossa vida, grande acerto será que a repartais com quem vô-la deu e está provido e a todo o genero humano, que é Christo Bem nosso: o qual além de estar em toda a parte, emquanto Deus, se acha e está no Santissimo Sacramento em todas as igrejas onde ha Sacrarios, porque assim nô-lo ensina a Fé e elle mesmo nô-lo prometeu dizendo: *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi.* (Matth. 28. 20.)

E vêde agora com quanta razão é muito mais bem empregado o deixar um Christão os seus bens a um Pai tão amoroso, que se dignou ficar connosco até o fim do mundo, para nos acudir e remediar temporal e espiritualmente, do que deixá-los a homens, que só tratam de suas conveniencias, sem se lembrarem das almas dos testadores, como actualmente o estamos vendo e experimentando.

E depois disto, tambem será acerto que repartais a vossa fazenda com as Irmandades e Confrarias dos Santos (2): porque, como foram, são e hão de ser vossos Advogados, bem é que tambem vos mostreis agradecido áquelles de quem tendes recebido tantos beneficios e esperais receber as suas intercessões para com Deus.

E o mais que ficar de vossos bens, deixai que se repartam em duas partes iguaes: uma com as Almas do Purgatorio, por serem

innumeraveis os beneficios que resultam a quem usa de caridade com ellas, e a outra parte com os pobres, não excluindo a algum necessitado. E não permittais que sejam vossos testamenteiros inquiridores, nem fiscaes das gerações dos pobres, tirando-lhes inquirições da limpeza do sangue e tambem *de Vita & moribus*: como se os miseraveis pobres se quizessem ordenar de Ordens Sacras e as necessitadas mulheres intentassem ser Freiras.

Tomai exemplo de S. Luiz, Rei de França, que quando repartia as esmolas com os pobres, não fazia excepção de pessoa, até aos infieis soccorria: e por essa causa se convertiam muitos á nossa Santa Fé, por verem a grande caridade com que um Rei Christão procedia para com elles. Diz Christo Senhor nosso no Evangelho: Dá a todos os que te pedirem (*Luc. 6. 30.*) E nesta doutrina nos está ensinando que não devemos excluir a pessoa alguma, para deixarmos de a soccorrer. E daqui, parece, procedeu aquelle rifão antigo, que diz: Faze bem, não cates a quem. Porque todo o proximo tem direito natural para pedir e ser remediado.

Na primitiva Igreja viviam os Christãos todos do commum: o que mais tinha, remediava ao pobre necessitado: por isso então houve tantos Santos. Hoje vivem os Christãos, cada qual para si: por isso não acham a Deus propicio, para os livrar dos infinitos peccados em que estão cahindo, sem se poderem levantar. E o peor é, que se algum destes ricos me ouvira, se havia de rir. Porém, lá virá tempo, em que chorarão, sem se poderem jamais aproveitar, nem alegrar.

E assim vos digo, que pelo meio da esmola podeis satisfazer por vossas culpas, supprindo com ella a falta da penitencia, pois diz Christo Senhor nosso: *Misericordiam volo, & non sacrificium.* (*Math. 9. 13. e 12. 7.*) E tambem vos encommendo que sejais mui caritativo para com todos os Religiosos e principalmente para com os Mendicantes. Porque pelo bem, que lhes fizeres, participareis de todas as rezas e suffragios que costumam fazer pelos bemfeitores: e tereis aos seus Santos por vossos intercessores para com Deus em todos os vossos trabalhos espirituaes e temporaes.

Porém, fallando agora das pobres donzellas excluidas desses testadores, e de semelhantes disposições dessas verbas de testamen-

tos. Notaveis consequencias resultam desses testamenteiros e administradores, tanto em prejuizo e descredito das pobres donzellas: porque, sobre as não soccorrerem com a esmola, as deixam infamadas por tomarem essas informações muitas vezes com pessoas mal affectas aos parentes dessas pobres donzellas, estando talvez ellas obrando com tão bom procedimento, que tudo merecem pela sua honra e virtudes.

Romperão em queixas, sem dúvida, com muita razão contra quem foi o motor de seus descritos, e dirão: É possível, que pondo-se Christo Senhor nosso na Cruz, para soccorrer a bons e máus, que lhe pedirem o seu amparo e favor, sejam tão avaros os homens, que daquillo mesmo, que Deus lhes deu para repartirem connosco, nos queiram deixar desfavorecidas e desamparadas, por um defeito, que não esteve nem está nas nossas mãos emendá-lo, pois Deus assim nos fez, e sabe o porque o permittiu! E que sobre nos deixarem famintas, núas e com as mãos vazias, ainda nos tirem o mesmo credito, sem repararem no damno, que disso nos resulta! Que culpa tivemos de nascermos pobres e de baixa geração, para não sermos soccorridas com caridade, estando nós obrando com tanta satisfação na inteireza da bôa honra e honestidade, que só por isso deviamos ser amparadas com piedade, pois Deus assim o manda e encommenda aos homens em seus divinos preceitos? O que agora estamos experimentando tanto pelo contrario pelos homens em nós executado com tanta impiedade, como se fomos de outra diversa lei ou nação. Oh lastima para ser sentida! Oh tyrannia do genero humano!

Porém, a isso lhes dissera eu a essas pobres desfavorecidas donzellas, que se não desconsolassem e que tenham muita fé em JESUS Chrito Bem nosso: porque no maior de seus desamparos, então serão mais favorecidas. Porque eu conheci muitas dessas excluidas, que por perseverarem em seus bons procedimentos, foram de Deus soccorridas e amparadas.

E assim fiquem todos entendendo, que não ha tão grande nobreza e fidalguia na presença de Deus, como são todos aquelles, que sabem guardar seus divinos preceitos, fazendo bôas obras em seu santo serviço: porque pouco importa nascer um nobre e de

limpa geração, se este offende a Deus e não guarda a sua santa Lei. Comprova-se esta verdade pelo que estamos vendo e cremos de fé; pois, sendo muitos humildes de geração e desprezados de alguns, estão hoje na Igreja de Deus canonizados por Santos. O ponto está só em deixar de peccar e em fazer boas obras de virtude na Lei de Christo Senhor nosso, que Deus nunca falta, nem ha de faltar com a sua divina piedade e misericordia em nos ajudar nesta vida e na outra dando-nos a salvação.

E assim vos digo agora, ó pobres e desconsoladas donzellas, que todo o vosso bem e esperança deveis pôr em Deus: e não queirais ser como alguns pobres, que toda a sua confiança a põem nos ricos, quando, tanto os ricos como os pobres, só em Deus havemos de esperar e buscar o seu amparo: porque elle mesmo diz: Buscai-me, sereis favorecidos. (*Prov. 9. 21.*) E em outro lugar por David: Bemaventurado o que espera em o Senhor. (*Psal. 33. 9*) E assim venho a concluir, que toda a nossa esperança e confiança devemos pôr em Deus: porque só elle nos pôde dar e remediar, tanto os bens temporaes, para podermos passar esta vida mortal, como os da gloria, se lha merecermos com boas obras.

E para confirmação do mais, que vos tenho dito, (disse eu ao morador) acerca do como haveis de repartir os vossos bens: tomai exemplo daquelle Divino Exemplar Christo Senhor nosso, quando fez o seu testamento. Entregou o seu divino espirito ao Padre Eterno: o seu amado discipulo o deixou recommendado a sua Santissima Mãi; e os thesouros de seus sagrados merecimentos os deu, offereceu e repartiu com todo o genero humano, sem reservar, nem exceptuar qualidade de pessoa alguma, os quaes estão manancialmente no Santissimo Sacramento, até o fim do mundo, para todos os que delles se quizerem valer e aproveitar.

E para em tudo nos dar cabal prova e exemplo do como devemos viver e acabar: antes de subir aos Céus, desceu ao inferno, chamado Seio de Abrahão, a tirar as almas dos Santos Padres, que lá estavam esperando pelos thesouros de seus divinos merecimentos, para poderem ir gozar da Bemaventurança. Porque nos quiz mostrar este misericordioso Deus, que tambem nos devemos lembrar das almas do Purgatorio, na representação daquellas que

estavam no Seio de Abrahão, com as nossas deixas e suffragios, pelos innumeraveis beneficios, que disso resultam a quem o faz, como já vos disse.

E para que vissemos que tambem se lembrava dos Santos, por isso deixou recommendado S. João a sua Santissima Mãi, figura e representação das Irmandades e Confrarias, de quem devemos ter lembrança na vida e na hora da morte.

Finalmente, deixou todos os mais thesouros de seus divinos merecimentos repartidos com os pobres, que foram, são e hão de ser todos aquelles, que então se aproveitaram, se estão agora aproveitando e se hão de aproveitar de tanto bem para o tempo futuro até o fim do mundo. E tanto fez por nos enriquecer e remediar, que até a mesma vida deu, por nos deixar com a herança dos bens da gloria. E assim ficai entendendo, que todo o Christão deve imitar a Christo, pois isto é ser Christão, como diz S. Leão Papa. E esta é, Senhor, a summa do muito, que vos pudera dizer acerca do que me tendes perguntado.

Verdadeiramente vos digo, Senhor, (me disse o morador) que estou mui pago e satisfeito do que me tendes dito: e agora conheço que foi Deus servido trazer-vos a esta casa, para me pôres no caminho do melhor acerto de minha salvação. Queira Deus dar-me tempo, para que possa obrar tudo o que me tendes advertido e aconselhado. Assim o ha de ordenar a sua divina providencia, (lhe disse eu) porque como o fim que pretendeis é bom, não ha de faltar com a sua divina misericordia. Alli passei todo o dia, até que anoiteceu e me deu agasalho o dono da casa, com grande demonstração de amor.

Despertei, quando já os verdes coqueiros estavam batendo com as palmas, porque o fresco terral lhes desterrava o temor das sombras negras da noite e a Aurora rutilante, espalhando-se pelos horizontes, communicava aos viventes todo o contento e alegria. E sahindo eu á varanda, me encostei a um peitoril e dalli vi no terreiro os vigilantes gallos, os bufantes perús, os soberbos patos, as diligentes gallinhas, muitos frangãos e pintãos: o que tudo me serviu de recreio á vista e entretenimento ao gosto. E lançando os olhos para o dilatado do pasto, vi correr os contentes cordeiros,

O PEREGRINO DA AMERICA

saltar os ligeiros cabritos, balar os sequiosos bezerros, e finalmente todo o mais gado pastar no prado. E tambem folguei de ver a bôa ordem com que estavam plantadas muitas arvores fructiferas, umas carregadas de fructa e outras cheias de flores.

A este tempo sahio o dono da casa, e dando-me os alegres dias, lhe correspondi eu mui cortezmente, agradecendo-lhe juntamente o bom agasalho, que me tinha feito. E logo lhe disse: Com muita razão, Senhor, se diz: Se queres ter alegria, planta e cria. Porque me tem agradado muito o ver nesta vossa Fazenda abundancia de criação, tanto das aves mansas, como dos animaes domesticos, e a bôa ordem com que estão plantadas tantas arvores, com tão grande primor da arte da agricultura. E por isso venho agora no cabal conhecimento, porque tanto alludiu aquella douta penna de Guevara (no seu Livro, *Menosprecio de la Corte, y alabanças de la Aldea*) ás grandes conveniencias, que resultam aos que vivem e moram fóra das Villas e Cidades.

Por certo, Senhor, (me disse o morador) que quando não fôra por outra razão, senão por um homem se livrar de se andar a vestir e a despir todos os dias, quando vai ás ruas e se recolhe para sua casa, só por isso se devia fugir das Côrtes, além dos demasiados gastos que se fazem nas Villas e Cidades.

Fallais com muito acerto, Senhor, (lhe disse eu), porque o mesmo Guevara chamou grilhão dourado ás demasiadas gallas e atavios, com que os homens tanto se empenham, para andarem enfeitados e bizzarros nas praças. E fallando acerca dos gastos, diz o mesmo Autor: Que na Côrte, muitas vezes se gasta mais na lenha, que na ôlha. Por certo (me disse o morador) que eu já experimentei esse dito de Guevara: porque estando na Côrte de Lisbôa, e appetecendo jantar umas dobradas, dobrei o dinheiro no gasto da lenha.

E como se iam já fazendo horas de seguir a minha jornada, me mandou o dono da casa dar de almoçar: vacca assada, leite quente, ovos frescos e doce frio. E depois que almocei, e dei graças a Deus, lhe disse: Bem conheço, Senhor, que quanto mais pretendo distanciar-me de vossa presença, mais me aparto de tanto

NUNO MARQUES PEREIRA

bem: porém, como necessariamente me é forçoso seguir esta jornada, por isso vos peço agora licença para o poder fazer.

Parece que, de sentido e saudoso, para melhor se explicar, com as lagrimas nos olhos me disse o morador: Se estivera, Senhor, a vossa jornada em solicitar os cabedaes desta vida, dos bens que possuo, de bôa vontade repartira comvosco, só por vos ter em minha companhia. Assim o creio, Senhor, (lhe disse eu) de vosso generoso e desinteressado animo. Porém, haveis de saber que o fim, que pretendo alcançar, não são os haveres do mundo, porém, sim os eternos: e estes nos conceda Deus a todos, com muitos augmentos de sua graça. E com demonstrações de mui reciproco amor, me despedi do dono da casa.

NOTAS AO CAPITULO XXII

(1) Define-se "capela": "O encargo perpetuo de missas, anniversarios, ou quaisquer outras obras pias, imposto por um instituidor sobre certos bens, para ser satisfeito pelos seus rendimentos" "O fim das capelas é a continuação da piedade do instituidor; e nisto difere principalmente dos morgados" *Ord.*, Liv. 1º, tit. 62, § 53, Coelho da Rocha, *Inst. de Direito Civil Português*, II, 411. A Lei de 9 de Setembro de 1769 estabeleceu muitas restrições a essa instituição, a principal das quais a obrigatoriedade de ser em dinheiro o patrimonio "encapelado"

(2) Os "corpos de mão morta" (incluindo as igrejas), em virtude da legislação posterior a 1770, não podiam receber bens de raiz, a não ser com a condição de os alienar dentro de um ano, Lobão, *Ações Sumárias*, §§ 178 e 179, Coelho da Rocha, *op. cit.*, II, 543. Neste caso estavam "as confrarias, as irmandades", Coelho da Rocha, *ibid.*, I, 49.

CAPITULO XXIII

*Do encontro, que o Peregrino teve com um Padre Capellão:
e da conversação que tiveram acerca do estado Sacerdotal.*

JÁ neste tempo tinha apparecido o Sol, e com passos agigantados se via subir aos montes e tambem descer aos valles, e registando esses orbes e dominando essa maquina, mostrou que era Monarcha das luzes e Presidente dos Astros. E pondo-me a caminho, fui seguindo a minha jornada aquella manhã até quasi ás onze horas: quando avistei uma verde matta, na qual entrei, e depois de ter andado meia legua, achei um ribeiro que por entre verdes espadanas estava convidando aos caminhanes, para que gozassem de suas claras e correntes aguas.

Alli jantei: e como era o lugar ermo e solitario, estive sempre desvelado. Eis que ouvi um tropel, que me pareceu ser de um cavallo desbocado, que arrebatado em furor se despenhava por entre aquella espessura: e reparando, vi ir correndo uma Anta, distante do lugar em que me achava, quasi um tiro de pedra, e logo em seu seguimento um Tigre tão furibundo, que me causou notavel temor. E desaparecendo uma e outra fera, a pouca distancia ouvi ruido como de uma luta, e alaridos da affligida Anta. E pondo-me a caminho com passos apressados, fui seguindo a minha jornada por me não atrever a apartar dous brutos.

E fazendo então este discurso, disse commigo: Quem haverá no mundo, que esteja livre de ser accommettido de um perigo e assaltado de um contrario, ainda que traga uma coura de anta e viva em um deserto? Só esta consideração bastava, para que qualquer creatura racional vivesse com grande receio e cautela,

procurando passar com toda a diligencia e cuidando para aquella Patria, onde não ha risco de vida, nem temor da morte, que é a Bemaventurança no Céu: e não ser como muitos tão affeiçoados á terra, que desprezando o socego divino e paz eterna, vão parar no centro do inferno, onde de feras infernaes são accommettidos e despedaçados a cada instante, sem nunca acabarem de padecer, e para sempre serão atormentados.

Por certo, Senhor, (me disse o Ancião) que não foi tão pequeno favor do Céu, o livrarem desse encontro: porque é sem dúvida, que assim como esses brutos tomaram aquella vereda, poderiam tambem encaminhá-la por essa parte onde vós estaveis e largar o Tigre a preza e fazê-la em a vossa pessoa. Como Deus é de tanta piedade, (lhe disse eu) livrou-me a sua divina misericordia de tão grande perigo. Assim o devemos considerar piamente: (me disse o Ancião) podeis continuar a vossa narração. Eu a prosigo, Senhor, lhe respondi eu, pois que com tão discreta attenção me quereis ouvir.

Seriam já quatro horas da tarde, quando avistei um dilatado campo e no meio d'elle, em um alto, uma igreja, e junto della uma casa de vivenda: e continuando os passos, vi dentro da varanda da casa um Sacerdote de joelhos, com um livro nas mãos. Saudei-o, mandou-me entrar e deu-me assento. E tanto que acabou de rezar, me disse: Não me tenhais por hypocrita, Senhor, por me achares rezando de joelhos: porque de outro modo (tendo saúde e estando orando, que vale o mesmo que fallar com Deus) me parece que é faltar ao culto e reverencia, que se deve a tão superior Magestade: principalmente no estado de Sacerdote, pela representação que temos com os Anjos.

Tão longe estou, Senhor, (lhe disse eu) de vos estranhar esta acção, que antes vô-la louvo muito, pois nos estais insinuando o como havemos de orar e reverenciar a Deus: além do grande exemplo, que tambem estais dando a alguns Sacerdotes, que com pouca devoção e menos reverencia, rezam o Officio Divino, tanto pela pressa com que o lêem, como pela grande distração com que o recitam, porque costumam muitos entre Salmo e Salmo (em lugar das Antiphonas e lições) metter varias palavras escusadas com os

Seculares. E se ainda entre os homens se tem por acção indecorosa e menos cortez, interpolar a conversação, vêde agora com quanta maior razão se deve tratar com mais respeito com Deus na oração.

E o que mais se deve estranhar, é ver a pouca devoção e menos reverencia, com que alguns Sacerdotes costumam celebrar o santo Sacrificio da Missa, devendo fazê-lo com toda a reverencia e devoção. Quiçá que por isso tenham grangeado muitas Religiões grandes creditos entre os Seculares, pela devoção e modestia com que celebram este santo Sacrificio e os mais Officios Divinos: não porque sejam mais doutos e devotos que os mais, porém, sim pela grande edificação com que observam os Estatutos da sua Regra.

A este proposito vos direi o que vi succeder estando ouvindo Missa. E foi o caso, que indo a fazer o Sacerdote as benções em cima do Calice, pela grande pressa com que estava celebrando, deu com os dedos na palla, que o estava cobrindo, e a fez saltar fóra e cahir do Altar e por milagre não derrubou o Calice.

Tambem não deixam de ser notados alguns Sacerdotes quando dizem Missa, pelo grande encolhimento com que levantam a Hostia depois de consagrada, sem que a deixem ver e adorar do povo, que está ouvindo Missa, como se foram estes Sacerdotes tolhidos dos braços. E por isso parece manda o Sagrado Concilio Tridentino, que se não ordenem homens que forem aleijados. E succede por esta causa ficarem muitas pessoas tão descontentes, como desconsoladas: porque lhes parece que não têm ouvido Missa, e vão buscar outra para verem e adorarem a Deus.

Diz João Campello no seu *Thesouro de Ceremonias* (§ 34.) que os Sacerdotes devem levantar a Deus: no que parece está advertindo aos Celebrantes, que mostrem a Hostia, depois de consagrada, ao povo, que está ouvindo Missa. Além de que, dizem os Sagrados Expositores, que o levantar-se na Missa a Hostia, e o Calice, significa a Christo crucificado na Cruz, para que seja visto e adorado dos Christãos.

Outros Sacerdotes são tão apressados e velozes no levantar a Deus, que mal o deixam ver e adorar. Esta devia ser a razão, porque se conta, que indo passando o Veneravel Padre Mestre Avila por um Altar, onde estava dizendo Missa um Sacerdote, pelo ver

estar celebrando com menos reverencia, lhe disse: Tratele bien, porque es Hijo de un buen Padre.

Não quero dizer nisto, que sejam os Celebrantes vagorosos e descuidados em terem o Senhor tanto tempo levantado, que lhes succeda o que se conta de um Sacerdote: o qual estando dizendo Missa em uma igreja dos Reverendos Padres da Companhia, passou nesta occasião por perto delle um Religioso da mesma Companhia, e vendo o muito que se detinha o Celebrante com a sagrada Hostia levantada, disse ao Acolyto: Mande repicar o sino, porque está o Senhor exposto.

Pois sabej, Senhor, (me disse o Capellão) que tambem havemos de dar mui grande conta a Deus desses descuidos e irreverencias. E por esta razão venho a entender, que se alguns Sacerdotes bem soubessem o estado que têm, seriam mais agradecidos a Deus, pelos admittir na sua Igreja por seus Ministros, e não se arrojariam tanto em procurar tão alto e superior estado, para depois o não estimarem, nem usarem delle. como devem e são obrigados.

E principalmente todos aquelles, que depois que são Sacerdotes, procuram ser Curas das almas. Porque tenho ouvido, no decurso de sete annos que estou nesta Capella, tão atrozes e horrendos casos nas Confissões, que bem vos posso affirmar, que se não tivera estudado tres annos Theologia moral no Collegio dos Padres da Companhia na Cidade de Evora (1), e não trouxera alguns livros da mesma Sciencia, não sei como poderia dar solução a taes casos.

E assim vos digo, Senhor, que se os Illustrissimos Prelados bem soubessem o quanto se necessitava de Sacerdotes capazes e idoneos para Curas e Vigarios destes Sertões e partes de fóra: talvez que seriam mais bem examinados estes, e não seriam tão rigorosos os exames para aquelles, que procuram as igrejas das Villas e Cidades, onde se acham grandes talentos e Mestres nas Religiões, com os quaes se podem consultar as dúvidas e os penitentes achar recurso para confessarem seus peccados.

Acerca desse particular, Senhor Reverendo Padre, (lhe disse eu) me persuado que uma das razões, que têm os Illustrissimos Prelados para usarem de tão rigorosos exames com estes preten-

dentes das igrejas das Villas e Cidades, é, não tanto pela necessidade da sciencia, quanto para dissuadirem aos menos idoneos e escolherem os mais benemeritos: porque muitos se oppõem ao concurso dessas igrejas, levados mais do interesse que do zelo da casa de Deus.

Assim me parece, (me disse o Capellão) porque está hoje o mundo (e principalmente este Estado do Brasil) em taes termos, que mais parecem alguns Sacerdotes mercadores negociantes, que Ministros de Deus e Curas de almas. E se não, vêde o que está succedendo nos tempos presentes. Oppõe-se um Clerigo a qualquer igreja: e a primeira cousa que procura, é saber o quanto rende cada anno e o que tem de benesses, se são ricos os freguezes e se dão boas offertas. Sendo que só deviam procurar, se havia bons paramentos na igreja, e se eram devotos e zelosos os freguezes de obrar bem no culto Divino: e quando muito, saber se era o sitio sadio e se havia bom passadio do sustento corporal.

Como isso lhes não dá rendimento, nem dinheiro, (lhe disse eu) é o porque não perguntam: e só tratam de saber do que os ha de fazer ricos. Porém, advirtam que (pelo que tenho lido) não servem esses cabedaes nas mãos de alguns Sacerdotes, mais que de sua perdição: porque como não têm as obrigações dos homens casados, nem os encargos de outros estados, só lhes servem de os empregarem em vicios. E se não, vêde o que diz S. Cyrillo: Que os cabedaes dão pasto á luxuria, á cobiça e a outros muitos vicios, os quaes não fomentariam os que não fossem ricos, porque lhes faltaria a lenha para accender e conservar tanto fogo. (*Lib. 2. in Job. cap. 5.*)

E por isso accudiu o sagrado Concilio e os Santos Doutores, a repartir os bens dos Sacerdotes, principalmente dos que têm rendas da Igreja. Diz S. Jeronymo *ad Damasum*, que tudo quanto logram dos bens da Igreja (excepto o que lhes é necessario para sua congrua sustentação) não é seu, mas dos pobres: *Quidquid habent Clerici, pauperum est.*

Mas porque muitos Sacerdotes se não governam por esta medida e regra, gastam as rendas de seus beneficios tão superflua-mente. Sendo que, bem considerado, nem ainda são seus estes bens.

Porque diz Tertuliano, que são patrimonio dos pobres e offertas, que os fieis deram á igreja em satisfação de seus peccados, como o certifica e assevera o Papa Urbano I: *Vota fidelium. & pretia peccatorum, ac patrimonia pauperum.* E finalmente são preço do sangue de JESU Christo, como affirma S. Bernardo. Vêde agora, quem se atreverá a gastar e desperdiçar tão grande valor em cousas vis e tão profundas. Mais vos pudera dizer; porém, a modestia me faz calar.

Fallais com muito acerto, Senhor, (me disse o Capellão) porque o verdadeiro Sacerdote Cura de almas, não o devem levar tanto as suas conveniencias, quanto o zelo da casa de Deus: e mui particularmente o bem espiritual dos seus freguezes, pelo grande encargo que temos de dar delles conta a Deus. Esta doutrina nô-la ensinou Christo Senhor nosso naquella parabolâ do Evangelho da ovelha perdida: além dos mais lugares da sagrada Escritura e preceitos da Lei Divina.

Por esta causa ordenou Deus que a Santa Madre Igreja observasse e assinalasse quatro tempos ou temporas no anno; e que nellas dessem Ordem os Bispos e Arcebispos aos Clerigos; e que nesses tempos orasse e jejuasse todo o povo Christão, para que Deus nos dêsse bons Sacerdotes, pelo grande bem espiritual que disso nos resulta, tanto para as nossas almas, administrando-nos os santos Sacramentos, como para augmento de nossa santa Fé, como Ministros que somos de Deus, pelos sacrificios que lhe fazemos na sua santa Igreja Catholica.

E que me direis, Senhor, (lhe disse eu) de uns certos Prêgadores Missionarios, que costumam ir ás Minas e a esses Sertões, mais levados dos interesses do ouro e cabedaes, que do zelo de servir a Deus, e ao bem das almas? Sendo que têm estes taes Missionarios Apostolicos uma excommunhão contra si, expedida pelos Summos Pontifices, em que mandam, que nenhum Sacerdote andando em Missão possa levar dinheiro, nem outra qualquer paga por Sermões, nem ainda pelo sacrificio da Missa, excepto alguma limitada esmola, para seu sustento, pelas grandes consequencias, que disso podem resultar.

Assim é, Senhor: (me disse o Capellão) e muito melhor lhes

fôra a esses Sacerdotes irem a essas partes a titulo de se remediarom pelas suas Ordens, havendo urgente causa para o fazerem: porque, além do pouco fructo, que fazem a Deus e a seus proximos, mettem as suas almas no inferno. E não deixarei agora tambem de vos perguntar, que juizo fazeis de certos Sermões de graças, que costumam fazer alguns Prégadores, para fazerem rir o auditorio nas igrejas?

Parece-me, Senhor, (lhe disse eu) que melhor fôra serem esses Sermões de doutrina, e feitos de graça, do que serem de graças por dinheiro, para não virem a experimentar esses Prégadores as desgraças da condemnação eterna: e que se devem muito estranhar, porque sendo o pulpito cadeira, para della se ensinar a palavra de Deus e explicar o santo Evangelho, costumam alguns Prégadores fazer delle theatro para representarem graças e palavras ociosas. E por isso havemos de ver e ouvir no dia do juizo reprovadas por Deus muitas cousas de que os homens neste mundo faziam e fazem tanta estimação.

Lembra-me a este proposito, que ouvi contar, que appareceu um Religioso de bôa opinião, depois de morto, a um seu Companheiro e lhe disse: Que estava no Purgatorio padecendo grandes tormentos, por umas graças que dissera no pulpito em uma manhã da Resurreição.

Ora já que temos tocado nesta materia de Oradores, (me disse o Capellão) tomára que me dissesseis, que partes deve ter o bom Prégador para agradar a Deus e fazer bem sua obrigação para aproveitar ao povo.

Senhor, (lhe disse eu) supposto que já por doutos entendimentos estejam ditas, advertidas e apontadas as regras e theoricas do pulpito, como se deve haver o bom Prégador, para agradar a Deus e aproveitar aos ouvintes, direi, por vos satisfazer, o que entendo:

Primeiramente digo, que se o Prégador não puder ser como o pescador, com quem os comparou Christo Senhor nosso, por pescarem as almas dos peccadores do mar da culpa, como o fizeram os sagrados Apostolos e os mais Santos áquella imitação, sejam como pilotos. Isto é: que quando entrarem no navio, ou náu da igreja,

e se puzerem encima da cadeira, ou do pulpito, para fazerem bôa derrota, é necessario que vão primeiro bem aparelhados dos instrumentos Divinos, para poderem navegar com acerto, levando o astrolabio do amor e temor de Deus, a balestilha da Cruz, a carta de marear da sagrada Escripura, o roteiro da doutrina dos Santos Padres, a agulha da Sciencia, o compasso da prudencia, a ancora da fé, a amarra da esperança, a matalotagem da caridade e o prumo da humildade.

E considere, que o Parocho ou Superior daquella igreja é o Capitão do navio; que os mais Sacerdotes são os marinheiros e serventes daquella embarcação; que os ouvintes do auditorio são os passageiros; e que todos vão fiados no seu saber, diligencia e cautela. E assim deve este piloto vigiar de noite e de dia: de noite, isto é, os peccados occultos, para os avisar do risco em que estão os passageiros, e de dia os peccados sabidos e escandalosos, para os emendar e reprehender aos ouvintes. Vigiando tambem o mar da soberba, os ventos da ambição, o fogo da luxuria, as velas da gula, as tempestades da ira, os cabos da inveja, o navio da preguiça, para que se não deite ou vire naufragando. E fazendo esta diligencia, com o favor Divino poderá fazer viagem a salvamento ao porto da salvação, onde será pago do dono do navio ou Igreja, que é Deus nosso Senhor, com muitos augmentos da gloria.

Bem sei que serei notado de alguns Prégadores, principalmente dos que se acham comprehendidos em algumas faltas das que aqui aponto; porém, Deus sabe o zelo com que o digo. E por isso me valerei agora do que lá advertiu aquella douta penna de um Mestre na sagrada Ordem dos Prégadores, reparando em que alguns o censuravam, porque escrevia a verdade com clareza. O que emendo, diz elle, é máu; o que louvo, é bom; o que ler com santa intenção, tirará de meus erros acerto; o que a tiver enferma, tirará dos acertos erros. Além de que, não é outro o meu intento, que avisar a um sabio, que ignora ou não vê um despenhadeiro, para que se não precipite levado de uma paixão do interesse ou amor proprio.

Na verdade, (me disse o Capellão) que não poderieis com mais claro exemplo e resumidas palavras explicar o muito, que se pôde dizer acerca da obrigação que deve ter um bom Prégador:

O PEREGRINO DA AMERICA

e por isso me dais motivo agora, para vos perguntar em que Estudos aprendestes e onde vos graduastes?

Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que estudei na Universidade do tempo, li pelos livros da experiencia e me graduei com os annos.

Por isso com muita razão (me disse o Capellão) se diz: Que não ha cousa que mais ensine aos homens, e mais praticos e noticiosos os faça, como são aquelles, que são ensinados do tempo, ajudados da lição dos Livros, com a larga experiencia dos annos. E daqui, sem dúvida, devia tirar o fundamento Aristoteles, para dizer que os mancebos não podiam ser discretos, por falta de experiencia. Porém, antes que demos fim a esta conversação, tomára que me dissesseis de que procede encontrarem-se muitas vezes os homens em um mesmo pensamento e discurso, e dizer um o que já outros tinham dito.

Respondo: (lhe disse eu) É o pensamento do homem como uma ligeira setta e ás vezes mais veloz, porque chega aonde não pôde chegar a setta: e por isso se encontram no mesmo alvo, de sorte, que vem a dizer um o que já outro tinha dito. E razão disto é: porque em tudo se pôde pôr balisa e preceito, porém, no entendimento e pensamento não pôde haver norma, nem padrão, pelo livre alvedrio que Deus deu ao homem.

Bem vos posso certificar, Senhor, (me disse o Capellão) que muito me tendes satisfeito com vossa discreta e agradavel conversação: e assim fico entendendo que sois homem dotado de mui bom discurso e claro entendimento. Está a mesa posta: vamos ceiar e depois descansareis da jornada que tivestes. Aceitei a offerta que me fez o Capellão; depois de termos ceado e dado graças a Deus, me encaminhou para uma camara, onde achei uma cama mui bem feita e nella passei a noite.

NOTA AO CAPITULO XXIII

(1) O Colégio de Evora, fundado seis mezes depois do de Santo Antão, foi o segundo que os jesuitas tiveram em Portugal (1541). Transformou-o em 1553 o cardeal D. Enrique em Universidade — assim reconhecida por Bula de Paulo IV, de 18 de Setembro de 1558, com a obrigação de abster-se do ensino de Direito Civil e Canonico e da Medicina, a cargo da Universidade

NUNO MARQUES PEREIRA

de Coimbra. El-rei D. Sebastião, por alvará de 4 de Abril de 1562, concedeu á de Evora os mesmos privilegios e direitos daquela, sem tocar, entretanto, no monopolio que o Papa respeitára. Vale dizer que na grande escola do Alentejo os estudos não iam além das Humanidades, Teologia e Moral. Requeru a Camara da Bahia, em 1671, o que se lhe deferiu por provisão de 16 de Julho de 1675: que aos estudantes de filosofia e retórica que tivessem cursado o dito Colégio se levasse em conta na Universidade de Coimbra e em Evora um ano de Artes, conforme se praticava com os alunos dos colégios de Lisboa e Braga), Accioli, *Memorias* cit., I, 223; Egas Moniz, *Problemas de Educação Nacional e de Instrução Publica*, p. 184, Bahia 1924; P. Calmon, *Hist. Social do Brasil*, I, 124. — Em Evora fulguravam mestres celebres, como Clenardo, Jean Petit, Vasée... Essa provecida Universidade foi extinta pelo marquês de Pombal, e os seus bens incorporados á de Coimbra, acrescentada e favorecida pelo grande adversario da Companhia de Jesus.

O monumento, este ficou. “É admiravel: os azulêjos contam a história dessa Universidade, nascida no Renascimento e que lhe relata o ensino como era... Salas de aula, bancos ás paredes em quadro, dorso de alunos apoiado a azulêjos alegóricos — de fisica, metafisica, teologia, todas as disciplinas... Em face á porta de entrada e saída, escadinha e pulpito, a cathedra, donde o lente lia a lição...” “Mas não devia D. Frei Cenáculo ter fechado a Universidade Jesuita. Aqui esteve São Francisco de Borja. Aqui estiveram os do Brasil... Em Coimbra, e aqui. Aos Brasileiros, que tanto devem a estes grandes Padres, que foram a moral e a cultura do Brasil infante, compete, em Coimbra e Evora, render-lhes o culto de gratidão que merecem”. (Afrânio Peixoto, *Viagens na minha Terra*, ps. 190-1, Porto 1938).

CAPITULO XXIV

Do que o Peregrino viu e observou no alpendre da igreja, e dentro da Capella mór e Sacristia, e da pratica que teve com o Sacristão.

SERIAM já cinco horas da manhã, quando ouvi estar rezando Matinas o Padre Capellão: e levantando-me, lhe fui dar os bons dias e pedir licença para ir fazer oração á igreja, ao que me respondeu com bello agrado e mui cortezmente, dizendo-me que o podia fazer; e logo mandou recado ao Sacristão que me fosse abrir as portas. E chegando eu ao alpendre da igreja, a qual ainda tinha a porta principal fechada, reparei para a parte direita, em cima da janella fronteira, que sahia ao alpendre, e vi estar uma caveira e abaixo escripto em letra mui legivel o Soneto seguinte:

Soneto em que falla uma caveira

NESTA Caveira secca, e carecomida,
Despojo infausto da mortalidade,
Vem parar o poder, e magestade,
Sem reparo haver a tal cahida. (¹)

A morte á magestade tira a vida,
Faz em todos mui grande hostilidade,

(¹) Cadant omnes, qui descendunt in terram. (Ps. 21. n. 30.)

NUNO MARQUES PEREIRA

Tudo prostra, e reduz com igualdade,
Mede a todos por uma só medida. (2)

A corôa, o cetro, e a tiara,
O velho, o moço, o feio, a formosura,
O rico, o pobre, tudo em terra pára. (3)

Patente o vês aqui nesta figura,
Que no fatal silencio te declara
O quam amarga é a sepultura. (4)

E olhando para a parte esquerda, em cima da outra janella vi estar um quadro e nelle pintada uma alma agonizando em ardentes chammas e abaixo escripto outro Soneto nesta fórma:

Soneto em que uma alma publica o que padece no Purgatorio

ADVERTE bem, repara, ó Peregrino,
(Comtigo fallo aqui) está-me attento:
Conheçerás que todo o meu intento
É só mostrar-te o certo, e o Divino (5)

Que de outra sorte fôra desatino,
Á vista do que agora experimento;
Pois me vejo mettido em um tormento,
Tão cercado de dôres de contino. (6)

Estou no Purgatorio padecendo
Castigo dos peccados commettidos,
E por isso estou sempre aqui gemendo. (7)

(2) Statutum est hominibus semel mori. (S. Paul. Heb. 9. 29.)

(3) Pulvis es, & in pulverem reverteris. (Gen. 3. 19.)

(4) O mors, quam amara est memoria tua! (Eecl. c. 41. n. 1.)

(5) Memor esto judicii mei. (Eecl. 38. 23.)

(6) Traditus sum, Et non egrediebar. (Ps. 87. 8.)

(7) Quia manus Domini tetigit me. (Job. 9. 27.)

O PEREGRINO DA AMERICA

Abre os olhos, e applica os mais sentidos,
Peregrino, e verás que estou ardendo;
E esperando o allivio a meus gemidos. (8)

E reparando mais, vi em cima da porta principal da igreja dous OO e abaixo esta letra:

Ó Eternidade de gloria,
Ó Eternidade de pena,
Quem em ti sempre cuidára,
Como Deus nô-lo encommenda! (9)

E logo fiz este discurso: Que maior desengano posso eu ter da minha vaidosa vida, á vista do que estou vendo nesta triste caveira e neste lastimoso quadro, e lendo nos dous Sonetos, e na copla, tão verdadeiros como conceituosos? E estando fazendo este juizo, abriu o Sacristão a porta da igreja, e entrando eu para dentro, tomei agua benta: e olhando para o Altar mór, vi estar uma Imagem de Christo Senhor nosso em uma Cruz, e pondo-me de joelhos comecei a fazer oração..

Não me tenhais, Senhor, por ociosa a pergunta que vos quero fazer: (me disse o Ancião) dizei-me o como costumais fazer oração. Porque tenho reparado em alguns Christãos haverem-se nesse particular tão indevotos e apressados, que parece vão fugindo da Justiça. Assim como entram na igreja mettem um só dedo na pia da agua benta, (como se andassem de resguardo de salsa ou azougue) e fazem tiro com uma gotta de agua á testa: persignam-se fazendo uma cruz de escadinhas e benzem-se triangularmente; põem um joelho no chão e outro levantado, como quem quer fazer pontaria a algum Santo, e muitas vezes encostados, como se fossem tão velhos e doentes, que se não pudessem ter sem encosto: e fazem uma oração tão breve, que não sei se chegam a rezar um Padre nosso ou Ave Maria. E se chegam a ouvir Missa e acham com quem conversar, não só a não ouvem, mas tambem fazem que outros não estejam

(8) Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei. (Job. 19. 21.)

(9) Memorare novissima tua, & in æternum non peccabis. (Ecl. 7. ult.)

com aquella attenção e devoção devida, pela distração destes taes indevotos e perturbadores dos Officios Divinos. Sendo que é a igreja casa de oração e não de conversação, como a querem fazer alguns. E se não, vêde o que diz Christo Senhor nosso no Evangelho: A minha casa é casa de oração. (*Matth.* 21. 13.) E se os reprehendem desta indevoção, costumam dizer: Deus come corações. Mas a isso lhes dissera eu: Assim é; porém, são assados no fogo do Amor Divino: porque corações crús mettem-lhe asco, nem os quer ver, como são os de alguns peccadores que cuidam que Deus tem obrigação de os salvar, sem terem merecimentos.

Bem conheço, Senhor, (disse eu ao Ancião) que todas as vossas perguntas e reparos assentam em solida doutrina: e por isso os acceito como doutos documentos, para melhor me saber governar temporal e espiritualmente, e nunca me poderei escusar de satisfazer ás vossas perguntas.

Primeiramente haveis de saber, que quando entro em alguma igreja, tomo logo agua benta, por me ensinar a fé, que por meio della me são perdoados os peccados veniaes. Ponho-me de joelhos, segundo as minhas forças, e reparo se ha Sacrario no Altar mór ou em alguma Capella particular: e alli com toda a devida reverencia e submissão faço um acto de contrição, e depois repito cinco vezes, dizendo: Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento. E continuo rezando uma estação de sete Padre nossos, sete Ave Marias e sete vezes Gloria Patri, a qual offereço a Christo Senhor nosso pela exaltação da nossa Santa Fé, pela extirpação das heresias, pelas almas do Purgatorio e por minha tenção. E no caso que não haja Sacrario, faço uma oração mental ou vocal na fórmula seguinte:

Ponho os olhos em uma Imagem de Christo Senhor nosso, e quando a não haja em vulto, com os olhos do entendimento, diante de uma Cruz, considerando estar alli JESU Christo Bem nosso crucificado, e como quem vai lendo e meditando naquelle Divino Livro aberto, digo: Dai-me licença, Senhor, para adorar e louvar essas Chagas de vossos sagrados pés cravados com esse duro cravo, por me soltares dos grilhões da culpa em que me preendi por meus peccados: porque com viva fé reconheço que só por vossa Divina misericordia poderei ser livre, para caminhar em vosso santo serviço.

O PEREGRINO DA AMERICA

E dalli subindo com os olhos do entendimento, digo: Dai-me licença, Senhor, para poder adorar e louvar esses vossos Divinos joelhos, pois tantas vezes ajoelhastes diante de vosso Eterno Padre, intercedendo e rogando por todo o genero humano e por esta ingrata e vil creatura, para que não seja condenada á perdição eterna.

E continuando com os olhos do entendimento o discurso, digo: Dai-me licença, Senhor, para que possa adorar e louvar essa sacratissima Chaga do lado, pois della quizestes, ainda depois de morto, que sahisse sangue e agua, para nos lavar as nossas enormes culpas nessa fonte manancial dos Sacramentos: e dai-me graça, para que dignamente os possa receber em vida e, estando por morrer, por Viatico.

E subindo com o mesmo discurso, digo: Dai-me licença, Senhor, para que possa adorar e louvar essa vossa Divina boca, pois della, como de livro espiritual, temos recebido tão saudaveis e divinos documentos, como consta dos sagrados Evangelhos, nos quaes creio mui firmemente, porque assim mo ensina a fé, e a larga experiencia o confirma. E para prova do muito que nos amastes e estais amando, dissestes, estando pendente na Cruz, que tinheis sêde: para que conhecessem os homens o quanto por elles na vossa sagrada Paixão padecestes em todos os sentidos de vosso santissimo Corpo, e por isso tambem quizestes experimentar o desabrido gosto do fel e vinagre, que vos deram a beber vossos inimigos e crueis algozes. Peço-vos, Senhor, que me deis a mortificação neste sentido contra a gula: e que minha boca sempre diga palavras honestas e necessarias para o bem da minha salvação e edificação de meus proximos.

E depois continuando com a consideração, digo: Dai-me licença, Senhor, para adorar e louvar essa vossa Chaga da mão direita traspassada com esse duro cravo, ao qual, como aos outros dous, quizestes que lhes chamassem doces, pela doçura que tivesstes de padecer pelo genero humano tantos tormentos por nos salvar. E assim vos peço, amantissimo JESUS, que me aparteis de toda a occasião da culpa, para ser dessa Divina mão direita abençoado.

E olhando para a mão esquerda, digo: Dai-me licença, Senhor, para que adore e louve essa Chaga da vossa mão esquerda, pois

NUNO MARQUES PEREIRA

foi tal a vossa infinita piedade, que para não castigares as nossas enormes culpas, permittistes que os homens vô-la cravassem nesse sagrado madeiro da Cruz, ficando dessa sorte com esses Divinos braços abertos, para nós abraçares todas as vezes que confessados e arrependidos de nossas culpas vos buscarmos, como tão fino amante e misericordioso Pai de nossas almas.

E continuando com o mesmo discurso e viva attenção, digo: Dai-me licença, Senhor, para louvar e adorar essa vossa divina e sacrosanta Cabeça, ferida de penetrantes espinhos, pela deshumanidade desses crueis algozes: os quaes cuidando que vos coroavam Rei de zombaria, vos aclamaram Rei da gloria, Redemptor e Salvador do genero humano. Dai-me, Senhor, firmes propositos e bons pensamentos, para sempre vos louvar, como meu divino Rei e Bemfeitor.

E finalmente subindo com os olhos do entendimento, digo: Dai-me licença, Senhor, para louvar, adorar e poder ver essas vossas sagradas costas, tão feridas e rasgadas pelos crueis algozes, que cegos e raivosos descarregaram em vosso innocentissimo Corpo cinco mil e tantos açoutes, os quaes soffrestes por me livrares dos grandes castigos, que por meus peccados tenho merecido. Peço-vos, Senhor, que me livreis da condenação eterna: e dai-me o dom de lagrimas, para que com vivo sentimento chore os meus peccados e arrependido de todas minhas culpas vos peça misericordia.

E tornando com viva consideração ao pé da Cruz, abraçando-me com ella e derramando as lagrimas que posso, digo: Por todas estas vossas penas e por todas as palavras affrontosas e durissimos tormentos com que vossos inimigos vos affligiram, meu Senhor JESU Christo, vos rogo que me livreis e ampareis debaixo desta vossa Santissima arvore da Cruz, da qual me valho, como de firme columna, segura ancora, forte padrão e defensivo escudo contra todos os perigos e tempestades deste mundo, para que assim possa ir gozar da eterna gloria em vossa presença por todos os seculos dos seculos. Amen.

Estas meditações, não só as costumo fazer nas igrejas, mas tambem as faço em casa de dia, e de noite quando accordo, e ouço tocar os sinos ou cantar os gallos. E não deixo tambem de fazer

uma saudação á Virgem MARIA Senhora nossa, dizendo: Deus vos salve, Filha de Deus Padre; Deus vos salve, Mãe de Deus Filho; Deus vos salve, Esposa de Deus Espirito Santo; Deus vos salve, Templo da Santissima Trindade. E depois rezo um Padre nosso e uma Ave Maria, e tambem uma Salve Rainha, e acabo com esta Oração: MARIA Mãe de graça, doce Mãe de clemencia, Vós de meus inimigos me defendei e na hora da morte me recebei.

E finalmente me encommendo aos mais Santos, que vejo estar nos Altares e aos que são meus Advogados, rezando a cada um delles um Padre nosso e uma Ave Maria, para que intercedam e roguem por mim a Deus nosso Senhor.

Na verdade vos digo (me disse o Ancião) que vos louvo muito as vossas devoções: e mui especialmente a Estação, que rezais ao Santissimo Sacramento e as meditações que fazeis a Christo Senhor nosso, pelas saber com toda a inteireza da verdade, que é o verdadeiro Salvador e Redemptor do genero humano. O que vos peço é que persevereis nessas devoções, que, mediante o divino favor, vos não ha de faltar Deus com a sua graça. Porém tenho reparado nas muitas vezes que repetís pedindo licença a Deus para o louvares e adorares as suas divinas Chagas e membros Sacratissimos.

Respondo: (lhe disse eu) A causa porque o faço, é porque sei, que qualquer creatura (por mui justificada que seja) na presença de Deus, é como um réu criminoso diante de um Ministro de Justiça, o qual, para poder ser ouvido, necessita de estar com grande submissão e reverencia, e pedir uma e muitas vezes licença para poder fallar e ser ouvido. Porque, se ainda entre as creaturas, quando algum réu pretende em algum supremo Senado fallar ou ser ouvido com artigos de nova razão, para ser admittido, se não atreve a articulá-los, antes de pedir licença: *Datâ licentiâ*: vêde agora com quanto maior razão o devemos fazer diante de um Deus. que, supposto nos remiu como Pai tão amoroso, é e ha de ser nosso recto Juiz, que nos ha de julgar dos bens e males que fizermos. Santo Agostinho abonará melhor este meu pensamento, quando disse: Senhor, dai-me por vossa misericordia licença para fallar. (*Lib. 1. Confess. cap. 5.*)

E com muito maior razão, quando pretendemos pedir. meditar

e ler naquelle divino Livro Christo Bem nosso, no qual estão escritos os thesouros do Céu e o nosso remedio. Livro lhe chamo, porque assim lhe chamou Isaias no *cap.* 29 e Daniel no *cap.* 12. E S. João (*Apoc. cap.* 15.) tambem lhe chamou livro escrito por dentro e por fóra: e que será bemaventurado o que ler ou ouvir as palavras deste livro. Vêde agora quem será tão ousado, que se ponha a ler e meditar neste sacratissimo Livro, sem pedir uma e muitas vezes licença para o poder fazer.

Muito bem vos tendes explicado, Senhor, acerca do que vos perguntei: (me disse o Ancião) e agora vos digo, que ninguem se poderá salvar, sem por esse divino Livro ler e estudar, e na sua Sacratissima Paixão e Morte cuidar. Podeis agora continuar o mais, que ieis narrando acerca do que passastes e vistes nessa igreja.

Sabei, Senhor, (lhe disse eu) que, depois de ter feito oração, subindo pela igreja entrei na Capella Mór e vi abaixo dos pés da Imagem de Christo Senhor nosso o Soneto seguinte.

Soneto, ou Acto de Arrependimento

SOBERANO Senhor crucificado,
 Que pendente vos vejo nessa Cruz,
 Aqui venho a buscar a vossa luz, ⁽¹⁾
 Aqui chego a pedir o vosso agrado.

Pequei, Senhor: e sinto haver peccado, ⁽²⁾
 Não pelo vil estado em que me puz,
 Mas por seres quem sois, ó bom Jesus:
 De Vós espero já ser perdoado.

Oh quem nunca, meu Deus, vos offendera,
 E sempre vos amára firmemente,
 Para que a vossa gloria merecera!

⁽¹⁾ Et vita erat lux hominum. (Joan. 1. v. 5.)

⁽²⁾ Tibi soli peccavi, & malum coram te feci. (Ps. 50. 6.)

O PEREGRINO DA AMERICA

Mas como Vós sois Pai, e tão clemente, (3)
Com vossa graça já minha alma espera
Gozar-vos nessa gloria eternamente.

Alli comecei a derramar copiosas lagrimas de sentimento na presença de Deus, de sorte, que nunca me considerei com maior acto de dôr: e depois enxugando as lagrimas, me despedi da santa Imagem.

Entre na Sacristia, onde achei o Sacristão preparando os ornamentos e o mais necessario para se dizer Missa. E reparando, vi o grande asseio e alinhamento com que estava a Sacristia tão bem adornada, assim pela limpeza do Lavatorio, como pela perfeição de um armario, em que estavam os Calices e Pedras de Ara, e mui perfeitos ramalhetes, uns de pennas de varias côres e outros de papel, que todos serviam para se pôrem nos Altares nos dias festivos. E não estavam com menos perfeição dous caixões de gavetas, onde se guardavam os ornamentos da igreja.

Vi tambem um quadro encostado á parede em cima do armario, que teria de alto seis palmos, e quatro de largo: e nelle pintado na parte inferior uma furna, ou bocca como de cisterna, triangular, da qual sahia um fogo côr de enxofre, e fumo mui negro: e por cima uns vultos, como morecos, com umas físgas e harpões, com que estavam mettendo naquelle buraco uns corpos despidos, mui negros. e horrendos nos aspectos, que tinham descido mui velozmente, e entravam com grande repugnancia, e mui tristemente, porque se metiam pelos ferros; porém sahiam uns ganchos, ou bicheiros de dentro, que os faziam entrar feitos em pedaços pelos golpes que lhes davam.

E logo da parte esquerda do quadro estava uma fresta escura. por onde entravam uns corpos como de meninos, e não tornavam mais a sahir.

E da parte direita do quadro estava um como postigo, ou janella quadrada, donde sahia uma lucerna de fogo mui claro, e luzente, pela qual entravam uns corpos nús, e sahiam outros vesti-

(3) Pater peccavi in cœlum, & coram te. (Luc. 15. n. 21.)

dos de branco, mais alvos que uma neve, resplandecentes, acompanhados de Anjos.

E em cima, na parte superior do quadro, estava uma mui espaçosa porta oitavada, com luzentes molduras de diamantes, esmeraldas, rubins, safiras, topázios, e outras mui preciosas pedras; e dentro se divulgava luzente côr de ouro, porém mui transparente; e claro: pela qual porta entravam os corpos, que daquella terceira janella sahiam, acompanhados de Anjos, com mui luzente resplendor, todos vestidos de branco.

E no meio do quadro se via uma como estante de livros, de nove degráos; cujo primeiro assento estava cheio, e occupado de varios estados de pessoas ecclesiasticas e seculares, assim homens como mulheres.

E no segundo degráo se hia proseguindo a mesma fórma, e ordem. Porém, supposto que a estante fosse quadrada, e bem espaçosa, ia-se fazendo estreita e pyramidal, pela diminuição das pessoas, que lhe faltavam nos assentos; e acabava no nono degráo a estante em tres pessoas, que eram um Secular, um Religioso, e uma Freira. Estava o Secular lendo por um livro: o Religioso tinha uma Imagem de Christo Bem nosso nas mãos, batendo nos peitos, em pé, suspendido como em extase; e a Freira estava de joelhos, com umas contas nas mãos, enxugando as lagrimas.

E como eu não entendesse a significação daquellas pinturas, perguntei ao Sacristão a explicação daquelle quadro: e juntamente que me dissesse quem a tinha obrado; e quem compuzera os Sonetos, e Copla, que eu tinha já lido no alpendre, e aos pés da Imagem de Christo Senhor nosso. E logo me respondeu o Sacristão: Que aquelle quadro lhe chamavam Espelho da vida humana. E que tanto aquelle painel, como as laminas, e Sonetos, que tinha visto no alpendre, e aos pés do Senhor crucificado; tudo fizera, obrára, e compuzera o Padre Capellão, por ser homem muito curioso na arte da pintura, e Poeta; o qual tambem estava tido por Sacerdote de muita virtude, e claro entendimento, entre os seus freguezes. E que quanto á explicação do quadro, ma faria presente por escrito. E puxando por uma gaveta do caixão, tirou um livro de mão escripto, e nelle me leu o seguinte:

CAPITULO XXV

Da explicação do Quadro, ou Espelho da vida humana, no qual se trata materia mui espiritual

PRIMEIRAMENTE aquelle buraco, ou furna horrenda, triangular, que se vê na parte inferior do quadro, significa a bocca do Inferno. Aquelles vultos, em fórma de morcegos, são os Demonios. Os corpos, que são mettidos a golpes por força, são as almas dos condemnados, que já desde que sahem deste mundo, os começam a atormentar os Demonios por uma eternidade.

A fresta, que se vê da parte esquerda no quadro, é o Limbo, aonde vão as almas dos meninos, que morrem antes de se bautizarem: e por isso entram, e não tornam mais a sahir.

O postigo, ou janella da parte direita, é o Purgatorio, aonde vão todas as almas dos que morrem contritos, e confessados de seus peccados; mas não satisfizeram nesta vida as suas culpas com penitencias, e boas obras: e por isso vão purgá-los por aquelle tempo, que Deus lhes tem determinado; e depois de terem purgado os reatos da culpa, vão para a Bemaventurança acompanhados de Anjos.

Aquella ultima, e superior porta oitavada, com tão luzentes pedras preciosas, e claro resplendor, é o Céu, por onde entram as almas, que vão do Purgatorio, e algumas tambem que sahem deste mundo tão justificadas, e livres de toda a mancha de culpa, que logo sobem a gozar da eterna gloria: a qual é tão superior, que só Deus a conhece, como quem a fez para sua morada, e dos Anjos, e Bemaventurados.

Aquella estante, ou escada, o primeiro degráo representa todos

aquelles, que vivem neste mundo, e são nelle viandantes: os quais depois de confessados, têm proposito de não peccar mortalmente; porém não reparando em commetter culpas veniaes, e buscando commodidades da vida, vêm a cahir em grandes peccados: e por isso estão tão perto do Inferno, e cahirão nelle, se não tiverem grande cuidado em si, valendo-se da infinita misericordia de Deus.

No segundo degráo, ou estante, estão os que andam com o cuidado de ouvir as inspirações de Deus, e não seguem a vaidade do mundo, fugindo de todas as occasiões de peccado grave, e acodem a todas as cousas de devoção, porém deixando-se levar de algumas paixões: e assim não têm fervor para grandes obras de virtude, e vêm a cahir em muitas frouxidões de espirito.

Em o terceiro degráo, ou lugar, estão aquelles que têm vivido mui perfeitamente, castigando a sua carne, fugindo do mundo, e fazendo grandes penitencias, os quais exercicios os ajudam á virtude; porém, fazendo tudo isto com temor das penas do Inferno, e Purgatorio: devendo ser por puro amor de Deus, com recta intenção de o servir, pelos innumeraveis beneficios, que de sua divina mão têm recebido.

Em o quarto lugar estão os que não só fazem penitencias, e outros exercicios corporais, senão tambem se occupam em oração mental; porém, ainda lhes falta o negarem-se a si mesmos: porque em lhes passando aquelle acto de devoção, com qualquer adversidade desmaiam: e como têm pouca paciencia, e humildade, e têm dentro de si escondido o amor proprio sem o conhecerem, se vão atraz de seu gosto, ou paixão, sem acharem razão com que se defendam, se precipitam algumas vezes na culpa.

Em o quinto degráo estão aquelles que, em todas as suas obras, ou exercicios, renunciám suas proprias vontades, por fazerem a de Deus; e obedecem não só a seus Superiores, senão tambem a qualquer outro homem, que vêem que os aconselha com recta intenção do amor de Deus; abraçam as inspirações divinas; procuram pureza de coração com muitas obras, e vontades de agradar a Deus; porém, ás vezes succede-lhes esfriarem, e desmaiarem em seus bons propositos, por não terem paciencia.

Em o sexto lugar estão todos aquelles, que se resignam na von-

tade de Deus perfeitamente; e deixando a sua propria vontade, perseveram com constancia em seus bons propositos, buscando com recta intenção a gloria e honra de Deus; e assim acham a graça do Espirito Santo, que os favorece até o fim.

Em o setimo degráo estão todos aquelles que, com grande pro-
veito, sabem prezar os bens da graça, acceitando tanto o bem como o mal quando vêm, por entenderem que nada se move sem ser vontade de Deus: dispostos para seguirem a sua santa vontade, assim em cousas exteriores, como interiores; imitando, quanto podem, a santissima vida de Christo nosso Redemptor, com a qual não só fazem grandes cousas, mas tambem soffrem muito: e por isso os enriquece Deus com muitos favores.

Em o oitavo lugar estão aquelles, que todas as suas acções são dirigidas a Deus, e se resignam puramente na sua santa vontade. Estes, succede-lhes serem visitados de Deus nosso Senhor com mais favores, e revelações; porém, occultamente, sem se desvanecerem de vaidosas presumpções: e nisto excluem todo o amor proprio, porque conhecem que nestes dons e favores não está a perfeição; porém sim, depois de reconhecerem a sua villeza, vêm no alto conhecimento da grande piedade, e misericordia de Deus, que os favorece: e assim vivem em uma alegria espiritual, soffrendo os trabalhos como da mão de Deus, com as esperanças dos bens da gloria.

Em o nono e ultimo degráo estão aquelles que, com fervorosos exercicios de virtude, e ardentes desejos de verdadeiro temor, e amor de Deus, têm já consumido o amor da carne e sangue, ficando como um espirito puro, e livres de toda a sua vontade; porque já não vivem senão em Deus, porque tambem Deus nelles vive. E estes são os mais amados filhos de Deus, em os quais derrama seus divinos favores, e os leva a seu soberano conhecimento, para que mais o amem. Porém estes, quando mais favorecidos, e amados de Deus se vêem, então mais humildes se fazem na presença dos homens: porque sabem que mais val a humanidade, e a obediencia do que a mesma oração, e abstinencia.

Olha agora, ó Peregrino.
Qual destes é o teu lugar:

NUNO MARQUES PEREIRA

Se cuidas que o nono é,
No primeiro te acharás.

Satisfeito fiquei de ter ouvido a explicação, que tão individualmente me fez o Sacristão do quadro: porém não deixei de reparar no conceito do verso, ou motte, que parece que melhor se não podia explicar o Poeta commigo. E logo fiz este discurso: Isto são prodigios, ou inspirações, que me quer Deus mostrar, para que eu me saiba aproveitar, e emendar da minha errada vida.

CAPITULO XXVI

Da relação, que dá o Peregrino, da conversação que teve o Pastorano com os que estavam no alpendre da igreja, acerca do que lhe succedeu na Cidade da Bahia. É materia de muita moralidade.

DESPEDINDO-ME do Sacristão, me tornei para o alpendre, onde achei alguns homens assentados, que esperavam pela Missa, por ser dia santo: e entre elles vi um Capitão, o qual, no que representava, me pareceu ter mais de cincoenta annos de idade. Saudei a todos, e assentei-me.

A este tempo vinha chegando um homem, vestido á Portugueza; e assim como entrou no alpendre, nos levantamos todos; e o Capitão se antecipou a lhe ir dar agua benta, que elle mui cortezmente acceitou. E depois de ter feito oração, veio para o alpendre, e se assentou entre os que ahi nos achavamos. Rompeu então nestas palavras o Capitão:

Com grande fundamento disse Aristoteles, Senhor João Pastorano, que a distancia, em quem ama, aparta o exercicio, mas não o amor: faz divorceio com a vista, mas não com a vontade: impede a familiaridade, mas não o querer. Porque tambem lá disse um discreto Thebano, que o amor da amizade é uma fome insensivel da falta do tempo, em que se não vê a cousa amada. E por isso com muita propriedade se compara o amor com o fogo, que é o primeiro dos quatro Elementos, assim como o amor é a primeira das quatro paixões, segundo o que diz Salomão nos Proverbios. Como o grande fogo se não póde esconder no seio: da mesma sorte o amor vehemente não póde ser escondido. Finalmente, todos os officios, e

todas as sciencias desta vida se podem aprender, excepto o officio, ou arte de amar: a qual nem aquelle assombro da sabedoria Salomão a soube definir, nem pintar Apelles, nem ensinar Ovidio, nem contar Helenor, nem cantar Orfeo, nem ainda dizer Cleopatra; porque é sem duvida, que só o coração a sabe sentir, e a pura discrição declarar. Trouxe todos estes exemplos, Senhor João Pastrano, para vos significar o quanto sentia a vossa ausencia: que vos posso affirmar, que já me fazieis mui grandes saudades, pelo longo tempo que vos não vejo.

Não sem muita razão se diz, Senhor Capitão, (disse o Pastrano), que o primor e as dadivas são grilhões e cadeias, que captivam, e prendem. Isto posso eu agora dizer, pelo grande favor, e honra, que me fazeis; ficando por isso tão obrigado á vossa cortezania, que, ainda confessando a obrigação, não satisfaço o muito que vos devo. Mas, se é certo, que todo o coração generoso preza muito mais a boa vontade, que se lhe offerece, do que as prendas de maior valor: sabeis que esta em mim é tão grande, que ficarão valendo pouco todos os haveres do mundo, pelo que vos desejo tributar: e com mui duplicada vontade; pois reconheço em vosso generoso animo o quanto vos conformais com os dictames da razão, e preceitos da Lei Divina.

Como vivo no cabal conhecimento de que nada tendes de lisonjeiro, mas antes sim muito de verdadeiro, acceito o cordial affecto com que me tratais (disse o Capitão ao Pastrano). Porém o que pertendo saber de vós, é que me digais o como passastes de saude, e de negocio na Cidade da Bahia.

Bem de saude, graças a Deus (respondeu o Pastrano). E no que respeita ao negocio: concedei-me licença, Senhor Capitão, para fallar ao nosso Reverendo Padre Capellão, que vem chegando; e depois satisfarei ao que me mandais.

A este tempo chegou o Padre Capellão; e o Pastrano se antecipou a recebê-lo com alguns passos fóra do alpendre, onde se trataram com grande primor, e satisfação; e depois de entrar para dentro do alpendre o Capellão, a todos saudou com muita affabilidade. E logo fallando o Capitão ao Padre Capellão, lhe disse: Não podia chegar Vossa Mercê em melhor tempo, por estar o Senhor

Pastrano para nos dar noticias do que lhe succedeu na Cidade da Bahia: e supponho que folgará Vossa Mercê tambem de o ouvir. Sim por certo, (disse o Capellão) e já me assento: porque como ainda é cedo, tenho tempo até ás onze horas, para poder dizer Missa.

Supposto, Senhor, (disse o Pastrano) que para satisfazer o agradavel gosto, que reconheço em vossas vontades de me ouvir, me considero mui falto de Sciencia, para poder seguir com acerto a narração de minha historia; com tudo, fiado na discreta prudencia de vossas honradas pessoas, me atreverei a proseguir o que me ordenais que conte.

E para isso me valerei do conselho de Aristoteles (1), quando disse que a pratica não deve ser tão breve, que mal se possa explicar o assumpto; nem tão dilatada, que moleste aos ouvintes: porque a primeira, pelo coaretado, ficará escura; e a segunda, pelo diffuso, incapaz de se lembrar.

Tambem receio que no fio desta historia diga alguma verdade, que, por mal vestida, vá tão núa, e crua, que não seja bem recebida; e mais ainda em tempos, que todos folgam tanto de andar enfeitados, que até os calvos se cobrem de cabellos postiços: sendo que li eu, que em algum tempo se prezavam muito para os lugares dos Senadores, e cargos da Republica. Além de que, disso deviam elles tirar muitos documentos para os acertos da vida, pela representação em que os põem os annos na similitude de uma caveira, em que todos nos havemos de tornar depois de mortos.

Porque parece que permite Deus que em tudo nos esteja ensinando o tempo com varios avisos, e advertencias. A uns, faltando-lhes a vista, e por isso valendo-se de oculos, para que vejam a pouca duração da vida na representação de um vidro; além da pensão de trazerem os olhos nas mãos, que os podem perder, ou quebrar. A outros, cahindo-lhes os dentes, symbolo das forças corporais, para que se emendem, e não se fiem das forças do corpo, e vençam seus appetites, e deixem o espirito dominar a carne. Já retalhando-lhes a outros a cara com rugas e frangimentos, porque se não desvançam com a gentileza e formosura. E a muitos, fazendo-se-lhes brancos os cabellos como neve: porque conheçam

que já estão no inverno da velhice, e que se vão chegando ás portas da morte; para que se tirem das janellas da vida, em que se estão divertindo com tantas vaidades, devendo só tratar do bem do espirito.

Quasi me vai doendo já o cabello, (disse o Capitão). Supponho, Senhor Capitão, lhe disse o Pastrano, que não serão os da cabeça: porque como vos vejo com cabelleira postiça, e se mette de permeio o tecido da coifa, não receio que vos chegue á carne. Ainda assim, (disse o Capitão) homens ha tão levados da presumpção, que nem no fio da capa querem que lhes toquem.

Bem me receava eu, Senhores, (disse o Pastrano) e por essa razão ia tomando os meus salvos conductos. Tão fóra estais, Senhor Pastrano, (disse o Capitão) do sentido com que vos fallo, que, para melhor me explicar, vos hei de trazer aquelle proloquio por exemplo, que diz: Que muitos lançam uma verde, para colherem uma madura. E como na arvore do vosso entendimento se acham tão bellos pomos da discrição, só por colher a doçura delles, usei do presente gracejo.

Podeis continuar a vossa historia, Senhor Pastrano, (disse o Capellão) que todos estamos com grande vontade de vos ouvir: e supposto que o Senhor Capitão mettesse aquelle parenthesis, foi mais por galanteio, que de picado. Sim, por certo, (disse o Capitão) que do Senhor Pastrano nunca me poderei offender: porque, além de ser mui honrativo em suas palavras para com todos, tenho delle recebido mui particulares affectos de primor.

A tão sonora melodia (disse o Pastrano) respondam por mim os Anjos. Porém havemos de attentar em um partido, meus Senhores, e vem a ser: que se algum se vir magoado nesta minha narração, conheça que não é o meu intento molestá-lo: porque todo o designio é conversar moralizando, e não murmurar satyrizando. Assim o promettemos observar (disseram todos). Pois direi (disse o Pastrano).

Parti deste Sitio; e chegando á Cidade da Bahia, saltei em terra. E depois de ter passado varias ruas, e ver muitas casas abertas, não achei quem me offerecesse agasalho: e alli me considereei qual outro Peregrino só em Jerusalém. E tomando por uma rua

menos frequentada de gente, vi dentro de uma casa estar um homem assentado em uma cadeira, lendo por um livro: saudei-o, correspondeu-me cortezmente. Pedi-lhe, me fizesse favor mandar vir um pucaro de agua: disse que entrasse, e deu-me assento. E vendo uma mulher assentada em um estrado, cosendo em uma almofada (2), a saudei: a qual com mui bello termo, e honesto recato, me correspondeu: e chamando logo por uma escrava, por nome Diligencia, lhe mandou que me trouxesse agua. E depois que saciei a sêde e lhe dei os agradecimentos, me perguntou o dono da casa onde era eu morador e a que negocio tinha vindo á Cidade.

Sabei, Senhor, (lhe respondi eu) que sou assistente no Sertão. Tive uma carta de um meu parente do Reino de Portugal esta frota, na qual me faz aviso, que são fallecidos meus pais e me deixaram de legitima quatro mil cruzados. E porque, para bôa arrecadação delles, me pede lhe remetta uma procuração, e que vá esta passada por India e Mina, venho agora tomar parecer com um Lettrado, como poderei escusar este inconveniente de mandar á India e á Mina, tanto pela distancia dos lugares, como por não ter pessoas de conhecimento naquellas partes.

Tudo se poderá fazer e negociar até amanhã ás nove horas do dia (me disse o dono da casa). Pague-vos Deus (lhe disse eu) a bôa nova, que me dais e o favor que me fazeis. E pegando o dono da casa em papel e penna, me perguntou o como me chamava e os nomes das pessoas que haviam de ser meus procuradores. E depois de lho eu dizer, fez elle uma breve escrita e chamou por um escravo por nome Promptidão, e com o escrito o mandou á casa de um Tabellião, para que lhe fizesse aquella procuração, e que estivesse feita no dia seguinte até as oito horas.

E vendo-me eu tão obrigado a favor tão gratuito, lhe disse: Perdoai-me, Senhor, se parecer atrevido em tomar esta confiança: que para melhor me poder reconhecer por criado desta casa, tomára que me dissesseis o como vos chamais e esta Senhora. Sabei, Senhor, (me disse o dono da casa) que eu me chamo o Desengano e minha irmã Dona Verdade.

Graças a Deus (lhe disse eu) que já cheguei a ver-me na casa do Desengano e na sala da Verdade. Celebraram elles muito o meu

dizer. E como era já noite, mandou o Desengano que viesse a ceia, a qual tinha feito com Diligência e Promptidão, por ordem da Verdade. E depois me deram agasalho com mui bôa cama, onde passei a noite.

A repetidos echos de estrondosos tambores e sonoros clarins despertei: porque vinha amanhecendo o dia, e por isso com tão alegres salvas de contentamento se lhe rompia alvorada. Levantei-me, e achando de pé o Desengano, mui cortezmente o saudei: e não tardou muito Dona Verdade, que sem reбуços, nem ceremonias, a ambos nos deu os alegres dias. E enquanto se preparou o almoço, que promptamente chegou, se vestiu o Desengano: e depois de almoçarmos, pedindo eu licença a Dona Verdade, sahimos para a rua.

Caminhamos logo para uma igreja, onde ouvimos Missa. E depois sahindo della, a poucos passos encontramos com dous horrendos e espantosos vultos negros, vestidos de preto, que me causaram pavor, porque vinham com gorras mettidas nas cabeças e caudas a rasto: e reparei que ambos vinham descalços, sem dúvida porque delles se não dissesse, que eram demonios com botas.

Perguntei ao Desengano: Que vultos eram aquelles, que mais me pareciam fantasmas, que corpos vivos? Respondeu-me: Que eram dous escravos de um homem rico, que tinha fallecido, os quaes lhe andavam solicitando o enterro. Bem se poderá tambem cuidar, Senhor, (lhe disse eu) que assim como naquellas fórmias lhe andam os escravos no mundo tratando do corpo, estejam os demonios no inferno atanazando-lhe a alma. Não quero que valha este meu dizer como sentença definitiva, porém, pôde-se entender como razão discursiva. E quanto melhor fôra, que todo aquelle superfluo gasto se mandasse dizer em Missas ou dá-lo aos pobres pelo amor de Deus pela alma do defunto! Porque verdadeiramente semelhantes trajes mais causam horror e espanto, do que piedade ou edificação a quem os vê.

Fallais com muito acerto, Senhor, (me disse o Desengano) porém, haveis de saber, que procede isso, pela maior parte, de que assim como vivem os ricos no mundo com loucas presumpções, até na hora da morte querem mostrar as suas vaidades. Isto não é di-

zer que se deixe de dar sepultura aos mortos, segundo o que manda a Igreja e se usa nas terras onde foram moradores, porque assim o aconselha o Espirito Santo: *Secundum iudicium contege corpus illius.* (*Eccl.* 38. 16.) Quer dizer: Que enterremos os mortos ao uso dos fieis, como é em cada terra costume, para que não haja no enterramento cousa que se note ou escandalize. Porém, dera eu de parecer (se mo pedissem) que nos occupemos mais em multiplicar suffragios, que em exceder nas demasiadas pompas dos enterramentos, por se não vir a perder tudo por vaidade: e que deixemos esses solemnes enterramentos para os Principes, que se lhes devem fazer em razão de estado.

Dalli a poucos passos, vimos entrar um homem por uma casa dentro e sahir logo benzendo-se e fazendo grandes espantos. Perguntei ao Desengano: Que homem era aquelle? Respondeu-me: Que era um Doutor em Medicina, a quem chamavam Medico: e que sem dúvida fôra visitar ao enfermo a quem assistia, e como o achasse morto, ia fazendo aquellas visagens, para que cuide o povo que não pôde morrer o enfermo sem licença do Medico. Pois, Senhor, (lhe disse eu) que sciencia é essa, que não conheceu esse Medico a gravidade da enfermidade pelos pulsos e mais symptomas do achaque, para lhe applicar o remedio, ou desenganar ao doente que morria? Porque dos homens é o errar (me disse o Desengano); que se elle conhecesse a doença e lhe applicasse os remedios convenientes, talvez que não morresse o enfermo, porque diz o Castelhana: La enfermedad conocida, sanada está. Além de que, tambem as enfermidades tomam varios termos, já por se complicarem os humores, já pelas influencias dos Planetas (3), que dominam nos corpos sublunares. E muitas vezes succede applicar o Medico um remedio mui presentaneo a um enfermo, segundo a arte e regra da Medicina para a saúde, o qual vem a ser um refinado veneno para a morte, ou pela debilidade dos corpos, ou tambem pelo muito enchimento e cargas dos humores.

Dessa sorte, Senhor, (lhe disse eu) assentemos por maxima certa e infallivel, que só Deus é o verdadeiro Medico. Ninguem o pôde duvidar (me respondeu o Desengano); porque os Medicos o mais que podem fazer é applicar os remedios, porém, Deus

é o que dá a saúde. Por isso lá dizia aquelle celebre Medico Castelhana, quando o chamavam para ir a curar algum enfermo: Si no es llamamiento de Dios, yo le tengo de dar salud.

E depois de termos andado breve espaço, vi na mesma rua uma Ermida, ou Capella, mui pintada e armada, com muitos vidros e vasos, com uma lampada accessa diante de um nicho e com assentos por uma e outra parte, onde estavam alguns homens assentados. Perguntei ao Desengano: Que Capella era aquella? Esta casa, que vêdes, Senhor, (me disse o Desengano) é uma Botica, que serve de guardar medicamentos, para os vender aos enfermos. E todos aquelles vasos, que alli estão e o mais que nella se vê, (lhe perguntei eu) servem para a saúde dos doentes? A metade da metade é o que poderá servir (me disse o Desengano), porque os mais, além de serem de outro clima, por velhos já estão corruptos.

Pois se isso assim é, Senhor, (lhe disse eu) melhores remedios e medicamentos temos nós no Brasil, por novos, e por isso mais vigorosos e benevolos por serem do mesmo clima, onde, por natural razão, melhor devem obrar nos corpos, que delles necessitam. Não tenho, Senhor, a menor dúvida nesse particular, (me disse o Desengano) porque tenho ouvido dizer, que na America ha tantas virtudes nas plantas, oleos, aguas e pedras, como se podem achar nas mais partes do mundo: o ponto está em haver quem as conheça, para o ministerio da saúde.

A este tempo, chegamos á casa do Tabellião, a quem o Desengano no dia antecedente tinha mandado fazer a procuração: e entrando dentro do Escriptorio, o achamos com muitos homens, que todos estavam tratando de suas causas. Tirei eu por dinheiro e o lancei em cima do bofete, em que estava o Tabellião escrevendo: o qual assim como ouviu tinir as moedas, largou a escripta em que estava occupado e pegou em um livro, que lhe chamou de notas, (sem a qual não ficou o Tabellião, pelo arrebatado modo com que deixou as mais partes, por acudir ao dinheiro) e me disse que me assignasse naquelle livro, o que eu promptamente fiz: e logo me entregou o traslado da procuração. E assim como nos vimos servidos, delle nos despedimos e dos mais que no escriptorio estavam: e o Tabellião nos trouxe até á porta com grande cortejo e primor.

Com muita razão se diz, Senhor (disse eu ao Desengano): Que mui grande Cavalheiro é o Senhor D. Dinheiro. E supponho deve ser, por andar vestido de armas brancas. Não duvido que assim seja, (me disse o Desengano) para com aquelles, que lhe vivem tributarios ao seu dominio. E logo dalli despediu o Desengano ao escravo Promptidão, para que fosse reconhecer a procuração a casa de outro Escrivão e assignar o reconhecimento pelo Juiz das Justificações.

E continuando nós os passos, fomos até a Praça, onde nos sentamos junto da Casa da Moeda (4): e dalli me mostrou o Desengano o Palacio dos Governadores, a Casa da Relação (5) e a cadeia (6) em que estão os presos (7) Vi andar passeando uns homens pela Praça, vestidos á cortezã, e perguntei ao Desengano: Que homens eram aquelles que alli andavam passeando? São Mercadores, (me respondeu o Desengano) que andam vendo o como poderão tirar os cabedaes uns aos outros, com seus tratos e distratos: e porque alguns querem carregar mais do que suas forças podem, vêm a quebrar nos cabedaes. E como se sabe (perguntei eu ao Desengano) quando quebram ou estão para quebrar? Pela maior parte, (me respondeu o Desengano) é quando compram caro e vendem barato: ou tambem quando largam as suas casas e vão buscar as Religiões, para nellas assistirem, sem serem Religiosos, nem fazerem penitencia de seus peccados.

A este tempo vi passar uns homens com umas varas nas mãos, andando mui apressadamente. Perguntei ao Desengano: Que homens eram aquelles? Respondeu-me: Que eram Meirinhos, os quaes deviam ir fazer alguma diligencia por parte da Justiça e por isso iam com tanta pressa. Sem dúvida estes devem ser os homens, (disse eu ao Desengano) de quem li um livro, intitulado *Tempo de agora*, composto ha mais de oitenta annos (8), no qual diz o Autor que vira na Cidade de Lisbôa, estando em certa rua, vestir a um o jubão antes da camisa. Não seria sem causa, (me respondeu o Desengano) porque a Justiça castiga, para emendar dos erros.

Dalli a breve instante vi andar a correr uns homens com papéis nas mãos e outros debaixo dos braços. Perguntei ao Desengano: Que homens eram aquelles, que tão apressadamente corriam

cheios de papeis? Respondeu-me: Que eram Solicitadores e Requerentes, os quaes andavam enganando e enganando-se (9). Como assim, Senhor? (lhe perguntei eu). Enganando as partes, que os occupam em seus negocios, (me respondeu o Desengano) porque raras vezes lhes fallam verdade; enganando-se, porque se mettem no inferno pelo que muitos obram naquella occupação, contra justiça e razão, fazendo disso pouco caso.

Vi tambem uns homens, e atraz delles uns escravos com saccos ás costas e tinteiros e pennas nas mãos. Perguntei ao Desengano: Que homens eram aquelles e para onde iam? Respondeu-me: Que eram Escrivães e Tabelliães e que iam para a Audiencia. E quaes daquelles officios (lhe perguntei eu) são melhores e mais rendosos? Respondeu-me: Que não havia officio bom para homem ruim, nem officio ruim para homem bom. Que todos os officios davam de comer a quem os servia e de vestir a quem os trabalhava, e só enriqueciam a quem furtava. E que por isso se dizia por ironia: Pobre do filho, que seu pai não foi ao Inferno! (10) Isto é, pelo que neste mundo furtou, para o deixar rico.

Ainda não tinha o Desengano acabado de dizer a ultima palavra, quando vi entrar na mesma casa da Audiencia uns homens e atraz delles uns moleques com papeis. Perguntei ao Desengano: Que homens eram aquelles, que tambem encaminhavam os passos para a Audiencia? Disse-me o Desengano: Que eram Doutores em Leis, os quaes aconselhavam as partes para pôrem pleitos e demandas (11): e que tambem faziam petições, artigos nos feitos, razões a final e tudo o mais nas causas, por serem homens graduados e professores na faculdade de Juristas.

Mui entendidos devem ser esses homens, pois aconselham aos mais (disse eu ao Desengano). Alguns ha tambem ignorantes. (me respondeu o Desengano). Porque lá conta Belchior de Santa Cruz Dueñas na sua *Floresta Hespanhola*, que estando certo Letrado uma noite no seu escriptorio lendo o Livro *Secretos de la naturaleza*, achou que escrevera o Autor, que todo o homem de barba larga era tolo: pegou em um vela accessa, e vendo-se a um espelho, tanto chegou a si a vela, que lhe pegou o fogo nas barbas, e depois de as apagar, com muita pressa, tomou o Livro e lhe

escreveu á margem estas palavras: *Probatum est*. Sobre ser ignorante, não deixou de ser pouco acutelado esse Lettrado, (disse eu ao Desengano) porque vendo o fogo tão perto das barbas não preveniu o perigo. Porém, tomára que me dissesseis, qual das Sciencias é mais nobre, se a dos Legistas, se a dos Medicos.

Responderei (me disse o Desengano) com o que li no livro de Frei Amador Arraez, *Dialogo 8, fol. 220*. Escreve este Autor, que perguntando-se uma vez em um Estudo de Grecia, quem havia de preceder, se os Legistas, se os Medicos (12): foi concluido, que deviam ir diante os Advogados: porque quando se faz alguma justiça, o ladrão vai diante e o algoz atraz. Muito mal os definiu esse Autor, por certo (disse eu ao Desengano). Eu supponho (respondeu o Desengano) que devia escrever apaixonado: porque se não pôde negar, que qualquer dessas Sciencias é muito para prezada e digna de estimação.

Eis que neste tempo vi uns homens com umas hastas nas mãos e em cima umas cruces de ferro, com capacetes nas cabeças. Perguntei ao Desengano: Que significavam aquelles homens tão armados? Respondeu-me: Que eram Sargentos de Infantaria. E de que servem estes homens na milicia? (lhe perguntei eu). Respondeu-me o Desengano: De comerem as praças dos Soldados ná paz, e na occasião da guerra, acutelarem-se do perigo. E quando restituem aos Soldados o que lhes comem? (lhe perguntei eu) Quando succede accrescentarem-nos nos postos (me respondeu o Desengano), com lhes darem largas licenças para não entrarem de guarda. Por isso (lhe disse eu) vejo tantos Soldados nesses Sertões, faltando a suas obrigações dos presidios das Praças (13)

Vinha a este tempo passeando pela praça um Clerigo de Ordens menores, todo arregaçado; porém com uma grande corcova nas costas e descoberto, com o barrete na mão, ao rigor do Sol. Perguntei eu ao Desengano: Que causa teria o Prelado para dar Ordens áquelle Estudante, com um defeito tão deforme? Sendo que tinha ouvido dizer, que dispunha o sagrado Concilio Tridentino, que se não ordenassem homens, que tivessem defeitos naturaes. Senhor, (me respondeu o Desengano) nada tem de carcunda aquele Clerigo: e supposto que o pareça pelo enchimento que lhe

vêdes, é em razão de ajuntar parte da loba e capa, para mostrar a vestia, calções e meias de seda (14). E que causa tem, (perguntei eu outra vez ao Desengano) para vir descoberto ao rigor do Sol? Sabei, Senhor, (me respondeu o Desengano) que o motivo de vir assim descoberto, é para que lhe vejam a corôa e saibam que já tem Ordens. Pelo contrario o fazem os calvos, (lhe disse eu) segundo o que diz Quevedo: Que antes querem que os tenham por descortezes do que tirar os chapéus, porque lhes não vejam as calvas.

Chegou a este tempo o escravo Promptidão com a procuração reconhecida e já de todo corrente. E logo nos levantamos, e indo passando pela cadeia, nos chamou um preso e alli com lagrimas e rogos me pediu uma esmola (15) Perguntei-lhe: Quantos tempos havia, que estava preso e por que causa viera alli? Sabei, Senhor, (me respondeu o preso) que haverá dous annos que estou nesta enxovia. E a causa, porque estou aqui, foi porque, sendo eu official de marceiro, deixei o meu officio, por ir á Costa da Mina. Para apresto da viagem e fazer uma carregação, pedi duzentos mil réis a risco (16): e depois de ter feito um bom negocio em escravos me roubaram uns piratas. Não obstante a minha perda, chegando a esta Cidade, me executou o meu credor, e como não tive com que lhe pagar, requereu ao Ministro me mandasse para esta prisão, onde estou padecendo intoleraveis miserias, além do grande aperto.

Porque me considero uma cavilha de torno de Serralheiro, sem destas grades me poder tirar. Estou morando na mesma casa do algóz e junto de malfeitores de mortes e latrocinios, e posto ao rigor do carcereiro, que é peor que um Comitre de galé. A fome me consome, a sêde me cega, os piolhos me mordem, a sarna me abraza, o calor me assa, o frio me regela, o fedor me acompanha, o aperto me opprime, a calma me abraza, a miseria me tyranniza e, finalmente, meus Senhores, é isto cá outro clima de mui diversa Região e de mui infestados ares. Com estar dentro desta mesma Cidade, me considero em um mar tempestuoso embarcado em uma tormenta desfeita. Comparo este lugar com o inferno dos corpos vivos, que nelle vêm a parar, pelos grandes tormentos e apertos que nelle padecemos.

Por isso se diz (disse o Desengano ao preso) que o homem

que em um dia quer ser rico, no outro o enforcam. Que esperaveis que vos succedesse, á vista de largares o certo pelo duvidoso, pois já ouvirieis dizer: Quem tem officio, tem beneficio. A quantos tem succedido, por largarem o socego de suas casas e a companhia de suas mulheres e filhos, pelos interesses dos cabedaes, virem a perder o credito, a honra, a mesma vida e talvez a propria alma, (que é o que mais se deve temer) pela demasiada ambição? E se não, vêde. Todos esses cabedaes grangeados com tão grande desvelo, tanto que morre um desses ambiciosos, cá ficam nas mãos de outros interesseiros, servindo-lhes esse ouro e prata de correntes para lhes prenderem as almas e precipitá-los no abismo do inferno.

Fallais com mui larga experiencia, Senhor, (lhe respondeu o Preso) e eu o tenho tambem experimentado em mim, porque com esta minha prisão perdi casa e mulher, e de meus filhos me tenho apartado. Emquanto usei do meu officio, tive com que passar a vida: mas como me não' quiz contentar com minha sorte, vim a soffrer por força a minha desgraça.

Ora, Senhor, (disse eu ao queixoso Preso) peço-vos que vos conformeis muito com a vontade de Deus: porque já ouvirieis dizer, que nenhum se viu preso, que se não visse solto. E então ficareis com mais largas experiencias, para melhor vos saberes haver nos vossos negocios, e não obraceis cousa alguma sem maduro conselho: e este vos peço que não seja de quem vós quizeres, senão de quem vos quizer. E sabeí que muitas vezes permite Deus que padeçamos semelhantes trabalhos e molestias para nosso bem: porque lá se nos ensina nas Bemaventuranças, que Bemaventurados são os que hão fome e sêde de justiça, porque elles serão fartos. E supposto que esta fome e sêde de justiça se entenda espiritualmente no que devemos obrar no serviço de Deus, tambem se pôde tomar no sentido presente, se nos resignarmos com a sua santa vontade. E logo lhe dei uma esmola, de que ficou mui agradecido o preso, e delle nos despedimos.

Depois de nos havermos apartado da cadeia, fomos andando por uma rua (17), onde vimos uma casa de sobrado, que tinha umas sacadas para fóra, e nellas andar passeando um homem mui apressadamente, fazendo muitas visagens e batendo com a mão na testa.

NUNO MARQUES PEREIRA

Perguntei eu ao Desengano: Que homem era aquelle, que tão apaixonado se mostrava, porque na verdade mais parecia um louco furioso, do que homem que estava em seu juizo?

Sabei, Senhor, (me respondeu o Desengano) que é um Poeta, que alli mora: e sem dúvida deve estar para fazer alguns versos ou glossar algum mote, e porque lhe não corre bem a Musa, por isso anda tão inquieto. Mui rendoso deve ser esse officio, (lhe disse eu) pois tanto lhe custa exercitá-lo. Sabei, Senhor, (me disse o Desengano) que não deixa de ser uma Arte de grande trabalho e quebradeiro de cabeça: e comtudo isso succede pela maior parte vir a não render cousa alguma a quem nella se occupa. Mas antes acontece grangear muitos inimigos se dá o Poeta em ser maldizente e satyrizante nos versos que faz, além de se expor ás notas do vulgo: porque os ignorantes os motejam, os criticos os reprovam, os politicos os vituperam. E só os discretos os louvam por saberem que lá disseram os sabios antigos que os Poetas fallavam ao Divino, por ser uma arte que necessita de muito entendimento e grandes partes para se obrar bem.

E de que partes necessita um homem, (perguntei eu ao Desengano) para ser bom Poeta? Primeiramente, (me respondeu) é necessario ser mui lido em toda a lição das Letras Divinas e humanas; conhecer todos os Signos e Planetas celestes; saber as fabulas dos antigos e suas origens. E para ser universal, deve entender todas as Sciencias, artes e officios: e depois disso, estar mui presente nas regras e preceitos da arte Poetica, para saber de quantos pés se compõe o verso que pretende fazer e de quantas syllabas: e ver se acabam em agudos ou quebrados, fugindo dos longos e curtos. Deve tambem accommodar e enxerir ao intento as fabulas, equivocos e pancadas, no sentido de que trata. E finalmente, é um processo infinito dizer o de que carece um Poeta, para fazer bem os versos.

Dessa sorte, Senhor, (lhe disse eu) me parece que ha mister um homem desses uma cabeça maior que o corpo, para accommodar e recolher tanta fabrica poetica. Não vos pareça, Senhor, (me disse o Desengano) que necessita de pouca capacidade, de entendimento e juizo: e com isto ser assim, muita gente os tem por lou-

O PEREGRINO DA AMERICA

cos. E de que procederá isso, Senhor? (perguntei eu ao Desengano) De verem (me respondeu elle) que se occupam os Poetas com tanto trabalho e desvelo em cousa que tão pouco lhes rende e aproveita, e como só tratam de fazer versos, não procuram do que necessitam para se poderem remediar. E daqui procede pela maior parte serem pobres, por desprezarem as riquezas, que os mais homens (e talvez de menos entendimento) tanto prezam.

Já a este tempo estavamos defronte da casa do Poeta, a quem saudamos, e elle nos correspondeu com mui grande primor e cortezia. E logo disse o Poeta ao Desengano: Sabei, Senhor, que aqui estou de pela manhã até a estas horas, sem poder glossar um mote, que se me pediu glossasse: tenho escripto duas folhas de papel e ambas risquei sem poder acabar a glossa.

Poder-se-ha, Senhor, repetir o mote? (lhe perguntou o Desengano) Sim, por certo (lhe disse o Poeta).

M O T E

Que é o melhor Poeta

Eu o glossára assim (lhe disse o Desengano):

G L O S S A

A penna, que mais discreta
Ao Divino descrever,
Deste se póde dizer
Que é o melhor Poeta.

Agora venho eu a entender, Senhor Desengano, (lhe disse o Poeta) que melhores são os vossos repentes de caminho, do que os meus vagares de pensado.

E despedindo-nos do Poeta, entramos em uma rua menos frequentada de gente: quando vimos vir passeando um galhardo mancebo, custosamente vestido de grã vermelha, guarnecido de luzentes galões de prata, com uma cabelleira branca toda apolviçada, chapéu pardo na cabeça, no qual trazia um rico cairrel de ouro com plumas brancas, e no pescoço uma cravata rendada, com

um bastão na mão. Acompanhavam-o muitas mulatas e crioulas bem vestidas: e atraz desta comitiva o seguiam dous pagens e uma cadeiras de andas (18) custosamente ornada de luzentes vidraças *crystallinas*. E reparando, notei que trazia por calções uma saia vestida, porém á moda Franceza (19). E logo perguntei ao Desengano: Que individuo quimerico ou fantastico era aquelle, que eu não sabia distinguir? E se era alguma machafemea, a quem chamam *Hermaphrodita*?

Bem conheço, Senhor, (me respondeu o Desengano) que é o vosso reparo fundado em muita razão. Porém, sabeí, que o que tendes visto, é uma mulher casada, a qual, por lhe fazer a vontade o marido, sendo Portugueza, a traz vestida á Franceza, com todo aquelle apparatus, ou, para melhor dizer, desalinho.

Quem tal cuidára! (disse eu ao Desengano) Que chegassemos a ver nas matronas Portuguezas semelhantes modas no vestir! Aquellas, que de todas as mais nações do mundo foram veneradas e invejadas, tanto pelas suas inexplicaveis virtudes, como pela modestia com que se ornavam quando sahiam fóra de suas casas! E basta que chegou a dizer uma grande personagem Estrangeira estando em Lisbôa: Que mais receiava conversar com uma Matrona Portugueza do que tratar com os Cavalheiros Lusitanos: porque estes eram em extremo mui Cortezãos e Palacianos e aquellas mui severas, recatadas, e no vestir mui honestas.

Fallais com muito acerto, Senhor Pastrano (me disse o Desengano) porém mais para se estranhar, e notar, é ver o como se tratam neste tempo alguns Portuguezes, que mais parecem representantes figuras de Comedias, pela variedade das modas de que usam, do que esforçados Soldados ou Cortezãos Lusitanos. Sendo que foi uma nação, que fez temer Roma, assombrar Castella, passar França, admirar Inglaterra, fugir Hollanda, castigar o Otomano, sujeitar a India, cativar a Ethiopia, dominar a America: finalmente aquelle pasmo do esforço, que conquistou, dominou, rendeu e venceu todas as quatro partes do mundo, com poder, saber, destreza e valentia, como o publicam esses Annaes da Fama por todo o Orbe.

E por isso parece que, de invejosas, as Dalilas das mais na-

O PEREGRINO DA AMERICA

ções se conjuraram contra os esforçados Samsões Portuguezes para os destruirem, até que lhes fizeram cortar os cabellos, tirando-lhes as forças, mettendo-lhes coifas nas cabeças, que são as cabelleiras, untadas de oleos amansativos e polvilhadas com pós de cegueira, para que não vejam o como os enganam e amansam: tirando-lhes as fortes espadas e mettendo-lhes rocas nas cintas, isto é, os cotós e espadins (20), de que usam agora os cegos e melindrosos Portuguezes.

É isto tão certo, que vos digo, que ha homens, que, por não desmancharem os crespos topetes das cabelleiras, antes se deixam abrasar do Sol e molhar da chuva, do que pôrem os chapéus nas cabeças. E outros vi eu, que, por lhes não cahirem os pós das cabelleiras, não abaixarão as cabeças, ainda que lhes façam grandes cortezias. E sendo que sabem todos, que manda a Igreja, que todos os annos se nos ponham pós de cinza nas cabeças, para que tenhamos lembrança da morte e para que vejamos que em pó nos havemos de tornar, agora estou vendo que os lançam os homens para se esquecerem da morte. E o peor é, que ainda muitos velhos, devendo com mais razão ter presente esta lembrança, pelo contrario o estão fazendo por se esquecerem do que deviam sempre cuidar. Oh cegueira dos viventes! Oh desgraça dos mortaes! Quem te pudera emendar e desenganar antes de chegares a teu precipicio e perdição!

E vêde agora como poderão estes taes ser ligeiros Soldados e destros guerreiros, vivendo com tantos melindres e resguardos. Porém nasce esta desgraça, sem dúvida, por andarem os Portuguezes cegos e presos pelos cabellos pelas mãos das mais nações. A este respeito vos contarei o que vi, sendo bem rapaz, trazerem as mulheres por enfeites e toucados nas cabeças: e vinha a ser, que se usava naquelles tempos uma moda, que chamavam patas (21), feitas tambem de cabellos, porém presos em arames. Foi crescendo tanto a demasiada moda, e com tão superfluo custo, que havia patas, que custavam vinte, trinta, quarenta e cincoenta mil réis: e tão deformes, que para poder entrar uma mulher com este enfeite nas igrejas, era necessario que estivessem as portas desimpedidas de gente. Vieram depois a chamar a este uso desenganos. Corre-

ram os annos, até que se desenganaram, de sorte (com serem mulheres) que lançaram as patas fóra de si, e nem por isso ficaram feias.

Assim tambem é justo que succeda agora aos homens com a presente moda ou abuso das cabelleiras de que fallamos. No principio chamavam aos cabellos postiços, cabelleiras; agora chamam-lhes perucas (22), devendo chamar-lhes *Speluncas*, que em Latim quer dizer covas de Ladrões, porque com ellas roubam os Estrangeiros o dinheiro daquelles, que lhas compram para se enfeitarem. Melhor dissera, para se sujarem: porque, antes destas modas estrangeiras, vestiam-se os Portuguezes, para andarem limpos, e hoje vestem-se, para se sujarem. É isto com tanto culto e dispendio, que bem se pudéra escusar, como d'antes se escusava, e nem por isso deixavam de ser mui presados e estimados, e talvez que mais livres de tantas offensas contra Deus.

Até por conveniencia se devia escusar esta desnecessaria moda: porque, se vissem com attenção os Portuguezes a quantidade de ouro e prata, que sahe todos os annos do Reino de Portugal, e suas Conquistas para os Reinos e terras estranhas, a troco destas drogas, haviam de repellar-se e lançar de si fóra as cabelleiras. E então veriam e conheceriam que os não desamparou tanto a próvida Natureza, que os não cobrisse de cabellos sufficientes para se repararem das injurias do tempo e lhes servirem de compostura para o rosto.

Porém muitos, por falta deste conhecimento, ou por ingratos a este beneficio, estão cortando os seus proprios cabellos e talvez muito melhores que os que compram por dinheiro, para se ornarem ou sujarem de cabellos alheios: sendo talvez estes de Hereges, gallicados e cheios de outros males contagiosos, se já não são de animaes irracionaes. Aqui se me offerecia muito que vos dizer, porém, passo de salto, por me não embaraçar em cabellos.

Finalmente, se isto bem considerassem os esforçados Portuguezes, tornariam a pegar nas suas fortes espadas, com que fizeram tantas proezas por todo o mundo, e largariam os ridiculos cotós e espadins de que fazem agora tanta estimação.

Dir-me-hão alguns destes professores de semelhantes usos, e

amantes das cabelleiras: Que as modas antigas já não parecem bem, por velhas. Mas a isso lhes respondo, que os vestidos não fazem aos homens, porém, sim os homens aos vestidos. Porque já ouvi-riais dizer, que a purpura não fez o Orador.

Demais que, bem antigos são os habitos nos Religiosos, e nem por isso deixam de ser mui presados e bem vistos de todos. E nos Seculares, velhas e bem velhas são as bécas dos Ministros Desembargadores, e nem por serem velhas deixam de ser mui estimadas nas Côrtes dos Principes e de todo o povo mui respeitadas.

Porém, o que é mais para sentir e chorar nesta tão esclarecida nação, é ver que sendo mui promptos em todos os seus cinco sentidos, se vão fazendo cegos, surdos e mudos. Como assim, Senhor? (lhe perguntei eu) Porque haveis de saber, (me respondeu o Desengano) que o Judeu é cego, o Herege surdo, o Gentio mudo, e pela grande amizade e correlação, que vão tendo os Portuguezes com estas infectas nações, vão tambem prevaricando por algumas dependencias.

E por essa razão tomára eu agora dar um brado, que se ouvisse em todo o mundo e desenganasse a esta tão heroica nação, para que vissem, ouvissem e fallassem, por zelo de Deus e amor da Patria, como sempre o fizeram, procedendo firmes e constantes na Fé Catholica: e por isso foram tão mimosos e favorecidos de Christo Bem nosso, como a experiencia nô-lo tem mostrado com tantos prodigios e milagres. E não cuidem as mais nações, que fallo apaixonado, porém sim fallo como Portuguez desenganado e Irmão da Verdade.

E nesta pratica fomos tratando, até que chegamos a casa: e porque era já meio dia, achamos a mesa posta e jantamos. E depois de darmos graças a Deus, me pediu licença o Desengano para se recolher a passar a sesta: e me disse que tambem eu podia descansar. Escusei-me, dizendo-lhe que o não tinha por uso, porque me fazia mal o somno meridiano.

Sahiu a este tempo a Dona Verdade, e depois de me saudar mui cortezmente, me disse: Já que, Senhor Pastrano, vós e nós tivemos a dita de vires a esta casa: quero tambem que leveis alguns

documentos meus, que em algum tempo vos poderão ser de proveito, se os observares com recta intenção.

Por prendas de maior estimação, Senhora Dona Verdade, (lhe disse eu) prezarei sempre os vossos conselhos: porque sei que nunca poderei errar, sendo advertido e ensinado por vossos discretos dictames.

Avisos exemplares da Dona Verdade

PRIMEIRAMENTE, (me disse a Dona Verdade) vos encomendo muito que seja o antidoto para vossa alma o santo amor de Deus, e a Remora para o não offenderes o seu santo temor. No mais, que obrares, fazei por amar com temperança. Servi com cuidado. Soffrei com paciencia. Fallai com medida. Visitai sem molestia. Promettei o que pudeses dar. Não digais tudo o que souberes. Dissimulai as offensas. Não vos tomeis com os que mais podem. Não sejais facil em crer tudo o que ouvires. Não julgueis de ligeiro, sem primeiro cuidar. Não concedais tudo o que se vos pedir. Não sejais prompto em prometter. Não vos resolvais sem maduro conselho. Não sejais facil em tratar a todos com risco de seres desestimado. Tratai verdade com todos. Fugi da lisonja. Procurai emendar em vós, o que vos parece mal nos outros. O que não quizeses que se saiba, não o digais a outrem. Sêde reportado no fallar sem necessidade. Tende por certo, que o silencio assegura ao prudente e acredita ao nescio. Se tiveres occasião de mandar, êde antes pio, que rigoroso: porque melhor é perdoar com brandura, que castigar com severidade. Fugi de officios publicos, porque é certo que, quem lida com papeis, não póde passar sem penas e raras vezes se acha na corrente dos negocios paz no espirito: e vêde, que ter um olho no Céu e outro na terra, causa fealdade. Não vos queirais mortificar por outrem, mettendo-vos no inferno. Fazei por aproveitar o tempo em boas e santas occupações, porque gastá-lo mal, é furtá-lo a Deus. A humildade de coração livra e defende de innumeraveis perigos. Nunca desprezeis a outro, por

humilde que seja, sendo sabio e virtuoso. A todo Sacerdote respeitai muito, porque são na terra Ministros de Deus. Finalmente, se não desprezares o mundo e amares a Deus e ao proximo, nunca podereis ter paz no espirito: porque todo o nosso cuidado deve ser amar a Deus como fonte, mar, Céu e centro das nossas almas.

Não sei com que palavras, Senhora Dona Verdade, (lhe disse eu) vos possa manifestar o quanto me reconheço obrigado dos grandes beneficios, que de vós e do Senhor Desengano, vosso Irmão, tenho recebido, pois me parece que nunca cabalmente os poderei pagar. Queira Deus dar-me saúde e vida, para em parte me poder mostrar agradecido de tão bom agasalho e saudaveis conselhos, que me tendes dado.

Sabei, Senhor Pastrano, (me disse a Dona Verdade) que nos não persuade a fazer-vos estes agasalhos o interesse da remuneração de vossa liberalidade: porque, supposto que não sejamos ricos de bens temporaes, não somos tão mendigos, que não possamos passar a vida sem experimentar essas insupportaveis miserias, porque a divina providencia nos socorre com que podemos viver: e, segundo o que lá diz o rifão, Rico é aquelle, que com o que tem se contenta. Isto, que tendes experimentado de nós nesta casa, costumamos fazer a todos os que nos parece que vivem desenganados das vaidades do mundo e ajustados aos dictames da razão e preceitos divinos.

E levantando-se da sesta o Desengano, logo me deu todo o necessario para escrever para o Reino: o que brevemente fiz e dentro da carta metti a procuração e a entreguei ao Desengano, para ma remetter para Portugal.

Alli passei toda a tarde em conversação com o Desengano e a Dona Verdade. E fiquei admirado e absorto do que me contaram dos atrozes vicios e horrendos peccados que commettiam naquella Cidade os seus moradores, tanto sem pejo, nem temor de Deus: affirmando-me, que por isso receavam algum grande castigo á Cidade e a seus habitadores. Até que anoiteceu e me fizeram o mesmo agasalho, que já me tinham feito na noite antecedente.

Despertei a tempo, que os Relogios da Cidade, sem que jogssem ao vinte, conformemente cincaram. E reparando, notei que,

sendo isto no jogo erro, foi nos metaes acerto: porque como viram a Aurora e logo um luzeiro claro, suppuzeram ser o Sol, de quem se viam abrasados, e por isso em silencio se ficaram no sagrado, mettidos em altas torres, porém presos a bom recado. E logo sahiu o Desengano e sua irmã Dona Verdade, e me deram os alegres dias, que eu acceitei com um cordial affecto. E pedindo-lhes licença para seguir a minha viagem, (porque tinha ouvido dizer que os hospedes aos tres dias enfadam) com effeito delles me despedi, com demonstrações de mui grande agradecimento pelo bom agasalho que me tinham feito.

E chegando ao Caes da Cidade, achei uma embarcação, que seguia derrota para o Porto de Santo Amaro, na qual me embarquei: e saltando em terra me puz a caminho, e sem me doer pé nem perna, com mui bom successo, cheguei a minha casa, haverá dous dias. Esta é, Senhores, a relação, que vos posso dar do que me succedeu na Cidade da Bahia.

Na verdade, Senhor Pastrano, (lhe disse o Capitão) que melhor nos não podieis satisfazer, pela agradavel narração, que acabastes de repetir. Porém, o que me admira, é que em tão breve mappa tendes visto tanto mundo, e em tão pouco tempo tendes descoberto tantos successos. Pois sabei, Senhor Capitão, (lhe respondeu o Pastrano) que para ver o mundo e o que nelle passa, não é necessario corrê-lo; porém, sim, basta reparar no que nelle succede: e em quanto ao que vi e ouvi na Cidade da Bahia, vos não disse a terça parte do que vos podia dizer. Fallais com muita certeza, Senhor Pastrano, (disse o Capellão) que está hoje este Estado do Brasil, e principalmente a Cidade da Bahia, peor do que estive a Cidade de Lima, quando por semelhantes culpas foi castigada (23).

Já que fallastes nessa materia, Senhor Reverendo Padre, (disse o Capitão) tomára que me contasseis esse successo: porque supposto que varias vezes tenha ouvido tocar nelle, nunca tive a dita de o ouvir repetir individualmente, nem achei pessoa que me soubesse explicar o como aconteceu esse castigo, sendo tão notavel. Eu o tenho escrito (disse o Capellão). Muito favor me fareis, Senhor Reverendo Padre, (disse o Capitão) se mo fizeres presente.

O PEREGRINO DA AMERICA

E logo chamou o Capellão pelo Sacristão e lhe mandou que trouxesse um livro, que estava dentro de uma gaveta do caixão da Sacristia. E assim como chegou, conheci ser o mesmo, no qual me tinha lido o Sacristão a explicação do *Quadro da vida humana*. E nelle leu o Padre Capellão na fórma seguinte.

NOTAS AO CAPITULO XXVI

(1) O amôr de Aristoteles é outro indicio da formação jesuitica do Autôr. É interessante observar que a filosofia de Aristoteles e o espirito humanista da Companhia se confundiram na reação do seculo XVIII: agredindo-a, o marquês de Pombal atacou diretamente o "Organon"; e juntou, como objetos de sua ira, na mesma invectiva, a pedagogia de Santo Inácio e os comentários ao msstre grego. Nos "*Documentos da Reforma Pombalina*" (1772) a luta é eloquente, entre o "classicismo", peripatético, e as correntes vslhas e novas do pensamento, postas sob a égide de Santo Agostinho, de João Gotlieb Heinecio (Filosofia Racional e Moral) (Vd. Mario Brandão e M. Lopes d'Almeida, *A Universidade de Coimbra*, p. 108, Coimbra, 1937), ds Luiz Antonio Verney e dos Oratorianos. Foi no dia "do grande Doutor Santo Agostinho" de 1771 que os irmãos João Pereira Ramos e Francisco de Lemos elaboraram o relatorio do estado da Universidade — base dos Estatutos que a reformaram (Teófilo Braga, *História da Univ. de Coimbra*, III, 415). Sobre a Logica que se ensinava em 1600, vd. J. Lucio d'Azevedo, *História de Antonio Vieira*, I, 34-5, 2ª ed.

(2) O costume colonial, da "senhora" que cosia num estrado, sentada á moda turca entre as "mucamas" laboriosas, não era apenas do Brasil. Em Portugal "em 1720, a mulher portuguesa ainda vivia "á moirisca". Não abria uma rótula; não assomava a uma janela. Passava os dias no estrado, de pernas cruzadas sobre uma esteira, rodeada de criadas e de moças..." Júlio Dantas, *O Amôr em Portugal no seculo XVIII*, 3ª ed., p. 20.

"O uso de cadeiras nas salas de visita, a começar pelas de páo preto com spaldar e assento de sola... vem, raramente, de fins do seculo XVII a começos do immediato, vulgarizando-se daí por diante", Pereira da Costa, *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LXX, parte II, p. 350.

(3) Isto de doenças e epidemias ligadas ao aspecto dos astros foi ciência oficial até o seculo XVIII. O padre Vieira, por exemplo, vira num eclipse lunar e nas manchas do sol o sinal certo da "bicha" ou febre amarela que infstou o Brasil em 1686... O Dr. João Ferreyra da Rosa, patriarca da literatura medica do Brasil, com o "*Tratado unico da constituçam pestilencial de Pernambuco*", p. II, Lisboa, 1694, avançou: "Tendo nós já dado noticia que o ar póde viciar pelos astros (quaesquer que sejam) e principalmente pelos eclipses do sol e da lua, podemos entender que não faltaram estas causas..." Gregorio de Mattos comemorou (*Satirica*, IV, I, 69) "horroroso cometa que apareceu na Bahia, poucos dias antes da memoravel peste chamada a "bicha", sucedida no ano de 1686" "...Também Guido Gauliaco, medico e cirurgião que foi do papa Clemente VI, diz: Eu escrevi um Tratado de Pastilência, a qual reinou em meu tempo, e esta foi atribuida ao congresso

NUNO MARQUES PEREIRA

de Jupiter, Marte e Saturno, e esta minha doutrina é observada e so ensina nas aulas publicas de Alemanha, Italia e França”, Francisco de Castro, *Ronda de Lisboa*, 1751, 2ª ed., p. 105.

(4) É de maior valia para a história social do Brasil a descrição que nos oferece Nuno Marques Pereira de costumes e aspectos da Bahia vistos da Praça do Palacio — ainda hoje o coração da cidade. A Casa da Moeda era de construção recente: 1695-97. Funcionou a fabrica de cunhagem até 1834 (extinta pelo Dec. de 13 de Março desse ano). Foi demolida, em beneficio da Praça, afeiada pelo velho e pezado edificio, em 1874, na presidencia de Venancio José de Oliveira Lisboa (F. Borges de Barros, *Arqueologia e História*, p. 269, Bahia, 1928). Em carta de 24 de Julho de 1694, o padre Vieira se referia á officina: “A casa dela (moeda) fica já em boa altura, com que o trato civil desta republica, que até agora parecia de barbaros, começará a ser politico.” (*Cartas*, II, 354).

(5) A Casa da Relação ficava, em parte, no lugar onde está hoje o Elevador Lacerda. Levantou-a o governador D. João de Lencastro (1694-1702). Foi posta abaixo em 1874, correndo-se uma grade de ferro e marmore pela extrema da Praça antes ocupada por aquele casarão. A Relação instalara-se em 1609, e supressa em 1626 voltára a servir em 1652.

(6) A “enxovia” ocupava o pavimento terreo do Paço Municipal, reconstruido em majestoso estilo pelo governador Francisco Barreto e restaurado ao expirar o seculo XVIII por D. Francisco José de Portugal e Castro (o futuro marquês de Aguiar). As duas lápides apostas á fachada comemoram ambos os administradores:

“*Reynando el-Rey D. Affonso VI mandou fazer este edificio á custa da Cidade Francisco Barreto do Conselho de Guerra e G. G. do Estado do Brasil. 1660*”.

“*O Illm. Exm. Senhor D. Fernando José de Portugal Governador e Capm. Gl. desta Cap. mandou fazer esta cadeia enfermaria enxovia sala fixada e tudo o mais que está de novo pelas rendas do Senado no anno 1795*”.

O sino da torre da Camara, recolhido ao Museu Histórico do Estado (em consequencia da reforma geral de 1882) tem a data de 1615.

(7) O inglês Lindley que aí esteve em 1802 nos dá sombrio relato do que eram as masmorras, medonhas e escuras, Affonso de E. Taunay, *Na Bahia de D. João VI*, p. 62, Bahia, 1928. “Tambem ali morriam anualmente mais de cem infelizes. Era a agua trazida para as enxovias em barris, por galés acorrentados, e vinha a ser a unica cousa que do Estado recebiam os prisioneiros! Viveres, fornecia-os a Santa Casa da Misericordia, que enviava diariamente farinha, sôpas e outras provisões aos miseros detentos.”

(8) “*Tempo de Agora* é de Martim Afonso de Miranda (de Lisboa, creado dos duques de Bragança): e saíu á estampa em 1622 (1ª parte) e 1624 (2ª parte). Louva-o Camilo Castelo Branco: “Não obstante o “Tempo de Agora” ensina muita cousa util da epoca, e não temos outros muitos informadores que nô-las divulguem” (*Curso de Literatura Portuguesa*, II, 112, Lisboa, 1876). Outra observação do critico: “Rebello da Silva, no tomo V da sua “*História de Portugal nos seculos XVII e XVIII*”, colheu de Martim Afonso de Miranda o que mais desconhecido sobressai na excelente dissertação respectiva ao “Luxo e ás superstições”

O PEREGRINO DA AMERICA

(9) Gregorio de Mattos “descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”:

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar á praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usinas nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

(*Satirica*, IV, I, 61).

(10) Colheu Augusto de Saint-Hilaire em Minas Gerais (1819) uma frase mais justa: “O pai taberneiro, o filho cavalheiro, o neto mendicante”. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas*, I, 70, trad. de Clado Ribeiro Lessa, S. Paulo, 1938.

(11) Advogados no Brasil aparecem com a Relação instalada em 1609, na maioria, aliás, cristãos novos, atraídos pelo comercio rico onde predominavam judaizantes, v. g. “Licenciado Felipe Tomaz de nação natural de Lisboa Advogado casado e morador nesta cidade viera de Pernambuco a ela preso”; “Licenciado Manuel Ferreira de Figueiredo que dizem ter raça de nação por parte de seu pae e é natural de Tavadere e morador nesta cidade... bolteiro, advogado...” (*Denunciações do Santo Officio*, 1618, publ. por Rodolfo Garcia, p. 96, Rio 1936). O advogado Manuel Pacheco de Souza, este era cristão velho e denunciava os outros, *op. cit.*, p. 95.

Gregorio de Mattos advogou algum tempo, induzido a isto pela sua grande pobreza. Mas não gostava da profissão, nem dos colegas. A um, satirizou pela razão conhecida:

“Deixe, senhor beato, a beati...
que se a via do céu é via sa...
Ninguem o póde crer nesta cida...
Por ser você da casta Israeli...”

(*Satirica*, IV, I, 68).

(12) A primeira regulamentação do exercicio da medicina e do comercio de medicamentos na colonia acompanhou a Provisão de 29 de Maio de 1744, e é da lavra do fisico-mór do Reino Dr. Cipriano de Pinto Pestana, Braz do Amaral, *notas*, a Accioli, II, 389-94. Exigia o diploma da Universidade de Coimbra para as comissões emanadas do Físico-mór, limitava ao duplo do preço de Lisboa o das drogas vendidas nas boticas do Brasil, orde-

NUNO MARQUES PEREIRA

nava a visita periódica (de tres em tres anos) aos boticários, examinando-lhes as prateleiras, mandava fechar as farmacias que aviassem receitas de incientes e curiosos, etc.

Releva notar que a idéa de tribunais de saúde, origem da Ordem dos Medicos, contra os charlatães, e, correlata, a proposta de um código de ética profissional, tiveram em D. Francisco de Lemos, o douto Reitor brasileiro da Universidade de Coimbra (1770-1820) um defensor iluminado — como bem demonstrou o Dr. Joaquim da Silva Carvalho (conferencia no Instituto de Coimbra, Dezembro de 1937).

Mas... “a furia curandeira”, com o dominio dos falsos doutores, empolgou a colônia, ficou nos sertões... Vd. Afrânio Peixoto, *Um Século de cultura Sanitaria*, p. 24, S. Paulo, 1922.

Em 1840 — acrescentemos — na Bahia “os medicos mais afamados andavam em cadeirinha, ou a traziam atraz de si, carregada por uma “parelha” de alentados africanos e, ás vezes, seguida de outra, de prontidão, para o caso de cansar a primeira. Vestiam com elegancia, andavam perfumados, usavam sinêtes e “berloques” na cadeia do relógio, e a classica bengala de cana da India com castão dourado, e borlas de retroz preto, pendentes dos lados. Os honorários mais caros não excediam de quatro patacas em prata, por visita. A velha rixa secular entre médicos e cirurgiões ministrantes tinha quasi desaparecido, poucos facultativos restavam das velhas escolas cirurgicas, e a recente criação das Faculdades de Medicina tinha uniformizado os grãos academicos” (Dr. Silva Lima, *A Bahia de ha 66 anos*, ps. 22-3)

(13) A fuga dos soldados, em busca de melhor vida no sertão, e o relaxamento da milícia da Bahia, motivaram reiteradas cartas rérias, ordens repressivas, providencias severas e transitórias. A correspondencia dos governadores, de 1700-1724, está cheia de avisos, para que os coroneis do Reconavo recrutassem por força os vadios e os transviados, com que se equipassem as náos da carreira. Luiz dos Santos Vilhena escreveu no fim do seculo: “Para os descontentes é muito facil a fuga, tanto em alguns dos muitos navios que saem para diversas partes, disfarçados em marinheiros, quanto para os diversos sertões do interior do continente. Os filhos da terra, se são constrangidos a sentar praça, pouco é o tempo que nela persistem...” *Cartas I*, 266-7.

Proibira-se toda comunicação com as minas, por carta-regia de 7 de Fevereiro de 1701, Accioli, *op. cit.*, II, 147

(14) O luxo a que se davam muitos clérigos justificára uma série prolixa de proibições suntuárias, em que manifestavam a sua irritação os prelados e os governadores. Ninguém melhor do que o padre Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, V, 31, extranhou os enfeites e louçanias de “celas de freiras”: “Laminas, oratorios, cortinas, sanefas, rodapés, tomados a trechos com rosas de maravilhas, banquinhas de damasco, franjadas de sêda ou de ouro, pias de cristal, guarda-roupas de Holanda, caçoulas, espelhos, craveiros, mangeriões ou naturais ou contrafeitos, passarinhos, cachorrinhos de manga, que, se adoecem de puro mimo, se chama o mais perito na arte de os curar; jarras, ramalhetes, percolanas, brinquinhos de sangria, figuras de alabastro ou de gêsso, frutas escolhidas para corôar as molduras da alcôfa ou dos contadôres, perfumes, alambiques, todo o genero de arames para a fabrica dos doces, almarios para os recolher, criadas para o ministerio da casa, tecto da cela com tais paizagens, relevos e pinturas que passam para as mãos dos officiais as bolsas dos parentes e devotos mais ricos”.

(15) Nessa mesma cadeia penára mais de um ano Tomaz Pinto Brandão,

O PEREGRINO DA AMERICA

de quem ha uma "Petição que fez o Autor da cadeia da Bahia ao governador que se ia descuidando na soltura" *Pinto Renascido, empenado e desempenado etc.*, p. 329, Lisbôa, 1732.

(16) Os interesses empregados no trafico negreiro autorizavam e repetidamente premiavam as maiores audacias. Só na Bahia, em 1781, cincoenta corvetas e sumacas faziam esse negocio, José da Silva Lisbôa, *Anais da Bibliotheca Nacional*, vol. 32, p. 504. Os traficantes achavam dinheiro a 18 % para a sua navegação, correndo os capitalistas o risco de perdê-lo, tal a insegurança do mar, a que se somavam os disturbios na costa d'Africa, as epidemias de bordo e a ronda dos piratas. As grandes fortunas coloniais, em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro, provinham da importação e commercio de negros, cujo preço — apesar do numero deles — subira sempre: de 40\$ no seculo I, a 160\$ em 1703, a 300\$ em 1718. (João Francisco Lisbôa, *Obras*, III, 423, Antonil, *op. cit.* e Afonso Taunay, art. no *Jornal do Commercio*, 12 de Julho de 1936, em que calcula em 30 contos de réis da nossa moeda o valor de um excelente escravo em Minas Gerais áquele tempo).

Em 1717-18 "sofreu o comércio da Bahia consideravel prejuizo com a prêsã que os holandêses fizeram de varias embarcações na costa da Mina, que ali se achavam a resgatar escravos", Accioli, *op. cit.*, II, 159.

(17) Póde ser a rua Direita, ou do Palacio (hoje rua Chile). Quanto ao fidalgo-poeta ansioso pela "chave de ouro" do seu soneto, é licito revermos nele Sebastião da Rocha Pitta, o retórico da "História da America Portu-guêsa" que pediu certa vez uma rima a Gregorio de Mattos. Era para a rima "mim": e o repentista, sem pestanejar: "capim" (*Obras*, I, 59).

(18) Por esse tempo rareavam já as "serpentinãs" (rêde suspensa a um pão, ao geito do "banguê" afro-indigena, que subsiste em Angola, e do qual ha um belo modêlo no Museu Paulista): estava-se na epoca da cadeirinha de arruar, de gosto francês, em que se transformára o palanquim oriental. "...Que são as cadeiras, andas e côches que lá se usam", Gaspar Afonso, *Historia tragico-maritima*, III, 327, Lisbôa, 1736. Aludira Gregorio de Mattos á "portatil silha", *Obras* II, 191. Ainda em 1699 William Dampier viu na Bahia as rêdes, "indolentes brancos resguardados das vistas indiscretas pelas cortinas pendentes de uma especie de cupola, fixada na cana flexivel, de 14 pés de comprido, apoiada sobre os hombros dos negros" tirando "grande garbo de se avistarem cada qual na sua rêde. Estacam ás vezes pelas ruas, entabulando longas conferencias". (Afonso Taunay, *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, vol. 144, p. 312). A cadeira, carregada do mesmo modo, atravessou todo o seculo XVIII e quasi alcançou o XX — já, no fim, empregada no transporte dos doentes, pelas ladeiras improprias para o trafego de carros. Foi gesto famoso o do Imperador, em 1859, subindo a ladeira da Montanha a cavalo, para não ir na traquitana suspensa dos braços escravos. Lavrou um protesto: mas foi insufficiente para vencer um costume. Foi o Elevador Hidraulico (1868) que proscreveu a cadeira, antes da carruagem, que a pôz de lado, porém dez anos depois, quando o barão Homem de Melo completou as obras da Montanha, unindo por uma "calçada" accessivel a cidade baixa á cidade alta. Em 1840, por exemplo "nas festas de Bôa Viagem e Bomfim não havia outro meio de locomoção por terra. Raros particulares tinham carros seus, e de aluguel não havia nenhum", Silva Lima, *A Bahia de ha 66 anos*, p. 16.

Observe-se que a cadeirinha bahiana (desenhada por Debret) se distinguia do modêlo inglês — como no principio do seculo passado notava Lindley — porque era mais alta e aberta dos lados, Taunay, *Na Bahia de D. João VI*,

NUNO MARQUES PEREIRA

p. 78. Eram mais simples em Pernambuco: cadeira de braços de vime, com estribo e baldaquino de couro, cortinas com barra dourada e fôrro de linho ou algodão, conforme Mary Graham, C. de Mello Leitão, *Visitantes do Primeiro Imperio*, p. 39, S. Paulo 1934. No Rio de Janeiro, desde 1722, se exigira “nenhuma mulher desta cidade possa andar em cadeira não sendo de conhecida nobreza...” (*Autos de Correições e Ouvidores*, ed. da Prefeitura, II, 47, Rio, 1931).

(19) Os desvarios da moda mereceram outra critica brasileira nesse seculo XVIII: de Feliciano Joaquim de Souza Nunes, quando diz: “Haja embora quem se agrade de ver uma senhora *toda frança*, como dizem alguns, a qual trajando sem modestia, faz garbo de botar não só as mãos, mas até os pés de fóra, para que se veja que se sabe tratar á Francêsa em Portugal. (*Discursos Politico-Morais*, p. 128).

(20) É de Bernardes est’outra queixa: “As espadas largas degeneram em cotós, e os capacetes se trocaram em peruras... Amoleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que veneramos, devendo aborrecê-los; e nós, que estamos no fim da terra, ficamos no meio do mar de suas depravações”, *Nova Floresta*, II, 314. “Em 1720 — diz-nos Júlio Dantas — já o conde de Coculim encomendava para Londres a D. Luiz da Cunha um espadim da moda, “quanto mais pequeno melhor”. “O reinado do “quitó” principiára” *O Amór em Port. no sec. XVIII*, p. 174. Quitó é corruptéla de cotó, como certamente grafaram o padre Manuel Bernardes e o nosso Nuno Marques.

(21) Martim Afonso de Miranda no seu “*Tempo de Agora*” retrata com fidelidade e pitoresco a “moda velha” É sugestiva a sua descrição do elegante de 1620: “...Dei em vestir á cortezã, bem diferente do que em vida de meu pae trajava, porque em seu tempo trazia um pelote e ferragoulo de dozeno, chapéo de lã preta, no pescoço uma pequena volta, umas botas de bom cordovão, porém trienais. Puz-me gentil homem com ferragoulo, e roupeta de sargêta de séda, e calções e gibão de melchocado, golpeados sobre telhilha branca, mantéo de cambrai mui azul, punhos do mesmo, com um palmo de pulso a aparecer, meias de Toledo, ligas de quatro covados de tafetá negro com pontas de ouro, sapatos de bôca de vaca, e rosas neles mui grandes com serrilha, adereço da espada de tauria, sombreiro ao largo, e mui fino de castôr com trancelim de prata” (*Dialogo 1º*).

(22) “...Levantou ambos os braços, e com as mãos deu levemente duas palmadinhas nas guedelhas de sua peluca...”, Francisco de Castro, *Ronda de Lisboa*, p. 89, 2ª ed. (a 1ª é de 1751).

(23) O terremoto considerado pronto castigo Divino atraído pelos graves pecados d’uma cidade em que a indiferença se alternava com a impiedade — foi igualmente o assunto do folheto celebre que, em 1756, publicou em Lisboa o padre Gabriel Malagrida, e lhe custou a morte (Vd. P. Paulo Mury, *História de Gabriel Malagrida*, trad. de Camillo, ps. IX-XXIII, Lisboa 1875). Esse religioso célebre andou pela Bahia entre 1735 e 36. Além de ter lido o “Compendio Narrativo”, talvez conhecesse o seu autor. É possível que lhe ficasse em mente o aviso deste, sobre a catastrophe do Perú e a falta de religião em terras portugúesas. O terremoto de 1755 como que foi anunciado por Nuno Marques Pereira — tão apreciado e comentado no seu seculo... Ainda em 1803 o inglês Gordon, que morava na Bahia, apresentava um exemplar do “Peregrino” a Tomaz Lindley, gabando-o como leitura saborosa e necessaria... (Afonso Taunay, *Na Bahia de D. João VI*, p. 35).

CAPITULO XXVII

Copia de uma Carta escripta da Cidade de Lima ao Presidente das Charcas, na qual se lhe conta o infeliz successo, e ruina, que causou o tremor da terra em toda aquella Cidade, aos 20 de Outubro de 1687, desde as 4 horas e meia da manhã até as sete e meia do mesmo dia.

MAIS tempo havia de um mez, que uma Imagem de Nossa Senhora, que estava em casa do Doutor Joseph Calvo, (Ouvidor que foi desta Real Audiencia, de gloriosa memoria) estava suando e chorando copiosissimas lagrimas continuamente, com admiração de muitas pessoas de conta e dos Padres da Companhia de JESU, que o iam ver. E correndo fama, foi tambem o Senhor Vice-Rei com sua mulher e familia a ver este prodigioso milagre. E posto que se ia divulgando, não se fazia caso de nada, nem diligencia alguma para applacar as demonstrações, que fazia a Virgem Santissima, como tão piedosa e verdadeira Mãe nossa.

Levou o Senhor Arcebispo para sua casa a santa Imagem: e adoecendo no mesmo tempo, se foi convalescer ao Calhao de Lima, distancia de duas leguas desta Cidade, aonde concorria muita gente ao despacho da Real Audiencia, e tambem os da Armada, que sahiu ao Domingo á tarde, aos dezanove deste presente mez de Outubro.

E logo no seguinte dia, ás quatro horas e meia da manhã, começou a tremer a terra piedosissimamente, para dar tempo aos dormentes, que se levantassem e fugissem, porque iam continuando os tremores de maior a maiores, de tal sorte, que dentro em meio quarto de hora chegou a tal extremo, que parecia já o terrivel

juízo e que se acabava o mundo. Porque o ar dava bramidos como touro: os edificios, portas e janellas cahiam com tanto estrondo, como se em um mesmo tempo tocassem cem caixas de guerra juntas, ou se dessem golpes em as portas, como nas trevas na semana santa. A terra ao mesmo tempo tremia de sorte, que não havia pessoa que pudesse estar em pé, mas prostrando-se por terra, sem achar refugio de piedade: temendo todos que se abrisse a terra e nos tragasse a todos vivos, pois não se esperava outra cousa com a repetição grande dos continuos tremores.

Começaram logo a cahir os telhados e paredes das casas, causando com isto maior confusão a todos. O pó se levantava ás nuvens, cegando-nos esta turbação e deixando-nos muito confusos pela mui pouca luz que a Lua em os principios de seu minguante nos communicava em tão infausta madrugada, demais que, alguns dias antes, não só a Lua havia escurecido, mas tambem o Sol e as Estrellas, e nesta grande escuridade se não via, nem ouvia, mais que relampagos e trovões: mostrando-se o Céu triste da notavel ruína que ameaçava aos homens a ira de Deus. E assim, por todas as ruas andavam homens, mulheres e meninos nus, e em camisa, do modo que fugiam de suas casas, chorando amargamente e pedindo a Deus misericórdia.

Na verdade se póde comparar esta Cidade com a de Ninive em aquelles tres dias de penitencia, com a prégação do Propheta Jonas: lembrando-nos alguns de nós do Padre Frei Luiz Galindo, Servo de Deus, o qual oito dias antes deste terrivel espectaculo havia convidado aos ouvintes, a campainha tangida, que importava muito ao povo, que fossem ouvir seu Sermão á Igreja Maior, Metropoli desta Cidade de Lima, e que não ficasse pessoa alguma, que lhe não fosse assistir no dia assignalado para o Sermão.

Ficou sentidissimo o dito Religioso da pouca gente que lhe assistiu, porque não chegavam a doze pessoas. E pediu a estes poucos que o ouviram, servissem de Prégadores a toda a Cidade, e da parte de Deus os admoestassem, que se guardassem da sua ira e estivessem alerta até os dezoito de Outubro, porque haveria um grande terremoto, e mui espantoso, o qual nunca se havia visto em estes Reinos, e por ultimo se assolaria toda esta Cidade. Que

O PEREGRINO DA AMÉRICA

applacassemos a ira de Deus: porque nossas culpas occasionavam estes rigores, bem merecidos pelo protervo de nossos corações negligentes a tão repetidas vozes de tantos Ministros Sacerdotes e revelações de tantos Servos seus, que nos têm prégado com tantos sinais antecedentes e desigualdades de tempos. E com esta memoria clamavam todos ao Padre Galindo, que, pois era Santo, intercedesse por todos.

Ao cabo de mais de meia hora cessou o tremor, e pudemos (ainda que com bastante risco) entrar em nossas casas antes que amanhecesse e tirar nossas roupas de vestir. Às seis horas da manhã accudiram todos á Praça maior, onde estavam os Prégadores exhortando a penitencia, e dahi foram muitos aos Conventos a confessarem-se e commungarem. E estando nestas diligencias, segundou outro maior tremor que o passado, o qual derrubou todas as Igrejas, Conventos de Frades e Mosteiros de Freiras, com o resto de todas as casas desta Cidade: de tal sorte, que as paredes, que todavia haviam ficado em pé, estavam taes, que se mandaram derrubar, porque não causassem mais mortes das que causaram as que cahiram, que são innumeraveis, e os mortos são de todos os estados, porque haviam acudido a S. Domingos e Santo Agostinho, e nas mesmas Igrejas os matou todos o tremor, e na rua aos que iam passando. Em S. Domingos cahiram dous grandiosos troços da torre, que uma arrazou algumas Capellas, e outra todo o Côro, que apanhou debaixo infinita gente. E na dita Igreja escaparam sómente os que se acolheram para a Capella de Nossa Senhora do Rosario, a qual ficou sã e salva.

A torre de Santo Agostinho, com o resto do telhado do corpo da Igreja, cahiu e matou muita gente, que estava dentro della: na qual morreram tambem muitos Religiosos de Missa, Leigos e Serventes, que até o presente se não averigua quantos foram, pela grande confusão em que todos estavamos com a repetição de tantos tremores, que, segundo os contemplativos, passavam já de duzentos tremores em tempo de oito dias.

Em o Convento de S. Domingos passou o mesmo por dentro, que no de Santo Agostinho, que tem enterrado debaixo de suas ruinas a infinita gente, de que tambem se não sabe o computo de

quantos sejam mortos: e tudo é chorar e gemer debaixo dellas, sem a ninguem se poder valer, e nós esperando outro maior terremoto.

Cahiu também o Convento de Santa Clara, assim a Igreja, como todo o Campanario e Côro: e colhendo a muitas Freiras rezando, as sepultou e a muitas Criadas e Seculares, de que também se não sabe o numero, porque cahiram todas as Cellas de dentro e as paredes da rua, que vai por detraz do Carmo. Sahiram por cima dellas as que escaparam, procurando a seus parentes, para que as recolhessem, vestissem e sustentassem, pois sahiram as mais dellas núas, da sorte que estavam em suas camas. Como sahiram as filhas de Dona Grimaneza, chorando pelas ruas, procurando a seu Pai e Mãi, que estavam todos perdidos com sua familia em uma Horta, porque todas as suas casas, assim da Cidade, como fóra della, se tinham arruinado com os grandes tremores: e ficaram as Freiras tão pobres, que nem onde se recolhessem tinham, mais que a Horta onde estavam amontoados, pedindo a Deus misericordia. E algumas Noviças e Criadas, apartando-se dellas, sahiram pelos telhados e andavam continuamente pelas portas e arrebaldes, para sustentarem as pobres Freiras: e romperam uma parede da Cerca, para lhes entrar o sustento e esmolas, porque não havia lugar pelas portas, nem pateos, que cahiram. Em alguns lugares destes se ouviam vozes pedindo soccorro, que as tirassem debaixo daquellas ruinas: mas não era possivel, por serem muitas as Cellas cahidas, umas sobre outras, e grande o risco que ameaçavam as outras, que estavam como dependuradas, para cahirem todos os instantes: e assim hão padecido muita fome as que ficaram vivas debaixo das ruinas, sem se poderem remediar.

Tambem cahiu o frontespicio da Igreja Cathedral, com sete abobadas da Capella: e as que não cahiram ficaram tão damnificadas, que será forçoso derrubá-las, para se tornar a cobrir toda a Igreja de novo. Sómente o Sacrario ficou livre, sem ser tocado de nada destas ruinas.

Tambem cahiu todo o Convento da Conceição: e as Freiras se sahiram todas com licença do Senhor Arcebispo, e se passaram a outro Convento, que de novo se fazia. Cahiram todos os demais

Conventos de Freiras, do Prado, das Carmelitas de S. Joseph, de Santa Catharina e o da Incarnação, e sómente ficou o das Carmelitas Delcalças.

Cahiram as abobadas da Igreja de S. Francisco, de meia laranja, e toda a Capella de Nossa Senhora de Aranzara, e sómente a Cerca não recebeu damno algum. Cahiu tambem todo o Convento das Mercês e o de S. João de Deus, com todas as Recolletas: como tambem a Igreja do Padre Castilho, com o meio arco da Ponte. Cahiu tambem S. Lazaro e Santa Anna com todos seus Hospitaes: e os mais Hospitaes, o de S. Bartholomeu, o de Santo André e Caridade. E finalmente, basta que em uma Cidade tão populosa, como esta de Lima, com tão copioso numero de Templos, não ficasse nenhum em pé, mais que o das Carmelitas Descalças e o dos Padres da Companhia de JESU, se bem que todo o Claustro se lhe arruinou. De modo, que destes Templos, uns cahiram, outros, é necessario acabá-los de arrazar, para se reedificarem.

Tambem se arruinou todo o Palacio Arcebispal, e cahiram os corredores pela parte de dentro. E do mesmo modo se arruinou o Palacio Real. Cahiram as Salas das Audiencias e toda a Sala do Crime, e Tribunal de Contas, onde dizem os Prégadores que se haviam feito tantas injustiças contra os Povos, cujos gemidos e lagrimas chegaram ao Tribunal Divino, a provocar sua Divina Justiça. Cahiram os Carceres e a Enxovia desta Cidade: e fugiram todos os presos, que aqui haviam trazido dos Navios Cossarios, que nesta Costa têm feito tantos estragos e latrocinios, botando gente em terra e cativando muitos Povos e Lugares, onde foram apanhados estes. E querendo fugir da Cidade, a Virgem Nossa Senhora lhes appareceu dando-lhes claridade, para que se puzessem em parte, onde cahindo as paredes lhes não fizessem mal, e lhes mandou se fizessem Christãos, como elles o publicaram: e pela manhã, confessando-se e recebendo os Sacramentos da Igreja, abjuraram a heresia.

Assolou-se finalmente toda a Cidade, sem ficar cousa de pro-veito, e todos os Portaes da Praça em contorno: quebraram-se os Pilares, cahindo gastões, ramadas até a profundo, e as Tendas dos Mercadores se afundaram, e tudo está debaixo dessas maquinas, e

se vão desenterrando algumas roupas. Em todos os Mosteiros de Frades e Freiras morreu muita gente, e tambem em todas as demais casas, principalmente debaixo dos portaes dos Escrivães: porque, com o repentino tremor das seis horas e meia, e haver-se escurecido a praça com infinito pó, os matavam as pedras e telhas. Os corpos, que até o presente se tem tirado destas ruinas, passam de duzentos e se não sepultado nos cemiterios sem fórma de enterro. Destes não sido muitas pessoas de conta, como D. João Ramirez com toda a sua grande familia, que morreram todos juntos debaixo do pateo de sua casa: porque querendo-se sahir fóra della, fugindo a tantos tremores, estava já a porta tapada com umas taipas, que tinham cahido de cima e lhes detiveram a sahida, e nesse mesmo tempo cahiu o pateo e os sepultou a todos.

Muitos fugiam das casas, temendo suas ruinas, mas na rua o pagavam, porque as casas, que cahiam, a muitos sepultavam. Parecia esta confusão um dia de juizo, com a grande lastima dos viventes, que viam pádecer e ouviam gemer a tantos debaixo daquellas ruinas, sem nenhum lhes poder ser bom, nem valer.

O Calhao de Lima, que dista duas leguas desta Cidade, depois de assollada ella, se alagou: porque com o tremor das seis horas e meia para as sete da manhã, sahio o mar com tanta violencia fóra de seu curso natural, que levou todos os Indios e seus ranchos, afogando-se todos, e entrou pelo Calhao pela porta do Petapaty, e pela porta do Rio, e pela porta principal; e depois de alagar todos os Templos e casas, e afogar muita gente, milagrosamente escaparam algumas pessoas, que se subiram pelas muralhas.

O Senhor Arcebispo escapou, a Deus misericordia, com uma perna quebrada: e vendo-se afogados todos os Clerigos e Frades, sómente escaparam o Secretario e o Mordomo do dito Senhor, ainda que bem molestados. Morreram afogadas as mulas da carroça e cavallaria do dito Senhor, e a pé vieram todos os que escaparam até uma legua distante do Calhao, donde trouxeram ao Senhor Arcebispo, e a seus criados a uma horta de D. João José da Cunha, e ahi se estão curando, tendo já feito Governador de seu Arcebispado ao seu Provisor. Os Senhores Ouvidores escaparam tambem, a Deus misericordia: e o Senhor Cura, com uma perna que-

brada. O official de Justiça se viu enterrado, e sahindo livre, todo cheio de terra, deu graças a Deus pelo haver livrado. Aos segundos tremores, ficou como espavorido, e por ver a Cidade arrazada por terra, se retirou para fóra della com grande pressa a pé, seguindo-o um criado, até uma horta de D. Francisco, que está fóra da Cidade.

O Senhor Vice-Rei e sua familia sahiram em camisa á praça, onde armou uma barraca, junto a uma Igreja de Nossa Senhora do Rosario, que de novo se fez, por haver escapado a Santa Imagem no Convento de S. Domingos. Tambem se andam fazendo outras muitas com grande pressa, como é a da Cathedral e a do Padre Castilho. Porque como a praça é espaçosa, se acolhia a ella toda a gente que podia, fugindo das casas e das ruas, porque viam não escapavam casas, nem Templos, onde ficasse pedra sobre pedra com os terremotos.

Mandou Sua Excellencia informar-se da gente que havia escapado na Praça, para se formarem os Tribunaes e fazer Justiça, que sem dúvida alguma se fará, e porá tudo em bom governo. Nomeou dous Alcaldes: e a primeira cousa que fizeram, foram dous fórnos, porque todos tinham cahido e passava de dous dias que não havia pão, nem cousa que se comesse, senão algum milho e esse mui pouco. Iam derrubando os vestigios da Cidade, se bem que os terremotos vão continuando e matando a muita gente de novo: e neste estado, tudo são lastimas e lamentações, porque não deixa de tremer a terra. Supposto que alguns Prégadores Servos de Deus asseguram estar Deus nosso Senhor applicado de sua ira, por intercessão da Virgem Santissima e pelas grandes penitencias, que de presente se fazem.

Deixo os grandes e feios peccados, que, referem os Prégadores, hão confessado muitos. E até os mesmos demonios têm confessado, por exorcismos de endemoninhados, que Deus nosso Senhor lhes havia dado licença a quatro legiões de demonios, para que assolassem esta Cidade e Reino com tremores, fogo, agua e peste; mas que por intercessão da Virgem Santissima coarctou a licença, deixando-lhes sómente os tremores a seu cargo, que continuam com mais moderação. E que a Virgem Santissima andava pelas ruas

desta Cidade detendo as paredes, para que não matassem toda a gente.

Com estas alegres novas se fez uma Procissão de sangue sexta-feira, vinte e quatro do corrente, e sahiu do Convento dos Descalços. Ia nella o Senhor Vice-Rei descalço de pé e perna, com uma corda ao pescoço e uma campainha na mão, pedindo a Deus misericordia. E assim mais iam os de palacio do mesmo modo. A Senhora Vice-Rainha, com uma corda na garganta. Outras muitas pessôas iam com ossos e freios nas bocas e espantosas prisões e penitencias de sangue. Tambem iam todos os Clerigos e Frades, com grandes penitencias, cobertos de cinza pela cabeça e cara, com habitos de hervas e cilicios, sómente com as caras descobertas: e todos os mais, assim homens, como mulheres e meninos, Cavalheiros e gente plebéa. Não faltou mais que a Real Audiencia. E havendo rodeado toda a Cidade, tornou a Procissão aos Descalços.

No dia seguinte, Sabbado, fizeram nova Procissão os Clerigos de S. Pedro, com mui notavel edificação e exemplo para os Seculares, com horriveis penitencias de sangue, freios nas bocas e os mais delles rapados e encinzados. E se continuavam grandes Sermões, segundo, terceiro e quarto dia de tremor.

Vieram novas de que se tinha assolado Cacabelica e Pino, onde sahiu o mar de seu curso, e os navios, que estavam ancorados no porto, os pôs na praça: como tambem levou casas e Templos nestas Provincias, com morte de mais de duas mil pessôas.

O mesmo succedeu na Requipa, Comele, Chinca e Chiles, onde havia muita gente, assim Ecclesiasticos como Seculares, e todos acabaram a vida na igreja, que levou o mar. Ao segundo tremor da manhã se afogaram cento e doze pessoas conhecidas e multidão de Indios, dos quaes sómente escaparam dous, que andavam pescando no mar. Os mortos se sepultaram onde tinha sido igreja.

Em Chinca levou o mar todos os trigos, que estavam no porto para se embarcarem para esta Cidade, como tambem levou muitas cousas e muitas sementeiras e novidades, porque entrou pela terra dentro duas leguas e pela costa abaixo mais de trezentas: de que se esperam grandes fomes e peste, como hão vindo novas dos Valles, que morre muita gente. Chegaram dous navios de Chiles

e dão por novas, que anda grande peste e que tem abrazado a muitas Cidades e Lugares com morte de mais de um milhão de Indios.

Tivemos noticia de que a Armada, que ia para Panamá a buscar o Senhor Vice-Rei novo (1), se havia perdido, por causa dos tremores e tempestades. E se é certa esta nova, perdido está este Reino, pois não tinhamos outra defesa neste mar. Depois tivemos outra noticia de que para a parte do mar se tinham ouvido muitas peças de artilheria: donde se póde presumir, que vai bôa toda a Armada.

A perda de Lima chega a cem milhões, segundo a conta do Padre Marito e Escovar: e a não havemos de ver restaurada em nossas vidas. Os Servos se taparam e os caminhos, e não ficou igreja em pé. Vão-se acabando as rendas dos Morgados e das Freiras, Vigarios e Capellarias. Queira Deus nosso Senhor dar-nos sua graça, para o servirmos. Amen.

E assim como acabou o Padre de ler a Carta do successo da Cidade de Lima, disse o Capitão: Estupendo caso por certo e digno de se trazer sempre na lembrança, para se evitarem tantos peccados, que actualmente se estão commettendo no mundo e principalmente neste Estado do Brasil!

E é para notar, (disse o Capellão) que fica esta Cidade de Lima na mesma altura de treze gráus da Linha Equinoccial para o Sul, em que tambem está a Cidade da Bahia. E por esta circumstancia, ainda com maior razão se deve temer algum castigo por causa dos grandes peccados, que nella fazem seus habitadores tanto sem temor de Deus.

Fallais com muito acerto, Senhor Reverendo Padre, (disse o Pastrano); porém eu cuido que uma das razões, porque Deus suspende a mão de sua Divina Justiça, e não tem já castigado esta terra, é pelo grande zelo e fervorosa devoção, com que seus moradores tanto veneram ao Santissimo Sacramento, e com tanto dispendio de suas fazendas assistem ao culto Divino e servem aos Santos.

É certo e indubitavel, Senhores, (disse o Capellão) que se paga Deus muito de que os homens o venerem e a seus Santos, como consta pelos grandes e evidentes milagres, que tem succedido no

mundo: e pretendê-los repetir eu agora, seria o mesmo que emprehender esgottar o mar.

E pedindo licença o Padre Capellão aos que estavam no alpendre, se foi para a Sacristia a revestir, e sahiu a dizer Missa. Chegando ao Offertorio, fez uma pratica digna de mui grande edificação pela doutrina com que a todos exhortou. E depois de ter acabado a Missa, tornou a vir ao alpendre, onde disse aos seus Freguezes: Que pretendia seguir viagem naquella presente frota para Portugal. E que o encommendassem a Deus: porque elle o mesmo lhes promettia fazer nas suas orações e sacrificio da Missa, pelo muito que a todos ia obrigado.

Ainda não tinha posto fim o Capellão a estas palavras, quando de todos os que estavam presentes foram tão repetidas as saudosas lagrimas, que o coração mais impedernido se renderia a sentimentos. Até que por todos os circunstantes respondeu o Capitão, dizendo:

Com mui larga experiencia se diz, Senhor Reverendo Padre, que o bem, para se sentir, primeiro se ha de perder. E como Vossa mercê tenha sido de tanta utilidade espiritual para nós, por isso com tão sentidas lagrimas estamos já experimentando a falta futura da sua presença. E muito mais se duplicaria em nós esta dôr, se vissemos que esta sua viagem era constrangida ou violenta. Mas como nos persuadimos ser voluntaria, ficamos em parte satisfeitos, ainda que não livres de padecermos uma tão penosa ausencia de quem tanto desejamos ter presente.

Agora reconheço eu, Senhor Capitão e mais Senhores, (respondeu o Capellão) com quanta razão disse Plauto, que os beneficios feitos a animos honrados e generosos, vão já pagos da remuneração com que se galardoam. E assim o experimento agora, pelo cordial affecto, com que Vossas mercês tanto se têm mostrado sentidos por causa desta minha viagem, que pretendo fazer. E bem lhes posso certificar, que, se me não obrigara a razão de ir assistir a minha Mãi, e amparar a duas irmãs donzellas, que deixei em Portugal; de bôa vontade desprezaria os máiores haveres e conveniencias, que se me offerecessem no mundo, só por gozar da assistencia

O PEREGRINO DA AMERICA

de tão honradas companhias. E com effeito, de todos se despediu o Padre Capellão.

NOTA AO CAPITULO XXVII

(1) O terremoto que arrasou Lima e Callao — ás 4 horas da manhã de 20 de Outubro de 1687 — durou apenas um minuto e 33 segundos. Era vice-rei do Perú (1681-89) o duque de Palata Melchior de Navarra y Rocafull. Morreram seiscentas pessoas na cidade e 500 desapareceram no porto. Lima reergueu-se: mas o trigo, que antes lhe alorava os campos, aí não germinou mais. Vem dessa catastrophe o culto de Nosso Senhor dos Milagres, a mais popular das velhas festas limenhas.

CAPITULO XXVIII

Declara-se o Ancião com o Peregrino e lhe diz que elle é o Tempo bem empregado: faz-lhe muitos avisos espirituais para bem de sua salvação, e dá-se fim á primeira Parte deste Compendio.

Tão obrigado, como satisfeito, Senhor Peregrino, me considero ao agradavel estylo da vossa narração e conversação moral e ascetica, que tivemos estes dias (me disse o Ancião). E prescindindo de toda a lisonja, vos posso certificar que são os vossos documentos mui dignos de se observarem, por serem fundados na lei Divina, que são os dez Mandamentos, os quaes toda a creatura racional, tanto que chega a ter uso de razão, está obrigada a guardá-los, assim para bem de sua salvação, como para maior honra e gloria de Deus.

Por esta razão, e porque tanto me tendes dado a conhecer os meritos de vosso bom procedimento, vos quero agora declarar quem sou: advertindo-vos, porém, que isto não costumo fazer, senão aos prudentes, bem inclinados e amigos de Deus, aos quaes o vulgo com muito acerto chama ensinados do tempo. E não aos que vejo que são insensatos e negligentes em acceitar os bons conselhos espirituaes, que se lhes dão; e por isso vêm estes taes a cair em muitos erros e ficar tão faltos de razão, como cheios de peccados, sem temor de Deus.

E assim conheci agora, que eu sou o Tempo bem empregado. De mim têm fallado varios Autores sagrados e humanos; e que existo no mundo, desde o primeiro seculo em que Deus me fez e toda esta maquina do Universo. E sabei que tambem hei de ter fim e que será a minha duração tão sómente até se acabar o mundo,

O PEREGRINO DA AMERICA

quando Christo vier a julgar a todos os homens dos bens e males, que fizeram em sua vida, dando a cada um o premio e o castigo, segundo seus merecimentos. E então se cumprirá o que disse o Anjo, tendo um pé no mar e outro na terra e jurando pelo Creador vivente para seculos dos seculos: Que não haveria mais tempo: *Quia tempus non erit amplius*: (Apoc. 10. 6.) porque dalli por diante não haverá mais que eternidade, a qual durará em quanto Deus for Deus, que será para sempre sem fim.

E esta eternidade, é necessario cuidarem nellas os homens, pois por falta desta consideração estão já muitos precipitados no inferno penando para sempre. E por contraposição, todos aquelles que na eternidade cuidaram e cuidam, estão e estarão gozando da Bemaventurança para sempre sem fim.

Desta consideração se valeu David, quando disse: *Et annos æternos in mente habui* (Psal. 76. 6.) E assim dizia o Santo Rei: que tanto que meditou na eternidade, lhe ficou tão impressa na alma, que muito mais que antes se deu ao serviço de Deus e caminho do espirito. Corroborase melhor esta verdade, pelo que diz o Espirito Santo por Salomão, que todo o homem caminha para a casa de sua eternidade: *Ibit homo in domum æternitatis suæ*. (Eccl. 12. 5.)

Esta consideração da eternidade foi a que fez a muitos Varões sabios e prudentes encher as Religiões, povoar os desertos, deixar as riquezas e desprezar o mundo.

Assim succedeu a Thomás Moro (1) Chanceller mór de Inglaterra, reinando Henrique VIII. Foi este Ministro condenado á morte, por não querer seguir a heresia: e indo lhe fallar ao carcere sua mulher para o perverter, lhe perguntou aquelle sabio Varão: Quantos annos poderei viver? Respondeu ella: Que vinte e ainda mais. Concluiu elle assim: Vindes-me logo persuadir que troque vinte annos de vida por uma eternidade de penas. Se dissesseis vinte mil annos, dirieis muito; mas a respeito da eternidade, era nada. E assim sacrificou a vida pela defesa da Religião Catholica.

E agora vos digo e posso certificar, que este e outros muitos Varões, que na eternidade cuidaram e cuidam, têm e terão o pre-

mio daquella Bemaventurança com que Deus paga aos que nesta vida com bôas obras de virtude cuidam na eternidade.

A experiencia ocularmente nos está mostrando, que toda a creatura racional, depois que morre, com uma das duas eternidades se vai encontrar. Ou com a da Gloria, cuja grandeza é inexplicavel, pelo incomparavel bem de que gozam os que a ella vão: ou com a do Inferno, á qual S. Gregorio Papa chamou morte sem morte, porque morrendo-se sempre nella pelas penas, nunca se acaba de morrer, por serem eternas na duração. E assim vos aviso, que da eternidade nunca vos descuideis, se pretendeis com acerto encaminhar vossos passos no serviço de Deus.

É tambem muito necessario que vos não esqueçais de que haveis de morrer: porque não ha cousa mais importante para livrar aos homens de offender a Deus do que a repetida lembrança da morte. E diz Santo Agostinho, que esta lembrança ha de ser de todos os dias, para que estejam os homens aparelhados para quando Deus os chamar a dar contas de suas vidas. (*Homl.* 13. *interrog.* 5.)

Porque é certo que Satanaz, acerrimo inimigo do genero humano, conhecendo que o melhor meio para fazer peccar os homens, é o esquecimento da morte, tratou logo de tirar a lembrança della a Adão e Eva no Paraizo, quando lhes disse: *Nequaquam morte moriemini* (*Gen.* 3. 4.); e deste modo os fez cahir na culpa.

Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz o Espirito Santo: Lembra-te de teus novissimos e nunca peccarás: *Memorare novissima tua, & æternum non peccabis.* (*Eccle.* 7. 40). E á vista de tão grande autoridade, vêde agora de quanta importancia é a toda a creatura racional o trazer sempre mui presente esta lembrança, para evitar as occasiões de peccar.

Tambem vos quero fazer um aviso mui importante e necessario para a vossa salvação, e vem a ser: Que fujais muito de que vos enganem os tres Inimigos da alma, que são: Mundo, Diabo e Carne, porque todos são falsos, mentirosos e por extremo pobres e necessitados. E se não, vêde e reparai com attenção: Mundo, no idioma Latino, quer dizer cousa limpa; e bem sabeis que o que está limpo, nada tem de seu. E todos estes haveres, que vêdes no

mundo, são de Deus, que os fez e permittiu que os produzisse a terra, para serviço e ministerio das creaturas, usando delles licitamente, e para adorno das Igrejas e culto Divino. E sendo assim, como é verdade, só Deus póde dar aos homens o de que necessitam para poderem viver e sustentar-se nesta vida.

O demonio é uma creatura tão mofina, vil e miseravel, que ainda o mais pobre mendigo necessitado, que ha e póde haver, é mais rico que o demonio: porque além de viver o mendigo nas esperanças de gozar da eterna Gloria, pois está em via de merecer, vive fóra do Inferno. Porém o demonio tem perdido toda a esperança de ver a Deus: mora no mais infimo lugar da terra, que é o centro do Inferno: e tem perdido tudo, porque perdeu a graça Divina. E assim entendi, que quem se chega a uma creatura tão abatida, nunca póde ficar autorizado. E com ser isto verdade, teve confiança este misero para prometter a Christo no deserto (porém foi pelo não conhecer) todos os haveres do mundo.

A Carne é tão pobre e necessitada, que nada possui. E supposto que tenha enganado a muitos com gostos e prazeres, honras e deleites, o Santo Job, que bem a conheceu, lhe chamou Complexo de miserias: *Repletur multis miseris* (cap. 14. v. 1.) Não tem em si mais que a alma, que a sustenta: em lhe faltando esta, toda se prostra e se converte em podridão, pó e cinza. Finalmente, nada é: *Nihil est*; como a definiu o mesmo Job.

E assim acabai de entender, que o Mundo, Diabo e Carne nada possuem, nada têm, e nada podem dar: porque, além de ser isto verdade de Fé, a experiencia o tem bem mostrado. E supposto que tenham enganado e enganem ainda hoje a muita gente bôa, é porque estes taes vivem neste espaço do mundo, que é um Hospital de loucos.

Finalmente, só Deus é a summa Verdade, e nunca faltou no que prometteu, nem ha de faltar. Só Deus é rico, e todo poderoso, por ser Senhor do Céu, e da terra, do mar e de todos os mais bens e haveres deste mundo, porque os fez e permittiu que se produzissem para a conservação das creaturas: os quaes bens póde dar e repartir com quem sua Divina Providencia quizer: e é tão bom pagador, que por um dá um cento.

Isto supposto, assentemos por maxima certa e infallivel, que para merecerem os homens o Divino agrado, tambem é necessario fazerem de sua parte boas obras. E por isso vos advirto, que, em quanto ha tempo, e existis no mundo, vos occupeis em exercicios de boas obras no serviço de Deus, principiando por uma Confissão bem feita, que é por onde se começa a servir e agradar a Deus, depois de perdida a graça do Bautismo.

Esta confissão se deve fazer com grande dôr de haver offendido a Deus, e proposito firme de o não tornar a offender. Porque haveis de saber, que tambem Judas confessou a sua culpa e se arrependeu de ter vendido a Christo, quando disse: *Peccavi tradens sanguinem Justum (Math., 27 4.)*; porém foi uma confissão dos dentes para fóra e uma dôr de cabeça sem febre ou calor, e por isso se não sangrou. Devia fazer uma confissão, como a que fez S. Pedro: o qual, depois que tambem peccou negando a seu Divino Mestre, fez uma confissão com grande dôr de haver peccado, e proposito firme de não tornar mais a peccar, e ferindo seu coração com repetidos golpes: e por essa causa lhe sahiram as lagrimas pelos olhos, que são as sangrias da alma: *Flevit amarè. (Matt. 26. 75.)*

Tambem vos aviso, que vos não deixeis ficar muito tempo dormindo na culpa: e confessai-a logo; porque o demonio se ha com os homens, como o lobo com as ovelhas: tanto que o lobo apanha a ovelha, logo lhe aperta a garganta, para que não bale e seja ouvida do Pastor, porque teme lha tire das garras. Assim tambem o demonio: tanto que faz peccar o miseravel peccador, tapa-lhe a boca, para que lhe não accuda o Divino Pastor JESU Christo e mande a seus Ministros (que são os zelosos Confessores) a tirar-lho de suas infernaes garras.

E assim importa muito que, quando o peccador cahir na culpa, se vá logo confessar: e emquanto não tiver copia de Confessor, faça um acto de contrição, com grande dor e arrependimento de ter offendido a Deus, por ser quem é, tão amoroso e digno de ser amado, propondo firmemente não tornar a offendê-lo, porque o não prenda o demonio e fique com elle parecido pelo peccado.

Porque é sem dúvida que o homem, emquanto está em graça

de Deus, é uma imagem e semelhança do mesmo Deus: *Ad imaginem & similitudinem nostram* (Gen. 1. 26.) e depois que cahiu no peccado, fica escravo e preso do demonio, e com elle parecido pelo peccado: *Qui facit peccatum, servus est peccati* (Joan. 8. 34.) E David diz que fica semelhante aos brutos: *Comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* (Psal. 48. 13.) E para recuperar um peccador a primeira imagem de Deus, e quebrar as fortes prisões, com que o tem atado o demonio, e desfazer a imagem e semelhança que com elle tem pela culpa, é necessario quebrá-la e desfazê-la com grande dôr e arrependimento, e lavá-la com muitas lagrimas de contrição, fazendo penitencias segundo suas forças. E por isso não basta só confessar a culpa e dizer que tem sentimento, sem o executar por obras de satisfação. - Porque David, para ser perdoado de Deus e tornar á sua Divina graça, fez grandes penitencias e chorou continuamente, dizendo de todo o seu coração: *Misereri mei Deus &c.*

E depois de feita esta confissão, do modo que vos tenho dito, será tambem grande acerto occupares-vos na conversação dos vivos mortos, que são os bons livros espirituaes, para delles tomares a lição e documentos mais importantes para os acertos da vida e salvação da alma. Porque é sem dúvida, que pela lição dos bons livros vêm os homens ao conhecimento de toda a verdade, para melhor se aproveitarem no serviço de Deus.

E por isso diz S. João Chrysostomo, que é mui importante a lição dos livros sagrados, pois por meio delles recebe a alma a santificação e graça do Espirito Santo (*Homil. 31.*) E S. Pedro Damião affirma serem estas as mais fortes armas contra o inimigo infernal. (*Lib. 6. epist. 3.*)

Finalmente, são muitos os louvores, que dão os Santos aos livros espirituaes. Santo Agostinho lhes chamou cartas, que vêm aos homens do Paraiso. S. Basilio lhes chama dons, que manda Deus do Céu, e sustento das almas. S. João Chrysostomo diz, que ao lê-los se abrem os Céus aos homens. E Cassiodoro lhes chamou utilidade do Christianismo, thesouro da Igreja e luz das almas.

De Santo Ignacio de Loyola sabemos, que o ler elle o *Flas Sanctorum* bastou para dar principio aos grandes progressos de

suas virtudes e santidade. E outros muitos e innumeraveis Varões, pela lição dos bons livros vieram a ser tão grandes Santos, como tereis lido e ouvido contar.

E tambem vos advirto, que o ponto consiste na applicação com que se lêem. Porque é muito para reprehender em alguns (como notou S. Gregorio) lerem só para parecerem sabios e eruditos, sem tenção de se aproveitarem (*Lib. 20. Moral. cap. 8.*) Donde venho a concluir, que ler por sómente ler, e não por se aproveitar, virá a ser occasião de darem os homens maior conta a Deus das suas negligencias e pouca applicação.

Finalmente, são os Livros entre todas as alfaias, a que com mais razão se ama, de quem sabe conhecer o preço das que merecem ser estimadas.

Tambem será grande acerto occuparem-se os homens na assistencia de ouvir os Sermões de doutrina, em que se explica a palavra de Deus: a qual tem tanta efficacia de allumiar e aquentar as almas, que muitos ouvindo-a reformaram suas vidas, e abrasados do amor divino, havendo sido grandes peccadores, ficaram justos e acabaram santamente. E pelo contrario tem acontecido a muitos, que pela não quererem ouvir, e abusarem das inspirações divinas, experimentaram varias desgraças, e finalmente vieram a perder a mesma alma.

E por isso vos avise, que vos não aconteça seguir os dictames de alguns, presumidos de sabios, que só vão buscar aquelles Prégadores de grande fama pelos subidos conceitos e floridos no estylo. Porque estes taes ouvintes, como não são homens de espirito, não gostam do espiritual e só tratam do temporal: como se a santa doutrina não fôra cousa tão necessaria para a salvação dos homens, e a não dictára e ensinára o mesmo JESU Christo.

Pois sabei que, por conhecer o mesmo Deus o quanto é de proveito para as almas a santa doutrina, a ensinou aos homens quando esteve no mundo, e a mandou prégar pelos seus Santos Apostolos por todo o Universo e escrever pelos Sagrados Evangelistas, para que os seus Operarios, que são os Prégadores Evangelicos, a ensinassem aos homens. E assim entendi, que a fama vôa, porém, a santa doutrina é firme e solida; os conceitos poderão ser

errados, porém, a doutrina é certa e verdadeira; as flores murcham, mas a doutrina é fructo, que sustenta a alma. Reparai no que diz S. Paulo: *Sermo meus, & prædicatio mea, non in persuasibilibus humanæ sapientiæ verbis, sed in ostensione spiritûs & virtutis* (1. Corinth. 2. 4.) Os meus Sermões (diz o Santo Apostolo) não se fundam em palavras da humana sabedoria, mas sim em espirito e virtude. Nas quaes palavras condemna a eloquencia humana e inculca a efficacia necessaria para reprehender os vicios e mover o coração ao santo temor e amor de Deus.

E para fazerem os homens maior estimação da palavra de Deus, saibam que Deus é o que falla nos seus Ministros, pois disse o mesmo Senhor: Que quem os ouve, o ouve a elle: e quem os despreza, o despreza a elle: *Qui vos audit, me audit & qui vos spernit, me spernit* (Luc. 10. 16.)

E por isso lá bradava Deus ao seu povo, que o quizesse ouvir: e queixava-se de que o seu povo nem o queria ouvir, nem o queria entender. Povo meu, (lhe dizia Deus) se tu me ouvires, não me has de offender com peccados, nem has de adorar a outro Deus mais que a mim. *Israel, si audieris me, non erit in te deus reccns, neque adorabis deum alienum.* (Psalm. 80. 9.) E porque aquelles homens não quizeram ouvir a palavra de Deus, ficaram fóra da sua divina graça. E assim concluo, por consequencia infallivel, que todo aquelle, que foge de ouvir a palavra de Deus, é prescito. E se não, ouvi a Christo por S. João: *Qui ex Deo est, verba Dei audit. Propterea vos non auditis quia ex Deo non estis.* (Joan. 8. 47). Quem é de Deus, ouve a palavra de Deus: por isso vós a não ouvis, porque de Deus não sois.

Pagar-me-hei tambem muito, se vos occupares na Oração: por ser tão necessaria, que vos posso affirmar que não ha salvação sem Oração. Compara David a Oração á respiração, sem a qual se não pôde viver um só momento: *Os meum aperui, & attraxi spiritum.* (Psalm. 118. 131.) Porque todo o bem, que a alma alcança, é por meio da Oração. Por meio da Oração recebem os homens a sabedoria, conforme o que diz o Ecclesiastico: (cap. 51. v. 18.) *Quæsi vi sapientiam palam in oratione mea.* E dizia Santo Thomaz, que mais tinha aprendido orando, que estudando. Fi-

nalmente, não ha cousa, que mais tema uma alma nesta vida, do que as suggestões e tentações do Demonio: e para estas deu Christo aos homens o remedio na Oração, naquellas palavras do Padre nosso: E não nos deixes cahir em tentação, mas livra-nos de mal. (*Matth.* 6. 13.) E por isso disse S. João Chrysostomo, que a tentação não se atreve a chegar á alma que tem Oração.

E o que resta para serem os homens de Deus ouvidos, é que façam muito por lhe merecerem a sua graça. Porque, como será possivel acceitar Deus a Oração daquelle, que não guarda seus Mandamentos? Por isso David dizia: Bem sei que me não ouvirá Deus, se eu tiver peccado no meu coração: *Iniquitatem si asperxi in corde meo, non exaudiet Dominus.* (Psalm. 65. 18.)

Dirão muitos: Que não podem ter Oração, por serem seccos, frios, azedos e amargosos por natureza. Mas a isso lhes responderei com um exemplo bem vulgar, e vem a ser: Que tambem ha muitas fructas seccas, frias, azedas e amargosas, como é a cidra, a laranja, o limão, o marmello etc., porém, com a doçura do açúcar se fazem agradaveis, de sorte que se gosta muito dellas. Mas é para advertir, que antes de receberem esta doçura, são curtidas e cozidas. Assim tambem se devem primeiro curtir e cozer os homens com a penitencia, para depois receberem nas almas o clarificado ou calda do açúcar da Oração, que lhes tem preparado o doce JESU. E por isso se chama no idioma Latino o homem bem ensinado, ou o que pretende aprender, docil: que supposto não signifique doce, com tudo tem grande connexão com a doçura, por estar capaz de aprender e receber as virtudes moraes e espirituaes, que são as verdadeiras doçuras da alma.

E assim vos aviso, que antes da Oração façais um acto de contrição com grande dôr e arrependimento de ter offendido a Deus, batendo nos peitos e pondo depois juntas as mãos. Porque haveis de saber que, quantas vezes o peccador fere o peito com dôr, tantas vezes bate nas portas do Céu para que lhe abram, para ser ouvido, e desperta a sua alma, para pedir perdão a Deus. E todas as vezes que ajunta as mãos orando, prende com laços de amor a seu amorosissimo JESU, para que o não castigue, e lhe pede que o favoreça com sua graça.

Para o que, é necessario tambem deixar os vicios e abraçar a virtude, fazendo penitencia e fugindo da ociosidade, por ser esta a causa de todas as culpas. E por isso lhe chamou S. Basilio mestre dos vicios, e S. Lourenço Justiniano, mãe das concupiscencias e madrasta das virtudes (*Hom. 8. Exam.*). E acrescenta o Santo: Que a ociosidade é a que lançou os alicerces ao inferno: porque, se é verdade que o peccado fundou o inferno, a ociosidade ensinou ao peccado.

E por ultima conclusão de tudo quanto vos tenho dito e advertido, vos peço muito que ameis, observeis e guardeis mui inteiramente a Lei de Christo, por ser só ella a verdadeira, que devem guardar todos os homens que se quizerem salvar. Porque supposto que logo no principio do mundo houve a Lei da Natureza, que guardaram Adão e seus descendentes, e depois deu Deus a Moysés a Lei Escrita: foram ambas, a respeito da Lei da Graça, como uns Regimentos, por onde os homens se governassem para se não perderem, até que viesse ao mundo JESU Christo, verdadeiro Messias promettido por Deus aos Patriarchas, prophetizado pelos Prophetas, e por uns e outros tão esperado. O qual, depois que chegou e appareceu no mundo como verdadeira luz, para exterminar das almas as trevas da culpa, uma e outra Lei encheu e reformou, e fez a pura e verdadeira Lei da Graça, por ser este Senhor o ultimo fim e complemento da Lei, como lhe chamou S. Paulo: *Finis legis, Christus.* (Rom. 10. 4.) Porque toda a Lei antiga se referia e encaminhava ao Filho de Deus, como a seu objecto, esperando finalmente a sua santa vida, para aperfeiçoar, encher e mudar na Lei da Graça, como este mesmo Senhor disse: *Non veni solvere legem, sed adimplere.* (Math. 5. 17.)

E assim acabai de entender, que todas as mais Leis e Seitas, que tem introduzido o Demonio no mundo por seus sequazes, são falsas, adulteras e erroneas, e só a Santa Lei da Graça é verdadeira: como tudo se póde ver das sagradas Lettras, e se tem comprovado pelos grandes prodigios, que se viram na consummação desta santissima Lei da Graça, quando seu Legislador Christo verdadeiro Filho do Eterno Padre a consummou e rubricou com o seu Preciosissimo Sangue naquelle jeroglyphico de toda a sua Sacra-

tíssima Paixão, Cruz bemdita, na qual quiz morrer Crucificado para remir o genero humano: Arvore da vida finalmente, em contraposição daquella, em que Adão se contrahiui na culpa originaria inficcionando com ella a todos os seus descendentes.

O que tudo fez e obrou este amorosissimo Deus feito Homem para mostrar aos homens o seu grande amor, com que se dignou remir ao genero humano, que estava cativo pelo peccado committido por Adão contra Deus: e para que os homens em todos seus trabalhos e afflições tivessem por este meio, allivio e descanso, e solação em suas penas, ancora firme nas tormentas desta vida e prendas certas da Bemaventurança.

E para que melhor entendais esta verdade, ouvi o que succedeu na morte de Christo, estando elle pendente na Arvore da vida Cruz, depois de ter experimentado tantos tormentos na sua Sacratissima Paixão. Tremeu a terra, quebraram-se as pedras, abram-se as sepulturas, moveram-se os montes, cobriu-se de luto o mundo, eclipsou-se o Sol e a Lua, dando sinaes e demonstrações do sentimento da morte do seu Creador.

Estes prodigios e outros muitos se viram não só em Judea onde padeceu o Salvador, mas tambem em toda a terra. S. Dionysio Areopagita, famoso Astrologo e Mathematico, sendo ainda Gentio, sem ter luz da Fé de Christo, estando em Hieropoli, cidade do Egypto, e vendo uma cousa tão nova e prodigiosa, como: escurecer-se o Sol e eclypsar-se milagrosamente com a interposição da Lua, contra toda a ordem natural, admirado deste successo exclamou: Ou Deus Autor da natureza padece, ou a machina do mundo se desfaz!

Porque hão de saber, todos os que isto não sabem, que eclipse do Sol não póde acontecer, senão em conjunção do Sol e da Lua, por se pôr esta entre a nossa vista e o Sol. E o que succedeu na morte de Christo, foi em occasião que estava a Lua cheia de todo e distava do Sol cento e cincoenta gráus, em o hemispherio inferior á Cidade de Jerusalém, como referem varios Autores.

Os Sabios de Athenas, vendo este admiravel prodigio, fizeram então um altar para o Deus não conhecido: e prégando dep

S. Paulo naquella Cidade, disse que o Deus, não conhecido por elles, era Christo Deus e Homem verdadeiro: e com esta prégão converteu a muitas Gentes.

Tambem se rasgou o véu do templo de alto abaixo, e cahiu a pedra superior da porta do mesmo templo. E os Anjos, que nelle estavam, disseram estas palavras, que muitos ouviram: Vamo-nos desta casa e desta morada. Dando a entender áquelles cegos e desgraçados moradores, que como já havia outro templo, que era a Igreja Catholica, naquelle, que tinha sido a Synagoga, não deviam residir mais.

Além destes evidentes prodigios e outros muitos, que se viram por todo o mundo naquelle dia da morte do Redemptor, o Centurião, Capitão da gente de guerra, confessou a Christo por verdadeiro Filho de Deus. Longuinho, depois que feriu o lado de Christo, vendo-se restituído á vista, por ter sido d'antes cego, se converteu e confessou a Christo por verdadeiro Deus.

Finalmente, foi Christo morto e sepultado: e ao terceiro dia resuscitou com estranho resplendor e magestade de gloria, e foi visto por muitas vezes de sua Santissima Mãi, e depois appareceu a seus Discipulos e ás Mulheres Santas. E tudo isto, que vos tenho dito, o affirmaram varios Autores, e os Santos Evangelistas o confirmam como testemunhas de vista. (*Matth.* 28. *Marc.* 16. *Luc.* 24. *Joan.* 20.)

E porque vos não fique a menor dúvida desta verdade, de como Christo foi e é o verdadeiro Salvador e Redemptor do mundo: ouvi o que delles disseram os Patriarchas e Prophetas, muitos seculos antes de sua vinda ao mundo.

Primeiramente consta da Sagrada Escriptura aquella grande promessa, que Deus fez a Abrahão, a Isaac e a Jacob, na qual lhes prometteu que seria delles descendente o verdadeiro Messias Christo JESU: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ.* (*Gen.* cap. 22. v. 18. cap. 26. v. 4. & cap. 28. v. 14)

Isaias dá testemunho desta verdade em tres lugares da sua Profecia. No Capitulo 25. v. 9. *Ecce Deus noster iste: expectavimus eum, & salvabit nos:* Eis aqui este é nosso Deus, que esperamos, e elle nos ha de salvar. No Capitulo 35. v. 4: *Deus ipse*

veniet, & salvabit vos: O mesmo Deus em Pessoa ha de vir salvar-vos. E no Capitulo 45. v. 15, não só chama a Christo Salvador, mas juntamente duas vezes Deus verdadeiro: *Vere tu est Deus absconditus, Deus Israel salvator* O Santo Job diz: *Redemptor meus vivit: & in carne mea videbo Deum Salvatorem meum*: cap. 19. v. 25. & 26.) O meu Redemptor vive: e neste meu corpo hei de ver a meu Deus. Oséas, ou Deus em seu nome: *Et salvabo eos in Domino Dco suo*: Eu os salvarei no Senhor Deus seu (cap. I. v. 7). Zacharias: *Et salvabit eos Dominus Deus eorum*: E salvá-los ha o Senhor Deus seu (cap. 9. v. 16). Habacuc no Capitulo 3, v. 2, onde, fallando de Christo, diz: Que ha de consummar a obra da Redempção, padecendo no meio dos annos a morte, para restituir a vida: *Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud*. E no mesmo Capitulo v. 18, diz: *Exultabo in Deo JESU meo*: Darei saltos de prazer no Senhor JESU Deus meu Salvador. David no Psalmo 24. v. 5: *Tu es Deus salvator meus*: Vós, Senhor, sois Deus meu Salvador. Micheas, no Capitulo 7. v. 7: *Expectabo Deum salvatorem meum*: Esperarei a Deus meu Salvador. Além de outros muitos lugares da Sagrada Escriptura, nos quaes se vê certificada esta verdade, e vô-los não repito, por vos não molestar.

Finalmente, de todo o Testamento Velho e Novo, e ditos dos Santos Padres, a quem venero como columnas da Igreja Catholica, consta que Christo é o verdadeiro Redemptor e Salvador do genero humano. E por isso só a sua santa Lei devem guardar e observar mui inteiramente todos aquelles que se quizerem salvar: porque, além de ser mui verdadeira, são suaves os seus preceitos, como o mesmo Senhor diz: *Jugum meum suave est*. (Math. 11. 30.

Deste grande bem e luz se não aproveitaram muitos dos miseraveis e pertinazes Hebreus, por estarem cegos e cheios de culpas e peccados, quando veiu este Senhor ao mundo a remí-los e ensinar-lhes a sua santa Lei e doutrina, segundo o que affirma o Evangelista S. João: *Et lux in tenebris lucet, & tenebræ eam non comprehenderunt*. (Cap. 1. v. 5.) Fecharam tão obstinadamente os olhos aquelles homens a esta luz, que nem viram, nem conheceram os horrendos males, que lhes haviam de succeder por causa das suas incredulidades, não obstante o serem tantas vezes

O PEREGRINO DA AMERICA

advertidos pelo mesmo Christo Salvador do mundo, como refere S. Lucas: *Si cognovisses & tu.. nunc autem abscondita sunt ab oculis tuis.* (Cap. 19. v. 42.)

Isto mesmo succede ainda hoje a muitos, que têm o nome de Christãos, e por estarem cheios de peccados não podem ver esta verdadeira luz. São estes mui parecidos com uns Gentios, que nascem na Costa de Guiné, chamados Assas (2), os quaes nada vêem, nem enxergam de dia com a luz do Sol, mas sim depois que anoitece. Assim tambem os peccadores: nada vêem, nem enxergam, ainda quando mais claramente se lhes mostra com toda a evidencia esta verdadeira luz da Santa doutrina de Christo, e só depois que lhes anoitece, com as trevas da morte e tão carregados de peccados, conhecem e vêem o erro em que andavam nesta vida, tão desalumbados da verdadeira luz, e lá se vão assar e queimar para sempre no inferno, sem esperança de verem a verdadeira luz, que é Christo Redemptor e Salvador do mundo.

Tambem vos advirto, que se não tomares os meus conselhos e avisos, perdereis tres cousas: tempo, saúde e salvação. Tempo, porque não achareis mais; saúde, porque enfermareis no peccado; salvação, porque vos deixareis ir ao inferno. E vêde que tambem Deus me ha de perguntar se vos fiz estes avisos: como já ha muitos seculos advertiu Jeremias reprehendendo aos homens de seus vicios, por desperdiçarem o tempo, que Deus lhes dava para o empregarem no seu santo serviço e bem de sua salvação, quando lhes disse: *Et vocavit adversum me tempus.* (Thren. 1. 15.)

E por ultima conclusão de tudo quanto vos tenho dito, vos peço pela sagrada Paixão e Morte de JESU Christo, que cuideis muito de vagar nisto que vos aviso, emquanto de vós me despeço, por me ser preciso ir assistir a outro lugar, prometendo-vos, que, se Deus vos dilatar a vida, tornarei a buscar-vos, para continuarmos a segunda Parte deste Compendio (3), quando tenhamos a dita de ser approvedo o que nelle temos escripto.

E sem mais esperar resposta, da minha presença desapareceu o Tempo. E agora acabo eu de entender, (continuou o Peregrino) que falta o Tempo a quem o busca: o qual, como mensageiro de Deus e ministro da fortuna, decretou faltar-me, quando eu mais

NUNO MARQUES PEREIRA

o desejava. E por esta razão, ferrarei agora as vélas do meu discurso e narração, supendendo a penna desta escrita, e lançarei ancora no mar da esperança, até que torne a chegar o Tempo bem empregado, para continuarmos a segunda Parte deste Compendio, que vos promettemos se Deus for servido.

Sujeitando-me em tudo quanto tenho escrito neste Livro, com rendida vontade, á correcção da Santa Madre Igreja de Roma. E hei por não dito, tudo aquillo que não for conforme aos divinos preceitos e á nossa Santa Fé Catholica.

SÓ A DEUS SE DEVE A GLORIA

NOTAS AO CAPITULO XXVIII

(1) Thomas Morus (ou More) (1478-1535), o chanceler-mártir, vincula-se á historia americana com a sua "*Utopia*" (1617). É um romance de politica e de filosofia platoniana que aproveita a "moda do exotismo", a previsão de que o Novo Mundo seria o grande cenário d'uma regeneração dos costumes, da reforma da humanidade. Diz aí que ouvira em Amsterdam a um português, dos vinte e quatro deixados no Brasil, em 1504, por Americo Vespucci, a sua bizarra aventura, numa ilha idealmente feliz, a ilha da Utopia, donde o marítimo se passára á China e á India... Por ter escrito o seu livro dous anos antes da circumnavegação de Fernão de Magalhães, ainda Tomas More considerava a America como a extremidade da Asia, ignorando o Pacifico. Popularizou, porém, a paixão das terras desconhecidas, e propagou, na cultura inglêsa, o nome e as esperanças da America... Os puritanos da "*May Flower*" tiveram nesse heróe do catolicismo um inspirador poético e persuasivo!

(2) Com o sentido de albino, o termo ficou no país: ex.: negro ou pardo "assa" (bras. já dicionarizado por Candido de Figueiredo, 2ª ed., s/v.).

O PEREGRINO DA AMERICA

(8) A segunda parte do Compendio, inédita até agora, constitue o segundo volume desta edição — assim integral — do livro “brasileiro” que mais se leu no seculo XVIII.

Evidentemente já a tinha composta Nuno Marques Pereira em 1725. Como diz no texto, esperava a aprovação do melhor do “Compendio Narrativo”, confiado á generosidade de Manuel Nunes Vianna, para, em seguida, dar aos prêlos a sua continuação. Não lhe faltou, com o beneplacito, o exito literario cobiçado. Porque então não mandou á imprensa o resto da obra? Seguramente porque já não vivia o autor, de idade propecta áquele tempo, e perto da morte, segundo, a cada passo, recorda e sugere na sua “peregrinação” mística. Vejamos dados esporádicos de uma cronologia possível: 1689, em Cairú; 1704, fugindo para as Minas; fala no *Tempo de Agora* publicado “ha oitenta anos”, o que indica 1704 ou 1705... Se fôra rapaz de 18 ou 20 anos na primeira dessas datas, andava com 55 ou 57 quando divulgou o “Compendio”. É provavel tivesse mais. Finou-se seguramente na Bahia, á roda de 1730. Mais de duzentos anos depois, a esforços de Afrânio Peixoto, logra a Academia Brasileira publicar-lhe o valioso manuscrito. Que o sonho tardio, de realização difficil, demorado dous seculos por um destino singular, que condenou ao esquecimento um dos escritôres mais dextros e cultos do Brasil colonial, signifique definitiva e reparadora homenagem ao *Peregrino da América!*

FIM DA PRIMEIRA PARTE

ÍNDICE

	<i>Pags.</i>
Nota preliminar	V
Nota biographica	XIII
Dedicatoria	1
Ao leitor	5
Supplica ao Senhor Mestre de Campo Manoel Nunes Vianna	11
Em louvor do Autor — Soneto	15
Em louvor do autor — Decimas	16
Licenças	17
CAPITULO I — Dá o Peregrino principio á sua narração, e trata da conversação que teve com o Ancião acerca de que todos somos Peregrinos neste mundo: e do que devemos obrar com acerto, para chegarmos á nossa Patria, que é o Céu	 1
CAPITULO II — Continúa o Peregrino a sua narração, declarando que não foram os interesses dos cabedaes, que o fizeram ir ás Minas do Ouro. E com varios exemplos mostra o grande mal, que nos resulta da ambição, e soberba	 28
CAPITULO III — Mostra o Peregrino com varios exemplos, que bem pode um homem ser muito rico, e grande Personagem em qualquer estado, e por suas bôas obras de virtude vir a salvar-se	 37
CAPITULO IV — Trata o Peregrino das grandes excellencias da Pobreza: reprehende aos pobres calaceiros: e declara o muito, que a todos aproveita o fazer esmolas aos pobres necessitados pelo amor de Deus	 50

NUNO MARQUES PEREIRA

Page.

CAPITULO V — Dá principio o Peregrino á Relação da sua jornada para as Minas do Ouro: trata das excellencias da Missa e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manoel da Resurreição por estar sepultado na Igreja de Belém, onde o Peregrino então se achava	58
CAPITULO VI — Do Catalogo dos Bispos e Arcebispos da Cidade da Bahia desde o principio de sua fundação. E se manifestam algumas excellencias do M. Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, Religioso da Sagrada Companhia de JESU, Fundador do Seminario de Belém	74
CAPITULO VII — Chega o Peregrino á casa do primeiro Morador: e trata dos louvores da Santa Cruz, com muitos exemplos, e milagres, que no mundo se tem visto, comprovados com toda a verdade	88
CAPITULO VIII — Conta o Peregrino ao Morador o como Adão e Eva foram feitos por Deus: e o que lhes succedeu no Paraizo, até que foram desterrados delle por causa do peccado	95
CAPITULO IX — Relata o Ancião ao Peregrino o principio de nossa Redempção: e mostra como a Santissima Virgem Maria foi preservada da culpa original por especial favor, e graça de Deus	99
CAPITULO X — Manifesta o Peregrino ao Morador, como somos creados á imagem, e similhaça de Deus; como devemos fazer uma boa Confissão, e quanto nos importa ter oração: com varios exemplos	107
CAPITULO XI — Falla o Peregrino do primeiro Mandamento da Lei de Deus, com muita doutrina espirital, e moral: e reprehende o grande abuso das Calundús, e feitiçarias, que se acham introduzidas no Estado do Brasil	128
CAPITULO XII — Trata o Peregrino do segundo Mandamento, com muitos avisos, e documentos, para se evitarem tantos juramentos falsos em Juizo	137
CAPITULO XIII — Do terceiro Mandamento. Aconselha o Peregrino o como devem os Senhores tratar a seus escravos, e familias, fazendo-os guardar os Domingos, e festas: com varios exemplos de doutrina	150

O PEREGRINO DA AMERICA

	<i>Pags.</i>
CAPITULO XIV — Do quarto Mandamento. Dá o Peregrino muitos documentos aos Pais de familias, de como devem tratar, e ensinar a seus filhos: e aos filhos, de como hão de obedecer a seus Pais	167
CAPITULO XV — Do quinto Mandamento. Mostra o Peregrino que não devemos matar, nem offender a nosso proximo: e aconselha a um criminoso o meio de se livrar da culpa, em que estava: e de como permittiu Deus que tudo succedesse bem	193
CAPITULO XVI — Do sexto Mandamento. E do que succedeu ao Peregrino em casa de um homem, que estava concubinado: e como o aconselhou, para o livrar daquelle mão estado	213
CAPITULO XVII — Do setimo Mandamento. E do que succedeu ao Peregrino com um Vendeiro, que estava roubando ao povo: e como o dissuadiu daquelle mão trato, com varios exemplos	241
CAPITULO XVIII — Do oitavo Mandamento. Trata-se muita doutrina, e se reprehende o vicio da murmuração. Dissuade o Peregrino com varios exemplos a tres murmuradores, que achou murmurando: e aconselha o como se deve livrar deste vicio	255
CAPITULO XIX — Do nono Mandamento. Relata o Peregrino os lastimosos casos, que viu succeder por causa do peccado de adulterio. E dá varios conselhos, para poderem viver os casados em bõa paz	274
CAPITULO XX — Do decimo Mandamento. Mostra o Peregrino com muitos exemplos o damno, que nos faz a ira, e consequentemente a inveja. E faz metter em paz a dous homens vizinhos, que andavam em discordia	300
CAPITULO XXI — Manifesta um morador ao Peregrino o achaque continuo que padece, e lhe pede algum remedio para elle: e o Peregrino lhe dá duas receitas, uma corporal, e outra espiritual; e lhe traz muitos exemplos dos que neste mundo padeceram enfermidades	311
CAPITULO XXII — Declara o mesmo morador ao Peregrino a fórma em que dispõe de seus bens no testamento que tem feito: e o Peregrino lhe aconselha o como deve testar com acerto, para assegurar a sua salvação	326
CAPITULO XXIII — Do encontro, que o Peregrino teve com o Padre Capellão: e da conversação, que tiveram acerca do estado Sacerdotal	337

NUNO MARQUES PEREIRA

	<i>Page.</i>
CAPITULO XXIV — Do que o Peregrino viu, e observou no alpendre da Igreja, e dentro da Capella mór, e Sacristia: e da pratica, que teve com o Sacristão	347
CAPITULO XXV — Da explicação do Qaudro, ou Espelho da vida humana, no qual se trata materia mui espiritual	357
CAPITULO XXVI — Da relação, que dá o Peregrino da conversação, que teve o Pastrano com os que estavam no alpendre da Igreja, acerca do que lhe succeden na Cidade da Bahia. E' materia de muita moralidade	361
CAPITULO XXVII — Cópia de uma Carta escripta da Cidade de Lima ao Presidente das Chárças, na qual se lhe conta o infeliz successo, e ruina, que causou o tremor da terra em toda aquella Cidade, aos vinte de Outubro de 1687, desde as quatro horas e meia da manhã, até as sete e meia do mesmo dia	389
CAPITULO XXVIII — Declara-se o Ancião com o Peregrino, e lhe diz que elle é o Tempo bem empregado: faz-lhe muitos avisos espirituaes para bem de sua salvação, e se dá fim á primeira parte deste Compendio	400







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).